

CONFINAMENTO

CENAS DO

ORGANIZAÇÃO: ANDRÉ CARREIRA,
NARCISO TELLES E VANÉSSIA GOMES



CONFINAMIENTO

ESCENAS DEL

ORGANIZAÇÃO: ANDRÉ CARREIRA,
NARCISO TELLES E VANÉSSIA GOMES

CENAS DO CONFINAMENTO

ESCENAS DEL CONFINAMIENTO



BELO HORIZONTE, 2020

ORGANIZAÇÃO

André Carreira, Narciso Telles e Vanéssia Gomes

AUTORES

Analú Woch, André Demichelis, André Di Franco, André Filho, Angie Hesse, Beatriz Catani, Braian Kobla, Brígida De Poli, Bruna Menezes, Cali Dramática, Carloman Bomfim, Carolina Marschoff, Clarice Lippmann, Clei Grött, Daniela Diniz e Márcia Regina, Dani Rougemont, David Maurity, Euler Lopes Teles, Fabián Díaz Luna, Federico Bagnato, Gabriela Niskier, Gabriel Fontoura, Giorgio Zimann Gislón, Guido Zappacosta, Hernán Viaggio, Ivan Delmanto, Ivan Faria, Javier Francesc, João Ricken, José Ramón Castillo, Laura Diniz Tavares, Léo Gomes, Lucas Cavallo, Lucas Onofre, Martín Viaggio, Moira Mares, Natasha Zaiat, Luiz Carlos Laranjeiras, Marcelo Lazzaratto, Marina Brandão, Necylia Monteiro, Patrícia Muniz, Pedro Lemos e Vitor Lemos, Perla Duarte Railson Almeida, Randy Rojas, Ribamar Ribeiro, Sabrina Haimovich y Santiago Bongiorno, Sidnei Cruz, Silvia Gomez, Susannah Rodríguez, Thiago Silva, Valeria Moore, Victor Nóvoa e Zurdo Molina

LEITORES

Adela Bravo Sauras, Alexandre Vargas, Ana Carneiro, Ana Harcha Cortés, Ana Maria Bulhões-Carvalho, André Carreira, Ângela Mourão, Antonia Pereira Bezerra, Chico Pelúcio, Clara Angélica Contreras Camacho, Danielly Oliveira, Daniele Avila Small, Diana Delgado-Ureña, Diego Medeiros Pereira, Drica Santos, Eberto García Abreu, Emmanuel Nogueira, Federico Irazábal, Fernando Yamamoto, Gabriela Halac, Gabriela Lírio, Guillermo Cacac, Gustavo Geirol, Héctor Briones, Kristin Conklin, Leonel Martins Carneiro, Luis Reis, Marco Antonio Rodrigues, Maria Amélia Gimmler Netto, Maria Brígida de Miranda, Maria Marques, Maria Victoria Guerra Ballester, Mario Fernando Bolognesi, Martin Joab, Michelle Cabral, Miguel Rubio Zapata, Narciso Telles, Nel Diago, Nerina Dip, Olívia Camboim Romano, Óscar Cornago, Paulo Vieira, Pepe Bablé, Pita Belli, Ricardo Kosovski, Roger Mirza, Rosyane Trotta, Stephan Baumgarte, José Tonezzi, Vanéssia Gomes, Vicente Arlandis, Vivian Martínez Tabares, Walter Lima Torres

REVISÃO

Ana Maria Bulhões-Carvalho, André Carreira, Héctor Briones, Maria Amélia Gimmler Netto, Maria Victoria Guerra Ballester, Nel Diago, Nerina Dip, Olívia Camboim Romano, Paulo Vieira e Pita Belli

PROJETO GRÁFICO

Carol Cafiero

Catálogo na Publicação (CIP)
Ficha Catalográfica elaborada pelo
Bibliotecário Tiago Carneiro – CRB-6/3279

C395

Cenas do Confinamento/Escenas del Confinamiento /
organização por André Carreira, Narciso Telles, Vanéssia
Gomes; prólogo por Óscar Cornago; introdução por Ana
Maria de Bulhões-Carvalho – Belo Horizonte: Edições
CPMT, 2020.

Edição bilíngue: português e espanhol
608 p.; il.

ISBN 978-65-992806-0-3

1. Teatro. I. Título.

CDD: 860
CDU: 792.08



SUMÁRIO | ÍNDICE

Apresentação Presentación Organização Confinada	10
--	-----------

Prólogo Óscar Cornago	14
--------------------------------	-----------

Breve Introdução Breve Introducción Ana Maria Bulhões-Carvalho	22
---	-----------

PARTE I TEXTOS EM PORTUGUÊS	28
--------------------------------------	-----------

Mensagem Pra Você Analu Woch	29	Os Brownies da Vovó Zulmira Clarice Lippmann	77
Usina André Di Franco	33	Dona Helena Não Pode Parar Clei Grött	89
Ao Que Virá André Filho.....	41	[Cia Víceras] A Solidão de Não Estar Só Daniela Diniz e Márcia Regina	99
A Mulher na Janela Brígida De Poli	50	A Nova Prisioneira da Casa Dani Rougemont	107
Inundação Bruna Menezes	54	Spur David Maurity	122
Ainda Há Vida Aqui Embaixo Carloman Bomfim	66		

Nunca Mais Explodimos uma Bomba! Euler Lopes Teles	133	Ossá, Balada de uma Mulher Só (Estripulia Teatral em um Ato e um Ebó) Luiz Carlos Laranjeiras	249
Zona de Guerra Gabriela Niskier	144	Mais e Menos Dias Marcelo Lazzaratto	259
Noite do Simpósio Gabriel Fontoura	157	Melodia da Quarentena Marina Brandão	267
O Que Dizer aos Iguanas? Giorgio Zimann Gislou	169	O Rádio Necylia Monteiro	275
Angelus Saturnus – Propedêutica da Razão Demoníaca Ivan Delmanto	183	A Sexta Onda Patrícia Muniz	280
Domingo Infinito Ivan Faria	190	Vamos Ver como Você Vai Acordar Amanhã Pedro Lemos e Vitor Lemos	294
Linguíça João Ricken	203	Mesmo que Seja Vento Perla Duarte	311
Where Do We Go Now? Para Aonde Vamos? ¿Adónde Vamos Ahora? Laura Diniz Tavares	218	Sammer Samir Railson Almeida	326
Novos Dias para Esquecer Léo Gomes	225	A Casa de Areia e Pó Ribamar Ribeiro	338
Olhos Vítreos Lucas Onofre	238	O Buraco Sidnei Cruz	348

Pequena Coleção de
Frases em Tempos de
Fundos Pensamentos
Silvia Gomez **360**

A Verdade Improvável
Thiago Silva **372**

Antígona (Terceirizada?)
Victor Nóvoa **385**

PARTE II
TEXTOS EN CASTELLANO **400**

Anoche El Perro
André Demichelis **401**

Limpio Pisos
Angie Hesse **403**

Siete Momentos de
Cualquier Manera
Beatriz Catani **406**

Odio la Luz Azul al Oído
Braian Kobla **414**

Manual para Sobrevivir
en una Jaula con la
Puerta Abierta
Cali Dramática **422**

Nos Vemos Lunes
Carolina Marschoff **431**

Luna Vampira
Fabián Díaz **437**

Los 3 Mr. Idiotensen 107
Federico Bagnato **444**

Llamar en Caso de Dudas
Guido Zappacosta **461**

¡Acabemos con la
Cuarentena!
Hernán Viaggio **465**

El Vecino
Javier Francesc **476**

Live
José Ramón Castillo **483**

Ratas
Lucas Cavallo **494**

La Muerte de Pascual
en 6 Fragmentos
y una Carta
Martín Viaggio **504**

La Bufanda Moira Mares	515	Hola, Soledad Susannah Rodríguez Drissi	556
Diario De Cuarentena o las Cosas que Hago para No Apagarme Natasha Zaiat	526	Los Confines Valeria Moore	565
Resultado Pandémico #1 Randy Rojas	537	Balcones Zurdo Molina	580
Compatibilidark Sabrina Haimovich y Santiago Bongiorno	544		

Parte III BIOS LEITORAS/LEITORES – LECTORES/LECTORAS	593
---	------------

APRESENTAÇÃO

O confinamento a que estamos submetidas por causa da pandemia do corona vírus tem nos colocado frente a uma experiência de vida inusitada. Vivendo a surpresa de estar obrigatoriamente limitadas ao espaço de nossas residências, e sem saber o que realmente nos oferece o futuro, vimos como as pessoas buscaram alternativas para superar o isolamento, a falta de convívio social, para fazer política e para encontrar modos de ser solidárias. Muitas de nós somos pessoas que estamos apenas preocupadas com vencer o tédio, outras estão tratando de ver como a vida segue ou se transforma. O medo, a incerteza, a impotência se misturam com a falta de informação, por vezes com uma inflação de informação. O certo é que nada igual nos havia ocorrido e estamos obrigadas a estar aqui, e nos mantermos ativas para poder especular sobre o que virá depois.

Diante desta realidade propusemos a convocatória Cenas do confinamento/ Escenas del Confinamiento, com vistas a promover a escrita de textos teatrais, em português e espanhol, que estabelecessem diálogos com o atual momento. Em resposta recebemos um total de 325 textos (216 em português e 120 em espanhol) de autores e autoras oriundos de países latino americanos, dos Estados Unidos e da Europa, compondo uma ampla cartografia de escrita teatral neste cenário de pandemia. Para o trabalho de avaliação dos textos reunimos um coletivo de 54 (cinquenta e quatro) artistas-investigadores ibero-americanos e estadunidenses que atuaram como leitores/as críticos/as que, finalmente, selecionaram 55 (cinquenta e cinco) obras que compõe esta publicação.

Neste livro encontramos novos modos de autoridades, caminhos polifônicos e intertextuais nas escrituras dramatúrgicas e diversas formas de instalar a palavra e seus modos de enunciação. Devido à sua natureza aberta e performativa, os modos de escritura operam maneiras diversas de construção e articulação da palavra em outras dimensões do discurso, ora fragmentada, ora uma escrita suspiros, ora com unidade de ação.

Cenas do Confinamento/ Escenas del Confinamiento convida ao leitor adentrar em textos teatrais que revelam momentos e memórias de intimidade neste tempo de confinamento, como também colocam uma

posição crítica ao contexto político atual ou nos lançam na incerteza dos dias vindouros. Constituindo-se assim num documento de nossa experiência do encerro nos tempos da pandemia.

Organização Confinada

André Carreira - Madri / Espanha

Narciso Telles - Uberlândia / Brasil

Vanéssia Gomes - Fortaleza / Brasil

Junho, 2020.

PRESENTACIÓN

El confinamiento a que estamos sometidas a causa de la pandemia del corona virus nos puso frente a una experiencia de vida inusitada. Viviendo la sorpresa de estar obligatoriamente limitadas al espacio de nuestras residencias, y sin saber lo que realmente nos ofrece el futuro, vimos como las personas buscaron alternativas para superar el aislamiento, la falta de convivio social, para hacer política y para encontrar modos de ser solidarias. Muchas de nosotras somos personas que estamos apenas preocupadas con vencer el tedio, otras están tratando de ver como la vida sigue o se transforma. El miedo, la incertidumbre, la impotencia se mezclan con la falta de información, por veces con una inflación de información. Es verdad que nada igual nos había ocurrido y estamos obligadas a estar aquí, y nos mantener activas para poder especular sobre lo que vendrá después.

Frente a esta realidad propusimos la convocatoria Escenas del Confinamiento/ Cenas do Confinamento, con vistas a estimular la escrita de textos teatrales, en portugués y castellano, que establecieran diálogos con el actual momento. En respuesta recibimos un total de 325 textos (216 en portugués y 120 en castellano) de autores y autoras de países latinoamericanos, de los Estados Unidos y de Europa, componiendo una amplia cartografía de escrita teatral en este escenario de pandemia. Para el trabajo de evaluación de los textos reunimos un colectivo de 54 (cincuenta y cuatro) artistas-investigadores iberoamericanos y estadounidenses que actuaron como lectores/as críticos/as que, finalmente, seleccionaron 55 (cincuenta y cinco) obras que componen esta publicación.

En este libro encontramos nuevos modos de autoría, caminos polifónicos e intertextuales en las escrituras dramatúrgicas y diversas formas de instalar la palabra y sus modos de enunciación. Debido a su naturaleza abierta y performativa, los modos de escritura operan diversas maneras de construcción y articulación de la palabra en otras dimensiones del discurso, ora fragmentada, ora una escrita suspiros, ora con unidad de acción.

Escenas del Confinamiento/Cenas do Confinamento invita al lector/lectora a navegar por textos teatrales que revelan momentos y memorias de intimidad en este tempo de confinamiento, como también proponen una

posición crítica al contexto político actual o nos lanzan en la incertidumbre de los días venideros. Constituyéndose así en un documento de nuestra experiencia del encierro en los tiempos de la pandemia.

Organización Confinada

André Carreira - Madrid / España

Narciso Telles - Uberlândia / Brasil

Vanéssia Gomes - Fortaleza / Brasil

Junio, 2020.

PRÓLOGO

FAZ TEMPO QUE PENSO NOS ACIDENTES ¹

¹ Tradução Otten
Severonoe

Acidente.- Acontecimento eventual que altera a ordem regular das coisas.

Faz tempo que penso nos acidentes, nestas coisas imprevistas que ocorrem de repente e mudam tudo. Talvez seja por causa do vírus, ou por causa dos anos (o confinamento nos fez a todos mais velhos, incluído o mundo que conhecíamos, que também se fez mais velho) ou por meu próprio acidente, que me tirou definitivamente da história.

Os acidentes se apresentam sem avisar e deixam tudo de cabeça para baixo. Não estão acompanhados da legitimidade que confere às coisas um sentido ou uma finalidade, senão da intensidade do que está ocorrendo, nos deixando rodeados de uma paisagem estranha. Como nos sonhos. Não se pode antecipar o que vai vir depois; entanto, há que se responsabilizar pela nova situação.

“O segredo é o cimento da fraternidade.” Quando Reiner Koselleck escreveu esta frase, se referia a um segredo de obediência e fidelidade que serviu para dar coesão aos antigos grêmios operários. Estes inspiraram as *logias* e outras irmandades que proliferaram ao longo do século XVIII, sobre as que germinou uma nova classe que se estava organizando para dar o salto ao poder, a burguesia. Diferentemente do clero ou da nobreza, o segredo do qual emanava seu poder não procedia de nenhuma fonte transcendental, não vinha de cima, mas de baixo. A esse substrato a que chamavam povo, cidadania, nação.

O segredo é um instrumento característico para sobredimensionar o alcance do poder e assumir com uma autoridade que nasce de forma incerta. Esse segredo é também seu calcanhar de Aquiles. Seu poder se faz inquestionável ao remeter a uma zona obscura, uma ameaça que obriga a aceita-lo sem propor perguntas, como se o próprio poder, a própria história, não fossem apenas um acidente a mais. O segredo da nova classe será a promessa de progresso, e sua ameaça: desordem, crise e atraso. Poder e autoridade não

são algo mau em si mesmo, mas quando se aliam com o medo se convertem em um vírus que se propaga de forma incontrolável.

Quando este segredo não se utiliza como uma forma de obediência, mas sim de reconhecimento e celebração se converte em uma arma contra o poder. “O melhor começo para uma boa amizade é compartilhar um segredo”, diz um poeta turco. O segredo não se refere a algo concreto que deva ser ocultado; não se pode revelar porque resulta impossível de traduzir em palavras. Só sabe quem o compartilha. A impossibilidade de conta-lo gera um sentimento de pertencimento, mas também de responsabilidade. Compartilhar um segredo faz que os vínculos se estreitem, faz que nos sintamos parte de algo maior, frágil e bonito.

É quando nos colocamos frente à mirada dos outros, dos estrangeiros, que percebemos o que nos une e nos separa deles. É um umbral profundo que por momentos parece insuperável, e outras vezes se converte em uma ilusão de crianças maiores. Quando as sociedades passam por momentos difíceis, quando sobrevêm os acidentes, se põe a prova este sentimento de coesão, esse cimento da fraternidade. Do irreal desse segredo nasce sua força e sua debilidade. Mas este sentido de pertencimento, que é também um sentimento de dependência e insegurança, conjugado com o medo, termina alimentando o pior dos autoritarismos. Bailemos nossos medos.

Um acidente traz consigo outros acidentes. O acidente abre um vazio pelo qual desaparece o mundo. Tudo fica suspenso, deixando a vista atitudes e modos antes dissimulados atrás de uns modos de representação que já não servem. Ante nós fica um mundo recém descoberto, primitivo e perigoso, no qual as leis antigas não valem e as novas estão por ser inventadas. No entanto, esse estado de fragilidade abre um tempo também de possibilidades. Coisas que acreditávamos impossíveis, se fazem realidade.

A pandemia nos arremessou num mar de incertezas. Nos obrigou a aprofundar em regiões nas que só descendemos em casos de emergência. Tivemos que nos encerrar. Isto nos fez mais conscientes de nossa dependência com o entorno. O movimento de fechamento se projetou paradoxalmente para fora, em busca desse cimento da fraternidade. Era como querer encontrar o fora dentro, compartilhar nossa intimidade para fora, resistindo a uma clausura dos espaços públicos que em última análise supõe uma clausura

de nós mesmos.

São tempos favoráveis para os autoritarismos. Os autoritarismos das majorias e os autoritarismos das minorias. a pandemia da covid alimentou outros vírus que já estavam aí. Não é que estejam ocorrendo mais acidentes que em outras épocas, senão que estamos menos preparados para conviver com o imprevisto. Por todas partes nos exigem dados objetivos e previsões claras, ideias definitivas, coerência e seguranças que ninguém tem.

Muita gente se perguntou qual devia ser o papel das artes, do teatro e da cultura nesse momento, em que medida se poderia contribuir para a nova situação. No entanto, o papel das artes não é contribuir para recuperar nenhum tipo de normalidade nem engrossar a vitrine das boas intenções, mas sim aprofundar nesse veio aberto pelo acidente. Aproveitar a potência desse segredo posto ao descoberto para dar-lhe outro sentido e outros usos que não sejam a legitimação de novas e velhas formas de autoritarismo. É aqui que a arte se revela como o que sempre foi, uma anormalidade que põe ao descoberto outras anormalidades encobertas pela rotina.

Em um mundo aparentemente sem segredos, em uma cultura secularizada que clama pela transparência, as boas causas normalizam este espaço de irrealidade e improbabilidades que é o núcleo sobre o qual se tece uma cultura. A arte, uma das expressões mais complexas dessa cultura, é um acidente a partir do qual responder aos acidentes da história em um nível menos evidente e também mais improvável. Sua utilidade não computa em termos estadísticos.

À abordagem das artes como meios de representação ou anti-representação, e mais recentemente como modos de ação, deve-se agregar, atendendo aos seus efeitos e afetos, sua qualidade como acidentes. Como acontecimentos imprevistos as práticas artísticas insistem nestes extratos profundos nos que se enraíza um sentimento de pertencimento e ao mesmo tempo de perda, no qual se questionam as certezas e se celebram as dúvidas.

São modos de nos desregular, de celebrar o imprevisto, a possibilidade do improvável. Isto explica que entre todas as artes, aquelas que por fazer ao vivo têm mais possibilidade de transbordamento, tenham sido também as mais vigiadas pelas instituições. As artes pertencem ao ecossistema cultural

como as vacas ou as formigas ao ecossistema natural, entre os que não há finalmente tantas diferenças. Sua função não é outra que contribuir para a complexidade e diversidade da que formam parte. Cada um destes elementos pode ser utilizado para outros fins, as vacas para dar leite ou a arte como forma de terapia, mas se as vacas não dessem leite nem a arte se utilizasse como terapia, não afetaria ao sentido intrínseco de cada um destes agentes. Sua função não é ter uma utilidade específica, mas sim contribuir para a complexidade do mundo no qual se desenvolvem. Nesta complexidade radica a inteligência de um sistema e sua capacidade de sobrevivência.

O acidente artístico não tem que ver com a originalidade, nem com a autenticidade, nem com nenhum dos discursos que rodeiam a arte moderna, tem a ver com os imprevistos que desregulam esse ecossistema e o mantém com vida, tem a ver com o que ainda não sabemos, mas que estamos a ponto de aprender. Onde antes havia medo, agora há celebração de um segredo que nos põe em relação com o mundo de um modo improvável.

Os textos que aqui se apresentam podem ser vistos a partir de algum ponto do passado como expressões mais ou menos originais ou acertadas de novos ou velhas linguagens dramáticas, mas podem ser vistos também desde um futuro que ainda desconhecemos como nexos que lançam pontes com a realidade cambiante desse mundo que estamos a ponto de descobrir. A paisagem que fica depois dos acidentes que estão constantemente ocorrendo. Que estes textos sejam uma coisa ou outra não depende já de seus autores, mas sim do modo como os utilizemos. Estes modos estão por ser inventados. Não se trata de interpreta-los, senão de transforma-los como parte desse ecossistema de saberes que queremos sustentar e que só pode existir em circulação, formas de circulação que lhes devolvem sua condição de gestos imprevistos, de acidentes que os deixe em suspenso, que os dispare e os disperse.

Podem acreditar em mim. Os mortos não mentimos.

Óscar Cornago
Madri, julho de 2020.

PRÓLOGO

HACE TIEMPO QUE PIENSO EN LOS ACCIDENTES

Accidente.- Suceso eventual que altera el orden regular de las cosas.

Hace tiempo que pienso en los accidentes, en esas cosas imprevistas que ocurren de repente y lo trastocan todo. Quizá sea a causa del virus, o a causa de los años (el confinamiento nos hizo a todos más viejos, incluido el mundo que conocíamos, que también se hizo más viejo) o por mi propio accidente, que me sacó definitivamente de la historia.

Los accidentes se presentan sin avisar y dejan todo patas arriba. No están acompañados de la legitimidad que confiere a las cosas un sentido o una finalidad, sino de la rotundidad de lo que está ocurriendo, dejándonos rodeados de un paisaje extraño. Como en los sueños. No se puede anticipar lo que va a venir después; sin embargo, hay que hacerse cargo de la nueva situación.

“El secreto es el cemento de la fraternidad.” Cuando Reiner Koselleck escribió esta frase, se refería a un secreto de obediencia y fidelidad que sirvió para cohesionar los antiguos gremios obreros. Estos inspiraron las logias y otras hermandades que proliferaron a lo largo del siglo XVIII, sobre las que germinó una nueva clase que se estaba organizando para dar el salto al poder, la burguesía. A diferencia del clero o la nobleza, el secreto del que emanaba su poder no procedía de ninguna fuente transcendental, no venía de arriba, sino de abajo. A ese sustrato le llamaron pueblo, ciudadanía, nación.

El secreto es una baza característica para sobredimensionar el alcance del poder y cargarse con una autoridad que nace de forma incierta. Ese secreto es también su talón de Aquiles. Su poder se hace incuestionable al remitir a una franja oscura, una amenaza que obliga a aceptarlo sin plantear preguntas, como si el mismo poder, la propia historia, no fueran sino un accidente más. El secreto de la nueva clase será la promesa de progreso, y su amenaza: desorden, crisis y atraso. Poder y autoridad no son algo malo en sí mismo, pero cuando se alían con el miedo se convierten en un virus

que se propaga de forma incontrolable.

Cuando este secreto no se utiliza como una forma de obediencia, sino de reconocimiento y celebración se convierte, sin embargo, en un arma contra el poder. “El mejor comienzo para una buena amistad es compartir un secreto”, dice un poeta turco. El secreto no se refiere a algo concreto que deba ocultarse; no puede revelarse porque resulta imposible de traducir en palabras. Solo lo saben quienes lo comparten. La imposibilidad de contarle genera un sentimiento de pertenencia, pero también de responsabilidad. Compartir un secreto hace que los vínculos se estrechen, hace que nos sintamos parte de algo más grande, frágil y hermoso.

Es cuando nos colocamos frente a la mirada de los otros, de los extranjeros, que percibimos lo que nos une y nos separa de ellos. Es un umbral profundo que por momentos parece insuperable, y otras veces se convierte en una ilusión de niños mayores. Cuando las sociedades pasan por momentos difíciles, cuando sobrevienen los accidentes, se pone a prueba este sentimiento de cohesión, ese cemento de la fraternidad. De lo irreal de ese secreto nace su fuerza y su debilidad. Pero este sentido de pertenencia, que es también un sentimiento de dependencia e inseguridad, conjugado con el miedo, termina alimentado el peor de los autoritarismos. Bailemos nuestros miedos.

Un accidente trae consigo otros accidentes. El accidente abre un vacío por el que desaparece el mundo. Todo queda suspendido, dejando al descubierto actitudes y modos antes disimulados tras los telones de unos modos de representación que ya no sirven. Ante nosotros queda un mundo recién descubierto, primitivo y peligroso, donde las leyes antiguas no valen y las nuevas están por ser inventadas. Sin embargo ese estado de fragilidad abre un tiempo también de posibilidades. Cosas que creíamos imposibles, se hacen realidad.

La pandemia nos arrojó a un mar de incertidumbres. Nos obligó a profundizar en regiones a las que solo descendemos en casos de emergencia. Nos tuvimos que encerrar. Esto nos hizo más conscientes de nuestra dependencia con el entorno. El movimiento de cierre se proyectó paradójicamente hacia fuera, en busca de ese cemento de la fraternidad. Era como querer encontrar el afuera dentro, compartir nuestra intimidad hacia fuera, resistiéndonos a

una clausura de los espacios públicos que a la larga supone una clausura de nosotros mismos.

Son tiempos abonados para los autoritarismos. Los autoritarismos de las mayorías y los autoritarismos de las minorías. La pandemia de la covid alimentó otros virus que ya estaban ahí. No es que estén ocurriendo más accidentes que en otras épocas, sino que estamos menos preparados para convivir con lo imprevisto. Por todas partes se nos exigen datos objetivos y previsiones claras, ideas definitivas, coherencia y seguridades que nadie tiene.

Mucha gente se preguntó cuál debía ser el papel de las artes, el teatro y la cultura en ese momento, en qué medida se podía contribuir a la nueva situación. Sin embargo, el papel de las artes no es contribuir a recuperar ningún tipo de normalidad ni engrosar el escaparate de las buenas intenciones, sino ahondar en ese vacío abierto por el accidente. Aprovechar la potencia de ese secreto puesto al descubierto para darle otro sentido y otros usos que no sean la legitimación de nuevas y viejas formas de autoritarismo. Es ahí que el arte se revela como lo que siempre ha sido, una anormalidad que pone al descubierto otras anormalidades encubiertas por la rutina.

En un mundo aparentemente sin secretos, en una cultura secularizada que clama por la transparencia, las buenas causas normalizan ese espacio de irrealidad e improbabilidades que es el núcleo sobre el que se teje una cultura. El arte, una de las expresiones más complejas de esa cultura, es un accidente desde el que responder a los accidentes de la historia a un nivel menos evidente y también más improbable. Su utilidad no computa en términos estadísticos.

A la consideración de las artes como medios de representación o anti-representación, y más recientemente como modos de acción, hay que añadirle, atendiendo a sus efectos y afectos, su cualidad como accidentes. Como sucesos imprevistos las prácticas artísticas insisten en estos estratos profundos en los que se enraíza un sentimiento de pertenencia y al mismo tiempo de pérdida, donde se cuestionan las certezas y se celebran las dudas. Son modos de desregularnos, de celebrar lo imprevisto, la posibilidad de lo improbable. Esto explica que entre todas las artes, aquellas que por hacerse en vivo tienen más posibilidad de desbordamiento, hayan sido también

las más vigiladas por las instituciones. Las artes pertenecen al ecosistema cultural como las vacas o las hormigas al ecosistema natural, entre los que no hay finalmente tantas diferencias. Su función no es otra que contribuir a la complejidad y diversidad de la que forman parte. Cada uno de esos elementos puede ser utilizado para otros fines, las vacas para dar leche o el arte como forma de terapia, pero si las vacas no dieran leche ni el arte se utilizase como terapia, no afectaría al sentido intrínseco de cada uno de estos agentes. Su función no es tener una utilidad específica, sino contribuir a la complejidad del mundo en que se desenvuelven. En esa complejidad radica la inteligencia de un sistema y su capacidad de supervivencia.

El accidente artístico no tiene que ver con la originalidad, ni la autenticidad, ni ninguno de los discursos que rodean el arte moderno, tiene que ver con los imprevistos que desregulan ese ecosistema y lo mantienen con vida, tiene que ver con lo que todavía no sabemos, pero que estamos a punto de aprender. Donde antes había miedo, ahora hay celebración de un secreto que nos pone en relación con el mundo de un modo improbable.

Los textos que aquí se presentan pueden mirarse desde algún punto del pasado como expresiones más o menos originales o acertadas de nuevos o viejos lenguajes dramáticos, pero pueden mirarse también desde un futuro que todavía desconocemos como nexos que lanzan puentes con la realidad cambiante de ese mundo que estamos a punto de descubrir. El paisaje que queda tras esos accidentes que están constantemente pasando. Que estos textos sean una cosa u otra no depende ya de sus autores, sino del modo como los utilicemos. Esos modos están por ser inventados. No se trata de interpretarlos, sino de transformarlos como parte de ese ecosistema de saberes que queremos sostener y que solo puede existir en circulación, formas de circulación que les devuelvan su condición de gestos imprevistos, de accidentes que los deje en suspenso, que los dispare y los disperse. Podéis creerme. Los muertos no mentimos.

Óscar Cornago
Madrid, Julio de 2020.

BREVE INTRODUÇÃO

O concurso **Cenas do confinamento** foi uma provocação e um paliativo: um grupo de pessoas perguntou a interessados em teatro – meu amigo, como você se vê? como observa, agora, deste espaço reduzido onde se encontra, as coisas do mundo? Como observa as pessoas, sob o peremptório comando FIQUE EM CASA? Hein, meu amigo, diz aí. Você não tem como fugir, se esconder, já que não tem como correr, o desafio está posto, usa o paliativo oferecido. Escreve o mundo, escreve o que vê, o que não vê, o que sonha, o que o atormenta, o que atormenta aos outros. Crie crises, ponha no papel por meio de palavras pessoas, seres que os circundam, imagine-se na rua, imagine-se outro. Use o benefício de ser artista, no sentido que lhe deu Merleau-Ponty num famoso ensaio sobre Cézanne: “O artista é aquele que fixa e torna acessível aos mais ‘humanos’ dos homens o espetáculo de que participam sem perceber”(1984, p.120).

O convite era para transformar esse menos a que ficamos reduzidos durante a pandemia COVID-19, em um mais: de possibilidades, de sentimentos, de posicionamentos; liberando a imaginação, olhando pra dentro de si ou ao redor, vendo o presente, especulando o futuro. Esse escrever deveria fazer surgir as diferentes formas de ver, de ouvir, de inventar, de reagir diante dos obstáculos e das dificuldades levadas a um maior grau nesse momento especial. Libere-se! parecia dizer a provocação inicial, olhe pra você, para os outros, examine o que está acontecendo: a situação de estar preso em casa, impossibilitado de sair, a imposição de um estado compulsório de solidão para quem vive só, ou a novidade de um convívio intenso e restrito, para os que vivem aos pares, como casal ou com uma família às vezes ampliada pela circunstância que obriga a agregação, a oferta de abrigo a um parente idoso, ou apenas porque é preciso dividir a despesa. Na real, por mais diversos que tenham sido os estados físicos e mentais consequentes à ameaça causada pela chegada da pandemia, uma coisa foi comum a todos, crentes ou descrentes – a participação em uma imensa comunidade de reclusos, sem saída, confinados a um espaço restrito. Se o teatro é lugar de catarse, pelo riso, pelo choro, ou pelo choque, cada um, ao por pra fora sua interioridade, poderia criar e compartilhar uma válvula de escape que ajudasse à recuperação de sua própria saúde mental, para oferecê-la ao outro em solidariedade, como forma de esperança ou de condenação.

Depois de o convite-desafio ter sido disparado, alcança um círculo de, em sua maioria, jovens brasileiros ou *hispanohablantes* que trafegam por espaços atingidos pela comunicação lançada. As ideias e propostas foram gestadas em diversos locais das Américas e da Europa, olhares diferentes sobre esta circunstância comum, em princípio constrangedora, limitadora. Algum tempo se passou e as respostas chegaram, 325 textos de autores e autoras, surpreendentes em textos dramáticos curtos, que exploravam as consequências da pandemia pelas perspectivas mais diversas. A partir do que se viu, do que se viveu, do que se imaginou, cada um se posicionou num ângulo, buscou um círculo mais ou menos restrito por onde transitar seu medo, sua carência, sua angústia ou sua alegria, seu bom humor e sua esperança.

Houve uma seleção amparada em critérios que visavam três aspectos: a originalidade, a qualidade geral da linguagem e a abordagem do tema tratado pelo texto (este último quesito tinha peso duplo na contagem dos pontos). Avaliamos em leituras cruzadas entre o jurado, os personagens/a situação – isto é qualidade da construção e da elaboração das personagens e/ou das situações que o texto propõe, bem como a estrutura dos textos, ou seja, os meios e suportes utilizados para dinamizar o discurso cênico, indicados no texto.

Estes três aspectos, levados em conta pela avaliação crítica de 54 leitores brasileiros e *hispanohablantes*, geraram fichas de leitura pontuadas, e a partir destas foram obtidos as médias finais, o que gerou um mapa de resultados organizados em ordem decrescente, com uma linha de corte estabelecida para os textos que tinham obtido como mínimo a média de 30 pontos.

No conjunto dos cinquenta e cinco textos finais, a integram a publicação, os trinta e quatro textos em português e os vinte e um textos em espanhol permitem um olhar panorâmico pelo qual se pode perceber, na vocação geral das propostas, um grande pêndulo, em movimento circular, que passa tanto por um extremo pessimismo catastrófico e ameaçador, como por uma leveza poética emocionante ou como por uma comicidade contagiante. Nesse espaço circunscrito pelos modos de ver os comportamentos humanos, temos cenas proféticas, escatológicas, regionalistas, experimentais, em termos de linguagem. As vozes podem

ser individuais e isoladas, em solilóquio com o invisível, ou coletivas, em grupos de desconhecidos ou em disputa familiar, deixando clara uma grande variação no tratamento de linguagem, desde os monossilábicos becketianos, aos de verborragia incontida. No plano das indicações cênicas, outras variáveis se destacam: experimentos de linguagem a exigir suporte tecnológico, como também cenas nuas ou repletas de detalhes, com adereços ultrarrealistas. Mas a maior riqueza está na composição das figuras humanas: sós ou acompanhadas, são pessoas comuns, que podemos reconhecer em nossas experiências de vida, ou são seres em situações de miséria humana, ou seres imaginados que exibem comportamentos esdrúxulos ou delicada solidariedade.

O inegável é que todos os cinquenta e cinco selecionados – e isto é admirável – colocam o leitor-espectador de teatro em situação, de tal modo a ser tocado por um conjunto de expressões, ou por um detalhe – um amor que brotou, uma saudade que volta – ou chocado por um horror percebido, ou por uma atitude que você odeia imaginar ser possível. Em primeira instância, cada texto se destina ao leitor que, preso em casa, convive também com suas próprias limitações e níveis de tolerância, com sua dose de autoestima ou de autoengano, mas que terá, pela leitura, a possibilidade de experienciar alguma coisa que venha de fora, pela voz ou pelo gesto do outro, do personagem que o atingiu. Com ele, o leitor-espectador se vê exposto a esquemas de provocação e a situações diferentes das que o reodeiam e é compelido a presenciar casos, como também a imaginar coisas, ter reações, viajar no tempo e no espaço, lançado em confrontos ou em busca de soluções.

O confinamento, conforme foi proposto por esta iniciativa, permite pelos resultados alcançados nas cenas engendradas, trazer à mente e à sensibilidade do espectador, “o espetáculo de que participa sem perceber”, fixado e oferecido pelo autor, aquele artista de que fala Merleau-Ponty. É esta experiência fruidora que favorece o poder transformador da arte e da criação, porque a arte não é apenas o tema de que trata mas, sobretudo, a forma que escolhe para expressar esta ou aquela ideia: é a forma que nos atinge quando com entramos em contato com uma peça escrita ou com um espetáculo de teatro.

Ana Maria de Bulhões-Carvalho

Rio de Janeiro, 13 de julho de 2010 (122º dia de confinamento)

BREVE INTRODUCCIÓN ²

¹ Traducción
Diana
Delgado-Ureña.

La convocatoria al concurso **Escenas del Confinamiento** llegó como un alivio y como un desafío. Un grupo de personas del mundo del teatro lanzó una pregunta al resto de compañeras y compañeros: ¿cómo te sientes? ¿cómo ves el mundo en este momento? ¿cómo ves las personas bajo el mandato inapelable de QUEDAROS EN CASA? Ante un llamado así no hay lugar para escapar ni sitio donde esconderse, es una pregunta que a la vez funciona como una provocación. El concurso incitaba a escribir sobre el mundo alrededor, sobre lo que cada cual estaba viendo y no viendo en el momento, sobre los sueños y las pesadillas propias y ajenas. La convocatoria fue una ocasión para observar lo que nos estaba pasando, una oportunidad para reflexionar sobre lo que estaba ocurriendo, para imaginar las personas que nos rodean y los lugares donde vivimos aprovechando la potencia de la ficción para imaginarnos otros. Esta es la ventaja de las y los artistas, al menos eso dice Merleau-Ponty en su ensayo sobre Cézanne: “es artista quien fija y hace accesible lo más *humano* a los hombres, ese espectáculo del que forman parte sin verlo”.

La invitación para transformar lo negativo del confinamiento a causa del Covid-19 en algo positivo nos proponía un ejercicio de imaginación y reflexión, imaginación para especular sobre el futuro y reflexión para mirar alrededor y explicarnos el presente. Esta práctica de escritura nos ha traído diferentes maneras de mirar, de escuchar, de sentir lo que está pasando y a la vez ha sido un ensayo de acción conjunta desde la diversidad y la singularidad en un momento difícil y desconocido para todos. ¡Libérate! parecía decirnos esa provocación inicial, mírate a ti mismo, observa a los demás, cuenta lo que te pasa. Para las personas que viven solas el confinamiento ha exacerbado la imposición de un estado de soledad, para quienes viven con otros, en pareja o en familia, la situación de una convivencia intensa y reducida al espacio doméstico ha significado una mutación en las rutinas y los equilibrios de las relaciones. Algunos núcleos familiares mutaron acogiendo a personas vulnerables y otras personas sencillamente se constituyeron en comunidades efímeras para compartir recursos. La realidad, por más diferentes que hayan sido los estados físicos y mentales derivados del confinamiento es que la pandemia nos reunió a todos, creyentes y descreídos, en un lugar común. Nos convertimos en parte de una inmensa comunidad de personas recluidas,

sin posibilidad de ocupar el espacio público, confinadas y confinados en espacios restringidos. Pero si el teatro es un lugar para la catarsis, para la risa y el llanto, para la conmoción y crisis, con esta convocatoria, cada cual desde su experiencia, tenía la oportunidad de crear y compartir un texto, que como una válvula de escape ayudaría a recobrar el estado de ánimo y al tiempo se erigía como un gesto solidario con la situación de todos, desde un lugar de esperanza o de condena.

El desafío de la invitación alcanzó a un círculo de jóvenes brasileños e hispanohablantes. Las ideas y propuestas que llegaron al concurso se gestaron en distintos lugares de Europa y América componiendo perspectivas diferentes de una circunstancia común, vivida en los primeros momentos como un límite. Pasó algún tiempo hasta que empezaron a llegar textos, al final reunimos 325 escritos de autoras y autores que de maneras sorprendentes exploraban las circunstancias de la pandemia. A partir de lo que cada cual vio, vivió y sintió, buscó un lugar desde donde posicionarse y construyó un espacio por donde transitaba el miedo, la carencia y la angustia pero también la alegría, el buen humor y la esperanza.

La selección se amparó en criterios que tomaron en cuenta tres aspectos: la originalidad y la calidad general del lenguaje en combinación con el abordaje del tema tratado por el texto. La organización diseñó un método de lecturas cruzadas entre las personas invitadas al jurado, donde además de los aspectos mencionados, se evaluó la destreza en la construcción de personajes y situaciones, independientemente de que funcionaran como estructura articuladora en los textos o en el rol de agentes que movilizaban el discurso escénico. El jurado estaba compuesto de 54 lectores brasileños, latino-americanos y europeos que leyeron los textos y completaron unas fichas de lectura a partir de los criterios descritos.

Ese trabajo previo nos trae hasta esta publicación compuesta por 55 textos, de los cuales, 34 son en portugués y 20 en español. La selección ofrece una mirada panorámica en donde se percibe un movimiento pendular que completa un arco de comportamientos y reacciones humanas que van del pesimismo extremo, catastrófico y amenazador hasta a la sutileza poética o la comicidad contagiosa. En este libro hay escenas proféticas, escatológicas y otras experimentales en términos de lenguaje. Se pueden escuchar voces individuales y solitarias en diálogo con lo invisible, y voces colectivas de

personas desconocidas o reunidas en discusiones familiares, haciendo evidente una variación muy grande en los tratamientos del lenguaje; de los monosílabos beckettianos a la verborragia descontrolada. En materia de indicaciones para la puesta en escena, destacan experimentos con el lenguaje que necesitan de un soporte tecnológico y abigarradas escenas, repletas de detalles, componiendo propuestas ultrarrealistas. Sin embargo, en esta colección de textos la mayor riqueza está en la composición de los personajes en un abanico de figuras humanas que podemos reconocer en nuestra vida cotidiana, junto con personajes en situación de miseria humana que a pesar de su situación se comportan de manera solidaria.

Es innegable, y también admirable, constatar como estos cincuenta y cinco textos colocan al lector-espectador de teatro ante situaciones por las que puede sentirse afectado; ya sea a través de pequeños detalles que revelan la aparición de un amor o el regreso de una nostalgia, o mediante la agitación que provoca constatar el horror ante situaciones terribles difícilmente imaginables. En primera instancia cada texto se destina a un lector confinado que convive con sus propias limitaciones y niveles de tolerancia, con su propia dosis de autoengaño y autoestima; pero que gracias a la lectura tendrá la posibilidad de experimentar algo que viene de fuera, que llega a través de la voz o del gesto de otra persona. Con los personajes de estos textos, las y los lectores se encuentran con situaciones distintas a las que les rodean en la vida cotidiana, empujados a presenciar, pero también a imaginar, otras posibilidades, sumergidos en un tiempo y un espacio inmerso en conflictos para los que debemos encontrar soluciones.

El confinamiento, tal y como se desprende de los textos creados con motivo de la convocatoria, trae a la mente y a la sensibilidad del espectador, ese “espectáculo del que participa sin darse cuenta”, fijado y ofrecido por las y los autores, los artistas de los que habla Merleau-Ponty. Y es esta experiencia enriquecedora de la lectura la que renueva el poder transformador del arte y de la creación, porque el arte no es solamente el tema que aborda, sino especialmente, la forma que elige para expresar esta o aquella idea: es la forma la que nos afecta cuando entramos en contacto con un texto escrito o con una pieza de teatro.

Ana Maria de Bulhões-Carvalho, Río de Janeiro,
13 de julio de 2010 (122º día de confinamiento)

PARTE I

TEXTOS EM PORTUGUÊS

MENSAGEM PARA VOCÊ

Analu Woch ³
(Campinas – Brasil)

³ Atriz, membro dos grupos Allegro Vocale (Piracicaba, SP) e Singulari (Jundiaí, SP). Aluna de Artes Cênicas na UNICAMP.

O palco está escuro. Do lado esquerdo, ao fundo, há uma construção. É como uma caixa branca. Tem a parede do fundo, o piso, duas paredes laterais. Não há nada na face voltada para o público, de modo que se pode ver o que há dentro. Dentro da caixa, há uma escrivaninha com uma cadeira. Sobre a escrivaninha, um laptop, um bloco de notas, um copo cheio de lápis e canetas, uma garrafa térmica, uma luminária de mesa, uma caixa de lenços de papel; sob ela, visível ou não, um cesto de lixo. Há uma estante atrás da escrivaninha, contra a parede, com livros e um relógio. Lá do alto, desce uma campânula que ilumina apenas o interior da caixa, bem no meio dessa espécie de cômodo. Nada mais no palco é visível além da caixa. Ela é todo o mundo. Há uma poltrona também. Está posicionada no canto direito da caixa, meio de costas para o público, em frente à escrivaninha. Perto, mas deixando espaço suficiente para alguém passar por entre as duas. Nada tem que ser bonito, tudo é apenas funcional.

Há uma mulher sentada na poltrona. Está com um telefone celular na mão, passeando por alguma rede social sem prestar muita atenção ao que faz. Ela olha para o relógio na prateleira. Está na hora de começar a trabalhar.

Ela se senta à escrivaninha e abre o laptop. Aponta para ele a luminária de mesa. Dentro da luminária não há uma lâmpada, mas uma pequena câmera que nos permite enxergar o que a mulher enxerga, projetado em um telão do lado direito do palco.

Ela abre planilhas e relatórios, lê, edita e escreve. Não importa o assunto. O que importa é que primeiro ela está tranquila, mas fica entediada e então vai ficando mais e mais inquieta. As paredes laterais se fecham um pouco, lentamente. Pode ser que nem todos percebam. Ela não percebe.

A mulher trabalha pelo que parecem horas e faz uma pausa merecida. Desliga a luminária e não se vê mais nada no telão. Toma café da garrafa térmica. Levanta-se e espreguiça o corpo rígido. Caminha um pouco. Senta-se na poltrona por pouco tempo, apenas para fazer nada. As paredes estão se fechando. Ela

percebe, cisma um pouco mas decide não tomar conhecimento do caso. Levanta-se novamente. Pega um livro na prateleira e torna a sentar-se na poltrona. Não encontra posição. Levanta-se e toma café. Senta-se à escrivaninha com o celular na mão e ensaia fazer uma ligação, mas muda de ideia. As paredes estão se fechando. Ela sabe que estão, mas ainda finge que não.

Pega outro livro. Senta-se à mesa, colocando-o sobre ela. Acende a luminária, e o público pode ler a página que ela está lendo. Ela não consegue se concentrar. Retorna várias vezes ao início da página. Ela lê e relê silenciosamente o mesmo trecho. O público é obrigado a esperar. Perde a paciência consigo mesma. Joga o livro longe, por cima da escrivaninha.

Logo que faz o lançamento se arrepende e levanta-se para pegá-lo. Mas é tarde demais. Ele cai para fora da área da caixa.

Ela chega até a beirada, já precisando se espremer entre a mesa e a parede cada vez mais próximas, mas não pode sair da caixa. Simplesmente não pode. Fica ali olhando para ele por uns momentos compridos... até que é demais. Ela começa a chorar. Vira-se para voltar para a mesa, mas as paredes estão tão apertadas agora que ela não consegue dar a volta. Chuta uma parede, dá-lhe uns tapas, mas não é com força de verdade. Ela não espera derrubá-las e nem quer. Tem medo do que está lá fora.

Ela está tão, tão cansada... Não sente o cansaço das coisas que fez - não foram tantas, afinal -, mas do tempo enorme que se passa enquanto ela está ali em suspensão.

Deixa-se cair na poltrona, meio de lado, e afunda a cabeça nas mãos. Parou de chorar. Só quer descansar um pouco.

Levanta-se finalmente e passa por cima da mesa, erguendo o computador e a garrafa térmica para abrir caminho, tomando cuidado para não esbarrar na luminária, derrubando o copo com lápis e canetas sem se importar.

Toma café de novo. Está gelado. Horrroso.

Começa a verificar a prateleira para procurar um outro livro, mas se incomoda com o relógio. É ele! Vilão terrível, grande traidor! Mas ele não sairá vitorioso.

Ela o pega da estante com cuidado, como que para lhe fazer um carinho... Então tira as pilhas de um golpe só, e coloca-o de volta como se ele corresse o risco de explodir. Sente-se vingada por um instante, admirando seu trabalho.

Um ruído no computador chama sua atenção. Ela percebe a luminária, que estava vigiando o tampo da mesa desde que ela jogara fora o livro, e faz com que ela olhe para cima, para o computador. Como ela, ao se sentar à mesa.

Alguém está tentando falar com ela. É uma mensagem, ou são várias. Podemos ver a conversa aberta e ignorada até o momento.

ALGUÉM - Como está você? (*uma mensagem*) Está bem? (*outra*) Porque ninguém está muito bem de verdade ultimamente, e eu acho que a gente sempre precisa perguntar e confirmar. (*mais uma*) Como estão as coisas por aí? (*mais outra*) Você está aí? (*de novo*) Está muito ocupada agora? (*outra*)
POR QUE NÃO RESPONDE?

Aquilo significa algo para a mulher. Ela fica um tempo parada, olhando para a tela, sem saber bem o que responder. Primeiro está um pouco perplexa, como se não esperasse por aquilo, ali, assim, de repente. E então começa a mudar. Não chega a sorrir, mas percebemos que a sensação é boa.

Toma uma decisão. Preenchida com um novo propósito, levanta-se e recolhe os lápis e canetas que derrubara. Coloca-os de volta no copo e em seu lugar sobre a mesa.

Vai até uma das paredes laterais, apoia as costas contra ela e a empurra. Ela cede sem muito esforço. Vai até a outra e repete o movimento. Seu espaço é novamente ampliado, restaurado ao tamanho original. Coloca as mãos na cintura como que avaliando o que deve ser feito em seguida, e lembra-se do que seria.

Vem até a beirada da caixa. Olha para fora procurando pelo livro arremessado. Ela o localiza. Verifica os arredores, na escuridão, cria coragem e corre para buscá-lo e retornar à segurança o mais rápido possível. Pega um punhado de lenços de papel sobre a escrivaninha e esfrega o livro para tirar a sujeira do chão lá fora. Joga os lenços sujos no lixo escondido por baixo da mesa. Devolve o livro à prateleira com carinho.

Senta-se na cadeira e então muda de ideia. Vai buscar o relógio na estante e o coloca sobre a mesa, como se olhasse para ela – sem devolver as pilhas que ele ainda não merece.

Finalmente, ela digita, e a resposta aparece através da câmera para o público ler:

estou aqui pra você.

A luz na caixa se apaga. Permanece apenas a mensagem no telão.

USINA

André Di Franco ⁴
(Belo Horizonte - Brasil)

⁴ Antropólogo, arte educador, gestor cultural e artista. Trabalha com formatos variados, do cinema à poesia, passando pela fotografia, a dramaturgia e outros.

Apresentação

Usina é um texto de cena curta para ser interpretado por 4 atorxs. Esse é um primeiro exercício de um trabalho mais amplo, engendrado no desejo de rever categorias como o trabalho e a solidariedade a partir do signo do confinamento - no seu sentido mais amplo.

A seguinte cena se divide em três partes, sendo tal divisão baseada livremente no formato de uma ópera, obviamente condensada. A despeito da tradição, a qual se vale unicamente como uma orientação formal do texto, Usina não segue a estrutura unilinear do gênero. Iniciamos, portanto, com a ária principal - um solilóquio ou monólogo - que expõe de antemão o conflito central da narrativa, um acontecimento de um futuro próximo; seguimos com a abertura, um exercício satírico das questões abordadas e sua relação com a conjuntura atual; ao fim, segue-se o recitativo.

Usina

I - Ária

Escuridão. Imagens projetadas de uma britadeira. O barulho de um rio. Ana está de pé. Ela enche e esvazia um grande balão, sem tirar a boca do látex pressionado por suas tensas mãos. Ao lado dela está Davi, cabisbaixo, sentado sobre um monte de terra - um monte de terra marrom sem fim.

DAVI - Estamos afogando, mas há quanto tempo? Meu corpo, teu corpo, o ar rarefeito, o silêncio abafado da água e do mundo. O vestígio da luz e um último suspiro, um último suspiro, uma última palavra. O ultimato final, de quando nos faltar ar nos pulmões. De quando não pudermos mais encher os nossos corpos, oxigenar a carne, encontrar a força para o nosso sustento. De dentro desse cano em que nos encontramos, eu e você Ana, ouço a buzina dos carros, os corpos serpenteando entre as ruas, os

passos estrondosos, os ruídos das carteiras e o som ocioso dos cochichos na escuridão da marginal. E quanto mais descemos esse cano, mais ouço esses barulhos infinitos, abafados. Algo de mim se esfarela nesse meio, algo de nós desaparece nessa multidão. Você ainda acredita, Ana? Você realmente ainda acredita? Teremos ar? Para os dois? Me desculpe o pessimismo. Pois eu juro que não entrarei em pânico, Ana. Guardarei cuidadosamente o ar que me comprometi a te oferecer. E tenho certeza que você o fará também, enchendo os seus pulmões mais um vez, dividindo um pouco desse éter entre eu, você e o mundo. Do lado esquerdo guardo o ar para você, do lado direito eu definho buscando me sustentar. E assim você vê, Ana, eu não estou conseguindo mais me sustentar. Nem você talvez consiga me sustentar. E se você se for antes, Ana? O tempo. O tempo... Quanto tempo aguento? mesmo entre você e o mundo. O quanto tempo aguento nadando nos esgotos do mundo, fugindo Ana. O tempo é um perigo, minha querida. O tempo é o maior dos perigos. E agora... agora, nossos corpos começam a fluir e a se confundir com a correnteza. Mas enfim... eles nos lançariam aqui, de toda forma, como sempre o fizeram. Fedemos como merda para eles, Ana; mas te digo, te lembro, por sorte não fedemos como eles. Sei que preciso te dizer que chegará a hora, precisamos nos preparar para nos separar. Como você vê, não sei se aguentarei por muito tempo. Só por favor Ana, eu te imploro, se for o caso, não volte para trás. Siga! que no fim eu encontrarei você. Como você sabe, ficará tudo escuro, mas mesmo assim, nade! pois não temos mais tempo. O tempo é um perigo, minha querida! O tempo é um perigo....

A tentativa de acender a trempe do fogão com um fósforo longo toma o lugar da britadeira. O gás está aberto, mas indiferente às tentativas, o fogo não toma forma. Ao menos até a escuridão se instalar.

II - Abertura Italiana

Estamos na usina. Um lugar escuro e hostil. O calor dos fogareiros atormenta a pele e, depois de arder, confunde-se com os estrondosos barulhos da rebentação dos metais. Os dedos de todos os funcionários estão queimados e enfaixados, e o cheiro de enxofre contamina os rostos e seus semblantes. Ao redor do monte de terra marrom onde se encontrava Davi, jaz uma faixa refletiva amarela e preta. Sobre esse mesmo monte, uma outra faixa com o dizer: ESGOTO. Dentro desta usina, Fusível, um homem maltrapilho e de costas penosamente arqueadas, surge carregando uma velha cadeira de madeira. Fusível inicia seus trabalhos:

ele carrega a cadeira até um certo ponto; ali, ele a coloca no chão; após isso, Fusível, de maneira servil e resignada, puxa a cadeira para que alguém possa se sentar, como o faria um garçom de um tradicional restaurante para um cliente imaginário; enfim, ele retira a cadeira e segue para o próximo ponto da usina. Por alguma vez, Fusível repete tais movimentos, esse mesmo ciclo. Atrás daquele humilde trabalhador, caminha X (pronuncia-se como a letra x em inglês), vestindo um apertado látex preto, figurino excêntrico. Ele ameaça acoitar Fusível, performando desagradáveis insinuações eróticas, asquerosos meneios. O som do seu chicote ao chão, faz Fusível tremer, faz ressoar o desgosto, a ira e a ojeriza. A dor.

OFF - *(Excruciantemente erótico. Uma máquina late igual a um cachorro, instintivo, ela depende do que se programa ao redor, a temperatura, a pressão e o peso.)* Come on baby! I´m sure you gonna like it! You gonna have all you want. We gonna have the world just for us, for me and for you! What do you want? What do you really, really want? You know I can give you that. You know i can give you everything, everything just for us! Me and you in the bed, everybody will want us. Everybody will want to fuck... to fuck... to fuck... to fuck... to fuck like you! Don´t worry baby, everything is gonna be alright. When you´re fine, we are fine. Our bodys and the machines, they seek, like me and you, the future cum. We are the machines! The future cum seeks for us, so we will drink it all.

Now please be quiet, just do what i say you to do. Just do like daddy teached you. I´m gonna cum! I swear i will make you cum after. You gonna cum like nobody ever saw. You gonna cum in the face of everybody in the world. Jizzing the unhappy faces with the size of your majestic cock. But now just be quiet. I´m gonna cum!!!

Silêncio.

Fusível, rompendo o seu desígnio maquínico, interrompe os alongamentos servis e atira a velha cadeira de madeira contra o chão. X, atrás de Fusível, se assusta e, depois de alguns segundos catatônico, começa a rodar seu chicote no ar, produzindo um afiado agudo da Usina ou de uma caverna de morcegos-vampiros.

FUSÍVEL - Pronto, pronto, pronto! Eu não aguentava mais. Vocês me desculpem, mas eu não aguentava mais. Esse gosto sujo na boca, de miojo,

de café, de cerveja e de brita. E pronto! Eu explodi. O que mais poderia fazer? Quem são vocês pra me julgar? Queria saber qual desses rostos limpos, desses dentes tratados, desses músculos atrofiados, qual aguentaria mais do que alguns anos aqui. "Você vai se aposentar logo na Usina." "Você trabalhou tanto." "Falta tão pouco tempo." "Logo, logo você vai descansar." Tanta coisa que dizem. Tanta coisa que não dizem... Não! eu não aguento mais. Não vou viver confinado assim. Não mesmo. Eu tenho meus jeitos. Eu tenho meus jeitos de descansar.

X - *(Batendo o chicote no chão)* Força, força, força! Rebolem o quadril porra! Força!

X para de rodar o chicote no teto e começa a ameaçar açoitar Ana e Davi que entram na Usina. Os dois, por sua vez, se dirigem a dois sacos de pancadas, onde eles começam a desferir golpes.

FUSÍVEL - Se vocês pudessem sentir os calos destas mãos. A Usina é isso. A Usina cabe muito bem nestes calos. E aqui estamos, confinados na Usina. Eles também.

DAVI - *(Batendo no saco de pancada)* Obviamente no momento temos uma crise! Uma pequena crise né! No meu entender muito mais fantasia!!

FUSÍVEL - Aqui como sabem, somos responsáveis por prover toda a matéria, toda a energia, toda a eletricidade demandada pelo mundo. Sem nós, não há luz elétrica, o teatro, o ticket, a pizza no domingo à noite, o netflix. Somente porque nos confinam aqui que alguns poucos estão livres pelo mundo, ou não. Mas aí é uma questão de escolha!

ANA - *(Batendo no saco de pancada enquanto X ameaça açoita-la)*. As pessoas destroem o meio ambiente porque precisam comer! Você não tem um meio ambiente limpo porque as soluções não são simples! São complexas!

FUSÍVEL - Mas olha que bonito, que aventura: eu fugi. Isso mesmo que vocês ouviram. Ou ao menos me afugentei. E olha que Davi e Ana também se preparam para fugir. Sim! Sim! eles estão se preparando para fugir. Eles vão descer aquele cano ali. Aquele cano atrás de mim, mesmo sem saber o fim. Eles sabem que não precisam desse confinamento. O confinamento da

Usina. Que, por enquanto, repetem o que são mandados a repetir confinando seus gestos, automatizando seus gostos. Mas o tempo é um perigo, Ana! O tempo é quase um veneno!

ANA - *(Batendo no saco de pancada enquanto X ameaça açoita-la)*. A dose do remédio não pode ser excessiva de modo que o efeito colateral do remédio seja pior que o vírus!

FUSÍVEL - Sim, sim! corajosos, sim, mesmo transparecendo o medo de descer e se afogar. Mesmo tremendo os frágeis braços enquanto, sob o açoite de X, esmurram os desgastados sacos de energia da Usina, flagelando os seus dedos em razão da nação. Medrosos e aflitos, mas ainda assim decididos a fugir. Pois eis aqui a razão da Usina, eis aqui a envergadura do mundo, o qual vocês se negam a perceber, o qual nós nos negamos a perceber. Esse confinamento vital, carnal, sangrento que sustenta todos os confinamentos do mundo. A Usina que confina o pão, a carne, o desejo, o devaneio, o sossego e o desassossego em prol desse labor. Tomem essa energia de nós!

DAVI - *(Batendo no saco de pancada)* Pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar!

FUSÍVEL - Eu não vou aguentar mais. Vou explodir. Não à toa meu nome é fusível, porra. E vocês que seguem confinados nesse teatro, vão explodir todos comigo. Ou não!

ANA - *(Batendo no saco de pancada)* Algumas poucas autoridades devem terminar o conceito de terra arrasada! O que estão fazendo com o Brasil é um crime!

FUSÍVEL - Mas olhe que bonito, Ana. Olhe que bonito, Davi. Eles não precisam envelhecer como eu. Eles não precisam morrer aqui, como eu talvez já morri há tempos. Então corra Ana, corra Davi! Antes que te peguem como me pegaram. O sabor do chicote anestesia toda sorte de morte.

DAVI - *(Batendo no saco de pancada enquanto X a ameaça açoitar)* "O que é morrer de 10 a 15% dos mais velhos se comparado com o estrago na economia".

Fusível - Pois o que são 10 a 15% do mundo, Ana? quando nos resta ainda um outro mundo, ou outros mundos. Para que se confinar aqui? energizando o sexo de milionários e bilionários? Davi, você tem o gosto de uma pêra macia. Ana, você cheira ao melhor dos sândalos! Pois bem fujam! nas suas CGs, com suas foices, com seus calos! Fujam!

DAVI - *(Batendo no saco de pancada com muita raiva)* Milionários e bilionários já fazem muita caridade no Brasil!

FUSÍVEL - E deixem que a crise se estenda. Que eles fiquem sem o ar para se sustentar, sem a energia para se mover. Corra Ana! Corra Davi! Saiam enquanto há tempo! E saiam juntos. Saiam sempre juntos, para ninguém alcançar vocês. Saiam de lado, ao lado, para o lado exato desse marasmo de açoites. E que morram, esses coxinhas decrépitos! que morram as austeras estatísticas, o benchmark e alta do dólar. E que morram os biruliros e o canto de ipiranga! Que morram!

Uma arma no rosto de fusível que atira serpentina e confete. Um disparo.

III - Katechon

O alarme da Usina começa a tocar, os postes ficam vermelhos. Davi e Ana vão ao chão. eles rastejam em direção a Fusível, enquanto X começa a fazer exercícios.

O silêncio de um alarme.

DAVI - É agora Ana.

ANA - Vamos!

Enquanto rastejam, Ana e Davi tiram a roupa, deixando somente uma bolsa sobre o torso, procurando não levantar o corpo.

ANA - Fica calmo Davi.

DAVI - Eu tô calmo. Eu juro que estou calmo. Só acho que a gente tem que acelerar. X logo vem atrás do Fusível. Temos um curto tempo. Você sabe...

ANA - Calma, Davi. A gente treinou pra isso. Por muito tempo, por sinal. Olha suas pernas levantando. Não adianta ficar tenso agora.

Davi começa a rastejar como um peixe fora d' água.

ANA - Quando eu contar até três você começa, ok? Como combinamos. Feche os olhos. Pressione os glúteos. Você se lembra. Você se lembra bem. Inspire pelo pulmão direito e deixe ecoar para o esquerdo. Inspira e segura. Como combinamos.

DAVI - Do lado direito para o esquerdo.

ANA - Isso, David. Como um balão. Encha o pulmão direito. Depois solte todo ar! sem expirar. O ar vai todo pro pulmão esquerdo. Quando você acordar, no meio do turbilhão, quando faltar ar, você respira do meu pulmão esquerdo.

DAVI - E você do meu direito, Ana. Um beijo...

Davi desfalece no chão de olhos fechados, logo após uma gigantesca inspiração. Ana inspira profundamente e vai a boca de Davi, enchendo ainda mais seu pulmão. Durante o procedimento, Ana se assuta com X. Mas logo volta a seus afazeres.

X - Minha bunda acima de tudo, meu gozo em cima de todos!

ANA - Cuidado Davi. Cuidado com o que toca. Com a capacidade que a gente tem de se envolver com as coisas. Não adianta fingir que não sente. Gente sente tudo, se envolve com tudo! Sou eu que estou pedindo isso. Por mim! Por mim! Por mim!

X começa a pular, zigzagueando pela Usina, mas cada vez mais perto de Davi e Ana. Ana então senta-se nua sobre Davi e retira uma seringa da pequena bolsa pendurada no seu corpo. Após enrolar uma fita no braço esquerdo, Ana enfia na veia a agulha e retira um pouco de seu sangue. Ela bate duas vezes no vidro da agulha, esguichando um pouco do sangue para fora, que cai sobre o peito de Davi. X se aproxima dos dois. Com seu chicote rodando sobre sua cabeça, ela ameaça enlaçar Ana. Todavia, algo a repele. Uma electricidade estranha, como

se dois imãs se chocassem.

ANA - Que bom que os ventos se acalmam Davi. Com a respiração da parte de trás da cabeça, hoje às vezes acordo e cheiro antes de ver. Antes de abrir os olhos. Antes de mexer as pernas - posso ver seus braços arrancando o louro da árvore, colocando o alecrim para secar, rasgando a terra como rasgamos nucas. Amanhã choverá, Davi. Choverá em todos os cantos da cidade. Em todas as ruas e becos. Choverá até mesmo no rio enevoadado da manhã. E assim, finalmente, veremos os rostos detrás das janelas, por debaixo dos tetos da Usina, arrancados com o turbilhão dos ventos; por fim, meu querido, por fim e para sempre: beberemos o nosso suor, servidos por gralhas nos dedos, numa festa de cinco dias, uma revolta marcada por um pingo de chuva na testa e as pálpebras fechadas sob o sol.

Ana, por fim, empunha a seringa ao alto, levantando-a sobre sua cabeça. Ela respira fundo, muito fundo, guardando uma última inspiração, preservando os pulmões cheios, o peito arqueado, o diafragma estendido. Do silêncio, do tempo suspenso, Ana desce a mão em direção ao rosto de Davi, a seringa em direção ao olho, fazendo X cair, fazendo o alarme sumir, a usina desaparecer, a fuga começar, o mundo ruir.

AO QUE VIRÁ

André Filho ⁵
(Recife – Brasil)

⁵ Ator, músico,
professor,
diretor e
dramaturgo.
Integrante da
Companhia
Fiandeiros de
Teatro.

Recife, 19 de abril de 2020

Varanda de um apartamento. Uma pequena mesa. Sobre ela, alguns papeis, uma taça de vinho. Um gravador de voz antigo. Um velho pega o microfone e começa a gravar a própria voz. Apenas um foco de luz sobre a mesa.

HOMEM - Trigésimo primeiro dia. A vida não me chega mais em abraços de afetos, nem na rotina calorosa que, desde cedo, aprendi. O silêncio das ruas subverteu o próprio sentido do que é se sentir em paz e sozinho. Visto aqui de cima, do alto do décimo andar, a realidade da vida até parece ser a mesma. Olho a chuva distante que se aproxima lentamente, e penso na nova realidade que está também por vir, molhando nossas esperanças, lavando nossos medos, regando nossos sonhos. Em que lugar desse novo mundo que se aproxima caberia um ator velho e falastrão que, ao invés de cães, gatos ou passarinhos, escolheu conversar com seus personagens e fantasmas? As dores das articulações, a lentidão do pensamento me lembram que, antes mesmo deste confinamento chegar, eu já estava preso na rotina e na monotonia do silêncio dos meus anos. *(Pausa)* Amores que não aconteceram, palavras que não foram ditas, pensamentos que não se tornaram realidade, personagens que não vivi. Engraçado, no envelhecer, parece que tem mais força a percepção das ausências, a lembrança das coisas que não aconteceram. O beijo que não tive coragem de roubar, a poesia que escrevi e não tive coragem de entregar, aquela música que compus e não consegui cantar, todos os meus sonhos que minha alma não conseguiu realizar. Tudo tão distante. Quero escrever sobre esperança, sobre a pieguice do amor eterno, mas as varandas minúsculas do outro edifício, em frente ao meu, desviam a minha imaginação para uma cenografia superposta de clausuras, de solidão, de paz e de agonia. No interior de cada apartamento, um vai e vem de pessoas em labirintos de salas, quartos, cozinhas. Um homem lê uma bíblia, num esforço inútil de compreender a lógica de Deus em asfixiar velhos e crianças e premiar com poder a tirania. Em um quarto de outro apartamento, uma criança, aparentando cinco anos, e sua mãe

estão paralisadas, olhando uma nos olhos da outra, presas naquele segundo de tempo que a vida vai eternizar em suas memórias. Um pouco antes disso acontecer, talvez não suportando mais a distância de tudo que está lá fora, ou talvez pela necessidade de se sentir viva, a filha deu um tapa no rosto da mãe. Num impulso repentino, as duas se abraçam e choram, a vida retoma seu curso. De repente, uma cena me parece familiar, fixo meu olhar em uma pequena varanda florida, na qual uma elegante senhora sentada calmamente lê o seu livro, sem se dar conta que a chuva se aproxima. Sobre a mesa, um copo e uma garrafa de whisky denunciam a sua solidão. Não sei o seu nome. Minha imaginação resolve chamá-la apenas de Velha Senhora. Estranha personagem de si mesma, refletida em livros abertos sobre a pequena mesa. Ela levanta o livro até a altura dos olhos, como se quisesse me mostrar a capa, consigo identificar, "Poemas dos Becos de Goiás e Histórias Mais", de Cora Coralina. Por um instante, tenho a sensação de que seus olhos me observam sobre o livro, ensaio um pequeno aceno, mas ela suavemente apenas folheia a página seguinte sem se dar conta da minha existência. Aos poucos, vou desenhando a sua história através dos seus livros. Vozes distantes, cachorros latem, um vendendor de bolo de rolo grita o seu pregão, a sonoplastia é perfeita para a cena. Fecho os olhos e escuto a música a tocar em outro apartamento distante – *Autunn in New York* - interpretada por Ella Fitzgerald e Louis Armstrong. O perfume das flores invade o pequeno apartamento. Cerro os olhos num esforço para visualizar melhor a silhueta de alguém na sombra da sala que caminha lentamente em direção ao terraço. A monotonia da cena é quebrada como uma pedra atirada nas águas calmas de uma lagoa. Ela se aproxima, sem se deixar ser percebida, e fica ali parada admirando a concentração da leitura daquela Senhora. Que diálogo estará prestes a acontecer? Aguço os ouvidos da alma e ouço a voz da minha imaginação.

(A música sobe o volume e o ator vai lentamente se posicionando na cena para interpretar as duas mulheres. As trocas de posicionamento são precisas mas sem pressa. A música continua suavemente)

JOVEM - Quer que feche a janela?

SENHORA - Não precisa.

JOVEM - Mas acho que vai chover...

SENHORA - Você não gosta de chuva?

JOVEM - Não tenho nada contra chuva, mas, quando se está em casa, é bom não se deixar molhar por ela. *(Fala, enquanto procura arrumar os livros em cima da mesa. De repente, um lhe chama a atenção, abre e lê algumas frases).* Você sempre gostou de ler?

SENHORA - Nem sempre.

JOVEM - Eu queria gostar.

SENHORA - *(Sorrindo)* Não consigo imaginar você lendo um livro inteiro.

JOVEM - *(Fechando o livro)* Vai começar? Além do mais, eu nem preciso ler. Você sempre me conta a história toda. Não quer mesmo que feche a janela?

SENHORA - Não precisa. Estou ouvindo a música.

HOMEM - As duas ficam ouvindo a música juntas. Numa comunhão de tempo, que há tempos não se percebe mais naquele lugar. Sem que se perceba, obedecendo a um comando quase que puramente intuitivo, guardado há muito na memória de ambas, as mãos se tocam, os dedos se entrelaçam.

JOVEM - Quer dançar?

SENHORA - Dançar?

JOVEM - É ... Aquilo que duas pessoas fazem quando ouvem música...dois prá lá dois prá cá...lembra?

SENHORA - *(Sorrindo)* Acho que não sei mais.

JOVEM - Que bobagem, é claro que sabe. Vem...

As duas começam a dançar.

SENHORA - Alguém me disse uma vez que dançar na chuva com alguém especial...

JOVEM - *(Completando a frase)* ... Pode ser o começo de uma grande paixão... Isso já faz tanto tempo, e você ainda lembra.

SENHORA - Tem certas coisas que a gente não consegue esquecer.

HOMEM - As duas sorriem com cumplicidade.

SENHORA - Às vezes, eu penso que tudo poderia ter sido tão diferente se...

JOVEM - Tudo aconteceu exatamente como tinha que acontecer. Você não pode se culpar por nada. *(A senhora acaricia o rosto da outra com ternura)*

SENHORA - Não é uma questão de culpa. É uma questão de escolha. Faria tudo de novo, se tivesse a oportunidade. Escolheria ficar com você do mesmo jeito, mesmo sem ninguém entender nada. Só penso que tudo poderia ter sido bem diferente, se eu não tivesse demorado tanto a me perceber.

JOVEM - Nem sempre as paixões chegam como se fossem chuva. Algumas vêm em forma de poesia e demoram um pouco até serem compreendidas. Algumas nunca são.

SENHORA - Olhe só nós duas. Dois mundos tão diferentes, unidos agora apenas por uma canção.

JOVEM - Nossos mundos são um só. Construímos isso juntas.

SENHORA - Você não se cansa de ser generosa comigo, nem mesmo agora quando a vida afastou você de seus amigos e nos obriga a ficar aqui dentro deste apartamento.

JOVEM - Nada nos afastou de ninguém. Isso tudo é temporário.

HOMEM - A Senhora para de dançar, acaricia carinhosamente o rosto da jovem e volta para a varanda do apartamento.

SENHORA - Algumas coisas não são temporárias. Você sabe que não será assim tão fácil. Que mundo virá depois de tudo isso?

JOVEM - *(Lendo um dos livros que está aberto sobre a mesa)*

“O mundo não é uma folha
De papel, receptiva:
O mundo tem alma autonoma,
É de alma inquieta e explosiva.”
Quem é esse poeta?

SENHORA - João Cabral de Mello Neto.

JOVEM - Parece que é uma boa resposta à sua pergunta.

SENHORA - Seria, se a vida fosse apenas uma frase escrita no meio de uma grande poesia.

HOMEM - A Velha Senhora pega o mesmo livro e lê um outro trecho do mesmo poema.

SENHORA - “Esperar é viver num tempo
Em que o tempo foi suspenso.
Mesmo sabendo o que se espera,
Na espera tensa ele é abolido.”
Essa é a resposta certa. O tempo foge entre meus dedos, meu anjo. Não tenho como segurá-lo. Mas você... Você ainda tem a vida inteira pra viver.

JOVEM - Seja qual for o mundo que nos aguarda, acho que a vida sempre encontrará um jeito de nos surpreender. Foi assim que ela fez com nós duas.

SENHORA - Ah! Por favor, não venha me dar lição de metáfora agora. A vida pra mim já deixou de ser poesia. Há muito tempo, que ela se tornou uma estatística de laboratório, e eu conto os dias esperando chegar o fim de tudo. Quanto tempo faz desde o último exame, você lembra? *(A jovem desvia o olhar em silêncio)* Sessenta e sete dias. Parece que a gente só aprende a contar o tempo, quando ele não faz mais sentido algum. Pois é, a gente passa a vida inteira vivendo e imaginando fantasias, mas acaba mesmo é sempre morrendo de realidade.

JOVEM - Eu não gosto quando você fala assim, parece que até que já desistiu de tudo.

SENHORA - (*Irônica*) Bem, não sou eu quem está desistindo de algo aqui.

HOMEM - A jovem sempre atenta, tendo um cuidado especial com a outra. Ficam paradas ouvindo a música distante.

SENHORA - Será que ainda vai demorar muito?

JOVEM - Acho que não, já dá *pra* ver que *tá* chovendo lá naqueles prédios. Talvez seja melhor fechar a janela afinal.

SENHORA - Eu não estou falando da chuva. Estou falando da gente aqui, dentro deste apartamento, sem poder sair, isoladas do mundo, isoladas uma da outra, sem qualquer perspectiva, como duas mortas que tentam se tolerar. E não precisa fechar a janela. Hoje, eu quero que a chuva entre e molhe tudo, a casa, os quadros, quero que ela lave todas as memórias que construímos aqui, juntas.

JOVEM - E sou eu quem está desistindo de tudo. Você fala como se eu fosse culpada de tudo lá fora ter se acabado... E aqui dentro também.

SENHORA - Ai, como eu odeio essa sensação de me sentir fazendo papel de vítima, como se estivesse pedindo perdão de algo que não fiz, ou como se estivesse pedindo ansiosamente “por favor, não me deixe só”.

JOVEM - Seria demais esperar isto de você, afinal você é sempre senhora de tudo, sempre sabe todas as coisas. Nunca desceu desse pedestal de dona da razão. Esse talvez tenha sido o grande problema entre nós duas, o seu orgulho.

SENHORA - Não venha colocar a culpa no meu orgulho.

JOVEM - Vamos falar sobre culpa de novo? É assim que vamos conversar sobre nós? Você embriagada ...

SENHORA - Eu não estou embriagada e eu falo como quiser falar, estou dentro da minha casa, falo e grito o quanto eu quiser.

JOVEM - (*Aplaudindo*) Nossa, que cena *hein!*

SENHORA - Desculpa ... Eu não quis...

JOVEM - Não quis, mas disse. *(Pausa)* Ficamos tão próximas uma da outra que acabamos ficando distantes demais. Essa quarentena já existia entre nós há muito tempo. Nós só não conseguíamos enxergar.

SENHORA - Eu ... Eu só estou com medo. Medo desse vírus, do amanhã, da solidão. Medo de perder você. Sei que, quando sairmos deste isolamento, voltaremos para um mundo que não existe mais. Isso me assusta.

HOMEM - As duas se abraçam e ficam a olhar as ruas desertas da cidade. Algumas árvores balançam suas folhas suavemente embaladas pelo vento.

JOVEM - O mundo será o mesmo. As pessoas serão as mesmas.

SENHORA - As pessoas nunca foram e nunca serão as mesmas. Nem quando tentavam e fingiam não se incomodar com nós duas. Hoje pela manhã, eu vi na tv um mendigo perguntando: "por que todos estão usando máscaras e luvas?" Ele nem sequer sabe o que está acontecendo. Este mundo que está morrendo, o meu mundo, é cruel, sempre foi. Pessoas só são iguais quando são ricas, a pobreza e a miséria deixam todos diferentes. As pessoas não são iguais. Nunca serão.

JOVEM - Eu me referia ao antes e ao depois dessa quarentena.

SENHORA - Eu também. A diferença é que eu nunca vou saber como será o depois.

JOVEM - Nossa, o que você quer? Um troféu de vítima do ano? Oh! Meu Deus, olhe como eu sou tão coitadinha! Se parasse de se embriagar poderia talvez enxergar a si mesma.

SENHORA - E por que não? Eu bebo, porque posso pagar minha bebida, ninguém tem nada com isso. Bebo pra me proteger do mundo, de você.

JOVEM - Você bebe *pra* se proteger de si mesma. Nunca pensei em você como uma pessoa que precisasse se proteger de mim, mas como alguém que me fez compreender o sentido de amar.

SENHORA - Você é patética sabia disso? Fala de amor como se soubesse o que é. "já tomou seu remédio?", "já jantou?", "já tomou banho?", "já isso?", "já aquilo?", é isso que você entende por amor? Ah! Foda-se! (PAUSA) Você não me deixa errar, não me deixa pensar, não me deixa nem desejar o que não posso ter, nem rejeitar aquilo que desejo. Eu quero ter o direito de errar. Eu só quero morrer em paz.

HOMEM - A Senhora não se contém e começa a chorar e fica repetindo a última frase do texto como se falasse para si mesma. A Jovem se aproxima e a abraça carinhosamente. Os primeiros pingos de chuva começam a ser sentidos no corpo de ambas.

JOVEM - Você acabou de exercer o seu direito de errar. Não consigo ver o sentido da vida do mesmo jeito que você vê, mas tenho certeza de que, quando tudo isso acabar, vamos brindar juntas a chegada de qualquer mundo que seja. Porque nele estaremos juntas. Porque é isso o que importa. Como estas lágrimas e os pingos desta chuva, que, mesmo sendo de essências tão diferentes, escorrem juntas no meu rosto. Nós estaremos aqui. Confie em mim. Que sentido teria o mundo e todas as coisas que existem nele, se não fossem as diferenças? Viver com liberdade é um eterno exercício de ser e pensar diferente. Fora disso, só existe a monotonia dos iguais, do medo. O medo torna as pessoas iguais. Eu não sei que mundo novo está se aproximando, mas, seja qual for, não será o mesmo de agora. Isso por si só já vai ser bom. Brindemos, então, com a chuva, ao que virá.

HOMEM - As duas ficam assim abraçadas, sentindo a chuva molhar os seus corpos. Sem se incomodarem com os olhares curiosos dos vizinhos. A música continua tocando, e o céu se acinzentava com pingos d'água densos que escorrem, lavando as sacadas dos prédios, as ruas, as folhas das árvores. Passáros se abrigam em caixas de ar condicionado. Sinto o meu corpo se subdividir em infinitas partículas de sonhos, e cada uma dessas pequenas partes flutua suavemente como se quisesse dançar também com a chuva. O vento sopra espalhando o meu corpo no espaço infinito, e me vejo em queda livre junto aos tantos outros pingos. Em frações de segundo, sinto que o filme de minha vida toda passa diante de meus olhos. Ao cair, percebo que os meus olhos se fixam nos olhos da Velha Senhora. Impassível, ela apenas sorri de volta, como se compreendesse tudo, como se estivesse se despedindo. Percebo as lágrimas e os pingos da chuva em seu rosto, e

o mundo todo parece finalmente ter feito sentido. Fico parado na minha varanda, olhando a chuva, o abraço das duas mulheres, olhando a poeira de mim mesmo se dissolvendo lentamente em conta gotas de sonhos. Recordo de uma canção e começo a sussurar no ouvido do tempo os seus versos.

Aqui, ali
Qualquer lugar
Sim, não nada igual
Amanhã, cidade nua
Lua nua de sol
Vento, chuva, ventania
Vida correnteza
Céu e mar
Navegar.

Fim

A MULHER NA JANELA

Brígida De Poli ⁶
(Florianópolis – Brasil)

1º dia

⁶ Jornalista,
autora do livro
“As Mulheres
da Minha vida”.
Colunista de
cinema no portal
Making Of

Olha só, querido, apenas agora que cheguei à janela e vi a quadra de esportes do condomínio me dei conta do que estava sentindo falta. O lugar está vazio! É da algazarra das crianças que sinto falta. Elas não estão brincando, correndo, jogando bola e gritando como sempre faziam. Lembra quando algum vizinho reclamava na assembléia de moradores do barulho dos pequenos? “A gritaria perturba meu sono da tarde”, diziam eles. E nós, mesmo sem criança em casa, intervínhamos a favor delas. “Gosto de ouvir a algaravia dos meninos, até o grito aguuuudo das meninas. Me dá uma sensação de vida, de alegria, de algo que se renova”, argumentava, enquanto me olhavam como se eu fosse uma lunática.

Sabes que eu estava acostumada a fazer o trabalho de casa e a escrever com aquele som ambiente. Desde ontem, com o início do confinamento, as crianças estão proibidas de brincar lá fora. Não perturbam mais a *siesta* dos moradores. Agora, só ouço o tec-tec do teclado do computador enquanto escrevo. O resto é silêncio.

2º dia

Estou vendo pela janela aquele velhinho do outro apartamento. Ele vai carregando o lixo. Vai devagar, encurvadinho. Precisa andar bastante, pois o depósito dos detritos é láaa no início do condomínio. Acho que ele vive sozinho. Sabe do que lembrei, meu querido? Dos velhinhos de Barcelona. Quando cheguei na grande cidade espanhola aprendi de cara que pedir informações era quase uma ofensa. A resposta era sempre ríspida. Tive a ousadia de perguntar à recepcionista do hotel se as lojas ficavam abertas aos domingos. “Por supuesto que NO! En su país las tiendas se quedan abiertas aos domingos?!! Nem respondi que “sí, se quedan” para não atiçar ainda mais a ira da criatura.

Ainda não existiam os maravilhosos *smartphones*, onde uma breve pesquisa nos esclarece tudo. Um dia, meio perdida, me aproximei de alguns velhinhos sentados no banco da praça. Traumatizada, pedi informação cheia de medo. Eles foram amáveis, solícitos em tentar entender meu *portuñol*. Logo percebi que eram todos assim. Passei a fazer dos viejitos o meu oráculo. Já puxava outros assuntos, conversávamos e ríamos. Entendi que o banco da praça era o seu lugar de encontrar outras pessoas, de ter com quem falar, de ver a vida acontecendo. Ah, sei que já te contei esta histórias mil vezes, né, meu amor?

Mas assim que li que a Espanha é um dos países mais atingidos pela peste, com isolamento social obrigatório, pensei logo nos meus amigos *ancianos*. Morreram milhares, outros estão trancados em casa. Não podem mais sentar no banco das praças, perderam seu porto anti-solidão. Meu coração fica apertadinho de compaixão e choro por eles, até ficar com “o coração amolecido como figo em calda”.

3º dia

Sabe, meu amor, hoje vi uma mulher indo e a outra vindo no corredor que liga os prédios no condomínio. Parei o que estava fazendo e me amparei no peitoril para observar melhor o que ia acontecer. Me senti como aquelas vizinhas fofoqueiras que quase caem da janela para cuidar da vida dos outros! Mas vi as duas se cumprimentarem de longe com um aceno de cabeça e se afastarem ao máximo na hora de cruzarem uma pela outra. O olhar acima das máscaras era de temor. Saíram caminhando rápido, cada qual em direção ao seu destino.

Eu já as tinha visto várias vezes antes da peste e pareciam bem próximas. Sempre se abraçavam, riam e conversavam no jardim, enquanto os filhos brincavam ali por perto. Agora se evitam. Medo do contágio.

Não sei se te contei, querido, que li que um dos fatores decisivos para a contaminação veloz e dizimadora da peste na Itália é o hábito dos abraços, os almoços em família, as avós que cuidam dos netos. Triste imaginar que o afeto pode trazer algum dano!

Talvez pelo meu DNA calabrês, adoro abraçar, você sabe. Mal vejo um amigo

do outro lado da rua já abro os braços. Você mesmo diz que eu pareço um polvo ! Faz tantos dias que não ataco ninguém assim. Quanto tempo falta? Quanto tempo falta? O que você acha? Ninguém responde.

4° dia

Bom dia, meu amor. Vi uma coisa tão engraçada na sacada do outro apartamento hoje! Queria te contar logo. Sabe aquele homem enorme do bloco em frente? Aquele mesmo, musculoso, com cara de ogro ? Pois eu o vi pintando o cabelo da mulher dele! Passava o pincel delicadamente, mecha por mecha! Enquanto eu pensava que ela devia ter tido muita persistência para convencê-lo a fazer aquilo, já que a quarentena não permite salões de beleza abertos... a mulher estendeu o pé e ele começou a pintar as unhas dela! De vermelho! Fiquei hipnotizada vendo aquela cena, querido. O que será que vai acontecer depois que tudo voltar ao normal (você crê que vai voltar?)? Esses novos hábitos ficarão ou serão imediatamente esquecidos... hã...sei lá, não sei... Fiquei rindo sozinha, imaginando que o vizinho, delegado de polícia, possa se encantar com as novas atividades, trocar de profissão e abrir um salão de estética! Hahahaha...

5° dia

Pandemia, coronavírus, Covid, quarentena, cloroquina, respirador, síndrome respiratória, Sars, óbitos, OAS, psicopata, carreata, positivo, negativo, morte, mortes, mais mortes... Não consegui dormir essa noite. Estas palavras ficavam girando na minha cabeça. Pandemia, covid, mortes, mais mortes... um círculo vicioso de palavras fazendo barulho na minha cabeça. Pandemia, quarentena, isolamento, mortes, mais mortes... Meu amor, ajuda a silenciar minha mente. Estou exausta. Exausta.

6° dia

Você me chamou? Ouvi uma voz e não vejo ninguém lá fora. Ai, acho que a voz é minha! Já falava com as plantas, mas agora falo comigo mesma ?! Olho para a tua foto na estante, meio envergonhada. Você me observa com aquele olhar entre irônico e divertido. O que estarias pensando ?

- "Minha mulher é doida", dirias, dando uma gargalhada !

- “Não gosto que riam de mim, você sabe”! Mas minha zanga só te faria rir ainda mais.

Preciso te confessar uma coisa. Hoje, depois de tanto tempo, senti um certo alívio por você não estar mais aqui. Pensei “ele não está passando por mais este drama, por mais esta angústia. Você acreditava que era possível tornar o mundo melhor, menos desigual. Fez a sua parte, foi à rua sem medo, apesar das terríveis lembranças da prisão e do exílio. Quando parecia que, enfim, havíamos alcançado nosso sonho... veio a roda viva e carregou nossas esperanças pra lá. Você foi ficando cada vez mais calado, mais triste. E um dia sem me avisar, seu coração parou. Agradeço aos deuses você ter sido poupado desta peste, mas tua ausência me dá tanta saudades que chega a doer. Fecho a janela para ninguém me ver chorar. Solidão enorme, do tamanho daquela dos velinhos das praças de Barcelona. Do porta-retrato você me olha, calado, cheio de amor.

Fim

INUNDAÇÃO

Bruna Menezes ⁷
(São Paulo - Brasil)

Monólogo em três vozes

Personagens: Mulher; Ancestral; Narradora.

⁷ Dramaturga e dramaturgista. Realizou trabalhos no Teatro da Vertigem. Integrante da 11ª Turma do Núcleo de Dramaturgia do SESI

I. CARTA PARA O FUTURO: 03 DE MARÇO DE 1960

ANCESTRAL - Escute, isso é muito sério. O mundo anda tremendamente esquisito. Que essa carta possa voar. Voar para quando eu não exista mais. Minha mãe dizia que um dia as águas entrariam em fúria. Eu acredito nas forças das águas. Quando tudo o que nos cerca se transformar em passado, que essa carta possa voar para o futuro. Futuro esse não tão distante. Dez anos. Vinte anos. Ou simplesmente para o amanhã. Mas eu preciso registrar em palavras. Por que as palavras não acabam. Elas são para sempre. Na fala, na escrita, no peito, na carne, no sangue ou no futuro. Registrar em palavras para que se lembrem da dor, das memórias e dos erros cometidos no passado. É doloroso quando se decide fazer uma mudança. É um processo consciente em se deparar com o passado. Ou melhor, com as merdas que ficaram pelo caminho. MERDAS! HEY!! Sou eu de novo, sim! Eu voltei para ver vocês de perto. Dizem que quando você realmente olha para as merdas, as coisas costumam se resolver. Então, eu resolvi voltar e olhar para vocês. Como estão? Tá bom, eu entendi. Claro, essa carta não é sobre merdas, é sobre futuro. E eu sei que no futuro eu não farei merdas. Com certeza. UFFA!! Eu só quero registrar um futuro onde eu possa ser inteira. Deve ser bom isso de ser tudo. De ser cada pedaço do seu próprio corpo sem julgamentos, se ele está errado ou está certo. Que eu possa me sentir leve. É isso o que eu quero registrar. Por um futuro INTEIROOO! Para quando a ilha afundar. Para que me encontrem. Escute, isso é muito sério. O mundo anda tremendamente esquisito. No futuro que se lembrem: O amor é um copo d'água que se quebra.

2. A COR DA SOLIDÃO

NARRADORA - Sobre o que é essa peça? É sobre uma Mulher Sozinha. Era uma mulher sozinha em uma ilha. Era uma mulher sozinha em uma casa imensa. Era uma mulher toda diferente. Era a mulher mais triste do

mundo. Era uma mulher no fim do mundo. Era uma mulher aguardando o fim. Era uma mulher que se escondia. Era uma mulher de passagem. Era uma mulher invisível em elevadores. Era uma mulher sem amor. Era uma mulher exposta em praça pública. Era uma mulher em quem jogavam coisas. Era uma mulher para se jogar coisas. É o que diziam. Como numa lenda, impressionados com a expressão e o modo como carregava escombros que a fazem caminhar diferente. Eles não sabiam de que se tratava de mais uma tentativa de depositá-los em algum lugar para que sentisse menos dores nas costas. A Mulher tem passado dias se arrastando por esses cômodos. Tenta se esconder nos cantos, se espremendo na tentativa infeliz de desaparecer nas paredes. Ela se senta em um canto e fica observando todos os objetos embolados em cadeiras, mesas, no chão. O melhor lugar do mundo para esta Mulher é esta poltrona, é o único lugar da casa que cabe seu corpo todo. Cabe os braços. As costas finalmente se apoiam em algum lugar. O que me cabe é observá-la. O meu tempo e espaço nessa narrativa é outro, portanto esse lugar que ocupo não me permite dizer a ela assim: - Mulher, levanta dessa poltrona. Tire as coisas do chão, anda. A vida tá passando e você tá aí sentada nessa poltrona velha. As coisas não andam sozinhas. Tudo em movimento e você parada. O céu está girando. As nuvens te observam em movimento contínuo. O que você precisa para mover as pernas? Mulher, seu corpo se movimenta sozinho, não percebe? Escuta esse coração bater. Subterraneamente, ele bate, ele bate, ele bate, eu sei. Mas ela não me escutaria. Eu estou no entre. Na verdade, eu não pertencço a esse espaço, nem a essa cidade. Mas me coloco aqui para narrar o quanto estamos emaranhadas no mundo. É tudo uma coisa só isso de viver. Então, eu a observo na poltrona. Em suas mãos uma carta para o futuro. Essa carta é da sua avó. A Mulher lê a carta para o futuro pela milésima vez.

MULHER - Cada vez que lemos um texto algo novo nos chama atenção. Eu gosto muito dessa carta, é uma das poucas lembranças que eu tenho da minha avó. Quando ela faleceu eu era muito pequena, eu tenho apenas algumas lembranças dela fazendo roupas para as minhas bonecas e trançando meus cabelos. O amor é um copo d'água que se quebra. Acho que essa parte eu ainda não entendi. Mas eu compartilho do desejo de registrar um futuro inteiro. Essa carta estava perdida por anos. Às vezes eu perco coisas em casa. Coloco uma coisa aqui em cima da mesa, vou à cozinha e volto. Pronto, já não está mais lá. Eu não entendo isso. Parece que as coisas andam. É como se morassem outras pessoas nessa casa, e bagunçassem

tudo enquanto eu durmo. Eu coloco as coisas no lugar, eu dobro as roupas, tiro toda a bagunça do sofá e vou dormir. Quando eu acordo está tudo para fora. Não é possível! Essa carta devia estar com uma dessas pessoas. É como se uma delas tivesse escondido para eu ler no momento certo. Hoje é o momento certo, pois eu tenho pensado sobre futuro e passado. Talvez por isso tenha deixado essa carta hoje ao meu alcance nessas caixas. Há anos carrego caixas e móveis sozinha. Estou há anos tentando organizar essas caixas. Mas não se preocupem, eu posso fazer isso sozinha. Os últimos meses foram muito difíceis, na verdade os últimos dois anos foram desgastantes. Por vezes já me senti suficientemente cansada ao ponto de passar semanas em casa sem conseguir levantar da cama, às vezes eu só lembrava que era uma pessoa porque via o lixo acumulando na área de serviço. Por vezes, minha mãe vinha aqui me visitar e me ajudar a assentar as coisas, mas ela me encontrava imóvel sobre os escombros, ela não sabia o porquê, mas não me perguntava. Em um gesto de complacência me ajudava a recolher o lixo que se amontoava. Mas na verdade isso não significava muito pra mim, pois a sensação é que eu tinha perdido mesmo muito de mim. Nada que pudéssemos restaurar pela casa me completaria. Eu chorava. Eu chorava pelos que vieram antes de mim. Eu chorava pelos invisíveis que conviveram comigo. Pelos pedaços de futuro que abandonei. Alguém já esteve aqui. Nessa casa já morou um homem invisível. Na verdade é como se ele nunca tivesse existido na minha vida, é uma existência sem vestígios. Eu moro numa ilha, eu sou uma ilha. Há água por todos os lados. Essa ilha vai ser inundada. Está anunciado, e às vezes parece que já inundou a minha casa, porque tudo vaza. Toda umidade é de uma casa que chora. Estou aqui. Mas também fora. Principalmente de mim mesma. Esse lugar tão incômodo. Quando eu ameaço me voltar para me deparar com o que há por dentro, alguém passa. AHHH! QUE ALÍVIO! Minha casa é um caminho. Um quase. Um não lugar. O vizinho passa. Outros, alguns. Não sei os nomes. Não olho pra eles. Até que se perceba outro. Poderia cair. Apesar da minha incompatibilidade entre eu e minha natureza. Eu caio. Eu continuo. Sem lembrar. Só esquecendo. Essa maldita goteira. Isso me importuna aqui no meio da casa. Nos momentos mais indesejáveis ela aparece. E fica ali, fazendo aquele barulhinho irritante. Parece mais uma contagem regressiva.

3. PRIMEIROS SINAIS

NARRADORA - Da minha cidade eu vejo as notícias. As pessoas em volta demonstram no corpo, no olhar que elas estão assustadas. É um tempo

de guerra. E estar fora desse tempo e espaço, não significa que não estou em risco. O mundo anda tremendamente esquisito. Daqui é como se eu pudesse ver o fim. Ou o início. Tudo é uma questão de ponto de vista. Qual escolho? Depende do dia, depende da hora. Os noticiários não perdoam:

As terras estremecerão violentamente e o dia se fará noite, e logo em seguida surgirá o fogo queimando as florestas.

O mar inundará a terra com ondas gigantes, engolindo a cidade.

Em pouco tempo a ilha desaparecerá para sempre.

MULHER - Ultimamente tem sido difícil dormir. Na madrugada eu acordo assustada. Da minha cama eu escuto o barulho do mar. E o barulho da água vai se aproximando, aproximando, aproximando...bate na minha janela, bate na minha porta, bate na porta do meu quarto de maneira insistente. Eu coloco os travesseiros na cabeça para abafar esse som que me causa tanta inquietação do que se prenuncia. Nesta última semana o morro da Piedade se transformou em uma cachoeira, descendo pelas escadas inundando toda a cidade. A correnteza toma as ruas do centro de Vitória. A força da água desce pelas escadas do Morro da Piedade. Ela cobre a escadaria. Chega até a Rua do Vintém. A Rua República se transforma em um rio. Na Tieres Veloso, os moradores observam pelas janelas essas águas que invadem a cidade. E se de repente essa água toda entrar e tomar tudo? Serei capaz de nadar nessa correnteza profunda? Os amigos mais próximos não se conformam. Sempre que podem me questionam:

- Mas se mudar assim?

- Claro!

- Acho um pouco radical isso de uma hora para outra. Você vai para onde? Sair da Ilha?

- Sim, eu não sei exatamente para onde vou. Não decidi ainda. Mas acho muito arriscado ficar e contar com a sorte. Já está anunciado que vai inundar tudo. E você também não deveria ficar.

- Não posso ir assim, sozinha. Eu precisaria planejar melhor as coisas. Eu estou com um pouco de medo. Realmente algumas coisas estão mudando na cidade, no sentido negativo mesmo.

- Bom, eu vou buscar um abrigo. Pra mim a Ilha está tomada de muito desconforto. Como permanecer com essa sensação que pode acontecer a qualquer momento? A cidade está muita calma.

4. HOJE É DIA DE FESTA

ANCESTRAL - Eu passei anos lixando as paredes desta casa. Quando cansava sentava sobre os escombros por horas e horas. Pensava em desistir todos os dias. Me colocava nos cantos mais improváveis, era uma tentativa de ainda sentir que fazia parte desse espaço. Eu construí boa parte dessa casa sozinha. É... eu acho que é essa memória que me prendeu aqui por todos esses anos. Tinham medo de mim. A mulher que vivia sozinha na casa de pedra escura. Um ano morando nessa casa ainda em construção.

Vamos fazer o aniversário da mais nova? Convidamos apenas alguns vizinhos e as crianças. Bolo gelado enrolado no papel alumínio. Bala de coco. Será que vai dar pra comprar bexiga? As crianças adoram bexigas! Para os adultos uma cervejinha não pode faltar. Quitéria vai trazer salgadinhos. Carne maluca com pão. Refrigerante. A menina chora porque quer as bandeirinhas. Olha o chapéu de aniversário, que graça! O balão já está cheio de balas. Ainda precisa afastar os tijolos, para ter lugar para todo mundo. Se chover a gente se vira com as goteiras. Joana disse que vai fazer os doces.

- Pedro, quando você sair do trabalho não se esquece de passar para pegar os doces.

- Mas vai ter bastante brigadeiro? Aniversário sem bastante brigadeiro não dá!

- Vai ter, Pedro. E olha aqui, não é para comer os doces no caminho, viu?! Eu sei quantos ela fez e sei bem como você é guloso.

- Eita, não posso comer nem unzinho? Aí não tem graça nenhuma.

- Cresce, homem!

- Brincadeira. Fica tranquila, eu trago os doces e também tenho uma surpresa para você.

- Que história é essa de surpresa?

- Se eu contar não é surpresa! Olha, saio da obra por volta das 17h30. Passo lá na cumadre para pegar os doces e volto com sua surpresa. Sem ansiedade mulher, que hoje é dia de festa!

Era quase noite. A vizinhança começa a chegar e o aniversário da menina começa a se aprumar. Pedro não chega. Os salgadinhos começam a sumir das mesas. As cervejas começam a acabar. Tadeu não chega. As crianças brincam. A menina pergunta do pai. Mário não chega. O pequeno nas estripulias de criança tropeça nos tijolos de construção e cai no choro. Alguém pergunta dos doces. A pequena quer cantar parabéns. Joaquim não chega. As balas que estavam no balão voam pelo chão da cozinha, um enxame de crianças em busca das balas. Quem fez a carne maluca? Milho em

torta de frango não pode gente. Antônio não chega. O chapéu de aniversário está recheado de balas. O pequeno só parou de chorar quando os bolsos estavam cheios de guloseimas. Alberto não chega. Mas ele disse que tinha uma surpresa, não disse? Ele tinha um filho. É carnaval! Augusto adora carnaval! Olho pela porta. Olho pelas janelas. Francisco perdeu a pressa que tinha. No escadão as cápsulas. Contaram sessenta cápsulas de brigadeiros espalhadas nas escadas. Não tem mais carnaval. Eu odeio aniversários. Eu odeio brigadeiros, eles atravessam um corpo sem saber o nome. Pedro não chegou. As cápsulas de brigadeiro impediram o amor. Eu passei anos lixando as paredes desta casa. Quando cansava sentava sobre os escombros por horas e horas. Pensava em desistir todos os dias. Me colocava nos cantos mais improváveis, era uma tentativa de ainda sentir que fazia parte desse espaço. Eu construí boa parte dessa casa sozinha.

5. CONVERSAS RETÓRICAS

NARRADORA - Escutem, conforme eu fui narrando essa história, eu percebi que essa história também é minha. Então eu decidi que eu quero ter uma cena. Essa é a minha cena, tá? Eu vim aqui só para narrar a história de uma outra mulher que vive em uma outra cidade. Eu não conheço essa mulher, eu nunca vi essa mulher. Na verdade eu estou criando essa mulher. Só que eu comecei a perceber que essa Mulher também pode ser eu. Eu tô na minha casa agora. Estou narrando essa história da minha casa, como eu disse, eu não sou daqui. Sou de uma outra cidade. Então, tentem me imaginar, por favor, tentem criar essa imagem de mim. Eu existo, eu juro. Estou sentada no sofá, isso! E estou narrando essa história. Não. O sofá não é um bom lugar para fazer isso. Esperem. Eu me encaminho para o escritório, acho que daqui é melhor, passa mais seriedade, afinal eu sou a narradora dessa história. E eu sento na cadeira. Eu olho para o céu. É um dia muito ensolarado. E eu começo a perceber que eu estou sozinha nessa casa há dias. Ninguém vem aqui há dias. E percebo que eu estou me arrastando por esses cômodos. Tentando de alguma forma entender o porquê eu estou aqui. Mas, o que aconteceu com essa louça? De onde veio tanta louça? Eu não lembro de ter usado tudo isso. Será que eu sou essa Mulher? Não, eu sou a narradora. Eu estou aqui para contar uma história. Eu resolvi narrar uma coisa minha. Vamos dar uma pausa na história da Mulher. É a história da narradora, tá? A gente mudou agora a temática da peça. A partir desse momento. Vocês conseguem aguardar um pouco, né? Eu imagino que vocês podem ser generosos comigo. Por que eu tô sentindo uma necessidade

muito grande de falar sobre as coisas. Eu estou me sentindo sozinha. Porque eu estou chorando? Porque eu estou chorando? Eu não sei. Eu perdi o controle das palavras, agora elas têm vida própria. E elas passam a jorrar da minha boca, isso é uma tentativa de parar de engolir coisas. Eu passei muito tempo colocando mais coisas para dentro do que para fora. Porque eu estou chorando? -Ei, vocês, animais selvagens! Tigres ferozes, sim, vocês que me olham como uma coitadinha. Não serei alimento para os seus labirintos de MERDA. Caso vocês não saibam, não existem predadores naturais para uma águia. Vocês que me querem imóvel, e adoecida pelo meu veneno. Eu vou dizer. Dizer. Dizer. Dizer. Ouçam. Ouçam. Ouçam. Ouçam isso que eu vou dizer seus animais pequenos insuportáveis: Vos digo: não, não, não. Sinto que do lado de cá tudo passa a se inundar. Eu não sei nada sobre o futuro, e confesso que você Mulher, também não. Mas começo a entender que o compasso da fé está mudando a passos largos. Dois pra lá. E dois pra cá.

6. DAS FOTOS QUE EU NUNCA TIREI

NARRADORA - A Mulher passa a arrumar as coisas, ela finalmente está fazendo uma limpeza, acreditem isso foi quase impossível um dia. Lá vem ela e essas caixas quase importantes. Ela retira coisas das caixas que carrega. Pra que carregar tanta coisa? Porque as pessoas simplesmente não jogam coisas no lixo? Ah, poupem-me! Esse momento é um pouco sobre isso. Coisas que ninguém quer jogar fora, que ficam ali no fundo da sua cabeça te sufocando. Quando você sente que a coisa vai....não. Aquela coisinha lá no fundo volta. Tanto que transborda, que chora, que envolve, valha-me Deus! Porque é tão difícil arrancar toda a pele sem medo e mostrar o todo para o outro? Isso aqui tudo é água. Essa cena, eu gostaria que fosse a mais importante. Porque para mim é a mais importante. Pois se trata não só de mim, mas de tantas outras. Eu pensei muito se ela realmente era necessária, mas conforme o tempo passava, ela não saía da minha cabeça, ficava martelando ali o tempo todo. É uma cena que fala sobre uma vida baseada no quase. Quase foi. Quase ficou. Quase disse. Quase foi amor. Quase foi importante. Uma mulher quase sozinha. Uma mulher que quase foi registrada. Ela quase foi importante. Foi por muito pouco, é o que eles diziam.

MULHER - De tudo que existe nessa casa, essas são as memórias mais importantes que eu tenho. As fotos que eu nunca tirei. Não há fotos. Não há registros. Dos dias mais importantes ficaram o vazio. Os companheiros que

já tive são invisíveis. De que me valem seus nomes? Essa foto que eu não tirei foi do dia:

- Já que você está parada aí, tira uma foto nossa de frente pro mar?
- Moça, licença. Você pode tirar uma foto minha com a minha família?
- Por favor, você poderia ir um pouco mais pro lado. Estamos tentando tirar uma foto para pegar o letreiro.
- Aiiiiiiii, tira uma foto bem linda de mim com meu namorado?
- Capricha na foto porque é aniversário dela hoje! 15 anos!!
- Hey, você. Você que tá aí na frente. Poderia tirar uma foto da minha filha? É a aquela menina linda, ali a que faz o papel principal.
- Pega o melhor close da dama de honra, hein!
- Acho que você tem que tirar essa foto de corpo todo. Pra pegar bem eu e meus avós.

Eu poderia narrar uma vida que não foi registrada. Eu sempre fui uma pessoa muito sozinha, sempre lidei bem com isso, mas quando comecei a não lidar. Possuir dois objetos de tudo era quase como uma agulha em meus olhos. Tudo representava a solidão. Eu desejava ter uma xícara, uma cadeira, para não andar pela minha casa e ver duas xícaras, porque olhar para a outra me remetia a alguém, ou olhar para a cadeira vazia na minha frente me dizia que alguém deveria estar sentado ali. Essa imagem diz muito sobre lidar com esse meu lugar. Enfim, como explicar a existência de um fantasma? A cada momento em que tiro algo do chão se transforma em palavra e hoje eu vou tirar todas as roupas do chão do quarto para construir uma frase inteira. Nunca pensei que fosse tão difícil construir uma frase inteira.

7. NOSSO REINO

ANCESTRAL - Os anos foram passando. Minha filha seguiu sua vida. Me deu uma neta. Que menina mais graciosa! Quando chega aqui já vem gritando da rua:

- Vó, trança meus cabelos! Qualquer pedaço de tecido vira roupa de boneca. A idade não me impediu de carregar tijolos. Pedro ia ficar tão feliz em ver a nossa casa pronta.
- Mulher, essa casa ainda vai ter escada para o andar de cima. Fui endurecendo com esses tijolos. Tem uma hora na vida que você entende que precisa seguir firme. O amor aparece em todos os lugares. O Humano, um bicho tão inexplicável. Ainda bem. O amor é um animal tão mutante com tantas divisões possíveis. O amor quando aparece é como a forma física da água no mundo. O amor é um copo d'água que se quebra. Acho que deve

ser isso uma das cinco mil explicações para o amor. Eu só quero registrar um futuro onde eu possa ser inteira. Deve ser bom isso de ser tudo. De ser cada pedaço do seu próprio corpo sem julgamentos, se ele está errado ou está certo. Ah, minha pequena. Eu desejo a você um futuro inteiro, mesmo diante da fúria das águas.

8. A CONTA GOTAS

MULHER - Há dias que essa goteira insuportável tem adentrado a minha casa. Saio de casa para mais um longo dia de trabalho. Ao chegar em casa uma poça de água. Eu seco o chão. Quando percebo o volume de água aumenta. Pelo reflexo da poça eu vejo parte do teto manchado. Na parede o foto do casamento da minha avó, uma noiva invertida. O sorriso parece um grito. O bouquê aparenta lanças. Consigo ver a estante, a mesa... esses móveis eram da minha avó quando ainda morava aqui, eu sempre fui muito apegada aos objetos familiares. No reflexo ao lado são os meu olhos, em volta deles as folhas secas das plantas que eu não rego há semanas. Ainda têm muitas coisas emboladas no chão. Eu as abraço de uma vez só. Folhas secas, vestidos, fotos, sacolas, sapatos, fios, lenços e bolsas. Eu me cubro de coisas até eu que não consiga mais ver e nem ouvir essa goteira impertinente. A água está pela altura do peito. Talvez se eu abrir a janela.

9. CORRENTEZA

NARRADORA - Talvez vocês já perceberam que essa mulher está evitando se colocar em situação. Nessa narrativa ela ainda não esteve efetivamente em algum lugar fazendo alguma coisa. Uma ação. Isso faz parte da trajetória de qualquer personagem. Eu estava tentando evitar fazer isso com ela, mas escutem, onde já se viu uma personagem sem ação. Não dá minha filha, é o seguinte, agora, a Mulher vai se levantar e fazer uma ação. Ela vai fazer uma escolha, exatamente aqui, na frente de vocês. Preparem-se, vocês finalmente vão ver algo acontecer. Não tenham medo.

MUHER - Mulher, do que você está fugindo? Você consegue respirar? E se eu disser que tem água batendo na tua janela? E se eu disser que ela está na tua frente? Ela sai do seu peito. Corre! Não consegue? Consegue segurar nas pedras que você criou? A água vem subindo, subindo. Ela fica parada no peito. É como se tentasse de todas as formas sair por algum lugar. Abre um espaço. Vamos! Abre. Fechei todas as saídas. Para na garganta. Ah, essa garganta engasgada de passado. Abre a boca. Abre a boca bem grande e

fala. Fala o que vem na cabeça. Como não vem nada? Seu corpo é feito de nada desde quando? Anda, a água tá presa na garganta. Solta a primeira gota de dor que ficou presa no dia que te disseram não. Jorra aquela palavra. Aquela palavra enorme que ficou cravada na sua cara desde que você nasceu. Tem um nó na garganta que só desata quando aquela palavra sai. Perdeu a palavra no seu oceano corpo? Vai mais fundo, tem mais água pra sair. Isso, deixa sair pelos buracos dos seus olhos. Se não sai pela boca, deixa sair pelos olhos. Aquela palavra, vamos. Falta pouco. É aquela palavra que transforma tudo, coragem mulher que não é sujeito para ser amada. Celebra teu abandono. Rasga as fotos que você nunca tirou. Coloca na mesa aquela garrafa de vinho fechada há anos. Transforma aquela palavra no seu abrigo. Olha para o teu desconforto, mas olha para o pior de todos. Vamos! Vasculha na memória da solidão. Olha para essa casa que chora. Aquela lágrima na parede é de qual dia? É lágrima de sonho pisado? Ou é um tropeço no seu abismo? Rasga esse bolor que atravessa toda a sua coluna com deficiência na edificação geral. Isso! Esse primeiro jorro foi quando fizeram de ti um objeto. Sim, foi daquele dia que não te acolheram. Transforma em pó essa ruína que te ofereceram. Tampa essa fissura com massa corrida de primeira linha. Coloca um funil para essa água ir para o lugar certo. Despenca dessa mentira que te contaram para que você ficasse com sono. Transforma aquela imagem de medo em um dia de sol. Faz do seu corpo uma casa. Suas expectativas são o teu futuro. Anda isso não é um sonho. Se não for agora, será quando? Que mulher é essa que mora dentro de mim? O que ela espera? Ela espera um grande ato. Não um grande ato de levantar da cama e escovar os dentes. Mas um ato grandioso.

10. SONHO NA FICÇÃO

NARRADORA - Ontem à noite eu sonhei que estava afogando. Mas é como se eu pudesse ver meu corpo do lado de fora. Eu andava até a direção do mar e pouco a pouco ia sentindo as ondas passando pelas minhas pernas e adentrando meu corpo. Olhava para trás e tinha uma mulher sentada em uma cadeira na areia com um rádio ouvindo uma música, mas a música não vinha do rádio, ela vinha do céu. Tudo tinha cores distorcidas que giravam entre o laranja e o vermelho em um *looping* de cores, não sei se isso é possível, *looping* de cores, mas é assim que eu as sentia. Sim, eu podia sentir as cores, o calor do laranja girando sobre o vermelho. O azul que trazia outras temperaturas passa a atravessar meu corpo, adentrava meus canais vitais, a música continua vindo do céu com uma voz ao fundo que dizia: Solta

a primeira gota de dor que ficou presa no dia que te disseram não. Jorra aquela palavra. Aquela palavra enorme que ficou cravada na sua cara desde que você nasceu. Tem um nó na garganta que só desata quando aquela palavra sai. Perdeu a palavra no seu oceano corpo? As cores que giravam sumiam e passavam a se transformar em sombras que se movimentavam em formatos de bolhas que saíam pela minha boca. Eu já estava a fechar os olhos. Os copos da cozinha estão cheios de água. Desperto para outra história, a minha. Não faz o menor sentido contar histórias pelos outros.

11. CARTA PARA O PASSADO

MULHER - Te escrevo para dizer o óbvio. Adeus. Eu mergulhei e eu fui fundo nesse oceano casa, nesse oceano corpo, nesse oceano passado. Eu fui fundo. Nas águas mais profundas onde só existe breu. Eu estava lá. Eu e meu corpo. Eu não sei nadar. Eu me debatia. As minhas pernas se debatiam, os meus braços se debatiam. Eu tentava gritar e minha voz ficava abafada. Você entrou pelos meus pulmões, passado. Eu fiquei engasgada de passado. Eu fiquei engasgada do que não foi dito por mim, por todos os meus que não existem mais. Eu fiquei engasgada de não. Não pode. Você não é. Você não serve. E nesse breu. Nesse engasgo. Nesse momento súbito de raiva, de desespero, de ressentimento eu soltei o meu corpo. Soltei tudo. E você me engoliu, passado. E finalmente eu entendi que eu precisava deixar ir. E eu deixei. Vi meu passado no fundo do breu oceano. E eu subi. E eu fui me levantando plenamente. Criando novas raízes, criei um novo tronco. Como é lindo ter um tronco firme que me mantém em pé. E em uma dança, levemente, eu e meu corpo rio. Eu nasci riacho. Eu voei pelas águas levemente. Eu te deixo ir. Porque hoje esse corpo rio que escorre, em uma nova correnteza fez uma nova escolha. Escolheu viver todos os nãos.

Você não pode.

Você não entra.

Você não é.

Você não fala.

Esse corpo é inteiro. Esse corpo escolheu viver. Eu me afoguei de passado para poder respirar. É um tempo sem medo. Os pés lançados ao incerto, mas nada melhor do que sentir os próprios pés bem cravados no corpo.

Eu entendi. O amor é um copo d'água que se quebra.

Quando o copo se quebra,

a água se espalha e então ela

fica se dividindo pelos

salões de todas as festas.

Eu queria muito dizer à minha avó que hoje eu lancei o meu próprio copo no chão. Não é uma inundação, é água se multiplicando.

Fim

AINDA HÁ VIDA AQUI EMBAIXO

Carloman Bomfim⁸
(Belo Horizonte - Brasil)

⁸ Ator e professor de Teatro. Mestre em Artes/UFU, licenciado em Teatro/UFMG. Ator em espetáculos com Cia Drástica, Cia Absurda, Uma Cia, Cia Acômica.

O personagem é um velho de 75 anos. Ágil em alguns momentos, lento em outros. O cenário é composto de uma poltrona, um toca cd, uma geladeira pequena e velha, um fogareiro velho, um pia e um vaso sanitário, uma janela com os vidros embaçados e muitas embalagens de comida, todas vazias. Uma das paredes está coberta por jornais. O velho está sentado na poltrona. Levanta com certa dificuldade. Procura algo no meio de várias embalagens no chão. Não encontra. Abre uma pequena geladeira, procura algo, não encontra.

VELHO - E eu que sempre fui inquieto, o que faço? Esta pergunta insiste em martelar na minha cabeça, mas não acho uma resposta se quer. Que impotência! *(Pausa)* Ontem me divertia com muitos ao meu redor: Encontros com os amigos na praça, um passeio à beira da lagoa, ida a um boa livraria, um bom café... *(Pausa)* Hoje acordei triste, com vontade de abrir as janelas, a porta e sair, correr pela cidade de um lado para o outro, apreciar seus contornos, relevos, cores... Como? Impossível. Procuo respirar ar novo, limpo, fresco... e nada. Procuo espaço e o que mais há lá fora é imensidões e ar. O que tenho aqui? Um pequeno mundo feito de paredes, teto, chão... entulhos, mofo e esse ar pesado. Os pulmões até já se acostumaram. Hoje já cantei, li, escrevi... Só hoje, tomei um belo café da manhã com Walter Benjamim, para ele perguntei: qual o melhor meio de ilustrar o meu cotidiano, de modo a ser belamente reproduzível? Se é que isso aqui merece algum tipo de reprodução... a ponto de ser considerado... Arte. O que temos aqui, Arte? Que tipo de arte é essa? A arte de viver ruínas? Sou apenas a cópia de minha própria imagem. Sou imagem e cópia em um mesmo objeto: corpo. Um corpo velho e solitário, facilmente substituível... Mas, sou autêntico, ou me tornei autêntico, não vê? Não passei por mutações, apenas algumas transformações próprias do homem. Existo, logo... existo. Por conta das circunstâncias cultuo a mim mesmo e ainda assim sou político sem dar chance ao fascismo. Mais tarde, agradecendo a visita, abracei fortemente Brecht, *(ri)* aqui não precisamos manter o "distanciamento" *(ri)*. Apesar de certa penumbra tudo aqui está às claras e não me convém mergulhar em emoções, as perdi faz tempo. Conversei horas com Baudelaire, para ele

sim, meu cotidiano é um celeiro de pura poesia. Tentei falar com Foucault mas não entendi ainda por que estão me vigiando se eu estou quieto em casa, acho mesmo que estão me punindo. Ray Kurzweil me ensina todo dia que a tecnologia serve para muita coisa, se soubermos usá-la. Mas não tem ajudado muita gente a evoluir, haja vista o lugar onde me deixaram... deixaram? *(Pausa)* O melhor reconhecimento neste momento seria o erro. Todos erramos. Estamos todos errados. Essa vida é um erro e o erro vem lá de trás, quando inventaram a roda e a giraram num movimento contrário ao do próprio planeta. O homem escravizou a terra e viu que isso era bom... para a sua ganância. Pois bem, cheguei a pensar na finitude da humanidade nesse momento, mas John Gray me mostra que cada vez mais ele está certo: a maioria dos nossos problemas não tem solução. Estamos todos doentes há bastante tempo, somos incuráveis. O delírio converteu-se em pesadelo. Somos doentes insanos em estado terminal, moribundos filhos do apocalipse que nós mesmos criamos.

No meio dessa conversa toda entrou Ernest Becker dizendo que, na verdade, sempre estamos negando a morte. Mas para mim, estamos sempre negando a vida, e aí está o mal. Corremos a todo instante, mesmo estando parados. Falamos o tempo todo, mesmo estando calados. E somos cegos, mesmo com os olhos abertos. É o movimento contrário da roda. Não há como não concluir que estamos no vácuo. É, somos autodestrutivos por natureza. Há tempos estamos mortos e agimos como se estivéssemos vivos. A vida nos vence, é fato. É um turbilhão de pensamentos, ideias, questões... Então, minha cabeça se funde, confunde, e já não estou a fim de construir nem de destruir nada. Qual a vantagem disso? Não quero criar nada, não quero nada, nada! *(Pausa)* Apenas respirar... ar... ar... Mas não há como escapar. E tento fazer poema, hein Baudelaire? Mas sou mesmo uma catástrofe! Me perdi de Deus faz tempo e de Zeus me desencontrei por engano. Ah, quem me dera agora um bom vinho, um tinto Château Latour! Hummm! Tento fazer poema com o caos que invade minha cabeça e que nada mais é do que um espelho deste lugar, um espelho de mim mesmo! Eu, imagem e cópia de mim mesmo. Eu, corpo/objeto dotado de imperfeições, modelado pelo tempo, autônomo e dependente de si mesmo. Eu corpo/objeto desobrigado do narcisismo imperativo dos tempos modernos. Ah, tudo isso cansa... que chatice! Parece até que estou com diarreia mental. Está decidido: o melhor é dançar! *(Liga o toca cd: Tom Waits)* Deprimente, não? Mas bem apropriado para o momento... até que combina comigo... dá um conforto, parece me abraçar, me acolher, embalar, entender tudo o que meu corpo sente

e necessita... (*dança*) Olhem, deixaram aqui o cd do Nelson Gonçalves, na tentativa de me agradar, mas só a capa. Dentro, o cd desse tal de Tom Waits (*ri*), sempre foram despreparados e desorganizados (*Ri e cai na poltrona*). Meus rastros vão ficar aqui neste chão, nessas paredes, nesta poltrona, dia após dia, vestígios de vida. Não vou apagar as impressões de minha existência. (*Ascende um fósforo*) até poderia... (*apaga o fósforo*). Tudo o que sou e vivi ficará aqui como mais uma embalagem descartável, os restos no lixo, o entulho desprezível. Eis o retrato fiel daquilo que mais fazemos neste planeta: acumulamos tudo. Acumulamos tudo que não precisamos para que apodreçam esquecidos em um canto dominado pelo mofo. É um tanto de tudo que nunca preenche o vazio em nós, então sempre queremos mais e mais. É bem provável que não evoluiremos, nunca! Hoje, por coincidência... (*procura algo*) eu encontrei um jornal... com uma publicação de Bertolt Brecht... (*procura nos bolsos*) até li para ele quando da sua visita mais cedo, mas ele não... Achei! Aqui está.

“Eu vivo em tempos sombrios. Uma linguagem sem malícia é sinal de estupidez, uma testa sem rugas é sinal de indiferença. Aquele que ainda ri é porque ainda não recebeu a terrível notícia. Que tempos são esses, quando falar sobre flores é quase um crime. Pois significa silenciar sobre tanta injustiça? Aquele que cruza tranquilamente a rua já está então inacessível aos amigos que se encontram necessitados? É verdade: eu ainda ganho o bastante para viver. Mas acreditem: é por acaso. Nada do que eu faço. Dá-me o direito de comer quando eu tenho fome. Por acaso estou sendo poupado. (Se a minha sorte me deixa estou perdido!). Dizem-me: come e bebe! Fica feliz por teres o que tens! Mas como é que posso comer e beber, se a comida que eu como, eu tiro de quem tem fome? Se o copo de água que eu bebo, faz falta a quem tem sede? Mas apesar disso, eu continuo comendo e bebendo.” *

Deu fome. O que há para comer? Ainda há o que comer? Só o resto do café da manhã e mais nada... Ah! Aqui estão elas. Vejam como são decididas no que querem, como respeitam seus objetivos. Exímias trabalhadoras. Incansáveis. Faça tempo bom ou ruim, não importa, estão sempre trabalhando... trabalhando... “O trabalho dignifica o homem”, sempre ouvi essa frase... (*irônico*) quão digno sou! (*Cospe*). Trabalhei a vida inteira construindo casas, prédios... e para muitos apenas parasitei... Talvez seja essa a dignidade: o título de parasita. São rápidas, incansáveis, dia e noite... organizadas... As formigas quase não enxergam, são praticamente cegas. Elas se comunicam e se orientam através de uma substância, o feromônio,

que liberam informando, por exemplo, qual caminho seguir para buscar o alimento encontrado. Quando uma encontra comida, libera o feromônio orientando as outras a fazer o mesmo caminho. Hoje de manhã, próximo à pia, vi várias formigas mortas e duas delas andavam em círculo em volta de si mesmas. Essa cena de várias mortas e duas andando em círculos me impressionou muito. Foi então que me lembrei que certa vez li que quando uma delas se confunde e libera o feromônio pelas antenas sem ter encontrado comida, somado ao fato de outras formigas da mesma espécie seguirem o rastro da mensagem falsa, elas ficam perdidas, se desorientam, o que faz com que elas andem em círculos em busca de um alimento que não existe. Incapazes de sair do círculo, caminham e caminham até morrerem de exaustão! Esse fenômeno é chamado, curiosamente, de “círculo da morte”. É o preço do sacrifício. Esqueceram do prazer. Me lembrei daquela imagem dos internos de hospícios que ficam em grupo dando voltas e voltas. Passei um bom tempo paralisado, fazendo analogias, bem confusas, com os últimos acontecimentos. Sem conseguir achar resposta, fui fazer café. Esse que tomo agora. Como me agrada o cheiro... mais ainda o gosto. Que vontade de ver um daqueles filmes do Scorsese.

Nas primeiras semanas aqui tentei entender a mim mesmo. Mas estou velho demais para querer me entender. Creio que não preciso disso. Então, me perguntei: o que faz uma pessoa feliz? Quanto tempo dura a felicidade? E por, fim: Para que tentar arquitetar a felicidade? Por que desejamos tanto a felicidade se sabemos que o desejo pode nos trair? Já vivi inúmeras experiências e todas elas estão aqui comigo, guardadas, esperando pelo momento de revivê-las... revivê-las? Que tolice! O que posso esperar estando aqui onde estou, sabendo que bem aqui acima de mim, muitos caminham livremente sobre a minha cabeça? Se quer devem olhar para o chão. Vivo embaixo das solas de seus sapatos envernizados, feito um inseto inútil, porque assim eles os veem. Eles, os de coração de pedra. Então, passei a tentar entender os outros. Tarefa nada fácil. O sentido de querer entender os outros é querer entender a si mesmo. Coisa estúpida essa, parece que estou dando voltas... Infeliz é o homem que não consegue se isolar por vontade própria em um canto de seu quarto e, quem sabe, escapar de tudo até de si mesmo. Eu não tenho como escapar desse quarto, muito menos de mim, mas não vou vasculhar meu sonhos, desejos, esperanças... não me servem agora... se servissem... eu... eu... lá vou eu de novo cavando sonhos. Não, não! Não tenho tempo para isso.

Sinceramente, não sei há quanto tempo estou aqui. Já cheguei a me perder

entre a noite e o dia. Sei de cada mancha, buraco, rachaduras dessas paredes, teto e chão. Já percorri todos os cantos desse meu pequeno universo, perfeito em sua imperfeição. Eu sou esse quarto assim como esse quarto sou eu, somos referência um do outro, mantemos os mesmos aspectos, não veem? Lembro perfeitamente de toda discussão no dia que decidiram que, para minha segurança, o melhor seria ficar aqui, isolado, sem contato com o mundo externo, para minha própria proteção. “Temos que preservar sua vida”, disse um. “Não podemos arriscar com o contágio circulando pela cidade”, disse outro. “Podem nos responsabilizar por expô-lo ao risco do contágio”, disse o terceiro. Nem mesmo quiseram ouvir minha opinião, como se eu não tivesse uma. São três filhos. Cada um ao seu modo cuidando de seus interesses particulares como se cuidasse do coletivo. Agem por impulso. Afoitos em suas conquistas, atropelam seus pares, feito gado a caminho do pasto. Se tornaram mesquinhos, arrogantes, desprezíveis. Eu os conheço bem, sabotaram a essência do humano. A máscara eles usam não na boca e no nariz, mas nos olhos. Se deixaram contaminar por outro vírus, o vírus tóxico da estupidez.

Trabalhei por muitos anos... construindo casas, erguendo paredes, inclusive essas... e hoje quem usufrui do bem estar não sou eu. Eles, os que estão em cima, se arranjam na distribuição dos meus lucros e benefícios ao sabor de suas frívolas necessidades. Precisavam se garantir, favorecendo o ócio, e encontraram a oportunidade perfeita. Um dia saíram e voltaram com tudo o que está aqui. Às pressas, pegaram o que era necessário para “no máximo três meses”. “O vírus está incontrolável!” disse um. “Há corpos sendo queimados nas ruas!”, disse outro. “Já estão saqueando os supermercados e invadindo casas!”, gritou o terceiro. E rapidamente me trouxeram para cá. Me deixaram aqui... trancaram tudo e nunca mais voltaram... nunca! Hora e outra, ouço seus ruídos pela casa... mas o que prevalece é o silêncio... Mas, faz algum tempo que tenho percebido, dia e outro, barulhos estranhos, diferentes... ao longe...

Eles deixaram cigarros, mas eu não fumo. Deixaram sabonetes, mas esqueceram a toalha de banho. Trouxeram meus remédios, muitos, várias caixas, alguns desnecessários e outros já perderam a validade. Pelo menos não esqueceram o café que tanto gosto. Tentaram aos seus modos me cercar de tudo que julgaram ser necessário para o meu isolamento... mas esqueceram do mais importante... minha liberdade de escolha, minha autonomia. Pensam o que? Que eu gostaria de estar em uma casa de repouso, destino dos desvalidos e esquecidos? Não sou um “incapacitado”.

Pensam o quê? Que eu gostaria de estar em alto mar numa ilha paradisíaca ou dentro de um iate, um Lonian de 87 metros, com uma equipe médica particular? Ah, mas isso nunca, nunca mesmo, não sou um favorecido do sistema capitalista. Meu lugar é em terra firme. É neste solo que quero ficar, aqui, bem aqui, aqui é minha casa. É nela que quero ficar, mas não aqui embaixo. É da história que acontece lá em cima que eu quero fazer parte. Eu também sou essa história e preciso que me ouçam, me vejam, que saibam de mim.

No confinado o silêncio é companhia perfeita. No início é estranho, até perturbador, parece que você está desintegrado do mundo, mas depois você se acostuma com ele. O silêncio potencializa qualquer tipo de experiência. Mas virá o desejo do som. E você passa a prezar a necessidade do falar, da conversa.... dos sons... há tempos não ouço o cantar de um pássaro... daria tudo agora para ouvir um canto qualquer de um pássaro qualquer... um canto que invadindo esse silêncio pudesse me transportar a um outro lugar... que me preenchesse de vida... ah, já imaginaram o silêncio no espaço sideral? O silêncio no fundo do oceano? Um silêncio infinito! Como o silêncio provocado diante de uma tela de Henri Rousseau e seu deslumbrante mundo de mistérios. *(Pausa)* Que saudade da chuva, do cheiro da chuva... Há um benefício que o confinamento oferece, o incentivo para pensar, me diz Alain de Botton. Andam juntos, o silêncio e o pensar, se complementam. Nem sempre exploramos eficientemente a capacidade que temos de pensar. Como uma meditação a aliviar o espírito. Sempre que nos surgem ideias é porque estamos abandonando outras, pois uma mudança em um lugar, ressoa em outro lugar, assim como uma mudança em um pessoa, ressoa em outra pessoa... uma ação sempre leva a outra e uma outra sempre fica para trás... abandonar uma tarefa, abandonar um emprego, abandonar um relacionamento, abandonar um amigo... um parente... até mesmo repensar nossa forma de lidar com... com... por exemplo, romper com certas tradições, um pensamento conclusivo e estéril a respeito de tantos temas: científico, político, étnicos, de gênero... a tal da interdependência. Um período de pensamento em silêncio no quarto é um momento em que a mente pode se organizar e se entender... ou se perder de vez no viés do temor, da ansiedade, do desprazer, da loucura... Medos, ressentimentos e esperanças se tornam mais fáceis de nomear, mais fáceis de externar. Quem nunca teve medo dos próprios pensamentos? pois temos tempo para pensar, pensar e repensar... e quem sabe poder seguir em frente tranquilos sem resquícios daqueles pensamentos... Começamos, em passos vacilantes, a

nos conhecer um pouco melhor. Afinal, com quem estou me comunicando? Comigo mesmo? Talvez.

No isolamento é preciso ter cuidado para não se desesperar, acreditando que tudo de interessante está agora em outro lugar, lá fora, que nada fascinante, profundo ou amável pode nos acontecer, que estamos excluídos das maravilhas que o mundo e a vida podem nos dar. Mas não é bem assim. Em termos físicos, dificilmente posso percorrer grandes distâncias aqui, o máximo é de uma parede a outra, do quarto ao banheiro, mas a imaginação pode me fazer percorrer quilômetros... Imaginação, é tudo o que tenho. É a ela que devo agarrar. A imaginação pode tudo, inclusive me tirar daqui desse mundo concreto, fechado e absurdo, e me livrar da autodestruição iminente. Botton ainda me disse que viemos de uma espécie que, em apenas algumas centenas de milhares de anos, alcançou uma compreensão fascinante da existência, construiu algumas máquinas estupendas e aprendeu a pensar em si mesma como responsável. Precisamos aceitar a possibilidade de nos sentirmos, de madrugada, um pouco assustados, feitos criança com medo do escuro... até que uma lanterna possa invadir esse escuro e nos mostrar que à frente o que temos é mais escuridão. A escuridão nos revela a nós mesmos. Nela não somos perseguidos por nossas próprias sombras. Somos apenas o que realmente somos. (*Sons distantes*) Ah, aí estão os primeiros barulhos do dia que se inicia. São eles se preparando para suas rotinas: trabalho, compras, visitas, torcidas, escola, cinema, parques... sim, já ouvi sons de crianças, o que antes não havia. Já ouvi sons de corrida pela casa, risadas, gritos. Elas brincam, eu sei, ouço-as ao longe... Parece que são duas crianças. No começo eu também tentei estabelecer uma rotina, mas percebi que não era vantajoso, me acabaria no tédio, então, cedi ao caos, ao imprevisto, à espontaneidade... Escutou? Foi uma risada de criança, bem ao longe. Botton, me disse que uma das coisas sábias e belas nas crianças é que elas não têm vergonha de se explodir em lágrimas, talvez porque tenham um senso mais exato e menos orgulhoso de seu lugar: sabem que são seres pequenos num reino hostil e imprevisível, que não podem controlar, sabem que seus poderes de compreensão são limitados e que há muito para se sentir angustiado, melancólico e confuso. Por que não, em alguns momentos, se permitir cair no choro? Chorar feito criança sem medo das lágrimas e do que elas significam naquele momento. Deixar se invadir pela emoção, mesmo a mais barata, e transbordar. E quando elas, as crianças, se escondem durante o choro pode até parecer vergonha ou medo, mas não é vergonha e muito menos medo, é proteção. Protegem a si mesmas da

maldade, da ironia, da zombaria do pervertido mundo adulto. Protegem o que sentem, é que sentimentos são preciosidades.

No dia que me deixaram aqui, no momento anterior a me trazerem para cá, eu peguei algo sem que eles vissem. É muito importante e valioso para mim. É meu sumo de vida... (*abre um dos livros*) aqui... (*uma foto*) você meu amor... Flora! Minha vida, meu grande amor. Flora, eu não queria que você tivesse ido tão cedo... mas só de imaginar o que você também passaria se aqui ainda estivesse... você não suportaria, minha frágil, Flora... Não suportaria a crise e muito menos o que nossos filhos fizeram... eu sei que você não suportaria. Quem me dera agora seu doce olhar... a maciez de suas mãos... o afagar de sua voz.... a leveza de seu ser... (*Guarda a foto no livro*) Isso é amor. O amor é parte de todos, é essência do humano.

Hoje faço minha última refeição. Quando me trancaram aqui, fizeram um estoque daquilo que eu mais gosto e necessitaria para passar os tais dias de confinamento, pelo menos o que imaginaram que seriam minhas necessidades e meus gostos. Deixaram o fogareiro, a pequena geladeira, o toca cd para que eu me distraísse e, o melhor, alguns tantos livros de autores que gosto. Estranhei o exagero dos mantimentos no início, pensei que armazenavam para a garantia deles também, mas depois entendi. Fecharam tudo, me deixaram incomunicável. Diziam preocupados com a contaminação. Diziam que o confinamento duraria de dois a três meses. Que precisavam me poupar de todo e qualquer sofrimento. "A peste é muito perigosa e feia", diziam. "Há corpos guardados em freezers de bar" e "Os hospitais estão super lotados, não há remédios, não há médicos". Há fome, há sede, muita fome, eu sei, sempre soube, mas por que só agora se preocuparam com a fome? Desde quando a fome os atinge? Havia um desgoverno geral, isso sim. O povo abandonado. São muitos mortos. Eu sei que muitos morreram, o que não significa que eu dentro de minha própria casa, nos cômodos do meu lar, também morreria. Quem dos nossos morreu? E quem sobreviveu? Entre mortos e vivos não há derrotados e vitoriosos, só há o vazio dos incapacitados. Os incapazes do diálogo, do afeto. O mundo caminha em direção a um novo holocausto... O vírus é rápido, letal e não é seletivo, eu sei. A natureza reage a tudo: terremotos, vulcões, tempestades, eclipses, pestes... Ah, eu sei, eu sei! Estou exagerando... Mas assim eu via o mundo, e não me convenceram a estar aqui, me obrigaram... não aceitei, não cedi, apesar de tanta pressão. Mas, e agora? Agora que estou aqui, quem se lembra? Quem sente minha falta? Não, eu não sou Deus para encontrar prazer na solidão, não. E não sou uma fera para ficar preso em

uma jaula. Esse pequeno pedaço do inferno, de dias duros, já faz parte da história desse país e vai torturar a memória de todos para sempre. Digo isso por experiência própria: eu estou nele pela segunda vez. A história não me deixa mentir. É provável que eu já tenha alcançado a idade de ser jogado fora, ser dispensado. Mas, eu tenho o direito de lembrá-los que estou aqui e que estou, enfim, a caminho da morte. *(Gritando)* Eu estou aqui! Não adianta esperar viver em um mundo justo, adianta apenas lutar por um mundo justo. Isso basta.

Um dia, a crise que assola o mundo e nossas mentes será história. Mas não será esquecida facilmente, nos rondará feito fantasma por anos e anos. Teremos a sensação de que havia um mundo antes e outro que veio depois. O contraste será espantoso e confuso. As lembranças não cansarão de invadir nossas memórias em flashes vertiginosos. Talvez até dediquem uma data comemorativa de seu fim, ou quem sabe uma imagem, uma grandiosa estátua em homenagem para que não esqueçamos que um dia foi preciso olharmos para nós mesmos, olharmos um nos olhos do outro e nos enxergamos inteiros e iguais. Não está em nossas mãos a chance de evitar a crise, mas podemos impedir seu avanço e depende muito de nós determinar o que a crise pode significar e o que ela pode mudar em nós. O que ela vem nos ensinar? Sim, ela veio revelar nossas feridas, veio cutucá-las, fazer sangrar. Como na vida pessoal, os colapsos têm a capacidade de levar a avanços. Que avanços podem vir? Daria tudo para saber o mundo que nos aguarda depois de tudo isso. Haverá mundo depois? Se houver, que mundo será esse? Quem habitará esse mundo? O que nos restou enquanto humanos nesse mundo? Ah, que falta me faz um outro corpo humano para no mínimo me reconhecer nele, para sentir outras vez o toque de pele, o calor do afeto. Eu quero um abraço, apenas um abraço, aqui agora!

Flora, eu disse que não sei, mas eu sei bem o tempo que estou aqui, eu sei... *(arranca de uma das paredes as folhas de jornal ali pregadas. Por trás, a parede com vários traços marcados contabilizam os dias ali)* Eu sei... Já são mais de cinco anos... mais de cinco anos... o que sou? Um sobrevivente? Uma vítima? Não, eu sou a resistência, Flora, a resistência. Que mundo há lá fora agora nesse exato momento? Eu também quero o mundo de volta. Não sei os números finais contabilizados, digo sobre as mortes. Mas sei que nessa estatística cabe mais uma. Momentos de perda de coragem pertencem a uma vida corajosa. Afinal, para que serve um homem velho como eu? Estou no meu fim não por escolha. Fui praticamente enterrado vivo. Hoje é o dia de minha última refeição. Vou ler, Flora, um dos textos que você tanto amava...

VOZ EM OFF - Finalmente, Yudishsthira descobriu seus quatro irmãos mortos em frente ao lago e sentiu fraquejar seu coração. Os mortos não apresentavam marcas de ferimentos. Então, a sede feroz também o atingiu e ele tombou de joelhos em frente ao lago.

- Primeiro, responde minhas perguntas - disse-lhe a voz de dentro do lago - depois te deixarei beber.

- Interroga-me - disse ao lago.

E o lago perguntou:

- O que é mas rápido que o vento?

- O pensamento.

- O que é o que pode cobrir a Terra toda?

- A escuridão

- Quem são mais numerosos, os vivos ou os mortos?

- Os vivos, porque os mortos já não são.

- Me dê um exemplo de espaço.

- Minhas duas mãos juntas.

- Um exemplo de tristeza.

- A ignorância.

- Um exemplo de veneno.

- O desejo.

- Um exemplo de derrota.

- A vitória.

- Qual é o animal mais astuto?

- Aquele que o homem ainda não conseguiu encontrar.

- O que surgiu primeiro: o dia ou a noite?

- O dia, mas somente precedeu a noite por um dia.

- Qual é a causa do mundo?

- O amor.

- Qual é o teu oposto?

- Eu mesmo.

- O que é a loucura?

- Um caminho esquecido.

- E a revolta? Porque os homens se revoltam?

- Para encontrar a beleza, seja na vida, seja na morte.

- O que é inevitável para todos nós?

Vyása conta que, antes de responder, Yudishsthira pensou talvez na longa sucessão de reencarnações, ao final da qual se atinge a libertação. Por isso, respondeu:

- A felicidade.
 - E qual é a grande maravilha?
 - Cada dia a morte golpeia a nossa volta e vivemos como imortais. Eis a grande maravilha.
- Então, o lago disse a Yudishsthira:
- Que teus irmãos voltem à vida, pois eu sou Dharma, teu pai. Eu sou a retidão, a constância e a ordem do mundo.

VELHO - É lindo! Isso é muito lindo! Isso é esperança pura, Flora! Eu me agarro a isto e à você, como únicos motivos para ainda estar aqui (*já fraco*). Ah, Flora, se você me visse agora... O que reservou a vida para mim com a sua ausência... Não sou fraco, Flora, é que eu estou fraco... esquecido... abandonado... (*Fraco barulho de porta de abrindo*) O que? Não é possível... (*Barulho mais forte de porta se abrindo*) Quem disse que não há esperança? (*A porta se abre. Luz, vindo da porta, invade o ambiente. Sombra de uma criança*)

Black out.

**Observação: A escrita de "Ainda há vida aqui embaixo" se deu e um momento de confinamento no qual me envolvi com leitura de vários textos em diversos suportes. Neste texto há apropriação de pequenos trechos de outros textos, necessários para apresentar o universo proposto para a personagem. Contribuições de Robson Vieira e Papoula Bicalho via perfil no facebook. Entrevista de Alain de Botton feita por Awdrey Furlaneto e publicada no site <https://oglobo.globo.com/sociedade/alain-de-botton-estar-confinado-em-casa-um-incentivo-para-pensar-1-24335343>. Também há trechos de texto de Bertolt Brecht e de O Mahabharata de Krishna-Dwaipayana Vyasa.*

OS BROWNIES DA VOVÓ ZULMIRA

Clarice Lippmann ⁹
(Rio de Janeiro – Brasil)

⁹ Roteirista,
colunista da
Revista Prosa,
Verso e Arte,
poeta da página
"Achados
e Perdidos
– Poesia".
Advogada.

Abertura

O cenário consiste em três ambientes: sala de estar (cadeiras alinhadas e uma bicicleta elétrica apoiada), escritório (escrivaninha, laptop, muitos livros e alguns vasos de plantas) e um terceiro ambiente, ainda vazio. No fundo do palco, uma televisão ligada bombardeia notícias sobre a necessidade de quarentena e fim de aglomeração e circulação de pessoas. No palco, estão JONAS (25 anos) e ANTENOR (21 anos).

Antenor, sentado. Jonas, de pé, andando de um lado para o outro. Ambos discutem acaloradamente.

JONAS - Porra, Antenor, isso vai ser uma merda. Como que a gente vai se manter?

ANTENOR - Você tá preocupado com isso? Não fode, Jonas. Tua avó ainda te dá mesada.

JONAS - Mas é pouca grana. Quem tá bem é tu! Seus pais pagaram faculdade de filosofia na PUC pra você, moleque! Tu ocupa seu tempo fazendo curso de extensão de psicanálise. Nem pode falar de mim.

ANTENOR - E cê tá me vendo reclamando de dinheiro?

JONAS - Deveria. Sem poder sair na rua, sem poder procurar emprego, a gente vai ter que ficar sugando nossas famílias, isso se puderem nos ajudar. Não dá pra bancar esse apartamento aqui assim não.

ANTENOR - Tu tinha que "tar" preocupado é com esse isolamento.

Ele aponta para a televisão ligada com as notícias.

ANTENOR - Isso é pra deixar geral ferrado de cabeça. Sem saber quando

vai acabar, como que vai acabar... As pessoas deprimem. Isso é “pulsão de morte” purinha. Não vão ter onde liberar agressividade, sexualidade, confinamento é foda...

JONAS - Ah, lá vem você com esses papos chatos pra caralho. Vamos escolher comida porque pelo menos entrega tá funcionando.

Jonas, no celular, começa a decidir o que vai pedir de comida. Fica descendo a tela, absorto, ignorando Antenor.

ANTENOR - ...Confinamento faz as pessoas mudarem seus hábitos sexuais, até. Preferências. Libera questões que elas negam, geralmente. Acho que tem um viés interessante nisso tudo.

JONAS - Cala a boca, moleque. Pensei num troço aqui.

Jonas mostra o aparelho celular para o amigo. O rapaz arrasta Antenor até um quarto ao lado da sala, com muita iluminação de palco, para parecer natural. Alguns vasos com maconha plantada mostram a produção artesanal dos dois. Jonas aponta para os vasos, falando:

JONAS - É isso. Vamos botar a maconha pra jogo.

ANTENOR - Quê?

JONAS - Pensa comigo. Entregas vão continuar funcionando, tão falando na televisão e tudo. A galera vai pedir delivery a rodo. O que vai faltar pras pessoas? E o que que não falta demanda na zona sul? Maconha.

ANTENOR - Cê quer vender maconha? Porra, se descobrem isso e pegam a gente? Imagina ir preso em quarentena?

JONAS - Mané preso. A gente faz disfarçado. Tu sabe fazer uns brownies fudas. Você faz os brownies, a gente recheia com maconha, e entregamos como se fosse algo de confeitaria mesmo. Tem disso pra caramba. Ninguém vai desconfiar.

ANTENOR - Acho que você tá muito otimista.

JONAS - Não é otimismo, é empreendedorismo. Eu tenho a bicicleta. Posso ir de máscara, de luva, entrego pros moradores. Você fica cuidando das entregas, por telefone e por internet. Cuida da propaganda, de fazer os doces... Dá pra gente se organizar.

ANTENOR - Você quer o quê? Abrir um aplicativo de entrega de maconha? Brownie da "Lucinha". Brownie do "Jojô". Brownie da Vovó Zulmira, porra?

Jonas anda de um lado ao outro enquanto Antenor gesticula, incrédulo.

JONAS - Esse nome é bom. O da avó.

ANTENOR - Tu tá maluco.

JONAS - Vai dar certo, confia. Ou você tem alguma ideia melhor, filósofo?

Antenor fica quieto, olhando para o amigo.

ANTENOR - Uma fornada só. Uma só de teste, e a gente lança o aplicativo. Mas só pra ver qual é.

JONAS - Beleza.

Ambos apertam as mãos e saem do palco.

Sequência 01:

Algumas modificações no palco. O escritório está com muitos papéis de embalagens acumulados no lixo. Antenor está na sala de estar, empilhando caixinhas amarradas de forma singela. Ajeita os ombros e solta um suspiro.

JONAS - Pra quem queria fazer só uma vez, você tá real curtindo, hein.

Jonas conta notas de dinheiro em reais.

ANTENOR - Não tô curtindo nada, mas é o que tem pra hoje. Vai, leva a remessa.

Ele volta a empilhar as caixinhas prontas para entrega dos brownies e as aponta

para Jonas.

Jonas sai, colocando os brownies em uma mochila. Veste luvas e máscara de proteção, sobe na bicicleta e está saindo do palco, pedalando. Antenor suspira. Parece mais cético do que Jonas. Ele anda até a escrivaninha, abre o laptop e passa a ler um artigo de psicanálise. As notificações não param. É possível escutar o apito ininterrupto das mensagens pelo delivery.

ANTENOR - Caralho, o Jonas arrumou um problemaço pra gente... Essas porras só acumulam.

Ele franze as sobrancelhas, surpreso.

ANTENOR - "Juzinha - Humaitá" mandando mensagem... Hmmm. Jonas mostrou foto dela, mó gata.

Ele franze ainda mais as sobrancelhas.

ANTENOR - "Você tem um tempinho pra eu desabafar?" Caramba... A mulher tá tão mal que quer falar com o zé do delivery. Foda, essa quarentena.

Antenor continua a ler a mensagem de Juzinha.

ANTENOR - "Eu tenho tido uns sonhos bizarros depois de comer os brownies de vocês. Achei que era efeito deles, mas sei lá. É esquisito, tô com vergonha de falar".

Antenor ri e narra o que está digitando.

ANTENOR - "Pode falar, temos sigilo de cliente e fornecedor".

Ele aguarda ela responder. A resposta da cliente vem em áudio, que ele ativa.

JUZINHA DO HUMAITÁ - "Cara... É muito estranho, mas eu tive uns sonhos direto com dinossauros. Primeiro começava com umas paradas menos estranhas, tipo que eu jogava volley com uns dinossauros, ia na praia com uns dinossauros. Eles tinham minha altura e tal, lembravam aqueles dos filmes do Spielberg".

Antenor segura o riso, mas parece muito interessado. Ele a responde com um áudio:

ANTENOR - Pode falar, tô ouvindo.

JUZINHA DO HUMAITÁ - "É que sei lá... Depois os sonhos ficaram mais intensos."

ANTENOR - Intensos como?

JUZINHA DO HUMAITÁ - "Tipo... Eróticos?"

Antenor levanta e sai correndo pegar um livro em cima da escrivaninha. O título: "A Interpretação dos Sonhos", de Sigmund Freud. Começa a folhear, empolgado.

ANTENOR - Cara, isso tá longe de ser estranho. Os sonhos têm um significado, todos eles vêm de uma origem... Inconsciente. São símbolos, saca? Transar com dinossauros é só você dando espaço pros seus desejos reprimidos.

JUZINHA DO HUMAITÁ - "Mas eu claramente não quero transar com um dinossauro".

ANTENOR - Você não quer. Mas você quer transar, e não pode. Daí seu inconsciente projeta no dinossauro, que seria um parceiro seguro, que não tem como te passar doença, que não tem que fazer quarentena...

Ele sai do palco enquanto segura o celular e o livro com outra mão, mandando o áudio.

Sequência 02:

O terceiro ambiente do palco enfim é utilizado. Um terceiro personagem entra no palco junto de Jonas. Jonas está usando máscara e luvas, bem como a mochila das entregas está em seus ombros. O terceiro personagem está parado em um canto, e simula abrir uma porta.

JONAS - Aqui a entrega, chefia.

Jonas deixa os pacotes na frente da porta do cliente e vira de costas.

CLIENTE - Obrigado. Mas, rapidinho.

Jonas se volta para ele, na distância segura de 1,50m.

JONAS - Perdão?

CLIENTE - Será que você teria um tempinho? Que nem o outro rapaz, o que atende online?

JONAS - Tempinho?

CLIENTE - É, se não tiver mais entregas hoje.

JONAS - Até não tenho não, mas...

CLIENTE - Ótimo, muito obrigado.

Ele puxa uma cadeira que estava alguns metros atrás e coloca no umbral improvisado da porta.

CLIENTE - Hoje foi um dia difícil. Eu não consegui parar de lavar as coisas. É estranhão isso de ficar trancado, comecei a achar que tava tudo sujo. Eu já tinha essas manias de organizar as coisas, sempre fui muito sério, sabe? Principalmente no trabalho. Mas agora que a gente fica de home office, tem tempo livre demais... Cara, eu gastei uns 3 vidros de desinfetante hoje limpando meu armário inteiro. E nem sei direito porque fiz isso. Não tinha nada sujo lá.

JONAS - Você tirou o que tinha dentro?

CLIENTE - Claro. Aí botei todas as roupas pra lavar também. Não tenho muita coisa, então coube na máquina. Mas vai ser foda estender tudo no varal.

Cliente ri meio nervoso.

JONAS - E por que você achou que as coisas tavam sujas?

CLIENTE - Não sei. Volta e meia eu fico me pegando ajeitando, organizando.

No trabalho eu não deixava ninguém mexer nos meus porta-lápis. As canetas tinham que ficar iguaizinhas do jeito que eu colocava.

JONAS - Então na falta de ter o que mexer no trabalho, cê tá mexendo em casa?

CLIENTE - Não sei, será que eu tô?

JONAS - Parece que sim, né. Você deve estar lidando assim.

CLIENTE - É... Acho que a gente se vira como pode.

JONAS - Tenta comer os brownies antes de começar a organizar. Quem sabe não te deixa mais tranquilo e você fica menos preocupado com isso.

CLIENTE - É, tem efeito relaxante mesmo. Deve ajudar com essas obsessões.

Cliente se levanta e pega a cadeira.

CLIENTE - Obrigado mesmo, viu? Vocês dois são espertos. Vou recomendar os serviços pros meus amigos, principalmente por causa desse atendimento especial.

JONAS - Atendimento especial?

CLIENTE - É, essas consultas de vocês. Poxa, tão segurando a onda legal. Boas entregas e boas sessões pra vocês!

Ele fecha a porta e se despede. Sai do palco. Jonas sai do palco também, na direção contrária, reclamando.

JONAS - Isso com certeza é invenção do Antenor.

Sequência 03:

Antenor e Jonas voltam ao palco. Antenor está de pé com um livro de Freud nas mãos. Jonas está sentado, com cara de tédio.

ANTENOR - Mais ou menos pela primeira infância, entre os dois e cinco

anos, a criança desenvolve afeto pelo genitor do sexo oposto, e uma repulsa pelo próprio sexo. É o que pode gerar o chamado complexo de Édipo.

JONAS - Já falei que só vou ficar ouvindo essas porras se você me deixar fumar enquanto isso.

Antenor rola os olhos, desagradado.

ANTENOR - Depois você não vai se lembrar de nada. Como é que vai convencer cliente de que é terapeuta assim?

JONAS - Eu não quero convencer cliente de nada. Você começou essa porra.

ANTENOR - Você que começou essa porra, a ideia dos brownies foi sua!

JONAS - E eu não meti terapia nessa história. Eu só falei de entrega. Agora às vezes tô tendo que ouvir mimimi e chororô dos outros por sua culpa. Quem vai ficar maluco sou eu!

Ele pega um beck do bolso e acende.

ANTENOR - Porra, a gente tá ganhando em dobro por isso! Muito mais gente pedindo nossas entregas.

JONAS - E muito mais gente enchendo o saco também.

ANTENOR - Então se você não quer falir ou ser denunciado, tem que manter os clientes agradados. Escuta, não é difícil.

Jonas respira fundo e puxa mais um trago.

ANTENOR - O complexo de Édipo se estrutura e se mantém enquanto essa competitividade é estimulada no ambiente de desenvolvimento...

O celular de Antenor começa a tocar. É uma videochamada.

ANTENOR - Ah, caramba, tenho uma sessão agora.

JONAS - É a minha deixa, então.

Com um sorriso enorme, Jonas se levanta e pega a mochila das entregas. Se prepara pra sair do palco.

ANTENOR - Não esquece do dever de casa!

Ele joga o livro de Freud para Jonas, que o pega e o xinga de volta:

JONAS - Vai cozinhar teus brownies, terapeuta de boteco.

Enquanto Jonas sai, Antenor atende a videochamada, saudando o "paciente-cliente".

Sequência 04:

Em dois planos, Jonas e Antenor atendem clientes. Em uma metade do palco, Antenor, de casa, responde videochamadas e telefonemas seguidos. Em outra metade do palco, Jonas, a um metro e meio de distância em halls de apartamentos diversos, atende presencialmente seus pacientes. Um terceiro ou quarto ator se reveza em diferentes figurinos, simbolizando que são personagens e portas diferentes. Cada um deles com um questionamento diferente.

CLIENTE 2 - Eu não consigo mais cuidar das minhas plantas. Toda vez que olho pra elas, choro.

Jonas assente, ouvindo o cliente.

JONAS - Chorar é bom, solta essa tristeza, parceiro.

No outro plano ao lado, outro cliente fala com Antenor.

VIDEOCHAMADA 2 - Não sei mais viver sem fazer live. Outro dia eu fiz live do meu gato dormindo por três horas. E teve gente assistindo. E pedindo mais!

ANTENOR - As pessoas veem essas coisas pra se sentirem integradas. É a necessidade de socialização e dinâmica de grupo. Mesmo que seja por meio da desculpa de ver seu gato dormindo.

CLIENTE 3 - Eu pintei a minha vassoura e coloquei um balde na cabeça dela. Igual aquele cara do BBB. Pior que agora quando olho pra ela, fico lembrando da minha ex. Tô ficando maluco.

Jonas arregala os olhos, mas escuta o paciente.

JONAS - Você só tá carente. Aí né... A vassoura dá jeito, a gente vê o que quer ou precisa ver. Acontece.

Foco volta para o diálogo de Antenor, em outra videochamada.

VIDEOCHAMADA 3 - Eu comecei a ter um medo de ovelhas. Toda vez que aparece uma ovelha num filme, eu fico pra morrer. É bizarro. Passo mal.

ANTENOR - Você usou lã recentemente? Tipo um casaco, algo assim?

VIDEOCHAMADA 3 - Não. Não uso, sou alérgico.

ANTENOR - Tá explicado. Hipocondria. Neurose normal, você tá projetando nas ovelhas...

Antenor e Jonas saem do palco, ainda falando com seus clientes, simbolizando que as consultas continuam.

Sequência 05:

A televisão ao fundo da sala com narração demonstra que a quarentena está em vias de terminar, com muitos serviços já reabertos. Poucos pacotes de "brownies" são vistos em cima da mesa da sala. Antenor e Jonas parecem um pouco preocupados.

ANTENOR - Peraí que tá chegando mais mensagem. Opa... Peraí... É a Juzinha do Humaitá.

JONAS - Aquela gostosa que a gente entregou na primeira semana?

ANTENOR - Ela mesma... "Muito obrigada por tudo que vocês dois fizeram, rs. Vou querer manter as sessões mesmo com tudo voltando ao normal".

JONAS - Pô, legal. Ela eu atenderia feliz. Pena que você que já começou atendendo.

ANTENOR - O cara do prédio feio da esquina é teu cliente fiel, ao menos.

Os dois riem. Estão se dando melhor.

JONAS - Chato pra caralho, parece você. Sempre fala do gato dele. Já mandou mensagem também, agradecendo os serviços. Te mostrar aqui.

Jonas pega o celular e vai mostrar para Antenor. Porém, surpreso, vê que tem muitas mensagens acumuladas.

JONAS - Caramba... Tem umas dezenas de clientes aqui agradecendo. E falando de manter a terapia.

ANTENOR - Essa porra deu mais certo do que a gente esperava.

Os dois riem um pouco juntos, de novo.

JONAS - E agora?

Ambos se entreolham e olham para os livros de Sigmund Freud acumulados em cima de uma cadeira. As luzes se apagam, é o tempo do palco ser modificado.

Sequência Final:

Jonas e Antenor estão no palco. Está bem diferente, sem cadeiras, apenas uma escada encostada em uma prateleira apoiada em uma das paredes do palco. Jonas sobe na escada, carregando uma placa. Começa a ajeita-la, como se a colocasse em uma marquise.

ANTENOR - Ajeita isso logo, cara! Tenho pacientes hoje.

JONAS - Vai se foder, moleque! Deixa eu arrumar isso direito.

É possível ler "Clínica J.A. - Terapia Moderna" na placa. Percebe-se que os "brownies da vovó Zulmira" deram outros frutos. Assim que ajeita a placa, Jonas desce das escadas, olha a placa e bate as mãos por ter feito um bom trabalho.

Antenor limpa o suor da testa, mesmo sem nenhum esforço físico, dando um tapa no ombro do amigo. Estão sorridentes.

JONAS - Agora eu que tenho uma aula de verdade pra ir. Segunda faculdade, hein? Vou ficar mais cult do que você.

ANTENOR - Boa, moleque, é isso aí. Vai arrasar.

Jonas coloca uma mochila nas costas e tira, de dentro dela, o livro "Introdução à psicanálise".

Um futuro terapeuta em ascensão.

Fim

DONA HELENA NÃO PODE PARAR

Clei Grött ¹⁰
(Barcelona – Espanha)

¹⁰ Ator de teatro e cinema. Atuou em diversos espetáculos, projetos audiovisuais e de performance. Vive na Espanha. Este é seu primeiro texto para teatro.

*Personagens: Dona Helena
Adélio*

Cenário: o espaço remete a uma sala de estar. No meio do palco há um sofá de frente para o público. Atrás do sofá há uma tela em branco para projeções.

CENA 1

Dona Helena tem 70 anos. Ela está no chão de sua sala tentando fazer algumas posturas de ioga que vê em uma live no Instagram. O conteúdo do celular aparece na projeção atrás do sofá. Ela está de costas para o público e de frente para a projeção. Depois de algum tempo tentando fazer as posturas, ela para e se vira para o público. Sua maquiagem é muito exagerada.

DONA HELENA - *(Para o público)* O bom de fazer essas *lives* é que eu posso parar quando eu quiser que ninguém me vê. Se tivesse todo mundo lá junto com a professora eu não ia querer dar o braço a torcer. É que quanto mais eles me olham com cara de “ai que fofa a velhinha fazendo ioga” mais raiva me dá e mais eu quero fazer tudo bem direitinho. O que é um saco. Porque às vezes é difícil, sabe? Mas eu tenho certeza que quando a professora fala “cada um no seu limite, tá?” ou “aqui ninguém precisa provar nada pra ninguém” é pra mim que ela tá falando. Eles acham que a gente não percebe. Pois daí mesmo é que eu quero encostar o pé na cabeça. *(Indignada)* Velhinha, velhinha...

A live continua no fundo. Dona Helena vai para a coxia e volta com uma taça de vinho. Ela tenta fazer mais algumas posturas e então para, senta no tapetinho e bebe o vinho. Ela interage com a professora, respondendo perguntas e comentando instruções debochadamente.

DONA HELENA - *(Para a tela)* Aham! Sim, sim! Claro! No meu limite! Não professora, não tô sentindo dor nenhuma nessa postura. Tô! Tô sentindo bem a parte interior das coxas! Aham! Acho que eu consigo fazer a mais avançada. Peraí. Olha! Consegui professora! *(para o público)* Ai como é

melhor fazer ioga à distância! *(levanta-se, arruma os cabelos e para diante do público)* Boa noite. Meu nome é Helena, eu tenho 70 anos. Eu sou do grupo de risco, por causa da minha idade. Minha saúde é boa, faço ioga três vezes por semana. Mas, mesmo assim, eu tô no grupo mais vulnerável. Quando tudo começou, eu fiquei um tempo confinada. Daí liberaram geral. Só que morreu tanta, mas tanta gente, que mandaram nós, do grupo de risco, de volta pro confinamento. Agora já perdi as contas de quanto tempo faz que eu não saio de casa. E a gente não sabe onde isso vai dar.

A live ao fundo é interrompida por uma chamada telefônica.

DONA HELENA - Alô? Oi. Sim, tudo bem. E com vocês? Hum. Filha eu já falei que não precisa. Eu já tô fazendo assim faz tempo. E o menino que traz as compras, o Adélio, é muito querido. Sim, sim. Tá sempre de máscara, de luva, tudo certinho. A gente sempre bate um papo pelo interfone antes de ele ir. Ele tá feliz com esse trabalho novo. A empresa abriu logo que começou a pandemia. Se especializaram em serviços pros idosos confinados. Tem serviço de assistência com as finanças, serviço de companhia pela câmera se você quiser alguém pra conversar, passeio virtual pela Europa com guia, carteado em grupo... Eu só uso o serviço das compras por enquanto. Então não se preocupa. Se você vier vai ser pior, vai te atrapalhar. Tá. Tá bom. Tchau filha. *(Para o público com mudança brusca de tom)* Não sei por que ela ainda insiste nessa balela de que quer me trazer as compras. Imagina se eu aceito. Ela ia ficar puta da cara. Mas não. Deus me livre ela fazer minhas compras. *(Bebe todo o resto do vinho da taça)* Ia me encher o saco, falar que tá preocupada. Ou melhor, ia ter que fingir que tá preocupada. E eu ia ter que fingir que acredito que ela tá preocupada. Ah não. Muito trabalho. Me deixa. *(imita a filha)* "Ai mãe se cuida, por favor. Vai que acontece alguma coisa." Acontece alguma coisa? O que é essa tal dessa coisa? Por que todo mundo fala que pode "acontecer alguma coisa"? *(Em tom debochado)* "Se acontecesse alguma coisa contigo eu não ia saber o que fazer!" "Deus me livre se te acontece alguma coisa!" *(Indignada)* Fala logo duma vez! Tão achando que eu não sei do que vocês tão falando? O certo é: "Ai mãe se cuida, por favor. Vai que você MORRE." "Se você MORRESSE eu não ia saber o que fazer!" "Deus me livre se você MORRE." É isso! Ah! Me deixa. Me deixa que assim tá bom. *(Cantarolando)* A verdaadeeee é que assim tááá bom...

Dona Helena tem uma condição. Ela não consegue expressar sentimentos

profundos, revelar segredos ou falar verdades constrangedoras através da fala. Por isso, em momentos de aflição, ela externaliza questões mais sérias através de “acessos de canto”. As melodias não têm padrão ou estilo. As “canções” não têm métrica. Ela apenas entoa frases aleatórias, sem nenhuma técnica, para conseguir se expressar.

DONA HELENA - *(Tendo um acesso de canto)* Me deixaaaa assiiiiim como tá. Que assim tá tãããã bom. Tá tããããoo boooooom. *(Vai para a coxia cantarolando e volta com mais vinho na taça)*. Aquiiii. Nesse apartamento só meu. E nessa vida que agoraaaa... Finalmente! É só minha. Minha minha minhaaaaa. Não quero mais ninguém. Ninguém fazendo minhas compras, vindo almoçar na minha casaaaaa, deixando netoooo pra eu cuidaaaaar, dizendo que to bebeendo demais. O Adélio sim! O Adélio eu quero sim. Siiiiim. Adélio sim. Sim. Sim. Alôôô! O Adélio, poooooor favor! Aqui é aaaa Dooooona Heleeeena. Preeeeeciso das comprinhas da semanaaaa. Anote tuuudo Adélio. Tudo. Isso. Anote tudo bem anotadinhoooo meu Adelinhoooo. *(Vai para a coxia e volta com uma garrafa inteira)*. É pão. É queijo. É pão de queijo. É manteiga! Cooooom saaaaaal. Éééé o iogurte. Activia! É três gaaaarrafas daquele viiiiiinho vinto. E mais três daquele outro branco. E mais três do rosêêê! Adélio! Não esquece do vinhooooo! E do lu lu luuuu, bri briiii bri, ficanteeee! Lubrificaaaannteeee! Não quero mais. Não quero ninguém encheeendo meu saco. *(O tom do canto vai entristecendo)* Ninguém enchendo meu saco. Enchendo de soco. Que sufoco. Que diabo. Que filho da puta. Que desespero. Me deixa. Deixa o meu cabelo. Me deixaaaaa. Não precisaaaaa. Fazer minhas compras não. Minha filha. Do putto. Da puta. Da putaaaa.

CENA 2

Toca o interfone. Ela não ouve. Está perturbada. O interfone toca de novo. Ela desperta, se recompõe e atende.

DONA HELENA - Alô. Oi Adélio.

Ela atende o interfone pelo celular. Na tela ao fundo vemos Adélio na câmera do interfone do edifício. Adélio tem aproximadamente 20 anos. Ele está com máscara, luvas e com o uniforme da empresa. A camiseta do uniforme é verde e amarela e tem a logo #PARCEIRIDADE. Ele aproxima um cartaz da câmera com a mensagem: “TIRE O ‘S’ DA CRISE, CRIE!”

ADÉLIO - Oi Dona Helena. Ó! Essa é a frase que eu te falei outro dia. Tire o "S" da crise. Se tirar o "S", crise vira crie. Entendeu? O patrão mostrou pra nós num treinamento. Legal né? Tire o "S" da crise, crie! Ele sempre fala isso.

DONA HELENA - *(Ajeitando os cabelos)* Ai que legal Adélio.

ADÉLIO - Sim! Agora ouve essa: "O único lugar onde o sucesso vem antes do trabalho é no dicionário." Entendeu? É isso Dona Helena. O negócio é ralar. Ah! E na sala do patrão também tem um cartaz assim ó, bem do lado da bandeira do Brasil: "Não pense em crise, trabalhe!"

DONA HELENA - Hum. Que legal. Trouxe minhas compras?

ADÉLIO - Tá tudo aqui sim! Já vou botar no elevador.

DONA HELENA - Tá. Vou abrir.

Ela abre o portão e vemos Adélio entrando no prédio enquanto Dona Helena termina de ajeitar os cabelos, coloca um casaco, depois luvas e máscara. Adélio volta para frente da câmera.

ADÉLIO - Prontinho! Já tá subindo!

DONA HELENA - Tá. Espera aí.

Dona Helena vai para a coxia e volta com as sacolas. Ela bota tudo no sofá e confere os itens.

DONA HELENA - Faltou o esmalte Adélio.

ADÉLIO - O esmalte tá aí Dona Helena. Era o "Nunca fui Santa" né?

DONA HELENA - Não. Era o "Ninfa", que é mais clarinho Adélio. Cansei daquele vermelhão.

ADÉLIO - Eu vou buscar o "Ninfa" então.

DONA HELENA - Deixa, deixa. Eu fico com esse mesmo.

ADÉLIO - Desculpa Dona Helena. Da próxima vez eu trago o certo. Espero que a senhora não fique chateada e me avalie mal lá no aplicativo.

DONA HELENA - Adélio...Você é um anjo. Sempre vou te dar 5 estrelas.

ADÉLIO - Brigado. Não sei nem como agradecer. O patrão fica em cima com esse negócio das estrelas sabe? Mas Dona Helena, mudando de assunto, já saiu a papelada?

DONA HELENA - Tá pra sair essa semana. Tô esperando.

ADÉLIO - Ah que bom. E o que a senhora vai fazer com o dinheiro?

DONA HELENA - Ai querido. Tenho mil planos. Queria dar uma boa festa de aniversário. Mas não dá né? Nem pensar. Ou então queria fazer um cruzeiro, uma viagem, sei lá... mas também não pode. Então eu não sei Adélio.

ADÉLIO - Calma Dona Helena. Pode ser que até lá já esteja tudo normal.

DONA HELENA - Vai saber o que vai ser normal daqui pra frente. Quem diria que eu ia viver uma coisa dessas. Nunca imaginei que aos 70 anos eu ia tá dando banho em garrafa de vinho, em lata de milho, em conserva de pepino. Que eu ia saber o tempo de gestação de uma elefanta, de uma cachalote, de uma salamandra alpina. Que ia ter na ponta da língua os nomes de todos os esmaltes. E, principalmente, *(Pausa)* que eu ia tá me sentindo assim... Mas e a sua família? Como tá?

ADÉLIO - Minha mãe voltou a trabalhar. O auxílio do governo acabou e ela não teve outra opção. Meu irmão ainda tá querendo se mudar pra Portugal. Só que deixar eu e minha mãe aqui é complicado né? E dinheiro pra levar todo mundo não tem.

DONA HELENA - É. É complicado né? Mas vai saber... Quando a gente menos espera... *(Longo silêncio)* Tá bem querido. Até semana que vem. Tenho que botar as coisas na geladeira.

ADÉLIO - Tchau Dona Helena. Se precisar é só chamar.

DONA HELENA - Tchau querido.

Ela desliga o interfone e a tela se apaga. Dona Helena leva as sacolas para a coxia.

CENA 3

Ela volta com outra taça de vinho, senta-se no sofá e cai num choro repentino.

DONA HELENA - *(Chorando)* Os esmaltes são: Aventura na Selva, Topless, Ai amiga, Beijo roubado, Ha ha ha, Manjar de tapioca, Me belisca, Azulcrination, As inimigas choram, Cartão sem limite, Paz interior, Conte tudo. Conteeee tudooo... *(Bebe mais vinho e começa a cantar. Levanta-se do sofá em novo acesso de canto, dessa vez triste)* Conte o que você precisa cooontar. Diga o que você precisa dizer. Fale o que você precisa falaaaaar. Que papelada é essa Dona Helena? Que papelada é eeeeeessa? Que papelão Dona Helena! Que dinheiro? Que segurooooooo? Que vidaaaaaa? Segura essa vida! Essa morteeeee! Que mariiiiido? Aquilo não era marido... Não era amor. Era ciladaaaaaaaa. Caladaaaaaa! Velhinha. Sua velha de merda. Não precisaaaam mais de você. Gruuupo de riscooo. Risco na cara. Arranhada. Apanhada. Acabadaaaaaa. A economia não pode parar. A economia não pode parar. Não pode parar, não pode quebrar, eu vou te quebrar, não pode quebrar, eu vou te quebrar, não pode quebrar, eu vou te quebrar!

A taça de vinho cai e se estilhaça no chão. Ela se assusta, seca as lágrimas e busca um kit de maquiagem.

DONA HELENA - *(Perturbada, para o público)* Essa maquiagem que eu fiz. Ficou boa? Tão vendo o nariz? Tá bonito? Aprendi nos tutoriais. Com as drag queens. *(Retoca a maquiagem)* Elas fazem assim ó. Você pega o lápis e faz um risco daqui até a ponta do nariz. E na pontinha você faz uma bolinha. Entendeu? Aí dá a impressão que o nariz é mais fino. Não é incrível? Não tá parecendo um nariz mais delicado? Isso de eu cantar... Eu já fui no psiquiatra. Disseram que pode ser um distúrbio, uma síndrome, não sei o nome. É que eu não consigo falar algumas coisas. Essas coisas difíceis. Eu não sei o que acontece que eu só consigo falar cantando. Não tem como controlar. Deve ser porque eu queria ser cantora. *(Ri nervosa)* Modelo e manequim também. Vocês tinham que ver o corpinho. Eu tô com medo de morrer. Eu não tenho nenhum sintoma. Mas eu tenho medo de morrer. Daqui da minha janela

sempre eu vejo um grupo de pombos. O coletivo de pombos é revoada. Uma revoada de pombos. Nome bonito pra um animal tão nojento. Os pombos se reproduzem até 5 vezes por ano. O macho choca os ovos de dia e a fêmea de noite. Em 18 dias os filhotes de pombo já nascem. A elefanta pode levar até 720 dias para dar à luz! Que nojo! 18 dias! Isso é um absurdo! Se um apartamento fica vazio, eles logo tomam conta de tudo. E, olha, tem muito apartamento esvaziandooooo. Daqui eu vejo uma revoada de pomboooooos... *(em novo acesso de canto)* Daquiiiiii da minha janela eeeee vejo uma revoada de pombos. O caixão vaiiiiiii e os pombos vêêêêm. Não fica ninguém. E os poooombos vêm! No começo eles tinham ocupado uuuuum apartamento. Depois dois, depois três, depois quatro e agoraaaaa... Agoooooora já sããã 10 apartamentos! 10 apartamentos só no condomínio da frenteeeee! As sacadas infestadaaaas de pombos! As plantas já secaram. As janelas, claro, nunca mais ninguéééêm abriu. E já tão cheias de merdaaaaa. Merda de pombo. As imobiliáááárias logo vão chegar. As imobiliárias não podem parar, não poodeeem quebrar. Dona Heeeeeeena não podeeee parar. *(Começa a chorar de novo)*.

CENA 4

Chega uma notificação no celular. Ela corre para olhar.

DONA HELENA - *(Surpresa)* Chegou uma temporada nova da minha série preferida!

Na tela começa a projeção de um documentário sobre animais. Ela busca uma nova taça de vinho.

DONA HELENA - *(Para o público)* Eu tô vendo todos os filmes, séries e documentários sobre planeta, natureza, animais, essas coisas. Dizem que a culpa é dos morcegos. Agora a culpa é dos morcegos. Era só o que me faltava...

Ela assiste ao filme e bebe vinho. O celular toca. O volume do filme baixa.

DONA HELENA - Alô? Oi filha. Eu tô bem sim. Por quê? Hum. Faz três meses? Hoje? Sim, sim. Hoje. Claro, filha. Claro que eu lembrei. Acendi uma vela pra ele já de manhãzinha. Rezei pra ele. Rezo toda noite. Teu pai era um homem tão bom. Ai que saudades, né minha filha? *(Na tela aparece uma cena de*

animais se acasalando) Hum. Sim. Eu já doeí as roupas. Faz tempo. Não tem risco de ter vírus aqui. Como? Eu tô segura sim. Pode ficar tranquila que eu tô segura. Aaaaah! O seguro? Tinha entendido segura. Bom minha filha, tão pra me ligar. Tô esperando. Sim eu te aviso. Fica tranquila que eu te aviso. Tchau! *(Desliga o telefone. Para o público)* Não vejo a hora de acabar essa história de seguro. É só o que falta pra eu ficar livre de vez. Mais livre. Porque eu nunca fui tão livre. Livreeee!

Bebe mais vinho e aumenta o volume do filme que agora mostra gorilas acasalando ao som de uma música romântica.

DONA HELENA - *(Em novo acesso de canto)* Livreeeee! Chega de almoço em famíliaaaaa. De lavar prato. De genro chato. De engolir sapo. De filho da puta me jogando sapatoooo. De tapa. De tapa na cara. Me deixaaaaaaa. Meu sovaco tá cabeludo. Pra que? Depilar as pernas? Pra queeee? Eeeeu toooo livreeee. Livre como uuuuuma pooomba. *(A música romântica sobe, ela se deita e começa a se masturbar)*. Livreeee!

O filme é bruscamente interrompido por uma chamada telefônica.

DONA HELENA - Alô. Sim é ela. Oi Doutor Assis. Ah tá. Por favor, pode deixar o envelope no elevador e apertar no 7º andar? Daí eu assino tudo e amanhã você pega de volta, pode ser? Muito obrigada Doutor Assis! *(Ela coloca um casaco, luvas e máscara e sai. Volta para cena com um envelope tamanho A4. Abre o envelope e analisa os papéis)*. Ricardo Justino Sales. Casado. 76 anos. Militar. Aposentado. Causa da morte: síndrome respiratória aguda grave *(Faz uma pausa e respira fundo)*. Dados da apólice. Dados do assegurado. Indenizações. Beneficiários. *(Faz nova pausa e olha para o público)*. Esse homem... Esseeee homeeeeeem... *(Ensaia novo acesso de canto, mas tenta se controlar)* Eu casei com esse homem em 1973. Foram 47 anos de casamento. Ele tinha 1,70m e 60 kg. Tava magro nos últimos tempos. Mas as mãos tavam cada vez mais grossas. Começaram a engrossar lá pelos 40, 45. Os dedos foram ficando gordos, pesados. As mãos dos homens vão pesando com o tempo. *(Pausa)* As mãos dos homens vão ficando cada vez mais pesadas, mais pesaaaadaaaaas... *(De novo ela tenta se controlar)*.

Dona Helena sai de cena perturbada. As luzes se apagam.

CENA 5

Cria-se uma atmosfera de show, com luzes especiais, fumaça e música instrumental de fundo. Ela volta ao palco. Está vestida de forma muito glamorosa. Carrega um ar de diva. Posiciona-se diante de um microfone e dessa vez canta de verdade.

DONA HELENA - Essa canção eu fiz pra esse momento tão especial que eu tô vivendo. A ela eu dei o nome de "Não posso parar".

NÃO POSSO PARAR

O ódio escorreu pras tuas mãos
E elas estão cada vez mais pesadas
Nosso espaço está apertado
Nosso tempo, arrastado
E tuas mãos, cada vez mais pesadas

Eu, que vivia sufocada
Agora te vejo cada vez mais sem ar
E essas tuas mãos tão pesadas
Ou estou embriagada
Ou estão a me suplicar

Que eu te baixe a febre
Que eu te cure a dor
Que pena meu velho, que pena
Eu não posso parar

Digo que ele está dormindo
Que não há porque se preocupar
Sua velha está aqui, firme e forte
Bem longe da morte
Do teu pai vou cuidar

Mas se não tem mais vaga
Se é pra ficar em casa
Eu aproveito pra me libertar
Me chamam de velha
E eu digo na cara

Que esse país quebre
Que sejas só torpor
Que pena meu velho, que pena
Eu não posso parar

Todo mundo morre um dia
Que demente presidente
Mas nos matam bem antes
Já não somos valentes
Muito menos importantes

Não vão mais pesar em mim
Essas tuas mãos de velho
Não há mais ar, vou assinar
E deixo tudo pro Adélio
Pode me condenar

Que a minha vida segue
Que livre, sou flor
Que pena meu velho, que pena
Eu não posso parar
Que pena meu velho, que pena
Eu não quero parar

Fim

A SOLIDÃO DE NÃO ESTAR SÓ

Daniela Diniz e Márcia Regina ¹¹
[cia víÇeras]
(Brasília – DF)

¹¹ Daniela Dramaturga e atriz no grupo cia víÇeras, roteirista e consultora da Stelios Produções, diretora do Instituto Soma Cidadania Criativa. Márcia Diretora e atriz no grupo cia víÇeras, fundadora da Baleia Filmes, integrante dos coletivos CoisAzul e AntiStatusQuo

Espectáculo em um ato. Duas janelas de vídeo na tela do computador mostram o fim de tarde no quarto de Márcia de um lado e da cozinha de Daniela do outro. Uma música ressoa do fundo da casa da Márcia.

MARCIA - Você ainda está aí?

DANI - *(Do fundo do quadro)* Estou. Vim só botar água para ferver. Nem acredito que a gente passou o dia todo conectada.

MARCIA - Isso é que a síntese de expressão – tão longe, tão perto.

DANI - Isso é o nome de um filme não é? Que eu deveria conhecer, mas não sou cult o suficiente para você.

MARCIA - Para de drama Dani...

DANI - Drama? Olha quem está falando! Sorrir não dói, Márcia. Juro. Sei que agora você deve estar pensando – “Vai se lascar”. Mas você bem poderia achar graça. Afinal, todo mundo sabe que sorrir não dói.

MARCIA - *(Sorrindo)* Vou te dar razão que é para encerrar logo esse assunto. Senão daqui a pouco você começa a ler a sua coletânea de memes da quarentena, aí você morre de rir e eu morro de tédio.

DANI - Você não tem senso de humor.

MARCIA - Claro que tenho. Só que ele é seletivo.

DANI - Não me diga...

Silêncio. Dani termina de passar café, Marcia levanta e começa a arrumar as

coisas do quarto.

DANI - *(Sentando diante da tela)* Fico solitária nessa cidade. Mas gosto. O meu prazer masoquista evidente de estar sozinha. Sem as máscaras dos amigos, da família, do conforto do cachorro que te lambe os dedos. Tem certos momentos na vida que o silêncio é a melhor coisa, duro e cinza como a laje a céu aberto. Me regozijo dentro de casa, feliz em saber que pelo menos agora, não sou a única.

MARCIA - Sim, sozinha e sem aquela sua corrida no sol. Você tá se transformando em cinzas bem na minha frente. E, vai entender por que, isso me dá saudade de você. Saudade até das pessoas que eu nunca conheci, saudade da minha mãe. Saudade do futuro, dos amores que eu ainda vou ter. Saudade do que eu vou ser. Você diz que não tenho jeito porque procuro inventar um prazer que ninguém sentiu ainda... Mas eu gosto dessa falta de jeito. E dessa busca. O que a gente procura muito não é isso nem aquilo. É outra coisa. Você tá certa, eu não sei o que procuro, deve ser por isso mesmo que procuro. Pareço boba? Porque vivia olhando aqui e ali, nos rachados do piso, nos ninhos dos caramujos, nas panelas, nos cobogós, nos espaços vazios... E encontrava coisas que não procurava

DANI - *(Interrompendo)* Meu maior prazer ultimamente tem sido deitar na fresta da janela que entra sol. Toda nua. E fingir que estou pegando vitamina D. Essa é a diferença entre eu e você: você vive procurando uma verdade, essa verdade profunda... Eu gosto é das coisas bestas e de fingir. Fingir que está tudo bem, quando todo mundo sabe que não está.

MARCIA - Olha o drama de novo.

DANI - Quer ouvir drama de verdade? Então, eu liguei para Larissa.

MARCIA - Mentira! Depois de toda aquela discussão?

DANI - Sim. Exatamente porque a discussão, para mim, passou longe de resumir a nossa situação e fiquei com várias coisas presas na garganta, na cabeça e no coração, por isso resolvi ligar. Não vou ser orgulhosa e fingir que a situação está resolvida para mim. Aprendi que o orgulho só é bom quando nos orgulhamos de outra pessoa... O orgulho próprio só imobiliza,

nos impedindo de fazer o que deveríamos ou o que gostaríamos de verdade. Principalmente porque na hora da discussão nem sempre falamos o que queríamos ou as ideias ficam entrecortadas e perdidas... Quando falei que me senti muito só durante esse semestre, estava falando de uma solidão que vem de dentro, uma solidão que não tem nada a ver com o sentimento dela por mim, o apoio da minha família ou a atenção dos meus amigos. Apesar de eu me sentir só, eu sei que isso não é culpa de ninguém, que decorre do fato de estar insatisfeita comigo mesma e com vários aspectos da minha vida... É uma das facetas da depressão, por mais leve que seja... E essa consciência é que me permite não projetar a minha solidão nos outros nem esperar que eles possam ser a causa ou solução do meu problema... No fundo, sei que só eu posso me ajudar, apesar de nem sempre ter as forças para isso.

MÁRCIA - E a Larissa, disse o que?

DANI - Que entendia o meu ponto, mas que ela não tinha tempo pra conversar, porque tinha que ir ao mercado para a mãe dela que é idosa e estava sem comida. Ela desligou, sem dó nem piedade.

MÁRCIA - Engraçado isso, de ser sempre a gente que tem que resolver a nossa própria vida. A pergunta é – o que você viu em nela? Não estou negando as qualidades dela, tenho certeza que um sem número de razões ao longo da sua vida demonstraram. Nem vale responder aqueles clichês tipo “que o suave sabor dos lábios dela faz sua carne triste quase feliz”. A pergunta certa em meio a tudo isso seria: Porque você se irrita tão facilmente com ela? Ainda que seja impetuosa, não é para tanto... Eu também me irrito muito. Agora então, quase zero paciência. A parte difícil da resposta, que me levou tempo para perceber e, agora que sei, é que na verdade eu me irrito porque estou confusa e em dívida comigo mesma. Sabe Dani, você me lembra uma parte de mim que não existia mais, ou pelo menos eu acreditava não existir, sepultada e dormente na memória. Eu era uma criança que queria mudar o país e acreditava que bastava a vontade para fazer isso. Uma criança que pousava na humanidade olhos de possibilidade. De esperança. Hoje só uso essa palavra para dizer que a esperança é a última que morre e a primeira que nos decepciona. O meu alento está na crença de que por meio da Arte, eu posso propor uma discussão para além do palco. Um encontro do público com a realidade e não com a atriz. Que as pessoas sejam provocadas a

sentir, a pensar e quem sabe, possivelmente agir. Não como uma grande massa unida em passeata. Agir mas pequenas ações do dia- a- dia que, somadas, podem mudar o curso da vivência social.

DANI - Voltando a nós. Aí vem a questão. O que é mais importante, corrigir as mesquinhas do presente, ou plantar possibilidades para o futuro? E é essa pergunta que encontro escrita nos seus olhos, toda vez que me espelho dentro deles. E diante da vazia morte de alguém, de tantas pessoas no mundo, que provavelmente valiam tão mais do que eu, que você, a dúvida: Que diferença faz de fato, o que nós fazemos ou deixamos de fazer? Somos dados a viver um tempo linear, sem possibilidades de voltas e recomeços. Cada decisão molda o caminho e não é possível trilhar para trás. Sei que existem outras questões entre nós, sobre os quais seriam necessárias várias conversas dessas. Mas nesse momento aqui, nesse agora, me contento com este desabafo.

Marcia decide não responder, sabendo que a amiga no fundo está fazendo uma provocação. Ela coloca uma música que envolve o ambiente. Elas cantam juntas "Café Amargo" de Joe Silhueta. Márcia dança no quarto.

DANI E MARCIA - *(Cantando)* Passe um café amargo/ Acenda o meu cigarro/
E cante para mim uma canção atroz/ Do tempo de seus bisavós/ Com voz de quem molhou os olhos/ Numa tempestade/ Eu tento tanto meu amor/ Mas nunca posso/ Lá fora está chovendo há horas/ E eu aqui secando/ Cante para mim um tango/ Acenda outro cigarro/ E faça com que a noite não desabe em nós/ De um jeito que eu bem conheço quando ela é feroz/ Com garras finas afiadas e cruéis mordidas/ Eu fico tonta/ De tanto pensar na vida/ Às vezes quero a despedida/ Desse mundo farto.

Silêncio, Marcia bebe água. Dani faz uns rabiscos...

DANI - A gente tem saudade de umas coisas que nem imagina. Como a fila da lotérica. Mas até que foi boa essa quarentena, porque eu estava jogando muito. Mega Sena, Lotofácil, Time mania... Aí no isolamento comecei a pensar, porque que eu estava jogando tanto? Aí me dei conta que eu não estava feliz, que eu queria mudar, ser diferente, ter outra vida. Você pode até não acreditar, mas eu já fiz de tudo para mudar. Mas na lotérica eu sempre me confortava com aquela fila gigante atrás de mim, tipo fila de véspera do

bolão da virada, aquele povo todo... Nu! Como tem gente infeliz nesse Brasil! Depois, esse dias, eu pensei que talvez a infelicidade simplesmente faça parte da condição humana. Talvez a infelicidade e a ansiedade, simplesmente façam parte da condição humana na nossa sociedade judaica cristã ocidental. Pensei que talvez a infelicidade, ansiedade e frustração, façam parte da nossa condição humana nessa sociedade judaica cristã ocidental, latino-americana. Só pode ser que a infelicidade, ansiedade, frustração e solidão façam parte da nossa condição humana nessa sociedade judaica cristã ocidental, latino- americana, de colonização portuguesa. Então no fim de tudo, pensei que talvez, só talvez, a infelicidade, a ansiedade, frustração, a solidão e medo de ser quem a gente realmente é, simplesmente façam parte da nossa condição humana nessa sociedade judaica cristã ocidental, latino-americana, de colonização portuguesa e democrática!

Silêncio. Dani chora. Marcia não sabe o que fazer na impossibilidade do abraço. Depois de um tempo, ela tenta distrair a amiga.

MARCIA - Eu tive o sonho mais estranho essa noite. No começo eu enxergava tudo embaçado, como se tivesse caído. Não sabia mais como tinha chegado ao chão. Vagas memórias de um passado muito distante, um cheiro de bolo quente e flor de laranjeira, misturava com um amargo de sangue velho na boca. Com muito esforço consegui olhar para frente. Um escada enorme. Curva e cravada de espinhos nos degraus. Mas eu tinha que subir, não podia desistir. Sabia que a vida dos outros dependia de mim. A vida dos outros e a minha morte. Imaginava o que viria além da porta depois da escada, e tive náuseas. Seria bom vomitar. Trocar um gosto amargo por outro diferente. Com esforço, apoiei nos joelhos. A tonteira de levantar trouxe uma vertigem misturada com o rosto dele, de alguém, de nada. Mas dentro de mim eu sabia que aquilo em breve seria nada. Olhei mais uma vez para a porta no alto, para as pontas dos pregos espetados para cima no chão e comecei a subir. Primeiro passo, nem senti a dor dos furos. Sentia apenas uma enorme opressão no peito, cada vez maior, na medida em que meu coração acelerava mais e mais e parecia não caber dentro do meu peito esburacado. Quando eu abrisse a porta, quem ainda estaria lá? Será que continuavam vivos? Haveria sentido no meu sacrifício? Sentia meu corpo ferver. A mão quente na pedra fria de repente me jogou para uma consciência repentina. Lembrei de tudo que tinha passado presa, trancada. Viver lá dentro fazia ainda menos sentido do que morrer. Essa certeza encheu minhas pernas de

convicção e me ajudou a ultrapassar o degrau de onde caíra a primeira vez. Pé por prego fui subindo, passando o lugar onde caíra a segunda vez. Sorria. Eu sabia que assim que abrisse a porta, estaria mais livre do que os que vieram antes. Livre para sempre. Finalmente cheguei no topo da escada, coloquei a mão na maçaneta e.... Acordei.

DANI - Ixe... Aposto que você vai sonhar isso de novo. Várias vezes. Que vai toda noite sofrer para subir e no final, nunca abrir a porta.

MARCIA - Credo. Você me mata na unha sabia?

DANI - O que isso quer dizer exatamente?

MARCIA - Não sei...

DANI - Porque diz então?

MARCIA - Também não sei...

DANI - Me mata na unha?! O que vai dizer depois? Que eu sou a navalha na carne, o esfolar vivo, o corroer das entranhas? A gente inventou esse sentimento de culpa para ficar sofrendo e controlando comportamento social! Mas a culpa também serve de uma grandessíssima muleta pra jogar a responsabilidade pra cima dos outros. As coisas não têm razão de ser, ainda assim são fadadas a acontecer. E quem tem culpa da inevitabilidade da existência? Eu pedi para nascer? Não. Você pediu? Não. As árvores? Os carros pediram para serem criados? Esse café? Não! A gente criou essa pandemia? Não! E ainda assim estamos todas aqui nessa merda de mundo. Paciência. Ninguém tem culpa da inevitabilidade da existência. É justamente por isso que eu não consigo compreender porque você haveria de querer que fosse diferente.

MARCIA - Tá vendo.

DANI - O quê?

MARCIA - Você me mata na unha.

DANI - Afe. Tudo que eu digo, você diz que é drama.

MARCIA - Tá bem. Eu sei que não é drama. Mas também não precisa colocar tanta energia na coisa. Isso que somos hoje já não seremos amanhã. Não carregarei comigo as forças e as fraquezas que eu tenho agora. Sinto o ar com cheiro de café que a minha mãe acabou de passar. E daqui a pouco ele já esfriou. Isso que me pesou tanto naquela manhã de domingo, não me parece importante hoje. E se eu chegar na janela e te ver do outro lado da rua, na sua janela. E se um pássaro passar. E eu te acenarei pela janela com vontade daquele abraço que um dia a gente deu e o calor passou. Na hora do meu parto eu fui bicho e pari mais uma menina nesse mundo doido. Hoje já não sou mais bicho e minha menina já é mulher. Meu sorriso largo e leve sem preocupação também passou e passaram meus passos de vento. Minha mãe passará, minha avó passou. E os rastros também vão se esvaindo com o tempo. Um xale que minha vó costurou pra mim e eu vendi no brechó. Nunca mais, ela fazendo tricô. Nunca mais minha vó me dando conselhos. Nunca mais o cheiro dela na minha pele. O tempo é que se encarrega de levar tudo. Os fardos também passam, se transformam em outros. Os sons são tão efêmeros, como aquele avião que te interrompeu quando você me falava palavras de amor. O amor também passará? Eu nunca lavei o xale que minha vó costurou pra mim. Tinha o cheiro dela, mas passou. Ficou o cheiro de mofo. Por isso eu vendi. Não me servia mais. Passaram os gritos de criança na casa, passou o peito cheio de leite, as danças de festa junina, a solidão também passou. Por isso, a certeza – o que estamos vivendo agora, também passará, como sempre.

Silêncio

DANI - Então acabamos?

MARCIA - Acho que sim. Vou tomar banho. Você vai ficar por aí?

DANI - Talvez, se a internet não cair. Não gosto de ficar sozinha. Acho que vou lavar louça enquanto você toma banho.

MARCIA - Tá bem. A gente se fala.

Márcia levanta e sai de quadro. Logo depois ouvimos o chuveiro ligado. Como

se não quisesse sair do mundo virtual, Dani ainda demora um pouco na tela. Depois, conformada levanta para lavar a louça. No vídeo das duas telas já é noite.

Fim

A NOVA PRISIONEIRA DA CASA

Dani Rougemont ¹²
(Rio de Janeiro – Brasil)

¹² Atriz e autora no Limiar Grupo de Teatro. É monitora da Escola de Roteiro Levante 42 e coordenadora professora da Escola Janelas para a Arte.

Mais um apartamento de família como tantos outros. Visíveis estão: a sala e a cozinha. Uma TV compõe o ambiente. Marisa e Jonas orbitam Ana, a recém chegada. Cosme observa Ana, como se esta fosse um mistério a se decifrar. De todos os presentes, apenas Ana está de máscara. Ela exhibe uma folha de papel.

ANA - Antes de qualquer coisa: Negativo! Estou completamente livre e inofensiva.

MARISA - Saúde, nada mais importante! Começamos bem!

JONAS - Meus amores reunidos. Nem estou acreditando.

ANA - Já me sinto de casa.

JONAS - Nosso primeiro programa em família! De muitos!

ANA - De todos. A gente não pode mais sair.

JONAS - Desde criança eu assisto filme com meus pais: Domingo sim, Domingo não. Mamãe adora. Vira do avesso se não tiver o cineminha em casa. Fala para ela, mãe. Fala para ela como você adora isso.

MARISA - Não quer tirar a máscara?

ANA - Me sinto segura com ela.

MARISA - Bom saber que você tem respeito pela vida, Ana. Digo isso porque esse aqui é o oposto. Eu preciso praticamente colocar uma bola de ferro nos seus pés, para garantir que ele não vai sair de casa.

JONAS - Estou vivendo num cárcere privado.

MARISA - Você está vivendo numa pandemia.

JONAS - *(de chamego com Ana)* Não tenho mais nenhum motivo fora de casa para querer sair.

ANA - Sou super caseira. Não era fã da rua antes e muito menos agora.

MARISA - Sendo assim, se for para ficar em quarentena, que seja em família. Nossa base segura e livre de doenças. Né, Cosme?

COSME - Com certeza... Estar seguro é o que a gente mais quer.

ANA - Obrigada por abrirem as portas para mim. Se não fossem vocês, eu rapidinho seria encontrada.

COSME - Por quem?

ANA - Pelo vírus.

JONAS - Isola.

ANA - Ninguém gostaria de correr perigo. Não é?

MARISA - Então, sinta-se a nova prisioneira da casa. Já estava na hora de conhecer você assim: frente a frente.

COSME - A máscara não deixa a gente te ver bem. Você tem que ficar com ela o tempo todo?

MARISA - O tempo que você quiser, Ana. Eu não largo o álcool em gel. Daqui a pouco esqueço minha mão dentro do pote. *(Para Cosme)* Deixa a menina.

COSME - Apenas perguntei. Sabe como é: a dúvida não conhece a saída da nossa cabeça. Se a gente não a coloca para fora, ela continua.

ANA - O senhor é bastante perspicaz.

COSME - Bem, escolham o filme. Vou fazer a pipoca. Me ajuda, Marisa?

MARISA - Você precisa de ajuda para fazer pipoca, Cosme?

COSME - *(Descontraindo)* Assim é o casamento. Ainda dá tempo de pular fora, hein?! *(Para Marisa)* Por favor, querida.

Marisa cede. O casal se encaminha para a cozinha.

MARISA - Cosme, você precisa ser mais independente. Fazer pipoca é a coisa mais fácil do mundo.

COSME - Lembra da mulher que foi presa há um tempo atrás e que morou naquela casa velha no fim da rua? Ela era criança na época.

MARISA - Lembro. O que tem?

COSME - Lembra o nome dela?

MARISA - O Jonas deve saber. Jonas...

COSME - Cala boca, mulher! Ele não pode saber.

MARISA - Claro que pode! Ele brincou com ela quando era pequeno. Depois perderam o contato, mas na infância tiveram até um namorquinho.

COSME - Pois é... Nunca mais a viu. Não sabe como ela ficou depois de adulta. Você não entende onde quero chegar?

MARISA - Você está achando que a esposa do nosso filho é a nossa ex-vizinha presa?

COSME - Estou. Estou achando sim. É exatamente o que eu estou achando.

MARISA - Que ideia mais estapafúrdia! Por quê?

COSME - Não é estranho para você ela estar de máscara?

MARISA - Estamos numa pandemia, homem! O que mais tem é gente máscara!

COSME - Dentro de casa? Não, não... Está esquisito.

MARISA - Tem gente que é cismada com tudo. Não é todo mundo que é desencanado que nem a gente, não.

COSME - É para a gente não reconhecer ela...

MARISA - Ele reconheceria ela.

COSME - Será? E se reconhecesse, contaria tudo para gente?

MARISA - Acha que ele está acobertando ela?

COSME - Ele é burro o suficiente para acobertar ou pra sequer perceber.

MARISA - Você está paranoico.

COSME - Se falavam pela internet... Namorou a distância... Ela sempre enrolada para encontrar ele... Sempre uma historinha diferente... Mas na verdade o motivo era sempre o mesmo, né? Gente presa não sai para encontro nenhum.

MARISA - Mas gente presa namora pela internet? Como? Nem celular pode ter.

COSME - As histórias por aí, Marisa. As histórias por aí. Você parece que nasceu ontem.

MARISA - Pior que...

COSME - Pior que o quê?

MARISA - Era Ana alguma coisa...

COSME - Está vendo?!

MARISA - Baita coincidência.

COSME - Coincidência... HÁ HÁ. Quero só ver...

MARISA - Tripa!

COSME - O que isso?

MARISA - Chamavam ela de "Tripa". Por isso que eu não estava lembrando o nome.

COSME - Apelido de gente boa, né?

MARISA - "Tripa" porque ela era muito magrinha. Maldade de criança.

COSME - Depois a maldade foi dela. Presa por assassinato. Três pessoas da própria família morreram na mão da sujeita. Isso te diz alguma coisa?

MARISA - Acho que não ficou totalmente comprovado.

COSME - Quer comprovar você?

Ana chega tão discreta que não é percebida pelo casal. Jonas está com ela.

ANA - Eu ajudo.

MARISA E COSME - Ahh!

ANA - Desculpa! Assustei vocês?

JONAS - Nunca vi pipoca tão demorada.

COSME - A gente não encontrou o milho.

JONAS - Que pena, não é a mesma coisa filme sem pipoca.

ANA - O importante é que nós estamos juntos de novo.

MARISA - De novo?

ANA - Sim, antes na sala, agora na cozinha

MARISA - Ah, sim. Que coisa boa...

ANA - Separamos três opções de filme.

JONAS - Melhor o filme de crime, amor. Meu pai gosta.

COSME - Eu gosto do quê? De crime? Eu não gosto de crime. Nunca gostei.

JONAS - Filme de crime, pai.

COSME - Quem disse? Eu nunca disse.

MARISA - Para com isso, Cosme.

COSME - Vamos ver um filme de amor. Melhor. Ou uma animação bem inocente...

ANA - Suspense também é bom.

COSME - Amor! Filme de amor. Bastante amor.

ANA - Combinado. Filme de amor.

JONAS - Vocês não vêm?

COSME - Tenho que fazer a pipoca...

JONAS - Sem milho?

MARISA - *(Bem artificial)* Vamos lá! A sessão vai começar!!

Retornam à sala. Enquanto Jonas prepara a exibição do filme, Cosme puxa assunto.

COSME - Sua família é grande, Ana?

ANA - Sou órfã. Depois que meus pais morreram, meu irmão sumiu pelo mundo. Fiquei só.

MARISA - Desculpe perguntar, mas eles morreram de quê?

ANA - Causa desconhecida. Os médicos acreditaram que foi algum tipo de mofo. Casa velha tem disso.

COSME - Você morou numa casa velha...

ANA - Sim...

JONAS - *(Simpático)* Pronto! Vai começar. Agora é zíper na boca.

Começam a assistir o filme. Jonas e Ana concentrados na tela. Marisa e Cosme concentrados em Ana, mas tentando disfarçar. Eles sussurram entre si.

COSME - As histórias batem.

MARISA - Ela não tem cara de assassina.

COSME - Primeiro que não existe uma cara de assassina. Segundo a cara dela está escondida atrás da máscara.

MARISA - A vizinha usava aparelho no dente. Será que essa usa?

COSME - Ela já teria tirado, né? Fora isso, a cara dela está escondida atrás da máscara!!

Ana e Jonas percebem o comportamento dos pais.

JONAS - Querem mudar de filme?

MARISA - Não! Está ótimo!

JONAS - E você sabe disso mesmo sem olhar pra tela?

COSME - *(Para Ana)* Como são seus dentes?

MARISA - Cosme!

JONAS - Que isso, pai?

MARISA - Eu lembrei onde está o milho. Me ajuda, Cosme?

JONAS - *(Estranhando)* Você precisa de ajuda para pegar o milho, mãe?

MARISA - Coisas de casamento...

Cosme e Marisa se afastam.

ANA - Seus pais são inquietos assim mesmo?

JONAS - Estão mais que o normal. Eu acho, amor, que é a máscara.

ANA - Devo tirar?

JONAS - Não... Pelo contrário. Eles são meio paranoicos com doença.

ANA - Ai, que chato. Eu deveria ter vindo depois da gripe.

JONAS - Relaxa, mas não tira a máscara de jeito nenhum perto deles. Um espirro e você é tacada lá na portaria.

ANA - Deus me livre! Pode deixar.

Marisa e Cosme na cozinha.

MARISA - Você não pode ser um pouco mais discreto, não?

COSME - Escapuliu! Acho que é essa pressão toda que estamos passando. A cabeça começa a criar fantasia.

MARISA - Fantasia... Talvez não seja...

COSME - Agora que eu me acalmei você fala isso?

MARISA - Olha como ela mexe no cabelo. Disfarça! A Tripa tinha essa mania.

COSME - Você pode parar de falar “tripa”, por favor? Essa palavra me dá uma gastura.

MARISA - Que seja... A outra Ana...

COSME - Já sei. A criminosa era Ana o que?

MARISA - Ana Cláudia... Tenho quase certeza.

COSME - E essa?

MARISA - Essa não sei.

COSME - Você não sabe o nome completo da sua própria nora?

MARISA - Você sabe, por acaso? (...) Eu estou realmente incomodada agora. Como vai ser a gente aqui trancada com essa pessoa, sem saber toda a verdade? A gente não morre de vírus, mas morre de Ana... *(Fazendo as aspas com as mãos)* Morre de “mofo”!

COSME - Uma família inteira acordou morta. Ou melhor, não acordou, né? Veneno... Lembro muito bem... Como a gente dorme nessa casa agora?

MARISA - Tem como levantar a ficha criminal dela pela internet? A gente precisa investigar. Não vou viver nessa agonia.

COSME - Pior é o isolamento, né? Se a gente der um grito pedindo socorro nesse corredor, qual vizinho vai aparecer para ajudar? Colocam até mais tranca na porta.

MARISA - Será que ela está armada.

COSME - Veneno é o estilo dela. Marca registrada.

MARISA - Ai, morro de medo de morrer assim.

COSME - Percebe que a culpa toda disso é do Jonas, né? Não temos um diálogo decente com esse moleque. Ele sempre foi assim. Só na véspera, ele chegava dizendo que iria viajar. Lembra disso? A gente achava que era pra nossa casa lá em Iguaba, mas não, era pra Austrália. Austrália, Marisa! Na véspera! E quando saiu de casa? Levou um tempão para passar o endereço. Não conta nada pra gente. E quando conta é pela metade.

MARISA - Se ele não fala, a gente descobre.

COSME - Aonde você vai???

MARISA - Vou resolver de uma vez por todas.

COSME - Marisa!!

Marisa de volta, seguida por Cosme.

MARISA - Me fala mais de você, norinha.

JONAS - Cadê a pipoca?

MARISA - *(Irritada)* Que pipoca, Jonas?

JONAS - A senhora não tinha descoberto onde estava o milho da pipoca?

MARISA - *(Com firmeza)* Eu sou boa de descobrir as coisas, Jonas. Tenha certeza disso!

COSME - Marisa, pega leve.

MARISA - Você usa aparelho no dente?

JONAS - Por que o dente da Ana virou foco do nada?

ANA - Não uso, mas já usei.

Marisa e Cosme se olham.

MARISA - Você é Ana o que?

ANA - Ana. Apenas Ana.

MARISA - Só Ana.

ANA - Só Ana.

MARISA - Ana mais nada.

ANA - Ana mais nada.

COSME - Geralmente Ana faz parte de um nome composto, né?

ANA - Pois é, geralmente, mas eu sou Ana e para por aí.

MARISA (*Desconfiada*) - Para por aí... O que você quis dizer com isso??

COSME - Marisa?

JONAS - Mãe?

MARISA - Seu nome para por aí ou você está falando para eu parar por aí?

ANA - Meu nome para em Ana.

MARISA - Sabe, Ana, só Ana, seria bom se a gente se conhecesse um pouco mais. Vamos ficar nessa quarentena, presos por um bom tempo. O que você acha disso?

ANA - Por mim tudo bem. Eu estou acostumada a ficar presa.

COSME - Como assim??

ANA - Estou acostumada a ficar isolada. Tive uma educação muito rigorosa, fiz vários retiros de meditação, fiquei internada por um bom tempo também e por último...

JONAS (*Interrompendo Ana*) – Ana só fica confinada estudando. Desculpa, amor. Te interrompi?

ANA - Não tem problema, meu amor. Quero fazer outra faculdade. Isso se os planos não mudarem.

COSME - Os planos podem mudar?

ANA - O mundo pode mudar. A gente não sabe como vai ficar.

MARISA - Tira a máscara, por favor.

COSME - Marisa, vai com calma!

MARISA - Tira a máscara. E eu te pedi por favor.

JONAS - Mãe o que está acontecendo aqui? Ela só está se recuperando de uma gripe.

MARISA - Tira a máscara e depois coloca de novo. Simples.

ANA - Jonas, devo...?

JONAS - Não, amor. Você pode ficar a vontade. É aquilo que eu te falei...

MARISA - O que você falou para ela? Você está dando informações daqui de casa para ela, Jonas Augusto? Eu estou ficando nervosa!! Melhor não me provocar!!!

COSME - Tira assim rapidinho, ó!

JONAS - O que deu em vocês?

MARISA - O tempo que a gente está aqui ela já teria tirado a máscara umas mil vezes. Não estou entendendo o mistério. Você tem dessas coisas, Jonas! Você tem dessas coisas!!

COSME - Por que você só disse que iria para a Austrália na véspera??

MARISA - Não puxa coisa de lá de trás, Cosme!

JONAS - Vamos embora, Ana!

MARISA - Não antes de ela tirar essa maldita máscara!

JONAS - Ela não vai tirar máscara nenhuma! Eu vou colocar a minha e nós vamos embora!!

COSME - Embora pra onde? Não se pode ir a lugar nenhum!!

JONAS - Embora para onde uma pessoa possa ficar gripada em paz!

MARISA - Então, eu mesma tiro a máscara dessa safada!

ANA - Não precisa me ofender!

MARISA - Eu não vou permitir que você faça mal a minha família!!

COSME - Pega ela, amor!

JONAS - Eu já disse que é só gripe!!!! Vocês estão histéricos!!!! Será que eu sou o único calmo desta casa????!!!

MARISA - Ninguém vai morrer envenenado aqui, Ana CLÁUDIA!

COSME - Te pegamos!

JONAS - Peraí!!! Ana Cláudia não era aquela vizinha que eu namorei e que foi presa??

ANA - Vizinha que você namorou e foi presa???

JONAS - Eu sei, amor! É ofensivo demais!

ANA - Quem é essa sua ex, Jonas?

JONAS - Eu era criança... É com isso que você está preocupada?

COSME - Olha como ela finge! Eu já li sobre isso!! Isso é uma doença!!!

MARISA - Vai mostrar essa cara pra mim e vai ser agora!!

Confusão. Marisa vai para cima de Ana. Ana tenta se defender. Cosme e Jonas tentam apartar a briga. Máscara arrancada. Suspensão dos ânimos e expectativa. Ana está com o rosto nu e todos olham para ela.

COSME - É ela?

MARISA - Não tenho certeza.

JONAS - Não é ela!!!

MARISA - Mexe no cabelo daquele jeito.

ANA - Assim?

MARISA - Estou achando que não, hein?

COSME - Ih, e agora?

MARISA - Pega o exame!

JONAS - Vocês estão ultrapassando todos os limites!!

Cosme se apodera do exame.

MARISA - Confere: negativo mesmo?

COSME - Negativo mesmo.

MARISA - Ana Cláudia?

COSME - Só Ana.

MARISA - Só Ana?

COSME - Só Ana.

MARISA - Nada de Cláudia?

COSME - Nada.

JONAS (*Sentando no sofá*) – Eu só queria assistir um filme com pipoca!! Só isso que eu queria.

COSME - Não é que não era ela, mesmo...

Ana se deixa cair no sofá, arrasada, ao lado de Jonas. Silêncio constrangedor.

COSME - É bem mais comum “Ana” num nome composto, né?

Ninguém responde.

MARISA (*Constrangida*) – Talvez a gente tenha perdido um pouquinho a cabeça... Desculpa, Ana... Fomos longe demais.

COSME - Não é nada contra você. A gente só achou que você não fosse você.

ANA - Faço mais o quê? O que mais vocês querem?

Silêncio sepulcral. Clima muito pesado de constrangimento.

MARISA - Pipoca.

COSME - Deixa que eu faço.

MARISA - Precisa de ajuda, querido?

COSME - Assim é o casamento. (*Para Ana*) Quer a sua máscara?

MARISA - Vem, Cosme.

Fim

SPUR

David Maurity ¹³
(Belo Horizonte - Brasil)

¹³ Ator e dramaturgo da Companhia de teatro Toda Deseo. Mestre pelo Programa de Pós Graduação em Estudos Literários da UFMG.

Instrução: (1) o texto é uma composição que pode ser encenada com apenas um artista em cena. (2) o texto é uma composição que pode ser encenada por até dois artistas em cena, sendo que um deles o usará como partitura coreográfica.

Blackout. Em meio à uma escuridão profunda, ouve-se, num crescente, uma respiração ofegante. Com o passar dos segundos, cada vez mais a plateia é tomada por essa respiração. É cada vez mais forte, é cada mais angustiante.

De repente, um último suspiro. A luz se abre sobre um corpo caído que, por um breve momento, se mantém inerte. No corpo, um macacão. Nas mãos, luvas. Nos pés, galochas. Uma máscara cirúrgica está sobre a testa.

A luz se apaga ocultando o corpo. Ouve-se ao fundo a voz de um desses assistentes de pesquisa de celular: "Leitura: do latim vulgar, lectura. Substantivo feminino. Ato de ler. Ato de ler em voz alta. Ato de decifrar ou compreender qualquer tipo de notação gráfica. Que se lê. Conjunto de conhecimentos adquiridos com o que se lê. Maneira de se interpretar um conjunto de informações. Decodificação de dados a partir de um suporte."

Outro longo suspiro.

Ouve-se ao fundo uma gravação indecifrável.

A respiração segue ofegante.

Uma luz se acende sobre a cadeira branca.

O corpo senta.

Durante toda a peça, a personagem está num limbo entre a sua memória e uma palestra.

A rotina basicamente consiste em dar 9 passos da cama até o banheiro, seguida de 17 passos do banheiro até a sala, onde eu paro ligeiramente de frente para a janela em busca de um horizonte que eu não tenho, mas tenho a incidência de um raio de sol que corta a sala de maneira oblíqua quando atravessa a janela e toca os meus pés até os joelhos. Da sala para a

cozinha são mais 6 passos. Rotineiramente, sempre paro à porta da cozinha sob o batente para observar tudo que está ali. Faço um exame minucioso de todos os objetos que estão à vista: geladeira, armário, a pia em granito escuro, embaixo um botijão de gás. Fogão, quatro bocas, um pano de prato com abacaxis sobre o vidro do fogão. Na parede um desses escorredores suspensos de pratos e panelas e também xícaras penduradas. Alguns talheres lavados, colheres de pau. Um detergente, transparente, uma bucha amarela e verde, dessas de marca famosa que prometem retirar toda a sujeira. Uma bucha verde e amarela [*o sujeito ri*] contra a sujeira me parece uma ironia. Um armário com tabuleiros na parte de cima, logo abaixo potes de temperos – os que restaram, claro –, uma máquina de café expresso, ganhada no sorteio da firma, parada a algum tempo já. Logo abaixo, um forminho, um conjunto de pratos e taças desencontradas sem os seus respectivos pares, o que pra mim, já diz muito. Depois 2 panelas, 3 frigideiras de cores diferentes, alguns vasilhames de vidro que não acumulam cheiro do alimento guardado, nem amarelam com o tempo e não permitem que fiquem resquícios de nada. Mais embaixo, o chão e sobre ele, mas ainda embaixo do armário, alguma sujeira.

Ali, parado na porta da cozinha, recontando diariamente o que a compõe ou na sala com o sol aos meus pés, [*um longo suspiro*] eu recobro um pouco da minha existência.

Aqui tem um corpo e uma alma dentro. Aqui tem um corpo e uma alma dentro.

Aqui	tem	um	corpo	e	uma	alma	dentro.
Aqui	tem	um	corpo	e	uma	alma	dentro.
Aqui	tem	um	corpo	e	uma	alma	dentro.
Aqui	tem	um	corpo	e	uma	alma	dentro.
Aqui	tem	um	corpo	e	uma	alma	dentro.
Aqui	tem	um	corpo	e	uma	alma	dentro.
Aqui	tem	um	corpo	e	uma	alma	dentro.

Sigo 6 passos da cozinha até a sala, mais 6 e eu me aproximo da janela. Debruçado sobre ela, vejo o pouco de rua que a minha visão aguda alcança e nada mais. O prédio a frente... Observo a rua por alguns instantes à iminência de algo. Observo, atentamente, o prédio a frente sem saber exatamente o

porquê.

“Contra essas esperanças fáceis, a primeira coisa que precisamos aceitar é que a ameaça veio para ficar. Mesmo se a onda passar, ela reaparecerá em novas formas — quiçá bem mais perigosas.

Por esse motivo, podemos esperar que as epidemias virais afetem nossas interações mais elementares com outras pessoas e objetos ao nosso redor, incluindo nosso próprio corpo — evitar tocar em coisas que possam estar (invisivelmente) sujas, não sentar em assentos sanitários ou bancos públicos, evitar abraçar pessoas ou apertar as mãos. Podemos até passar a ter mais cuidado com gestos espontâneos: não encostar no nariz nem esfregar os olhos.

Portanto, não serão apenas o Estado e outras instituições nos controlando, devemos também aprender a nos autocontrolar e disciplinar. Talvez apenas a realidade virtual seja considerada segura e a movimentação livre em espaços abertos fique restrita às ilhas pertencentes aos ultrarricos.

¹⁴ Zizek vê o poder subversivo do corona vírus. Fonte: Outras palavras, 3 de abril de 2020.

Mas mesmo no nível da realidade virtual e da internet, devemos lembrar que, nas últimas décadas, os termos “vírus” e “viral” foram usados principalmente para designar vírus digitais que infectavam nossos espaços na web e dos quais não tínhamos consciência, pelo menos até que seu poder destrutivo fosse liberado. O que vemos agora é um forte retorno ao significado literal original do termo: as infecções virais trabalham de mãos dadas em ambas as dimensões, real e virtual.” ¹⁴

A rua. Olhando da rua, do outro lado dela, a distância entre os dois prédios é de uns 5 metros. Não é muito se pensarmos que debruçados no parapeito da janela conseguimos enxergar nitidamente o que acontece no apartamento à frente.

São prédios diferentes. Vistos daquele outro lado da rua é possível perceber um certo brilho da fachada de um e opacidade do outro.

Os moradores não são muito diferentes de um prédio para o outro. O número de idosos do prédio opaco é maior. Via-se todos os dias uma horda de cabeças brancas saindo para as suas caminhadas matinais, idas às padarias

e os furtivos passeios com seus cães. Mas crianças, em menor número, claro, também habitavam esse prédio. Curiosamente, essas crianças são filhos de pais mais velhos. Algumas mães já têm seus fios brancos pelas cabeças e tratam seus rebentos como pequenos adultos. Não é à toa que as crianças me pareciam bem comportadas demais para as idades que têm. Não se ouviam gritos, choros, televisão alta, pedidos para arrumar o quarto. Só havia silêncio. E ainda há! Não se ouviam nem os outros moradores. Eu poderia dizer que é um prédio triste, mas prefiro achar que é só um prédio pacato.

O prédio ao lado, de certo brilho, tem cores vivas e uma fachada decorada, pensada por arquiteto de renome, que eu não conheço bem. Não conheço os moradores, nem a rotina. Não sei se existem mais crianças ou idosos. Não sei de nada. Só sei que possui um playground bem montado, uma piscina ao fundo e área para churrasco.

Em tempo, digo que moro no prédio pacato. Não vou saber explicar o porquê dessa escolha. Quando estava à procura de um apê para alugar fui direto nos bairros próximos à região central e sempre procurando aquela rua que julgava silenciosa e de pouco movimento. Deparei, certo dia, com esses dois prédios lado a lado, tão diferentes em suas estruturas. Não consegui precisar qual deles estava mais deslocado naquele local. Não havia naquela rua, outra construção que, por ventura, se assemelhasse àqueles dois. Não era possível determinar uma história, pensar em um estilo arquitetônico. Eram únicos. E talvez por isso me chamaram tanto a atenção.

Fiquei parado por alguns minutos olhando para os dois prédios e olhava também para a rua. Como se aqueles instantes fossem para mim a prova de aquele lugar merecia minha presença.

Da rua e do quente do asfalto, eu já não me lembro. Faz tempo que eu não consigo ver as fachadas. Hoje eu olho de cima. Eu busco pistas sobre o que acontece em cada janela que eu miro. Qualquer conexão. Dia após dia, eu imagino.

28 passos da cozinha até o quarto, passando pela sala. Meu quarto é de um vermelho profundo, em ângulos construídos de 90 graus, como são feitos os quartos em apartamentos. Na física, o isolar é tornar-se incomunicável,

impedindo a transmissão da eletricidade de um corpo: seja um elétron, um cabo de alta tensão, um corpo em pane.

No quarto, eu fecho o circuito. Zero a transmissão, já que deslocado de qualquer convívio, de qualquer imagem do real, a gente supura humanidade. É preciso voltar ao início e renomear as coisas. Eu nas minhas arestas mesquinhas acordado, noite adentro, organizando os devaneios, pensamentos, dias de futuros inteiros. Bato os dedos no criado mudo acompanhando o ponteiro que marca os segundos no relógio. Remoo e pondero sobre o tempo, não paro, porém os dedos, calo. E julgo-o inevitável no profundo do quarto, às quatro.

O tempo?

¹⁵ Lilia Schwarcz,
Como o corona
vírus vai mudar
a nossa vida:
dez tendências
para o mundo
pós-pandemia.
Fonte: El País, 13
de abril de 2020.

“[O historiador britânico Eric] Hobsbawm disse que o longo século 19 só terminou depois da Primeira Guerra Mundial [1914-1918]. Nós usamos o marcador de tempo: virou o século, tudo mudou. Mas não funciona assim, a experiência humana é que constrói o tempo. Ele tem razão, o longo século 19 terminou com a Primeira Guerra, com mortes, com a experiência do luto, mas também o que significou sobre a capacidade destrutiva. Acho que essa nossa pandemia marca o final do século 20.” ¹⁵

Perdi o eixo tempo-espço.

Eu não me conformo com a realidade.

A vida agora é basicamente uma experimentação, sem compromisso com uma mídia, sem compromisso com um público e nem com uma ideologia engajada. Existe, mesmo nesse dentro, um flerte com o anarquismo para ter liberdade nesse modo de vida.

Tudo isso começou e eu nem mais me lembro do ano. Também não me lembro exatamente o mês. Talvez março. Mas, de repente, fomos forçados a um distanciar. Soa contraditório e sem sentido. Mas foi necessário forçarmos a uma clausura. Ceifar a própria liberdade, impugnar o direito universal, garantido pela constituição desse país, de ir e vir.

A gente precisa ser medíocre para sobreviver. A relação era de simples causa e consequência. Mas nunca fora uma proibição. Era possível sair. Falava-se muito sobre isso. Falava-se muito sobre isso. Falava-se nas redes, pelas

janelas de um prédio a outro, vizinhos trocavam bilhetes por debaixo das portas. Os muros das casas foram os lugares mais frequentados.

“Ceci n’est pas un homme” já que deslocado de qualquer convívio, de qualquer imagem do real, a gente supura humanidade. É preciso voltar ao início e renomear as coisas.

¹⁶ Paul B. Preciado, Aprendendo com o vírus. Fonte: El país, 28 de março de 2020

“Portanto, cada sociedade pode ser definida pela epidemia que a ameaça e pela forma como se organiza frente a ela. Pensemos, por exemplo, na sífilis. A epidemia atingiu a cidade de Nápoles pela primeira vez em 1494. O empreendimento colonial europeu havia acabado de começar. A sífilis era como a arma de partida para a destruição colonial e as políticas raciais que viriam com eles. Os ingleses chamavam de “a doença francesa”, os franceses diziam que era “o mal napolitano” e os napolitanos que vinham da América: diziam ter sido trazido pelos colonizadores que haviam sido infectados pelos indígenas...” ¹⁶

[antes do final da leitura do excerto do texto de Paul B. Preciado, em fade, uma música com muitos elementos percussivos entra na cena, o sujeito dança. Em off, sinônimos da palavra doença e nomes de doença são ouvidas pelo sujeito que dança e se modifica ao ouvi-la]

Em off:

MOLÉSTIA DEFEITO SÍNDROME DE ESTOCOLMO VÍCIO DOENTIO MIOPIA
MAZELA ENFERMIDADE MAL DE PARKINSON DISTÚRBIO MORRINHA
CONSERVADORISMO GRIPE RANCOR PERTURBAÇÃO IGNORÂNCIA SURTO
PANDEMIA ZICA EPIDEMIA TRANSFOBIA INDISPOSIÇÃO MAL MACHISMO
DISFUNÇÕES SURTO ATAQUES CÂNCER GRIPE ESPANHOLA MÁ FÉ
PATOLOGIAS OBSESSÕES ÚLCERA TRECO DEPRESSÃO COMPULSÕES PESTE
PRESSÃO ALTA SOCIOPATIA MANIAS PENÚRIA CÁRIE MAU CARATISMO
ESTRESSE URUCUBACA CIÚMES TUBERCULOSE MALES ANEMIA NAZISMO
RAIVA DESGRAÇA HIV AFECÇÃO NEOLIBERARISMO FOME FOME FOME
FOME FOME MURURU ANOMALIA RACISMO ZIQUIZIRA POBREZA MAZELA
SOFRIMENTO TORMENTO SÍFILIS MISÉRIA DISTÚRBIO INSÔNIA TROÇO
LEPRA SARAMPO CAPITALISMO DOR PROBLEMA PROBLEMA PROBLEMA
PROBLEMA PROBLEMA PROBLEMA PROBLEMA PROBLEMA
PANE.
MORTE.

E que história doida é essa de morte?!

O que dizem é que do dia pra noite não se encontra mais em um plano, se vê em outro. Como assim se abandona casa, família, ex-amores, amores, paixões, casamentos ou namoros, relacionamentos mal terminados, negócios, trabalho, dinheiro, conta no banco, compromissos marcados, possíveis happy hours, viagens planejadas, projetos, faculdade? Como assim?

Não seria bom terminar tudo, pra, sei lá, subir (ou descer) - eu e minha concepções cristãs... E nem tenho religião!

O fato é que incomoda saber que alguém se foi e deixou algo mal acabado por aqui. Em quem pôr a culpa? Quem há de resolver isso?

Não sabemos que rumo aquilo que foi mal terminado deve tomar. Afinal se tomarmos pra si o que era do outro daremos o rumo que bem entendermos. E se isso desagradar a quem partiu? E se a interferência que causarmos aqui, surtir efeito naquele que está do lado de lá?

Mas... E que lados são esses? Planos? Vidas? Órbitas? Mundos? "Lás" e "Cás"? Que história doida é essa de morte?

Se era pra aliviar alguma dor, por que causa dor em quem fica? Egoísmo fúnebre? Sadismo post mortem? Será que existe um tempo na passagem de uma vida pra outra para pensar no que isso tudo vai gerar em quem fica? Será que quem foi teve o direito de visitar aquilo que passou? E por que morrer se todo mundo, na verdade, sempre quer viver?

Será que todo mundo quer viver?...

Salve aqueles que se vão pela idade avançada, será que tiveram a sabedoria e tempo suficientes pra terminar aquilo que começaram? Os que gozam de um pingo de saúde deveriam continuar por aqui. Será? Eu tenho um problema com coisas mal terminadas.

E por que essa única certeza de morte? Por que não há certeza de vida?

Ok. Morreu!

Inevitavelmente, alguém chora. Mas e se não caírem lágrimas? Faltou sensibilidade?

E se ao invés de lágrimas, alguém... alguém soltar umas risadas, uns risos de canto de boca? Pode sorrir quando a morte vem? Nervosismo? Felicidade? Alívio? Se o riso for de nervoso vão repreender. Se for de felicidade também vão repreender! E se for de alívio... Nem se fala! Até onde vai minha liberdade de expressão perante a morte? Por que não comemorar a morte? Por que não festejar essa passagem que dizem existir pra esse outro cá ou lá, mundo, órbita, vida, plano, universo, purgatório-inferno-céu, que provavelmente é tudo a mesma coisa, ou lado, seja lá onde for? Por que não? Por que não se revoltar quando a morte vem? Por que não quebrar vidraças, atear fogo em prédio público, derrubar estátuas?

Não devia ser escrito um testamento com partilhas de bens. Deviam ser escritas regras de comportamento para que nos portemos da melhor maneira ante ao ser que se foi. Inclusive na partilha dos bens, caso haja algum, claro. Regras escritas antes da partida e feitas para os mais próximos. É que os próximos têm atitudes mais previsíveis. A irmã chorona, um primo que quer abraçar todo mundo, aquele tio velho que quer sempre dizer algumas palavras (e que parecem durar horas), o filho ou filha desolado que se sentem culpados por ter ofertado pouca presença, o neto que parece não estar nem aí... Enfim. Sempre há alguém mais próximo. Aliás! Digo que seria melhor que se escrevessem pedidos. Ou um pequeno livro, tipo: "Como viver sem mim".

Bem melhor!

O que seria bom pra fulano ler e se lembrar de você? Indicar algum autor ou autora que tenha ideias com as quais você se identifica e, assim, fazer buscar aquilo que provavelmente você falaria em determinada circunstância. Música! Sicrano deve ouvir, se a tristeza apertar, aquela música que te afastava a tristeza para afastar a dele também. Pode ter comida, claro! Beltrano, quando comer tal coisa, coma como se não tivesse amanhã. Coma, como se comesse para dois.

Instruções simples, como a morte mesmo, sem complicações.

Que loucura é essa ideia de morte que gera perguntas e só faz gerar mais perguntas, que criam mais perguntas, fazendo aparecer outras perguntas pra tentar responder a essas primeiras perguntas e que acabam por me trazer outras tantas perguntas, que se desmembram em perguntas maiores, gerando perguntas menores sobre as tais perguntas que foram feitas sobre as perguntas das perguntas sobre as perguntas... (ad infinitum)

A morte...

“«Ao entardecer...» (Mc 4, 35): assim começa o Evangelho que ouvimos. Desde há semanas que parece o entardecer, parece cair a noite. Densas trevas cobriram as nossas praças, ruas e cidades; apoderaram-se das nossas vidas, enchendo tudo dum silêncio ensurdecador e um vazio desolador, que paralisa tudo à sua passagem: pressente-se no ar, nota-se nos gestos, dizem-no os olhares. Revemo-nos temerosos e perdidos. À semelhança dos discípulos do Evangelho, fomos surpreendidos por uma tempestade inesperada e furibunda. Demo-nos conta de estar no mesmo barco, todos frágeis e desorientados, mas ao mesmo tempo importantes e necessários: todos chamados a remar juntos, todos carecidos de mútuo encorajamento. E, neste barco, estamos todos. Tal como os discípulos que, falando a uma só voz, dizem angustiados «vamos perecer» (cf. 4, 38), assim também nós nos apercebemos de que não podemos continuar a estrada cada qual por conta própria, mas só o conseguiremos juntos.

Rever-nos nesta narrativa, é fácil; difícil é entender o comportamento de Jesus. Enquanto os discípulos naturalmente se sentem alarmados e desesperados, Ele está na popa, na parte do barco que se afunda primeiro... E que faz? Não obstante a tempestade, dorme tranquilamente, confiado no Pai (é a única vez no Evangelho que vemos Jesus a dormir). Acordam-No; mas, depois de acalmar o vento e as águas, Ele volta-Se para os discípulos em tom de censura: «Porque sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?» (4, 40). A tempestade desmascara a nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construímos os nossos programas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades. Mostra-nos como deixamos adormecido e abandonado aquilo que nutre, sustenta e dá força à nossa vida e à nossa comunidade. A tempestade põe a descoberto

todos os propósitos de ‘empacotar’ e esquecer o que alimentou a alma dos nossos povos; todas as tentativas de anestesiá-los com hábitos aparentemente «salvadores», incapazes de fazer apelo às nossas raízes e evocar a memória dos nossos idosos, privando-nos assim da imunidade necessária para enfrentar as adversidades.

Com a tempestade, caiu a maquiagem dos estereótipos com que mascaramos o nosso ‘eu’ sempre preocupado com a própria imagem; e ficou a descoberto, uma vez mais, aquela (abençoada) pertença comum a que não nos podemos subtrair: a pertença como irmãos.”¹⁷

¹⁷ Homília do Santo Padre, Papa Francisco. Fonte: Vatican News, 27 de março de 2020.

Eu tenho negado tanto a Deus. Negado deliberadamente a Deus. Nego e nego e nego e nego. Deus! Nego a Deus a fim de encontrá-lo. Por um momento... por horas e horas do meu dia aqui, eu me perguntava sobre essa presença, sobre um possível retorno para uma resposta contundente. Longas horas por dia tentando encontrar respostas. A vida contemplativa não nos levará a nada.

Não. Ninguém me proibiu de sair. Não tem nada de divino. A ordem expressa era isolar-se. Mas, obviamente, esperar exige realismo. Exige de nós consciência da irreversível passagem do tempo e uma capacidade de não se frustrar perante aquilo que foi perdido, mas que nunca saberemos o quê, já que não o vivemos. Exige de nós não esquecer a crescente capacidade destruidora do tempo que não cessa de nos atingir de dentro pra fora, violentamente. Mas é precisamente por isso que não podemos cessar de esperar. E esperar nos exige coragem. Exige que se tenha consciência de que o mal, o sofrimento e a morte não prevalecerão e que mesmo as questões mais complexas podem e devem ser enfrentadas e resolvidas.

Será?

Levanto da cama e 24 passos depois eu retorno à sala. Sofá comprado num topa-tudo. Um tapete. Uma pequena estante com livros. Ao todo, 150 livros que eu conto diariamente e semanalmente penso uma lógica diferente de arrumação: por ordem alfabética do título, pelo nome do autor. Pela cor da lombada. Por gênero. Num exercício desesperado de conferir sentido. Tenho discos. De new wave. Bowie: Low e Lodger, da fase mutante, andrógena. Tenho também Unknow Pleasures do New Order. Ali também fica aquela

que antes era uma mesa de trabalho, habitada diariamente por mim. Perdeu o sentido e o significado. A mesa e o trabalho também.

Novamente, me debruço na janela. A visão sobre a rua continua a mesma. Pouco a vejo.

Conscientemente, debruço-me um pouco mais na tentativa de não adiar essa tarefa inadiável.

[A luz se abre até estourar. E o espetáculo termina em blackout.]

NUNCA MAIS EXPLODIMOS UMA BOMBA!

Euler Lopes Teles ¹⁸
(Barra dos Coqueiros – Brasil)

¹⁸ Diretor e dramaturgo do grupo de Teatro A Tua Lona e Doutorando em Estudos Literários pela UFS, autor dos livros 10 Afetos e Bolor.

Os atores enchem uma bola de assopro azul até que ela exploda totalmente. Em seguida, eles vão repetindo para si, para o outro, para todos, a seguinte frase “Haverá um tempo em que o único lugar onde um ser humano encontrará outro humano será o teatro”. De tanto repetir, essa frase se tornará a única verdade proferida. Fugindo do centro do palco os atores procuram um lugar na plateia para se preparar para cena)

NOME DA ATRIZ - *(Para uma única pessoa da plateia, numa cena de 1x1) Eu me chamo (Nome da atriz) e a primeira vez que eu pisei num espaço cênico (Conta uma história mentirosa sobre a primeira vez que pisou num palco)*

NOME DO ATOR - *(Para uma única pessoa da plateia, numa cena de 1x1) Eu me chamo (Nome do ator) e a primeira vez que eu vi uma peça de teatro (Conta um história mentirosa sobre a primeira vez que viu uma peça de teatro)*

NOME DA ATRIZ - *(Para uma única pessoa da plateia, numa cena de 1x1) Eu me chamo (Nome da atriz) e a última vez que eu pisei num espaço cênico (Conta uma história mentirosa sobre a última vez que pisou num palco)*

NOME DO ATOR - *(Para uma única pessoa da plateia, numa cena de 1x1) Eu me chamo (Nome do ator) e a última vez que eu vi uma peça de teatro (Conta uma história mentirosa sobre a última vez que viu uma peça de teatro)*

Correm. Cena polifônica.

ATRIZ 1 - No tempo em que os humanos perderam todas as características humanas e as máquinas passaram a sentir mais e melhor. Nessa época, onde é impossível sentir o cheiro do outro, pois, todos os tipos de bactérias, fungos e odores foram eliminados por produtos higienizantes. E usar luvas, máscaras e jalecos tornou-se parte do cotidiano. Nesse tempo é que mora

essa história.

ATOR 1 - No tempo em que os humanos não sonham mais, não desejam mais, nem conseguem planejar o dia seguinte. E todos os livros foram proibidos, e toda forma de organização foi combatida pela força de armas. E o amor tornou-se um deboche de civilizações antigas e a reprodução, algo controlado e obrigatório pelo estado, assim como servir ao exército, e permanecer em silêncio. Nesse tempo é que mora essa história.

ATRIZ 2 - No tempo impossível, irreal, inaceitável, mas, próximo em que os humanos transformaram o mundo em um campo de guerra. E os pobres tiveram suas famílias repartidas em campos de concentração. E crianças inteiras foram enjauladas e proibidas de sonhar, brincar ou até mesmo viver próximo aos seus pais. E a fome continuou a matar mais e mais. Nesse tempo é que mora essa história.

ATOR 2 - No tempo em que os humanos destruíram quase tudo. Depois das explosões químicas, da contaminação da atmosfera, dos rios, dos solos. Depois das guerras que destruíram nações inteiras, e de movimentos em prol da raça ariana, da heterossexualidade, do corpo jovem, musculoso e temente a Deus – grande homem branco. Depois de tantos golpes de estado, governos neoliberais, populações inteiras manipuladas por babacas. Nesse tempo é que mora essa história.

Música

Y - Tem certeza que não há ninguém nas ruas?

Z - Certeza absoluta. Todos estão no teatro.

W - E nós teremos que perder. Dizem que hoje vão exhibir uma história inédita.

Y - Não há nada inédito, tudo está cada vez mais repetitivo.

W - A guerra é repetitiva, o teatro é sempre novo.

Y - O teatro se repete e é novo. A guerra quantas vezes existir, sempre será velha.

Z - Não estamos em guerra.

Y - É pior que uma.

Z - E como você sabe o que é uma guerra?

Y - Eu li sobre. Estamos vivendo o pior.

ATOR QUE FAZ W - Coisas terríveis aconteceram. É impossível precisar como elas foram maquinadas, ou até mesmo como elas começaram, mas as coisas ruins parece que se espalham com tanta firmeza que assusta. Feito praga, elas se multiplicam, a tal ponto que não sabemos se estamos perto ou longe dessa história.

W - A história de hoje, dizem que é surpreendente, logo imaginei que era inédita.

Z - Ninguém mais escreve. A obra mais nova de teatro que eles encenaram foi *O Círculo de Giz Caucasiano*. E você sabe bem o que aconteceu.

Y - Como esquecer? Tive que metralhar os atores. Sabe o que é pior desse trabalho?

Z - Metralhar os atores?

Y - Não. Isso é simples. Proibir que as pessoas cumpram o seu último pedido. Um dos atores queria declamar um poema do mesmo escritor da peça. Atirei antes que as palavras proibidas fossem ditas. Se a gente não pode respeitar o último pedido, que tipo de humanos nós somos?

Z - Aqueles que apenas sobrevivem.

Y - E a que custo? Eu fico pensando se não seremos em algum momento cobrados por isso tudo. Os anos vão passar, talvez as coisas melhorem, mas memórias ruins permanecerão assombrando e o povo vai necessitar de culpados.

Z - Nós seremos os culpados. Sempre é assim. Apenas cumprimos o nosso

papel, aquilo que nos mandam, mas, seremos os primeiros punidos se isso tudo acabar.

W - Vão nos culpar por sermos insensíveis e nos condenarão por falta de humanidade e atentado aos direitos humanos. Como se nessas condições, pudéssemos falar sobre direitos humanos.

Y - Os direitos humanos, eu sempre fui a favor deles. Por isso, eu não gosto de desrespeitar alguém na hora de sua morte.

W - Eu acho delicioso. Uma vez matei uma atriz que interpretava Medeia e ela implorava com braços e patedês fantásticos pelo carro do Sol. Já pensou se fosse um código de ajuda?

Z - Outro dia, uma delas pedia insistentemente para lavar as mãos. *"Blood"*. *"Blood"*, gritava chorando. Entendi nada, atirei na cabeça por pura aflição.

Y - Vocês sabem que esses teatros são encenados por loucos de carteirinha? Todos eles pensam que vivem nas histórias. Após as apresentações são dopados para que durmam e não matem uns aos outros.

W - No palco, eles ficam tão bonitos. E grandes. Ninguém diz que não batem bem do juízo.

Z - Parece que sempre foi assim. Os atores são aqueles que são incapazes de encarar a realidade. Está aqui, Verbete de enciclopédia do século XX.

W - Somos a única sociedade na história que deu alguma serventia aos loucos. Um dia, seremos reconhecidos por isso.

A - *(Com um mapa nas mãos)* Está cada vez mais insuportável esperar as ordens. O Grande Senhor dos Golpes e Violências Gratuitas tem todo um ritual para entregar o mapa. Primeiro ele fuma um charuto da ilha, em seguida toma uma dose de cachaça dourada, por último, ouve inteira a *The Valkyrie*. Tenho que disfarçar que a música me dá crise de riso, eu imagino que é a trilha de uma peça que trata sobre uma invasão de alienígenas. E só depois de tudo isso, ele me entrega o mapa onde devemos fazer a operação.

ATOR QUE FAZ Z - Se todo o poder está nas mãos de um homem e este homem não consegue conversar, ele vai optar pela violência. Se todo poder está nas mãos de um homem e ele não consegue conversar, ele apenas violenta. O poder nas mãos de um homem que não sabe conversar é o primeiro passo para o extermínio, a pobreza, e o fim dos mínimos direitos.

Y - O que usaremos hoje? Estou cansado de metralhadoras.

W - Nada de simular acidentes. Acho isso ultrapassado.

Z - Nunca mais explodimos uma bomba.

A - A ordem é para provocarmos um incêndio.

W - Puta merda. Acidente, de novo.

Y - Eu gosto do desespero que causa.

A - Temos aqui a Rota.

Z - Eu não entendo toda essa frescura. Custa dizer vai lá na rua tal, esquina com não sei onde, ateia fogo na porra toda e é nós. Mas, não, nada pode ser revelado até o último instante.

A - Isso é para que não desistamos em operações que possam sensibilizar nossos olhos.

W - Depois de tudo isso a gente não se sensibiliza mais com nada.

Y - Nós estamos embrutecendo, isso sim.

W - Estamos salvando o mundo, não lembra?

Y - Você realmente acredita?

W - Não se recorda das pesquisas, dos acidentes naturais, da escassez de água? Terras e terras sendo submersas por lama, o degelo do Alasca, o sertão virando mar e o mar virando sertão, toneladas e toneladas de lixo,

vírus de diversos tipos. Algo precisava ser feito. Alguém precisava intervir

Z - Tudo continua igualzinho a antes.

W - Mas, em breve, as coisas hão de melhorar. O que nós fazemos tem como único objetivo perpetuar a espécie. Se não diminuirmos a quantidade de gente, a Terra entra em colapso.

Y - Às vezes, eu penso que se não fizéssemos o trabalho sujo, nem estaríamos vivos.

Z - Eu tenho certeza disso.

A - Anda, não temos todo o tempo do mundo. Já sabem que ele odeia atraso, podemos ser substituídos ou nem sei o que acontece.

Z - Eu sei. Se desobedecemos, morremos. Sempre foi assim.

Y - Eu pego a gasolina.

Z - E eu o fósforo.

W - Para a direita ou para a esquerda?

A - Direita sempre. *(Todos se posicionam atrás de A)* Andamos uns 50 metros, em seguida, viramos mais uma vez à direita, e continuamos andando mais 150 metros.

Z - Somos tão importantes para a manutenção do mundo, não entendo porque ainda não temos um meio de locomoção.

W - Nunca teremos um. Eles nos querem rastreando cada canto dessa cidade.

Y - Podemos rastrear em cima de um tanque!

W - Chamaria muita atenção.

A - Para a direita novamente. Agora mais 350 metros . Estamos perto.

Y - As ruas estão vazias. Realmente as pessoas são apaixonadas por teatro. Será que sempre foi assim?

Z - Acho que sempre. Tanto que ele resistiu até hoje.

ATOR QUE FAZ Y - Eu poderia ser professor de matemática, engenheiro químico, astronauta, jogador de futebol, empresário, massoterapeuta, chefe de cozinha, eletrotécnico e tantas outras coisas, mas eu não seria feliz. O teatro, e toda essa coisa que vem junto quando você decide ser e viver isso é mais que apaixonante, é a vida.

W - Eu vou ao teatro para ver as pessoas. Tirando vocês, que nem sei se posso considerar, não vejo mais ninguém. No teatro todos que vivem trancafiados em suas casas, aparecem, e assim, eu tenho noção de que não sou o único sobrevivente.

Y - Eu vou para me certificar de que não são apenas robôs que vivem nessa cidade. Me sento e fico observando as pessoas concentradas em ver o que acontece no palco. Quando elas respiram com dificuldade, ou tensas fazem o suor escorrer pela testa, ou mais facilmente, quando uma lágrima escorre, eu constato: é uma humana!

Z - Eu só vou ao teatro para tocar levemente o meu braço em outro. É claro que logo a pessoa ao lado se afasta com medo. O símbolo do nosso trabalho inscrito na testa apavora. Mas, quando distraidamente o meu braço toca outro braço, o quentinho do contato, ah! É a melhor sensação que existe.

A - Eu vou ao teatro por causa das histórias. Apenas por elas. Vendo tanta tragédia, tanto drama, tanta enganação, eu ganho argumentos de que o mundo hoje está muito melhor.

Y - Isso é verdade!

Z - Sem dúvidas!

W - Ninguém é capaz de discordar!

A - Mais uma vez à direita e chegamos!

Z - Espera! Mas aí é o teatro!

Y - E a sessão está longe de acabar.

A - Temos que trancafiar as portas e atear fogo antes que termine.

Y - Mas, veja o cartaz, hoje eles estão encenando *Pequenos Burgueses*.

W - Há milhares de pessoas aí.

Z - Quase toda a cidade.

A - Desde quando isso foi um problema?

W - Os *Pequenos Burgueses* é sucesso de bilheteria. Eu mesmo já assisti 5 vezes. Não podemos fazer isso.

Z - Eles já tiraram tanto da gente, as escolas foram sumindo uma a uma e o ensino se tornou um privilégio de poucos.

Y - Cortaram a distribuição de remédios, o atendimento gratuito a postos de saúde, todas as antigas doenças antes erradicadas voltaram.

W - Acabaram com as linhas telefônicas, a internet, os programas de televisão, de rádio, os jornais impressos, telegrama, correios. Qualquer forma de comunicação foi completamente cancelada.

Y - Destruíram os planos,

W - Esmagaram os sonhos,

Z - Ferraram com a gente. Só nos sobrou o teatro.

W - Nós não podemos! (*Y e Z concordam*)

A - Ordens são ordens! É a nossa função exterminar a população quando ela

excede o quantitativo suportado

Z - Suportado por quem? Está tudo cada vez mais deserto!

A - Vocês nunca vacilaram!

Y - Mas é o teatro! Ninguém mexe no teatro. É como se fosse um lugar sagrado, um verdadeiro santuário!

Z - Os grandes erros da História foram os bombardeios a templos, meças, centros budistas, terreiros e igrejas. Não podemos cometer o mesmo equívoco.

Y - Se fizermos isso, ficaremos marcados para sempre. Eu não quero que no futuro falem da gente como se fôssemos criminosos.

A - Não há escolha. Também não queria destruir esse lugar, mas o que podemos fazer?

Z - Não sei. Só não podemos obedecer. Não dessa vez!

A - Vocês sabem que seremos nós os metralhados se não causarmos o incêndio.

W - Podemos errar o alvo!

A - E seremos mortos por incompetência.

Y - Basta falsificar o local no mapa.

ATOR QUE FAZ A - A desobediência não é uma das virtudes da minha personagem. Desobedecer sempre foi visto como algo muito negativo e eles foram treinados apenas para cumprir ordens. Há homens que de tanto obedecer, emburrecem.

A - Mas quem faria isso?

Z - Eu faço! Vejamos. Já falsifiquei coisas piores (*conferindo o mapa*) Aqui!

Vamos incendiar o Arquivo.

¹⁹ Nota dos editores – PEC é sigla de Proposta de Emenda Constitucional.

A - Todos os decretos, leis, PECs¹⁹ e emendas estão lá. O Grande Senhor ficará furioso.

Z - É o único lugar que temos disponível nesse mapa.

Y - Essa é a melhor solução, acredite. Com o mapa na mão temos a prova que o erro não foi nosso!

A - E se eles descobrirem a falsificação?

Z - Garanto que não vai acontecer.

A - Então, é isso?

TODOS - É isso!

A - Lembrem, ninguém pode saber o que fizemos.

Z - Estamos salvando o pouco que nos resta

W - Tenho certeza que não vamos nos arrepender.

Y - É a primeira vez em muito tempo que sinto que estou fazendo algo certo.

A - Anda! Vamos resolver logo isso!

Fogo no Arquivo

ATOR QUE FAZ W - Após espalhar a gasolina ao redor do prédio do Arquivo, riscar o fósforo e deixar as chamas tomarem conta, o bando entrou disfarçado no teatro.

ATOR QUE FAZ Y - O local estava completamente entupido de gente, tanto que o contato das pessoas umas com as outras era inevitável.

ATOR QUE FAZ Z - Era um tal de suspiro no cangote, roça roça de pernas,

mão encontrando mão, pé em cima de pé. Algumas pessoas pareciam abraçadas de tão próximas.

ATOR QUE FAZ A - E poucos minutos depois da entrada do bando, soou o alarme de alerta. E embora todos soubessem que o alarme era um sinal de que precisavam se proteger, as pessoas continuaram imóveis, assistindo o espetáculo até o fim.

Pausa de desmontagem

ATOR QUE FAZ W - Haverá um tempo em que o teatro será o único lugar em que escutaremos um ao outro.

ATOR QUE FAZ Z - Haverá um tempo em que o teatro será o único lugar onde ficaremos tranquilos e em paz.

ATOR QUE FAZ Y - Haverá um tempo em que só no teatro olharemos sem medo para a gente, para dentro de nós.

ATOR QUE FAZ A - Haverá um tempo, não muito distante, em que o teatro será o único local em que conseguiremos resistir.

Haverá.

ZONA DE GUERRA

Gabriela Niskier ²⁰
(Rio de Janeiro – Brasil)

²⁰ Roteirista do canal Casseta & Planeta no Youtube, além de já ter roteirizado e dirigido três curtas-metragens com passagens em festivais internacionais.

Carla está sozinha na sala-cozinha de casa, cozinhando. O interfone toca e para - alguém atendeu. Eduardo grita de fora da sala:

EDUARDO - *(Gritando)* A pizza chegou!

Eduardo entra na sala e vai em direção à porta

CARLA - Pizza? Por que você não me falou que ia pedir pizza?? Eu tô fazendo o jantar!

EDUARDO - Por que você não me falou que ia cozinhar? Eu pedi pizza!

CARLA - Se você me falasse que ia pedir pizza, eu não fazia o jantar!

EDUARDO - E o que você fez pro jantar?

Carla encara séria Eduardo

CARLA - *(Pausa)* Ovo mexido.

EDUARDO - ... Ainda bem que eu pedi pizza.

CARLA - *(Para si)* Ai, minha santa protetora dos casais em quarentena! *(para Eduardo)* Já que é assim que você resolve os seus problemas, eu estou animada para saber quando você vai chamar alguém pra vir aqui içar as suas cuecas do chão!! Você quer que eu te passe o telefone do guindaste?

Eduardo sai pela porta, e entra de volta com a caixa de pizza na mão.

EDUARDO - As cuecas são minhas, e se eu não estou preocupado com elas, você também não deveria estar e... *(abre a caixa)* Ei! Tá faltando uma fatia da minha pizza!!

CARLA - Como assim?

EDUARDO - Tem sete fatias, e o buraco do que seria a oitava!

CARLA - *(Dá de ombros)* Vai ver o motoboy comeu...

EDUARDO - E você acha isso normal, Carla???

CARLA - Você que é muito egoísta, Eduardo! Só pensa no seu umbigo! Vai ver o sujeito estava com fome ué...

EDUARDO - Que cara abusado! Me arrancou uma caridade à força? Ah mas eu não posso deixar, nem as lives sertanejas me roubaram doações assim... *(diz enquanto pega o celular para fazer uma chamada)*

EDUARDO - *(Agressivo)* Alô!! É da Pizzaria Seu Madruga? A minha pizza veio faltando um pedaço! Tá faltando uma fatia! Vieram 7 fatias, e o buraco da oitava!! Como é que eu vou saber?? Vocês que têm que saber! Isso, Eduardo! E vocês vão começar uma CPI da Oitava Fatia, por acaso?! Eu quero é que me tragam uma pizza nova, aqui e agora! E com todas as fatias!! Isso! De banana! Isso! Isso! Acho bom!!! - *(agora mais amável)* obrigada mesmo, vocês são muito gentis. *(desliga)*

CARLA - Que sorte a do motoboy! Ganhou o jantar e agora vai ganhar a sobremesa...

Eduardo olha bravo pra Carla, pega um pedaço da pizza e sai da sala. Em um tempo acelerado, Carla se serve do seu ovo mexido, senta, come, levanta, lava a louça, e se senta no sofá pra assistir TV. O interfone toca de novo, e alguém atende.

EDUARDO - *(Gritando de fora da sala)* É a pizza de banana!

CARLA - *(Desinteressada)* Hm

Eduardo atravessa a sala e sai pela porta, mas ouvimos sua voz vindo do hall:

EDUARDO - Tá subindo... Tá vindo... Vem pro papai!!

CARLA - *(Do sofá)* Você agora é narrador de subida de elevador, Eduardo??

EDUARDO - Passou do play, 1º andar... 2º... 2º... Por que parou no 2º? E está demorando no 2º!! Por que está demorando no 2º?? *(bate na porta do elevador)* Ou!! Solta logo o elevador!!!

CARLA - Meu Deus, Eduardo... Você precisa se tratar!

EDUARDO - Soltou! Tá vindo! Isso! Boa!! Chegou!! Chegou!!

Carla revira os olhos. Eduardo volta com a pizza pra dentro de casa

EDUARDO - *(Entrando em casa)* Você não está merecendo não, mas eu sou uma ótima pessoa e vou deixar você pegar um pedaço da minha pi... *(abre a caixa e se choca)* QUÊ? Ah mas não é possível!!! Não é possível!! Tá faltando uma fatia de novo nessa caralha!!

CARLA - *(Ri alto)* Há, boa garoto! Me passa aqui o telefone que eu vou mandar pessoalmente uma gorjeta especial para esse motoboy, eu simpatizei com ele...

EDUARDO - Não, Carla, você não entendeu... eu não acho mais que tenha sido o motoboy... eu tô começando a suspeitar... *(grita olhando pra baixo)* do vizinho de baixo!!!

CARLA - O vizinho de baixo? *(falando baixo)*

EDUARDO - Você não viu quanto tempo o elevador ficou parado?? Dava tempo o suficiente pra esse filho da puta abrir a caixa, pegar a fatia, comer e ainda cuspir de volta o caroço da azeitona!! *(diz com raiva, procurando pelo controle remoto)*

CARLA - *(Pensativa)* Eu bem reparei que a minha revista Claudia desse mês veio sem o esmalte de brinde.. e estava escrito bem grande na capa: "Inclui esmalte de brinde"! Você acha que pode ter sido um vizinho, Eduardo??

EDUARDO - Eu não sei *(Encontra o controle remoto)*, mas também não vou esperar acontecer de novo pra descobrir!! *(liga a TV em um filme de guerra, e*

deixa o volume altíssimo)

CARLA - *(Gritando)* Meus tímpanos, Eduardo!!!

EDUARDO - *(Gritando)* Esse filho da puta tem que saber com quem ele se meteu!! Eu não vou deixar barato! Ele tirou uma parte do que eu tinha de mais precioso! A razão do meu viver!! Ninguém mexe com a razão do meu viver, Carla!!

CARLA - *(Gritando)* Como você tem coragem de falar isso de uma pizza na frente da sua esposa, Eduardo!!!

EDUARDO - *(Lunático)* Ele merece sofrer!!!!

CARLA - *(Com as mãos no ouvido)* Eu tô sofrendo também!!!

São interrompidos quando percebem um som estranho vindo da varanda – Eduardo desliga a TV para ouvir - é o som de vários objetos caindo. Carla vai ver o que é, e de lá grita:

CARLA - Que merda é essa?? É lixo!?!? Eduardo!! O vizinho de cima virou lixo na nossa varanda!!! *(Gritando pra cima)* Ô teu filho da puta! Vai tacar lixo na casa da tua amante, desgraçado!!! E tu também, sua corna!!! *(Entra de volta revoltada)* Eu não tô acreditando nisso!!!! – *Rápido, Eduardo, recolhe as suas cuecas do chão!!*

EDUARDO - Isso é hora de se reclamar das cuecas ,Carla?? Nós estamos sendo atacados!!

CARLA - Pega logo seu imbecil! E me traz também tudo que você achar de fedido pela casa!! - *(Para si)* Esse desgraçado vai se arrepender de ter nascido... - *(Para Eduardo)* E pega também aquela carne velha que está na geladeira há 3 semanas! E aquela colônia que você ganhou do teu irmão!! Qual o nome daquilo? Eau de Cocô?

EDUARDO - Eau de Frescor!

CARLA - Esse mesmo! É horroroso, é perfeito!! *(Procurando na dispensa) –*

Você comeu a sardinha??

EDUARDO - O que você está fazendo, Carla?

CARLA - O que você acha que eu tô fazendo, Eduardo? *(Diz enquanto coloca todos os componentes em um balde)* Uma sopa de fedor!! Esse infeliz vai ver só o que é bom pra tosse!! Ele se meteu com a vizinha errada!!! Onde já se viu, tacar lixo nos outros?? Que grosseria! Isso não fica assim não... Toma! *(e entrega uma máscara descartável pro Eduardo)* Coloca isso! *(E coloca outra em si)*

Depois de juntar tudo no balde, Carla pega uma vassoura e levanta o balde pelo cabo, se dirige até a janela e segura o cabo com o balde pra fora da janela. Eduardo está impressionado com a situação.

CARLA - *(Gritando)* Eu vou te desgraçar, teu filho da puta!! Tudo que você ama vai ficar encardido!! Você vai viver pra sentir o fudum das tuas próximas 3 gerações!! E eu vou estar lá para rir da tua cara, seu palhaço!!

EDUARDO - *(Baixo)* Nossa Carla, que pesado...

CARLA - *(Para Eduardo)* Cala a boca senão você vai ser o próximo que eu vou amaldiçoar!!

Nessa hora, a campainha toca.

EDUARDO - *(Grita para a porta)* Não tem ninguém em casa!

CARLA - *(Grita pra Eduardo)* Vai agora ver quem é!!

EDUARDO - *(Indo em direção à porta e reclamando pra si)* Ela tá achando que é General...

CARLA - É o que?

EDUARDO - Nada, Comandante!

Eduardo abre a porta, e se choca:

EDUARDO - Carla!! Alguém cagou no nosso tapete de entrada!!

CARLA - *(Rapidamente recolhe a vassoura e o balde da janela)* O quê??!!

Carla imediatamente taca o conteúdo do balde pela janela, depois olha para baixo e grita:

CARLA - Opa! Foi mal aí embaixo!!

Vai em direção a Eduardo

CARLA - *(Indignada)* Cagaram no nosso tapete de entrada???

EDUARDO - Mais precisamente, um cachorro cagou...

CARLA - Tacaram cocô de cachorro em todo o hall... – (grita muito alto) Seus selvagens!!!!!!

EDUARDO - Agora eu não tenho opção... *(Indo em direção à televisão)* Eu vou ter que ligar o karaokê!!!

CARLA - Isso Eduardo! Liga o karaokê!!! Coloca Jorge Vercilo! A culpa não é nossa, foram eles que nos obrigaram a isso!!

EDUARDO - *(Enquanto mexe no set de TV e liga o aparelho de Karaokê):* Não tem Jorge Vercilo nesse cartucho, toma o catálogo! *(E joga o catálogo pra ela)*

CARLA - *(Folheando)* Tá, então... coloca aí... 3725!!

EDUARDO - *(Com o controle remoto na mão)* 3..7..2..5.. “Latino, Festa no Apê!”

CARLA - Gostou?

EDUARDO - *(Excitado)* Sua ardilosa.. Eu amei!

Carla sorri, e eles cantam juntos “Festa no Apê” desafinadamente e a todo pulmão. De repente, ouvem um barulho estranho vindo da impressora, que parece imprimir algo.

EDUARDO - Você mandou imprimir alguma coisa?

CARLA - Eu não! E você?

EDUARDO - Também não!

Carla vai até a impressora e pega o documento recém impresso para ler:

CARLA - *(Lendo)* "Calem a boca, vocês cantam mal pra caralho!"

EDUARDO - *(Assustado)* Carla, aconteceu!! Eu não acredito! As máquinas desenvolveram inteligência própria!!

CARLA - Claro que não, Eduardo, cala a boca! algum vizinho deve ter invadido a nossa rede wifi e mandado imprimir isso! *(Gritando)* Não vou calar nada!! Vai rolar bunda lelé sim!!

EDUARDO - Como ele conseguiu invadir o nosso wifi??

CARLA - Quantas vezes eu te disse que "flamengo" é uma senha idiota??

EDUARDO - *(Com o microfone do karaokê, gritando pro vizinho)* Quer que a gente cale a boca? Vem calar então, teu arrombado!! *(E começa a cantar o hino do Flamengo)*

CARLA - Jura, Eduardo?

EDUARDO - É a única música que eu sei inteira *(e continua cantando)*

Impressora apita e faz som de impressão novamente, Carla pega a impressão nova para ler.

CARLA - *(Lendo)* "Se vocês não calarem a boca, nunca mais verão o anão!"

EDUARDO - *(Para de cantar)* Ernesto!??? *(E corre para o corredor)* Eles pegaram o Ernesto!!!

Carla pega o microfone e fala nele:

CARLA - *(Gritando para o vizinho)* Pode ficar!!!! É todo seu!! Não queremos ver esse anão nunca mais, quebra ele todinho!! *(e começa a cantar)* Uma vez Flamengo...

EDUARDO - Carla!!!! Para com isso!!

CARLA - Eu estou dando graças a Deus alguém sumiu com esse anão!! Você é a única pessoa do mundo que acha graça em colocar um anão de jardim no hall de entrada de um apartamento!!! Eu odeio esse anão! Eu levo susto toda vez que eu saio de casa!! *(continua a cantar)* É o meu maior prazer! Vê-lo brilhar!!

Eles ouvem então o barulho de cerâmica quebrando

EDUARDO - *(Chocado)* Nããããã!! Ernestooo!! *(Grita)* Seu covarde!!! Seu monstro!! Isso não vai sair barato!! *(E arranca a impressora da tomada)*

Desolado, Eduardo vai até Carla, tira o microfone dela, sobe na mesa e anuncia em alto e bom tom.

EDUARDO - Atenção a todos moradores do edifício Beira-Mar. Um ato terrorista descabido tomou lugar dentro dos nossos corredores. Isso não nos deixa alternativa, a não ser declarar oficial o estado de guerra em todo o condomínio. As medidas cabíveis serão tomadas e as consequências serão gravíssimas, não há o que ser feito para impedir. Espero que encontrem compreensão dentro de seus corações, e que Deus esteja sempre convosco. *(Desce da mesa)*

CARLA - O que foi isso, Eduardo?

EDUARDO - *(Sério)* Eu tenho um plano, mas você vai ter que confiar em mim.

CARLA - Eduardo..

EDUARDO - Você confia em mim, Carla??

CARLA - *(Carla fica pensativa, e depois de uma longa pausa responde)* Confio!

EDUARDO - Então me arruma todo aquele suco Tang de morango que tá guardado no armário desde o aniversário do Juninho *(Fala saindo da sala e indo pro interior do apartamento)*

CARLA - Suco Tang?? O que você vai fazer com isso, Eduardo??

EDUARDO - *(Grita lá de dentro)* Confia em mim!!

CARLA - *(Falando pra si, enquanto pega os pacotes de suco em pó no armário)* "Confia em mim"... a última vez que eu confiei nele, ele me apareceu em casa com um anão de jardim pra colocar no hall... Eu devo ter enlouquecido de vez mesmo...

Eduardo reaparece todo vestido de preto, com touca preta, óculos escuros e uma mochila preta.

CARLA - *(Debochando)* Tá indo combater o crime, Eduardo??

EDUARDO - Pegou os sucos?

CARLA - Estão aqui

Eduardo pega e guarda os sucos na mochila. Vai até Carla, a puxa, dá um beijo nela, e fala:

CARLA - Se eu não voltar, saiba que eu te amo, e que você é a mulher da minha vida.

Carla fica sem reação. Eduardo sai determinado pela porta da frente.

CARLA - *(Vai até a porta e grita)* Boa sorte!! Se cuida! Eu te amo! Toma cuidado!! - *(Para si)* Meu Deus do céu, como chegamos até aqui? - e se joga deitada no sofá, preocupada, apreensiva...

Efeito sonoro de relógio, indicando curta passagem de tempo. Eduardo entra de volta pela porta, apressado, nervoso, olha pelos ombros, vai até a janela e fecha as cortinas.

EDUARDO - *(Pergunta pra Carla)* Deu certo?

CARLA - O que aconteceu, Eduardo?? Você tá bem? Fala alguma coisa!

EDUARDO - Primeiro eu preciso saber se deu certo!

Eduardo pega um copo e vai até a pia, liga a torneira, desliga e então grita:

EDUARDO - *(Eufórico)* Vitória!!!

Eduardo levanta o copo cheio de um líquido vermelho, para que Carla visse.

CARLA - *(Indignada)* Você tacou suco Tang na caixa d'água do prédio, Eduardo?

EDUARDO - Aham!

CARLA - Isso é... brilhante!!

Eduardo vai até a TV, pega o microfone do karaokê, e sobe na mesa.

EDUARDO - *(Maníaco, gritando para o prédio todo ouvir)* Atenção condôminos! Aqui quem fala é o seu novo líder supremo! Eu transformei a água de todos vocês em sangue! Vocês são testemunhas vivas do meu poder! Curvem-se diante de mim, ou sofram as consequências por toda a eternidade!! Eu me declaro o grande rei do Edifício Beira-Mar, e vocês são todos meus escravos!! *(risada lunática)*

CARLA - *(Pegando o microfone da mão de Eduardo)* E eu sou a rainha do Edifício Beira-Mar! E a partir de agora é estritamente proibido levar quiche de alho nas reuniões de condomínio!

EDUARDO - *(Para Carla)* Que específico!

CARLA - *(Para Eduardo)* A culpada por isso sabe quem ela é!!

De repente, as luzes de todo o apartamento se apagam.

EDUARDO - *(Alarmado)* O que é isso?? Um motim? ... Mas já??

Carla vai até o interruptor, tenta ligar, mas sem sucesso.

CARLA - Alguém desligou o disjuntor!!

De repente, começa-se a ouvir vários "PLOCS" vindos de todas as janelas.

CARLA - Eles estão nos atacando!! É uma revolta!! Isso é.. papel higiênico molhado?? Eduardo!! Eles estão tacando porrolho na gente!!

EDUARDO - Carla, rápido! Precisamos produzir o dobro de porrolho!!! Usa todo o nosso papel higiênico!! Pega tudo que você ver pela frente! Rápido! Os ataques estão ficando mais fortes!!

Carla corre pela casa recolhendo papel higiênico e um balde para preparar porrolho, enquanto Eduardo vira o sofá, a mesa, e arruma os travesseiros na intenção de montar um barricada virada contra a janela

EDUARDO - Rápido Carla!! Eles estão ganhando mais e mais adeptos!

Carla chega com o balde e ambos se escondem atrás da barricada, levantando de vez em quando para tacar porrolho de volta. Quando Carla observa algo.

CARLA - Eduardo, o que é aquela luz piscando?

EDUARDO - Que luz piscando?

CARLA - Aquela ali ó!! (*E aponta*) e está se mexendo! Ai meu deus era só o que faltava agora, uma invasão alienígena numa hora dessas!!

EDUARDO - Que invasão alienígena, Carla! Eu tô vendo... aquilo ali parece um drone!!

CARLA - Rápido Eduardo, faz alguma coisa! Tá vindo na nossa direção!!!!

Eduardo sai correndo

CARLA - (*Gritando*) Faz alguma coisa diferente de fugir!!!! Rápido Eduardo, ele tá chegando!!! - e se esconde atrás da barricada

Eduardo volta com duas armas de paintball, uma em cada mão, uma faixa na cabeça estilo Rambo, e grita ao mesmo tempo em que atira para todos os lados!!

EDUARDO - AAAAAAAAAAAAH *(Atirando loucamente e freneticamente com ambas as mãos)*

CARLA - Uooooooooou! Vai Eduardo!!!! Viva essa tua mania de comprar porcaria na internet!! Nunca achei que fosse ficar tão feliz de ver essas armas de paintball fora da caixa!!!!

Eduardo segue gritando e atirando

Carla Vai!! Vai!! Pra direita!! Acerta! ISSO!!!! Você conseguiu!!! Você derrubou o drone!!!!

Eduardo segue compenetrado, joga uma das armas pra Carla, que a pega e começa a atirar sem discernimento: os dois atiram lunaticamente por detrás da barricada. Quando Carla nota algo.

CARLA - Ei, o que é aquilo ali, Eduardo? É um lençol? Olha! Aquele cara tá balançando um lençol!

EDUARDO - Não é só um lençol... é uma bandeira branca!! Olha, ali embaixo também tem uma!!

CARLA - Eles estão cedendo! Todos eles! Olha, várias bandeiras!! Os ataques estão cessando! Nós conseguimos! Nós vencemos!!!!

Eduardo e Carla se levantam e saem de trás da barricada, vão até a janela. O apartamento está revirado, destruído, sem luz, e todo manchado de papel higiênico vermelho.

EDUARDO - *(Gritando para todos ouvirem)* Nós vencemos!! Somos os grandes vitoriosos invictos! Curvem-se todos diante da nossa soberania!

CARLA - *(Gritando também)* Reverenciem o rei do Edifício Beira-Mar!!

EDUARDO - *(Gritando)* E reverenciem a beleza da Rainha do Edifício Beira-Mar!

CARLA - *(Encabulada)* Ai, Eduardo.. *(Sorri)*

EDUARDO - *(Se virando para Carla)* Eu nunca teria conseguido sem você, meu amor

CARLA - E eu não seria nada sem você, meu herói! Meu rei!

EDUARDO - Minha rainha!

CARLA - E eu nunca tive tanto tesão em você quanto agora, Eduardo..

EDUARDO - Você tá pensando na mesma coisa que eu, Carla?

CARLA - *(Sensual)* Estou pensando em dar uma última punição aos nossos súditos rebeldes. Uma reafirmação da nossa soberania absoluta. Uma celebração da nossa vitória.. E tem que ser com um barulho bem alto, bem estridente, bem contundente, bem sexy...

EDUARDO - Que bom, porque era exatamente isso que eu tinha em mente...

Carla e Eduardo começam a se beijar, e somem por detrás da barricada. Em pouco tempo ouvimos os barulhos que eles prometeram, acompanhados de...

CARLA - Meu rei! Meu rei!!

EDUARDO - Minha rainha! Minha rainha!

NOITE DO SIMPÓSIO

Gabriel Fontoura ²¹
(Porto Alegre – Brasil)

²¹ Licenciando em Teatro e bolsista de IC (CNPq) com ênfase em Dramaturgia (UFRGS) sob orientação e coordenação do Professor Clóvis Dias Massa.

Cena - A

Sala de cirurgia com luzes em branco e azul. Som baixo de sirene ao fundo

ENFERMEIRO 1 - Luvas, luvas!

ENFERMEIRO 2 - Máscara?

ENFERMEIRO 1 - Ok.

ENFERMEIRO 2 - Álcool?

ENFERMEIRO 1 - Aqui.

ENFERMEIRO 2 - Rápido!

ENFERMEIRO 1 - Aqui.

ENFERMEIRO 2 - Vamos entrar.

Enfermeiro 1 e Enfermeiro 2 entram no espaço em que se encontra uma maca e abrem uma cortina em gel.

ENFERMEIRO 1 - Oi, Carlos.

CARLOS - Oi.

ENFERMEIRO 2 - Oi.

CARLOS - Oi.

ENFERMEIRO 1 - Como você está se sentindo?

ENFERMEIRO 2 - É, como você está se sentindo, Carlos?

ENFERMEIRO 1 - Acho que você está melhor.

ENFERMEIRO 2 - Sim! Tá até mais sem cor, Carlos.

ENFERMEIRO 1 - O amarelado saiu.

ENFERMEIRO 2 - Em breve você estará bem cinza, Carlos.

ENFERMEIRO 1 - Como todos nós.

ENFERMEIRO 2 - Sim, como todos nós, Carlos!

CARLOS - Sim... digo, que bom. E agora?

ENFERMEIRO 1 - Bom, Carlos, agora, eu vou, primeiro, informar que você será multado por ter fumado no quarto.

CARLOS - *(Interrompendo)* Mas como assim? Eu fumei...

ENFERMEIRO 2 - Sim, Carlos, logo quando chegou você desrespeitou as regras da Aliança.

CARLOS - Bom, desculpe. Mas eu pago a multa. Como isso se dá?

ENFERMEIRO 1 - Então, você passará por uma breve triagem e logo mais te encaminharemos para a ala da psicanálise com o Dr. Langer e sua equipe. Lugar onde te orientarão com relação a sua inserção dentro da Aliança.

ENFERMEIRO 2 - Agora, tem uma ligação para você.

Enfermeiro 1 entrega Tablet para Carlos e sai de cena com o Enfermeiro 2. Som digital com Dr. Langer fora de cena.

DR. LANGER - Bom dia, querido Carlos.

CARLOS - Bom dia, Doutor.

DR. LANGER - Como está se sentindo?

CARLOS - Melhor, mas preocupado.

DR. LANGER - Com o que, meu querido?

CARLOS - *(Com medo)* O senhor sabe...

²² Ministério de Educação da Aliança.

DR. LANGER - Mas é evidente que na Nova Era todos possuímos altos níveis de produtividade! Por isso existe a Aliança. Você já sabe o que o MEA²² destinou para você?

CARLOS - Não, ainda não. Eu vou passar pela triagem agora e...

DR. LANGER - *(Interrompendo Carlos)* Na vídeo-aula de hoje teremos conceitos introdutórios de assistência social. Aqui, está se iniciando a nossa imersão na comunidade que destinaremos para uma localidade pré-existente igual à original.

CARLOS - Sim, eu gosto da matéria. Só não imagino...

DR. LANGER - Fique tranquilo, Carlos. Agora, você verá um vídeo introdutório do contexto que será inserido.

Inicia o vídeo no Tablet de Carlos.

²³ SmartDigitalPieles é um aplicativo que permite a troca mútua de sensações afetivas em tempo real.

APRESENTADOR SORRIDENTE DO SMARTDIGITALPIELES²³ - Atenção, não-curados! É necessária a participação massiva de vocês em nossas redes sociais. Todo o tratamento proveniente da União Democrática da Aliança é custeado graças ao engajamento e trabalho em casa de todos vocês! Sorte dos que já estão em suas casas e oremos pelos que ainda estão hospitalizados. Todos os dias trabalhamos para distribuir novos cursos nas plataformas de Ensino a Distância. Nesta edição, já contamos com módulos nas disciplinas de educação física, veterinária e pedagogia. Agora, vamos disponibilizar Acupuntura, Bioplastia e Anatomia Humana Prática com Dissecção. Bons estudos!

Temporal

Cena - B

Corredores de um hospital onde muitas pessoas passam rapidamente com Notebooks em pastas, smartphones e tablets em mãos e com fones auriculares nos ouvidos. Luzes em tons de branco gelo e azul neve afirmam-se no ambiente. Carlos é acompanhado por uma enfermeira toda de branco, rosto gelado.

FRÄULEIN - Entendemos que são muitas informações. Mas acostume-se. Atualmente as informações correm rápido, são diversas e amplas. As normas mudam rapidamente, assim como os interesses. Você se encontra em um novo lugar e, provavelmente, vai se sentir confuso com tudo que terá que absorver. Por isso precisamos ser rápidos para que absorva tudo no menor tempo possível e consiga estar realizando as tarefas que toda a nossa Nova Era exige.

Colocam-se abruptamente duas cápsulas na boca de Carlos, fazendo com que ele se engasgue e engula.

CARLOS - *(Tossindo)* No caso, qual seria exatamente?

FRÄULEIN - Produzir.

CARLOS - Sim, mas exatamente o que em meio a isso tudo?

FRÄULEIN - Produzir conteúdo, Carlos. É o que todos vocês precisam fazer.

Entram em uma sala de cinema dentro do Hospital da Nova Era.

APRESENTADOR SORRIDENTE DO SMARTDIGITALPIELES - Devido às frequentes epidemias que, infelizmente, continuam assolando a Nova Era, necessitamos de um número mais elevado de períodos em que estaremos em quarentena.

CARLOS - *(Toca na grande tela, interrompendo o vídeo)* Por favor, espere. O que são as frequentes epidemias?

FRÄULEIN - Você tem direito a apenas mais uma pausa da videoaula de inserção à Nova Era. Atualmente, para não caírem os níveis de produtividade, infelizmente, limitamos as pausas.

CARLOS - Tudo bem, mas você pode me explicar, por favor?

FRÄULEIN - As epidemias são frequentes na Nova Era. Essas pestes são provenientes das inúmeras infecções não controladas pelos não-curados. Com o fluxo de epidemias se espalhando rapidamente e, conseqüentemente, morrendo milhares de pessoas, fundaram-se ministérios para o controle e erradicação para as pessoas curadas ou em processo de cura.

CARLOS - E os não infectados?

FRÄULEIN - Não houve não infectados. Todas as pessoas foram infectadas com graus de perdas distintos. Porém, todos que desenvolveram sintomas foram deixados na Grande Ilha para não contaminarem os bebês que nasciam e nascem todos os dias.

CARLOS - Como assim contaminar bebês? E quem cuidou deles?

FRÄULEIN - Os bebês nascidos a partir de março do ano de 2020 foram colocados nas Ilhas de Noronha, sob custódia da Aliança.

CARLOS - E o resto das pessoas?

FRÄULEIN - São os não-curados que habitam a Grande Ilha.

CARLOS - Tá, e quem foi curado?

FRÄULEIN - Por enquanto está na Grande Ilha, mas habitará em breve as Ilhas de Noronha.

CARLOS - Todas as pessoas que não conseguiram ser curadas morreram?

FRÄULEIN - Não, eles agora são os não-curados. Morreram as pessoas que não resistem aos sintomas.

CARLOS - Mas eles habitam o mesmo lugar de antes?

FRÄULEIN - A Grande Ilha é o nosso grande produtor: o catalizador de energia para as Ilhas de Noronha da Nova Era.

CARLOS - Então é por isso que eles sempre continuam em tratamento.
Fräulein - Para voltarem.

CARLOS - A?

FRÄULEIN - Produzir.

CARLOS - O mundo não pode parar.

FRÄULEIN - E não parou.

CARLOS - Apenas mudou de ordem.

FRÄULEIN - Nos unimos.

CARLOS - E com a união...

FRÄULEIN - Surge a União Democrática da Aliança!

Temporal

Cena- C

Carlos acorda, abre os olhos, olha para o teto. Agora, olha para sua mão esquerda, abre e fecha a mão. Levanta, ouve um barulho forte na rua. O barulho é um som vindo de uma caixa de som muito grande. Carros passam buzinando em carreata pela rua. Carlos abre a janela do apartamento.

SOM DA CAIXA DE SOM - É necessária a verdade. A Aliança e você buscam a verdade! Só através da verdade nós encontramos a salvação. A salvação das nossas almas só é possível com a verdade.

Cena - D

A cena acontece concomitante à cena C com focos distintos do início ao fim de ambas)

(Som de respiração ao fundo.

IRMÃ - Tu é uma lacuna.

IRMÃO - O que?

IRMÃ - Tu não me serve mais.

IRMÃO - Como assim?

Carlos fecha a janela, acende um cigarro e liga a televisão. Dr. Langer fala em um cenário com fundo azul gelo e com a mesma mensagem que sai do som da caixa de som.

DR. LANGER - Cidadãos da Aliança, uni-vos! (*Ouvem-se gritos da rua*). Entendemos que, devido às epidemias, os períodos de quarentena são mais extensos e, com isso, as divergências de quem mora junto, ou mesmo de quem é sozinho, tornam-se mais evidentes.

EMPRESÁRIO DE QUARENTA ANOS - Tu já tomou a urina dele?

JORNALISTA DE 38 ANOS - Quê? (*Tosse*).

EMPRESÁRIO DE QUARENTA ANOS - Eu tô te perguntando numa boa.

JORNALISTA DE 38 ANOS - Como assim, do que tu tá falando?

EMPRESÁRIO DE QUARENTA ANOS - Tu sabe... do que a gente já conversou e tá tentando... *Golden Shower*.

JORNALISTA DE 38 ANOS - (*Acordando*) Não, é claro que não!

Carlos levanta da cama, procura o controle remoto e não encontra. Carlos se lembra de que o contato com a programação é apenas touchscreen e vai em direção à televisão. Troca de canal, mas todos os canais passam a mesma mensagem.

EMPRESÁRIO DE QUARENTA ANOS - Mesmo?

JORNALISTA DE 38 ANOS - Sim, porra!

EMPRESÁRIO DE QUARENTA ANOS - Nas conversas dá a entender isso.

JORNALISTA DE 38 ANOS - Mas não é!

DR. LANGER - Com isso os diálogos são necessários. Mas como os fluxos de divergências se tornavam maiores que os momentos bons durante o cotidiano das pessoas, as relações tornaram-se insustentáveis.

IRMÃ - Na verdade eu não aguento. Eu não posso.

IRMÃO - Por quê?

Irmã - Porque eu odeio tudo que tu fez, como tu pensou, como tu agiu, como tu era, como tu foi, como tu é.

Carlos desliga a TV e sai do quarto. Na sala, em sua sacada, ouve-se novamente o som das ruas vindo da Caixa de Som da carreta que passa pela avenida principal em que Carlos vive.

Pai de Carlos - Eu não te amo de verdade, nunca amei.

DR. LANGER - A vida acabava se tornando insustentável com os números elevados de discussões.

UM ADOLESCENTE DE 16 ANOS - Eu fui uma lacuna?

PAI DE CARLOS - Sim, foi, agora, não me serve mais. Mas a merda que a gente fez é tão grande, tão grande...

UM ADOLESCENTE DE 16 ANOS - Como assim? Pai de Carlos: É melhor a gente ficar como está. A gente se dá bem aqui, com ela também. Tá tudo bem, é um acordo. Então é melhor esperar.

Carlos sai da sala, volta para o quarto e fecha porta. Olha para a televisão e ela ainda está ligada.

UM ADOLESCENTE DE 16 ANOS - Esperar o que, porra?

PAI DE CARLOS - A gente tá melhor.

UM ADOLESCENTE DE 16 ANOS - Curado?**PAI DE CARLOS** - Quê?

²⁴ Ministério da Saúde da Aliança.

DR. LANGER - A Aliança, junto ao MSA²⁴, criou, experimentou e aprovou este novo método.

IRMÃO - Bom, mas eu não te entendo. Empresário de quarenta anos: Eu gostei. Me atraiu. Mas eu coletei o que eu precisava. Eu engoli, mastiguei, senti o sabor de tudo que precisava. E, agora, acabou. Esgotou.

Carlos novamente toca na tela para desligar a transmissão, infelizmente as televisões da Nova Era não desligam durante o pronunciamento oficial do Dr. Langer.

DR. LANGER - Simpósio da Vida: uma noite para sentir a empatia que existe em você!

Temporal

Cena - E

Laboratório da Aliança. Carlos se encontra em uma sala com luz completamente branca. Há quatro telas que substituem as paredes. De uma maca, Carlos abre os olhos e as telas iniciam uma transmissão. Carlos sente que possui um volume no bolso da calça também branca. Ele coloca a mão no bolso e encontra um envelope. Abre o envelope e encontra uma mensagem.

Mensagem no Bolso de Carlos Inicia transmissão holográfica na mão de Carlos.

PROFESSOR - Carlos, bem-vindo à videoaula da Noite do Simpósio!

Mensagem no Bolso de Carlos Finaliza a transmissão holográfica na mão de Carlos. Telas iniciam a transmissão.

PAI DE CARLOS - Todo o ano, em meio às quarentenas, são necessárias as Noites dos Simpósios. Os simpósios são encontros no período noturno, que as pessoas necessitam para continuarem suas vidas com empatia. Empatia é o lema da Nova Era. A Aliança acredita, Carlos, que, na Nova Era, empatia

significa viver de maneira plural, igualitária, horizontal e, principalmente, com respeito.

Carlos tenta sair da sala, mas não há portas, apenas um copo de vidro com água.

FRÄULEIN - *(Substituindo na tela o Pai de Carlos)* Lembrem-se todos: as jornadas começam às 05h30 da madrugada da Noite do Simpósio e encerram-se às 19h30 do mesmo dia com um intervalo de quatro horas (das 10h30 às 14h30). As duas horas excedentes são para alinhamentos finais.

Carlos joga o copo com água no chão que se quebra em alguns pedaços.

²⁵ Ministério da Justiça da Aliança.

FRÄULEIN - A noite acontece com a Aliança na sua casa! As, em média, 24 horas de diálogos, conversas, partilhas e liberação de todos os males são necessárias para que a empatia invada as vossas vidas, fazendo com que a paz reine sobre o templo da Aliança na nossa Nova Era. Com isso, atente para as dez regras já conhecidas através do nosso regimento do MJA²⁵: Empatia por Testamento. Os nossos queridos irmãos contaminados por todos os males que assolaram o passado nos abençoam com a oportunidade deste encontro.

Carlos olha para o chão e percebe que um pedaço do copo de vidro estilhaçado está perto do seu pé. Abre-se uma única grande tela em fundo branco com o rosto de Carlos e o rosto de Carlos começa a falar.

ROSTO DE CARLOS - Ahora yo escribo así. Si, en español. No, no soy mexicano, argentino ni tampoco de Chile. Soy brasileño. Brasil de la parte de abajo, muy lejos de Cúcuta, Maracaibo o Cumaná. Escribo en español porque, así como los españoles, estoy duro. Obvio es una palabra que a ellos le gustan muchísimo. Es obvio que estoy duro. Estoy duro de plata y de vida. Me siento como en la PRÉ. Perdón, no lo es contado lo que llamo de PRÉ, ¿no? PRÉ es la sensación de que no soy un inmigrante, refugiado o apátrida. No soy AÚN. Entonces estoy en la PRÉ. Donde yo vivía, los huevos costaban cinco reales brasileños y, en poco tiempo después, estaban en veinte y cinco reales brasileños. Ahora, la moneda, que ya no valía mucho, está valiendo 0,00000020 dólares americanos. La gente mata no más por odio, pero porque busca la verdad. Porque busca su verdad y mira solo su

verdad. ¿Toda la rabia que tú tienes de alguien te hace mucho mal? Si, claro lo ideal era no sentir. Pero, si uno ya sientes, tengáis que hablar. Charlar con el otro, principalmente si tu ama. Si tu quiera cerca, para siempre. Si eres tu familia, tu amigo, tu amado o lo que sea. Pero nada puede, digo NADA, tener derecho de violentar por eso. La gente muere. ¿Quién muere? Quién es más flaco, obvio. Quién sufre o se encuentra en desventaja. Niños mueren con sus padres inconsecuentes, novias mueren todos los días en las manos de sus novios. Así como los venezolanos, hermanos migrantes, no sé más si hay vuelta. Un maestro me dijo en una clase de teatro contemporáneo que que lo real lo único a que no se puede volver. O sea, si yo me rompo una pierna yo no la tendré más. Lo que quiero decir con todo eso es que yo no sé cuando, otra vez, tendré esperanza que todo cambie para algo mejor. El español hace que yo me sienta latino.

Temporal.

Cena - F

(Carlos está andando pela rua. A rua está vazia, pouquíssimos carros passam. As farmácias estão abertas, junto às ferragens e, possivelmente, Carlos pensa, mercados também. Carlos entra em uma pequena vila onde, dentro de uma barbearia muito precária, sai uma mensagem em um rádio de pilhas): É permitida a invasão de redes sociais e invasão de privacidade física e moral. É permitida a violência verbal, doméstica, sexual ou de cunho hediondo. É permitida a violência de raça e gênero. (Carlos se afasta, continua caminhando. A televisão do bar na esquina com cadeiras na porta repele a continuidade do som anterior): É permitida a violação dos direitos civis, religiosos e constitucionais. Antissemitismo e qualquer movimento opressor é legitimado na Noite do Simpósio. Toda proliferação de ódio é bem-vinda para fazer com que enxerguemos a verdade sem distinções sentimentais. (Carlos para em frente de um outdoor onde tem sombra. A primavera está acabando. No cartaz, uma mensagem): Quer ganhar uma corrida grátis agora, neste mesmo local, pelo 2020trash? Posicione seu mobile aqui e acesse o QR Code! (Carlos precisa do transporte. Posiciona o telefone e é direcionado para uma mensagem): Leia o anúncio e ao final ganhe o seu transporte aqui.

ANÚNCIO - A Aliança, em sua casa, garante que a verdade trará consciência e, assim, habitaremos o reino da paz trazido pela empatia. Para conseguirmos sentir empatia ao coletivo, necessitamos ter empatia ao próximo. Para

termos empatia ao próximo nós precisamos conhecer quem está do nosso lado. Precisamos conhecer de verdade quem habita o mesmo ambiente que nós. Isso acontecerá somente com a verdade. Tenha fé, a busca pelo detalhamento de todo o passado de quem vive com você lhe trará paz. *(Mensagem ao fim do anúncio):* Para chamar o seu motorista assista ao anúncio publicitário aqui. *(Carlos clica outra vez)*

APRESENTADOR DO SMARTDIGITALPIELES - Agora, lançou uma atualização de aplicativo bombástica: voltamos aos anos 70 dos não-curados!

UMA VOZ DO COMERCIAL DO SMARTDIGITALPIELES RESPONDE - *(empolgada)* Como assim?

APRESENTADOR DO SMARTDIGITALPIELES - Com a nova versão, o aplicativo, que já permitia a troca de carinho com sensação real entre duas pessoas, saindo do seu smartphone, agora, volta no universo do sofá. Quarta à noite e sábados à noite, durante o período da quarentena, será permitido que todos os usuários PREMIUM conheçam seus pretendentes no sofá da sala de casa! É isso mesmo: número de encontros ilimitados para os assinantes PREMIUM nesta nova atualização. Agora, para quem quer encontrar aquele vô, aquela avó quentinha com lã no inverno funciona igual: pule agora para o sofá de quem você mais gosta!

Botão para chamar a corrida aparece e é clicado por Carlos. Carlos olha ao redor enquanto espera a corrida, enxerga uma notícia de futebol na tela de uma televisão que está na vitrine de uma loja. O motorista chega, Carlos entra. Boa viagem.

O QUE DIZER AOS IGUANAS?

Giorgio Zimann Gislon ²⁶
(Florianópolis – Brasil)

²⁶ Doutorando e propositador do Laboratório de Escritas Teatrais na UDESC. Pesquisador de psicanálise na EBP-SC. Autor do vídeo-dança *vocevaiouvoce-volta*.

Personagens:

Sérgio

Mário

Lorena

Marcela

E tantos outros.

Um sofá, um fogão, uma mesa, um armário, algumas cadeiras, quatro gaiolas grandes cada uma com um iguana. Iguanas vivos, se possível, ou quatro atores vestidos de iguanas. Uma projeção mostra as gaiolas dos iguanas no canto esquerdo do palco. Outra projeção mostra uma gravação de uma janela em um dia de céu azul. Numa fileira lateral, várias máscaras gigantes de iguana.

O Esconderijo

Sérgio está deitado no sofá, levanta-se, vai até o fogão e coloca água para esquentar. Volta, senta-se no sofá, acende um cigarro.

SÉRGIO - Vamos, Lolo? Não, não podemos, esperamos o bebê.

Sérgio fita atentamente aos iguanas enquanto fuma, depois levanta e prepara um café. Senta-se novamente com o café nas mãos.

SÉRGIO - Eu que neguei o convite de Roberto para ir à praia, eu que imaginava estar agora entre as montanhas. Eu que choro pelas manhãs escutando Caetano Veloso e pensando no futuro. Eu que gosto tanto do sol, que gosto de caminhar ao sol, que vou à praia para sentir o sol na minha pele, quando se pode ir à praia, quando a praia não está muito longe, quando a praia não é apenas uma miragem. Vamos, Lili? Não, não podemos, esperamos o bebê.

Sérgio coloca para tocar “Sozinho” de Caetano Veloso no celular, levanta-se, vai até o fogão e coloca mais água para ferver. Dá comida aos iguanas com carinho,

abre a porta das gaiolas um pouquinho. Canta a música enquanto prepara o café. Pega o copo de café e leva até uma pessoa do público.

Mário

Soa a campainha. Sérgio olha para os iguanas.

SÉRGIO - Sim! Sabem o que chegou? Pela família, sim! Vocês sabem o que chegou? Sim, sim, sim! O livro do bebê. Agora vou poder me preparar para quando o bebê chegar.

Sergio caminha com alegria e abre a porta. Mário dá um passo à frente com olhos fechados e as duas mãos frente ao rosto. Sérgio se esquivava.

SÉRGIO - O que está pensando? Está louco? Você não pode entrar assim.

MÁRIO - Senhor, me respingaram algo na cara. Não enxergo nada.

SÉRGIO - Como não enxerga? Como você chegou até aqui? Saia, já!

MÁRIO - Um vizinho seu respingou algo, quando eu estava embaixo do prédio perguntando pelo senhor.

SÉRGIO - O quê? Que vizinho? Nem eu que moro aqui conheço algum vizinho, como você sabe que foi um vizinho? Deve ser água de molhar plantas. Fora, fora!

MÁRIO - Senhor, eu preciso me lavar. O seu vizinho foi descuidado, pode ser contagioso.

Sérgio dá dois passos para trás.

MÁRIO - Bom, na verdade, eu preciso é tomar um banho!

SÉRGIO - Um banho?

MÁRIO - Sim, são as normas sanitárias.

SÉRGIO - Ah, está bem. Um banho nessa época não se nega a ninguém. O banheiro é por aqui. Ah, você não está vendo. Cadê minha entrega?

MÁRIO - Está na mochila quadrada, senhor, na porta.

SÉRGIO - Ok, pelo menos isso. Eu vou pegar uma toalha, não use a minha. Espere aí.

Sérgio busca uma toalha e conduz, pela mão, Mário até o banheiro. Corre até a pia e lava as mãos freneticamente. Olha os iguanas.

SÉRGIO - É inacreditável! Que falta de profissionalismo! Por isso que o Brasil está onde está. Mas pelo menos chegou meu livro do bebê! Sim, sim, sim!

Sérgio prepara um café e entrega para uma pessoa do público. Mário sai do banheiro, de olhos abertos e se senta no sofá, com a toalha nos ombros.

SÉRGIO - Você aceita um café? Você merece um café por todo esse esforço, se não fosse você estar trabalhando, tomando respingos, nem sei onde estaríamos, onde estaria meu livro do bebê.

MÁRIO - Aceito. Com açúcar, por favor.

SÉRGIO - Fica pronto rapidinho.

Sérgio vai preparar outro café, Mário se levanta e vai até as gaiolas dos iguanas.

MÁRIO - Que bichos horrendos!

SÉRGIO - O quê?

MÁRIO - Mas até que são lindinhos!

SÉRGIO - Ah, são meus companheiros de vida, já passamos muitos anos juntos. Mais de quinze!

MÁRIO - Quinze!? Hoje em dia há poucos casamentos que duram tanto tempo!

SÉRGIO - Sim, mas é que eles me adoram. Eu compro whiskas iguana para eles, eles ficam saltitantes!

MÁRIO - Saltitantes!? Na gaiola!?

SÉRGIO - É um modo de dizer. Comem e, na verdade, permanecem quase imóveis.

MÁRIO - Igual estão agora?

SÉRGIO - Caminham um pouco, mas eu sinto que por dentro ficam saltitantes!

MÁRIO - Eles têm uma cor muito bonita!

SÉRGIO - É verde Hulk.

MÁRIO - Luciano Huck?

SÉRGIO - Não, não. Aquele Hulk dos quadrinhos.

MÁRIO - Ah, entendi Huck, mas é Hulk. Os incríveis iguanas hulks!

SÉRGIO - Isso!

MÁRIO - É assim que você chama eles? Incríveis hulks que ficam dormindo e comendo o dia inteiro!

SÉRGIO - É... na verdade os nomes deles são: Lolo, Lili, Lala e Toby.

MÁRIO - E Toby?

SÉRGIO - É, Toby.

MÁRIO - Mas Toby é nome de iguana?

SÉRGIO - Ah, bom, foi meu sobrinho que deu... Não se pode desagradar as crianças. Sabe como é.

MÁRIO - Ah, sei. Mas é nome de cachorro!

SÉRGIO - E, além disso, tem sempre um desajustado na família.

MÁRIO - Uma ovelha negra!

SÉRGIO - Sim, alguém que é mais desgarrado, que tem nome de cachorro.

MÁRIO - E qual deles é o Toby?

Sérgio volta e entrega o café para Mário.

SÉRGIO - É... esse aqui.

Mário - Olá, Toby! Tobias!

SÉRGIO - Não, não. O nome dele é Toby, não é um apelido.

MÁRIO - Desculpa. Grande Toby!

Cabe Mais Gente

Sem que os dois percebam, entra Lorena e caminha até o meio da sala.

LORENA - Com licença, eu sei que não devia entrar assim.

MÁRIO - Olá! Bom dia!

SÉRGIO - Quê! Quem é você? O que você faz aqui?

LORENA - Eu trabalho no apartamento aqui do lado.

SÉRGIO - Disso eu sei, eu já vi você no elevador.

Sérgio entrega o café a Mário.

LORENA - Não posso ficar ali por causa das crianças e não tem transporte para minha casa.

SÉRGIO - Aqui você também não pode ficar, estamos em isolamento.

MÁRIO - Em isolamento.

LORENA - Eu também estou. Senta-se numa cadeira. Em isolamento.

SÉRGIO - O que você está fazendo? Em isolamento? Eu devia ter arrumado a tranca da porta, eu sabia que tinha que arrumar.

LORENA - Só vou ficar aqui um pouco, descansar até saber o que fazer.

SÉRGIO - Está bem, só um pouco.

Sérgio vai fazer outro café, Lorena tira um estojo da bolsa e começa a fazer unhas. Entra Alberto.

SÉRGIO - Porra, parem com isso!

MÁRIO - Olá! Bom dia!

Sérgio arrasta o armário até a porta.

ALBERTO - Bom dia, Sérgio.

SÉRGIO - Nos conhecemos?

ALBERTO - Sim, ou, não. Eu escuto sua mulher gritar seu nome, às vezes.

SÉRGIO - Como assim?

ALBERTO - Eu escutava, quando estavam a fazer o bebê.

SÉRGIO - Quê?

ALBERTO - Parabéns! Fiquei muito feliz com a gravidez!

SÉRGIO - Que porra é essa?

ALBERTO - Eu sou o vizinho de baixo, moro com minha mãe. Ela é idosa, eu estou com suspeitas. Preciso ficar aqui por uns dias...

MÁRIO - Parabéns, senhor!

SÉRGIO - Uns dias?

LORENA - Oba! Adoro crianças! Quando vêm?

SÉRGIO - Obrigado. Não sei. Vou fazer um café.

LORENA - E aqueles bichos esquisitos? Não podem transmitir doenças?

ALBERTO - Creio que não!

MÁRIO - São iguanas!

LORENA - Como?

ALBERTO - Iguanas!

MÁRIO - Iguanas incríveis Hulks!

LORENA - Eu detesto o Luciano Huck. Aquela exploração da pobreza!

ALBERTO - Não é Huck.

MÁRIO - Não, não. São HU-LKS!

Sérgio vem com o café.

SÉRGIO - Gostaram dos iguanas?

LORENA - Sim! São muito simpáticos! Muito vivazes!

ALBERTO - Dão uma leveza ao ambiente e também um aspecto um pouco assustador!

LORENA - Para quem não é acostumado!

MÁRIO - Logo se acostuma, eu já me acostumei!

A Avalanche

Entra Melanie e derruba o armário. Sérgio entrega um café para Melanie. Entram Joaquim, Murilo, Fábria, Verônica, Marcelo, Maurício, Pedro e Lurdes.

SÉRGIO - O que temos aqui? O que está acontecendo?

Todos, menos Sérgio, começam a falar ao mesmo tempo, a explicar o porquê de estarem ali. Quando percebem que não estão se ouvindo vão até a plateia e explicam cada um para um ou dois espectadores porque estão ali. Depois de um tempo tentando entender o que está acontecendo, Sérgio começa a bater panelas.

SÉRGIO - O que temos aqui? O que está acontecendo?

Todos começam a falar juntos. Sérgio bate panelas novamente.

SÉRGIO - Um por vez. O que está acontecendo? Você! Aponta para um deles. Sim, você mesma. Me explique o que essa gente toda está vindo fazer aqui.

VERÔNICA - Não podemos ficar sozinhos.

JOAQUIM - Temos que trabalhar.

MURILO - Não podemos voltar para casa!

FÁBRIA - O que é uma casa?

VERÔNICA - Vamos ficar aqui!

MARCELO - Um pouco.

MAURÍCIO - Pouco tempo.

PEDRO - Precisamos descansar.

LURDES - Temos que trabalhar.

VERÔNICA - Não podemos ficar sozinhos.

JOAQUIM - Temos que trabalhar.

MURILO - Não podemos voltar para casa!

FÁBIA - O que é uma casa?

MARCELO - Vamos ficar aqui!

MAURÍCIO - Pouco tempo.

LURDES - Um pouco.

MURILO - Não podemos voltar para casa!

O Iguanário

Blackout, começa a tocar uma música instrumental, focos verdes de luz se movimentam. Todos os humanos se tornam iguanas, ficam em quatro apoios e vestem as máscaras gigantes, menos Sérgio. Os iguanas caminham desordenadamente pelo palco, depois fazem uma linha no proscênio. Descem do palco, ficam em pé e caminham até a plateia, entre a plateia e por cima da plateia. Novo blackout, os atores tiram as máscaras e voltam às suas posições iniciais.

SÉRGIO - Uh! tive um *déjà vu*.

OUTROS - O que aconteceu?

SÉRGIO - Por um momento vi rinocerontes.

OUTROS - Rinocerontes?

SÉRGIO - Sim, manadas de rinocerontes!

OUTROS - Rinos?

SÉRGIO - Claro, eram manadas e trotavam atropeladas. Tinham raiva!

OUTROS - Raiva! Ódio! Nem mediam as consequências!?

SÉRGIO - Não, mas passou...

OUTROS - Passou?

SÉRGIO - É, passou, temos que continuar.

OUTROS - Passou?

SÉRGIO - Passou ou vai voltar, temos que continuar.

OUTROS - Volta ou vai!?

SÉRGIO - Não sei, vou fazer um café!

OUTROS - Café! Café!

A Videochamada

Blackout. Depois as luzes se acendem novamente e uma videochamada é projetada na tela onde antes estava sendo projetada a janela com o céu azul. Todos, a não ser Sérgio, ficam congelados.

MARCELA - Oi, amor!

SÉRGIO - Oi? Amor!

MARCELA - O que está acontecendo? Quem são todas as pessoas? Você ficou louco?

SÉRGIO - Calma, eu posso explicar...

MARCELA - Calma? Que calma!? Você endoideceu de vez!? O que está fazendo, um churrasco? É inacreditável!

SÉRGIO - Calma, posso fazer um café?

MARCELA - Que café, Sérgio? Que porra de café? Enfia o teu café você sabe onde!

SÉRGIO - Se eu fizer um cafezinho, podemos conversar melhor...

MARCELA - Não, não! Me explica agora o que está acontecendo aí!

SÉRGIO - Eu acordei, fiz um café, tratei os iguanas...

MARCELA - Os iguanas! Como estão os iguanas com toda essa multidão?

SÉRGIO - Estão bem. Estão muitos saudáveis e felizes!

MARCELA - Você está cuidando bem deles?

SÉRGIO - Sim, até compro whiskas iguana e eles ficam saltitantes!

MARCELA - Como assim?

SÉRGIO - Não se preocupe, dou só uma vez por semana.

MARCELA - Você está falando a verdade?

SÉRGIO - Sim, precisa ver como eles ficam alegres.

MARCELA - Lindos! Meus lindinhos!

SÉRGIO - Os olhinhos deles chegam a brilhar!

MARCELA - Que saudades dos meus bebês! Mas me explica, o que é essa multidão aí?

SÉRGIO - Não sei...

MARCELA - Como não sabe?

SÉRGIO - Eles foram entrando... Primeiro entrou um, ofereci um café, depois entrou outra, outro café e...

MARCELA - Você não consertou a fechadura?

SÉRGIO - Não...

MARCELA - Dois meses e você não pode consertar a porcaria da fechadura!

SÉRGIO - Estava tudo tão tranquilo. Eu pensava em outras coisas, até tinha comprado o livro do bebê.

MARCELA - Que bebê?

SÉRGIO - Do bebê, nosso bebê!

MARCELA - Já te disse que não estou grávida.

SÉRGIO - Não?

MARCELA - Foi só um sonho seu.

SÉRGIO - Foi tão real!

MARCELA - Não agora.

SÉRGIO - Há tanto por vir!

MARCELA - Há?

SÉRGIO - Já comprei o livro, estou me preparando!

MARCELA - Vamos esperar um tempo mais calmo!

SÉRGIO - Quando?

MARCELA - Quando tudo estiver mais tranquilo!

SÉRGIO - Quando vai estar?

MARCELA - Quando vai estar?

SÉRGIO - Quando?

MARCELA - E essa multidão? Até são simpáticos! Mas o que fazem aí?

SÉRGIO - Não sei, vieram.

MARCELA - Vieram?

SÉRGIO - Um a um, vieram.

MARCELA - Um a um?

SÉRGIO - Depois entrou um monte!

MARCELA - Como?

SÉRGIO - Pela porta...

MARCELA - Ah!

SÉRGIO - E agora me sinto menos sozinho...

MARCELA - Estão juntos?

SÉRGIO - Juntos!

MARCELA - Dá para perceber! Juntos!

SÉRGIO - Demorou para perceber... juntos!

MARCELA - Que bom que agora percebeu!

SÉRGIO - Sim, estamos juntos!

MARCELA - E o que fazer?

SÉRGIO - Ir...

MARCELA - Mas não podemos.

SÉRGIO E MARCELA JUNTOS - Esperamos o bebê.

Os outros descongelam e sorriem entre si.

TODOS - Ela não está grávida. Do mesmo jeito, todos nós esperamos que cresçam os bebês como novas manhãs de céu azul.

SÉRGIO - Enquanto isso, o que dizer aos iguanas?

ANGELUS SATURNUS – PROPEDÊUTICA DA RAZÃO DEMONÍACA

Ivan Delmanto ²⁷
(Florianópolis – Brasil)

²⁷ Dramaturgo,
encenador e
professor de
Teoria Teatral
na UDESC.

PARTÍCULA 0 – MULTIVERSO

Cracolândia. Televisores enterrados no chão. Público vaga por entre as valas e os aparelhos que estão ligados. As vozes narrativas dividem-se entre as diversas telas, alternada ou simultaneamente. Alguns trechos do texto perderam-se no tempo.

0,1. Em 25 de março de 2020, o navio de cruzeiro Vasco da Gama entrou no porto de Santos com uma carga humana, Era a última viagem da embarcação, o período de navegação terminara, o porto recebeu os hóspedes contaminados, Aliás, os que eram trazidos no cruzeiro não eram hóspedes, mas os verdadeiros donos daquela terra – os portugueses,

0,2. A descarga começou, Os mortos eram jogados na margem e levados para o cemitério, onde, em seguida, eram despejados em valas comuns, sem que ninguém amarrasse placas de identificação a eles, Capitu estava perdendo o sangue-frio, Não sabia o que ordenar, por onde começar, **o Vasco da Gama descarregava sobre a enfermeira chefe uma carga grande demais,**

0,3. Mas era preciso fazer algo, Os auxiliares de enfermagem tiravam os doentes dos carros e levavam em padiolas para a ala dos respiradouros, Nela, as macas se aglomeravam por todos os corredores, Guardamos cheiros na memória, como poemas, como o rosto das pessoas, **O cheiro desses primeiros sufocados do hospital de campanha no porto de Santos ficou para sempre na memória olfativa de Capitu,**

0,6. Minha história é simples, meu nome Capitolina Alves de Souza Vieira, Ainda criança e órfã, fui adotada e retirada de um abrigo arruinado, em 8 de

março de 1969, por Mario Alves de Souza Vieira e sua mulher, Clementina; Mario Alves foi um dos fundadores do PCBR, Partido Comunista Brasileiro Revolucionário, morto nas dependências do quartel da Polícia do Exército no Rio de Janeiro no início de 1970, durante a ditadura militar brasileira. Durante uma brincadeira de esconde-esconde me esgueirei para o escritório de meu pai, escondendo-me no peitoril da janela, atrás das persianas, Lá, abri um álbum muito bem organizado que estava cheio de fotos de companheiros mortos, Anos depois, em abril de 1979, já bem depois do desaparecimento de meu pai, enquanto os policiais responsáveis pela sua prisão faziam uma busca em nosso apartamento em Santos, para apagar vestígios antes da Anistia, encontrei quatro balas usadas de revólver em uma gaveta de sua escrivaninha, Cada bala estava embrulhada em um papel, com as palavras Kiko, Velho e Triguinho, aparentemente essas balas foram enviadas a meu pai depois das execuções de cada um deles, Guardei o pacote com as balas comigo e o conservo até hoje, O auge aparente da carreira de meu pai foi em 5 de fevereiro de 1972, quando ele já estava desaparecido, dia em que seus companheiros de PCBR, VAR-Palmares e ALN justicaram a tiros o marinheiro inglês David Cuthberg, que se encontrava no Brasil juntamente com uma força-tarefa da Marinha Britânica para as comemorações dos 150 anos de Independência nacional, Após o atentado foram arremessados dentro do táxi onde ele se encontrava panfletos que informavam que o ato teria sido decisão de um tribunal, como forma de solidariedade à luta do Exército Republicano Irlandês contra o domínio inglês,

0,8. Em 25 de março de 2020, o cruzeiro Vasco da Gama entrou no porto de Santos com a carga humana de três mil portugueses e portuguesas, Durante a viagem os navegantes contaminados fizeram um motim contra a quarentena imposta pela Vigilância Sanitária brasileira, e as autoridades, assustadas, decidiram autorizar o desembarque do navio em solo nacional, já era tarde, estavam todos mortos, Mas durante a epidemia o caso foi enterrado e, por isso, Capitu recolhia os corpos sob a vigilância do SNI, para que trabalhasse e esquecesse,

PARTÍCULA 1 – DR. ANGELIKOS EM 2020

1,1. Mais da metade do meu tempo, eu, Dr. Angelikus Machado, gastava no desmascaramento de simuladores, Eu entendia, é claro, os motivos que levavam os mendigos à simulação, se estivesse com o vírus teriam direito a um leito em um dos hospitais, hospitais de campanha, é verdade, mas que

serviam de três a quatro refeições por dia, além de um teto de lona e de uma cama confortável, Não enxergava, absolutamente, a tarefa de desmascarar fraudadores de um ponto de vista elevado, como uma tarefa social do governo brasileiro para salvar o país da pandemia, nem sequer como uma questão moral, via nela, nessa tarefa, um modo adequado de usar os meus próprios conhecimentos, a capacidade psicológica de armar as arapucas em que, para a grande glória da ciência, deviam cair os famintos, os loucos, os infelizes, os desdentados, os viciados, Do lado do falso doente estava apenas o pavor das ruas desertas e infectadas, de onde saíra antes de chegar ao hospital e para onde tinha medo de voltar, para não voltar eles **tinham que permanecer doentes, nem que fosse sob fingimento ou teatro,**

1,2. Utilizávamos, para os simuladores mais insistentes, a terapia do choque, Injetávamos no sangue do interno uma dose de óleo de cânfora em quantidade algumas vezes superior àquela que se aplica com injeção subcutânea para a manutenção da atividade cardíaca em doentes graves, sua ação leva a um acesso súbito, semelhante a um acesso de loucura ou ataque epilético, Durante o choque, a cânfora aumenta abruptamente a atividade muscular, todas as forças motoras do mentiroso, os músculos tensionam-se de modo anormal e a força do suspeito, que perde a consciência, aumenta umas dez vezes, o ataque dura uns dez minutos e mostra que o simulador, se é capaz de tensionar todos os músculos e de saltitar tanto, está perfeitamente saudável, Vitória da ciência,

PARTÍCULA 3 – SOBRE AS REVOLTAS DE MARÇO

3,1. A violência da multidão nos dias de março de 20 não foi dirigida por nenhum partido revolucionário ou movimento, Foi, em sua maior parte, uma repressão espontânea às misérias e ao medo gerados pela clausura, Foi uma expressão do ódio que os de baixo haviam sentido durante largo tempo, presos em seus buracos de toupeira debaixo da terra, Os símbolos do antigo poder estatal foram destruídos, As estátuas dos heróis nacionais foram destroçadas ou decapitadas, Uma câmera de celular filmou um grupo de trabalhadores que riam, enquanto lançavam a cabeça de pedra de Duque de Caxias ao ar como se fora uma bola de futebol, A multidão exigiu vingança violenta contra os oficiais do Exército e da Polícia Militar que patrulharam as ruas durante décadas, Um foi lançado à rua desde a janela de um quarto piso, e quando seu corpo golpeou, sem vida, contra o

solo, mulheres correram para destroçar sua cabeça sangrenta com pedaços de pau,

3,2. As crianças brincavam com os fuzis que encontravam abandonados nas ruas, e se divertiam atirando cartuchos nas fogueiras para vê-los explodir, Um menino de uns doze anos, havia conseguido uma pistola automática, como um grande número de soldados, estava tentando pagar uma dessas fogueiras, apertou o gatilho e um dos soldados caiu morto, Isso alarmou tanto o menino, que manteve apertado o gatilho até que disparassem as sete balas, Morreram três soldados, e outros quatro ficaram feridos com gravidade,

3,3. A destruição das prisões teve um significado simbólico poderoso para a massa revolucionária, em março de 20, era um sinal de que o antigo regime havia morrido, de que os dias sonhados de liberdade, sem prisões e sem crime, estavam a ponto de chegar, Encontrei uma multidão que contemplava como ardia o Palácio do Governo, no Morumbi, O telhado já havia desabado, o fogo crepitava nas paredes, e colunas vermelhas e amarelas como de lâ saíam das janelas, lançando uma montanha de cinzas de papel ao obscuro céu noturno, Ninguém fez nenhuma tentativa de apagar o fogo, Um homem caminha qual sentinela, guardando o incêndio, e se deteve e perguntou, com voz apagada: “Bem, isso significa que será abolido todo Governo, é verdade? Que todos os castigos serão eliminados, é assim?”, Ninguém o contestou,

3,4, Capitu acompanhou os acontecimentos daquele mês de março à distância, Os soldados que aderiram à revolução andavam com as boinas do avesso, com os casacos desabotoados e sempre bêbados, as mulheres vestindo roupas de homem e os homens vestindo-se de mulher, como se assim também pusessem abaixo a ordem social, Os atos sexuais, desde o beijar e a carícia pública até o coito mais frenético, que a multidão realizava abertamente pelas ruas na euforia dos Dias de Março, as ruas ressoavam com o ruído de choques de automóveis, a maioria colidia, Mais tarde, a cidade estava repleta de carros abandonados, como um imenso ferro velho,

PARTÍCULA 6 – DR. ANGELIKOS OUVI A PAIXÃO DE ADÃO, DE ARVO PART, ENQUANTO EXAMINA PANCRÁCIO NO HOSPITAL DE CAMPANHA DO PACAEMBU

6,1. Imediatamente depois do Grande Terror, em que o Caos reinou sobre nossas cabeças degoladas, houve no hospital, bem diante de meus olhos, o desenlace de uma tragédia, As purgas da polícia sanitária puxaram do fundo da vida e trouxeram à luz certas camadas, certas partes da existência que, em qualquer momento e em qualquer lugar, estariam escondidas da clara luz do sol, todos aqueles corpos contaminados pelo vírus precisavam ser desinfetados, e nossas mãos eram lavadas a cada 10 minutos, sem perder a coloração vermelha,

6,2. Durante as ações da polícia e do exército, os hospitais tinham sido destruídos, e os contaminados se misturaram à população, seria uma guerra oculta ou explícita? Química ou bacteriológica? Os contaminados pelo vírus se faziam passar por feridos e mutilados de guerra, os doentes se misturaram com os que fugiam para o norte e voltaram à vida normal, ainda que terrível, onde eram tomados por vítimas da guerra, por heróis, talvez, Os doentes fugiam das quarentenas, viviam e trabalhavam, Os contaminados viviam em meio às pessoas, compartilhando os trabalhos no campo e nas fábricas, ou o que havia restado das fábricas, tornavam-se chefes e subordinados, só não chegavam nunca a soldados – eram impedidos pelo barulho horrível da respiração e da falta de ar, sintoma inconfundível do vírus, Examinei o mendigo Pancrácio, que trouxe o vírus para o hospital,

6,3. Era a Doença, inconfundível! Eu havia sido examinado e o Dr. Angelikos me mostrou minha face canina, O rosto da pessoa fica parecido com o focinho de um cão, A FACE FICA TRANSFORMADA, estávamos condenados, sem poder respirar, nenhum ou ninguém, Nós, irmãos no vírus, nós, Aqueles, Aquele um, o COISA QUE NUNCA EXISTIU, O SUMIDOURO, O BURACO DE MINHOCA, O ANTES, O SEMPRE, etc,

PARTÍCULA 7 – O ENFERMEIRO CALIPSO CONTEMPLA UMA PAISAGEM MESSIÂNICA, SEM O SABER

7,1. O paciente Pancrácio foi levado e despido diante de todos os enfermeiros e médicos, Um carcereiro, portando uma pistola, ficou a certa distância do doente, O Doutor Angelikos, armado de um enorme bastão, foi percorrendo sobre a doença, estendendo o bastão ora na direção da face Canina de Pancrácio, ora para seus pulmões, que latiam enquanto tentavam aspirar um pouco de ar ou sopro, mas que se desfaziam,

7,2. Ela era uma enfermeira, Capitu, e estava de plantão na ala feminina, estava havia pouco tempo, alguns meses, ela tinha o latido no peito: Vírus!,

7,3. A desinfecção do vírus é uma tarefa complicada, deve-se queimar todos os rastros e vestígios, todo o passado, o aposento inteiro em que viveu o doente, Construíram duas pequenas celas para os presos infectados, para lá foram transferidos Capitu e Pancrácio, Trancados com cadeados pesados, sob a vigília da escolta, os doentes foram largados ali, à espera da ordem, da patrulha que os levaria para o hospital de Campanha recém-inaugurado em Parelheiros,

7,4. Capitu e Pancrácio ficaram apenas um dia em suas celas, e, depois disso, na mudança de turno, os guardas as encontraram vazias, Houve pânico no hospital, tudo nas celas estava no lugar, janelas e portas, Pancrácio tinha desmontado as tábuas, os dois saíram para o corredor, para uma cova subterrânea, Os doentes escolheram um lugar, cercaram um leito, jogaram sobre ele cobertores, colchões, usaram troncos para proteger-se do mundo, No terceiro dia, tanto a equipe da segurança quanto os cães farejadores encontraram os doentes, Eu também fui com esse grupo, um pouco encurvado, pelo baixo porão do hospital, Desmontaram os troncos, No fundo, sem se levantar, estavam deitados, nus, os dois infectados, as mãos escuras e deformadas do mendigo abraçavam o corpo brilhante de Capitu, ambos dormiam, foram cobertos com mantas e levados para uma das celas, não os separaram mais,

PARTÍCULA 10 – ANGELUS SATURNUS

10, 1. como Quixotes pisoteados por cavalarias infinitas, que buscam o sopro da vida no hálito dos cadáveres, Ontem apanhei uma folha seca e a escondi num compartimento secreto da minha bolsa, onde guardo todos os objetos infelizes e perdidos, e conversei com ela: “Você não sabe o sentido da vida, Fica aí, Eu descobrirei porque viveu e morreu, Visto que ninguém precisa de você e se arrasta no meio do mundo, vou te guardar e lembrar de você”, Eu aprendi a reunir, nos dias sem trabalho e sem comida, toda a espécie de miudezas infelizes da natureza, como documentos da criação não planificada do mundo, como provas das promessas de tudo quanto vive e respira, À noite, não consigo dormir, porque aprendi a ficar deitada de olhos abertos, com saudades do futuro,

10,3. quais seriam OS ULTIMÍSSIMOS MINUTOS ANTES DA CHEGADA DA CATÁSTROFE?

1. OS ULTIMÍSSIMOS minutos do valor
2. OS ULTIMÍSSIMOS minutos da razão
3. OS ULTIMÍSSIMOS minutos da História
4. OS ULTIMÍSSIMOS minutos do medo
5. OS ULTIMÍSSIMOS minutos da eternidade
6. OS ULTIMÍSSIMOS minutos da dança
7. OS ULTIMÍSSIMOS minutos da memória
8. OS ULTIMÍSSIMOS minutos do amor
9. OS ULTIMÍSSIMOS minutos do silêncio
10. A ULTIMÍSSIMA VISÃO

Luz , você diz, O contrário, dizem lá debaixo,

PARTÍCULA 12 - PROPEDÊUTICA DA RAZÃO DEMONÍACA

12,1. “De um sem histor... Como o chamou você antes?”

“Com história. De um lugar com história”.

“Provém você pois?”

“Provenho eu pois, marcado, queimado”.

12,2. Re-cordar

também pré-recordar, pré-pensar, e conservação daquilo **que poderia ser.**

DOMINGO INFINITO

Ivan Faria ²⁸
(Niteroi – Brasil)

²⁸ Artista-pesquisador, professor de teatro. Mestrando no PPGAC-UNIRIO, onde se graduou em licenciatura em Artes Cênicas. Integra o coletivo Performers Sem Fronteiras.

Participantes

STEFANI - Eu. Tenho seis anos de idade. (*É interpretada por uma atriz sexagenária, preferencialmente, ou mesmo mais velha. Ela passa a maior parte do tempo em uma cadeira de rodas, mas é pela comodidade, pois consegue se locomover*).

PAPAI - Gosto muito, mas não ajuda em nada.

MAMÃE - Busca equilibrar tudo.

TIO RODRIGO - Irmão de Mamãe. Artista.

A ação se desenrola no apartamento onde a família de Stefani está em quarentena. O tempo é impreciso, pode ser qualquer pandemia das que vieram ou que virão. A peça pode ser encenada numa relação convencional de performers e convidados, com todes no mesmo espaço físico; mas também pode ser executada por plataforma virtual, em que performers contracenam através de videochamada dividindo a tela dos convidados que assistem remotamente.

Meme com defeito

Onde vemos um tableau às antigas ²⁹ ³⁰

Escuro. Uma luz invade a cena, como o nascer do sol. Revela os corpos de todas as atrizes e atores que estão em cena, de pé. Todas e todos usam roupas de baixo e, na cabeça, o capacete³¹ de sua roupa de proteção – como astronautas. Estão tomando sol. Stefani não tem capacete. O tempo não passa. Por trás dos corpos dos atores e atrizes vemos um “cortejo triunfal” (Benjamin, 1993)³². É uma marcha infinita e lenta, como uma caminhada de butoh, com todas as figuras que nos colonizaram. As figuras do cortejo podem vir acompanhadas de cartazes que identifiquem quem são ou que as comentem – como é comum nos memes. Ou não. Estão mortos mas nos atravessam. Vêm do passado mas compõem o presente.

O tempo passa. O tempo não passa.

²⁹ Componha as unidades deste roteiro de ações como lhe parecer mais interessante: escolhendo outra ordem, sorteando, ou até mesmo do modo como está listado aqui.

³⁰ Todas as notas, rubricas, títulos, links e etcetera ficam à disposição como material textual para proposição da

cena e possível inclusão na montagem, compondo uma trama de hipertextos à qual se juntam também as referências das pessoas envolvidas na montagem.

³¹ Os capacetes têm etiquetas/placas que identificam as figuras (Papai, Mamãe, etc.).

³² "Todos os que até agora venceram participam do cortejo triunfal, que os dominadores de hoje conduzem por sobre os corpos dos que hoje estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo triunfal, como de praxe. Eles são chamados de bens culturais. [...] Devem sua existência não somente ao esforço dos grandes gênios que os criaram, mas também à servidão anônima dos seus contemporâneos" (BENJAMIN, 1993, p. 244-245).

curta, embora pareça que não acaba nunca. Quando a luz cai em intensidade, os membros do cortejo estão terminando de passar. As figuras que tomam sol vão saindo de suas posições estáticas, os corpos ficam tristes e começam a vestir suas roupas completas de proteção.

A luz continua caindo até a escuridão total.

Videochamada com exercício de Chernobil

Escuro. Som de chamada de vídeo em espera. Tempo. Ninguém atende. Desliga a chamada.

VOZ STEFANI - Mãe...

VOZ MAMÃE - Filha, vai ver ela não pode atender agora... Manda um vídeo. Ela vai gostar.

Muxoxo da filha um pouco contrariada. Ela inicia a gravação do vídeo e as luzes vão se acendendo aos poucos.

STEFANI - Olá, Tia Dulce. Aqui é a Stefani, do 1º b. Como a senhora. Está? Eu estou muito bem e muito animada porque meu aniversário de seis anos está chegando! E você como está a senhora, Tia? Mamãe já disse que a gente não vai poder comemorar como gostaria meu niver por causa da panemia ... Da panedemia (*ri de si mesma de ter se atrapalhado*) isso ai, e por causa do coisa do vírus do coiso. Mas está tudo bem...

À medida que as luzes vão se acendendo, vemos no pano de fundo as figuras que dividem o apartamento com Stefani: Papai, Mamãe e Tio Rodrigo. Todos usam as roupas de proteção completas. Executam tarefas cotidianas: varrer, cozinhar, arrumar a casa, trabalhar ao computador, higienizar as compras que chegam, dentre outras.

STEFANI - Eu queria fazer festa na escola, com bolo de brigadeiro e tema de unicórnio porque eu adoro unicórnio (*ri de entusiasmo e mostra seu unicórnio de pelúcia que vai lhe acompanhar*). Queria todo mundo lá e você e meus amigos e Luquinhas e Mariana e Mariana Galvão e Mariana Batista e Mariana

Figueira e todo mundo e queria também minha avó. E eu sei que não pode avó na festa da escola mas eu queria com o unicórnio e o bolo de brigadeiro. Ia ser tão lindo! Mas não pode, eu sei.

Toca o interfone. Uma voz grita: entrega do supermercado vai subir.

Tia Dulce, eu tô com muita saudade do meu amigo Luquinhas. Eu mando mensagem mas ele nem recebe. Eu mando e-mail e Instagram e ele não recebe. Eu tô com saudade. Se a senhora falar com ele, diz que eu estou com saudade e mandei um beijo (*ri*). Um beijo não, manda um abraço (*ri*). Minha mãe falou que ele pode estar sem internet e isso é muito triste. Eu não consigo imaginar a vida sem internet. Como alguém pode viver sem internet?! Eu acho que hoje a internet é a minha melhor amiga. Quando eu estou triste eu ligo a internet, ou quando não consigo dormir e minha mãe não pode ficar comigo porque está trabalhando, ou quando meu pai não pode ajudar no dever – porque ele nunca faz nada, mas eu amo ele. Então eu acho que a internet é minha melhor amiga. E quando é janta e mamãe faz oração e pede “Deus, que não nos falte saúde”, eu sempre penso “que não falte internet também”. Mamãe tentou explicar o que era Deus, mas eu achei confuso. Aí ela falou que Deus está em todo lugar e resolve todos os problemas e aí eu pensei que Deus é tipo a internet e ficou mais fácil de entender.

Toca o interfone. Uma voz grita: entrega do supermercado. Stefani interrompe o vídeo e começa a gravar outro.

Tia Dulce, sou eu de novo. Stefani, do 1º b. É que o outro vídeo não deu para contar tudo então vou gravar esse outro, mas vai ser rapidinho. A tia disse que era para mandar o vídeo com o dever de casa e contar como a gente está, mas eu tô mandando só a segunda parte para não perder ponto. Eu queria mais que tudo no mundo a minha avó no meu aniversário (você também, mas eles mais), mas acho que queria mais mesmo a minha avó. Porque tem muito tempo que eu não vejo ela. Desde que isso tudo começou. E já tem tanto tempo que eu já tô embolando os meses. Nem sei ... Fevereiro, abril... É que eu ainda estou aprendendo os meses. Eu confundo natal com páscoa porque nos dois junta todo mundo e come muito e ganha presente, mas agora não junta mais ninguém, nem come muito nem presente. Se bem que mamãe disse que tem gente que não troca presente no natal, que não

pode. Então como sabe que é natal? Ai eu me confundo. Confundo também minha avó. Outro dia eu perguntei pra mamãe se a avó tinha uma pintinha de que lado da bochecha e ela disse que a avó não tem pintinha e aí eu fiquei achando que era então a avó do Luquinhas, mas ele não recebe minhas mensagens e a senhora também não consegue falar com ele.

Toca o interfone. Uma voz grita: entrega do supermercado vai subir.

Mamãe disse que a gente não pode ver a avó porque ela é bomba relógio, é um grupo arriscado e tem que proteger. Eu fiz que entendi, mas fiquei com muita puta raiva e não gostei. Troço chato do caralho. Nada a ver isso de proteger. Protege e a pessoa não pode abraçar, ver, conversar. Quero que ninguém me proteja. Eu sou a única desprotegida da casa porque minha roupa de proteção com tamanho especial para a minha idade não chegou. Tomara que não chegue. *(faz cara de que não está nem aí e termina o vídeo para enviar)*

Toca o interfone. Uma voz grita: supermercado e farmácia vai subir.

MAMÃE - Eu não acredito que o fermento não veio de novo! Será que tem alguém pegando?

Stefani permanece alheia e grava um áudio.

STEFANI - Tia Dulce, sou eu de novo: Stefani, do 1º b. Esqueci de falar do trabalho. A senhora. Pediu pra gente escolher uma reportagem ou foto de jornal que achasse interessante para comentar. Quem me ajudou com o trabalho foi tio Rodrigo que é irmão da mamãe e que está morando com a gente agora. Diferente da mamãe que está sempre trabalhando, o Tio Rodrigo tem ficado mais tempo comigo. Ele é muito legal. Ele é artista. A gente pinta junto, brinca junto, conta história. A escola onde ele dá aula tem deixado ele com bastante tempo livre. Parece que estão dando mais atenção para outras matérias. Foi o que mamãe disse. Eu acho que ele ficou triste com isso e por isso não sai mais do quarto. Tem uns dias que eu não vejo ele e por isso o trabalho não ficou pronto. Eu preciso da ajuda dele ou da mamãe para ler a notícia para mim. Mas mamãe disse que vai me ajudar. Eu e Tio Rodrigo escolhemos uma reportagem sobre *(fala pausado para não errar)* Cher-no-by1 que é tipo uma fábrica que explodiu e ninguém podia ficar

mais na cidade e as ruas ficaram vazias. Que nem agora. Por isso eu escolhi. Tchau, Tia Dulce. *(desliga)*

Entra mamãe.

MAMÃE - Já chega, filha. O celular da mamãe é só para ver a aulas e passar dever.

Videochamada com falha na conexão,

Mas, apesar disso, muito didática

MAMÃE - Stefani, vem comer. O jantar está na mesa.

A família se senta à mesa e faz uma oração que não se ouve. Se servem. Mãe serve a filha, o pai. Tódes os adultes pegam seus celulares e comem olhando para a tela. Eventualmente reagindo aos conteúdos que tomam conhecimento. Stefani não tem um celular. Ela olha em volta, come. Busca algum olhar, mas nada. Quer repetir a comida, mas a mesa é grande para ela, tem dificuldade de alcançar as travessas, ninguém lhe presta ajuda. Ela, por fim, põe sobre a mesa o seu unicórnio de pelúcia e começa a interagir com ele. Brinca de lhe dar comida e fica absorta em sua fantasia. Um pouco à salvo, um pouco triste. Vai caindo a luz.

Videochamada com mamãe

STEFANI - Mamãe, eu preciso que você me ajude com o dever da Tia Dulce.

MAMÃE - Seu tio já não tinha te ajudado nisso?

STEFANI - Mas a gente não terminou. E agora ele não sai mais do quarto...

MAMÃE - *(Suspirando e vendo que não tem saída)* então, vamos lá. *(senta com a filha à mesa de estudo)* o que a gente precisa fazer?

A mãe está cansada, mas a menina está muito animada de poder aproveitar a companhia da mãe. A partir da próxima fala, começam a entrar em cena alguns dos vencedores da história, que compuseram o cortejo triunfal do quadro

“meme com defeito”. Eles se colocam ao redor da mesa de estudos como que intimidando a mãe a dar uma “educação correta” à filha. A mãe os vê, a menina não.

STEFANI - A Tia Dulce pediu pra gente escolher uma reportagem ou foto de jornal que achasse interessante para comentar. Eu e Tio Rodrigo escolhemos uma reportagem sobre *(fala pausado para não errar)* Cher-no-byll, mas eu preciso que você leia a reportagem pra mim.

MAMÃE - *(Um pouco surpresa e aturdida)* Chernobyl?... O acidente de Chernobyl foi um acidente nuclear que matou uma porção de gente, que destruiu uma cidade inteira e tudo o que estava em volta.

STEFANI - Sim.

MAMÃE - E isso não é assunto pra criança.

STEFANI - Mas tinham crianças lá. E tem crianças aqui agora. E o que a gente está vivendo é muito parecido. Eu escolhi porque quando o Tio Rodrigo me explicou era exatamente como eu estava me sentindo aqui presa: numa cidade fantasma.

A mãe hesita.

STEFANI - Lê pra mim, por favor. *(mostra a tela do computador insistindo).*

MAMÃE - *(Lendo)* Chernobil é uma cidade fantasma localizada no norte da Ucrânia, perto da fronteira com a Bielorrússia. Em 26 de abril de 1986, ocorreu o acidente nuclear de Chernobil. O reator número 4 da central de Chernobil teve problemas técnicos e liberou uma nuvem radioativa contaminando pessoas, animais e o meio ambiente de uma vasta extensão de terras. O número total de vítimas, incluindo os mortos devido ao desastre, continua a ser uma questão controversa. (Chernobil, 2020)

A menina fica surpresa. Pausa.

STEFANI - *(Tomando coragem)* Mãe, porque o Papai não faz nada?

MAMÃE - Ele faz o que ele consegue, as coisas dele.

STEFANI - As coisas dele não são as nossas?

MAMÃE - São, mas...

STEFANI - *(Interrompendo)* O chão que a gente varre não é nosso, de todo mundo? A comida não é nossa? A louça suja não é de todo mundo da gente?

MAMÃE - O seu pai cresceu aprendendo coisas diferentes.

STEFANI - Agente não pode ensinar coisas novas pra ele pra ele se “alterar”?

A última palavra é dita com cuidado para não errar, mas com orgulho. A mãe estranha o vocabulário.

MAMÃE - *(Hesitante)* Essa não é uma palavra muito de criança... Onde você aprendeu ela?

STEFANI - Foi o Tio Rodrigo que me ensinou. Ele diz que criança tem que saber de tudo. Sobre as coisas que morrem, sobre sentimento ruim, sobre gente que faz maldade, pra gente saber se defender e argumentar. Que criança é criança não é burro e entende tudo é só explicar do jeito que a gente entende.

Pausa. A mãe fica pensativa.

STEFANI - Porque ele não sai mais do quarto?

MAMÃE - *(Pensa antes de responder)* porque ele não cumpriu um combinado que a gente fez e eu briguei com ele.

STEFANI - Sobre se proteger que nem a vovó?

MAMÃE - Sobre não encontrar uma pessoa que ele gosta muito.

STEFANI - “Uma pessoa” é um outro homem?

MAMÃE - *(Desconfiada, hesitante)* O que você sabe sobre isso?

STEFANI - Que todo mundo tem o direito de poder ficar com quem gosta. *(Pausa)* Que nem você e o papai, *(A mãe se surpreende)* que nem eu e você. Ninguém pode separar ninguém que se ama, nem por causa de deuses diferentes, nem por causa de linhas que dividem os países, nem por causa de cor da pele, nem do dinheiro, nem por causa de pipiu e pepeca.

MAMÃE - Foi o seu tio que te ensinou isso?

STEFANI - Não. Foi a Tia Dulce. Ela tem uma marida, uma companheira. Ela contou pra gente num dia que chegou chorando e disse que amava muito a marida dela. Mas que era melhor a gente não contar isso pra qualquer pessoa porque nem todo mundo entende. Mas eu achei que você ia entender. *(Pausa)* a Tia Dulce é sapatona, mas só quem é sapatona pode falar sapatona, porque senão parece xingamento. Mas eu não sou sapatona, eu só acho uma palavra engraçada. *(Pausa)* se eu virar sapatona você vai me trancar no quarto que nem fez com o tio rodrigo?

MAMÃE - Não, meu bem. Eu nunca vou te trancar no quarto. E não fui eu que tranquei o seu tio. Ele ficou bravo comigo e não quis mais sair.

STEFANI - Então vamos lá falar com ele.

MAMÃE - Pra que?

STEFANI - Pra ele saber que a gente ama ele e ele sair. Já tá muito ruim todo mundo trancado aqui dentro. Ficar trancado dentro do trancado é pior ainda. *(a mãe hesita, mas a menina convoca)* vamos!

A mãe olha os vencedores da história. Responde a filha desafiando-os:

MAMÃE - Vamos.

As duas saem. A filha puxando a mãe pela mão.

Videochamada onde se tenta um afeto,

Quando já foram todes dormir

Papai e mamãe estão frente à frente, vestidos com seus trajes completos de proteção. Ficam parados um tempo. Ouvimos suas respirações abafadas.

- eu estou com saudade.
- eu também. *(pausa)* eu sinto sua falta.
- eu também. *(pausa)* do toque.
- de abraçar.
- eu também.
- também.
- de amar.
- rir junto.
- *(juntas)* eu também.

Pausa.

- das tuas pernas.
- teus pelos.
- enroscando.
- também.
- subindo.
- entrando.
- molhando.

- escorrendo.
- mordendo.
- pescoço.
- orelha.
- lambendo.
- pescoço.
- orelha.
- também.
- (*juntas*) de fazer conchinha.

Pausa.

- você acha que consegue?
- não sei. (*pausa*) eu estou com medo.
- eu também.
- de tudo.
- sim.
- de morrer.
- eu tenho mais medo de você morrer.

Pausa.

- (*juntas*) eu tenho medo de você ficar doente e eu não saber o que fazer. De não ter remédio, hospital, médico. De você morrer e eu ficar aqui sozinha/o.

Da menina perguntar por você e eu não ter o que responder. De fazer tudo o que eu sei pra salvar a gente e não ser suficiente. Do dinheiro não dar, do salário não dar, da comida não dar. De não fechar a conta. A conta do banco. A conta do empréstimo. A conta dos planos que a gente fez pra gente. Eu tenho medo do mundo se acabar antes da gente ter conseguido virar aquilo que sonhou.

Pausa. Respiram ofegantes. Abruptamente se beijam, sem tirar a roupa ou os capacetes.

- me desculpa?

- pelo que?

- por tudo. Eu não tenho ajudado muito.

- acho que sim.

- sim pela desculpa ou pelo que eu não tenho ajudado?

- os dois. *(pausa)* me desculpa?

- pelo que?

- por tudo. Eu não tenho ajudado muito.

- acho que sim.

- pela desculpa ou pelo que eu não tenho ajudado?

- os dois. Mas se você fizer de novo eu juro que te mato. Acabo tudo e não tem mais volta. Não vai ter filha, mãe, irmão, casa, história, nada que me segure. Não me adianta nada o amor se a louça e a luta continuam sendo só minhas/meus. Eu preciso de alguém do meu lado, não montado em cima de mim. Entendeu?

- entendi. Mas eu tenho medo.

- é para ter mesmo.

Videochamada para festa de aniversário

Stefani está vendada e é trazida para o centro da cena. Os outros parentes aguardam sua chegada com balões coloridos de aniversário. Ela está ansiosa. Fazem uma contagem regressiva para lhe tirar as vendas. Quando isso acontece, gritam: "surpresa!". A menina fica feliz, mas logo olha em volta e vê que não tem mais nada. Nem um bolo de aniversário.

MAMÃE - Filha,... O seu bolo... Ele não ficou pronto.. Porque o nosso fermento acabou. Eu sei que não era o que você queria, mas esse é o nosso último saquinho de jujuba. *(entrega constrangida o saco de jujubas para a filha)*

A menina fica meio sem reação, mas depois explode em grande euforia. Um pouco artificial até.

STEFANI - Eu adoro jujuba! Eu vou guardar elas para um momento especial e dividir com todo mundo.

PAPAI - Tem uma outra coisa, que também não era bem o que você queria, mas que a gente queria te dar de presente. A sua roupa protetora chegou.

Ele entrega uma grande caixa para a filha que ela desembulha e de onde retira a roupa. Ela o abraça forte.

Videochamada com tom e sinatra,

Onde Tom Jobim (um pouco brasileiro) se globaliza, ou seja...

Projeção da chegada do ser humano na lua³³. Todas as figuras estão com seus trajes completos de proteção, incluindo Stefani que acabou de ganhar o seu. A projeção se faz sobre seus corpos e sobre o fundo da cena. Os corpos começam parados, mas aos poucos começam a executar uma dança coreografada. Uma macarena em câmera lenta, ou algo em ritmo de lambada ou outro ritmo latino, o que parecer mais conveniente. Inicialmente, o grupo dança sem ouvirmos nenhuma música. Aos poucos, depois de iniciada a projeção da chegada do ser humano na lua, começamos a ouvir a música "fly me to the moon", na gravação

³³ Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=abfw_dBSRCB4.

de Frank Sinatra e Tom Jobim. A dança leva o seu tempo. A luz vai baixando. Black out.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas.* Trad. Sérgio Paulo Rouanet. V.1, 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CHERNOBIL. In: Wikipédia, a enciclopédia livre. Flórida: wikimedia foundation, 2020. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=chernobil&oldid=57971875>>. Acesso em: 6 abr. 2020.

MEME. Dicionáriosignificados. 2015. Disponível em <<https://www.significados.com.br/meme/>>. Acesso em 27 abril 2017.

LINGUIÇA

João Ricken ³⁴
(Brasília – DF)

³⁴ Ator, diretor e dramaturgo no Coletivo Truvação e ator no Coletivo Columna e no Grupo Tripé, graduado em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília.

Um casal de homens em cena. Homem 1 está acordado, enquanto Homem 2 dorme. Homem 1 acende a luz e acorda Homem 2.

HOMEM 1 - Quê que você acha sobre pedofilia?

HOMEM 2 - Oi?

HOMEM 1 - É que eu tava assistindo um documentário sobre pedofilia outro dia desses e tinha um cara bizarro falando abertamente sobre como ele se sente atraído por criancinhas, mas ele não tava preso porque ele “nunca tinha botado aquilo em prática”. Eu fiquei em choque.

HOMEM 2 - Por quê que a gente tá conversando sobre isso no meio da noite?

HOMEM 1 - Eu não consigo dormir, minha cabeça tá a mil e eu to precisando esvaziar o que tá passando pela minha cabeça, você pode me ouvir?

HOMEM 2 - Fala.

HOMEM 1 - Então, o cara falou que nunca tinha botado nada em prática, mas ele disse que usava a própria imaginação pra se... Você entendeu. E aí é que tá: isso já não é botar em prática? Quer dizer, esse cara tá solto por aí, vivendo a vida dele, provavelmente parando num parquinho de vez em quando pra “só olhar” pras crianças e “não botar isso em prática” e aí ele chega em casa e bate uma pensando naquilo. Não é um absurdo? *(Uma pausa.)* Amor?

HOMEM 2 - *(Meio dormindo)* Hã?

HOMEM 1 - Você tava me ouvindo?

HOMEM 2 - Hm... Sim. Pedófilos. Horrível.

HOMEM 1 - Você não acha que esse cara tinha que estar na cadeia?

HOMEM 2 - Um abusador de crianças? Óbvio.

HOMEM 1 - Você não ouviu o que eu tava dizendo. Tecnicamente ele não abusou de nenhuma criança, mas ele admitiu que sentia atração por crianças e que..

HOMEM 2 - Você não acha melhor a gente dormir?

HOMEM 1 - Escuta o que eu to te falando. Como que eu vou dormir se eu sei que um cara desses tá solto por aí? Quantos iguais a eles não devem existir? Já imaginou se eles decidem ir atrás dos nossos filhos?

HOMEM 2 - A gente não tem nenhum filho.

HOMEM 1 - Você entendeu.

HOMEM 2 - (Quase dormindo) Aham.

HOMEM 1 - Então?

HOMEM 2 - Então o quê?

HOMEM 1 - Ele não tinha que estar na cadeia?

HOMEM 2 - Quem?

HOMEM 1 - (Irritado) O pedófilo!

HOMEM 2 - (*Tentando permanecer acordado e assimilar a conversa*) Ah. Hm... Não sei, acho que não. Se ele não cometeu nenhum crime...

HOMEM 1 - Mas ele continua sendo uma ameaça pra sociedade.

HOMEM 2 - Ué, mas se ele admite que tem um problema e tá pedindo ajuda,

então ele provavelmente tá fazendo a coisa certa.

HOMEM 1 - Ele pensa em crianças enquanto ele se masturba, aonde que ele tá fazendo a coisa certa?

HOMEM 2 - Mas ele não escolheu ser assim, né? Quer dizer, eu não escolhi gostar de Homem, por exemplo. Tudo bem que o meu desejo não é errado, mas eu consigo entender como é você não ter controle sobre um desejo.

HOMEM 1 - Parabéns, você conseguiu igualar os gays aos pedófilos. Presta atenção: dois homens podem dar consentimento, uma criança e um Homem não. Sinceramente, me preocupa você comparar essas duas coisas. *(Percebendo que Homem 2 está dormindo.)* Mas me preocupa ainda mais que eu to falando com uma parede agora, porque aparentemente não tem mais ninguém nesse apartamento. *(Pausa.)* NÉ?

HOMEM 2 - *(Meio dormindo)* Aham.

HOMEM 1 - *(Jogando um travesseiro em Homem 2, despertando-o)* Você não tá nem aí pro que eu to falando.

HOMEM 2 - Por quê que a gente ainda tá discutindo isso?

HOMEM 1 - Porque eu pedi sua opinião.

HOMEM 2 - Mas eu já te dei minha opinião. Eu não acho que o cara escolheu ser pedófilo, então no mínimo ele tem que procurar ajuda. E se isso já é o que ele tá fazendo, eu não acho que ele seja uma pessoa horrível.

HOMEM 1 - Amor, pedófilos são pessoas horríveis. Algumas pessoas simplesmente são horríveis e é isso. Não tem como mudar.

HOMEM 2 - Tá bom.

HOMEM 1 - Então você concorda comigo?

HOMEM 2 - Sim, mais ou menos. Posso dormir?

HOMEM 1 - Então eu ganhei.

HOMEM 2 - Você me acordou pra fazer uma competição?

HOMEM 1 - Não é uma competição, eu só tava tentando provar um ponto. Sei lá, eu queria ter uma conversa. Mas pelo visto você não conversa mais comigo sobre nada...

HOMEM 2 - Do que você tá falando?

HOMEM 1 - To dizendo isso. Que você não conversa mais comigo sobre nada. Aí eu propus um assunto mais polêmico pra ver se alimentava nosso diálogo.

HOMEM 2 - A gente precisa alimentar nosso diálogo às 3 horas da manhã?

HOMEM 1 - Por que você não me contou que transou com uma mulher?

HOMEM 2 - Quê?

HOMEM 1 - Quê o quê?

HOMEM 2 - Eu nunca transei com uma mulher! De onde você tirou isso?

HOMEM 1 - Eu sonhei que você tava me traindo com uma mulher..

HOMEM 2 - Como assim?

HOMEM 1 - Pois é, como assim?

HOMEM 2 - Quem era ela?

HOMEM 1 - Não sei, me conta você.

HOMEM 2 - O sonho foi seu, como que eu vou saber?

HOMEM 1 - A mulher era sua.

HOMEM 2 - Eu não te traí com uma mulher!

HOMEM 1 - Então você me traiu?

HOMEM 2 - Não foi isso que eu disse.

HOMEM 1 - Se você não tivesse me traído, você teria dito que não me traiu, mas você disse que não me traiu "com uma mulher".

HOMEM 2 - Eu não te traí. Ponto. Eu só disse "com uma mulher" porque você mencionou aquela mulher. E também porque se eu fosse te trair, certamente não seria com uma mulher.

HOMEM 1 - Parece que você tem esse cenário muito bem pensado.

HOMEM 2 - Eu sou gay.

HOMEM 1 - Você tem certeza?

HOMEM 2 - Que eu sou gay?

HOMEM 1 - Que você não me traiu.

HOMEM 2 - Sim, tenho certeza.

HOMEM 1 - Então quem era aquela mulher?

HOMEM 2 - Eu não faço a menor ideia.

HOMEM 1 - Talvez fosse o meu inconsciente me dizendo alguma coisa.

HOMEM 2 - Talvez você esteja exagerando. Foi só um sonho.

HOMEM 1 - Uma vez eu sonhei que a minha avó tinha aparecido no quarto pra mim dizendo que ela tinha morrido, aí eu acordei e minha avó tinha morrido.

HOMEM 2 - Quê que isso tem a ver?

HOMEM 1 - Foi o mesmo tipo de sonho.

HOMEM 2 - Sua avó apareceu pra você e disse que eu tava te traindo?

HOMEM 1 - Não, mas apareceu uma mulher. Ela tava bem ali, perto da porta.

HOMEM 2 - O que exatamente ela te disse?

HOMEM 1 - Ela falou que te comeu.

Homem 2 - Ela me COMEU?

HOMEM 1 - Sim, ela disse "eu comi ele", e aí eu disse "quem?", e ela disse "seu namorado". Aí eu fiquei tipo "quê?", e ela disse "eu comi seu namorado", aí ela desapareceu.

HOMEM 2 - E isso claramente significa que eu te traí...

HOMEM 1 - É simbólico. Não é como se eu sonhasse toda noite que você tá me traindo.

HOMEM 2 - Dá pra ver que sua mente é bem criativa.

HOMEM 1 - Eu vou te perguntar uma vez: tem alguma coisa que eu preciso saber?

HOMEM 2 - Tem. Você precisa saber que tá de madrugada e que eu quero dormir.

HOMEM 1 - Tá vendo? Você não consegue nem mentir, tem que ficar desviando o assunto.

HOMEM 2 - Deixa eu ver se eu entendi: você me acordou no meio da noite falando sobre pedofilia só pra introduzir um assunto pra poder me perguntar se eu estou te traindo com uma mulher, porque você sonhou com uma mulher dizendo que me comeu e agora você tá me chamando de mentiroso? Quê que eu te fiz? Você me odeia?

HOMEM 1 - Eu não sei o que é, mas você tá escondendo alguma coisa de mim. Você tava todo estranho comigo ontem.

HOMEM 2 - Não tava não.

HOMEM 1 - Tava sim. Você tava frio. Eu sei que tinha alguma coisa acontecendo, não mente pra mim.

HOMEM 2 - Não era nada.

HOMEM 1 - Foi exatamente o que você me disse ontem nas quinze vezes que eu te perguntei o que tava acontecendo. "Não é nada". Quinze vezes, eu contei. E aí você continuou sendo frio comigo. Doeu.

HOMEM 2 - Mas não era nada, eu só tava entediado. Eu não aguento mais ficar em casa.

HOMEM 1 - Eu sou tão insuportável assim?

HOMEM 2 - Não, eu só--

HOMEM 1 - Eu adoro ficar em casa com você.

HOMEM 2 - A gente realmente não precisa estar tendo essa conversa de madrugada.

HOMEM 1 - Que diferença que faz? A gente não pode sair de casa amanhã. Nem depois. E nem mês que vem. Nem nenhum dia até setembro, ou talvez outubro, ou talvez até o carnaval do ano que vem, até as autoridades dizerem que o vírus foi embora, e aí todo mundo vai sair pro carnaval e com certeza vai ter sobrado alguma pessoa que ainda tenha o vírus, e aí todo mundo vai ficar doente de novo e a gente vai voltar a ficar preso dentro de casa e assim será até o nosso último carnaval. ADEUS, CARNAVAL!

HOMEM 2 - Eu acho que não é assim que funciona.

HOMEM 1 - Independente de como funciona, tanto faz a hora que a gente dorme e acorda. A gente pode ir dormir agora e ter essa conversa de manhã,

ou a gente pode ter essa conversa agora, que é quando eu quero conversar, e ir dormir qualquer hora, porque ainda assim vai estar todo mundo preso dentro de casa. Nós estamos vivendo um apocalipse!

HOMEM 2 - Posso manter meu sono regulado durante o apocalipse?

HOMEM 1 - Se você odeia tanto conversar comigo... Pode.

HOMEM 2 - Obrigado.

(Homem 2 se deita para dormir. Um momento de silêncio.)

HOMEM 2 - Perdi o sono. *(Para si)* Puta que pariu.

(Mais um momento de silêncio. Homem 2 se ocupa com um livro. Ouve-se um barulho de chuveiro ligado vindo do banheiro.)

HOMEM 2 - Satisfeito?

HOMEM 1 - *(Interrompendo)* Shhh! Tá ouvindo isso?

HOMEM 2 - O quê?

HOMEM 1 - Acho que tem alguém no banheiro.

HOMEM 2 - Impossível, eu tomei banho não tem nem uma hora.

HOMEM 1 - Shhh!

(Homem 1 vai até o banheiro, que fica fora de cena. O barulho para e Homem 1 entra em cena.)

HOMEM 1 - Você deixou o chuveiro ligado?

HOMEM 2 - Não.

HOMEM 1 - Tava ligado. Ou foi você ou tá com defeito. Você trancou a porta?

HOMEM 2 - Tranquei.

HOMEM 1 - E as janelas?

HOMEM 2 - Fechei.

HOMEM 1 - Mas trancou?

HOMEM 2 - O quê?

HOMEM 1 - As janelas.

HOMEM 2 - Acho que sim.

HOMEM 1 - Acha?

HOMEM 2 - Acho.

HOMEM 1 - Você precisa ter certeza.

HOMEM 2 - Mas eu não tenho certeza. A gente nem sempre tranca as janelas.

HOMEM 1 - Então descobre.

HOMEM 2 - Eu to ocupado.

HOMEM 1 - Seu livro é mais importante que a nossa segurança?

HOMEM 2 - Eu quero ler. Posso?

HOMEM 1 - Eu entendi que você quer ler, mas não é disso que você precisa agora.

HOMEM 2 - (*Abaixando o livro*) E do que eu preciso agora?

HOMEM 1 - Você precisa ver se as janelas estão trancadas.

HOMEM 2 - Por que você não olha?

HOMEM 1 - Porque eu pedi pra você fazer isso antes da gente dormir, porque eu não quero ter que fazer tudo nessa casa, porque o chuveiro acabou de ligar sozinho e eu fiquei com medo de alguém ter invadido a casa... precisa de mais algum motivo?

HOMEM 2 - Você acabou de ver que não tinha ninguém no banheiro.

HOMEM 1 - Mas agora eu to com medo.

HOMEM 2 - *(Respirando fundo)* As janelas estão trancadas.

HOMEM 1 - Por que você respirou fundo antes de falar comigo? Tá com raiva de mim porque eu pedi pra você trancar uma janela? *(Percebendo que Homem 2 voltou a se distrair com o livro, Homem 1 toma o livro da mão de Homem 2).* Será que você pode prestar atenção em mim?

HOMEM 2 - Você pode devolver meu livro, por favor?

HOMEM 1 - Só se você checar se as janelas estão trancadas.

HOMEM 2 - Eu to esperando o sono bater de novo. Não tem a menor chance de eu levantar daqui.

(Homem 1, com raiva, sai para verificar as janelas, levando o livro de Homem 2.)

HOMEM 2 - Mas e o meu livr- Amor... Amor!

(Após alguns segundos, Homem 2 pega seu celular que estava ao lado da cama. Homem 1 entra de mãos vazias.)

Homem 2 - Cadê meu livro?

HOMEM 1 - Joguei pela janela.

HOMEM 2 - Oi?!

HOMEM 1 - Você deixou uma janela destrancada.

HOMEM 2 - E isso é motivo pra jogar meu livro pela janela?

HOMEM 1 - Sim.

HOMEM 2 - Qual janela que eu deixei destrancada?

HOMEM 1 - A do banheiro.

HOMEM 2 - A do banheiro?

HOMEM 1 - Sim, a do banheiro. Já pensou se alguém entra por ela no meio da noite?

HOMEM 2 - Amor, a janela do banheiro é minúscula, não passa ninguém ali. E a gente mora no quinto andar!

HOMEM 1 - Podia ser uma criança.

HOMEM 2 - Como que uma criança ia escalar até o quinto andar? E pra quê ela entraria no nosso apartamento?

HOMEM 1 - Não sei, pergunta pra ela.

HOMEM 2 - Tá, depois eu pergunto. Agora eu to ocupado lendo as notícias. E você me deve um livro.

HOMEM 1 - Não é pra você ficar lendo notícia, você vai ficar paranóico.

HOMEM 2 - Eu vou ficar paranóico?

HOMEM 1 - *(Ignorando a crítica de Homem 2)* Mas vem cá, e a luz da sala?

HOMEM 2 - O quê que tem a luz da sala?

HOMEM 1 - Você deixou ela acesa?

HOMEM 2 - Não. Apaguei.

HOMEM 1 - Tem certeza?

HOMEM 2 - Não.

HOMEM 1 - Não ou sim?

HOMEM 2 - Não. *(Pausa)* Na verdade, sim.

HOMEM 1 - Então sim?

HOMEM 2 - Você verificou todas as janelas da casa mas não prestou atenção nas luzes?

HOMEM 1 - Eu saí do quarto pra verificar as janelas, não as luzes.

HOMEM 2 - Eu apaguei a luz da sala. Tenho certeza!

(Homem 1 toma o celular da mão de Homem 2 e começa a sair de cena.)

HOMEM 2 - Você não vai jogar meu celular pela janela.

HOMEM 1 - *(Parando)* Se eu quiser eu vou. E se você ligar a televisão eu joga a televisão pela janela, também. Até você aprender.

HOMEM 2 - Mas não é justo! Eu apaguei a luz da sala. Tenho certeza!

HOMEM 1 - Mas era pra deixar a luz da sala acesa.

HOMEM 2 - Quê? Por quê?

HOMEM 1 - Se um ladrão quiser invadir e tiver uma luz acesa, ele vai ver que tem gente em casa e não vai entrar.

HOMEM 2 - A gente mora no quinto andar!!

(Homem 1 sai de cena com o celular de Homem 2. Homem 1 volta de mãos vazias, apaga a luz e deita-se na cama.)

HOMEM 1 - *(Em tom seco)* Boa noite.

HOMEM 2 - Boa noite.

(Um momento de silêncio. Homem 1 acende a luz.)

HOMEM 1 - Por que você não brigou comigo?

HOMEM 2 - Como assim?

HOMEM 1 - Eu joguei seu celular pela janela e você não vai fazer nada?

HOMEM 2 - Você não jogou o meu celular pela janela.

HOMEM 1 - Joguei sim.

HOMEM 2 - Duvido.

HOMEM 1 - *(Após uma pausa, devolvendo o celular.)* Tá, eu não joguei. Mas eu podia ter jogado. E eu te acordei no meio da noite, fiquei te enchendo o saco com uma história de pedófilo, te chamei de mentiroso, joguei seu livro pela janela... Por que você não brigou comigo?

HOMEM 2 - Você quer que eu brigue com você?

HOMEM 1 - Não, eu to tentando entender o que é que você tá tentando compensar. Você não é paciente assim comigo todo dia não. Quê que você quer?

HOMEM 2 - Eu só quero dormir.

HOMEM 1 - Quê que você tá escondendo de mim?

HOMEM 2 - Nada! Só me deixa dormir, por favor!

HOMEM 1 - Você tá me traindo?

HOMEM 2 - NÃO!

HOMEM 1 - Eu vou te perguntar só mais uma vez: você está me traindo?

(Homem 2 ignora enquanto tenta dormir.)

HOMEM 1 - Tá ou não tá?!

HOMEM 2 - Se eu disser que sim, você vai me deixar em paz?

HOMEM 1 - Eu só quero que você me fale a verdade.

HOMEM 2 - *(Incisivamente, olhando no fundo dos olhos de Homem 1)* Eu não estou te traindo. Boa noite.

HOMEM 1 - Tá bom. Eu acredito.

(Homem 2 suspira de alívio e deita-se novamente.)

HOMEM 1 - *(Apagando a luz)* Boa noite.

HOMEM 2 - Boa noite.

(Um momento de silêncio. Homem 1 então acende a luz.)

HOMEM 1 - Você não tá mesmo me traindo?

HOMEM 2 - Mas que inferno!

HOMEM 1 - Então você tá?

HOMEM 2 - To!

HOMEM 1 - Tá?!

HOMEM 2 - Não é isso que você quer ouvir? Então sim, eu to te traindo! Sabe aquela mulher que você viu no meio da madrugada? Não era sonho nenhum, era a mulher que tava me comendo aqui antes de você chegar. Eu aproveitei que você furou a quarentena ontem e chamei ela aqui pra dentro de casa. E ela ainda insistiu que queria me comer na cama onde eu durmo

com o meu namorado. Satisfeito? Ah, e ela deixou bem claro que ela não queria só transar, ela queria me comer. *(Soletrando)* C.O.M.E.R. Comer. Ela ama me comer. E eu adoro quando ela me come. Nós dois gostamos tanto de quando ela me come, que a gente tava planejando de eu fugir amanhã à noite pra ir lá na casa dela, e ela disse que vai me estrangular, depois me cortar em pedacinhos, passar por uma trituradora enorme e fazer linguiça com a minha carne. Quilos e quilos de linguiça pra ela e todos os outros canibais que estão de quarentena. Quer que eu mande entregar um pedaço pra você?

(Eles se olham. Um silêncio constrangedor. Homem 1 e Homem 2 então começam a se beijar apaixonadamente, quase que de forma violenta.)

WHERE DO WE GO NOW? PARA AONDE VAMOS? ¿ADÓNDE VAMOS AHORA?

Laura Diniz Tavares ³⁵
(São Paulo - Brasil)

³⁵ Atua, escreve, pinta, desenha e produz. Bacharel e licenciada em Artes Cênicas pela UnB, cursou também Dramaturgia na SP Escola de Teatro.

³⁶ Autor/a desconhecido/a.

A play. A statement. A confession. An experiment. A critic. A shock. A choice. A movie. Something or whatever.

“Continuamos líricos, porque não conseguimos resolver os problemas conosco. Continuamos dramáticos, porque não conseguimos resolver os problemas com o outro. E continuamos épicos, porque não conseguimos resolver os problemas com o mundo.” ³⁶

O presente texto foi escrito na linguagem coloquial, com o propósito de fluir com a comunicação oral. Adapte o texto de acordo com o gênero da pessoa que o performará. Em cena, telas diversas: televisão de tubo, televisão plana, tela de led, projetor (e onde projetar) e uma ou mais câmeras de segurança voltadas para a plateia. Público entra. Alguém fecha a porta do teatro com bastante força, de forma que o público perceba (e se incomode). A primeira televisão liga, imagem da/do atriz/ator. Ela/e começa:

Aquele cão que explora a fétida rua, perto do fétido esgoto, para deixar ali sua fétida marca com uma fétida bosta. A cidade pouco se importa com tanta fetidez de pessoas igualmente fétidas, dirigindo carros fétidos, usando fétidos perfumes, gastando seu fétido dinheiro para comprar fétidas tendências.

Vai, meu amor, caga logo!

Au!

Anda! Eu tenho que voltar pra casa, já vai começar o Faustão!

(Muda o tom) Senhoras e senhores, aplausos! Sejam bem vindos ao espetáculo mais esperado da Terra! O mais previsível, o mais “vamos domar o já domado”. Apresentações com performances do mais do mesmo. Viva!

Bem vindas, bem vindos, bem vindes. Encham o saco e a barriga! O homem correndo atrás do rabo que não tem, o esporte do riso fácil e da morte certa. Celebrai! Vivam o horror da existência, essa luxúria do poder sobre a vida que não é sua. Sintam o prazer de achar que isso não tem a ver com você aqui e agora, em busca de atrativos vis que esfregamos no seu focinho! Você, boneco animal. Bem vindas, bem vindos, bem vindes. Sentai e anestesiiai-vos da dor do outro! O circo de horrores que você pagou pra ver! Bem vindas, bem vindos, bem vindes!

(Muda o tom) Pronto. Podemos começar? Poxa, muito obrigado por vocês estarem aqui essa noite. É uma noite especial. É sempre uma noite especial. Eu tava com medo de que não viesse ninguém, que talvez eu não tivesse com quem compartilhar esse momento. Ando meio triste, claro, quem não estaria? Tenho altos e baixos, mas a verdade é que é difícil lidar com a situação. Parte de mim se renova com a esperança, me imagino criando novas coisas, novas possibilidades. Não seria bom se me entregasse ao tédio e à tristeza. Mas vocês vieram. Isso que importa.

Eu tava pensando da gente fazer uma coisa meio diferente hoje, o que acham? Quero dizer, pra vocês não vai ser tão diferente assim, né? Esse tipo de situação geralmente acaba tendo sempre mais do mesmo, mas vamos tentar. Não. Espera. Eu tô meio triste ainda. Sei lá. Não tô conseguindo superar, sabe? Era pra gente estar junto agora. Mas, enfim, vida que segue, não é mesmo? É o que andam dizendo. "O mais importante é a saúde!" *(Ri)* Como eu gosto dessa frase! Ai. Espera. Vamos começar.

Na verdade, eu queria só fazer um desabafo antes. Num sei. Aproveitar a situação. Não sei quando terei uma oportunidade dessa de novo, né? Na real, não sabemos de nada, nunca. Sempre achamos que sabemos. Puta prepotência. Agora estou eu aqui. Vocês aí. Essa puta distância entre a gente que antes não era necessária. Essa merda toda colocando a vida de todos em risco. De todos. A parada é generalizada, não salva um. Mas vida que segue. Vamos começar. Ah é! Espera. Meu desabafo, né? Eu disse que ia desabafar. Putz, cara, nem sei o que dizer, tipo, certeza que vai soar clichê e tal, mas... vida ingrata essa! Revoltado. Uma parte da existência sendo regida por outra. Tem hierarquia? Talvez. Mas puta merda. Esse rolê de zoológico, agora eu entendi a porra toda dos ativistas lá. Ficar assim é uma merda. Assim: como eu estou. Tipo, mas pra mim passa? Passa. Em algum momento

passa. Mas para os pobres bichinhos lá não. É a vida toda. Uma vez... nada emocionante, mas vou contar essa pra vocês. Uma vez, no zoológico, eu tava com a minha família. Já tava adulto, nada de pirralho não. A gente foi lá já grande mesmo, fazer um "rolê nostalgia", lembrar como era anos atrás. Eu e minha irmã paramos na frente da área dos tigres. Eles tavam lá, parecendo alguma coisa entre o "suavão" e os "mortos de tédio", e aí veio o cuidador responsável deles conversar sobre como era a "rotina" dos tigres. Nada muito legal, o cara lá meio que contou que todo dia de manhã, enquanto os tigres estavam presos nas jaulas, ele escondia carnes em diferentes lugares antes de soltar eles dentro do... sei lá como chama aquela área... é... "recinto de exposição". Ele gastava por volta de duas horas escondendo carnes em lugares diferentes, tentando subir na árvore e esconder carne, atrás de pedra, não sei o que o cara inventava. E os tigres, sabem quanto tempo eles levavam pra achar? Dois minutos! Num dia de 24 horas, apenas dois minutos de êxtase. *(Ri)* Enfim, sei lá se isso é relevante. Sabia que o tigre vive mais tempo no zoológico? Sim, entre uns 15 a 18 anos. Solto, viveria menos, entre 10 a 12, 14 anos no máximo. Mas solto morre naturalmente. No zoológico morre cego, com osteoporose, artrite, câncer e sei lá mais o quê. Morre pior que humano ou que nem humano. Melhor? Pior? A vida solto, livre, ou preso com carnes escondidas? E a carne? Que tipo de carne deve ser? Boi, talvez? Boi preso? Menu do dia: boi preso para um tigre preso. Faz sentido. Só o boi que não morre velho, o tigre pode morrer velho, o boi tem que morrer na hora certa. Calculada. *(Ri)* Desculpa, gente, eu disse que a gente ia começar, né? Nossa, desculpa, viajei aqui. Deixa eu resolver um negócio antes. *(Mais uma televisão liga, continua a imagem da/do atriz/ator, pode ser de outro ângulo.)*

Melhorou? Melhorou, né? Claro! A gente evolui! Ah moleque! Tecnologia! *(Ri)* Nada original, mas melhor! Inegável. *(Muda de humor)* Vamos começar. *(Olhar focado. Ri consigo mesmo, se desconcentra.)* Tem uma história...tem sempre uma história de... *(imagem trava)*.

~~quando foi que começou essa dor no meu peito, na minha alma, essa dor que colocou minha existência no chão, um sufocamento que me impediu de pensar. Eu queria ser alguém para os outros, quem eu seria? Seria bom? Seria suficiente?~~

(Imagem volta. Respira fundo) Deixa pra lá. Vamos começar. *(Se concentra)*

Essa é a história de uma mancha, uma mancha muito grande. Nessa mancha tinha alguns pontinhos, alguns só, não muitos. E pouco a pouco, bem devagarinho mesmo, esses pontinhos foram se multiplicando. E, como se ocupar um lugar só não fosse o bastante, começaram a se deslocar em cima da mancha. Depois aprenderam a se deslocar fora da mancha, conseguindo ocupar outras manchas. Esses pontinhos continuaram se multiplicando, mudando muito pouco suas características de tamanho e cor. *(Vê a carta, que sempre esteve lá, abre e lê.)* De acordo com os decretos e declarações oficiais do governo, está vedada qualquer tipo de aglomeração, sendo assim, a população deve ficar em casa, a fim de conter a proliferação do *(Ironiza)* tal novo coronavírus. *(Para de ler)* Mas isso todo mundo já sabe. Medida de proteção, etc. Não é por isso que eu estou aqui e vocês aí? É por esse motivo. Exatamente esse. Famoso “cada um no seu quadrado”. Quem não tem “quadrado” que se foda, não é mesmo? *(Volta a ler)* Somente as pessoas que exercem profissões tidas como essenciais poderão circular pela cidade. *(Interrompe)* Afffff! *(Ri)* Arte não é essencial? A civilização aprendeu a dançar e desenhar antes de qualquer alfabeto ou conta matemática, mas a Arte não é essencial, né? A civilização não tem sido assim desde o princípio? Quem não é essencial é passível de ser excluído. A Arte salva, a Arte cura. Tá vendo os pontinhos? Malditos pontinhos! Não dá pra ser igual mais, dá? Porque existem coisas que são compreensíveis, outras nem tanto, sabe? Aí parece uma evolução reversa. Porque se não era assim, por que passou a ser? Voltar atrás no tempo, dá? Não. Então é isso. Eu estou aqui para ser assistido. Então assistam-me! Eu sou um ator-experimento, um teste, um cobaia. Quanto é menos um artista? Me trancaram aqui há dias, semanas, meses, nem sei. E com qual finalidade? Não vi mudar nada pra vocês. Vocês estão aí aglomerados.

Não era disso que estava falando! Não era pra ser isso. Vocês estão bem? Espero que estejam bem. Vocês estão com saúde? Espero que estejam com saúde. Vocês estão bem alimentados, com comida na geladeira? Espero que estejam bem alimentados e com comida na geladeira. Vocês estão confortáveis, com boas roupas e um lar pra voltar? Espero que estejam confortáveis, com boas roupas e um lar pra voltar. Eu sinto frio, mas estou bem. Tá tudo bem, vai passar, não é mesmo? Eu vou sair daqui alguma hora. Não era pra ser assim. Era pra eu estar aí com vocês. Me deem licença um minuto. *(Não para onde ir, se encolhe. A imagem do projetor liga, vê-se o/a ator/ atriz. Pausa.)*

(Muda o tom) Um lugar vazio, cinzento. Uma pequena criatura solitária. Um “Pequeno príncipe” sem romantismo. Apenas um ser que vive abandonado no seu pequeno planeta. A única coisa que conhece é a dor, a tristeza e um pequeno conforto entorpecido de não conhecer outra coisa na vida. “As coisas sempre serão o que a gente tem a capacidade de ver nelas.”

(Muda o tom) Ok. Beleza. Tô tranquilo, numa boa. Numa boa mesmo. Suave. Eu fico com raiva, meio inconformado com várias coisas ao mesmo tempo. Mas já me conformei. Tá tudo bem mesmo estando uma bosta. “Tudo bem? Tudo bem!” Aí acabaram as tretas, porque se tá tudo bem, não tem nada de errado, né? Não! Doce ilusão! Mas tudo bem? Tu-do-bem. Eu quero ser assistido, mas no sentido de assistência, quero apoio, suporte. Se eu separar minha parte humana da minha parte animal, sobraria alguma coisa? Dá pra separar? Dá pra listar uma coisa que não faça parte da outra? Oi! Vocês estão me vendo e me ouvindo e não fizeram nada até agora? É pra eu ficar aqui assim mesmo, sozinho? Por quanto tempo mais?

(...) nenhum tormento pode ser maior do que aquilo
que um único ser humano pode sofrer.
O Planeta inteiro não pode sofrer tormento maior
do que uma única alma.³⁷

Vocês me veem e me ouvem, mas não me escutam? Assistir a desgraça humana é legal? Eu pareço bem? Estou bem? *(Muda o tom)* Ai gente, calma. É teatro. Tá tudo bem. Toda dor, sofrimento, angústia, nada disso é privilégio meu, os sentimentos e necessidades são universais. *(A imagem projetada muda e passa a projetar a imagem do público, a captação da imagem pode ser feita com câmeras de segurança que tem visão noturna, essa imagem fica até o final.)* Aí, tá vendo? Não sou o único. Estamos todos na mesma tempestade. Barcos diferentes, mas a mesmíssima tempestade. Eu não estou sozinho e essa condição é temporária. Aliás, tudo é transitório não é mesmo? A tal lei da impermanência. Nem é preciso voltar em Heráclito para repetir que “nenhum homem pode banhar-se duas vezes no mesmo rio”, já sabemos disso. E no teatro, alguém entra duas vezes no mesmo teatro? Relaxem, não vou começar esse debate. Aliás, já estamos acabando.

Talvez a questão seja outra: e quem nunca entrou no rio? Ou quem entrou e nunca mais saiu? Essas condições que dividem a experiência em diferentes

37

WITTGENSTEIN,
Ludwig apud
BAUMAN,
Zygmund. “Amor
líquido: sobre a
fragilidade dos
laços humanos”.
Rio de Janeiro:
Jorge Zahar Ed.,
2004, p.102.

pontos de vista. Enfim, desigualdades. Assim se fez a história, Assim se faz a existência. Até quando? A vida ordinária se resume entre a dúvida e o caos. Mas o caos é ilusório, como sempre foi! A verdade está na correlação dos fatos, da cadência de eventos, ações e motivações! O mundo não terá cura enquanto não for radical, enquanto não buscar a raiz da sua dor. A cura está na origem! Na base. Ai, ai... Saudades de um mundo justo que a gente ainda ainda não viveu. Vontadezinha besta de pegar as rédeas da humanidade e transformá-la em uma parada boa pra todes.

Gente, obrigado pela presença hoje, mais uma vez! A Arte continua, o Teatro continua, nós nos reinventamos sempre. Ressurgirmos das chamas feito fênix, blá blá blá. Estamos aqui! Venham mais, voltem mais. Por favor, uma salva de palmas pro Teatro! Uma salva de palmas também para toda a equipe envolvida nesse trabalho. Um beijo grande pra todos vocês. Fiquem bem e saudáveis. Até uma próxima, tchau!

Começa a tocar "Sweet Child O' Mine" a partir do solo de guitarra, que na versão original do Guns N' Roses começa em 2'33". As imagens das telas são desligadas, fica apenas a projeção ainda com a imagem da plateia enquanto aplaudem e saem do teatro. Nos agradecimentos, todas/os as/os profissionais envolvidos sobem ao palco, para que sejam vistos, aplaudidos e para que tenham seu trabalho reconhecido.

Sobre a cenografia, a proposta inicial é que tenha pelo menos três telas: Ao lado esquerdo da cena uma velha televisão de tubo. Ao centro, em uma parede preta, uma televisão plana (para que não fique tão evidente). E à direita uma grande parede branca para projeção. Ou seja, há mudança de tecnologia, qualidade de imagem, proporção e tamanho. Se quiser criar uma cenografia que engane o espectador que algo acontecerá ali, tenha. Talvez uma sala de uma casa com sofá ou poltrona. Tanto faz, desde que remeta há um ambiente interno, onde alguém possa estar confinado.

Como a apresentação se dá somente por telas e projeções, sem a presença física da/do atriz/ator, é possível construir esse espetáculo de duas maneiras: a partir da cena já gravada ou sendo encenada em ambiente separado com transmissão ao vivo para o palco. Se tiver um maior número de telas, também é possível projetar outras imagens, aleatórias ou não, que conectem ou remetam ao o que está sendo dito. A peça pode ser um grande show de imagens. Cabe à produção

decidir. Vocês são livres.

Somos livres?

O fim da peça não é o fim da dúvida.

NOVOS DIAS PARA ESQUECER

Léo Gomes ³⁸
(Rio de Janeiro – Brasil)

³⁸ Graduando em Licenciatura em Pedagogia, pelo Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro - ISERJ e ator na Comunidade Teatral Independente - CTI.

Cena I – Esperando o Cássio, o pão e a Cássia.

Como de costume, Marta está sentada na cadeira próxima à janela, onde tem vista para a rua. Ela está esperando por Cássio, seu esposo, que a julgar pelo horário dos últimos anos, está atrasado.

MARTA - *(Não percebendo que está sozinha)* O Cássio hoje está demorando mais que o normal. Se bem que, com esse tempo, a fila da padaria fica sempre grande! Tomara que ele consiga pegar o pão ainda quente. Acho que está cedo para passar o café? Você não acha, Vitória?! *(olha em volta e percebe que está sozinha)* Me deixou sozinha outra vez, Vitória?! Vitória!! Não serve para nada essa garota. Sorte que minha filha chegará logo.

Vai até o rádio e liga. Para eles, é costume ouvir o rádio nas tardes, enquanto tomam café.

Após um tempo, Vitória entra na sala com as coisas para o café.

MARTA - *(De forma ríspida)* Achei que estivesse claro que não era para me deixar sozinha. Fiquei horas aqui falando para as paredes, igual a uma idiota! Na minha idade, se algum vizinho me vir falando sozinha, vão espalhar por aí que estou ficando maluca! Quer sair, saia, mas avise!

VITÓRIA - Fui buscar as coisas para o café. O pão acabou. Se quiser, já posso colocar o café pra fazer.

MARTA - Você sabe que eu não gosto do café de cafeteira! Se quer ajudar, coloque água para ferver e traga as coisas que eu mesma faço. E agora, comeremos pão para sempre! Daqui a pouco o Cássio chega com mais pão. *(vendo o telefone do Cássio)* Ele vive deixando o telefone em casa. Nem tenho como falar com ele. Se você foi à padaria espero que tenha avisado para ele! Aliás, se foi até lá, por que não voltou com ele para casa com você?!

Silêncio.

VITÓRIA - Ele não estava lá.

Silêncio.

MARTA - Ele nunca ficou sem dar notícias... Deve ter acontecido alguma coisa. Assim que minha filha chegar, vou falar para ela ligar para o trabalho dele. Eu perdi o número do telefone. Pediria para você ligar, mas sem ser da família, vão achar que está tendo um caso com ele e eu vou ser a chacota do serviço.

VITÓRIA - Se fizer com que se sinta melhor, posso ligar. Eu me apresento como a filha de vocês e assim ninguém vai pensar nada que não deva.

MARTA - Realmente não precisa. *(pausa)* O pão que trouxe está quente, pelo menos?!

VITÓRIA - Menos do que quando cheguei, mas garanto que a manteiga ainda vai derreter quando passar nele.

MARTA - Já colocou a água para ferver, pelo menos? Nem precisa responder. Sei que não. Era melhor quando eu estava falando com a parede. Pelo menos assim não esperava nada, além dela ficar parada.

VITÓRIA - Vou esquentar a água.

MARTA - Não demora para voltar!

VITÓRIA - *(Interrompendo-a)* Vou demorar o tempo da água ferver. Quanto mais eu demorar pra ir, mais demoro pra voltar. Daqui a pouco, sua filha chega. Melhor voltar para a janela. *(em tom mais baixo, porém, audível)* Com sorte ela volta antes do seu esposo.

Vitória sai, enquanto Marta a olha fixamente. Marta arruma as coisas na mesa para o café. Quando termina, volta para a janela e percebe que Cássia se aproxima.

Cena II – Cássia, minha filha!

Sem perder tempo, Marta se apressa para abrir a porta. Cássia entra apressada, com sacolas de compras na mão, aparentemente pesadas.

MARTA - Você não precisava ter ido. Poderia pedir para a Vitória ter ido no seu lugar, assim não ficaria até tarde na rua. Deu no rádio que é para as pessoas ficarem em casa o máximo que der. Sei que você trabalha, mas precisa pensar em você um pouco. Se deu no rádio, é porque é verdade! Pela idade, também não era para o seu pai estar no trabalho. Mas ele é teimoso! Você sabe como ele é: teimoso!

CÁSSIA - Cadê a Vitória?!

MARTA - Fervendo a água. Pelo tempo que está demorando deve ter esquecido no fogo e precisou colocar mais para ferver. Você precisa conversar com ela. Acredita que ela foi na rua comprar pão?! Agora tem os pães que ela trouxe e mais os que seu pai vai trazer. Bom que assim vou conseguir fazer rabanadas, ou pudim de pão, que eu sei que você ama!

Cássia fica calada e distante.

MARTA - Está se sentindo bem?! Deu no rádio que não se sentir bem é um sinal ruim...

CÁSSIA - Não é nada. Vou levar as coisas para a cozinha e tomar um banho. E não precisa me ajudar com as compras, mãe! Estão pesadas.

MARTA - Deixe aí que o Cássio leva quando chegar do trabalho. Ele é velho, mas consegue carregar umas sacolas.

Cássia fica, novamente, em silêncio. Pega as compras e sai. Vitória volta com os ingredientes para fazer o café e os coloca na mesa.

VITÓRIA - Não sei fazer o café do jeito que você gosta. Vou deixar aqui para você preparar. Trouxe água para tomar seus remédios.

MARTA - Viu que minha filha chegou?! Ela foi ao mercado. Olha, sem querer ser grossa, mas é sua obrigação cuidar de mim, é sua obrigação ir fazer

as compras também! Ela trabalha o dia todo e ainda ter que fazer o seu serviço... Fica pesado para ela. Não me leve a mal, mas é que eu precisava falar.

VITÓRIA - Eu não sou sua empregada, nem cuidadora.

MARTA - *(Interrompendo-a)* Não precisa ficar com raiva! Eu só disse o que eu acho. E minha filha não iria gostar de saber que está me tratando com ignorância!

VITÓRIA - *(Interrompendo-a)* Senão tomar o remédio, vai passar do horário. Se importa de fazer isso agora?

Contrariada, toma os remédios. Feito isso, vai para a mesa e começa os preparativos para fazer o café. Ela trata a ação como um ritual, que é atentamente observado por Vitória. Cássia volta para a sala. Com carinho abraça e beija Vitória no rosto, como quem agradece por algo, e esta ação é observada por Marta, que reprova, em silêncio.

CÁSSIA - Como foram as coisas por aqui hoje?! Tudo em ordem?

Sem responder, Vitória a olha fixamente por alguns instantes.

VITÓRIA - O mesmo de sempre.

MARTA - Cuidado!... Ela hoje não está de bom humor. Aliás, faz tempo que não está.

CÁSSIA - Mãe, não fala assim com ela! A gente já conversou sobre o jeito que você trata a Vitória!

MARTA - Ainda não sei por que ela mora nessa casa. Seu pai podia se aposentar logo, assim ele ficaria comigo o dia todo e eu não precisaria de babá em tempo integral.

VITÓRIA - *(Levemente alterada)* Eu não sou sua babá, empregada ou sua cuidadora!

CÁSSIA - Vitória, calma! Não precisa falar assim com ela!

MARTA - Deixa! É assim o dia todo! Tudo o que eu falo a irrita e ela desconta em mim!

Silêncio.

MARTA - Cássia, minha filha! Me promete uma coisa: quando seu pai partir, cuide de mim. Não quero que me deixe para morrer com desconhecidos.

Cássia olha para Vitória que sai da sala.

CÁSSIA - Precisamos conversar sobre a Vitória, mãe. Não é certo a maneira que você a trata. Você sabe disso. Ela fica aqui porque ela te ama tanto quanto eu! E, vendo o jeito que você a trata, diria que ela ama até mais! Você precisa lembrar que ela não é uma estranha! Assim que ela voltar quero que peça desculpas.

MARTA - Minha filha, não sei o que eu faria sem você! Você e seu pai são tudo o que eu tenho.

CÁSSIA - E a Vitória, mãe?

MARTA - Que mania que você tem de querer falar sobre ela o tempo todo! Você trabalha e quando volta eu quero saber como foi o seu dia, saber sobre você! Não quero falar dela, que está aqui em todo lugar que eu vou! Acredita que esses dias, ela estava olhando nosso álbum de fotos?! Ela nem é da família! Não tem que ver nossas lembranças. Isso é coisa de família! Ela até se assustou quando me viu. Ficou tão nervosa que até chorou. Deve ser porque a família dela não é boa igual a nossa. Isso acontece muito, eu vejo na televisão.

CÁSSIA - Mãe, precisamos falar sobre a Vitória e o pai.

MARTA - Você ouviu que ela estava mexendo nas nossas coisas?!

CÁSSIA - Essas coisas também são dela! Todas as lembranças também, mãe.

Por descuido, ou propositalmente, Marta derruba o café, se sujando, sendo preciso tomar um banho.

MARTA - Como eu fui descuidada. Preciso me trocar antes que manche minha roupa! Já volto! *(para Vitória, que ainda está fora de cena)* Vitória, coloque mais água para ferver! E traga mais pó de café.

CÁSSIA - Eu faço, mãe! Ela já fez muito.

Ouve-se um trovão.

MARTA - Deixa! Eu mesma faço. A água nem estava tão quente. Descansa você minha filha, já fez muito hoje. Não vou demorar. Aproveita e liga para o seu pai! Já passou da hora dele chegar! Se esta chuva cair, ele vai demorar mais ainda.

Marta sai, deixando Cássia sozinha.

Cena III – Eu sei quem você é, Vitória!
Cássia vai até a janela. Começa a chover, mas ela permanece com a janela aberta. Distraída, ela observa a chuva cair. Sem que ela notasse, Vitória entra. De longe ela é chamada algumas vezes, sem ouvir – o que faz com que Vitória vá até ela, que se assusta ao ser tocada.

VITÓRIA - Calma, sou eu!

CÁSSIA - Desculpa, eu estava distraída. Nem te ouvi chegar.

VITÓRIA - Tudo bem. Ser ignorada é minha rotina.

Cássia - Precisamos conversar sobre a minha mãe.

VITÓRIA - Sua?

CÁSSIA - Não começa Vitória!

VITÓRIA - Sua mãe?

CÁSSIA - A gente já conversou sobre isso!

VITÓRIA - Eu sei que conversamos sobre isso! Conversamos sobre muitas coisas! Menos sobre como viver aqui está sendo um inferno pra mim!

CÁSSIA - *(Tentando amenizar a situação)* Não fala assim Vitória, ela pode ouvir!

VITÓRIA - Que ouça! Será que ela vai se lembrar disso quando acordar amanhã?!

CÁSSIA - Você precisa se acalmar! Não dá pra conversar com você. É sempre a mesma coisa! Ela precisa de ajuda e você sabe. Todo mundo está fazendo a sua parte. Custa tentar fazer a sua?!

VITÓRIA - Todo mundo menos o Cássio, pelo visto, que até agora não chegou com a droga do pão! Já era pra ele estar aqui, não era?!

Ainda fora da sala, Marta pergunta:

MARTA - O Cássio já chegou?

Vitória olha para Cássia, esperando que ela responda.

CÁSSIA - Não! Estou aqui na janela vendo isso! Começou a chover, ele deve demorar agora.

VITÓRIA - Pra quem está respondendo a essa pergunta pela primeira vez no dia, me pareceu um pouco impaciente.

CÁSSIA - A gente precisa falar sobre como você está tratando a minha mãe...

VITÓRIA - Sua?!

CÁSSIA - De novo com isso, Vitória?!

VITÓRIA - Sim! De novo. Sua mãe?!

CÁSSIA - A gente precisa falar sobre a doença dela.

VITÓRIA - E sobre a minha?! Que horas vamos falar sobre ela?! Quando vamos parar de ter uma conversa sobre a sua mãe, e teremos uma conversa sobre como eu me sinto? Sobre como eu estou?! Será que algum dia você vai chegar em casa e perguntar como eu estou?

CÁSSIA - Não transforma essa conversa sobre você!

VITÓRIA - Você quer falar disso tudo sem falar de mim?

CÁSSIA - Vitória, por favor...

VITÓRIA - Cássia, quem eu sou?! Me diz! Eu quero que você diga! Eu quero ouvir de você! Diz!

CÁSSIA - Não precisa de nada disso.

VITÓRIA - Precisa! Precisa porque eu cansei de me sentir um lixo dentro dessa casa. Eu cansei de ser invisível, como eu estou agora! Eu estou brigando com você e sua única preocupação é a hora que ela vai aparecer e ouvir. Eu quero que ela ouça. Que todo mundo ouça! Até o Cássio vai me ouvir gritar se eu achar que ele precisa ouvir as minhas verdades.

CÁSSIA - *(Alterada como nunca esteve antes)* Chega! Chega. O que você quer que eu diga? O que você quer que eu faça? Fala!

VITÓRIA - Eu quero que me pergunte como eu estou. Só isso. Que, pelo menos uma vez, pergunte como eu estou. Mesmo que você não se importe com a resposta. Eu só preciso achar que alguém se importa comigo, além do Cássio.

CÁSSIA - *(Como quem conta um grande segredo)* Você sabe que ele não vai voltar. Para com isso!

VITÓRIA - Eu sei que ele não vai voltar. Mas eu estou aqui. Na sua frente. E parece que você não me vê. Assim como a Marta não me vê.

CÁSSIA - O que quer eu diga?

VITÓRIA - Você não prestou atenção em nada do que eu disse. Nada! Nenhuma palavra.

CÁSSIA - É claro que eu prestei! Não vem fazer drama!

VITÓRIA - Então por que me perguntou de novo o que eu quero que você diga?

Silêncio. Vitória se senta no lugar que antes estava ocupado por Marta.

CÁSSIA - Já que não quer me dizer, podemos conversar sobre a Marta?

VITÓRIA - Sobre a sua mãe?!

CÁSSIA - Isso.

VITÓRIA - Podemos.

CÁSSIA - Como ela está?

VITÓRIA - Bem

CÁSSIA - Só isso?! 'Bem'?!

VITÓRIA - Sim. Ela está bem. Ela come, dorme, toma os remédios tudo no horário. Ela está bem. Aliás, ontem ela tomou café com o Cássio. Ela ia te contar hoje, quando ele chegasse do trabalho. Ela queria te fazer uma surpresa.

CÁSSIA - E você, *(pausa)* como...

VITÓRIA - *(Interrompendo)* Eu estou...

CÁSSIA - *(Interrompendo)* E você, como reagiu quando ela disse?!

VITÓRIA - Oi?

CÁSSIA - Como você reagiu quando ela falou isso?

Silêncio.

VITÓRIA - Normalmente.

CÁSSIA - Fora isso, ela está bem?!

VITÓRIA - Você já está tão no automático que nem percebe as coisas...

CÁSSIA - Que coisas, do que está falando??

Ainda fora da sala, Marta diz:

MARTA - Já vou desligar o fogo!

CÁSSIA - Será que pode falar logo antes que ela volte?!

VITÓRIA - Posso. Desde que eu me sentei nessa cadeira eu não parei de chorar. Você nem percebeu. Eu agora sou invisível até para você! Talvez, nem você se lembre de quem eu sou. Você não disse quando perguntei. Também não perguntou como eu estou. Mas eu digo que eu não vou bem. Eu sofro de depressão. Um pouco antes do Cássio.

CÁSSIA - (*Repreendendo*) Olha o quê vai falar!

VITÓRIA - Ano passado eu fui ao médico. Fiz acompanhamento e tive certeza do que eu já sabia. O último Natal, para mim, foi o pior. Não ter o Cássio por perto me fez ficar (*não consegue terminar*). Eu já pensei em acabar logo com isso, sabe?!

CÁSSIA - Você não pode deixar a minha mãe sozinha!

VITÓRIA - Pensei em acabar com isso e me matar. A única pessoa que choraria por mim não está em condições de chorar nem por ela. Mas eu pensei. Eu quis. Eu quis tanto, eu desejei tanto! Eu olhei pra todos aqueles remédios no banheiro e eu só conseguia desejar. E, todo dia, eu desejo de novo. Uma merda de ciclo vicioso. Aí eu me perguntei: quem carregaria um corpo invisível?! Para a Marta seria mais fácil, era só dizer que fui demitida. Com sorte, eu apareceria para o café antes do Cássio.

CÁSSIA - Eu não sabia disso... Por que nunca me disse nada??

VITÓRIA - Você nunca me perguntou.

CÁSSIA - Podia falar quando eu perguntava pela mamãe!

VITÓRIA - Eu tentei. Várias vezes. Hoje, por exemplo. Eu tentei.

CÁSSIA - Mas, quando for assim, diz!

VITÓRIA - Está preocupada comigo ou com a Marta?

Sem que percebam, Marta entra na sala, com os ingredientes para o café e um álbum de fotografia. Elas seguem conversando.

CÁSSIA - Com você, também. Mas, não posso não pensar na minha mãe!

VITÓRIA - Na sua mãe?!

CÁSSIA - Sim!

VITÓRIA - O que eu sou, Cássia?

CÁSSIA - Como assim??

VITÓRIA - O que eu sou sua? O que eu sou da Marta. Fala! Por favor. Eu preciso me sentir gente de novo! Não finge que não entendeu o que eu quis dizer. Fala, em voz alta. Eu preciso ouvir de alguém, que não seja eu! Diz! Diz quem eu sou droga!

Silêncio.

MARTA - Eu sei quem você é, Vitória! Você é minha filha.

As duas, incrédulas, olham para Marta.

CÁSSIA - Então você se lembrou?!

MARTA - Estou me sentindo um monstro. Por que nunca me disse?! Você está em todas as fotos. Até nas fotos com o Cássio. Fotos de Natal, aniversário... Eu me lembro de alguns momentos. Alguns momentos felizes. Mas você não está em nenhum deles. Só nessas fotos.

VITÓRIA - Você tem Alzheimer. Por isso não se lembra de mim. Talvez, eu tivesse que ser a parte apagada.

CÁSSIA - A gente não ia te contar assim.

VITÓRIA - Na verdade, já contamos outras vezes.

MARTA - Vou colocar o café para fazer logo! Antes que a água esfrie.

Vai para a mesa e começa a preparar o café.

Cena IV – Quando o Cássio voltará?
O café termina de passar e Marta coloca nas xícaras.

MARTA - O Cássio está demorando. Venham tomar café, minhas filhas! Se ele esfriar fica ruim e pode fazer mal.

Elas se sentam.

MARTA - Você conseguiu, pelo menos, falar com ele?! Para saber se ele está bem?!

CÁSSIA - Consegui.

MARTA - Quando o Cássio voltará?

CÁSSIA - *(Após um breve silêncio)* Mamãe, o pai morreu. Ano passado. Ele não vai voltar mais. Nós já te falamos sobre isso. Talvez, por conta da doença, você não se lembre.

MARTA - O café vai esfriar. Comam! Não vamos jogar comida fora. Ainda bem que comprou o pão. Com essa chuva, o Cássio não vai chegar nem tão cedo.

Cássia e Vitória tomam o café, enquanto Marta as observa de forma maternal.

Cena V – O café esfriou demais.

VITÓRIA - Você não tocou no café.

MARTA - *(Tenta beber)* O café esfriou demais. Não gosto. Faz mal. Não precisa fazer mais. Só retirem as coisas da mesa, por favor. Vocês sabem do Cássio? Ele não costuma se atrasar.

CÁSSIA - Ele morreu! Acabamos de lhe falar.

MARTA - Sim, falaram. Não me lembro, devo ter esquecido. *(Pausa)* E você, é a menina que ficará no lugar da Vitória? Eu falei com a minha filha ontem, ela disse que vai trocar de cuidadora, ela já não tem mais tanta paciência comigo. Qual o seu nome?

CÁSSIA - *(Com a voz embargada)* Cássia. Meu nome é Cássia.

MARTA - Não fica aí parada! Ajude a Vitória! Ou veio só para tomar café?!

Em silêncio, elas recolhem as coisas da mesa. No mesmo instante, Marta para de frente para a janela. Enquanto elas estão na cozinha, Marta vai para o segundo andar da casa. Após um novo trovão, ouve-se um barulho. Algo caiu no chão, no lado de fora, próximo a janela. Cássia e Vitória correm para ver.

B.O.

OLHOS VÍTREOS

Lucas Onofre ³⁹
(Campo Mourão – Brasil)

³⁹ Ator e dramaturgo no Grupo Experimentos de Teatro; Coordenador do Grupo de Teatro da UTFPR-CM; Autor do blog serenaim-pertinencia.

Ator e cenário já estão posicionados enquanto o público entra. Josué está sentado numa poltrona, abatido, balançando um copo com um resto de whisky demonstrando cansaço/tédio. Ao seu lado e espalhados no chão estão um controle remoto, uma máscara cirúrgica, luvas de borracha, uma garrafa de whisky, já pelo fim, e um maço de cigarro com apenas um cigarro dentro. Há uma luz oscilante de frente para ele que simula uma televisão, contudo este aparelho não existe em cena. Ele olha para um ponto, entre o público posicionado à sua frente, como se este fosse a TV com a qual ele dialoga. Não há mais nada no cenário. Ao longo da peça, as movimentações do ator não devem afastá-lo demais da poltrona, pois deve dar a entender que está em um lugar pequeno, um cubículo cujos limites são imaginários. De quando em quando, sons, ora de ambulância, ora de carros de polícia.

JOSUÉ - Que diferença faz? (...) Não faz diferença nenhuma. Nenhuma!

Josué olha em volta e, se dando conta de que está sozinho, dá uma risada discreta, como quem pensa “que tolice a minha”. Levanta, se espreguiça um pouco, com o copo na mão, vai até a “parede”, que não aparece em cena, a poucos passos da poltrona, e olha vagamente através dela, como se olhasse uma janela.

JOSUÉ - Será que vocês não entendem que chega uma hora que não faz mais diferença? Ivy me disse uma vez, no ponto de ônibus, quando ainda podíamos pegar ônibus, que o dinheiro só faz diferença na vida da pessoa até certa quantia. Dessa quantia pra cima já não acrescenta mais em nada. Não faz diferença. O dinheiro só traz felicidade enquanto você não tem tudo o que quer. Quando consegue ter tudo o que quer, já não faz diferença se você tem setenta e cinco ou duzentos milhões sobrando. É bastante óbvio, na verdade. O que me admira é uma pessoa como a Ivy saber disso. Nós, pessoas que esperamos ônibus, não deveríamos saber dessas coisas, porque nunca vamos ter tudo o que possam nos fazer querer...

Bebe num gole só o resto de bebida que tinha no copo e continua o segurando, vazio.

JOSUÉ - A mesma coisa a morte. Quem tem ainda alguma fibra sensível no coração sente a diferença entre a morte de uma pessoa e de dez. Eu consigo imaginar que cem pessoas mortas é uma coisa e duas mil é outra, muito pior. Mas conforme o número vai subindo, menos diferença vai fazendo, vai ficando abstrato, distante, indiferente... Qual a diferença entre duzentos mil mortos e trezentos mil? Dizem que a Peste Negra matou entre setenta e cinco a duzentos milhões de pessoas. Qual a diferença entre setenta e cinco e duzentos milhões? Cento e vinte e cinco milhões, ou seja, quase nada. A nossa imaginação passa a não diferenciar muito, depois de certa quantia, assim como o dinheiro. Não sou capaz de imaginar nem o tamanho do espaço vazio que vão deixar, quem dirá sentir por cada um dos duzentos milhões de mortos. (...) Duzentos milhões de mortos é como se fosse um único cadáver grandalhão, sem rosto.

De onde está, Josué olha os cigarros, pensativo. Em seguida, vai até eles e verifica quantos tem. Tem apenas um. Ele analisa, como se perguntasse "vale a pena fumar agora ou é melhor deixar para depois?". Interrompe seu pensamento e volta o rosto para a "TV", como se estivesse escutando algo de seu interesse.

JOSUÉ - O país está enfrentando um problema? Me resta um mísero cigarro e ainda são três da manhã. O mercado só abre daqui seis horas, isso é que é um problema...

Deixa o cigarro, decide não fumar. Levanta. Olha para o copo vazio enquanto fala:

JOSUÉ - Não faço a menor ideia de quanto espaço ocupam duzentos milhões de pessoas, nem quanto tempo leva pra preencher o vazio que elas deixaram. Se é que alguém, dentre elas, fez alguma coisa da própria vida que seja digna de deixar algum vazio.

Som de ambulância, Josué tenta acompanhar o som com a cabeça. Vai até a garrafa e coloca mais um pouco de bebida.

JOSUÉ - A maioria das pessoas são folhas secas caindo dos galhos da árvore pra serem substituídas em seguida por outras iguaizinhas, só que mais verdes. Será que Ivy já preencheu o meu vazio? Será que eu deixei algum vazio nela?

Olha para o copo. Toma um gole e deixa o copo no chão. Se movimenta pelo espaço.

JOSUÉ - Quantos cubículos iguais a esse são necessários para colocar duzentos milhões de pessoas?

Ele anda pelo espaço, medindo com os passos. Ouve-se som de pessoas conversando, e ele passa a se mover em seu cubículo como se estivesse cheio de gente, se esgueirando por entre elas, olhando “nos olhos” delas, tentando contá-las.

JOSUÉ - Aqui devem caber umas quinze, até vinte pessoas em pé, com alguma distância entre elas.

Examina mais um pouco o espaço, o som de pessoas falando vai diminuindo até desaparecer.

JOSUÉ - Duzentos milhões deve ocupar espaço pra cacete... Se pra quem fica vivo pouca diferença faz entre setenta e cinco ou duzentos milhões, pra quem morre é mais irrelevante ainda. A morte é o ato mais solitário da vida de alguém.

Pega o copo e senta.

JOSUÉ - Ao menos mortos seremos bem melhores do que somos agora que estamos vivos! Não é assim? A nenhum outro é jurada tão alta consideração e lealdade como a um amigo morto! Afinal, se jurarmos nossa amizade a um vivo, um dia ele nos vem cobrar, ah se vem! O vivo sempre quer contar suas histórias e chorar as suas dores para as quais não temos nem solução, nem interesse. Agora, a um morto podemos dizer: “sempre te serei fiel” e ele não vem encher o saco...

Olha para a “TV”, em silêncio, e bebe um gole.

JOSUÉ - Espero que essa porcaria não me mate.

Termina de beber o conteúdo do copo, coloca-o no chão, se recosta na poltrona e fecha os olhos, como quem fosse dormir. Alguns segundos depois, talvez uns

vinte, ouve-se som de carro de polícia, ele acorda extremamente assustado, ofegante e aparentando dificuldade em respirar. Cai da poltrona até o chão, depois se arrasta até o cigarro, coloca-o na boca, com dificuldade, e, enquanto tenta acendê-lo, sua respiração vai voltando ao normal na medida em que o som desaparece. Desiste de fumar seu último cigarro e coloca-o de volta. Senta no chão.

JOSUÉ - Merda.

Olha a "TV".

JOSUÉ - Sento e setenta e três dias de isolamento total. Mais de mil pessoas infectadas só hoje, na cidade. Dez mil. Duzentos milhões. Que diferença faz? (...) Não faz nenhuma diferença. Dizem que os nazistas, quando começaram a tomar uma invertida dos aliados, escondiam as informações para a população alemã. Mas depois de um tempo eles começaram a divulgá-las, massivamente. E o povo se mostrou absolutamente indiferente, inerte. Após anos de guerra, o povo já não se abalava nem com as piores notícias. O que vocês acham que conseguem bombardeando todo mundo com esses dados o tempo todo, sem dar tempo para que elas pensem? Indiferença, frieza, apatia. Tantos infectados, tantos mortos, tantos doentes, tantos vírus, tantas bactérias, sem tempo pra pensar!

Se empolga e começa a falar alto e cada vez mais rápido.

JOSUÉ - Tantos bombardeios, roubos, estupros, sem tempo pra pensar! Mulheres morrendo, crianças morrendo, homens morrendo, sem tempo pra pensar, homens matando mulheres matando crianças matando homens, sem tempo pra pensar! Aumento de taxas, aumento de juros, aumento de preços, sem tempo pra sentir! Rápido demais, números demais, demais, demais, pressão de todos os lados, demais, demais! Cuidado para não se infectar! Lave as mãos a cada cinco minutos, escove os dentes seis vezes, faça uma hora de exercícios, não saia de casa ou vai se infectar, use álcool em gel, não beba, não fume, plante uma árvore, não use plástico, salvem as tartarugas, os cachorros abandonados, vá ao psicólogo, cuidado para não se infectar, abra seu próprio negócio, não beba café, não coma carne, ingira vitaminas, orgânicos, tenha filhos, transe 5 vezes por semana, beba vinho, não cinco, uma taça por noite, leia livros, muitos livros, estude,

trabalhe enquanto eles dormem, cuidado para não perder o emprego, sem emprego você morre! Seja feliz, não seja triste, tenha prazer, fuja da dor, temos remédios pra tudo, tome os nossos remédios, minta pra todo mundo, pague seus impostos, compre um carro para andar de bicicleta, mantenha-se sempre ocupado, mantenha-se sempre distraído! E cuidado! Cuidado para não se infectar. IVY!!! (...) É tanto de tanto que você se torna frio! É tanto de tanto que você fica insensível! Imagina! Imagina se eu me importasse.

Ele interrompe a frase, olha em volta em silêncio, nota que está sozinho, e mais uma vez dá uma risada, um tanto constrangido. Continua falando, agora mais baixo.

JOSUÉ - Imagina se eu me importasse com as dores do mundo? Não haveria a menor possibilidade de se conviver com isso...

Começa a dar risadas esparsas, ora se segurando, ora se permitindo rir. Fala rindo

JOSUÉ - Ahh Josué, Josué, Josué! Estás enlouquecendo, Josué! As paredes do quarto estão se apertando, as paredes do quarto estão se apertando! Não eram tão pequenas quando vim pra cá! Havia mais espaço! Ah Josué! Estás enlouquecendo!

Termina de rir.

JOSUÉ - Cuidado... Cuidado para não se infectar (*inspira fundo e expira*). Preciso pensar (*inspira fundo e expira*). Preciso sentir (*inspira fundo e expira*).

Procura o controle da "TV", o encontra e tenta desligá-la sem sucesso.

JOSUÉ - Desliga, desliga! Merda!

Atira o controle longe. A "TV" segue ligada, ele tampa os ouvidos com as mãos e recita parte da bula de um remédio em voz alta.

JOSUÉ - Alguns dos efeitos do Clonazepam podem incluir sonolência, lentidão de pensamento, dor de cabeça, infecções respiratórias, cansaço, gripe, depressão, vertigem, irritabilidade, insônia, falta de coordenação de

movimentos e da marcha, perda do equilíbrio, náusea, sensação de cabeça leve, sinusite, falta de concentração, alterações na visão, aparência de olho esbranquiçado semelhante a catarata, aparição de sombras móveis no seu campo de visão, de tamanhos e formatos variados, com movimentos flutuantes e rápidos que acompanham os movimentos oculares, a isso se chama “olho vítreo”. Além disso, os pacientes podem perceber flashes de luz no campo visual periférico, terem vertigem, amnésia ou alucinações.

Senta na poltrona, olha a “TV”, como quem não tem outra opção, contrariado.

JOSUÉ - Me distraia! (vai se acalmando) (...) Essa é a ideia mais idiota que já ouvi até agora! O que essa gente pensa? Proibir as pessoas de comprarem cigarros e bebidas com o subsídio do governo? Pra que? Só vai criar revolta. Vou comprar cigarro como? As pessoas matariam umas às outras para usar suas gorduras como graxa de sapatos, imagina o que fariam por cigarros e bebidas! Imagina! Como é que querem que o povo sobreviva sem os refúgios químicos? Não sou uma droga de monge, porra! Não ver ninguém além do meu próprio reflexo no espelho tem sido insuportável. Cada vez que o espelho me olha de volta é uma acusação vinda de um passado enterrado vivo que me acerta! Quem é que sobrevive assim? Me deem os meios de fugir de mim mesmo e me terão como um cordeiro obediente! Não me subestimem, senhores, sobrevivo semanas só com bebida e cigarro. Mas é um tormento conviver só comigo mesmo um dia inteiro. Vamos no mercado ou na farmácia e as pessoas estão com máscaras, luvas, óculos, parece que estamos todos doentes e desconfiamos que todos estão prestes a nos passar os seus germes, os germes da humanidade. Essa higienização acabará por ser sublimada ao nível dos sentimentos, eu estou avisando, evitaremos nos contaminar por sentimentos! Usaremos máscaras contra a paixão e a amizade! Usaremos luvas ao darmos as mãos! Salve-se quem puder! (...) Proibir os cigarros e as bebidas... Já não basta terem fechado a casa das putas? Fico pensando o que está acontecendo nos lares das “boas famílias” com os puteiros todos fechados há meses! Devem estar virados num inferno! Putas e travestis são quem sustentam de noite a ordem que sociedade vive de dia.

Barulho de vários carros de polícia.

JOSUÉ - Uma bomba e essa cidade inteira vai pelos ares. E eu aqui isolado,

com medo de um vírus que nem sequer enxergo, enquanto meus vizinhos rezam pedindo a salvação pra um deus igualmente invisível a olho nu. E ainda rezam no microfone para Deus e a vizinhança toda ouvi-los! Acham que Deus é surdo! E talvez seja, talvez seja surdo ao clamor dos homens. Talvez Deus seja o mais egoísta dos seres. Pois eu tenho perguntas a fazer pra esse deus!

Levanta e olha pra cima.

JOSUÉ - Vossa... Vossa... Qual o pronome de tratamento que devo usar para Deus? Tu? Sou tua imagem e semelhança, vai ter que se contentar com "tu". Pois venha e senta-te aqui, na minha poltrona. Vista meus sapatos!

Ele desce o olhar para a poltrona, como se Deus estivesse sentando nela e passa a dialogar com a poltrona.

JOSUÉ - Isso, senta-te. Está confortável? Aliás, já li teu livro, é de fato um best-seller. Me toca profundamente tua obsessão por ladrões, traidores, prostitutas e adúlteras! Mas infelizmente, creio que não vamos chegar nesse assunto hoje. Aceita whisky? Cigarro? Fuma? Seria uma honra dividir meu último cigarro contigo. Mas... creio que a humanidade ainda não está pronta para ver Deus fumando, então tragarei sozinho, se não te importar.

Pega o cigarro e o acende, sentindo o prazer de quem estava com vontade de fumar a horas.

JOSUÉ - Vamos lá, sei que teu tempo é valioso. Fiques tranquilo, não quero que te indisponha, não vou tocar em assuntos delicados como por que tu não acabas com o mal no mundo, o porquê existe a fome ou esse vírus maldito. Vou te poupar também das perguntas para as quais os crentes já inventaram respostas, embora eu ache que você não concorda com elas. Quero saber coisas que são curiosidades pessoais. Porque as grandes questões da humanidade, apesar de me interessarem, não são minhas, são anteriores a todo mundo. Quero te fazer perguntas minhas. Posso fazer? (...) Vou entender isso como um sim. Vamos lá, o que fizeste pra que a humanidade deixasse de acreditar na Grande Mãe, que tudo provê de forma generosa e cíclica, para acreditarem em ti, um pai castrador de emocional um tanto instável? Com todo respeito, não vejo vantagem. Explica

o que ofereceste aos homens para que seguissem a ti e abandonassem a velha? O poder de reinar sobre ela? Mas reinamos de fato? Porque, pensa comigo, agora mesmo tem um serzinho infinitamente pequeno, igualmente criado por ti, que está devastando tudo lá fora. E nós, os soberanos da mãe natureza, estamos acuados feitos tatus em seus buracos! Por que insistes em destruir aquilo que tu mesmo crias, como uma criança descontente com seus próprios garranchos no papel? Não é bom o suficiente? Mas no teu livro disseste que era bom!

Repentinamente ele olha pra "TV" interessado e fica em silêncio por um tempo. Volta a olhar a cadeira, impressionado.

JOSUÉ - Viu isso?

Move a poltrona de volta para de frente com a luz, como estava antes.

JOSUÉ - Sessenta polegadas! Em doze vezes sem juro! Mas aonde é que se arranja, por doze vezes consecutivas, algum dinheiro hoje? Tu bem que podias me arranjar algum. Podias também me aumentar as paredes, tenho a impressão que essas muralhas estão me apertando cada dia mais. Mas... o que posso oferecer a Deus? (*olha para a "TV"*) Essas pessoas! Te ofereço elas! Te servem? Mais de trezentas mortes na cidade, só hoje. Te ofereço trezentas almas, fresquinhas, seja lá o que isso signifique. Tipo um sacrifício. Mas, que não fui eu quem fez, minhas mãos estão limpas! Aliás, faz mais de cinco minutos que não lavo minhas mãos... Estou infectado?

Barulho de ambulância.

JOSUÉ - Por onde anda minha Ivy?

Dá risada e vai servir-se da última dose de whisky, a garrafa fica vazia. Fala rindo, debochando.

JOSUÉ - Ivy não é minha há mais de um ano! Deve estar trepando com algum sortudo agora. Ou sortuda, porque Ivy é dessas...

Bebe e vai cessando a risada, até adquirir um ar sério, pensativo.

JOSUÉ - Por onde estará Ivy? (...) Tenho mais uma pergunta, minha, pessoal! Estás ouvindo? Onde está a Ivy?

Procura por Deus, mas não o encontra, até que olha para "TV".

JOSUÉ - Ah, estás aí! Mostre-me Ivy! Não quero saber dos mortos. Quero saber de Ivy! Não quero saber da queda consecutiva da bolsa. Não me interessa o desemprego e os lenços umedecidos, me mostre Ivy! Dou os cento e vinte e cinco milhões de insignificantes da Peste Negra em troca da Ivy!

Barulho de ambulância, polícia e sirenes. Josué se apavora.

JOSUÉ - As paredes estão me espremendo! Ivy! As paredes, Ivy! Estão me espremendo!

Josué reage corporalmente as paredes invisíveis o espremendo. Até ir se abaixando em direção ao chão, onde fica em posição fetal.

JOSUÉ - Quando soaram as trombetas/ o povo gritou./ Ao som das trombetas e do forte grito,/ o muro caiu./ Cada um atacou do lugar onde estava,/ e tomaram a cidade. (...) Morri antes mesmo de chegar ao ato final. Sou hoje um sujeito morno. Cozinho minha vida em banho maria. O mundo pra mim não tem mais cor, graça, temperatura, gosto. Não percebo em mim um só resquício de vida pulsante que me permita ver alguma coisa se mexendo lá fora. Tanto faz. Não faz diferença. Quando foi que deixou de fazer diferença? Quando é que coloquei luvas para lidar com a vida e perdi o tato com o mundo? Quando foi que comecei a me matar? (...) O whisky e o cigarro acabaram. E ainda faltam seis horas pro mercado abrir.

Josué começa a chorar, compulsivamente, do fundo do seu coração. Vai parando com o tempo, e olha para a "TV".

JOSUÉ - O governo proibiu o uso do subsídio para a compra de itens não alimentícios e alcoólicos... Vou ter que roubar de novo.

Ri e segue olhando para a "TV".

JOSUÉ - Por que querem que eu fique sóbrio no meio dessa miséria toda? Não sabem as dores que a lucidez traz? Ora, se não sabem! Querem ver a gente se foder. Querem que nos matemos, pra que eles não precisem fazê-lo! Pois vou viver seus canalhas, vou viver! (...) O mundo lá fora é perigoso, mas o mundo aqui dentro é insuportável. As paredes protegem, mas restringem. Restringem, mas protegem. Sem paredes, sem restrições, sem proteção (...) Cada vez que o espelho me olha de volta é uma acusação vinda de um passado enterrado vivo que me acerta! Por que não deixo a Ivy ir? (...) Por que não desenterra seus mortos, Josué? Pode ser que estejam vivos (...) Por que temos tanto medo de morrer? (...) Por que temos tanto medo da vida? Adormece, sob a luz da "TV", que permanece alguns segundos ligada até que ela finalmente se apaga ao mesmo tempo em que acende uma luz mais geral, clara. Sirene de polícia. Josué acorda assustado, ofegante, com dificuldade de respirar. Vai no maço de cigarro e vê que está vazio. Vai até garrafa e vê que está vazia. Seu desespero aumenta. Vai, aos poucos, tentando sentir as paredes que antes o espremia. Não as encontra e isso vai o acalmando. Começa, aos poucos, a expandir os limites, se afastando da poltrona. Numa crescente, vai de um lado a outro do palco.

JOSUÉ - Sem paredes, sem restrições, sem proteção.

Volta pro centro, onde está a poltrona, busca o controle e tenta ligar a "TV" sem sucesso.

JOSUÉ - Pra onde eu vou? Qualquer lado é caminho, qualquer lado é caminho! (...) Eu não consigo ouvir nada além de mim mesmo. Estou surdo! Assim como Deus! Cadê o vizinho, gente. Cadê o vizinho rezando! Reze por mim vizinho, reze por mim, Ivy, acho que eu morri (...) Ou pior, acho que estou vivo!

Tampa os ouvidos com as mãos e declama outra parte da bula do remédio, enquanto tenta não entrar em pânico.

JOSUÉ - O Clonazepam pertence à classe dos benzodiazepínicos, medicamentos que causam inibição leve do sistema nervoso, com consequente ação anticonvulsivante, sedativa leve, relaxante muscular e tranquilizante. É indicado para: Transtornos de ansiedade, Distúrbio do pânico, Fobia social, Transtornos do humor, Transtorno afetivo bipolar,

Tratamento da mania, Depressão, Síndromes psicóticas, Acatisia, Síndrome das pernas inquietas, o mercado! O mercado já deve ter aberto! O mercado já deve ter aberto!

Coloca a máscara e as luvas com pressa e sai de cena. A luz geral apaga e a luz da "TV" liga novamente. Som de sirene de polícia passando. Ele volta com cigarro aceso na boca, um saco de papel e uma bebida na mão. Os coloca no chão, senta na poltrona e relaxa. Blecaute.

OSSÁ, BALADA DE UMA MULHER SÓ (ESTRIPULIA TEATRAL EM UM ATO E UM EBÓ)

Luiz Carlos Laranjeiras
(Florianópolis – Brasil)

⁴⁰ Ator,
diretor, autor,
compositor,
doutor em
Artes Cênicas/
USP, artista-
educador-
pesquisador
brincante do
teatro, da arte-
educação, da
cultura popular.

Personagens

Sara Divina – Atriz e cantora, toca violão; trinta anos;

Alguém – Voz feminina em off;

Ninguém – Voz masculina em off.

Músicas

Aprumar a vida – do autor;

Estado SP de sítio – do autor;

Time after time (1988) – Miles Davis, ao vivo em Munique, LatinAutor, link: <https://www.youtube.com/watch?v=FpZHjvFXprk>; duração: 9:47.

May be (1969) – De Richard Barrett, com Janis Joplin; acesso à música/filme no link: <https://www.youtube.com/watch?v=cM0T9fumD5k.A>; duração: 3:41.

Filmes e imagens captadas pela internet serão vistas no decorrer do espetáculo, sendo que algumas em seus tempos exatos de duração e outras em partes específicas, de acordo com o encadeamento das ações; os links são indicados nas rubricas. As músicas tocadas no celular serão amplificadas numa caixa de som via bluetooth.

As luzes abrem na sala de uma quitinete de dois cômodos no centro de São Paulo, com fogão cooktop duas bocas (elétrico ou gás), frigobar, um notebook numa mesinha, duas cadeiras, uma poltrona, uma caixa de som pequena, estante com troféus de teatro, livros de arte, filosofia, dança, uma janela fechada, violão, viola, cavaquinho, pandeiro, congas e instrumentos de percussão espalhados. Na parede cartazes de espetáculos e filmes brasileiros antigos e recentes; algumas imagens e filmes vistos no notebook serão projetados sobre os cartazes

na parede. Sara Divina, trinta anos, está sentada de camisola transparente, de calcinha e sem sutiã, numa poltrona, cochilando, com um livro de Hilda Hilst caído no colo. Uma panela está no fogão. O som do timer do fogão, que está programado para apitar três vezes ao desligar, é como o “bastão de Molière” que anuncia o início do espetáculo.

SARA DIVINA - *(Levanta, num sobressalto, vai ao fogão)* A canjica tá pronta pro ebó 9... Ossá... Odú Ossá... *(Anda pela sala; eufórica)* Vou fazer mais tarde. Tomar o banho do pescoço pra baixo com a água da canjica, depois põe a canjica num prato branco, acende uma vela branca e coloca o prato no chão. Pode passar a água da canjica no rosto com a mão, mas na cabeça não. No dia seguinte jogar a canjica num lugar bem bonito, pode ser aos pés de uma árvore, no mato. É preciso firmar o pensamento em coisas boas, projetar na mente imagens de situações de paz, fortuna e felicidade. *(Senta na poltrona)* Os búzios que pai Arruda jogou antes da pandemia disseram que preciso cuidar dos ancestrais, que tem coisa não resolvida, sombria e não pacificada com alguém da família que já morreu... Só pode ser com minha mã... *(silêncio)* Mas ela que me abandonou quando nasci. Só colocou o nome no registro de nascimento, mais nada. Já perdoei, ficamos em paz. Ela tinha quinze anos, trabalhava como empregada e foi estuprada pelo filho do patrão no quartinho que ela dormia no apartamento. O patrão era médico, família tradicional de boticários, donos de farmácia, o filho estudava medicina. Isso tudo ela só me contou quando fiz dezoito anos... Que ela era uma menina vinda do interior pra trabalhar nas casas de madame, morava com minha vó e os nove irmãos e irmãs num barraco na favela. *(Pausa; murmura)* A casa grande estuprou a senzala. Sou filha de um estupro sociológico. *(Silêncio; levanta, num rompante)* Já resolvi isso na minha vida, sem pai nem mã... Na adolescência quando tinha que dar os nomes dos pais na escola... Daí só dava o nome dela e eu não sabia dizer que não tinha nome do pai na carteira de identidade nem na certidão de nascimento. Já perdoei você, mã... *(Interrompe)* É muito difícil ainda te chamar de mãe... Mãe e pai são duas palavras ausentes na minha vida... Vou cortar esse ciclo e ser mãe. *(muda de tom, sonhadora)* Tô empolgada com o Domingos. Ele também quer muito ser pai, mas está tão longe... *(Toca a boca, docemente)* Saudade, Domingos... *(Se acaricia, excitada)* Sozinha aqui, Dominguim... Trinta e poucos dias isolada no nosso ninho de amor no coração da cidade, com muito amor e sem você, Dom... *(Se recompõe, muda de tom; boceja, preguiçosa)* Tenho que preparar uma saída ao mercado. Ah, não, não vou me arriscar na rua. Ainda tem

comida. Que paranoia! Tem que lavar a roupa que foi pra rua quando volta pra casa... E esse papo de guerras híbridas que a Letícia falou na live dela ontem, do tal de Andrew Korybko. Aí eu perguntei a ela se há uma guerra virótica? Ela disse que é guerra bacteriológica e pode ser uma nova faceta da guerra híbrida. Bom demais o argumento dela... Mas não é um exagero tudo isso? Não é uma pandemia anunciada, resultado do tipo de desenvolvimento predatório? O Otávio diz que é teoria da conspiração... O cara não acredita na pandemia e diz que é “uma gripezinha”, “um resfriadinho”, “comunavírus”, igualzinho ao idiota boçal miliciano que eu jurei nunca mais dizer o nome. Cabeça de direitista “patriota” é difícil de decifrar... (*gesticula, nervosa*) Que catso! É pra parar tudo, todo mundo em casa. É quarentena. Caramba! (*abre a janela; sirenes de ambulância e gritos esparsos distantes*) São Paulo parou... A cidade que nunca para parou... Tempo é dinheiro? Não, o tempo não é mais dinheiro... (*fecha a janela e os sons da cidade param*) Tempo é o tempo de cada um. Somos donas do nosso tempo... Arrumar e aprumar a vida. Solidão. Hora de mergulhar no silêncio... (*ri, eufórica*) É o mote daquela minha canção que fiz com o Domingos pelo WhatsApp. (*com violão, senta na poltrona, canta a música Aprumar a Vida*)

Hora de arrumar a vida,
 Jogar fora os cadinhos do passado,
 Reler poemas amarelados,
 Hora de aprumar a vida.
 São tantos papéis que a gente junta no caminho,
 Tantas palavras escritas e ditas com carinho,
 Tantos beijos, abraços de partida e despedida. (*bis*)
 O momento pede solidão,
 O silêncio traz sabedoria.
 Me apronto para a revolução,
 Antes que o boçal mate a democracia,
 Que cada um em sua casa trame
 A luta contra o governo-sindicato do crime,
 Pra que amanhã seja outro dia,
 Pra que amanhã seja dia de folia! (*bis*)
 (*Amanhã vai ser outro dia, amanhã vai ser outro dia...*)
 (*canta o recorte da frase da música do Chico Buarque*)

(*encosta o violão; sonhadora*) Hora de aprumar a vida e a vida... Muita coisa

rolando agora... São longos dias... *(suspira; animada)* Livro em produção em Brasília, com publicação até o final do ano, espetáculo pra escrever e dirigir com mamulengos, marotes, bonecos de vara, de luva, marionetes... *(triste)* Não tô aguentando mais ficar longe do palco, sem atuar, ensaiar, apresentar... Que agonia! Não é a solidão ou a distância do meu amor que me mata, é não atuar que me mata. *(Silêncio; com disposição)* Que delícia estar no elenco. Vamos dar sequência ao plano de arte-ação de combate para revitalizar nosso espaço ecológico-cultural, nosso teatro invadido e ocupado por um bando de artistas visionárias como território público no seio, no meio dos edifícios de um bairro mais que nobre, no berço da classe média alta... Das bestas abastadas que acham que cultura é comprar bugiganga em Miami, da antiga herança exploratória paulista dos capitães de indústria... *(levanta, pega a viola, ponteia e canta a toada Estado SP de sítio; se movimenta pelo espaço, com a viola sustentada por uma correia)*

O estado de São Paulo
É um estado de sítio.
É matar ou morrer,
Em toda avenida um grito.
É amar ou correr,
Em cada esquina um vício.

Pro olho cego da Justiça,
Todo mundo é suspeito.
Quando a multidão se atíça,
Gás pimenta no Direito,
Com tiro e bomba,
Acabou o respeito, é fato.
Com bomba e tiro,
Cai mais um pobre no asfalto.

Polícia 24 horas
Invade o barraco
É quando toda mãe chora
E reza pra todos os santos.
Todo suspeito é pobre, preto,
Em mais uma noite de pranto.
Todo suspeito é preto, pobre,

Em mais uma noite sem santo.

O Brasil não pode amanhecer
Num estado de terror, de exceção,
Para cada pobre que a PM mata,
Mais uma estrela, um galardão,
Cada preto que mata,
Outra caveira no brasão.

Kaingangues, Canudos,
Greve Operária, Chibata,
64, Farrapos, é a puliça que mata (É a PM que mata)!
Carandiru, Paraguai,
Pinheirinho sangra, ai, ai, ai.
Corta a garganta, cega o povo,
Porrada em professoras na passeata.

(Fecha a música, põe a viola num canto) – Eeh São Paulo! Já que tá que fique!
É como conta pra nós o pai do Domingos, o seu Narciso, artista plástico que trabalhou com Hudinilson Júnior, o Aguilar e o poeta Roberto Piva nos anos 1980, que São Paulo é uma cidade que já teve Mário de Andrade cuidando da cultura, Paulo Freire secretário da Educação e Marilena Chauí secretária de Cultura, Luiza Erundina e os mutirões da casa própria na zona leste... A cidade fazia parceria com o trabalhador, dava o material e a mão-de-obra era do trabalhador que planejava e construía coletivamente sua própria casa e as casas dos outros... O seu Narciso dava aulas de artes e o grupo Ventoforte fazia teatro com as crianças dos mutirões da zona leste, no Jardim São Francisco e em outros bairros... *(empolgada)* Louca pra voltar com as nossas apresentações nas ruas do bairro. Sensação de realização artística ver os filhos da elite se juntando com as crianças das favelas numa brincadeira teatral, quando as crianças pobres e ricas dão as mãos pra dançar, cantar e brincar de roda... Os pais ricos ficam loucos... A roda é um espaço de comunhão e afetos, a roda e o teatro são espaços de comunhão dos desejos e sonhos... Aprendi fazer teatro assim... Não quero fazer teatro do tapete vermelho... Quando decidi ser atriz não foi pra ficar famosa, virar celebridade, mas foi pra provocar essa comunhão de crianças ricas e pobres brincando numa roda. Honrar o legado do meu mestre brincante... *(muda de tom, doce)* Ai, Domingos, que saudade, meu amor... Preciso falar

contigo agora. Ô meu amor, que falta sinto de você aqui comigo, tocando violão, cantando e contando causos. (*pega na bolsa o celular, mexe e manda um áudio*) – Eeéh! E aí, antropeeta? Quanta saudade! Amor, tudo bem aí no Vale do Javari? Como está em Tabatinga? Oxalá esteja bem, protegido, pleno e inspirado. Lá vai áudio-textão, meu bem. Ô Domingos, as notícias aqui sobre a pandemia não são nada boas, principalmente em Manaus, covas coletivas, e no interior do Amazonas. Como vão as coisas aí nas aldeias com os kanamari, os kulina, matsés, matis, os korubo, os marubo? Acho que você tá em casa em Tabatinga, não é? Ai, querido, não saia de casa, peço que ore com suas palavras pedindo proteção... Pede proteção aí aos espíritos da floresta. Rezo aqui todo dia, Dominguem... Muita saudade... (*chora*) Que esta mensagem seja o abraço que não posso te dar ao vivo, meu amor. (*muda o tom*) Amei seu samba e logo te mando uma música nova que tô fazendo sobre esses tempos virulentos. Você é um ser musical, Domingos, mais do que um músico. A música tá em você, seu toque de violão é genuíno, original, saem estrelinhas dos seus dedos quando toca. Saudades de te ver tocar e cantar, meu amor. Ah, como é mesmo o nome que os kanamari te deram? É Wadyo? Wadyo quer dizer macaco peludo, não é? Eeéh Wadyo!!! Te amo. Vamos nos ver pelo WhatsApp? (*sensual*) Tô louca pra te ver, meu amor. Se proteja aí nesse mundão amazônico. Te amo, Domingos. Um beijo gostoso de saudade e de desejo... Te amo... (*chora*) – Medo de ficar louca aqui sozinha... (*se reanima*) Sinto uma energia incrível quando falo com ele, me renovo sempre... Que tesão, caramba! Saudades do meu moreno... Liga a caixa de som, toca no celular o tema de Miles Davis, TIME AFTER TIME (1988, *show ao vivo em Munique, Alemanha, LatinAutor*); ouvir o tema em: <https://www.youtube.com/watch?v=FpZHjvFXprk>; duração: 9:47. A música é amplificada do celular para a caixa de som com o bluetooth. Dança e toca o corpo, sensual e excitada. Seus movimentos são lentos e seguem a pulsação do tema musical. (*Extasiada*) – Domingos, eu quero agora... Vem, meu amor, toca meu corpo, quero gozar gostoso contigo... Dança, geme, suspira, com excitação crescente. A música continua e ela dança e atingirá o clímax no final do tema, coincidindo com os aplausos da plateia do show de Miles Davis em Munique, de modo que pareça que os aplausos da plateia são para ela. (*Ri muito, riso farto, feliz*) Ai, meu amor, que gozo gostoso... Pensar em você é muito bom... É o que me salva em corpo e alma nessa solidão.

Desliga o celular e a caixa de som, senta na poltrona e cochila durante dois minutos cronometrados. Tempo de silêncio do espetáculo. Aos poucos, de forma

crescente, de longe, ouvem-se barulhos de panelas. Sara levanta, abre a janela e os sons do panelaço crescem.

ATÔNITA - O que tá acontecendo? Tão batendo panela porque se arrependeram? Não acredito, classe média paulistana é uma aberração cognitiva como diz a professora Chauí. *(grita para fora da janela)* Eu avisei! Ele não! Boçais, idiotas! Agora estão batendo panela? *(alguém em outra janela responde)*

ALGUÉM - *(Voz feminina em off, alto e feroz, com ódio)* Nossa bandeira nunca será vermelha! Fora, comunistas! Intervenção militar! AI-5! Vai dar o cu, sua puta! Deus acima de tudo, Brasil acima de todos! AI-5! É 17!!! *(voz de um homem em off, em outra janela)*

NINGUÉM - *(Raivoso)* Comunista filha da puta! Sua puta! A Manuela tem que morrer! Prostituta comunista no paredão! Vai raspar o sovaco, sapatão! Vai chupar um pau! Vai pra Cuba, sua puta! *(cantarola)* Vai pra Cuba, filha da puta!

SARA - *(Irritada)* Babacas! Seus patos milicianos! Aberração moral! *(Se ouve o barulho de um tiro; fecha a janela rápido e o som do panelaço abaixa um pouco, mas continua lá fora)* Quanta ignorância! Não vou cair na armadilha de panelaço agora pra não ser confundida. Já me sinto envergonhada de usar a bandeira e vestir a camisa da seleção. Olha aonde chegamos... Já não consigo identificar se batem panela de vergonha ou em protesto legítimo mesmo ou por arrependimento. Será que o boçal está falando agora suas loucuras na TV? Cada dia uma tolice, uma loucura, um destempero. Despreparo total. Vamos ver qual é... *(liga o notebook)* Tá tudo errado. Não dá pra aceitar esse estado de coisas. A Carla outro dia falou que no auge da juventude dela, vinte anos, o país não tem nada pra oferecer à ela nem a ninguém da sua geração. Imagine eu com trinta... Mas nós lutamos... Se pudesse voltar em 2013 ia fazer tudo diferente... Quero mudar as coisas que eu não posso mais aceitar... Li isso em algum lugar na internet e é o que eu sinto. *(Mexe no notebook)* Vamos ver o que tá rolando... Ih, pronunciamento do juiz-ministro anunciando sua demissão. Agora o caldo entornou. Vamos ver e ouvir.

Abre uma página na internet com a notícia escrita e a transmissão do pronunciamento ao vivo em 24 de abril de 2020 através dos meios de

comunicação; acesso à notícia em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/24/moro-apresenta-provas-contrabolsonaro.htm>; Acesso à transmissão em:

<https://www.youtube.com/watch?v=wMQxP9z9raA> (39:21). As imagens são projetadas na parede em cima dos cartazes de filmes e espetáculos. (Lê a notícia vibrando) – Então o rato abandonou o barco... Todos os ratos pulando fora. E esse rato aí pulou fora atirando pra todo lado. Interferir na Polícia Federal? Aí já é demais? O que? Vamos ouvir o que o cara vai dizer... Aumenta o volume da transmissão de modo que os espectadores ouçam o pronunciamento; tempo exato do pronunciamento, 39:21; transcrição parcial do pronunciamento, em que ela adianta trechos específicos. (tira as imagens; retoma depois da transmissão, indignada, levanta e anda pela sala)

SARA - No meio de uma pandemia o boçal arma um quiproquó político. Como ninguém suspeitava que daria nessa barbárie? Só quem conhece um pouquinho da vida social e política da cidade do Rio de Janeiro pode confirmar que hoje vivemos no Brasil um governo miliciano, que corta os direitos, vigia e instaura o medo pra oferecer sua segurança. É assim que funciona no Rio. Quantas vezes fui visitar a tia Chica lá em Campo Grande e vi isso. E é a mesma coisa lá na Carobinha, comunidade em Campo Grande onde mora a tia Neinha, tudo dominado pela milícia... Tá tudo dominado! A praga se espalhou no estado todo e agora está no país inteiro... É a milícia pra impor o medo pelo fuzil e os neopentecostais pra impor o medo pela espada da fé. *(Muda de tom)* Ah, não quero mais saber do país agora não. Tenho que pensar em mim, no Domingos... Como ser mãe em tempos de pandemia? Corro algum risco? Vou conversar com o Domingos... *(Chora)* Não é uma boa hora de pensar em ter filho. Agora que bateu a realidade, que tive consciência da situação... Falta de uma mulher mais velha pra me orientar. Saudade da vó Caçula... Tô muito insegura... *(Silêncio)* O que fazer, meu Deus?

Põe uma música no notebook, MAY BE (1969), de Richard Barrett, com Janis Joplin; a música é cantada e tem seu tempo exato de reprodução, 3:41: acesso à música/filme no link: <https://www.youtube.com/watch?v=cMOT9fumD5k.A>. (Pulsa com a música, fala, doce, sonhadora) –

SARA - Talvez, se eu pudesse orar, e eu tentei, meu bem, você voltaria para

casa, para mim. Talvez se eu tivesse segurado sua pequena mão. Oh, você entenderia... Talvez, talvez, talvez, talvez, talvez, talvez, talvez, talvez, meu bem. Acho que talvez tenha feito algo errado, querido, eu ficaria satisfeita em admitir isso. Oh, venha para casa, para mim! Querido, talvez, talvez, talvez, talvez... Bem, sei que nunca parece ter importância... Oh, querido, quando eu saio ou tento sair, você não percebe que ainda estou abandonada aqui? E que estou presa, precisando de você. Por favor, por favor, por favor, você não irá reconsiderar, querido. Agora venha, eu disse pra você voltar, você não irá voltar para mim! Talvez, meu bem, oh, talvez, talvez, talvez, deixe-me ajuda-lo, mostre-me como, querido... Talvez, talvez, talvez... Talvez, talvez, talvez, talvez... Talvez, talvez, talvez, talvez, sim... *(A música termina; chora)* Sim, Domingos, sim, meu bem, eu te digo, talvez seja a hora de você voltar para me dizer... É hora de ser mãe? De ser pai? Como ser mãe e pai no caos, meu amor? *(abre a janela e o som do panelaço aumenta; fecha a janela e abre o notebook)* Panelaço o dia inteiro hoje. Vou ver o que o boçal está falando depois da demissão do juiz-ministro... *(Acessa a página do pronunciamento no link: <https://www.youtube.com/watch?v=r50zxW-D7M0>, duração: 46:10; o filme do pronunciamento é projetado na parede; ela adianta algumas partes)* Que loucura, minha mãe lansa! Argumentos desencontrados, sem lógica ou nexos... Perdido, despreparado... Tá na cara que o boçal tem complexo de perseguição... Delírios persecutórios... Quanta mentira! Ele não é um mito, é um mitômano, isso sim! *(Acompanha o pronunciamento, indignada; num dado momento, desliga o notebook; suspira, impaciente)* Melhor tomar meu banho de água de canjica, fazer meu ebó pra Ossá. Tenho que pensar em mim agora, em estar protegida até a volta do Domingos. Meu maior desejo, ser mãe...

Sai e volta com uma bacia de alumínio; pega a panela com a canjica, escorre a água para outra panela; sai e simula tomar um banho rápido de chuveiro no banheiro e volta, enrolada numa toalha branca; fica de pé na bacia, tira a toalha, fica nua e com um caneco de alumínio joga a água em seu corpo do pescoço para baixo; cumpre o ritual e canta. As luzes fecham no apartamento. Luz sobre ela tomando banho e cantando.

Oxalá, meu Pai,
Tem pena de nós, tem dó,
A volta do mundo é grande,
Seus poderes são maior! (bis)

Abrimos a nossa gira,
Pedimos de coração *(bis)*
E ao nosso Pai Oxalá-a!
Para cumprir nossa missão. *(bis)*

Ela joga a última caneca d'água, sorri, feliz, abre os braços e canta mais uma vez. A luz cai aos poucos acompanhando a música, Lá fora, sons do panelaço somem aos poucos. Silêncio, escuridão.

Fim

MAIS E MENOS DIAS

Marcelo Lazzaratto ⁴¹
(Campinas / São Paulo – Brasil)

⁴¹ Ator, diretor e professor em Interpretação e Direção Teatral do Departamento de Artes Cênicas da UNICAMP. É diretor artístico da Cia. Elevador de Teatro Panorâmico em São Paulo. Autor do livro: "Campo de Visão: exercício e linguagem cênica".

Ato único. A ação se passa em um espaço fechado com três pequenos cômodos: uma espécie de sala, uma espécie de cozinha/área de serviço e um banheiro. Sem portas. Não há móveis. Apenas restos deles. Em uma das paredes do que seria a sala há uma janela no alto de tamanho inferior às convencionais, por onde a luz do dia se manifesta. Tudo acontece regido pelo Tempo. Importante que o Tempo tenha um tempo próprio determinado pela encenação: algo não-natural. Pouco importa o gênero das figuras 1 e 2. Elas se conhecem. E só.

- 1 – Você vê alguma coisa?
2 – Não.
1 – Você ouviu alguma coisa?
2 – Não.
1 – Você sente alguma coisa?
2 – Não.

Tempo

- 1 – Mais um dia.
2 – Menos um dia.

Tempo

- 1 – Onde você vai?
2 – Ao banheiro.

Tempo

- 1 – Fez?
2 – O que?
1 – O que foi fazer no banheiro...!
2 – Ah!
1 – E então?

- 2 – O que?
1 – Fez?
2 – Fiz.
1 – Foi bom?
2 – Foi.
1 – Que bom. Nem sei mais a quanto tempo não faço. Que não sinto isso. Me lembro bem. Da sensação. Boa.

Tempo

- 2 – Não há mais livros.
1 – O que?
2 – Não há mais páginas.
1 – Todas?
2 – Restaram algumas.
1 – Sentiremos frio.
2 – O fluido também está no fim.
1 – Como assim?
2 – Está no fim.
1 – Como vamos acender o fogo?
2 – Não sei.
1 – Não podemos desperdiçar.
2 – Desperdiçar? Nessa condição em que estamos você fala em desperdiçar?
1 – Vá a merda!
2 – Desperdiçar. Eu bem sei do desperdício.
1 – Temos que ter fogo, senão morreremos de frio dá pra você entender!!!!
Não podemos desperdiçar o fluido do isqueiro, entendeu??
2 – E vamos queimar o quê?
1 – Não sei.
2 – Não há mais móveis. Não há mais livros.
1 – Não sei. Vamos queimar as roupas.
2 – O que? Você está maluco?

Tempo

- 2 – Quanto tempo dormi?
1 – Não sei.
2 – Não sabe?

- 1 - Não.
2 - Você dormiu?
1 - Não.
2 - Então como não sabe?
1 - Não sei oras!
2 - Você não sabe se foram 10 minutos ou 2 horas?
1 - Não sei.
2 - Por que você faz isso?
1 - O que ?
2 - Por que você é assim?
1 - Não me irrita.
2 - É tão simples... basta responder o que te perguntei.
1 - Eu não sei!!! Olha pela janela. Se já for noite, foram mais de duas horas. Se ainda é dia, foram poucos minutos. Está bom assim para você?
2 - Está. (vai até a janela e olha)

Tempo

- 2 - Você ainda tem?
1 - Tenho.
2 - Vai dividir?
1 - Vou.
2 - Agora?
1 - Não, mais tarde.
2 - É que eu estava precisando agora!
1 - Agora não.
2 - Já caíram três noites desde a última vez.
1 - Eu sei.
2 - Não estou aguentando.
1 - Não podemos desperdiçar!!!!
2 - Vou pegar de você à força.
1 - Nem tente.
2 - Estou ficando fraco.
1 - Eu já estou faz tempo.
2 - Mas você aguenta mais tempo do que eu.
1 - Aguento.
2 - Meu metabolismo é mais rápido que o seu.
1 - Vai ter que desacelerar.

{o 2 de repente se joga em cima do 1 e começam a brigar}

1 – Basta! Hoje não vai ter. Amanhã. Amanhã.

Tempo

2 – Obrigado.

1 – Não há de quê.

2 – Tem mais?

1 – Está querendo mais?

2 – Não para agora. Para depois, quero saber se tem mais para depois...

1 – Tem.

2 – Que bom. Quer dizer que resistiremos mais um tempo.

1 – Resistiremos.

2 – Algum tempo, pelo menos.

1 – Mais um tempo. Isso que importa.

2 – Não sabia que gostava tanto assim daquele tempo...

1 – Que tempo?

2 – Daquele... de antes... antes de virmos para cá.

1 – Não gostava.

2 – Então por que insiste em resistir?

1 – Exatamente por isso.

2 – Explica?

1 – Como não gostava, quero resistir para ver se mudou ou se mudaremos ou sei lá, ver se ficou tudo igual... Entendeu?

2 – Entendi. Não sei. Talvez. Para mim nada mudou. Eu não mudei. Te vejo todo santo dia e vejo que você também não mudou. Nada muda. Tudo permanece igual.

1 – Talvez.

2 – Ou talvez mudou e eu que não percebi. Talvez seja isso. É deve ser isso. Tudo mudou, com certeza.

Tempo

1 – Estou com frio.

2 – A noite já caiu.

1 – Vá ver o fluido... quanto ainda temos?

2 – Pouco.

- 1 – Passaremos frio essa noite.
 2 – Tem certeza? Sobraram uns trapos lá do tanque...
 1 – Melhor guardar para depois.
 2 – Tudo é para depois, depois, depois.
 1 – Se não tivermos para depois aí que eu quero ver..!
 2 – Se não tiver depois aí que eu quero ver...!!

Tempo

- 2 – Quando nos separaram em duplas disseram que seria por cinco meses. Já estamos aqui há mais de dois anos! E não aparece ninguém. Ninguém para abrir a porta. Ninguém para deixar entrar um pouco de ar fresco.
 1 – Ar fresco. Que ar fresco? Você endoideceu mesmo! Nos jogaram aqui exatamente por não ter mais ar fresco! Nada de bom para se respirar.
 2 – Mas já faz muito tempo! O ar melhorou, tenho certeza!
 1 – Se tivesse melhorado já tinham nos tirado daqui.
 2 – Será que os outros já saíram e nos esqueceram aqui?
 1 – Esqueceram? Acho que não. *(o 1 corre até a janela)*
 1 – Não, com certeza não. Ninguém saiu ainda. A gente veria alguém lá fora.
 2 – Mas o que você vê lá fora?
 1 – Nada.
 2 – Eu também.
 1 – Viu?
 2 – E se já foram embora?
 1 – A gente teria escutado.
 2 – O que?
 1 – Não sei... barulho... a movimentação das pessoas... gente conversando...
 2 – E se vieram quando a gente estava dormindo?
 1 – Esquece. Quanto menos a gente pensar nisso melhor. Energia desperdiçada!
 2 – Desperdício! Só pensa nisso!

Tempo

- 2 – Tranque suas bibliotecas se quiser, mas não há portão, fechadura, nem trinco que você consiga colocar na liberdade da minha mente. ⁴²
 1 – O que é isso?
 2 – Não sei... Não lembro.

⁴² Virginia Woolf.
 Um teto todo
 seu. (1929)

- 1 – Como não lembra se falou tudinho?
2 – Uma coisa que eu li um dia e decorei.
1 – Leu onde?
2 – Num desses livros que a gente queimou.
1 – Ah!
2 – Gostei, sabe...!
1 – Sei.
2 – Tem vezes que tanto faz estar aqui ou não.
1 – A frase é bonita.
2 – Tem vezes que tanto faz aquele tempo ou esse.
1 – Gostei de ouvir quando disse.
2 – Tem vezes que tanto faz.
1 – Chega! Não quero mais ouvir isso. Tanto faz porra nenhuma. A gente vai sair daqui. A gente vai sair daqui! *(se aproxima da janela e faz um gesto como se fosse dar um murro no vidro para despedaçá-lo, mas algo o impede.)*
2 – Eu já tive vontade de fazer isso algumas vezes. Mas foi lá atrás. Faz tempo. Agora não.
1 – Você quer um pedaço?
2 – Quero.

Tempo

- 1 – Mais um dia.
2 – Menos um dia.

Tempo

- 1 – Você lembra quando a gente ganhou aquele...

Tempo

- 2 – Você lembra que eu gostava mais de...

Tempo

- 1 – Você lembra daquelas férias em que a minha...

Tempo

2 – Você lembra que cheguei todo encharcado lá no...

Tempo

1 – Você lembra que eu não queria me inscrever no...

Tempo

2 – Você lembra do dia em que eu voltei e todos estavam me...

Tempo

...

Tempo

1 – (Em meio à lágrimas volumosas) Eu pouco olhei no olho das pessoas. Eu olhei pouco no olho das pessoas. Eu não olhei no olho das pessoas. Eu nunca olhei no olho das pessoas. Eu não olhei. Eu queria ter olhado no olho das pessoas.

Tempo

2 – Eu. Eu... Eu me esqueci. Esqueci... o que ia dizer. O que ia dizer? Tenho algo a dizer?

Tempo

2 – Me dá mais um pedaço?

1 – Não.

2 – Por que?

1 – Acabou.

Tempo

...

Tempo

...

Tempo

...

- 1 – Mais um dia.
- 2 – Menos um dia.

Fim

MELODIA DA QUARENTENA

Marina Brandão
(Rio de Janeiro – Brasil)

⁴³ Jornalista, roteirista e Mestre em Comunicação e Tecnologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

O palco é dividido em dois: sala de estar de Antônia e sala de estar de Bernardo. Na dela, vemos um sofá, uma mesa, uma TV e um interfone sem fio. Na dele, um piano, uma poltrona, e o interfone próximo ao piano.

Antônia entra em casa, ofegante, carregada de sacolas de mercado. Deixa as compras em cima da mesa. Retira do rosto máscara, óculos. Das mãos, luvas. Passa álcool em gel. Liga o celular e começa a se gravar.

ANTÔNIA - Sabe o que é pior que subir quatro andares cheia de compras? É fazer isso sem ninguém pra te ajudar.

Ouvimos um piano repetindo as mesmas notas. Tira uma garrafa de vinho da sacola.

ANTÔNIA - Com um piano irritante no fundo.

Tira outra garrafa de vinho da sacola.

ANTÔNIA - No meio de uma quarentena.

Tira uma última garrafa de vinho da sacola.

ANTÔNIA - É, eu sei, eu sei que isso não desculpa... Ah, que desculpa o quê. Mais de noventa dias sem outra alma viva! Tenho passe mais que livre pra me afogar em vinho e auto piedade.

Antônia abre uma das garrafas, enche uma taça. Faz um brinde para o celular. Vira o conteúdo da taça de vinho e torna a enchê-lo. Caminha até o sofá e se joga.

ANTÔNIA - O único bom é que agora eu falo sozinha. (Faz uma voz infantil). Sozinha não, né, Margareth? E esse cacto mais lindo? (Pausa) E com vocês, é

claro. Meu seguimores imaginários (*Tom de deboche*).

Antônia desliga o celular. Liga a TV. Em seguida, um foco de luz acende do lado do palco de Bernardo. Ele começa a toca o piano, repetindo incessantemente as mesmas notas, como quem está aprendendo a melodia.

ANTÔNIA - O universo devia tá muito inspirado mesmo quando resolveu trancar os malucos de Copacabana todos juntos. Essa galera confinada em um bando de prédio velho, com encanamento enferrujado e paredes tão-incrivelmente-finas-que-eu-sei-dizer-quando-a-menina-de-cima-tá-fingindo-um-orgasmo. Fui condenada a conviver com os meus vizinhos. (*Pausa. Ouvimos um gemido*). Sempre. Ela sempre finge um orgasmo. (*Ri, se divertindo*).

O piano volta a tocar as mesmas três notas. Antônia desvia o olhar da TV, aceitando que não vai conseguir assistir ao programa. Levanta e caminha em direção à janela (meio de palco). Ouvimos um vizinho gritar: Troca o disco! Bernardo parece sair de um frenesi e troca a música. Começa a tocar uma melodia forte e mórbida. Antônia esboça um sorriso pela irreverência dele. Ouvimos o telefone dela tocar. Ela atende a ligação, consternada.

ANTÔNIA - Oi. Não, eu enviei esses papéis ontem. Ele perdeu o prazo? Não acredito, cara! Só semana que vem agora. Ok, eu faço, eu faço. Tchau.

Antônia monta o notebook na sala, para trabalhar, irritada. De repente, o piano volta a tocar. Ela se levanta determinada, e caminha até o interfone.

ANTÔNIA - Seu Zé, tudo bem? Seu Zé, cê sabe quem é que não para de tocar esse piano? Isso é t-o-r-t-u-ra! (*Pausa*) Sei que ainda é cedo, mas não tem nenhuma maneira? Tudo bem, obrigada.

Resignada, volta ao sofá, para trabalhar. Assim que senta, o piano volta a repetir notas. Sem saber de qual apartamento vem o som, Antônia levanta e se dirige novamente à janela, onde começa a berrar ao prédio inteiro.

ANTÔNIA - Meu Deeeeeeeeeus! Ninguém aguenta mais esse piano! Vai repetir esse barulho nos infernos!

Ouvimos vozes de vizinhos gritando de volta, mandando ela calar a boca. Vemos Bernardo se divertindo com a situação. Ele ri da vizinha e conta os andares dos apartamentos. Vai até seu interfone. Ouvimos o interfone tocar na casa de Antônia. Ela atende.

ANTÔNIA - Alô?

BERNARDO - Olha, minha música já teve muitas reações, mas nenhuma tão... alta, quanto a sua (*segura o riso*).

Antônia fica muda por alguns segundos. Entende com quem está falando e ruboriza, sem-graça, ao perceber o escândalo que tinha feito.

ANTÔNIA - "Música"? Era a única resposta possível pra sua "música".

BERNARDO - Poxa, achei que ia cair bem com o seu vinho.

ANTÔNIA - Como...?

Bernardo interrompe.

BERNARDO - Não existe privacidade em Copacabana, né? Dá pra enxergar a sala de quase todo o mundo.

Ouvimos um gemido novamente.

BERNARDO - Claro, e as paredes são tão-incrivelmente- finas-que-eu-sei-dizer-toda-vez-que-o-cara-debaixo-consegue-fazer-a-namorada-gozar. (*Pausa.*) Todas. Ele sempre faz ela gozar.

ANTÔNIA - Homens (*revirando os olhos*). Sabia que tinha que ter fechado a cortina.

BERNARDO - Seria uma pena. O chilique foi admirável.

Conforme a conversa suaviza, eles abandonam o interfone e caminham para o centro do palco. Primeiro Bernardo. Antônia o acompanha. Sentam de frente um para o outro, e conversam, de mãos livres, como se ainda falassem pelo interfone.

ANTÔNIA - E o que é que você está fazendo com aquelas notas afinal? Parecia no colégio, quando todo mundo ficava tentando tocar "Smoke on the water" no violão.

BERNARDO - E qual o problema com "Smoke on the water"? Acho que você vai gostar ainda mais da versão no piano.

ANTÔNIA - Nem pense...

BERNARDO - Não, tô brincando. Comecei a tocar teclado de criancinha, meu pai sempre amou. Prometi que ia ter um piano quadro crescesse. Cresci, comprei o piano, e deixei ele lá, parado no mesmo lugar.

ANTÔNIA - Então você só voltou a tocar para me perturbar, é isso?

BERNARDO - Exatamente. *(Pausa)*. Bom, não exatamente. Tinha uns anos que eu não tocava mais, mas, de uns dias pra cá, deu vontade. Acho que eu tava precisando distrair... Mas e você? O que anda fazendo?

ANTÔNIA - Eu sou advogada. Trabalho num banco.

BERNARDO - Isso é o que você faz. Tô perguntando o que gosta de fazer.

ANTÔNIA - Ah. Eu... Eu dançava. Queria ser profissional. Mas, com aluguel para pagar, não tive muita escolha. Acabei fazendo Direito e as coisas foram meio que acontecendo...

BERNARDO - É, sei bem... Mas de, uns dias pra cá, acho que a gente pode escolher mais, sabe? Que a gente pode querer mais.

ANTÔNIA - Você está literalmente confinado e acha que a gente pode escolher mais? Não acho que somos realmente livres. Nem mesmo quando podemos sair de casa.

BERNARDO - Ah, mas às vezes, só às vezes, acho que a vida nos dá um empurrãozinho, sabe?

ANTÔNIA - Só sei que eu preciso de mais álcool em mim para conversas

desse tipo. Foi um prazer... Quem é você, afinal?

BERNARDO - Bernardo, do 608. Um prazer, Antônia. *(Antes que ela questionasse)* Perguntei ao porteiro. Beijo.

Desligam o interfone. Antônia volta para a sala. Senta-se no sofá, encarando sem animação o notebook, até que o fecha. Bernardo volta a se sentar ao piano, e começa a tocar de novo. Antônia se levanta e enche mais uma taça de vinho. Enquanto caminha, arrisca alguns passos de dança, sutis, com a taça na mão. Cria uma sequência de três passos seguidos, que se encaixam nas notas. Até que Bernardo dá um pouco de sequência à música. Toca mais três notas. Ela derrama um pouco de vinho. O piano pausa. Ela volta à sala, ele deixa o piano. Com uma troca de luz, a noite passa.

Dia seguinte.

Ouvimos Bernardo tocar as seis notas do dia anterior, agora em looping. Da janela (virados para o centro do palco), Bernardo percebe Antônia olhando para ele. Eles sorriem. Ele caminha até o centro do palco e começam a conversar ali mesmo, como se falassem ao interfone. Ouvimos outro gemido.

ANTÔNIA - Ela finge. Todas as vezes.

BERNARDO - Que absurdo! É claro que não. Ninguém finge tão bem assim.

ANTÔNIA - Você, pelo visto, nunca viu *Harry e Sally*. Deveria. *(Pausa)* Preciso confessar uma coisa.

BERNARDO - Preciso de testemunhas?

ANTÔNIA - *(Em tom de deboche)* Há há. É que... eu não gosto da música que você tava tocando. *(Brinca, disfarçando)* Da parte dela que você toca, né?

BERNARDO - Você conhece? Meu pai cantava sempre. Foi uma das primeiras que aprendi.

ANTÔNIA - Ela me dá uma sensação... sei lá.

BERNARDO - Eu não ando muito de bem com ela também. Mas vi você dançando ontem. Tava linda.

ANTÔNIA - Preciso fechar as cortinas! (*Abaixa o tom*). Foi a primeira vez que eu dancei essa música em 12 anos.

BERNARDO - Ah, duvido!

Antônia pega um par de sapatilhas de pontas. As calça enquanto fala.

ANTÔNIA - Eu dancei ela... lá nos idos de 2000.

Ela se levanta e vira para a plateia. Encena os movimentos enquanto narra os acontecimentos.

ANTÔNIA - Era minha prova para o Theatro Municipal. Imagine só: os holofotes em mim; a plateia cheia de pais ansiosos e jurados céticos. A música começa a tocar. E cinco, e seis, e sete, e oito.

Antônia dança alguns passos, a música vai ficando cada vez mais intensa, até que ela cai. Do chão, olha para a plateia. Abaixa a cabeça baixa. Tira as sapatilhas e se vira de volta a Bernardo.

ANTÔNIA - Mas não deu. E quando penso como a minha vida poderia ser ter sido...

BERNARDO - Eu entendo. Música é minha vida. Aprendi a tocar de tudo um pouco, mas o piano... Meu pai me ensinou. Não falava com ele há um tempo. E na correria do dia a dia, acabei parando. Hoje eu escrevo sobre música só. Mas agora essas notas voltaram... Voltaram e não saem da minha cabeça.

ANTÔNIA - Ah... Nada como a liberdade criativa do confinamento!

BERNARDO - É... É que nem ouvir uma música em looping. Ora a gente ama, ora odeia.

ANTÔNIA - Eu odeio só. Tenho certeza que as paredes estão fechando à minha volta. Sinto que meu apartamento encolheu... Até a Margareth, meu

cacto, tá menor, se é que isso é possível.

BERNARDO - O apartamento tudo bem. Mas pobre da Margareth.

ANTÔNIA - É como se os meus sonhos tivessem ficado menores, sabe? Eu morria de medo do dia em que fosse dormir e até os meus sonhos estivessem confinados. Mas, mais cedo ou mais, aconteceu.

BERNARDO - Mas você não se sentia assim antes? Com a rotina, eu sempre dizia que era condenado a dias iguais e desimportantes. Agora, os dias são iguais, mas são meus.

ANTÔNIA - Talvez eu gostasse da ideia de sentir tédio, dias para mim. Mas o trabalho tá pior ainda!

BERNARDO - O mundo corporativo não te conquistou?

ANTÔNIA - Defender bancário? A serra elétrica seria mais doce.

BERNARDO - *(Rindo)* É. Acho que ninguém se torna quem imaginou que fosse ser.

ANTÔNIA - Você trabalha com o que gosta.

BERNARDO - Sim. Mas quando minha banda não decolou, adaptei o sonho, né?

ANTÔNIA - Nem todos os sonhos a gente consegue adaptar.

BERNARDO - Ah, pára com isso. Claro que dá! Nenhum de nós chegou onde achou que fosse chegar. Mas encontramos outros caminhos.

ANTÔNIA - Só se você chama virar músico de uma só nota adaptação.

BERNARDO - Não jogue suas frustrações em mim. Você pode mudar a hora que quiser.

ANTÔNIA - Como assim? Você não me conhece! Não sabe quem sou.

BERNARDO - Sei que tá desistindo. E, quando você desiste, desperdiça o esforço de todo mundo que está em cima de uma cama, lutando. Prefere ficar se lamentando, sentindo pena de si.

ANTÔNIA - Ao menos, eu não faço questão de esfregar a minha dor para o prédio inteiro ouvir, como uma criança mimada querendo atenção.

Antônia vira de costas e volta para o sofá. Percebe-se que ela desligou o interfone na cara de Bernardo. Reabre o vinho. Vemos Bernardo sentar ao piano, cabisbaixo. Ele fecha o instrumento. Antônia vai até a janela e consegue vê-lo segurando um porta-retrato, triste. Mudança de luz para retratar a passagens de alguns dias. O telefone de Bernardo toca. Ele fica em pé, num pulo. Não conseguimos ouvir o que ele fala. Incrédulo, desliga o telefone e começa a chorar. Antônia estava trabalhando e assiste à cena. Ela caminha até o centro do palco e aguarda. Ele hesita, mas aos poucos cede e também vai para o meio do palco. Ela não fala nada, só espera.

BERNARDO - Era o meu pai. Ele estava internado há uma semana. Desde então, tento tocar a música dele, mas não consigo. E, agora, sequer posso me despedir. Você tem razão,

ANTÔNIA - Eu desisto.

Bernardo vira de costas para Antônia e caminha para longe dela. Sem dizer nada, Antônia permanece na janela, olhando para ele. Ele olha de volta, faz que não com a cabeça. Ela volta a calçar as sapatilhas, e começa a dançar com toda a força do corpo, olhando para Bernardo, que chora e resiste. Depois de algum tempo, ele se emociona e se senta ao piano. Reabre o instrumento e, pela primeira vez, toca a música inteira, enquanto ela dança. Acaba a música, ouvimos os vizinhos aplaudirem. Ofegante, ela caminha ao centro do palco. Pega o celular e disca um número, enquanto olha, em êxtase, para Bernardo.

ANTÔNIA - Oi. Não vou poder entregar o documento. Não, não vai dar. Alguém vai ter que fazer por mim. Porque eu tenho uma coreografia para montar.

Ela desliga o telefone. Ele acena com a cabeça para ela. Ela sorri. Ele volta a tocar e ela a dançar.

O RÁDIO

Necylia Monteiro ⁴⁴
(São Luis – Brasil)

⁴⁴ Artista maranhense de teatro e circo, movida pela escrita. É graduada em Teatro Licenciatura (UFMA) e Mestre em Artes da Cena (UFRJ).

Personagem - Gê

Uma sala vazia, ao centro um rádio antigo está sobre uma mesa de madeira. O rádio produz um som indicando a ausência de sinal de transmissão. Ao final de cada quadro existe um blackout.

1. Dia 17

GÊ - *(Desligando o rádio, clamando)* Por favor!

Ouve-se um som sinalizando que o rádio está sem sinal de transmissão. Gê senta-se ao lado do rádio na mesa.

2. Dia 02

RÁDIO - Shiiii estamos em estado de calamida... shiiii há muitas explosões shiiii sobre o shiii o risco de contaminação shiiii shiii

GÊ - Vamos! Vamos!

Tenta mover as antenas, sintoniza botões, o rádio continua apresentando falhas

RÁDIO - Shiiiiiii... Repetimos a todos que nos ouvem neste momento, protejam-se.

Ouvem-se alguns gritos vindos da transmissão

3. Dia 09

Rádio toca uma música instrumental do ritmo seresta. Gê dança como se tivesse um par.

GÊ - Chego com atraso quase sempre, faço de propósito pra que quando eu

chegue o salão todo me veja. Peço uma cerveja barata, enquanto bebo com meu copo na altura da minha vista, eu escolho alguém pra ser meu par. No final da primeira garrafa já sei quem veio, quem tá vindo pela primeira vez... e esse é o único momento sem me mexer, o resto do tempo o salão todo só vê meu rastro de vento enquanto danço meu suor pingando na roupa, meus sapatos deslizando no chão.

A música para novamente som de interferência de sinal.

GÊ - É o mesmo sonho toda noite, sempre o mesmo sonho. Eu estou no quarto olhando pro teto, vou à cozinha e me sento naquele chão grudento de fritura, vou ao banheiro e me deito, volto ao meu quarto e vejo uma sombra embaixo da cama, como se estivesse deitada olhando pro nada. Eu me deito ao lado dela, ela me deixa. Ela deita na minha cama olhando pro teto, senta no chão grudento da minha cozinha, deita no meu banheiro, ela ocupa a casa toda. De repente, ela começa a me ver ali embaixo da cama, daí eu acordo!

4. Dia 12

Várias ferramentas pela sala, o rádio está com suas engrenagens todas à mostra, Gê está mexendo e remexendo as peças com certo desespero. Emenda alguns fios, procura na bagunça uma fita, testa parafusos em lugares que não encaixam, começa a separar as peças em alguma ordem conhecida, cada vez com mais aflição.

GÊ - Aqui estão os fios, os botões desse lado, a caixa de som aqui, essas peças são as de fora, aquelas coloca antes dessas outras. Onde tá aquele maldito fio?

Gê procura o fio com agitação e acaba desfazendo sua organização inicial. Achado o fio no amontoado de coisas, começa a enrolá-lo em seu corpo, como uma dança.

4. Dia 15

A sala está escura, ouvem-se alguns sons de interferência de sinal vindos do rádio que está claramente mal montado e remendado. Um feixe de luz ilumina

Gê que está embaixo da mesa do rádio na escuridão, como a que descreveu nos seus sonhos.

5. Dia 18

Gê faz as vozes e sons do rádio que permanece sem sinal

GÊ/REPÓRTER - Shiiii tic! Está no ar mais um repórter investigativo, tan tan taram fiquem conosco, rádio do futuro, onde o ouvinte tem voz! (*mudando de voz*) onde o ouvinte tem voz! É isso aí, estamos em mais um programa repórter investigativo e hoje vamos falar sobre as frutas do futuro, é isso aí que você ouviu, as frutas do futuro são maiores, mais saborosas e artificialmente enriquecidas, é isso aí! A ciência dando aquela ajudinha na natureza

Troca de estação

GÊ/ANUNCIANTE - Somente hoje você pode comprar um detector de vírus, para você na promoção, em nossas redes inúmeros clientes trazem seu depoimento, basta cli...

Troca de estação

GÊ/APRESENTADORA - Estamos em mais um “Momentos de paixão”, comigo Carlinha Villar, vamos nos aconchegando para ouvir as músicas mais românticas e quentes pra você! Hoje temos uma daquelas que não pode faltar na lista de todo apaixonado. Lembre-se, mande-nos sua música preferida, eu sou Carlinha Villar proporcionando o seu “momentos de paixão” Gê envolve-se numa performance musical de tradução

Turn around

Every now and then i get a little bit lonely

And you're never coming 'round

Vire-se

De vez em quando eu fico um pouco solitária

E você nunca irá voltar

Turn around

Every now and then i get a little bit tired

Of listening to the sound of my tears

Vire-se
 De vez em quando eu fico um pouco cansada
 De ouvir o som de minhas lágrimas
 Turn around
 Every now and then i get a little bit nervous
 That the best of all the years have gone by
 Vire-se
 De vez em quando eu fico um pouco nervosa
 Por terem os melhores anos de minha vida já passado
 Turn around
 Every now and then i get a little bit terrified
 And then i see the look in your eyes
 Vire-se
 De vez em quando eu fico um pouco assustada
 E então eu vejo o olhar dos teus olhos.
 Turn around, bright eyes
 Every now and then i fall apart
 Vire-se, olhos brilhantes
 De vez em quando eu desmorono

Troca de estação

GÊ/NARRADOR - Fique agora com mais um capítulo de “Desejos roubados”, somente aqui na rádio celestial, sua companhia de todo dia.

GÊ/PERSONAGEM DE RÁDIO - Carminda (*Numa atuação melodramática*) - Carlos Augusto, por favor! Não me esqueça, me casarei amanhã, mas saiba por todo meu ser que és meu único amor e és por ti que meu coração pulsará no altar, ainda que eu carregue essa dor, e os pecados de minha alma, por deus, não me esqueças.

GÊ/PERSONAGEM DE RÁDIO CARLOS - Augusto (*Gê com atuação ridiculamente melodramática*) - queria Carminda minha flor, te amarei para todo sempre, não posso sequer imaginar meus dias sem meus encontros às escondidas contigo. Ah! Que homem infeliz sou, que a minha boca não fale, que meu paladar se vá, que as flores se tornem insípidas, já que meu único amor para sempre me deixará! (*chora*)

6. Dia 30

Gê caminha em direções diferentes em torno da mesa que está o rádio, corre de costas, anda lento, anda em círculos. Num determinado movimento/posição o rádio começa a funcionar, Gê move-se e o rádio falha, Gê respira fundo e com calma volta à posição que estava e o rádio funciona novamente, mas se move e o rádio para.

GÊ - Por que não...

RÁDIO - *(Voz de apresentador)* Silêncio! Por favor!

GÊ - *(Virando-se ao rádio)* Mas o que...

RÁDIO - *(Voz de um personagem qualquer da rádio)* Eu disse, silêncio!

Gê fica em ansiedade e desorientação

RÁDIO - *(Voz de meditação guiada)* Inspire, expire.

Gê segue os comandos

7. Dia 75

Gê cantarola uma seresta, faz todos os instrumentos com a voz, dança pela sala sorrindo e cantando.

A SEXTA ONDA

Patrícia Muniz ⁴⁵
(Rio de Janeiro – Brasil)

⁴⁵ Figurinista,
Diretora de
Arte, aderecista
e apaixonada
pelas palavras.

Um prédio em uma metrópole. Duas famílias confinadas em seus apartamentos, separados apenas por um corredor. Os cômodos são definidos por recortes de luz no chão. Latas de água e comida são o elemento em comum nos espaços. No apartamento 801, uma mulher com suspeita de contaminação foi trancada em um cômodo pelo marido. No apartamento 806, pai, mãe e filho confeccionam roupas para um plano de fuga enquanto a mãe lentamente enlouquece. Na frente do palco ficam as janelas que dão vista para a rua. No fundo do palco estão as janelas que dão vista para o pátio interno do prédio, onde moradores começaram a queimar seus mortos.

Apartamento 801

O casal, usando cartucheiras com produtos para higienização, discute através de uma porta fechada. Ela tem um porte atlético e ele aparenta o oposto. No cômodo, latas de água e comida, um penico esquecido num canto e um tapete de yoga que também serve como cama. Na sala, uma vasilha de comida de cachorro e uma bola se misturam às latas de mantimentos espalhadas.

ESPOSA - Eu devia tossir na sua cara!

MARIDO - Eu devia ter tido mais cuidado!

ESPOSA - Você devia era ter ficado em casa! O nosso combinado é ficar em casa. *(Desinfeta uma lata com raiva)* eu devia arrombar essa porta, e tossir na tua cara!

Apartamento 806

Pai, mãe e filho sentados em volta de uma mesa costuram roupas feitas de plásticos recicláveis. Latas de água e comida estão empilhadas em baixo da mesa contrastando com o ambiente asséptico. No chão, uma tv antiga produz um incômodo ruído.

MÃE - O que será que aconteceu com ela? *(Olhando para a televisão)*

PAI - Não sei, será que volta? Será que ela pegou?

FILHO - *(Fazendo um gesto de degola)*. Eu acho que pegaram ela, isso sim!

Os três olham para a tv.

PAI - Temos que sair daqui, isso sim! *(Provando um equipamento tipo caça fantasmas)*.

MÃE - *(Robotizada)*. Fugir? *(Apontando para a tv)*. Mas, e se ela voltar para nos dizer o que fazer, atualizar as notícias, falar se é para sair ou se é para ficar em casa? *(Pausa, pergunta para a tv)* o que ele decidiu? Cadê os serviços essenciais?

FILHO - Faz mais de seis meses que não vejo um uber eats passar na rua.

MÃE - *(Rindo)* Nem o drone da farmácia passa mais. *(Triste)* Temos que consertar a tv!

PAI - Nós temos é que sair daqui! *(Calculando)* Contando os corpos que saíram daqui nos sacos do governo na terceira onda do vírus...

MÃE - *(Interrompe em tom de comercial infantil)* família grande? Tenha seu próprio caminhão frigorífico!

PAI - ... Mais os que saíram nas carroças na época da quarta onda e agora *(Olhando para os fundos)* As fogueiras no pátio à noite. Deve sobrar pouca gente nesse prédio.

FILHO - A comida vai acabar e o governo não joga mais as latas. Há um ano já não temos notícias de outros países. Não tem telefone, não tem tv... Não tem internet...

MÃE - Só tem interfone, mas o porteiro morreu. Ninguém sabe interfonar para os apartamentos, pois sempre teve porteiro. *(Olhando para a tv)* Será que hoje ela vem? Será que vem alguém na tv?

Os dois olham para a tv e em seguida para ela.

FILHO - Mãe, escuta! Quando a tv sai do ar é porque a humanidade acabou! Você nunca viu filme de zumbi? A gente tem que fugir daqui! Acho que todos os moradores dos outros andares já morreram. Esse prédio está condenado. Você entende?

MÃE - Então não vai ter novela? Então ela não vem?

FILHO - *(Sacudindo a mãe)* Mãe, ela sumiu do jornal dias antes da tv sair do ar, logo depois de falar ao vivo! Aquilo foi uma mensagem para o povo. Ela não vem, pode desligar a tv! *(desliga a tv)* ninguém vem! O mundo acabou, mãe!

Apartamento 801

ESPOSA - *(Correndo no mesmo lugar)* Eu devia arrombar essa porra dessa porta e te arrastar até o pátio, te ensopar de álcool gel e tacar fogo.

MARIDO - Me perdoa!

ESPOSA - Se eu não morrer eu te perdoo.

MARIDO - Se você morrer nunca vou me perdoar.

ESPOSA - *(Ofegante)*. Tomara!

MARIDO - *(Apreensivo)*. Tomara o quê?

ESPOSA - Tomara que você nunca se perdoe se eu morrer! *(Correndo)*

MARIDO - Você está ofegante, deita um pouco. Se você não morrer vai se arrepender de ter me dito essas coisas. Eu te amo.

ESPOSA - *(Abre uma lata e bebe água)*. Então por que você foi lá fora? *(Engasga)*. Quem ama não vai lá fora! Quem ama fica em casa. Essa doença se alimenta de encontros.

MARIDO - *(Desesperado)* Todas às vezes que eu saí eu fiz tudo certinho.

ESPOSA - Isso não é exatamente como usar camisinha, *baby!*

Apartamento 806

Vestidos com os macacões inventados. A mãe liga a tv na esperança de ver a repórter ou alguma notícia. O barulho incomoda a todos.

PAI - Desliga!

FILHO - Não pira, mãe! *(Desliga a tv)*

MÃE - Me deixem! *(Volta a ligar a tv)* Vou ver o jornal!

FILHO - Mãe, não tem mais tv! *(Desligando)* Você agora precisa tomar decisões sozinha, entendeu? Precisa pensar! Não tem jornal, não tem tv do governo, não tem pastor para guiar o gado. Agora é cada um por si. Nem canal de igreja pega mais.

PAI - Pega leve com a sua mãe filho. *(Para a esposa)* Querida, sem tv! É o melhor para você e temos que economizar energia. Não sabemos por quanto tempo teremos os serviços ultra essenciais. Precisamos nos preparar.

Apartamento 801

MARIDO - Como eu ia adivinhar que você ia pegar e usar a máscara? Você nunca sai. Nunca! Você não colocava o pé na rua desde...

ESPOSA - *(Cortando rispidamente)* Eu fui apenas ao corredor jogar o lixo fora!!!! *(Começa a fazer flexões)* Sem máscara estaria mais protegida!

MARIDO - *(Surpreso)* Dez anos de casados, mais de três anos de confinamento e você nunca jogou a porra do lixo fora!

ESPOSA - Agora a culpa é minha. *(Fala enquanto faz o exercício)* Você esqueceu de esterilizar a máscara, não inverte! E deixou ali, para eu pegar.

MARIDO - Você podia ter me pedido. *(Preocupado)* Você está doente? Tira a temperatura! *(Passando o termômetro por debaixo da porta)*

ESPOSA - *(Jogando o termômetro de volta)*. Eu não tinha como saber que você saía escondido.

MARIDO - É por isso que chama escondido!!!! *(Desinfetando o termômetro)* Eu te amo. *(Passa o termômetro de novo)* Tira a temperatura, por favor.

ESPOSA - *(Pega e desinfeta)* Eu tiro, se você abrir a porta.

MARIDO - Você sabe que ainda faltam treze dias. *(Desespero)* Por quê? Por que você foi jogar o lixo fora?

ESPOSA - *(Raiva)* Porque o cachorro já estava fedendo!

A luz de uma fogueira leva todos para as janelas dos fundos. Observam um corpo queimando no pátio. Tempo.

Apartamento 801 e 806

ESPOSA - Triste espetáculo. Quem será que foi agora?

MÃE - Viu? Nem todo mundo morreu. *(tom de piada)*. Alguém tá queimando um.

MARIDO - Esse cheiro não te incomoda?

PAI - E esse cheiro? Fecha essa janela, eu não suporto esse cheiro.

ESPOSA - Cheiro de churrasco.

FILHO - Eu não suporto é essa luz. Parece que vai amanhecer, só que não. Insano isso.

MARIDO - Vou interfonar para saber quem foi.

PAI - Com esse acho que sobram mais três além da gente, o porteiro disse que éramos trezentos e quarenta e três. A probabilidade de permanecer

vivo aqui é mínima!!!

ESPOSA - O porteiro morreu na semana passada. Alguém interfonou avisando.

MÃE - E se a gente pudesse interfonar para os outros apartamentos para saber quem foi.

ESPOSA - Quem será que foi agora? Interfona para um vizinho amigo.

PAI - Já tentei de todas as maneiras, não sei como falar com os outros apartamentos.

MARIDO - A gente não conhece nenhum vizinho. O mais próximo era o do 702, aqui embaixo.

FILHO - Não importa quem foi. É só mais um.

ESPOSA - Quem era mesmo? Aquele que ficou rico na terceira onda do vírus? Transformando estacionamento em cemitério? "garanta a sua última vaga!" Péssimo slogan!

MÃE - O que o ser humano é capaz de fazer em desespero! Nem somos vikings para queimar os mortos. *(Tom de repórter)* Em Veneza, gôndolas ociosas na primavera!

MARIDO - Morreu! Ficou rico na terceira onda e morreu na quarta.

Apartamento 801

ESPOSA - Você não vai me contar? *(Andando pelos limites do quarto)*

MARIDO - O quê?

ESPOSA - O que você foi fazer lá fora! *(Silêncio)* diz!!!!

MARIDO - *(Murmurando)* Eu fui conseguir uma arma.

ESPOSA - O quê? *(Indo para a porta para ouvir melhor)*

MARIDO - Eu fui conseguir uma arma!

ESPOSA - (*Furiosa*) Tá fazendo arminha agora? Você enlouqueceu? Eu posso estar contaminada por que você foi conseguir uma maldita arma? (*Chocada*) Para que a gente precisa de uma arma?

MARIDO - Eu queria proteger a gente. Não passa mais ninguém na rua! Quase tudo parou de funcionar! Você nunca viu filme de apocalipse?

ESPOSA - Nunca gostei do gênero. Só faltava essa, ter que assistir filme de apocalipse para sobreviver ao apocalipse. Já nem lembro como é ver um filme, uma live de yoga...

MARIDO - Nos filmes, o ser humano sempre consegue ser pior que a desgraça que esta acontecendo. É questão de tempo, até mercenários invadirem as casas para roubar, matar, estuprar...

Apartamento 806

FILHO - Comer uns aos outros, mãe! No desespero o ser humano já comeu até carne humana. É por isso que nos vamos fazer o que ela falou (*Aponta para a tv*). Salvar a nossa própria pele. Fugir para a favela!!!!

PAI - Precisamos chegar até a floresta antes que seja tarde. A favela não vai nos aceitar. Eles construíram muros na terceira onda, já estavam acostumados a viver na Idade média mesmo, aprenderam rápido a se proteger.

MÃE - Mas e o governo? O governo não exterminou a favela?

Ambos olham para ela incrédulos

MÃE - (*Entonação de repórter*) Na ausência de pessoas, cangurus passeiam pela cidade de Las Vegas!

PAI - Não é irônico? Todo mundo querendo entrar no lugar de onde todo mundo queria sair?

Apartamento 801

MARIDO - O próprio governo, na última transmissão oficial, mandou as pessoas se defenderem. Foi na quinta onda da doença. Quanto tempo já passou?

ESPOSA - Se as pessoas não tivessem ouvido o governo e saído de casa, teríamos impedido a terceira onda. *(Fazendo polichinelo)* E se tivéssemos impedido a terceira onda... *(Ofegante)*

MARIDO - *(Ouvindo a respiração dela)* Amor, tudo bem? Diz para mim, como você está? *(Escuta a respiração ofegante).*

ESPOSA - Teríamos contido a pandemia. *(Tosse repetidas vezes)* E eu... *(Começa a chorar de verdade)*

MARIDO - Vai me acusar de novo? Você nem sabe se está doente, e se estiver, com seu histórico de atleta, vai parecer uma gripezinha. Eu é que não posso pegar. Nós vamos ficar bem. Só precisamos ter certeza.

ESPOSA - Você me trancou aqui igual fez com o nosso filho! Eu nunca vou te perdoar por isso, eu quero que você morra. *(Silêncio).*

Ela anda pelo espaço delimitado pela luz que agora está um pouco menor. Tenta escutar pelas paredes. Tenta abrir a porta. Anoitece. Enquanto isso, no apartamento 806, a Mãe sozinha num cômodo embala a tv. Na sala, o Filho e o Pai ensacam em silêncio as latas. O Marido permanece sentado de costas para a porta. Todos, em seu tempo, olham para a cidade vazia pelas janelas da frente.

FILHO - Nenhuma luz acesa! Parece que não tem mais ninguém em lugar nenhum. O planeta está de luto! *(Arrasado)*. De luto por suas vidas, pela perda de conexão com o mundo social e com suas famílias...

MARIDO - *(Surtando)* Talvez nós sejamos as últimas pessoas vivas nessa cidade e estamos aqui brigando. *(Olha para a janela e levanta)* Olha, não tem mais luz até onde podemos ver. Ele amava contar as janelas acesas.

FILHO - ... E também pelo eu que perdemos.

PAI - Que silêncio!

MÃE - *(Feliz)* Dá até saudade das carreatas dos insanos... Do barulho das panelas. Lembram? Os empresários saíam buzinando pedindo que as pessoas voltassem a trabalhar... Era uma alegria quando passava *(Os dois olham para ela incrédulos)*.

ESPOSA - A presença dele era a única alegria desde o começo da quarentena, e você trancou ele aqui.

Apartamento 806

MÃE - Mas, e os índios na floresta?

FILHO - Mãe, o governo exterminou os indígenas na primeira onda. Foi um dos motivos da pandemia fugir ao controle. Só se falava disso na internet, não lembra? Todo mundo revoltado trocando a foto do face. *(Triste)* Você não se lembra?

PAI - Ela não lembra. A grande imprensa maquiava esse tipo de informação. Foi assim que a segunda onda pegou todo mundo de surpresa. Todos, menos os favelados.

FILHO - *(Inflamado)* Claro pai! Eles já vinham sendo exterminados há tanto tempo que se fortaleceram. E não é favela, é comunidade! Lembra o que a repórter disse? Fugam enquanto puderem, fugam para o mato, ou para uma comunidade!

MÃE - *(Falando para si mesma)* Quanto custa um idoso? Será que ela fugiu? *(Pergunta para a tv)*. Para que serve um índio?

Apartamento 801

MARIDO - Nós trancamos! Ele estava doente! Nós concordamos em isolá-lo, lembra?

ESPOSA - Sim, ficou doente porque você deixou ele sair para passear com o maldito cachorro.

MARIDO - *(Impaciente)* O governo disse que podia sair na rua. Deu na tv e tudo, você não lembra? Ninguém acreditava na quinta onda. Todo mundo saiu de casa.

ESPOSA - Eu acreditava, eu e os cientistas. Eu não fui na rua.

MARIDO - *(Esmurrando a porta)* Acreditava, mas não disse nada quando ele saiu. Muito fácil para você ficar em casa mandando em tudo. Isentona! *(Furioso anda pela casa).*

ESPOSA - *(Cortando)* Você está me acusando?

MARIDO - Não. Você está me acusando! Eu estou sendo realista. O que aconteceu não foi culpa de ninguém. Nem minha, nem sua e muito menos do cachorro!

Apartamentos 801 e 806

MÃE - O que será do camelô? Como a gente vai saber o que aconteceu com o camelô se ela não voltar?

Um barulho seco. Todos se dirigem para as janelas da frente, um morador acaba de saltar.

MÃE - *(Rindo)* Não podemos deixar a cura ser maior que o problema, eles disseram. *(Ri descontroladamente)* A cura. *(Gargalhadas)*

ESPOSA - *(Desesperada)* Quem será que foi agora? *(Escuta as risadas)* Tem alguém rindo? Tem mais alguém vivo no prédio! Pelo amor de deus, abre essa porta.

MÃE - Viu? Nem todo mundo morreu. Alguém se jogou. *(Continua rindo)* Deve ter sido o que queimou aquele último. *(Muda para repórter)* Vamos agora às notícias do mundo!

MARIDO - Você agora acredita em deus agora? Não vou abrir. Você pode estar infectada. *(Grave)* Tem sintomas!

PAI - *(Olhando para baixo)* Era o morador da cobertura. Eu sei que é ele pela peruca.

ESPOSA - Eu preciso te contar, eu inventei os sintomas. Eu não sei por quê. *(Amável)* Ouve, minha respiração esta ótima, eu não tenho febre, *(Procurando o termômetro na cartucheira)* vou colocar o termômetro e te passo quando apitar! *(Sem resposta, chantageia)* Abre ou eu me joga pela janela igual esse cara acabou de fazer.

FILHO - *(Desesperado)* Esse prédio é uma prisão, precisamos fugir.

MARIDO - *(Sádico)* você não pode, temos grades nas janelas.

PAI - Com esse acho que não sobrou ninguém, o porteiro disse que éramos trezentos e quarenta e três moradores. Vamos deixar esse lugar!

Apartamento 801

MARIDO - Então, que tal você me contar?

ESPOSA - Contar o quê?

MARIDO - O que aconteceu com o cachorro?

ESPOSA - Já te disse, eu acordei e ele estava morto. Você estava dormindo, eu coloquei ele no saco e lacrei. Não podíamos nos arriscar a uma contaminação.

MARIDO - *(Desconfiado)* Foi isso? Por quê não esperou? Não pude ver o corpo.

ESPOSA - Queria fazer um velório? Acabaram com os velórios há muito tempo.

Apartamento 806

A mesma formação da primeira cena. Todos os plásticos viraram coisas e eles estão paramentados com equipamentos para a fuga.

PAI - Quase tudo pronto, roupas, comida e água. Precisamos melhorar a barraca.

MÃE - Coragem! *(Marchando)* Temos que agir feito homens! *(Muda a voz)* Cadê a Regina? Liga a tv. Cadê a Regina? Estou tão só.

FILHO - A Regina morreu!!! Ela se matou na terceira onda. Deu na tv.

MÃE - Se deu na tv. *(Voz de repórter)* Acostumados a nadar no esgoto, moradores de comunidade desenvolvem imunidade ao vírus, mas, se recusam a ser estudados.

PAI - *(Com um plástico grande na mão)* Venham me ajudem a dobrar essa barraca!

Apartamentos 801 / 806

MARIDO - *(Andando de um lado para o outro com a arma na mão)* Esse cheiro não te incomoda? Esse corpo já está aí há dias. Quando você morrer eu vou ficar sozinho, e tudo por sua culpa! *(Aponta a arma para a porta na altura da cabeça dela).*

ESPOSA - *(Encostando a cabeça na porta)* E eu não quero morrer, abre essa porta!

PAI - E esse cheiro? Fecha essa janela, eu não suporto esse cheiro!

MARIDO - Eu não quero ficar sozinho.

ESPOSA - Eu estou aqui!

MARIDO - Eu queria ter o meu cachorro agora.

ESPOSA - Você está muito estranho. Por que falar do cachorro agora? Me tira daqui seu animal! E esse cheiro? Abre essa porta.

Filho - Eu não suporto mais ficar aqui. A gente está igual a esse corpo lá embaixo. Apodrecendo, só que vivos. Vamos agora, por favor!

MARIDO - Faltam quatro dias. Se, eu disse se... Eu deixar você sair. Há quanto tempo a gente não dorme? *(Um pouco confuso)*

ESPOSA - Eu te enganei, já confessei. Abre essa porta. Eu nunca tive os

sintomas! *(Coloca o termômetro)* Eu juro. Eu só queria que você se sentisse culpado como eu. *(Chora, engasga e tosse, o termômetro apita)* Você pôs nossa vida em risco, depois de tudo... *(Passa o termômetro apitando para ele)* Olha, não tenho febre.

MARIDO - Você acha que eu sou responsável pela morte do nosso filho! *(Chutando o termômetro de volta)* Você está aí, tossindo e mentindo, doente, com a respiração ofegante, e diz que eu sou responsável por isso também. Você é o inferno!

PAI - *(Abraçando o filho)* Filho, vamos!

FILHO - *(Colocando sua máscara)* Estou indo! Vamos mãe! *(Saem para o corredor)*

ESPOSA - *(Em desespero implora e bate varias vezes na porta)* Abre essa porta, você não tem o direito de fazer isso comigo.

MÃE - *(Ainda dentro do apartamento ouve batidas)* Vocês ouviram alguma coisa batendo? Tem alguém batendo!

O marido sai da porta do quarto e anda calmamente ate a porta de entrada e, pelo olho mágico vê, em silencio, os vizinhos no corredor.

FILHO - *(Voltando para dentro)* Não tem mais ninguém nesse prédio mãe. Pode não ter mais ninguém vivo na cidade inteira. Vamos!

MÃE - *(Pegando a televisão)* pode ser o casal do apartamento do final do corredor, aquele que tinha um filhinho, eu ouvi alguém bater numa porta.

ESPOSA - Eu não sei onde estava com a cabeça! *(Angustiada)* Eu deixei de ser quem eu era, mas não sei bem em que me transformei. Acho que foi o confinamento. Eu nunca tive a intenção de te magoar.

PAI - *(Voltando também)* Esses já morreram faz tempo, tem mais de dois meses que não ouço aquele bicho latir.

MARIDO - *(Voltando para a porta do quarto)* Você nunca teve a intenção de me magoar? Você me acusa de tudo. Agora diz que fingiu estar doente para

me deixar mal! *(Apontando novamente a arma para a porta do quarto)* Você fez desse lugar uma tumba, uma tumba de concreto! Você diz que matei nosso filho, egoísta! E o pior... *(Num crescente de ódio e loucura)* Você matou o meu cachorro! *(Coloca a arma na própria cabeça)* Você matou a porra do meu cachorro!!!! *(Atira)*

A família ouve o tiro e pai e filho fogem pelo corredor. A esposa ouve o tiro e entra em choque. O filho volta para resgatar a mãe, que coloca o antigo aparelho de tv na cabeça, como um escafandro. Fogem pelo corredor. No outro apartamento fica acesa apenas a luz do quarto. A esposa se recupera do susto do tiro, seu quadrado de luz fica cada vez menor enquanto ela pede inutilmente por socorro. Apenas uma fresta de luz que vaza por debaixo da porta ilumina o corpo do marido.

Tudo se apaga

VAMOS VER COMO VOCÊ VAI ACORDAR AMANHÃ

Pedro Lemos e Vitor Lemos ⁴⁶
(Lisboa – Portugal / Rio de Janeiro – Brasil)

Primeiro dia
Horário: 01h53

⁴⁶ Vitor Lemos é encenador, professor de atuação e investigador do Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa. Pedro Lemos é publicitário.

FILHO - Pai, tá acordado?

PAI - Tô.

FILHO - Como tá a febre?

PAI - 37.2.

FILHO - Ainda?

PAI - Isso é preguiça de vir aqui?

FILHO - Tá difícil sair da coberta.

PAI - A febre tá caindo.

FILHO - Vamos ver como você acorda amanhã.

PAI - Estarei melhor. Dorme bem. Beijo.

Horário: 9h

FILHO - Avisa quando entrar no táxi?

PAI - Já tô nele.

FILHO - Como você tá se sentindo?

PAI - Melhor do que na madrugada.

FILHO - Quando chegar fala. Você pode ter prioridade no atendimento?

Horário: 09h19

Filho - Chegou?

PAI - Acabei de chegar.

FILHO - Tá cheio?

PAI - Não. Vazio.

FILHO - Maravilha. Vai ser atendido logo. Tá de máscara?

PAI - Tô.

FILHO - Vai avisando.

Horário: 09h31

FILHO - Já passou pela triagem?

PAI - Tô sem febre.

FILHO - É importante dizer que você teve febre.

PAI - 35,8.

FILHO - Não é muito baixa?

PAI - Tá muito vazio isso aqui. Acho que vai ser rápido.

FILHO - Essa temperatura é normal?

PAI - Normal não é. Mas também não é perigosa.

FILHO - Manda notícias.

Horário: 10h09

PAI - Acabou a consulta. Pode ser um quadro infeccioso. Vou tirar um raio X abdominal e fazer exame de sangue e de urina. Estou com febre, sim: 37.8. Doeu muito.

FILHO - O que doeu? Os exames ficam prontos na mesma hora? Descartada a apendicite?

PAI - Ela apertou a barriga.

FILHO - Doeu muito?

PAI - Chorei, literalmente.

FILHO - Jura? Alguma coisa tem.

PAI - Acho que sim.

Horário:10h31

FILHO - E aí?

PAI - Fiz o raio X.

FILHO - Mas raio X não é pra ver osso?

PAI - Deve ser para órgão também.

Horário: 11h17

FILHO - E aí?

PAI - Esperando ser chamado.

FILHO - Tá com fome?

PAI - Não. Você tá? Pode comer. Acho que vou demorar por aqui.

FILHO - Não é isso. É que eu salguei um pouco a carne.

PAI - Não tem problema.

Horário: 12h35

PAI - Os exames estão ok! Agora vou ser examinado pelo cirurgião.

FILHO - Como anda a dor? E a febre?

Horário: 12h51

PAI - Droga, o cirurgião pediu uma ressonância. Já não aguento mais. Tô exausto. Quero minha cama.

FILHO - Dorme quando chegar em casa.

PAI - É o que eu vou fazer.

FILHO - Tem certeza que foi descartada a apendicite?

Horário: 14h10

FILHO - Pai? Tem certeza que a apendicite foi descartada?

Horário: 15h15

PAI - Não. Tô sendo internado. Vou operar. Apendicite.

FILHO - Ai, meu Deus, Pai! Que droga!

PAI - Mesmo.

FILHO - O que houve? Tô indo pra aí!

PAI - Não! Tá doido? Fica aí!

FILHO - Claro que não. Você vai ficar aí sozinho? Dormir sozinho? De jeito nenhum!

PAI - Filho, vou ficar numa enfermaria com outras pessoas.

FILHO - Que pessoas?

PAI - Não vão te deixar entrar. Fica em casa, segue com o isolamento. Vou te dando notícias.

FILHO - Pai, você vai ficar sozinho? Eu não posso nem te visitar?

PAI - Não. Isolamento. Eu chego na quarta e a gente acaba de ver aquele filme. Como tá de comida aí?

FILHO - Relaxa, eu me viro! Ao menos não é o corona. A que horas você opera?

PAI - Acho que amanhã.

FILHO - Pode esperar até amanhã? Não é emergência?

PAI - Pelo visto, não. Vou ficar sem telefone. Vai acabar a bateria. Deixei aqui com eles o telefone do seu Tio. Vou te passar o contato da Inês. Ela trabalha aqui no hospital, é cunhada da Patrícia. Lembra dela? Qualquer coisa, pode ligar pra ela. Anota.

Horário: 15h46

FILHO - Quer que eu leve o carregador? Não me lembro da Inês.

PAI - Não precisa.

FILHO - Você vai ficar aí sem fazer nada, Pai? Não quer o celular?

PAI - Não. Vou ficar bem.

FILHO - Quarta-feira vou te buscar aí. Você vai ficar num quarto? Como é?

PAI - Não sei. Agora eu estou numa enfermaria.

Horário: 15h57

FILHO - Pai, eu vou levar o carregador. Tem wifi? Quer que leve o computador? Assim você vê filme.

PAI - Não filho, por favor! Você vai ter que andar de transporte público, entrar no hospital, vai se expor... Pode deixar.

FILHO - Meu Tio vai levar. Deixa pelo menos o carregador. Por favor, você vai ficar sem nada pra fazer.

PAI - Então deixa o seu Tio trazer.

FILHO - Finalmente!

Horário: 17h27

PAI - Vou operar hoje mesmo. Pelo menos 24h de internação. Mas isso depende do que eles vão encontrar. Vamos torcer que eu consiga ir embora amanhã mesmo, se não vai ser na quarta. É isso. Hoje eu fico sem apêndice e você fica bem aí.

Horário: 18h09

FILHO - Tá bem, Pai. Vai dar tudo certo. Nos vemos em breve para terminar o nosso filme.

Segundo dia

Horário: 09h22

PAI - Bom dia! Levaram o meu apêndice!

FILHO - Bom dia!!! Como foi???

PAI - Tudo ótimo!

FILHO - Cosquinha?

PAI - Cosquinha? Pra quem, cara pálida?

FILHO - O pós-operatório tá ruim?

PAI - Não porque eu tô afogado em analgésico e ainda assim dói. E você? Já tá acordado? Caiu da cama?

FILHO - Vou voltar a dormir.

PAI - Vai lá. Depois nos falamos.

FILHO - Recebeu o fone? É pra você ouvir música, ver filme...

PAI - Recebi. Obrigado.

Horário: 14h09

FILHO - Bom dia, Pai! Como está tudo por aí?

PAI - Tudo bem! E você? Se sentindo bem? Não esquece a higienização se sair de casa.

FILHO - Ontem fiquei no meu Tio, jantei lá. Devo fazer o mesmo hoje.

PAI - Pedro, a recomendação é isolamento. O seu Tio trabalha no aeroporto. Sair de casa só quando indispensável. Não esquece que volto amanhã mais vulnerável pra casa!

FILHO - Tá bem... Mas caminhar pode?

PAI - Sim. Caminhar e voltar pra casa. Banho assim que entrar, sapatos do lado de fora, roupas dentro da máquina. Não encosta em nada, nem põe a mão no rosto.

Horário: 14h26

FILHO - Você tem que ficar comendo coisa líquida, Pai?

PAI - Só.

FILHO - É o normal?

PAI - É. Tô com o intestino costurado, né?

FILHO - E se quiser cagar?

PAI - Nem me fala!

FILHO - Alguma hora vai vir a vontade. Você tem que saber o que fazer.

PAI - Sim. Vou perguntar.

Horário: 18h38

FILHO - Pai, você já sabe da sua dieta? Tô indo no mercado e posso comprar o que vc vai precisar.

PAI - Não sei de nada ainda, filho. Compra pra você. Depois a gente vê o que precisa pra mim.

FILHO - Tá bem.

PAI - Deixa o celular em casa, tá? Menos coisa para contaminar.

Horário: 19h42

FILHO - Pai, como você tá? Muito tédio?

PAI - Salvo pelas redes sociais. Tô meio desanimado de conseguir sair amanhã. Sei lá, achei que essa recuperação fosse um pouco mais rápida. Enfim, vamos torcer.

Horário: 21h51

PAI - Vou dormir. Tô apagando. Tudo bem por aí? Me deram qualquer coisa que deu certo. Até amanhã, filho. Beijos

Filho - Tudo bem, Pai. Boa noite e até amanhã!

Terceiro dia

Horário: 03h06

FILHO - Pai, me confirma se você vai sair? Vou te buscar com o meu Tio. Beijinhos.

Horário: 07h16

PAI - Bom dia, filho. Confirmo sim. Beijos.

Horário: 10h43

FILHO - Vai?

Horário: 10h51

PAI - Ainda não disseram nada. Mas já tomei banho sozinho e estou em pé. Melhorei muito de ontem pra hoje. Acho que vou.

Horário: 11h10

PAI - Ai, filho. Má notícia! Fico até sexta! Tenho que tomar antibióticos. Tô muito chateado! Pelo menos, chego pro seu aniversário.

FILHO - Putz!!!! Sexta? Caramba, Pai! Que droga! Por que antibiótico?

PAI - Não sei.

FILHO - Tem infecção? Qual é o período de recuperação?

PAI - Vou me informar disso tudo.

FILHO - Por favor. Toda pergunta que eu te faço você não sabe responder.

Horário: 13h15

FILHO - Pai, ainda não entendi o antibiótico. Tem infecção?

PAI - Talvez.

FILHO - Como você fica em dúvida de um negócio desses?

PAI - O médico disse que não era nada demais, que por precaução eu devo fazer o antibiótico.

Horário: 13h50

FILHO - Pai, tem dinheiro em casa? Amanhã, eu vou no mercado. Comi folheado no meu Tio. O mercado tem massa de folheado. Você sabia disso? É só rechear e botar no forno. Ferrou! Não devia saber disso.

PAI - Tem o meu cartão em cima da mesa. A senha é aquela que eu te passei.

Horário: 15h

PAI - Eu estava vendo *Tom & Jerry*, mas tive que parar. Não posso rir... E você?

FILHO - Tô aqui no tédio.

PAI - Cria coisa pra fazer. Muitas opções. Curso de inglês, cursos na sua área, arruma as suas coisas, limpa a casa, leia seu livro. É fundamental fazer uma rotina. Sexta estaremos juntos para comemorar minha volta e, principalmente, o seu aniversário.

FILHO - Quer comer o que?

PAI - O aniversário é seu, você decide...

FILHO - Folheado!

PAI - Temos que pesquisar os recheios.

FILHO - Já pensei: cogumelo com queijo brie e geleia de damasco. De sobremesa, Nutella com morango.

PAI - Mandou bem demais.

FILHO - Pergunta se você pode comer isso.

PAI - Pergunto.

Horário: 22h41

PAI - Tudo bem por aí?

FILHO - Tudo.

PAI - Tá se sentido bem?

FILHO - Tô. E você?

PAI - Só essa tosse e o pigarro que tão incomodando.

FILHO - Já falou isso pros médicos?

PAI - Já. Acabei de subir de um novo raio X e vieram me auscultar à tarde. Amanhã faço novo exame de sangue. Pelos sintomas acham que não é o corona.

FILHO - Se for corona, já passou pra todo mundo, né? Tá com febre?

PAI - Não.

FILHO - Maravilha.

PAI - Vou dormir, tá? Boa noite e não esquece de apagar o gás.

FILHO - Boa noite, Pai. Dorme bem e continue melhorando!!!

PAI - Boa noite, filho!

Quarto dia
Horário: 11h

PAI - Filho, noticia triste. Não serei liberado na sexta, só segunda. Não vou poder estar com você no seu aniversário e estou muito, muito triste. Que pesadelo, gente! Estão achando que eu posso estar com Covid. Vou fazer o teste agora e o resultado sai em seis horas. Hoje mesmo saberei. E se eu estiver, você estará também.

FILHO - Tá brincando.

PAI - Nem me fala.

FILHO - Calma, Pai!

PAI - Não me conformo de não passar o seu aniversário com você.

FILHO - Imagina.

PAI - Você vai passar sozinho!

FILHO - A gente comemora o meu aniversário na sua volta.

PAI - Combina um encontro online com a família.

FILHO - O chato é você sair só na segunda.

PAI - Sensação estranha. Era uma febre baixa no domingo e agora estou aqui sendo testado para o Covid.

FILHO - Você não tem nada.

PAI - As coisas estão escapando de mim... Não posso fazer nada, nem sei o que está acontecendo comigo.

FILHO - Se testar negativo, você fica mesmo assim?

PAI - Acho que fico por causa da tosse. Sei lá o que é isso...

FILHO - A que horas você vai saber o resultado?

PAI - Depende da hora que for feito o teste.

FILHO - Você tá bem? Se sentindo bem?

PAI - Estou. A questão é a droga da tosse. Embora seja pouca. E a secreção no peito.

FILHO - Já olharam o seu pulmão?

PAI - Fiz raio X ontem à noite.

FILHO - E aí?

PAI - Não sei.

FILHO - Como não? Você não pergunta?

PAI - Não tenho contato com os médicos.

Horário: 14h24

PAI - Filho, posso te pedir um favor? Hoje, na janela, homenageia o pessoal da saúde por mim. Mas não de brincadeira: a sério. Vivem o pesadelo da contaminação, de contaminarem a família. Algumas enfermeiras não vêm os filhos há semanas. Ainda assim, trabalham com bom humor, nos tratam com carinho e não deixam a moral baixar. Sou muito grato a elas.

FILHO - Tá bem. E o exame?

PAI - Acabei de fazer.

FILHO - E aí?

PAI - Sai em seis horas

Horário: 17h54

FILHO - A casa tá abastecida para a sua volta!

PAI - Oba.

FILHO - E o corona? Cadê o teste?

PAI - Nada ainda. Limpa as coisas que você comprou. Tem tido os cuidados de higiene?

FILHO - Sim. Lavando a mão sem parar. E você? Fazendo o quê?

PAI - Fugindo do telejornal. A TV fica ligada o dia todo e só fala das mortes na Itália e na Espanha. A música tá me salvando. Não tiro os fones dos ouvidos. Tô aqui tentando lembrar de quando foi que eu parei de ouvir música nessa vida? Porque eu parei de ouvir música?

Horário: 20h39

FILHO - E o resultado do exame? Não ficava pronto em seis horas?

PAI - Pois é. Nada ainda.

Horário: 22h12

PAI - Amanhã, abre bem a casa para entrar sol, tá? E acho que já tá na hora de uma limpeza, não? Limpeza também é fundamental.

FILHO - Posso limpar amanhã. E a tosse?

PAI - Chão, bancada da pia, mesa da cozinha, privada, pia, bidê.

FILHO - Fala como vc tá se sentido?

PAI - Cochilei há pouco. Tive aquela sensação de que ia acordar de um pesadelo. Sabe aquela sensação? Essa pandemia, o confinamento, o hospital, o telejornal, o teste, o Covid.... Era como se isso tudo fosse um pesadelo e que eu ia acordar dele. Fiquei esperando acordar e sentir aquela sensação gostosa...

FILHO - Ficar isolado, sozinho, é muito chato, né?

PAI - Estou com medo.

FILHO - Vai dar tudo certo.

PAI - Não sei se consigo esperar pela meia noite, mas como você nasceu depois das 22h, não vai ser tão ruim te dar os parabéns amanhã de manhã, né? Vamos tentar fazer algo especial, mesmo separados. Boa noite, dorme bem e se cuida.

FILHO - Tá bem! Boa noite, Pai! Não se preocupe, meu aniversário será ótimo! Dorme bem e continue se recuperando!!

Quinto dia

Horário: 7h30

PAI - PARABÉNS, filhinho amado!! Muita saúde, muita paz, muita serenidade e persistência para atravessar esse momento tão complicado. O meu primeiro presente é o resultado do teste: deu negativo! Segunda estarei aí para uma primeira comemoração. Te amo tanto, filho! Muitos beijos!

Horário: 14h40

PAI - Filho! Cadê você? Tá tudo bem???

FILHO - Bom dia! Que notícia maravilhosa! Esse vírus dos infernos não pegou meu Pai e não vai pegar! Obrigado, Pai!!! Também te amo muito. Segunda-feira vamos comemorar como deve ser e do jeito que a gente mais gosta: comendo.

Horário: 14h47

FILHO - O que fazes?

PAI - Estava cochilando.

FILHO - Isabella fez uma surpresa e organizou uma reunião virtual com os

meus amigos!

PAI - Que maneiro!

FILHO - Foram três horas de conversa madrugada a dentro.

PAI - Muito legal. Sua namorada é mesmo muito fofa.

Horário: 15h25

PAI - Filho, pode fazer o folhado pra mais um e coloca o filme no ponto em que paramos. Eu tô chegando!

FILHO - Como assim?

PAI - EU RECEBI ALTA!

FILHO - Tá brincando? Tá vindo?

PAI - Juro!

FILHO - Não tô acreditando!

PAI - Nem eu. Só não dou um berro por que a barriga pode abrir. Como o teste deu negativo e o meu estado clínico está bom, recebi alta e vou observar a tosse DE CASA!

FILHO - E os antibióticos?

PAI - Tudo oral. Alguém tem que vir me buscar. Não posso sair sozinho.

FILHO - Eu vou!

PAI - Traz a máscara. Pega um taxi.

FILHO - To indo!

PAI - Liga quando chegar. Tem wifi na recepção. Não encosta em nada!!!!

FILHO - Na porta. Saindo.

Horário: 16h58

FILHO - Pai? Tô na área. Se derrubar é pênalti.

PAI - Pode ficar aí que eu tô descendo.

MESMO QUE SEJA VENTO...

Perla Duarte ⁴⁷
(Araruama – Brasil)

⁴⁷ Atriz e produtora do Grupo Teatrama, representante do SATED-RJ na minha região desde 2011, fotógrafa e autora nas horas vagas.

Personagens

Dora - (Menina / Mulher /Senhora) Moradora de uma casa isolada em uma aldeia de pescadores.

Francisco - (Homem /Senhor) Pescador rude, padrasto de Dora.

O palco apresenta o quarto de Dora dividido em três fases distintas: a infância, a idade adulta e a velhice. A cena sugere um ambiente litorâneo numa época não muito distante.

Cena I

Sons de mar e vento. Boneca velha e sem roupas.

MENINA - Priciso fazê u'a coisa portante. Calqué coisa... mermo qui seja vento. Vento num p'rece muito portante pra ninguém, mas pra mim ele é u'a coisa di portança mermo! N'é só porque ele é o ar e nós tudo precisa di respirá... Não! Ele bem vem lá du mar. Nhentra drento di casa, bate as porta, as janela... Sempre qui bagunça o meu cabelo, o danado! Nhenche meus ólho di areia du chão. Aí ness'ora, n'ora qui mi faz chorá e meus ólho arde, acho qui o vento é mau. Quano levô as telha lá di casa e dexô tudo cheio di gotera, achei o vento muito mau mermo! E quano ele dirrubô tod'as flozinha da manguera... aí, fiquei cum'uita raiva dele. Mas quan'ele cumeça uivá ingual qui cachorro magricelo... p'rece té qui canta... p'rece qui canta e qui nesse canto tá pidino discupa pra mim. Aí, passa raiva qui sinti du vento! Antão, abro os braço e dexo o vento intrá nu meu peito e abraço. Dex'ele intrá ni mim... entra pur meu nariz, pur mia boca, pur meus ólho... pur meu imbigo... nu machucado di mia perna... Faz cosca nu meu coração! Mas d'irripente... vai s'imbora... Aí, num posso mais sinti o vento drento di mim... Mas às vez sinto... Acho qu'ele tá brincano cumigo! Ele fala tempo case qui todo cumigo... o vento...

Cena II

Mulher lavando os pés do Senhor.

SENHOR - Tá fria. S'água tá muito fria. Tu tamém é fria. Seus passo... seu chero, s'a respiração... tudo! Tudo seu é frio. Num vejo nada nus seus'ólho. Tu é olho di peixe morto. Olho di gente sem sangue, sem dereção, num sei... Tu num diz nada? É. Acho qui num qué dizê nada. Só fic'ái, parada, ingual qui u'a cadela qui perdeu cria... Num faz baruio. Num tem chero. Num sente nada... num sente nada pur mim... nem pur ninguém. Tu num gostava nem di s'a mãe. Ach'isso mermo! Causo qui gostava dela nunca qu'ia... tu sabe. U'a fia qui rispeita mãe num dexava cuntecê tudo qui cunteceu cum nós. Diz'ái si num tô falano vredade? Hã? Safadeza! Mas Deus ti perdua. Ele perdua tudo quanto qui é pecadô... Só orá. Só orá qui Ele perdua... perdua s'as traição cum s'a mãe... té s'a ingratidão cumigo. *(Tempo)* Pur que tu faz assi? Hã? Risponde s'a doida! *(Atitude ameaçadora)* Tu é muito má, sabe disso? Tu só pode sê o diabo! Ind'assi... *(mansamente)* Merm'assi... Assi, seno tão má. Mermo seno u'a flô sem chero... U'a mulé sem amô... num quero dexá qui nada e ninguém entre drento di mia vida, purque... purque tu já mi ench'intero, mi... Toda parte mia... Às vez, tenho té medo di inxisti um furo ni mim... purque pode vazá um cado di tu... iscapá tu di drento di mim, num sei. Gosto tanto di tu qui... qui... Pur que num gosta di mim? Hã? *(Dá um tapa na Mulher)* Já num ti disse a você c'água tá fria? Hã?

Cena III

Homem com Menina nos braços

MENINA - Nunca qui vi neve. É fria?

HOMEM - É. Dize qui neve é fria, ingual qui sorvete di coco.

MENINA - E as nuve? Já reparô? Elas sempre qui faze u'monte di desenho nu céu. Será qu'é feita di quê?

HOMEM - Gudão-doce. Gudão-doce qui anjo num come, e qui quano faz muito calô, dinrete na nossa cabeça. Purisso qui chove. Sabia dessa?

MENINA - Ô não. Causo qui s'as nuve sesse di gudão-doce, o céu ia s'inchê da mosca. O céu ia sê é cardido di tanta da mosca. Já pensô? Du'a coisa tu num sabe: as istrela?

HOMEM - Istrela?! Ah! Iss'é fácil. É u'muntuado di furinho qui um anjo levado

fez na noite.

MENINA - Caducô, foi? Nisso num credito não. E o qui é o mar?

HOMEM - É ingual qui u'a piscina c'a gente num pode vê o fundo. Quano tu crescê mais, ti levo nu mar pra pescá cumigo. Tu qué?

MENINA - Sei não. Acho qui tenho medo di mar. É muita fundura. Gosto mais di rio.

HOMEM - Rio deve di sê rua qui Deus fez causo qu'é pra água du mar passá. Dize qui tudo quanto é rio corre pru mar.

MENINA - Quiria tendê pur causo di quê qui as água... todas água du mundo num iscua pur terr'abaxo... Pur qui será?

HOMEM - Sei lá.

MENINA - E vento?

HOMEM - Ah, num sei.

MENINA - Sabe sim. Tu sabe tudo. Tu num qué é mi dizê...

HOMEM - Tá bão. Deve di sê quano Deus sopra pra inspantá as mosca du gudão-doce du céu. Deve di sê isso. Gora chega!

MENINA - Antão, o vento é sopro di Deus? Antão pur que qui ele num sopra ni mim? Pur que qui o vento num inspanta todas mosca du mundo? Di todos lugá... di todas pissoa? Pur que qui o vento num lev'imbora di mim, todas mosca qui ten'eu?

Cena IV

Senhora contando histórias para a boneca.

SENHORA - Mãezinha da princesa foi s'imbora. Aí, ela ficô presa nu'a torre pur muitos tempo. O vento... foi o vento qui prendeu princesinha na torre. Ô sei. O vento é mau. Muito mau mermo. Num faz nada pur ninguém. Ele

pensa qui num sei... Num'ingana nem um cado! Num prciso dele pra nada... Nunca qui soprô ni mim. Té bão. (*sons de vento*) Pur que num vai s'imbora di vez? Tá sempre mi rudiano... Mi vigiano... Sei muito é bem qui tá mi olhano... Tá mi olhano cu'monte di olho... pra tudo quant'é lado... Vai s'imbora! Num ti quero mais... tamém num... quero ti vê mais'aqui! Tu num vai mi tirá daqui... Tu num vai mi tirá daqui nunca mais... Pur quê? Pur que tu num'i tira daqui?

Cena V
Mulher costurando.

SENHOR - Tu é muito rúim. Cumo qui dex'isso cuntecê? Cê sempre qui mi ranca di drento di tu...

MULHER - Num dexei cuntecê nada...

SENHOR - Antão cê tá mi dizem c'a cupa é mia? Hã?

MULHER - Falei isso não!

SENHOR - Num falô, mas tá pensano. Num tá? Fal'aí... Hã?

MULHER - Tô pensano é nada!

SENHOR - Si num tá pensano, inda vai pensá... Ti cunheço.

MULHER - Mas foi tu qui mi bateu...

SENHOR - Tu tá quereno dizê pra mim qui matei meu fio, é? É isso qui tá quereno dizê pra mim?

MULHER - Não. Num diss'isso, não!

SENHOR - Disse! E tu num vai dizê mais é nada! Nada! (a ameaça)

MULHER - Ô sei. A cup'é mia... A cupa é mia, ô sei... Num'i bate mais... tá? Tá bão?

SENHOR - (*Acalmando-se*) Cumo cê tá? Hã? Dói? (*Passa a mão na barriga dela*) Num foi pur mal. Ô pensei qui tu tava rino di mim... Num gosto quano

as pissoa ri di mim... Fico pensano qui tô gordo ou antão... inté cherando mal... Pur causo disso qui mi dá raiva! Aí, cumeço a corrê pur drento... Meu coração celera... Sabe cumo? (*espera resposta*) Sabe? Hã? Num sabe, amô?

MULHER - Sei. Sei, sim. Ô sei...

SENHOR - Mi ove. Num quiria fazê isso, não. Nem bati cum tanta força assi... Num foi? Num quiria fazê cê sangrá. (*Pensativo*) Cê ia sê mãezinha... S'alembra cumo cê gostava di fazê s'a buneca di filinha? Hã? Cê ficava muito é bunita c'a buneca nu colo... Sigur'ela! (*Coloca-lhe uma boneca nos braços*) Cê num qué? Sigur'ela. Canta pr'ela. Cê tá tão bunita! (*descobre-lhe o seio*) Dê seu peito a ela... assi... dê di mamá pra nossa filinha, meu amô...

MULHER - Não. Pára! Num quero...

SENHOR - (*Num repente de fúria*) A cup'é tua! Acho té qui tu mi provoca pur gosto, só pr'ô ti machucá. Purque tu sabe qui dói nu meu peito quano ti machuco. É cumo quebrá u'arosera e inchê mias mão d'ispinho... Ingualzinho... Qui nem matá abeia e cabá cuns ferrão ni mia carne...

MULHER - Pára cum isso...

SENHOR - Cortá o pé, sabe?

MULHER - Sei nada...

SENHOR - Dói, dói qui nem olhá pru sol c'os ólho aberto...

MULHER - Tá bão...ô sei.

SENHOR - Não. Tu num sabe...

MULHER - Ô sei...

SENHOR - Discupa...tu num sabe.

MULHER - Ô sei...

SENHOR - Num sabe! Tu num sabe é nada! A cup'é tua. *(Dá-lhe um tapa)*

MULHER - *(Calmamente)* Ô sei. Sei sim.

Cena VI

Menina se aproxima do Senhor.

MENINA - Poss'im casa di Tirizinha?

HOMEM - Qué fazê o quê lá?

MENINA - Nada. Só visitá.

HOMEM - Tu vai visitá essa tal di Tirizinha e mi largá aqui? É isso mermo? Não. Tu num pode.

MENINA - Purque num posso ir? Cum mãe... Nós sempr'ia. Pur quê num posso?

HOMEM - *(Perdendo a paciência)* Purque não. Ela murreu, num murreu? Num tá aqui pra ti levá pra lugá nenhum.

MENINA - Pode pre'untá u'a coisa?

HOMEM - Pre'unte.

MENINA - Pode ou num pode?

HOMEM - Pode. Pre'unte.

MENINA - Pur que num saio mais daqui di casa?

HOMEM - Purque num posso ti levá pra canto nenhum.

MENINA - Pur quê?

HOMEM - Pur quê? Purque num tenho tempo!

MENINA - Tem sim. Cê nunca mais foi pru mar... num trabáia mais, nem nada! *(Casualmente)* Às vez, quano mãe tava cupada, ia té só...

HOMEM - *(Agressivamente)* Tu num sai daqui só! Pr'ece qui num entende...

MENINA - Cê qui num'entende...

HOMEM - Entendo.

MENINA - S'intendia num'i prindia... Sinto u'a gaiola pur volta di mim...

HOMEM - Mas n'é isso qui quero. *(Tenta abraçá-la)*

MENINA - *(Tristemente)* Des qui mãe murreu, nunca mais qui saí daqui... Nunca mermo... Nem tu. Tu tamém num sai... num pesca.... Mãe dizia qui cê era um bão pescadô... qu'era tindido di todo negócio di pesca.... num tinha medo nem di tempestade. Mãe tava bem é enganada!

HOMEM - Medo num tem nada qui vê cum isso.

MENINA - Tu matô mia casa. Janela sempre fechada... Chero di... chero di mofo e... maresia... di gardado, di velho... Cê matô tudo. Toda vida qui inxistia... tá tudo morto. Cê qué mi matá tamém, num qué?

HOMEM - Nunca qui... Ah! Num vô dá ovido pra chororô di criança, não! *(Tenta sair)*

MENINA - Só. Tô suzinha. Sinto falta di mãe.

HOMEM - Foi s'imbora, ué! Foi morá junto di Deus.

MENINA - Num sei onde mora Deus! Se sabia... bem qu'ia atrás di mãe! Ah, s'ia!

HOMEM - Já si acunformei... Tu diviria era cumeçá em pensá nisso tamém... *(Pausa)* Só sobrô nós dois, ué! Já si cunformei... Daqui a uns cado di tempo, manhece e tu s'isquece.

MENINA - S'isqueço nada, não!

HOMEM - S'isquece, sim! Sufrimento mermo é quano nós fica suzinho, assi, na vida... Aí, sim! Aí é sufrimento pur dimais! Inigual qui foi cumigo! Tu pensa? N'era essa moleza qui tu tem, não! Era trabaio pur dimais, isso qui sim! Pai, desde cedo qu'insinô os ofíço da pesca pra nós... Mãe, tamém, trabaiaava dimais da conta, coitada! E pai, às vez, inda batia nela... Acho qu'era revorta, isso sim. Não cum ela, não... Mas c'aquela vida toda. Às vez, de quano em quano, pai té chorava! Morreu nu mar... Dize qui pai si matô. Mas num cridito... Pai num si matav'era nunca! Foi Noninha, irmã mais moça mia, qui viu premero. Veio correno, num choro só... Veio num choro qui num si sabia s'era tresteza... sussego ou's dois junto...

MENINA - Cê sintiu muita sodade du seu pai?

HOMEM - Nós tudo sintiu... Mãe? Nem dela mais sei! Fui o premero a saí di lá... Nunca qui voltei mais! Nem qui quero voltá! Vai durmi, minina! Manhã tu s'isquece.

MENINA - Té pode sê. Noite é feia... Di dia é mais bunito... o sol crareia as coisa qui a lua num quis crareá pra nós.

HOMEM - Aí, quano nasce o sol, nós fica mais cuntente... num s'alembra das tresteza, né?

MENINA - Mas o sol tamém num m'ingana. Sei qui vô tá triste amanhã tamém. E quano tivé case qui s'isquenceno, ele vai s'imbora tra vez!

HOMEM - Causo qui num vai inxisti um "dia" pra toda vida. Mas num fica triste... Num fica triste causo qui sobremo nós dois. Tu num tá suzinha ingual ô qui fiquei nu mundo... Nós dexa o Sol di lado e veve nossa vida cá, n'é? Hã? Tu só pode cunfiá ni mim! Cê vai sê muito é burra si num cunfiá ni mim... Já ti fiz mal? Hã? Já? Diz aí! Diz, minina... diz c'as palavra! Hã?

MENINA - *(Um pouco intimidada)* Não...

HOMEM - Num ovi...!

MENINA - Não.

HOMEM - “Não” o quê? Vai. Cumpreta! Diz: “Num fez mal pra mim...” Hã? Fala, minina!

MENINA - Tu... Tu num fez mal pra mim...

HOMEM - Tá veno? Tu só tem ô... e ô só tenho tu... Té morro pur tu. Cê acha qué mintira? Hã?!... Acha sim. Não. N'é mintira! N'é mintira não sinhora! Acha? A gente somo u'a família...

Cena VII

Senhor morto. Mulher reza com um terço arrebitado entre as mãos.

MULHER - Pai Nosso qui tá nu céu... Sinhô é cunvosco... Vem nós o fruto du nosso ventre. Jisus. Jisus, Pai Nosso santificado. Pão nosso di todo dia... O pão nosso di todo dia é santificado! Assi cumo nós perdua... n'ora di nossa morte... Amém!... Mãe m'insinava as oração. Acho qui s'isquici du'as parte di portança... “Mas qui vale mermo é as intenção!”, mãe dizia. (*Toca-lhe a face*) Tu tá muito frio! Qué si cubri? Não? É'sse vento qui num pára... Mãe dizia tanta coisa di sabedoria... Quan'ela cumeçô sinti aqueles treco... u'as tonteza, uns taus duns imbarço na mente... Aí, mãe ficô preocupada e falô pra mim: “Tu num pode ficá suzinha, fia! T'a mãe num güenta mais muita coisa não.” Quando crescesse, ia bem levá mãe s'imbora daqui... Nós'ia sê ingual um vento qui passô ligero...VUM! Foi... E os curioso ia tudo dizê: “Mas num morava u'a dona c'a fia aqui?” Aí, outro bestado rispundia : “Antão, minino! Dize qu'eram feita tudo di vento e si vaporaro...” Mãe dizia nunca mais tê cunhecimento du meu pai... Acho qui nem é sabedô da inxistênça mia... Acho mermo qui nem inxiste. Vai vê qui foi um vento... Qui foi um vento qui passô pur di volta di mãe e mi dexô lá drento... drento da barriga di mãe. Cumpania... Taí a cumpania qui mãe quiria pra mim... E gora? Diantô foi é nada! (*Observa o Senhor*). Cê num faz mais baruio... (*Ri*) Cê tinha u'mal andá! Sei lá... isquisito... farelava o cimento du chão...“Rrrrrr”... Num tinha reparado ni cumo qui tu tá vélio, hã? Gora vô dizê: Tu sabe qui nunca ovia o qui tu dizia?... Cê dizia mintira... Antão era só vredade qui duía e ô s'isquicia! Às vez, acho qui num tem mais gente no mundo... qui só sobrô ô! Às vez, cumeço a cunfundi... cunfundi as coisa qui sinto. Num sei ixpricá! Tá cum frio, não?... Nessas coisa di sinti... Num ti sinto amô... tamém num ti sinto ódio, assi, “ódio” cum força... Tu é mau! Num'i pre'untô sô quiria sê di tu!... Tu sabe qui... qui aquilo qui tu fazia cumigo era inrado... Sinto bem é inveja

da duença rúim... duença qui ti levô... Quem dera qui fosse ô!... Ela fez o qui num tive curage di fazê cum tu! Vai pra bem longe... Sinto inveja di tu tamém qui vai s'imbora cum vento... avuá mais ele! Tá ventano. Tá ouvino? Tá? Craro qui tá. Ele veio ti levá... Vô fic'aqui. Pr'onde vô tamém? Pr'onde?

Cena VIII
Senhor entra.

SENHOR - Filiz Natal! (*espera resposta*) Cê tá muito bunita! (*tosse*) Abre a janela, minina! Hã? Cê num gosta das coisa alegre? Só veve, gora, aqui, muntuada nesse quarto... Hã? Nunca qui muda nada do lugá... Faz té mal! (*tosse*) Cê num acha, amô?

MULHER - Craridade dimais trapaia...

SENHOR - Intindi. Via o mar todos dia. É bunito qui chega duê...

MULHER - Pur quê num vorta pru mar, antão?

SENHOR - (*Tosse*) Tá quereno mi vê longe, tá? Dispois d'um passá di tempo, cumeça é a injuá... injua as vista da gente di tanto qui si vê... Quano olho pra tu, num injuo... Hã? Gosto di tu. Foi sempre assi... desse mermo jeito... tão bunita, mô Deus! Fica bem di azu... Cadê seu vistido azu?

MULHER - (*Incomodada com a proximidade dele*) Cê rasgô... Num s'alembra qui cê rasgô?

SENHOR - Num fiz pur mal. Nunca qu'ia fazê pur gosto, causo qui tu gostava daquele vistido azu... Cê acha? Faç'isso não! Alembro du'a vez qui truxe uma pregadera di cabelo pra tu... bunitinha... brilhava ingual qui oro... cheinha di pidrinha verde... Tu nunca qui usô. (*tosse*).

MULHER - N'era prciso. Nunca qui carici di muito infeite, n'é agora qui vô prcisá!

SENHOR - Pur que nunca qui olha pra mim?

MULHER - Tô olhano. Num tenho mais medo di tu...

SENHOR - Nunca qui inxigi medo, só rispeito.

MULHER - Num ti tenho mais medo... nem rispeito...

SENHOR - Ti falei qui num ia ti batê mais, num falei? Num falei? Hã? Num disse? Disse... Antão... antão num pricisa tê medo di mim... *(pausa)* Pur quê?

MULHER - O quê?

SENHOR - Pur que tu num qué sê mais mia? Hã? Nhantis... ti batia e cê fazia. Mas num quero ti batê... Ti prumeti. *(tosse)* Num sente vontade? Vontade di... di mi bejá...? *(dá um beijo nela)* Di sê mia? *(Tosse)* Hã? Mô amô... num'i faz sê bruto cuntigo... Hã?... Ô qui ti fiz mulé, mô amô...

Mulher - Não! Num sinto. Si tu quisé mi batê, mi bate... Mas num sinto vontade di nada.

SENHOR - Num vô ti batê. Nunca qui vô ti sustá mais. Num quero qui seja mia pur força.

Mulher - Nunca qui mi sustô... *(Ri)* Nunca qui ô tavo ali... dibaixo de tu... nunca! Sabe pr'ond'eu ia quano tu tava muntado ni mim? Fugia e s'iscundia drento di mim. Cridita? Nunca qui tavo cuntigo... Ele sempre qui mi levava pra drento di mim... O vento sempre m'iscundia...

Senhor - Cê nunca gostô? Nhantis cê gritava... si zangava...té mi batia.... Dispois, cumeçô a ficá tão quetinha, qui cumecei achá qu'era custume... qui tava té gostano um poquin....

MULHER - M'iscundia nu lugá mais quentinho e iscuero di drento di mim,sabe? Bem ficava ali, quetinha, isperano cê ir imbora... Aí, quano sabia qui tu tinha cabo, vortava pra minha concença... Vortava ovi cuns meus ovido... vê cuns meus olho... Às vez, inda sintia o peso seu incima di mim, m'ispiano... suado. Muitas vez ness'ora, cum tu incima di mim, ô ovia... ovia ele batendo cum força na janela... cum raiva... Mas acho qui di tanto ciúme, ele ia s'imbora...

SENHOR - Ti truxe um presente di Natal...

MULHER - Num pricisava...

SENHOR - Craro qui pricisava! Tosse qui nunca qui sara... *(tira uma concha do bolso)* T'aqui ó!

MULHER - Bunita. Bem bunita essa concha...

SENHOR - Achei na birinha di praia...onti ... Dá pr'ovi baruio di vento drento dela... Ove só! Gora tu num pricisa mais chamá o vento pra ti protegê di mim... Ele vai tá o tempo todinho aí...

MULHER - *(Colocando a concha no ouvido)* É... Brigada! *(Levanta na intenção de sair)*

SENHOR - Tod'ano ispero pelo dia di Natal... tod'ano... Purque nasce u'a isperança drento di mim... *(Tosse)*...isperança di nascê Jisus drento di mim.

MULHER - Jisus num nasce drento di ninguém.

SENHOR - Mas ô quiria... Mas Ele nunca nasceu. Gora... acho qui num cridito mais... num ispero mais... Nunca ganhei presente di Natal. Nunca qui tive isso...

MULHER - Nós nunca tem tudo...

SENHOR - Num quiria tudo! Só quiria qui tu gostava di mim...

MULHER - Nós nunca tem tudo... *(Sai)*

Cena IX
Senhora sentada no chão.

SENHORA - O mundo... assi, tudo... Tudo só é bunito pur causo dos mistério... Si nós sabe di tudo... das coisa qui nem Deus cunhece... aí num inxitia mais os mistério. Nem buniteza! Aí num restav'era nada! Deus n'é filiz. N'é não! E vô dizê purque: Deus n'é filiz pur causo qui é muito só... Deus sabe dimais! Filiz... Filiz mermo é só quem sabe as coisa pela metade. Filiz é só quem sabe só um tantinho... Ingual qui o vento... Avua pra tudo quanto é canto... assunta

um tanto cá... outro tanto lá... Sabe sempre um cado di coisa. Mas nunca qué sabê tudo... si não perde a filicidade! (*pausa*) Sempre qui fui loquinha pur liberdade... gora qui sô livre... acho qui té inluqueci! Tô ovino! Tô sim! É vento. É vento. Ele num inxiste. Ô qui fiz o vento... foi sim...

Cena X

Senhor abatido. Mulher ouvindo um pequenino rádio de pilhas

SENHOR - S'ô murrê... Cê num vai nem ligá s'ô murrê...

MULHER - Num sei. Cê inda num murreu pr'ô sabê.

SENHOR - (*Tosse*) Mas... mas vô murrê . Cê sabe bem...

MULHER - Sei não. Só vô sabê si tu murrê.

SENHOR - Fala cumigo! Desliga esse rádio qui num presta mais pra nada e... e fala cumigo...

MULHER - (*Desligando o rádio*) Que qui tu qué qui ô fale?

SENHOR - Num quiria murrê... Num quero murrê! Mas tamém... tamém num quero ficá bão. Num quero sê forte di novo! Quano tava bão, ti machucava... Hã? Tu tem raiva di mim?

MULHER - Num sei dizê...

SENHOR - Diz calqué coisa! Tem ou num tem?

MULHER - N'é raiva...

SENHOR - Antão é o quê? O quê?

MULHER - Acho qui nunca pirdi o medo di tu... mermo agora cum tu duente...

SENHOR - Tu qué qui ô teje mais duente? Hã? É isso? Qué? Si tu qué... Si qué, fico. Si tu dizê pra mim qui vai gostá di mim... Ti juro. Qué?

MULHER - Quero nada.

SENHOR - S'ô murrê...

MULHER - T'iscunjuro!

SENHOR - Dex'ô falá! S'ô murrê, tu vai sê livre. Tu pode ir pr'onde quisé... cunhecê tanta coisa... tantas pissoa, lugá... Tu sabe disso, num sabe? Vai podê... tanta coisa... *(Pausa)* Mas vai ficá só...

MULHER - Milhó tu si deitá gora... Tu pode piorá...

SENHOR - Tu acha qu'ô num tenho concença? Cacei um passarim qui case avuava. Tava suzinho no mundo. Botei água... cumidinha ali pr'ele e... tranquei o bichim na gaiola...*(Tosse)*

MULHER - Vão bora pru quarto si deitá.

SENHOR - Quanto mais jururu... mais bunito ficava! Cridita? Nunca qui tive rependimento nem concença di nada... Ninguém mi disse... nem Deus... nenhuma pissoa! Nem tu... Nem tu mi falô qu'era inrado. Num quero fazê mais mal pr'elizim. Aí, quano nós discobre tudo quanto é mal qui fizemo... muitas vez... gumas vez j'é tarde, né? Antão, nós abre a gaiola... aí o passarim num qué mais saí di lá di drento! Num sabe avuá... antão é custume mermo! E gora?

MULHER - Nós num iscolhe o qui nós vai tê na vida. Num t'isculhi... mas é só tu qu'ô tenho... Sempre quis qui tu morre... Inda quero qui tu morre... N'é desejo qui mando nele, não. É desejo sem querê...

SENHOR - Cumo qui tu vai ficá?

MULHER - Cumo sempre fiquei. Vô fic'aqui... parada... isperano... Sei qui num vô fazê mais nada portante na mia vida mermo! Vô ficá no fundo dessa gaiola... sem curage di ir lá fora... quetinha... só isperano o vento mi buscá e... e mi levá pra bem longe, bem longe daqui...

SENHOR - Casa cumigo? Sem padre... sem tistimunha... Só nós. Casa? Não

porque gosta di mim, mas... mas é só esse feito qui tu pode tê na vida...

MULHER - Casá... Casá é portante, n'ê?

SENHOR - É... Sent'aqui... no meu colo... Quiria cinsertá.

MULHER - Num si cinserta mais...

SENHOR - É... acho qui não.

MULHER - Neve é fria?

SENHOR - É... ingual qui sorvete di coco.

MULHER - E as nuve?

SENHOR - Gudão-doce...

MULHER - O mar?

SENHOR - Piscina... piscina qui num si vê o fundo...

MULHER - Rio?...

SENHOR - É rua... qui Deus fez pra água do mar passá....

MULHER - E vento?...

SAMMER | SAMIR

UMA POSSÍVEL FÁBULA DE IMIGRAÇÃO

Railson Almeida ⁴⁸
(João Pessoa – Brasil)

⁴⁸ Artista paraibano, Professor e Pesquisador das Artes Cênicas. É mestre em Artes Cênicas pela UFRN; Bacharel em Teatro pela UFPB; e licenciando em Teatro pela UFPB.

A história a ser contada é de Samir e de Sammer, ambos cidadãos residentes em terras estrangeiras. O restante é metáfora e enredo.

Samir Araújo de Castro

Pai: Moacir Gomes de Castro

Mãe: Thaise Santos Araújo

Nascimento: 29/01/1994

Passaporte: ra202629

Cidade natal: Londrina – estado do Paraná - Brasil

Nacionalidade: brasileiro

Cor: branco

Profissão: estudante de geografia da Universidade Estadual de Londrina

Time torcedor: Londrina Esporte Clube

Sammer Ahmed Kattan

Pai: Mohamad Ghalyon Kattan

Mãe: Thasmin Salem Ahmed

Nascimento: 08/11/1993

Passaporte: bi221016

Cidade natal: Homs - província de Homs - Síria

Nacionalidade: sírio

Cor: negro

Profissão: estudante de geografia da Universidade Al-Baath

Time torcedor: Al-Wathba Sports Club

O Pré-conceito

Tais falas foram realmente proferidas acessadas em pesquisas online; é possível crescer de outras tantas que ouvimos no cotidiano público ou privado,

*pessoalmente ou em redes sociais.
 A liberdade é amiga do leitor;*

VOZ - Enquanto isso, nossos jovens desistem de estudar nas Universidades por falta de bolsas.

VOZ - E nossos recém doutores emigram por falta de postos de trabalho.

VOZ - E não vão pagar as contas? Nunca vi esse país se mostrar assim tão acolhedor!

Voz - Este país não é para portugueses.

VOZ - E trouxeram essa gente com véu.

VOZ - Mas, e os refugiados cristãos? Que estão a ser maltratados e mortos pelos ditos moderados do islão!

VOZ - A Europa materialista pouco se importa com os cristãos decapitados no Oriente Médio.

VOZ - Refugiados cristãos não são tão “exóticos” como muçulmanos e não chamam tanto o interesse dos meios de comunicação.

VOZ - Hoje em dia, alguns preferem desprezar o que é nosso. Seja de nacionalidade ou religião. Para dar preferência a o que parece politicamente correto.

VOZ - Nosso povo português se define debaixo das pontes e perambulam pelas ruas sem qualquer apoio,

VOZ - Pobre povo que é tão mal amado por quem te governa e te suga!

VOZ - Vão ter tudo grátis, enquanto nós portugueses temos que trabalhar para nos sustentarmos.

VOZ - E se perdemos os empregos, ficamos sem abrigo porque não há filho da puta de nenhum político que nos ajude.

O Conceito

É a mídia, como tal, deve conter alegria, entusiasmo, propaganda, arte, notícias e demais elementos que a tornam mídia. Entretenimento e publicidade são leis sempre que possível; vender é a palavra mestra. Faz-se necessário ter cuidado com os excessos.

Bloco I

APRESENTADOR - Olá, público presente, boa noite. Nós, da Liberdade acompanhamos a história do Samir de Castro, brasileiro, que está em Portugal há cinco anos. Durante algum tempo, trabalhou no Bar do Seu Casaca, situado a quilômetros de Coimbra, Portugal. Ele conheceu o Sammer Kattan, um refugiado sírio, findou perdendo seu contato e não o vê desde o tempo do trabalho. E agora estamos a fazer uma campanha à procura do refugiado sírio Sammer Kattan, quem tiver informações do seu paradeiro, por favor, entrar em contato conosco.

Bloco II

APRESENTADOR - Vamos ouvir agora o depoimento do Samir de Castro.

SAMIR - Trabalhava neste bar há apenas um ano. Ao chegar já havia um funcionário, o Sammer, um homem de poucas palavras, até onde entendi ele era árabe e estava ainda aprendendo sua nova língua, mas era um excelente funcionário. O nosso patrão era Seu Casaca, um português severo, mas que gostava de nosso trabalho. Elogiava-nos. Principalmente ao Sammer, o qual sempre dizia que o tinha como um filho, e era nítida a boa relação que eles mantinham. Sammer chegava pontualmente às dez, todos os dias, vinha de bicicleta, não sei de onde, mas nunca atrasava. Nossas poucas conversas eram sobre futebol, ele adorava falar do Neymar, Ronaldinho e da seleção brasileira. Eu lhe disse que lhe daria de presente uma camisa dez da seleção brasileira. Uma pena não ter conseguido...

APRESENTADOR - Mas por quê? O que se passou com o Sammer?

SAMIR - Era um dia qualquer de trabalho, acho que uma quarta-feira. Estávamos arrumando a bagunça pós-almoço. Era cerca de quatorze horas, quando eles chegaram. Disseram ao Seu Casaca que haviam recebido uma denúncia que ele estaria oferecendo trabalho a um imigrante ilegal. Nessa hora eu gelei. Meu visto havia vencido há seis meses, e era eu o tal imigrante

ilegal. Porém, eu estava na cozinha. E eles perceberam primeiro ao Sammer, que estava fora. Perceberam que era estrangeiro. Depois, falaram algumas coisas que não entendi. Eu estava atento à reação do Seu Casaca. Mas então resolvi sair do bar, pelos fundos... Apenas corri sem direção. Estava em choque ao ver o que Seu Casaca fizera...

APRESENTADOR - O que houve afinal? O que fez o Seu Casaca?

SAMIR - Voltei ao café no dia seguinte. Devia explicações ao Seu Casaca. Ao adentrar no bar. Não vi o Sammer. Mas, sim, outro estrangeiro. Pelo sotaque era do leste, acho que era da Ucrânia. Falei com Seu Casaca, expliquei que eles queriam a mim, pois meu visto venceu há meses. Então ele olha pra mim e fala com uma frieza, coisas que nunca havia ouvido dele. Então eu simplesmente virei e fui saindo perplexo. Ele ainda gritou comigo, mandou ir pra cozinha. Mas eu não conseguia mais olhar para seu rosto. Apenas falei: Não.

A Realidade

Existe muita carga dramática na realidade, muita coisa dita, muita coisa subentendida, muita coisa que nem precisava ser dita; mas não é tragédia. Às vezes pode ser melodramático, satírico ou cômico, para aliviar a tensão.

ELES - O senhor que é o dono desse bar? O seu casaca?

SEU CASACA - Sim, o que desejam?

ELES - Fomos informados que aqui trabalha um imigrante ilegal.

SEU CASACA - Desculpa, creio que exista um engano, aqui não há ninguém ilegal. Aqui só tenho dois funcionários, trabalhadores e honestos: um brasileiro e esse outro estrangeiro.

ELES - Estrangeiro de onde?

SEU CASACA - Não sei dizer-lhe. Sammer, venha cá, fale com estes senhores.

SAMMER - Olá, boa tarde? O que vão pedir? Se quiserem uma recomendação, o bacalhau com azeitonas está uma delícia hoje.

ELES - Sammer seu nome, não é? Você é de que país?

SAMMER - Sou da Síria.

ELES - O que veio fazer na Europa?

SAMMER - Buscar refúgio da guerra está acontecendo em meu país.

ELES - Então veio buscar refúgio da guerra? Pode vir conosco?

SAMMER - Não entendi senhores. Os senhores querem que eu vá com vocês? Aonde?

ELES - Estou pedindo para você vir conosco. Apenas isso.

SAMMER - Eu não posso, estou trabalhando e tenho compromisso depois de sair daqui.

ELES - Acho que você ainda não entendeu. É uma ordem. Venha conosco.

SAMMER - Acho que entendi. Deve está havendo um engano. Seu Casaca, por favor, explique a esses senhores que o senhor me conhece e que sou uma pessoa de bem, e que trabalho aqui há algum tempo. E que não sou o que eles pensam...

ELES - O senhor apoia terroristas em seu bar?

SAMMER - Eu não sou terrorista, sou estudante. Só quero viver em paz.

ELES - Cale-se.

SEU CASACA - ... Eu não sabia que ele era refugiado.

ELES - Não sabia? Como não? Ele está a trabalhar para o senhor e nunca soube que era um refugiado?

SEU CASACA - Não sabia. Mas, agora que sei, já não o quero trabalhando em meu bar.

SAMMER - Mas, Seu Casaca, o senhor mesmo que me chamou para trabalhar aqui. O senhor vive falando que sou como um filho para o senhor. Por quê não fala a verdade?

SEU CASACA - Seu moleque, não diga mentiras. *(Dá-lhe um tapa)* Podem levar, levem ele já daqui. Levem-no agora!

ELES - Eu sei muito bem qual o lugar de um terrorista. Bem vindo à Europa.

SAMMER - Eu confiei no senhor. Seu casaca. Confiei. Tinha o senhor como um pai aqui em Portugal.

SEU CASACA - *(Chorando e falando para si)* Sammer tu eras um filho... Mas, eu não posso arriscar meu negócio...

O Pós-Conceito

O Palco está dividido em dois planos. Ambos diferentes. Imagina-se cores e elementos distintos em cada um dos lados. À direita encontra-se Samir, sentado numa cadeira com a cabeça baixa. A esquerda encontra-se Sammer, sentado numa cadeira, com os pulsos amarrados nos braços da cadeira; O Homem Branco e o Homem Negro ecoam na cena. Numa espécie de interrogatório. Podem existir sons, projeções, imagens, outros textos, referências. A intensidade pode ser nossa aliada ou nossa inimiga.

Identificação

HOMEM BRANCO - Samir Araújo de Castro

HOMEM NEGRO - Sammer Ahmed Kattan

HOMEM BRANCO - Brasileiro

HOMEM NEGRO - Sírio

HOMEM BRANCO - Cor: Branco

HOMEM NEGRO - Cor: Negro

HOMEM BRANCO - Data de nascimento: 29/01/1994. 22 anos.

HOMEM NEGRO - Data de nascimento: 08/11/1993. 22 anos.

HOMEM BRANCO - Filho de Moacir Gomes de Castro e Thaise Santos Araújo

HOMEM NEGRO - Filho de Mohamad Ghalyon Kattan e Thasmin Salem Ahmed

HOMEM BRANCO - Número de passaporte: RA202629 - Brasil

HOMEM NEGRO - Número de passaporte: BI221016 - Síria

HOMEM BRANCO - Cidade natal: Londrina – Estado do Paraná - Brasil

HOMEM NEGRO - Cidade natal: Homs - Província de Homs - Síria

HOMEM BRANCO - Profissão: Estudante de Geografia da Universidade Estadual de Londrina

HOMEM NEGRO - Profissão: Estudante de Geografia da Universidade Al-Baath

Primeiro interrogatório

HOMEM BRANCO - O que veio fazer em Portugal?

SAMIR - Estudar

HOMEM BRANCO - Onde?

SAMIR - Coimbra. Universidade de Coimbra.

HOMEM BRANCO - Estudar o que?

SAMIR - Licenciatura em Geografia.

HOMEM BRANCO - Vai estudar o curso inteiro?

SAMIR - Não. Vim passar um ano.

HOMEM BRANCO - Ganhou alguma bolsa?

SAMIR - Não. Meu pai mandará dinheiro pra mim.

HOMEM BRANCO - Seu pai, "lhe vai mandar dinheiro". Aprenda a falar o português direito.

SAMIR - Não falei errado. No Brasil se fala assim

HOMEM BRANCO - Estás a falar a verdade. És "brasileiro"...

SAMIR - Sim. Brasileiro.

HOMEM BRANCO - E branco... Menos mau.

SAMIR - O que é isso?

HOMEM BRANCO - "O que é isso"? Calas a boca ou levas umas bofetadas.

SAMIR - Perdão.

HOMEM BRANCO - Devia nos agradecer. Se não fosse por nós, vocês ainda estariam pelados e fazendo aquelas danças estúpidas.

SAMIR - Vocês roubaram nosso ouro. Escravizaram nossos índios. Estupraram nossas índias. Dizimaram nossas crenças, nossos costumes. Dizimaram nosso povo.

HOMEM BRANCO - Cale-se. Todos vocês deviam desaparecer. Brasileiros e pretos são a escória do mundo.

SAMIR - Tenho nojo de você.

Samir leva um tapa na cara.

Segundo interrogatório

HOMEM NEGRO - O que veio fazer na Europa?

SAMMER - Morar

HOMEM NEGRO - Onde?

SAMMER - Não sei

HOMEM NEGRO - Mas, por que decidiu morar aqui?

SAMMER - Fugir da guerra.

HOMEM NEGRO - Vai explodir alguma coisa aqui?

SAMMER - Não senhor. Sou estudante.

HOMEM NEGRO - Estudante? De que? Licenciatura em Bombas?

SAMMER - Não. Estudo Geografia na Síria.

HOMEM NEGRO - Não minta. Cadê o seu diploma?

SAMMER - Não conclui o curso ainda. Tive que fugir da guerra.

HOMEM NEGRO - Onde pretende morar?

SAMMER - Não sei. Acho que vou tentar ir pra Évora.

HOMEM NEGRO - Acha mesmo que vai conseguir morar aqui, sem dinheiro.

SAMMER - Vim procurar um emprego. Iria me sustentar.

HOMEM NEGRO - Quem me garante que não irás roubar ou cometer outros crimes. És um terrorista.

SAMMER - Não senhor. Sou um homem de bem. Irei ganhar dinheiro de forma justa

HOMEM NEGRO - Portugal vai sustentar ao Islão.

SAMMER - Não. Eu vou procurar me sustentar. Com meu trabalho.

HOMEM NEGRO - Ainda bem que és homem. Porque não ia querer lhe ver de “cara tapada”

SAMMER - É uma burca o nome daquela roupa. As mulheres islâmicas há usam.

HOMEM NEGRO - Cale-se. Eu sei que vocês são que são estranhos.

SAMMER - São nossas crenças. Costumes.

Homem Negro bate em Sammer. Sammer não reage. Homem Negro bate mais forte em Sammer.

A Verdade

As cadeiras estão juntas, no centro do palco. E nelas estão sentados Samir e Sammer. De localização invertida em relação às primeiras cenas. Sammer do lado direito e Samir no lado esquerdo; Durante as próximas falas, o palco está em constante delírio. Em determinado momento, Sammer levanta-se corre e cai constantemente. Uma espécie de dança que mistura corridas com quedas. Enquanto isso Samir continua sentado por um longo tempo, até que se levanta, vai até a plateia e senta-se junto a ela, assistindo a cena que está acontecendo no palco. Pode existir hipocrisia, cinismo, meias verdades, conceitos mal formulados, ideias enraizadas erroneamente e política sórdida. Certamente existe alegria, por mais indesejado que ela seja.

APRESENTADOR - Uma criança venezuelana de três anos e seus pais ficaram gravemente feridos na quinta-feira em Roraima, após desconhecidos jogarem uma bomba caseira dentro da casa onde estavam abrigados. As vítimas foram levadas para o hospital, e a criança sofreu queimaduras de segundo grau em várias partes do corpo. Na última segunda-feira, um caso parecido havia ocorrido no mesmo bairro. Imagens de câmeras de segurança flagraram um homem jogando gasolina e ateando fogo em direção à varanda de uma casa onde vivem 31 venezuelanos. Uma imigrante que dormia com outra pessoa em uma rede teve queimaduras de segundo grau no rosto, pescoço e costas. No local do ataque de quinta-feira, viviam seis adultos e sete crianças, que estavam dormindo quando foram atacados.

As verdades

Essas falas também foram realmente proferidas, acessadas em pesquisas online; é possível crescer de outras tantas que ouvimos no cotidiano público ou privado, pessoalmente ou em redes sociais. Novamente reitero e enfatizo: A liberdade é amiga do leitor;

VOZ - Meu deus do céu, agora vamos ter de sustentar milhares de venezuelanos miseráveis também?! Com que dinheiro? Como arranjar casa, trabalho e comida pra essa gente?! ISSO É UM ABSURDO!!!

VOZ - Olha o vírus do sarampo - da cepa bolivariana - chegando...

VOZ - O brasileiro não tem direito a nada, mais refugiado recebe até salário sem trabalhar.

VOZ - Porra... o dinheiro tá sobrando? A Venezuela que cuide deles...

VOZ - Não basta a bagaça nativa eles tem que trazer mais dos outros países.

VOZ - Hoje, venezuelanos. Amanhã, sírios e qualquer outro imigrante de qualquer outro país muçulmano ou qualquer outra pocilga do mundo. Não estou querendo pagar essa conta, não. Que cuidem dos seus.

Existem outros tantos ataques de ódio e xenofobia, relatos de preconceito, matérias jornalísticas noticiando crimes e outros absurdos proferidos aos imigrantes. Filtrar materiais é um trabalho dispendioso. Quando possível respire, tome uma bebida quente, escute uma música agradável. Atenção para não introjetar o discurso. Mas, é preciso entendê-lo para não reproduzi-lo.

O Acontecimento

Existem muitas belezas, músicas, imagens, textos, tudo o que for belo pode ser contemplado nesse acontecimento. Os corpos estão livres e a liberdade é umas das grandes belezas da humanidade. Deve haver amor em todo o espaço, amor em seu sentido ontológico, é profundo. Afetos múltiplos podem acontecer envolvendo todos os corpos presentes. O leitor deve produzir em sua imaginação a cena mais bela possível. Até Samir e Sammer vêm de direções opostas do palco, eles estão em estado de produção de Arte, estão delirando de felicidade, é o êxtase da liberdade. Chegam ao centro, abraçam-se bem forte, depois se observam e se beijam.

SAMMER - Samir...

SAMIR - Sammer...

Eles continuam o beijo até que se decida baixar a luz, porém tudo o que for arte deve continuar. Na verdade, esse afeto, essa beleza, nunca acaba. Nunca.

A CASA DE AREIA E PÓ

Ribamar Ribeiro ⁴⁹
(Rio de Janeiro – Brasil)

⁴⁹ Ator, diretor, dramaturgo, professor, sonoplasta e artista visual. Mestrando em Teatro pela UERJ. Diretor de Os Ciclomáticos Cia de Teatro.

Personagens presos em uma casa simples que vaza areia e pó por todos os espaços.

ISADORA - *(Com docilidade)* Mãe. Mãe. Mãe.

NARRADOR - Tudo naquela cidade acontecia assim. Dizem que o tempo era diferente ali. Uma hora durava um mês, um dia, durava um ano. E depois de séculos sempre alguma frase era disputada com o barulho de areia fina e seca que caía do teto.

JUSTINA - *(Ríspida)* Isadora, prepare o café, vai. Esta casa sempre empoeirada.

NARRADOR - Justina sempre reclamava da casa empoeirada. Sempre.

JUSTINA - *(Impaciente)* Uma bagunça, tudo jogado no chão. Você já reparou que tudo aqui tem destino de acabado. *(olha para a janela fechada da casa)* Eu queria que esta areia entrasse logo pelos meus poros e entupisse tudo de uma vez.

ISADORA - Acabado? Acabado o que? Ai, você vem com cada uma de repente, busca um vazio, um sentido oco para as coisas.

NARRADOR - Isadora sempre via o mundo de uma maneira muito bonita.

JUSTINA - Isadora você me cansa sabia!

ISADORA - *(Em direção ao quarto da mãe)* Vou ver a nossa mãe que precisa de mais atenção.

JUSTINA - *(Amargurada)* Acabado sim. Desgastado pelo tempo sabe, desgastado pelo tempo sabe, desgastado pelo tempo sabe...

NARRADOR - Ela sempre repetia isso.

JUSTINA - Aquele cheiro ardido que fica em roupa velha.

NARRADOR - Cheiro de mofo.

JUSTINA - Tudo aqui é assim, velho, quebrado, empoeirado, acabado.

NARRADOR - (*Reforçando*) Ela sempre repetia isso.

ISADORA - (*Em direção à janela aberta*) Acho que vai ventar hoje. Vou fechar as janelas sabe. Quando venta a areia invade a casa sem permissão. Eu nunca vi goteira seca, mas aqui tem.

JUSTINA - Ficar aqui dentro me dá uma angústia. Sempre me sinto sozinha.

NARRADOR - Aquela cidade era assim, vazia. (*Mãe tosse*)

JUSTINA - E onde está Ramiro?

ISADORA - Ramiro saiu faz tempo. Foi buscar água e até agora não voltou.

NARRADOR - Ramiro queria sair daquela casa, mas nunca teve coragem para fazê-lo. Mas um dia ele iria fazer.

ISADORA - (*Mudando de assunto*) Aliás, vamos parar de prosa e conversa fiada que preciso vê-la.

MÃE - (*Irritada*) Me largou aqui Isadora. Cadê o meu chá? Sabe que tenho que tomá-lo todos os dias. E cadê sua irmã? E Ramiro?

NARRADOR - Ramiro chega. O único homem da casa, apesar de jovem já tinha responsabilidades de velho.

RAMIRO - Já cheguei! A velha já está me chamando. Aqui Justina, água para fazer o chá.

NARRADOR - Naquela casa, só quem fazia o chá era Justina.

ISADORA - (*Firme*) Ramiro respeite a nossa mãe!

RAMIRO - (*Debochado*) Por que, Isadora?

NARRADOR - (*Incisivo*) Repete!

RAMIRO - Por que, Isadora?

ISADORA - Ramiro, respeite a nossa mãe!

MÃE - Isadora, minha filha!

ISADORA - Já vou mãe. Justina já te prepara o chá.

RAMIRO - (*Afirmativo*) Vai ver ela matou nosso pai. Vai ver ela matou todos os homens da cidade.

NARRADOR - Todos os homens mortos.

RAMIRO - Essa velha desgraçada! Por isso está acamada! Por isso está definhando.

ISADORA - (*Dá-lhe um tapa*) Ramiro respeite a nossa mãe. Ela pode ser o que for, mas ainda é nossa mãe. Talvez tenha os motivos dela para não falar de nosso pai.

JUSTINA - (*com ódio*) Mas esse silêncio angustiante, Isadora. Ela não fala. Nada. Nem um pingo de ternura sai da sua boca. Só dor e gritos. Só sabe nos maltratar. Só você atura isso.

ISADORA - (*Para Ramiro*) Você sabe que nesta cidade vazia e empoeirada os homens somem e desaparecem, morrem, somem.

ISADORA - Daqui a pouco você é o próximo. Só ficamos nós.

RAMIRO - Eu nunca deixarei vocês.

NARRADOR - Mentira! Um dia ele iria fazer.

RAMIRO - Nem você, nem Justina.

ISADORA - Nem nossa mãe...

NARRADOR - A areia volta a cair.

JUSTINA - Vou preparar o chá.

ISADORA - E nossa mãe?

NARRADOR - Naquele minuto, a única coisa que ressoava era a areia. Justina fez o chá. Isadora pensa no dia em que realmente voltariam a ser uma família. Olha pra areia caindo do teto. E percebe que o tempo passa desenfreadamente sem um relógio.

ISADORA - Ninguém fala dela. Eu cuido assim mesmo.

NARRADOR - Isadora entra no quarto onde a mãe está há um certo tempo debilitada.

ISADORA - Mãe, a senhora está bem?

MÃE - Se você chama isso de estar bem, comparada a uma morta, estou ótima!

ISADORA - Mãe às vezes me cansa esta sua arrogância.

MÃE - Onde está meu chá Isadora? Não fique de papo furado comigo. Preciso dele.

ISADORA - *(Resignada)* Sim mãe. Já vou buscar.

MÃE - Vai, menina. Sai daqui logo, garota. Não tá vendo que isso aqui não tem jeito não.

NARRADOR - A mãe era insuportável, não se sabe ao certo porque ficou tão amarga.

ISADORA - Desculpe-me mãe, mas sempre espero que Justina faça o seu chá para trazê-lo e demorou, pois Ramiro ainda teve que pegar água.

NARRADOR - A vida prega surpresa. O amor incondicional de uma filha, o desapego dos outros. Tinham a mãe, mas nunca souberam do pai. Tinha um vazio que era preenchido com a areia que sempre entrava na casa. Sem parar.

ISADORA - Já preparou o chá, Justina?

JUSTINA - Está aqui. Do jeito que ela gosta. Com muito açúcar.

RAMIRO - Daqui a pouco ela começa a berrar como uma vaca parideira!

JUSTINA - Ramiro, deixe de conversa barata.

RAMIRO - Agora até você, Justina!

JUSTINA - Ao menos um pouco de dignidade é o que nos resta.

RAMIRO - Por que ela não fala nada?

ISADORA - É o jeito dela.

JUSTINA - Nem sempre ela foi assim. (cena retorna ao passado)

NARRADOR - Nem sempre ela foi assim. Um dia naquela casa tudo foi diferente. Tinha vez que ela penteava o cabelo dos filhos. Ela brincava com eles.

JUSTINA - Nem sempre ela foi assim. Eu lembro o dia em que chamei ela de mãe pela última vez. Daí tudo mudou.

NARRADOR - Fazia tempo isso.

MÃE - Minha filha está ficando bonita. Tão bonita. Quando eu era jovem como você eu era assim. Bonita.

JUSTINA - Mãe, posso te perguntar uma coisa?

MÃE - Pode, filha.

JUSTINA - Mãe, cadê nosso pai?

NARRADOR - Ela não devia ter perguntado isso.

JUSTINA - Eu sei que você não fala nele. Mas sinto um vazio...

NARRADOR - Realmente, ela nunca falava dele.

MÃE - Garota, deixa quieto... Vamos falar de outras coisas.

JUSTINA - Mas mãe, só queria saber...

MÃE - Garota deixa quieto. Sai logo daqui. Você não merece o meu amor.

JUSTINA - Mas, mãe. *(tapa em Justina)*

MÃE - Nunca mais me chame de mãe. Só quer saber de seu pai. Nunca mais toque neste assunto. *(volta à cena retornando ao presente)*

JUSTINA - Foi a última vez que a chamei de mãe!

ISADORA - Vocês guardam as coisas e parecem um depósito de coisa podre.

NARRADOR - Fica com cheiro de mofo.

ISADORA - Para quê? Para nada! Ai, meu Deus!

MÃE - Isadora, meu chá.

JUSTINA - Fala com ela que já vai.

RAMIRO - Deixa que eu leve e ainda falo umas verdades para ela.

JUSTINA - Deixa que eu vá. Sou a mais velha e ela tem que nos contar tudo.

ISADORA - Não façam isso!

JUSTINA - Por quê, Isadora? Por que a protege tanto? Quer ser a boa filha. A santa da casa. Santa Isadora.

ISADORA - Não é nada disso!

JUSTINA - Por quê, Isadora?

RAMIRO - Por quê, Isadora?

JUSTINA - Por que a protege tanto?

RAMIRO - Quer ser a boa filha?

JUSTINA - A santa da Casa?

RAMIRO - Santa Isadora!

OS DOIS - Por quê, Isadora? Por quê? Fala!

ISADORA - Não é nada disso! Mãe, por favor, fala.

MÃE - Falar o quê, criaturas?

RAMIRO - Sobre o nosso pai. Diga algo. Qualquer coisa.

JUSTINA - Que está vivo! Morto! Que você o matou!

NARRADOR - O barulho de areia voltou a reinar na casa, a mãe riu, os filhos perplexos não falaram nada, foram saindo lentamente, Ramiro, Justina, só ficou Isadora. Sempre! Mas quando ela estava segura de ir para sala, a mãe, não se conteve e em lágrimas disse:

MÃE - Seu pai. Desde que eu o vi pela primeira vez. Quando vi seu pai, foi como se tivesse aberto no céu uma fenda, e os meus olhos encontravam os dele. Naqueles feixes de nuvens brancas e arredondadas, eu o amei. Naquele dia eu o amei, amei seu pai! Naquele dia, eu amei seu pai. Esta é a história. Me deixe só agora...

ISADORA - Sim, mãe.

JUSTINA - Ela falou alguma coisa?

ISADORA - Sim. Deixem-na em paz!

RAMIRO - Você não vai nos contar?

ISADORA - Não! Vocês não merecem.

JUSTINA - O que você disse?

ISADORA - Vocês não merecem. Nenhum dos dois.

JUSTINA - Sua ingrata!

ISADORA - A carne é o pecado. A falta dela é a salvação. Não importa o que aconteceu. Vocês a odeiam.

MÃE - Minha filha, minha filha, minha filha!

ISADORA - O que houve mãe?

MAE - Chegou a hora minha filha! Chegou!

RAMIRO - É agora, Justina!

ISADORA - Agora o quê, Ramiro? Agora o quê? Agora o quê?

JUSTINA - Fique quieto, Ramiro. Não diga nada! (mãe tosse)

ISADORA - O que houve, Ramiro? Nossa mãe está morrendo! Não estão vendo?

MÃE - Fique calma minha filha, fique calma. Eles sabem.

ISADORA - Sabem o quê?

NARRADOR - Isadora percebeu que naquele instante havia sido enganada

por Ramiro e Justina. Mas não sabia o motivo e o que acontecia. Só sabia que a mãe morria.

MÃE - Minha filha, eu pedi aos dois que todos os dias pegassem água e fizessem o chá com veneno para me matar aos poucos. (cenas retornam como pequenas lembranças)

JUSTINA - Com muito açúcar. Mãe, cadê o nosso pai?

NARRADOR - Não devia ter perguntado isso.

JUSTINA - Eu sei que você não fala nele. Mas sinto um vazio...

RAMIRO - Aqui Justina, água para fazer o chá!

RAMIRO - Aqui Justina, água para fazer o chá! E vê se para de berrar, sua vaca parideira!

MÃE - Cala a boca. Sai logo daqui. Você não merece o meu amor! (*Tapa em Ramiro*).

JUSTINA - Por quê, Isadora? Por que a protege tanto? Quer ser a boa filha, a santa da casa. Santa Isadora!

RAMIRO - Esta velha desgraçada. Por isso está acamada. Por isso está definhando!

MÃE - Nenhum dos dois teve coragem de me entregar, como você não sabia de nada e jamais faria isso, pedi que só você me trouxesse. E está fazendo efeito minha filha. Você vai ficar livre! Sem dor e areia. Te amo!

NARRADOR - A mãe morre.

ISADORA - Por favor, vão embora, me deixem aqui sozinha por um tempo.

JUSTINA/RAMIRO - Adeus, Isadora.

ISADORA - Traidores. Preciso definir aqui e eles precisam saber que

mataram um pouco de vida que havia em mim. Sabe, vou fazer um chá. O que me consolava era ela. Com muito açúcar. Mãe, cadê você? Mãe? Nem tudo o que parece realmente é!

TODOS - Às vezes é necessário se cegar para poder enxergar!

Fim

O BURACO

Sidnei Cruz ⁵⁰
(Rio de Janeiro – Brasil)

⁵⁰ Poeta,
dramaturgo,
encenador,
curador, gestor.
Bacharel em
Teatro (UNIRIO),
MBA em Gestão
Cultural (UCAM),
Mestre em
Bens Culturais
e Projetos
Sociais (FGV-RJ),
Doutorando em
Artes da Cena
(Eco/UFRJ).

Personagens:
Homem, 51 anos
Jovem, 16 anos
Mulher, 50 anos
Voz do Lanterninha

Uma mulher, um homem e um jovem estão confinados num espaço exíguo, transitório, um misto de depósito abandonado e de laboratório desativado. O ambiente é cinza. Mas, a não uniformização na indumentária cria um contraste de cores e materiais. Estão vestidos com capas, luvas, toucas e botas. Os três usam máscaras de oxigênio. O homem e a mulher estão bastante debilitados.

JOVEM - *(Fora de cena)* Tá uma movimentação de guerra. A fome se propaga.

HOMEM - *(Tosse)* Já é o nosso quinto abrigo desde o início da pandemia e ele sempre cava um buraco.

Mulher - Não implica. *(Pausa)* É assim que estamos conseguindo comer!

JOVEM - *(Fora de cena)* A paisagem é macabra, mãe: Câmaras frigoríficas. Crematórios. Cemitérios.

HOMEM - Ele embruteceu muito rápido. *(Tosse)* Age como um soldado.

MULHER - Se adaptou ao mundo *(Pausa)*. Se adaptou ao modo virótico de viver. *(Pausa)*. As coisas mudam exponencialmente na medida em que elas ocorrem.

JOVEM - *(Fora de cena)*. Invadiram o supermercado da esquina. O povo acordou!

HOMEM - Desconfio que esse moleque está metido com as turmas de ruas.

MULHER - Não é moleque. *(Pausa)* Já fez dezesseis!

JOVEM - *(Fora de cena)* Os convidados do verme estão chegando.

MULHER - Filho, você foi espiar esse insano de novo? *(Pausa)* Não chega perto dessa peste, filho! Já te falei!

HOMEM - Cada vez que ele volta desse buraco traz mais vírus para dentro.

MULHER - Ué? Está se importando? Não disse que já estamos mortos? *(Pausa)*. Ele tem anticorpos! *(Pausa longa)* Estamos nessa agonia faz mais de dois anos. De três em três meses temos que mudar de lugar. *(Pausa)*. Se não fosse por ele nós estaríamos mortos de fome e sede. *(Pausa)*. E você? O que tem feito em segredo? *(Pausa longa)*. Filho, sai desse buraco! Para de coletar dados e guarda esse telescópio!

JOVEM - *(Saindo do buraco, todo sujo de terra)*. Mãe, as ruas estão cheias de sacos empilhados de cadáveres. *(Joga as mochilas no chão)*.

HOMEM - O vírus tem fome indiscriminada! O Estado indica as carnes velhas ou doentes como prato principal. *(Murmurando para si)* Segredo? Será que o tempo todo... ela sabia?

JOVEM - *(Esvazia as mochilas num cesto. São latas, sacos, caixas e garrafas com alimentos, bebidas e remédios)* Os caminhões do exército recolhem os corpos em decomposição e desovam nos crematórios de campanha.

HOMEM - *(Pegando uma garrafa)* Cerveja e progresso! *(Bebe sofregamente)*.

JOVEM - Foi o que consegui. O pau tá quebrando nas ruas.

MULHER - *(Pegando um saco de biscoito)*. Você está proibido de vigiar os movimentos deles. *(Come com prazer)*.

JOVEM - *(Respira fundo)*. Mãe, o cachorro lambe a bunda dele!

HOMEM - Pensei que esse fosse o trabalho do Ministro da Educação. *(Bebe)*. Ou do cara das relações exteriores.

MULHER - Filho! Você sozinho não consegue nada!

JOVEM - Eu não estou só. Em outros lugares a resistência prossegue. Cada um faz o que pode, a ação é individual, mas é volumosa. Elemento surpresa! Eu tenho um plano! Mamãe! *(Respira)*. Temos que aproveitar o momento em que eles estão se sentindo seguros e não esperam nenhuma reação. Ontem eles até fizeram um concurso de beleza...

MULHER - Concurso de beleza? *(Pausa)*. Bizarro. *(Pausa)*. Tem certeza, filho?

JOVEM - É, mãe, concurso de beleza... de armas! Estão armados até os dentes. Mas, tô pagando pra ver. Eles desfilam, fazem poses, tiram selfies, simulam atirar. *(Respira)*.

HOMEM - Só falta ter concurso de tiro!

JOVEM - E tem, cabeça! É a segunda parte do concurso. Um show! Eles traçam uma linha no chão, mandam os empregados ficarem atrás da linha com as garrafas equilibradas na cabeça, contam dez passos e atiram. Acertam nas garrafas que estão cheias de sangue misturado com banha que escorre pelo rosto da pessoa.

MULHER - Porra! Quem fazia isso não era o tal de Guilherme Tell?

JOVEM - *(Excitado)*. Mãe... a confusão já chegou.

HOMEM - Era, sim, o Guilherme Tell, no século XIV... uma lenda...

JOVEM - Eu tenho um plano, mãe!

MULHER - Lenda ou não... é crime. *(Pausa)*. Nada será como antes, filho.

HOMEM - *(Ironizando)* O William Burroughs, quando ficava doidão, fazia isso de brincadeira, até que um dia acertou a testa da esposa.

MULHER - Escroto. *(Pausa)* Sei bem o que é ser acertada na testa.

HOMEM - Outro contexto...sem comparação...

JOVEM - Parem com essa briga inútil! Preciso da energia e concentração de vocês. Eu tenho um plano...

MULHER - Sossega, filho. Não tenho mais forças. Esse vírus me corroeu as entranhas, os músculos, as juntas, as articulações.

HOMEM - O pior é a politização. Envelhecemos vinte em dois anos! *(Tosse)*. Que porra de plano é esse? Vai querer dar uma de Quixote, é? Não existe povo, meu garoto! Salva a tua pele, caia fora!

JOVEM - *(Entregando rolos de fios para eles)*. Preciso que vocês juntem essas pontas de fios umas nas outras. Usem os alicates *(Entrega)*. Depois cubram as partes unidas com bastante fita isolante *(Entrega)*.

MULHER - Para que isso, filho?

JOVEM - Vai ter um apagão. Vou puxar luz do poste da prefeitura. Vai ser uma festa!

HOMEM - Isso é perigoso. Eles descobrem tudo. Soltam os drones em cima da gente. Para que luz? Basta uma vela na latrina para iluminar a merda! *(Falta de ar)*.

MULHER - Por mim, a merda pode ficar no escuro. *(Pausa)*. A merda só é sublime para as classes privilegiadas. No teatro grego havia um buraco no meio do assento de pedra e assim eles podiam ter uma dupla catarse: a purificação espiritual e a purificação corporal. *(Pausa)*. Filho, eles vão cair com tudo em cima dos rebeldes. Eles te vigiam.

JOVEM - Não. Nem sonham. Não deixo rastros. Eles estão muito confortáveis em suas impenetráveis mansões. *(Abrindo um mapa e marcando ponto nele)*. Mas, eu já mapeei os pontos principais.

HOMEM - Já o quê? Não tem mais o que fazer? *(O pai espirra e sente falta de ar)*. Cuidado, garoto, o bicho é perigoso! *(Pausa)*. Ela sabe, sabe de tudo! Porra!

A atmosfera está mais densa, cinza. Focos de fumaça aparecem em vários pontos

do palco e, também, da plateia.

JOVEM - Mamãe, vocês estão me ouvindo. *(Respira)*. Não vejo vocês. *(Tempo)*.

MULHER - *(Murmurando)*. Eles disseram: só os mais fortes sobreviverão!

HOMEM - *(Murmurando para si)*. Eu sou um cara desprezível. Traio, minto... culpa cristã babaca! *(Dificuldade de falar)*. O vírus está na natureza. Eles politizaram a doença. Condenaram a população que estava acima de uma certa idade.

MULHER - Política de morte. *(Tosse)*. Alegoria do mal.

JOVEM - Sim. Você precisava ver, mãe. No carnaval eles realizaram um concurso de fantasia. O líder se vestiu de Ku Klux Klan. O filho mais velho, o zero um, rei da lavagem de dinheiro, se vestiu de Hitler. Mas, desta vez quem venceu foi a primeira dama que se fantasiou de Mussolini...

HOMEM - *(Tosse)* As fantasias deles são idênticas à realidade. *(Respira)*. Não há inversão de papéis. *(Tosse)*.

JOVEM - Quadro de alucinação paranoica. O filho mais novo, o zero-três, ficou com o segundo lugar, com o consolo do prêmio de originalidade dado pela comissão julgadora, pela vestimenta: "Plínio, o integralista".

Um breve apagão deixa o teatro às escuras. A voz do Lanterninha pede calma. A luz volta lentamente. O jovem enquanto fala vai montando um painel para comando de atmosfera explosiva.

MULHER - Filho, você está se expondo.

JOVEM - Estou ligado, mãe. Nem cheguei perto daquele animal!

HOMEM - Animal fanático. Vê inimigos por toda parte. Aposto na divisão.

Breve apagão. Lanterninha pede calma. Escuro.

HOMEM - O fanatismo se alimenta de paixões sanguinárias. *(Crise de tosse)*.

MULHER - O fanático é um líder em potencial de uma gangue de assassinos. Luz volta lentamente.

HOMEM - Carrega uma bandeira abençoada e invoca o senhor quando sai para matar seus vizinhos ou seus inimigos que a todo instante ele cria. *(Tosse)*. A nova cruzada!

Um breve apagão. Luz volta instantaneamente.

MULHER - Os animais não têm problema de culpa quando matam. *(Pausa)*. Eles não têm um íntimo. *(Pausa)*. Eles não têm um interior como nós.

Tempo. Ouve-se apenas a respiração asfixiante dos três.

JOVEM - Continua, mãe. Estou interessado. Vamos! Animem-se. Há uma saída. Continua, mãe. Continua.

MULHER - *(Respirando fundo, buscando forças)*. Se um homem desprovido de sentimento de culpa resolve que a vida dos outros não vale nada...

HOMEM - *(Murmurando)* O inferno são os outros...

MULHER - Baixou o Sartre foi? *(Pausa)*. Então, essa pessoa está muito distante daquilo que define um homem. Do que define, enfim, a humanidade.

HOMEM - Isso se ele for um humano, né? Nada garante que todo homem é um humano.

Tempo. O homem e a mulher sentem falta de ar. Crise de tosse. Um balé tétrico e mecânico. O jovem aplica injeções neles. Eles se acalmam. O jovem toma uns comprimidos. Faz anotações no seu bloquinho. Tempo.

HOMEM - *(Murmurando)*. Estamos condenados a viver uns com os outros.

JOVEM - *(Fazendo anotações no seu bloquinho)* O quê? Alguém disse alguma coisa?

HOMEM - Virou espião ou escritor?

MULHER - Desde que aprendeu a escrever ele faz isso, anota tudo.

JOVEM - Continua, mãe, tô ligado.

MULHER - Ah, tô cansada! *(Respira)* Tá bom ... *(Pausa)*. Se ele fosse um porco poderíamos passar a faca nele para fazer uma feijoada, mas nem para isso ele serve!

HOMEM - *(Murmurando)* Se não serve para nada, então vamos ao sacrifício...

MULHER - Não enche! *(Baixo)*. Isso também é sobre você. *(Pausa)*. Machos!

JOVEM - Estamos falando de quê? Estamos falando de sacrificar? Como assim, matar? *(Interessado. Guardando o bloco de anotações)*. De que maneira?

MULHER - Sei lá! *(Pausa)* Fazer um buraco milimétrico no coração e deixar sangrar até morrer. *(Pausa)* Espancar com panelaços ou meter sem vaselina um impeachment.

JOVEM - Mãe! Que foda essa ideia!

HOMEM - O termômetro do presidente é a sua própria estupidez.

JOVEM - *(Abrindo um mapa e marcando pontos)*. Como assim?

HOMEM - Bem... se ele fosse um burro e estivesse entre os soldados que estão sitiando uma cidade ou um país, ou seja estão avançando sobre um campo minado...

JOVEM - É história de guerra, cabeçudo?

HOMEM - Também.

MULHER - Pandemia. Números viraram nomes.

HOMEM - Também.

MULHER - O vírus não escolhe a quem pegar. *(Pausa)*. O fascismo escolhe.

HOMEM - Também. Mas, o vírus encontrou uma situação favorável. Um sistema de saúde pública sucateado... criminosamente destruído... corrupção...

JOVEM - Continua a história, cabeçudo! Vamos! Estou interessado. (*Guarda o mapa no bolso*). Continua!

Homem - (*Respirando fundo*). Lembra que os soldados estão sitiando um país? Então, é um campo minado. Aí, um soldado resolve colocar o burro nas costas e carrega-lo. Qual é o significado desse gesto? (*Respira*). O que é isso, um burro fazendo o outro de burro de carga? O soldado foi obrigado a carregar o burro nas costas? (*Respira. Falta ar*). É instinto de sobrevivência. Se o burro perambular indiscriminadamente pelo campo minado... bum! Todos morrem!

JOVEM - (*Bate palmas*). Boa, velho. O vírus foi nocauteado. A terceira dose da vacina ainda está rendendo uma sobrevida mental.

HOMEM - Eu te agradeço, meu filho. Foi um roubo em boa causa. (*Tosse*). Mas, é por pouco tempo. Já estamos mortos.

MULHER - Já estamos fedendo. Os pulmões estão podres...

JOVEM - Deixem disso! Vou tirar vocês daqui! Vamos achar um hospital clandestino que nos atendam. (*Sacudindo os dois que estão adormecidos*). Acordem! Abram os olhos! (*Tira uma garrafa do bolso do casaco e dá de beber na boca deles*). Bebam, bebam.

HOMEM - O que é isso? Experimento novo?

MULHER - Queima tudo por dentro.

Mais fumaça no espaço. O jovem ajeita os dois nas cadeiras.

JOVEM - Teve um ministro que disse que deveriam pegar todos os contaminados e jogar num campo de concentração. Principalmente os velhos. Tem que eliminar o rombo da previdência.

MULHER - Para eles todos somos judeus e devemos ser cremados vivos!

HOMEM - O governo se dedica a manter o país dividido. São eles contra nós.

MULHER - Tenho dúvida se somos um país! (*Cuspindo*). Será que botaram alguma droga nessa água? (*Cospe*). Filho, se prepara para o pior.

JOVEM - Mãe, nunca voltaremos ao mundo antigo normal.

HOMEM - O mundo virou um pesadelo.

Grande pausa. Olham fixamente para um ponto de fumaça que lentamente invade o espaço. Parece uma miragem, um delírio.

MULHER - Os cavalos loucos estão galopando no céu... irei com eles!

HOMEM - Me perdoa, meu amor... não poderei te acompanhar... minhas pernas pesam...

Jovem - Lutem! Não desistam! Escutem: Eu estou inventando algo para conter essa contaminação.

MULHER - Invenções não surgem do nada...

HOMEM - Antes é preciso ter uma ideia...

JOVEM - Eu tenho um plano.

As máscaras da mulher e do homem vão ficando manchadas de sangue. Pânico. Falta de ar. Tempo.

JOVEM - Ontem mesmo um deles, parece que é ministro de alguma coisa, disse na TV que a terra é plana.

HOMEM - O planalto preferiu investir na pandemia como forma de extermínio. Criaram o novo holocausto-21.

HOMEM - É a crença deles: dinheiro e empresas são mais importantes que

peessoas.

JOVEM - Pessoas são descartáveis.

MULHER - *(Imitando um imbecil)*. Qualquer gripezinha derruba elas, isso aí veio em boa hora, porque essas pessoas com mais de sessenta, sessenta e tal, já deram o que tinha que dar, ok? Eu enfrento isso como homem, pô! Está entendendo? Vocês distorcem tudo! Seus comunistas! Adoradores de... vasos chineses, pô!

HOMEM - Péssima imitação. Dublagem nacional é o ó!

MULHER - Foda-se! Pior é você que não consegue emplacar nada que escreve.

JOVEM - Gente! Até para morrer precisamos estar de acordo!

MULHER - Não conseguimos respirar. *(Pausa)* Não respiramos juntos porque nos roubaram o ritmo. *(Pausa)* Nossos pulmões foram extirpados pelo mercado.

JOVEM - Mãe, ele disse que o esgoto fortalece o sistema imunológico do pobre...

MULHER - Filho, há sempre dois movimentos, o movimento da ciência e o movimento da ignorância.

HOMEM - Eles fingem que estão mortos dão um golpe e, de repente, organizam uma marcha da família, com Deus, pelo fim da ciência.

JOVEM - Mãe! Precisamos sair daqui. Já estamos na quinta onda de liberação do isolamento social.

MULHER - Genocídio! *(Pausa)* Adoradores da economia de extermínio em massa!

JOVEM - Vamos vazar, mãe. Na zona de resistência estão fabricando uma nova vacina. Mãe... vazar já!

O Jovem recolhe os fios e enfia numa mochila.

HOMEM - (*Murmurando*) Não vai acontecer nada. Isso vai passar, tudo voltará ao normal, isso é um pesadelo, só isso...

MULHER - Filho, foge agora! Se manda daqui! Vá para a zona de resistência. Aqui só ficarão os zumbis.

JOVEM - Não vou desistir de vocês. Vou completar a missão e volto para buscar vocês...

MULHER - Não volta. Não perca tempo. Vaza logo para a zona de resistência.

HOMEM - Eles são inatingíveis, garoto! Não se arrisca atacando esses caras. Você precisa ir direto para a zona de resistência.

JOVEM - (*Enfiando o painel e outros periféricos numa segunda mochila*) A zona é aqui e agora! Tenho que primeiro executar o plano para conseguir o passaporte para a zona. Eu tenho um plano. Eu vejo a oportunidade inchando nos meus olhos. (*Pausa*). Eu sinto gosto de sangue.

HOMEM - Estamos mortos, pentelho! Se manda dessa porra agora! Acabou!

MULHER - Filho. Fuja! (*Pausa*). Todos vão morrer. Eles também serão contaminados.

JOVEM - Eu tenho um plano. Eu vejo um rastro de fios radiantes cantando um hino devastador.

HOMEM - É o colapso!

MULHER - Não há saída!

HOMEM - Sozinho não dá!

MULHER - Não existe esperança!

JOVEM - Existe, mãe.

MULHER - Esqueça que existimos, será melhor...

JOVEM - Volto para levar vocês! Eu amo vocês! Parem de brigar por besteiras!

HOMEM - Faça o que tem que ser feito, mas não volte!

Ouve-se a batida de uma bateria de música punk. O jovem entrega uma arma para cada um.

JOVEM - Defendam-se! *(Beija cada um nas faces)*. Vírus nunca mais!

O jovem desce velozmente pelo buraco. Entra o baixo. A música cresce um pouco mais.

JOVEM - *(Fora de cena)*. Eu vi os expoentes de minha geração destruídos pela loucura, morrendo de fome, histéricos, nus..." *(Soltando um uivo)*.

Entra a guitarra. O volume do som aumenta.

Mulher - Te amo, moleque! *(Pausa)*. A explosão será comovente, filho.

HOMEM - Seja marginal, seja herói.

MULHER - O mundo é do vírus!

HOMEM - O mundo é dos vivos!

Música torna-se ensurdecadora. Ouve-se uma sequência crescente de explosões. Luzes piscam. Palco e plateia são cobertos por terra. Homem e mulher apontam as armas para o público. Fumaça densa. Apagão. Voz do Lanterninha pedindo calma. Silêncio.

PEQUENA COLEÇÃO DE FRASES EM TEMPOS DE FUNDOS PENSAMENTOS

⁵¹ Dramaturgia,
jornalista
e roteirista
brasileira.
Autora de peças
premiadas como
"Mantenha fora
do alcance do
bebê".

Silvia Gomez ⁵¹
(São Paulo - Brasil)

Uma peça para vozes agonizantes.

Sinopse

Quatro pessoas, um encontro online para abrandar o isolamento. Vemos apenas seus rostos e ouvimos suas falas em frenesi, composição em caos que espelha este tempo de incertezas e ansiedade. Em um momento de crise extrema, as relações ganham subitamente uma verdade inadiável, essência buscada nesta peça para vozes em estado de urgência.

1. Está me ouvindo?

2. Oi?

1. Está melhor assim?

3. Queria te dizer isso agora porque, se há um momento para dizer, talvez seja agora.

Pausa. Música.

2. O que você falou? A conexão caiu.

3. É...

1. Falei que tenho saudades de tudo agora.

2. Você viu a foto dos cisnes em Veneza? E os peixes.

4. A vida era boa.

1. Saudade até mesmo de uma reunião enfadonha dessas para as quais fazíamos memes e camisetas com a frase “sobrevivi a mais uma reunião que poderia ter sido um e-mail”.

4. Sua imagem está sem foco.

1. Não poderia ter sido um e-mail.

3. Hoje, eu me esqueci de tomar banho. Acabei de me dar conta.

1. Que bom que não foi um e-mail, mas agora é.

4. Estou vendo apenas sua boca.

3. Dá para perceber que não tomei banho?

1. Queria te dizer isso agora porque, se há um momento para dizer, talvez seja agora.

Pausa. Música.

2. O que você disse? Falhou.

1. Talvez eu tenha ficado cafona porque também sentimental, porque também saudosista, porque também agora tenho saudade de tudo, e lembrar mesmo das coisas mais simples me faz chorar.

4. É um vício da profissão de fotógrafo, mas não gosto de ver apenas sua boca, seus dentes abrindo e fechando, você é ligeiramente prognata, como aqueles cãesinhos de madame, desculpe, não queria ter dito isso, não é verdade, estou sendo moralista.

2. Éramos felizes e saíamos às ruas e andávamos em parques públicos cheios de gente e, aos domingos de sol, era quase impossível andar em meio às alamedas dos parques cheios de gente e cãesinhos prognatas acomodados em cestinhas de bicicletas alugadas, o vento balançando o pelo dos cãesinhos prognatas.

3. Agora já ficou tarde para tomar banho, você não acha? É. Melhor deixar para lá, quem sabe amanhã, quer dizer, sim, amanhã. Amanhã será a primeira coisa que eu farei.

2. Estou pensando no show lotado de gente – muita gente mesmo – daquela cantora famosa que coloca um ventilador à frente do microfone para parecer que está sempre em um carro conversível em movimento, não sei, qual o sentido disso, todas elas fazem isso, não é? Nos cliques também, as americanas principalmente porque talvez seja considerado sexy, deve ser – o cabelo tipo ao vento, no entanto, o vento é um ventilador à frente do microfone. Isso é sexy? Por favor, me explique por que isso seria sexy.

1. Eu não sei.

Pausa.

2. Devo simular alguma coisa assim? Minha vida sexual afundou, mas não tenho ventilador em casa nem posso sair para comprar.

4. Minha vida sexual afundou.

3. Minha vida sexual afundou.

1. Minha vida sexual afundou.

4. Quem é que tem cabeça para isso, não é? As pessoas estão morrendo, passando fome, quebrando, se fodendo. Eu perdi o emprego. Não sei se eu queria te contar, mas contei.

Pausa.

1. Tenho feito muito sexo.

2. Tenho feito muito sexo.

3. Tenho feito muito sexo.

4. Sexo tem me ajudado, quer dizer, pensar em posições novas e coisas que

eu nunca tive coragem de fazer, novas posições em cômodos improváveis da casa, sexo na varanda para o vizinho observar, sexo no hall de entrada. Podemos sair no hall de entrada, não podemos?

1. Que bom ter alguém com você para fazer sexo neste momento.

4. Estão fechando as fronteiras.

2. O que você disse? Falhou.

3. Estão fechando as fronteiras.

1. Pode repetir?

2. Estão fechando as fronteiras.

4. A conexão caiu. Pode repetir?

Pausa.

1. Às vezes, eu tenho a impressão de que nós estamos vivendo uma memória e nós somos velhinhos lembrando disto que estamos vivendo agora.

2. Nós éramos felizes pra caralho em dias de sol.

3. Rever tudo, tentar sair disso de uma forma realmente reconstruída.

4. Estava tudo errado?

1. Estava tudo errado.

2. O que estava errado?

3. Onde nós erramos?

4. A verdade é que ninguém está disposto a mudar nada, não tenha essa ingenuidade.

2. Nós éramos felizes almoçando com nossos pais, esperando na fila do banco, andando em ônibus cheios de gente, fazendo exames com espera por senha. Tenho saudade de tudo, meu deus, comida de self-service, meu deus, minha contadora postou uma foto fazendo pão e depois outra foto do pão assado e não pareceu que ficou bom, entende? Mas ela tentou, não é? Ela está tentando. Todos nós estamos. Está me ouvindo?

1. Eu queria ser outra pessoa, inteiramente nova, tudo completamente diferente.

3. O que você teria feito se soubesse o que estava por vir?

2. Queria te dizer isso agora porque, se há um momento para dizer, talvez seja agora.

Pausa. Música.

1. O que você disse?

2. O que você mais deseja fazer quando tudo isso acabar?

3. E se eu não sobreviver?

4. Tenho medo de ser cremado.

3. Acho que não vou conseguir tomar banho hoje não.

2. A vida humana é um milagre extraordinário, não é? É o maior clichê, mas agora acho que estamos liberados para falar clichês em voz alta, quer dizer, não é por acaso que um clichê se torna um clichê, tem uma razão de ser.

4. Eu queria ser outra pessoa, inteiramente nova, tudo completamente diferente.

1. É tão desumano. Enquanto eles armam esse circo, a população se distrai e vagas agora já são abertas diretamente nos cemitérios porque as UTIs não comportam. Acho que prefiro ser enterrada na cidade onde nasci.

Pausa.

3. Ano passado, antes disso tudo, eu vi uma camiseta da Nasa e fiquei horas olhando para ela. Tive vontade de comprar, mas não comprei a camiseta da Nasa com a Via Láctea brilhante sobre fundo preto e, de algum ponto minúsculo, uma setinha apontando *you are here*, quer dizer, somos minúsculos na imensidão escura do vácuo. “O silêncio eterno dos espaços infinitos me apavora”, disse Pascal. Ah, cara, como ele tinha razão e eu fiquei horas olhando para aquela setinha e pensando ‘que milagre extraordinário é a vida humana’, na verdade, que acaso a vida, não é? E quando a OMS advertiu sobre “uma pandemia de proporções apocalípticas”, quer dizer, nem quero falar sobre como isso me apavorou porque se a OMS chegou a usar essa palavra, ou melhor, não vamos falar sobre isso, eu não consigo falar sobre isso porque falar é de alguma forma materializar a coisa e eu entendo agora o valor da hipocrisia, quantas vezes eu acusei os outros, mas, neste instante, simplesmente prefiro não falar sobre isso, ok?

1. Minha avó ainda está viva. Ela me ensinou a ler, a rezar e a dormir sem medo de ficar só desde que com travesseiros muito altos, mas isso me trouxe problemas de coluna.

2. A minha avó também.

3. A minha avó também.

4. A minha avó também.

Risos.

1. A coluna dela era muito fodida.

2. A minha também.

3. A minha também.

4. A minha também.

Risos. Pausa.

2. Rever tudo, tentar sair disso de uma forma realmente reconstruída.

1. Você acha que esses filhos da puta vão mudar algum centímetro de seu conforto filho da puta construído sobre a nossa vida filha da puta?

2. Putz. Esqueci o negócio no forno.

2 *sai*.

3. Filhos da puta.

2. Pegou fogo.

1. “Não se esqueça de que vivemos uma época de assassinos bem vestidos e perfumados sentados em bancos de couro”. Quem disse isso mesmo?

2 *volta*.

2. Eu acho que vou precisar desligar.

3. Como é que aquilo pode ser presidente?

2. Andávamos de bicicleta no parque e tenho uma pasta de fotos no celular de cãezinhos prognatas com o pelo ao vento parecendo o cabelo daquela cantora americana famosa num show ao vivo. Às vezes, acho que sou *stalker* de cãezinhos prognatas do tipo lhasa apso.

3. Amoooo!

2. Tipo Shih Tzu.

1. Lucros absurdos e a população aí.

2. É superdifícil escrever Shih Tzu.

4. Acho que estou enlouquecendo.

2. Você viu a foto dos cisnes em Veneza? E os peixes.

4. Queria te dizer isso agora porque, se há um momento para dizer, talvez seja agora.

Pausa. Música.

1. Que bom que consegui viajar para os Andes, que bom que um dia conheci aquelas montanhas, não sei. Quando voltei, eu escrevi em um papelzinho e coleí na parede, posso ler para você? "Aqueles montanhas guardam segredos que você conhece e dos quais se lembra quando está diante delas".

2. Posso ler também uma frase para você?

3. Seu rosto ficou fora de foco de novo.

2. "Transformar a dor em força e poesia para criar a paz". Carlos Satizabal.

4. Posso ler uma frase para você?

1. O mundo e o esquema e o sistema fazem de tudo para te afastar de sentir. Sentir de verdade, quer dizer, sentir. Acho que estou ficando mais cafona, me perdoe, mas tudo agora sente, tudo sente demais, não é assim para você também?

2. Sim.

4. "Em 31 de dezembro de 2019, a China alertou a OMS sobre 27 casos de pneumonia de origem desconhecida."

2. Nossa, eu também li isso hoje na internet e me desesperei, achei que se tratava de uma coisa nova e tive taquicardia, mas aí li de novo e vi que era uma retrospectiva. Mesmo assim, estou com taquicardia.

4. Acho que estou enlouquecendo. Tenho ouvido coisas, quer dizer.

1. Quem bom que você tem companhia neste momento.

3. Eu gosto de ficar sozinha.

2. Eu adoro ficar só.

4. Minha família está me enlouquecendo.

2. Se não damos nome nem lembramos os nossos mortos, quem o fará?

4. "As casas guardam as vozes de sua história e, à noite, podem conversar com você". Quem disse isso mesmo?

1. A tirania é insidiosa. Às vezes, sinto que ela dorme sob meu próprio travesseiro.

2. Acho que estou enlouquecendo.

1. Eu estou bem. Eu não gosto da vida como era antes. Evidentemente, não gosto da vida como está agora. Mas sinto um tipo de alívio com essa pausa, quer dizer, uma vida com menos exigências e compromissos que não passam de terapia ocupacional para todos nós, mas que tomamos com uma overdose de sentido que apenas nos massacra.

3. Meu deus, as desigualdades ficaram claras como a luz do dia, meu deus, eu vou ter de voltar ao trabalho, meu deus, o meu trabalho perdeu todo o sentido, meu deus, meu trabalho é um dos problemas nisso tudo, meu deus, agora eu posso ver.

4. Eu perdi o emprego. Eu gostava do meu trabalho. Era como uma fronteira segura.

1. Está me ouvindo? A rainha da Inglaterra fez um pronunciamento. Posso ler para você?

4. Mas agora estou pensando: de que valem as fronteiras, não é? Estou vendo apenas sua boca e seus dentes.

1. Melhorou? A rainha disse: "espero que nos próximos anos todos se orgulhem de como responderam a esse desafio. E aqueles que vierem depois de nós dirão que..."

4. De que valem as fronteiras se estamos absolutamente interligados? Aqui só aparece a sua boca abrindo e fechando. A natureza sou eu, não é? Eu e você, quer dizer, nós. Você está precisando refazer essa obturação. Eu gostava bastante do meu trabalho, mas agora não sei como vai ser sem trabalho. Como vai ser?

Pausa. Música.

2. Você viu a foto dos cisnes em Veneza? E os peixes...? Os peixes nos canais agora livres de turistas e barcos me trouxeram muitos pensamentos noturnos como se a Terra dissesse que não precisa de nós, pelo contrário. Na verdade, acordei às 3h45 e escrevi mentalmente a fala da grande natureza para a nossa civilização e o diálogo misturava inglês e português, não me pergunte o porquê, coisas como “*I don´t fucking need you, vocês é que precisam de mim, vejam como no dia seguinte estarei plena-exuberante-recomposta-descansada*”, mas logo as frases soaram inadequadas para ela, quer dizer, de madrugada me pareceu algo muito agressivo e até mesmo imaturo para alguém como ela dizer e tudo só terminou hoje, quando procurei a notícia sobre os cisnes e peixes nas águas de Veneza e – avançando para além do título – li que a prefeitura afirmou que a poluição não cessou, apenas sedimentou no fundo em virtude da diminuição do tráfego, o que foi de grande frustração por causa de todo um diálogo imaginário insone entre mim e a Terra, entre mim e a Grande Mãe, entre mim e a Magnífica e isso suscitou a ideia de que a imaturidade e a agressividade eram na verdade minhas e da civilização da qual faço parte.

1. A vida humana é um milagre mesmo. Sempre achei essa frase o maior clichê, mas é isso, um acaso, um milagre do acaso.

2. A OMS escreveu “pandemia sem precedentes de proporções apocalípticas”.

3. Posso ler uma coisa para você?

2. Foi isso mesmo que eu li?

1. Vamos fingir que a gente não leu isso?

4. Acho que estou enlouquecendo, não sei, pensamentos inconvenientes

em desordem.

3. Como assim?

4. Pensamentos em desordem absoluta.

3. Pode falar comigo.

4. Coisas como uma súbita curiosidade sobre o processo de fabricação dos lenços umedecidos ou sobre o autor da letra da música “segura o tchan, amarra o tchan” e escrevo aos amigos “como vai, como está segurando o tchan?”. Porque o que estamos vivendo é um gigantesco tchan e, meu deus, como vamos segurá-lo com estes governantes insanos perversos e, por causa deles, digitei no google “os governantes mais loucos da história” e li que outros já sofreram nas mãos de nomes como Carlos VI e Ivan, O Terrível e então lembrei de um documentário sobre ondas gigantes e surfistas rebocados por jet skis loucos insanos tentando domar aqueles monstros de água e a palavra monstros evocou o nome Godzilla, mas também a imagem do escalador Alex Honnold subindo sem equipamento o impossível El Capitán, sei lá, novecentos e setenta e cinco metros de um paredão vertiginoso, a pedra lisa e escorregadia e a queda certa, mas ele conseguiu, meu deus, esse cara conseguiu e também os loucos talvez heróis das ondas monstruosas conseguiram, muitos deles, quer dizer, assim espero porque o verbo con-se-guir brevemente me acalma. Fale. Por favor. Fale con-se-guir.

3. Con-se-guir.

1. Con-se-guir.

2. Con-se-guir.

4. Viu?

3. Sim.

4. Te acalma também?

1. Sim.

2. Sim.

1. Os nossos problemas ficam pequenos e ao mesmo tempo as coisas pequenas ganham inestimável importância. Assim como as pessoas.

Pausa. Música.

1, 2, 3 e 4 (*juntos, num impulso após o silêncio*). Queria te dizer isso agora porque, se há um momento para dizer, talvez seja agora.

Pausa. Música.

1. Fala.

2. Não, fala primeiro.

3. Fala você.

4. Fala.

Eles ficam se olhando, esperando quem vai falar. A conexão cai.

Fim

A VERDADE IMPROVÁVEL

Thiago Silva ⁵²
(Sapiranga – Brasil)

Personagens:

Téo

Ana

Invente uma sinopse.

Quadros. Planos. Enquadramentos cênicos que se modificam a cada corte. A cada impotência ou incerteza. Insira um sentido de acordo com sua leitura das partes ou do todo.

Isole o receio. Invente sua própria verdade sobre os fatos.

TÉO - Você...

ANA - Você...

TÉO - Pode falar.

ANA - Não, tudo bem, fala você primeiro. Eu já tenho pensado demais.

TÉO - É que...

ANA - Sim...

TÉO - Eu estive pensando...

ANA - Ótimo.

TÉO - Eu realmente pensei em algo dessa vez.

ANA - Isso é bom.

TÉO - Em algo que, talvez, pudesse ajudar um pouco, amenizar isso de alguma forma.

⁵² Diretor, dramaturgo, ator e historiador. Fundador e membro do Coletivo Nômade de Teatro e Pesquisa Cênica de Porto Alegre (RS).

ANA - Isso é realmente bom.

TÉO - É. Eu pensei que seria.

ANA - Você pensou?

TÉO - Pensei.

ANA - Pensou que seria bom ou pensou que amenizaria o fardo de alguma forma?

TÉO - Não poderiam ser as duas coisas?

ANA - É só uma pergunta.

TÉO - Isso tem importância?

ANA - Eu acho que tem muita importância se a gente pensar em toda essa imobilidade.

TÉO - Você acha ou tem certeza?

ANA - Eu acho que tenho certeza.

TÉO - Achar alguma coisa sobre uma ideia já é um bom início.

ANA - Eu acho que seria um bom início se estivéssemos dentro de algum, o que não é o caso.

TÉO - Eu acho que é exatamente o caso por aqui, já que nunca saímos de onde chegamos.

ANA - Isso não quer dizer que não avançamos.

TÉO - Pois eu continuo achando, sinceramente, que o máximo que temos são suposições e indícios. Não há como provar tudo o que sentimos ou achamos.

ANA - E qual seria a sua sugestão pra sair desse impasse?

Silêncio

TÉO - Você ouviu esse barulho?

ANA - Não. Eu não ouço mais nada.

TÉO - Eu acho que ouvi e acho que ele veio da rua.

ANA - Eu não escutei absolutamente nada.

TÉO - Você acha que não escutou ou...

ANA - *(Grita)* Eu já disse que não escutei nada!

Silêncio

ANA - Ei...

Silêncio

ANA - Ei!

TÉO - Que foi?

ANA - Desculpa.

TÉO - Tudo bem.

ANA - Você acha mesmo que ouviu alguma coisa lá fora?

TÉO - Eu acho que ouço vozes vindas da rua o tempo inteiro. Dia e noite. Mas eu também acho que não importa mais o que eu acho ou deixo de achar.

ANA - Claro que importa.

TÉO - Não, não importa.

ANA - As ruas estão vazias há dias. Como você poderia achar que ouviu

alguma coisa?

TÉO - Se elas estivessem vazias, ninguém acharia ter ouvido qualquer tipo de barulho.

ANA - Eu acho que você acha demais.

TÉO - Mesmo?

ANA - E não acho que você tenha ouvido alguma coisa lá fora.

TÉO - Você acha ou tem certeza?

ANA - Eu acho que tenho certeza.

TÉO - Pois eu acho que tenho certeza que ouvi... Então como ficamos?

ANA - Do mesmo jeito que sempre estivemos: achando muito e sabendo pouco.

Corte

ANA - Tem dias em que a poesia é acrílica e a inspiração é suspensa. O mais não vem, o dedo dói e a fé satura. Hoje, por exemplo, convidei dezenove pessoas para jantar e nenhuma veio. Fiquei sozinha com Johnny Cash mais uma vez. Johnny não tem culpa, mas não aguento mais a sua presença me sufocando vinte e cinco horas por dia. Ele não é bom exemplo cuspiendo versículos bíblicos manchados de cafeína e gergelim na minha cara. Não aguento mais essa repetição, esse martírio, esse conforto alucinógeno. Tenho bebido vinho demais e assistido filmes demais e escrito peças demais e comido demais e chorado demais e falado bobagens demais e te amado demais e tudo parece pouco e cego e raso e frágil e frágil e frágil e frágil e frágil e frágil. Repete o que eu disse em voz alta e vê como soa? Repete de novo. De novo. E de novo. Faça isso várias vezes pra espantar o tédio do décimo terceiro dia. Faz de novo. Mais uma vez. Isso aumenta a imunidade embora aumente a ansiedade embora aumente a ansiedade embora aumente a ansiedade embora aumente a ansiedade hoje eu olhei pela janela e já não tem mais ninguém na periferia da cidade. Caminhei devagar nos pesadelos

que tenho acordado e vi que as ruas estão completamente vazias de pessoas naufragadas em abraços e saliva e sorrisos e fluidos e libido e música ruim e aleatória explodindo nos fones de ouvido. Hoje tem álcool gel na geladeira, sabão no micro-ondas e gelo na prateleira. Mas as pessoas não vieram pra jantar. Então fico aqui com Johnny, esperando alguém chegar.

Corte

TÉO - Você ainda escuta os discos que eu te dei de presente?

ANA - Tenho ouvido todos os dias.

TÉO - Mesmo?

ANA - Juro.

TÉO - Qual você gosta mais?

ANA - Aquele da capa azul.

TÉO - É meu favorito.

ANA - Mesmo?

TÉO - Juro.

ANA - Pena que não existe um modo de provar nossos juramentos.

TÉO - Isso não é verdade.

ANA - E como poderia ser, se você não consegue olhar nos meus olhos?

TÉO - Eu estou bem aqui.

ANA - Não, não está.

TÉO - E essa música tocando?

ANA - A música não é você.

TÉO - Mas é uma parte de nós dois.

ANA - Não é a mesma coisa.

TÉO - Você gostaria que eu estivesse aí agora?

ANA - Não. Seria muito pior se você estivesse.

TÉO - Seria mais fácil passar por isso juntos.

ANA - É o que todos dizem.

TÉO - Se todos dizem talvez tenha algum sentido.

ANA - Um sentido duvidoso.

TÉO - O que te faria feliz agora?

ANA - Um abraço.

TÉO - Por que responder isso se é o que não podemos ter?

ANA - Porque é uma resposta hipotética.

TÉO - Você acabou de dizer que seria mais fácil se...

ANA - Escuta... O que acabei de dizer já não vale mais nada.

Corte

TÉO - Hoje eu esqueci de respirar por quarenta e três minutos. Por quarenta e três minutos eu sufoquei involuntariamente o meu coração. É divertido brincar quando ninguém está olhando, mas, às vezes, eu simplesmente perco o controle do tempo estabelecido. Já experimentaram alguma coisa parecida nesses últimos dias? Não? Ontem eu convidei dezenove pessoas para jogar cartas, rasgar versículos e beber leite vencido, mas ninguém

apareceu. Ninguém sequer ligou para avisar. Ficamos eu e Janis Joplin deitados na cama, sozinhos e nus, comendo carne crua mais uma vez. É só o que temos feito ultimamente. Só. Eu aprecio muito a companhia de Janis, mas nem sempre nos damos bem devido ao meu comportamento farsesco e temperamental. Ela não gosta de muitas coisas em mim, mas desaprova, especialmente, a minha propensão para invenções. Ela diz que são mentiras baratas. Eu digo que são ficções. Ela diz que as histórias são inverossímeis. Eu digo que são apenas frustrações. Ela diz que tudo é raso e medíocre. Eu digo que cada um inventa sua própria vida como pode e por onde dá. E assim seguimos. Diária e sucessivamente. Nunca chegamos a um consenso e por isso temos nos ferido mutuamente. Tenho marcas de mordida nas costas, nas coxas e nos ombros. Já pedi pra ela me morder em outros lugares, mas não consigo desviar o foco de seus pedaços favoritos. Sua fome é tão devastadora quanto uma religião. Não tem espaço para territórios mais radicais, apenas a vontade de seguir fazendo tudo do mesmo jeito, sempre. Não somos parecidos. Eu jantaria fora se pudesse, por exemplo. Mas, tirando as mordidas, convivemos bem enquanto o fim do mundo não passa e as palavras não compensam a falta. Enquanto os leitões são insuficientes e as covas continuam sendo abertas. Enquanto ninguém mais bate na porta. Enquanto a noite cresce e a luz do sol não chega.

Corte

ANA - Eu disse pra você que não era uma boa ideia acender a luz.

TÉO - E você queria que eu enxergasse como?

ANA - Eu não sei, só não queria que você tivesse acendido a maldita luz!

TÉO - Eu acho que você não entendeu que eu não...

ANA - Que você não enxergaria com a luz apagada, você já disse isso. Mas agora têm estranhos dentro da nossa casa!

TÉO - Quem garante que são estranhos?

ANA - Tá de brincadeira?

TÉO - Não, eu tô falando muito sério. A luz ficou acesa só por alguns minutos, quem entrou aqui não pode ter vindo de muito longe. Não daria tempo. Mesmo assim, no pior dos casos, devem ter entrado, pegado alguma coisa e ido embora.

ANA - Como se você soubesse o que está acontecendo lá fora nas últimas semanas!

TÉO - Não sei muita coisa, mas sei o suficiente pra entender que eu fiz a coisa certa.

ANA - Deixando pessoas estranhas entrarem na sua casa?

TÉO - Nós ainda não vimos o rosto de ninguém, como você pode afirmar isso?

ANA - Não é preciso ver rosto nenhum, só de ouvir os passos a gente já deduz.

TÉO - Você não conhece nem os passos dos seus vizinhos direito.

ANA - São pessoas de bem que caminham do mesmo jeito e não tem esses passos pesados, estridentes e insuportáveis que eu tenho ouvido todas as noites.

TÉO - Você ouvia os mesmos passos antes disso tudo começar?

ANA - O quê?

TÉO - Você ouvia os passos deles? Dos vizinhos?

ANA - Essa não é a questão.

TÉO - Essa é exatamente a questão. Nós não conhecemos os nossos vizinhos de verdade. Podem ser eles tentando nos assustar.

ANA - E por que eles fariam isso?

TÉO - Comida? Bebida? Um pouco de diversão?

ANA - Oh Deus! Por favor!

TÉO - Um estranho é alguém que não conhecemos quando as luzes estão apagadas. Não importa de onde ele vem.

ANA - Você só diz isso pra amenizar a sua culpa por ter acendido essa porcaria de luz!

TÉO - Se eu não tivesse acendido a luz, agora nós estaríamos sem nada!

ANA - O que você está dizendo? Nós temos tudo perto da cama... Você é um grande covarde, isso sim!

TÉO - O quê?

ANA - Isso mesmo que você ouviu... Um covarde! Acendeu a luz pra espantar aqueles homens, não pra procurar comida ou sei lá qual seja a sua desculpa.

TÉO - E se for isso?

ANA - Como assim "e se for isso"?

TÉO - Você conseguiria dormir com os gritos daquela mulher?

ANA - Você não pode estar falando sério... Isso é uma confissão?

TÉO - Conseguiria?

ANA - Eu não acredito no que estou ouvindo!

TÉO - Pois eu te respondo: eu não conseguiria! Assim que acendi a luz, os estranhos foram embora e os gritos cessaram, o que quer dizer que eles deixaram a pobre coitada em paz! Finalmente deixaram ela em paz!

ANA - Então é isso: você prefere salvar a vida de uma estranha do que a vida da sua família?

TÉO - Eu nunca disse isso! Eu não preciso escolher!

ANA - Claro que não precisa. A sua atitude fala por si mesma.

TÉO - Você não consegue entender que era o melhor a se fazer?

ANA - E você não consegue entender que agora, por causa da sua irresponsabilidade, a sua família vai morrer?

Silêncio

ANA - Você ouviu isso?

TÉO - Ouvi.

ANA - Eu estou com medo.

TÉO - Calma, nós não vimos nada ainda.

ANA - Eu estou morrendo de medo.

TÉO - Pode ser qualquer coisa.

ANA - São os estranhos!

TÉO - Não são estranhos.

ANA - O que eles são, então?

TÉO - Eu não sei.

ANA - Se não são estranhos, o que são?

TÉO - Já disse que não sei!

ANA - Você não devia ter acendido a luz.

TÉO - Você já disse isso.

ANA - Agora está cheio de estranhos na nossa casa.

TÉO - Eles não são estranhos, por favor!

ANA - Então me diz o que eles são! Por favor me diz!

Silêncio

ANA - Anda, fala!

TÉO - Vítimas... Eles são vítimas! Como você. Como eu.

Corte

ANA - Ele sempre me contava sobre os seus ímpetos de rebeldia diária. Eram frases, discursos e uma busca sedenta por estabelecer a verdade por onde quer que fosse. Foi difícil pra ele ficar recluso, sem poder ajudar ninguém durante o seu isolamento compulsório. Chorava todas as noites, lembrando-se dos que não tinham a mesma sorte que ele. Ele foi, definitivamente, o melhor homem que conheci. Um dia, antes de morrer pela doença, pediu que eu beijasse longamente a sua boca em carne viva. Era tão bom, mas tão bom que escolheu me levar com ele pra eu não ficar sozinha. Queria me contaminar, me matar e viver comigo por toda a eternidade. Antes de me beijar, me perguntou se eu queria partir também, explicando detalhadamente os benefícios dessa resolução. Queria se tornar santo, fazendo o bem pela última vez. Ele foi, definitivamente, o melhor homem que eu conheci.

Corte

TÉO - Você gostou de falar sobre mim nessa parte?

ANA - Não exatamente.

TÉO - E sobre você?

ANA - Acho que sim. Mesmo sendo tudo mentira.

TÉO - O que poderia ter sido melhor, em sua opinião?

ANA - A parte sobre as luzes.

TÉO - Por quê?

ANA - É uma metáfora besta.

TÉO - Você acha sem graça e com uso excessivo?

ANA - É, eu diria que sim.

TÉO - O que você sugeriria em seu lugar?

ANA - Eu acho que... Apenas cantar.

TÉO - Cantar?

ANA - É, cantar durante a cena todinha. Ou tocar uma música.

TÉO - Qual música?

ANA - Qual música?

TÉO - É, qual música você sugere?

ANA - Alguma do disco azul.

TÉO - Você acha que isso fortaleceria a ideia de que as personagens são um casal?

ANA - Eu acho que fortaleceria o vínculo afetivo deles, seja qual for.

TÉO - Entendi... Mais alguma coisa?

ANA - Eles poderiam beber mais.

TÉO - Isso é uma vontade sua ou da personagem?

ANA - Faz diferença?

TÉO - Nenhuma.

ANA - E eles poderiam fazer amor durante uma cena inteira.

TÉO - Sem falas?

ANA - Sem falas. Apenas amor.

TÉO - Sexo?

ANA - Entenda como quiser.

TÉO - Mais alguma sugestão?

ANA - Eu acho que está bom assim. Você não acha?

TÉO - É, eu acho.

Silêncio

TÉO - Pronto, finalizamos. Você quer dar uma volta lá fora?

ANA - Sem máscaras?

TÉO - Claro.

ANA - Quero.

Indicação de fim

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?)

Victor Nóvoa ⁵³
(São Paulo - Brasil)

⁵³ Bacharel pela ECA/USP e mestrando em artes cênicas pela UNESP. Coordenador teatral da Universidade Nove de Julho e dramaturgo do coletivo A Digna.

Prólogo

Escuro. Silêncio. Vê-se um coro de Anciãs (Terceirizadas?). Estão de uniforme de limpeza e máscaras cirúrgicas. Em movimentos dessincronizados passam álcool em gel em suas mãos.

CORO DE ANCIÃS (TERCEIRIZADAS?) - Hoje fomos trabalhar. Antes da próxima live, ouça nosso trajeto, rasgue a serenidade estúpida de quem nunca olhou pela janela. Me acompanhe até o trabalho. Ouça. Ouçam nossa terra devastada. Ouça o que ouço nesses dias de pandemia. Ouçam nossas ruas. Corpo no chão. Asfixia. Caco de vidro. Feijão azedo. Buraco com corpos. Fezes humanas. Corpo no chão. Olho arrancado. Corpo no chão. Corpo carbonizado. Traqueia. Pleura tiro sirene fumaça. Estômagos esburacados. Pedacos de gaze. Corpo carbonizado. Criança no chão criança pedindo criança correndo criança atirando. Cachorro aleijado. Arma na cabeça. Caminhão com corpos caminhão com corpos caminhão com corpos. Placenta tijolo olhos caroço esparadrapo esgotogritopiche emboliabrônquio. Corpo carbonizado.

Entra Creonte, envia seus tweets.

Tweet 1 - 05:25 – O vírus tá indo embora.

Tweet 2 - 06:28 – Vá trabalhar. Nossa força é o seu trabalho.

Tweet 3- 09:43 – Nossos hospitais estarão prontos para quem precisar.

Tweet 4 - 10:35 - A fome mata muito mais. Trabalhe pelo nosso país.

CORO DE ANCIÃS (TERCEIRIZADAS?) - Que corpo sai pra trabalhar, patrão? Esse corpo aqui, patrão? Não é disforme, nem uniforme, muito menos de poliéster, microfibras gabardine, ou algodão. Esse corpo aqui, patrão? Não tem detalhes de renda inglesa no pescoço e nos braços, nem carrega avental

branco na cintura. Esse corpo aqui, patrão? É porrada. É força nascida nesse chão. É dança ancestral que acolhe nossos mortos. É trepidar barriga vazia em trem lotado. É dar de mamar pra mais de cinco. É sorriso dançado, enquanto caminhamos pela quebrada de córregos. É sorriso engolido, enquanto limpa louça, janela, tapete belga, cantinho da sala, merda de domingo, merda de segunda. Esse corpo aqui, patrão? Continua saindo de casa pra limpar merda de uma vida inteira de quem caga para a nossa vida.

Cena 1

Antígona (terceirizada?) se destaca do coro. Ela carrega sacos de compras com salsicha, pão e refrigerante. O personagem neto dela vem em sua direção, tenta abraçar Antígona (terceirizada?), que evita veementemente o abraço. Antígona (terceirizada?) Mostra os sacos de compras.

NETO DELA - Salsicha?

Tenta pegar as sacolas. Antígona (terceirizada?) evita, tira sua luva e pega um álcool em gel.

NETO DELA - É muito caro isso aí, como conseguiu?

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Peguei na casa da patroa.

NETO DELA - Ela te deu? *(Silêncio prolongado).*

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Lógico. *(começa a passar o álcool em gel nas sacolas).*

NETO DELA - Deixa?

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Não começa.

NETO DELA - Eu sei fazer.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Eu sei.

NETO DELA - Então deixa?

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Não é questão de saber.

NETO DELA - Questão de quê?

Antígona (Terceirizada?) - De tomar cuidado.

NETO DELA - Sou bom de cuidar.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Eu sei.

NETO DELA - Então deixa?

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Deixo.

Neto dela pega o álcool em gel e os dois passam em todas as compras.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Como foi hoje?

NETO DELA - Acho que ela tá melhor. Dormiu o tempo todo.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Lógico, você é bom de cuidar, ela sentiu.

NETO DELA - Eu não fiz nada, fiquei de longe, que nem você pediu.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Pensou nela?

NETO DELA - O tempo todo.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Tá vendo, você sabe cuidar.

NETO DELA - Como foi hoje? *(Silêncio prolongado)*.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Leva lá, que hoje nós vamos jantar é salsicha com ketchup.

Neto dela carrega as embalagens e sai. Antígona (terceirizada?) Higieniza suas mãos e retira a máscara cirúrgica. Higieniza novamente as mãos e tira toda a sua roupa. Vê-se uma bacia de água com sabão de coco. Antígona (terceirizada?)

Toma banho na bacia. Em outro local da cena entra Creonte e envia seus tweets.

Tweet 1 - 11:03 – Traidores querem derrubar nosso governo. Não estamos queimando corpos mortos.

Tweet 2 - 12:32 – Os mortos estão sendo enterrados independente da condição social. Parem de quebrar nossa pátria.

Tweet 3 - 13:28 – Bonito ver nosso povo assim, unido pela nossa terra. Trabalhe!

Tweet 4 - 18:29 - Se informem por nossos canais oficiais, esqueçam a mídia vendida. Não estamos queimando os corpos mortos. Podem confiar, sigo as leis.

Cena 2

NETA DELA - Tá pronta. Vem comer.

NETO DELA - Ela tá terminando o banho. Pode colocar duas no pão?

NETA DELA - Pode “tacá” quantas salsichas que quiser nesse pão. Só deixa pra vó e pra mãe.

NETO DELA - Porra, vou meter salsicha pra caralho no pão.

NETA DELA - Fala direito, louco. Tá pensando que tá na rua, porra?

NETO DELA - Vou “enchê” a bacia de ketchup e tomar banho. Olha! É daquele caro.

NETA DELA - Depois que caiu na vala, vai ter jeito, não. Banho nenhum resolve, entrou verme no teu cérebro e comeu todo o bagulho aí dentro.

NETO DELA - Nossa, não fala merda, só fiquei doente uns dois meses e depois passou.

NETA DELA - *(para Antígona (terceirizada?))* Saiu do banho? Vem comer.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - *(entra)* Como ela tá?

NETA DELA - Em silêncio.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Nem tosse, nem nada?

NETA DELA - A gente não ouviu.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Faz tempo?

NETA DELA - Deve tá dormindo.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Alguém foi falar com ela?

NETA DELA - Ele queria entrar, mas eu não deixei.

NETO DELA - Mentirosa da porra.

NETA DELA - Tá com medo de falar a verdade? Vai, machão. Fala.

NETO DELA - Tô preocupado mesmo e aí?

NETA DELA - Ele tava quase entrando pra falar com ela e eu disse que se ele pegasse essa porra, ele ia afogando devagarinho, que o bagulho era muito louco, que a tosse era seca, mas o pulmão dele ia tá debaixo de água, que nem quando sempre chove aqui. Só que ia ser diferente, cada dia a água ia encher um pouco mais o pulmão dele, até não sobrar espaço nenhum pra ar, aí a gente ia levar ele para o hospital, só que não ia ter lugar pra ele lá, porque nunca teve lugar pra ele lá e ele ia morrer alagado dele mesmo, no seco.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - *(Para o neto dela)* E tu?

NETO DELA - Desisti de entrar.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Fez bem. Vai comer tua salsicha.

Neto dela vai comer a salsicha.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - E tu? Entrou lá?

NETA DELA - Só pra deixar a comida, mas coloquei máscara e tudo e depois tomei banho. Deixa eu ir contigo? (*silêncio*).

Antígona (Terceirizada?) - Tu é louca?

NETA DELA - É minha mãe.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Vai comer tua salsicha.

Neta dela vai comer a salsicha. Antígona (terceirizada?) Coloca uma máscara e uma luva cirúrgica e vai ver a filha dela.

Cena 3

Vê-se um corpo morto, é a filha dela. Antígona (terceirizada?) Se aproxima, percebe que está morta. Em outro espaço, vê-se intercalado o pronunciamento de Creonte em uma live.

CREONTE - Esta pandemia é uma guerra. E vamos vencer, temos uma operação coordenada com os ministérios. Nosso Ministro da Saúde reuniu-se com todos os secretários dos estados para que o planejamento estratégico de combate ao vírus fosse construído, estamos desempenhando um excelente trabalho de esclarecimento e preparação para atendimento de possíveis vítimas.

Em outro espaço da cena

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - (*para a filha dela*) Não foi acidente. Cada morte é uma sequência ancestral de mortes, assim foi a sua, assim será a minha e de todos que vivem por esses córregos.

Em outro espaço da cena

CREONTE - Mas além do vírus, temos que conter o pânico, a histeria. E ao mesmo tempo, traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa. Assim estamos fazendo, contra tudo e contra todos. Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão. Espalharam exatamente

a sensação de pavor, tendo como carro-chefe o anúncio de que estamos queimando os corpos mortos.

Em outro espaço da cena

Antígona (terceirizada?) Em canto e dança convoca o coro das Anciãs (terceirizadas?).

Em outro espaço da cena

CREONTE - Nós já estamos diminuindo o número de contágios e de mortos, agora é ir pra rua trabalhar.

Em outro espaço da cena

CORO DAS ANCIÃS (TERCEIRIZADAS?) - Não foi a primeira morte. Nem será a última.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Pela lei, devo informar a sua morte e entregar seu corpo.

CORO DAS ANCIÃS (TERCEIRIZADAS?) - Eles estão com caminhões do exército recolhendo os mortos e os incinerando.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Ela não merece repouso nem na morte?

Em outro espaço da cena

CREONTE - E fiquem tranquilos. Os mortos serão respeitados e enterrados com dignidade e respeito.

Em outro espaço da cena

CORO DAS ANCIÃS (TERCEIRIZADAS?) - Dizem que são muitos corpos por dia, fica mais fácil queimar. Dizem que é mais seguro.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - E desde quando se preocupam com nossa segurança?

CORO DAS ANCIÃS (TERCEIRIZADAS?) - Desde que coloque a deles em risco.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Quando todos ficam em isolamento, o que fazem comigo, com vocês?

CORO DAS ANCIÃS (TERCEIRIZADAS?) - Ou trabalha ou morre de fome. Não nos deram direito a nenhum sim em vida, por que dariam na morte?

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Hoje será o meu não. Enterrarei a minha filha.

CORO DAS ANCIÃS (TERCEIRIZADAS?) - Nossa filha. Nossa filha.

Em outro espaço da cena

CREONTE - E que os bons filhos dessa terra fiquem com deus. Sairemos dessa mais fortes.

Cena 4

Antígona (terceirizada?) Sai do quarto.

NETA DELA - Como ela está?

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Tava boa a janta?

NETO DELA - Eu guardei o pão da mãe. Coloquei duas salsichas.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Lavou a louça?

NETO DELA - Eu pensei...

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Lavou a porra da louça? Não dá pra ser depois, precisa ser agora, sempre agora, não existe depois pra gente. É agora, ou morre. Sempre foi assim e tu ainda não entendeu? Esse copo aqui, esse prato, esse talher, por que estão sujos ainda? E se tiver contaminado? E essa cadeira? E as suas roupas? As minhas? Lava a louça, menino. Lava a louça antes que todo mundo nessa casa morra.

NETO DELA - É que a água acabou às três da tarde. Mas eu pego a água da bacia. Eu lavo. Eu juro que lavo. Ninguém vai morrer porque eu não lavei a louça, eu juro.

NETA DELA - O que aconteceu? Fala. Fala, porra.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Vou ter que sair com a mãe de vocês. *(silêncio)*.

NETA DELA - Eu vou com você.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Ela quer ser raiz.

NETA DELA - Deixa eu cavar com você?

NETO DELA - Não viram o pronunciamento? É crime enterrar mortos por conta própria.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Aquele canalha falou isso? E aí eles metem fogo nos pobres.

NETO DELA - Eles não estão colocando fogo em ninguém, é mentira isso aí.

NETA DELA - Tô falando que os vermes comeram o cérebro do louco.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Conheço pessoalmente ele e a família toda, aliás se tu tivesse tido a oportunidade de conversar com sua bisavó, tu ia saber quem esse cara é. Um dia te conto. Tu vai ficar aqui, de boca fechada, lavando a louça, entendeu?

NETA DELA - É isso aí. Quando a gente voltar, quero tudo lavado.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Tu vai ficar aqui também e acabou. Quem vai ajudar ele a lavar a louça?

NETO DELA - Não precisa. Eu sou bom de cuidar e de lavar.

NETA DELA - Bom nada, maluco. Tá se achando, é? Ontem bateu preguiça e quem terminou de lavar tudo?

NETO DELA - Tu é "mó" bocuda, hein? Tem vida curta, viu?

NETA DELA - Ah, é? Pega eu, então?

Antígona (terceirizada?) Sai.

Cena 5

Filha dela e a Antígona (terceirizada?) Se aproximam. O coro das anciãs (terceirizadas?) Acompanha com certa distância.

FILHA DELA - Não se assusta. Já não sou a mesma. Tu tá segura. Continuo lá deitada, exatamente onde tu me deixou, sendo raiz no chão que entrelaça nossos antigos córregos. É sempre a morta que conduz o próprio sepultamento e ele só termina assim, olho no olho. Cale-se. Ouça. Ouçam. A filha dela tira o uniforme da antígona (terceirizada?)

FILHA DELA - Tão mais bonita. O corpo já nasce ancestral e todo o movimento civilizatório tenta apagar essa força. Sendo chão, posso movimentar os pés e se há algo que na minha morte, na de tantas, na de tantos possa tornar nosso peito uma terra penetrável, é lembrarmos da antiga pergunta: que ancestral quero ser? Nosso corpo, patrão? Deixará de ser carne processada e embalada a vácuo em uniforme de poliéster. Nosso corpo, patrão? É essa dança.

Em movimentos dessincronizados o coro das anciãs (terceirizadas?) Rasga seus uniformes.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Sou Antígona, a mulher que disse não às leis antinaturais. A voz que gira no tempo e que hoje volta aos ouvidos. Sou esse chão e pela força de viver e morrer nele entregarei minha pele.

Entra Creonte e envia seus tweets:

Tweet 1 – 21:03 – vejam esse vídeo de uma mulher fazendo um enterro ilegal. Ainda não conseguimos identificá-la.

Tweet 2 - 21:32 – a culpa é da mídia.

Tweet 3 – 22:28 – se souberem quem é essa mulher do vídeo, denunciem.

Tweet 4 – 22:31 - parece que já temos uma suspeita.

Cena 6

Creonte coloca máscara, luvas e cobre seu corpo todo.

CREONTE - Vai moleque, chama logo sua vó.

NETO DELA - Ela não tá.

CREONTE - Tá tirando com a minha cara? Quer que eu enfie uma bala na tua cabeça e diga que você estava doente e veio pra cima de mim tossindo? Pensa que eu não sei que o barraco inteiro está infectado? Cadê sua avó?

NETO DELA - Ela não tá.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - *(Entra)* Vai pra dentro, menino. O que faz tu sujar tua bota por essas quebradas?

CREONTE - Onde está o corpo?

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Que te interessa? Melhor, desde quando te interessa?

CREONTE - Ocultar cadáver é crime.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Só te interessa saber dela depois que ela virou cadáver? Quando ela teve falta de ar e esperamos oito horas no hospital, te interessou? Quando, mesmo ela tossindo a própria vida, fomos a pé, porque não tinha ônibus e em três hospitais diferentes não nos atenderam, te interessou? Quando ela tava roxa na cama, alagada por dentro, buscando qualquer buraco dentro dela para o ar entrar, te interessou? Um segundo antes de soltar a última migalha de ar, ela disse sem abrir a boca, foi no redondo do olho que eu ouvi tudo: “guarda eu no chão, mas guarda com amor, quero ser raiz da terra nova. Tá chegando, mãe. Tá chegando e eu serei raiz”.

CREONTE - Eu não estou com tempo para suas histerias, lá fora tá tudo caído. Tem filho da puta arrebrandando porta de supermercado, explodindo caixa

eletrônico. Gente morrendo com falta de ar em tudo que é esquina. Acabei de ver um velho tentando respirar. Os dedos roxos, a boca com sangue pisado e os olhos vomitados pra frente, parecia que alguém tinha cravado os dedos na cara dele e puxado os olhos do velho e ele dizia sufocado: “conhecereis a verdade e ela vos libertará”.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Tanta desgraça e mesmo assim tu prefere vir em casa de pobre pra dar ordem? Pra dizer o que eu tenho que fazer com a minha filha? É isso, capitão Creonte?

CREONTE - Nem era para eu estar aqui, tá chegando o caminhão do exército pra recolher os corpos dos mortos. E já tá todo mundo sabendo da sua filha. Todos os corpos precisam ser incinerados no mesmo dia que morrem.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Li por aí que não estavam fazendo isso. Ou é só para alguns?

CREONTE - A gente vai resolvendo como pode.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - E quem não tem dinheiro que se foda e queima. Nenhuma novidade por esses córregos, já faz quinhentos anos que fazem isso por aqui.

CREONTE - Não começa. Eu tô correndo o risco pra te avisar. Pensa que não sou grato? Foram muitos anos vocês trabalhando em casa. A gente se apega.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Agradeço sua gentileza.

CREONTE - São vários crimes cometidos. Ocultar cadáver, omitir informação sobre pessoas infectadas, expor menores de idade ao vírus.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - E tu queria que eu fizesse o quê?

CREONTE - O que a lei manda. Informasse os sintomas da sua filha e se desse positivo...

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Fosse para o campo de concentração?

CREONTE - Campo de reabilitação. E assim não exporia você e sua família ao vírus.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Eu fui em três hospitais com ela e não consegui entrar de tanta gente gritando, se batendo na porta.

CREONTE - Devia ter tentado mais, era a saúde da sua família que estava em jogo.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Realmente um conselho precioso.

CREONTE - Vou ser bem objetivo com você. A gente tem imagens de você enterrando sua filha, mas posso sumir com isso se você me ajudar. Você e sua família fazem o teste, se der negativo, você faz uma live, dizendo que a sua filha foi enterrada pelo estado e como vocês testaram negativo, eu dei um emprego pra você trabalhar na minha casa como empregada doméstica e que nosso país não pode parar. É simples. Ou você acha que vai continuar empregada se descobrirem isso tudo? Logo essa loucura passa e você garante um emprego. Lógico, o teste de vocês tem que dar negativo, se der positivo não tenho muito o que fazer.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Não seria contra a lei fazer isso?

CREONTE - A lei deve sempre servir à manutenção do estado. Faz o teste e volta a trabalhar em casa. Vai alegrar um pouco a minha mãe, ela tá tristonha, muito velhinha, mas quando ela vir você, vai lembrar na hora da sua mãe, as duas eram amigas. Não tinha pessoa que passava melhor camisa que sua mãe. Você passa quase igual, mas a sua mãe era única. É só dizer sim.

Coro de Anciãs (terceirizadas?) Se aproxima e traz um uniforme de doméstica, entregam a Antígona (terceirizada?)

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Que esse vírus derrube todos os uniformes. Minha resposta é não. *(queima o uniforme)*

Creonte envia seus tweets

Tweet 1 – 23:03 – identificamos a criminosa que enterrou ilegalmente o corpo. Chama Antígona.

Tweet 2 - 23:32 – ela queimou sua própria casa e está foragida.

Tweet 3 – 23:33 – a polícia está investigando se a morta era realmente sua filha.

Tweet 4 – 23:47- fortes indícios que o corpo era da filha e que tinha marcas de violência.

Tweet 5 – 23:57 - Antígona raptou seus próprios netos e é indiciada pela justiça por crime doloso.

Tweet 6 – 23:59 – fiquem com deus, amanhã nossa luta continua.

Cena 7

CORO DAS ANCIÃS (TERCEIRIZADAS?) - Corre, Antígona. O caminhão do exército está chegando. Pega seus netos. Outros córregos irão se abrir. Corre, Antígona. Já não aceite mais ser terceirizada. Até quando? Não sei se fez certo em dizer não, mesmo nessa ficção não nos atreveríamos a arriscar o que acontecerá com você. Vai morrer do vírus? Vai sobreviver na casa de algum familiar? Sua neta não usará esse uniforme? Seu neto vai trabalhar como ajudante de cozinha, lavando louça? Será o que quiser ser? Nem nós teríamos coragem de arriscar. Nem mesmo nessa ficção. Mas esse não vindo da raiz de sua filha poderá erguer nova voz e é por ela que seguiremos em coro.

Veem-se Antígona (terceirizada?), neto dela e neta dela. Estão imóveis, carregam todos os seus pertences.

ANTÍGONA (TERCEIRIZADA?) - Estado pandêmico. Ar que falta a cada não enfiado goela abaixo. Ontem. Hoje. Continuam incendiando o meu chão. Queimam casas, janelas, teatros, bocas, pés, florestas. Carbonizam corpos. Carbonizam os gritos. Os olhos, arrancados, pisoteados em comemorações cívicas. Restos de corpos espalhados pelo chão. Batalhões correndo pelas ruas. Sim, eles têm coturnos afiados, batem continência. Giram seus braços, têm armas nas pontas dos dedos, sim, seus olhos são gatilhos. Meu crime? Não foi enterrar a minha filha. Meu crime foi me atrever a dizer não. Quando meu corpo diz não, esse chão emudece, falta o ar, os olhos se arrepiam de pavor. Como pode? Antígona disse não? Não a Creonte? Não à lei que

sustenta o estado? Não ao uniforme aderido ao corpo por todos esses anos? E se desse estado pandêmico eu possa erguer algo? Que sejam novos pés. Serei nova terra, sim. Por entre minhas raízes-pensamentos nascerão pele firme para esse chão-utopia. Utopia? Sei que vão me acusar. Até de tecer os fios da utopia em minha carne serei acusada. Dirão: ingênua - ingênua. Estou acostumada com o vozerio. Mas sei, sim, desse novo pulso que minha pele traça. Pés infinitos, sim. E me afirmo no não que essa pandemia possa causar a essa terra devastada. E que esse não seja o ancestral de um novo chão. Sou, sim, esse chão. Seremos sim.

Escuro final.

PARTE II

TEXTOS EN CASTELLANO

ANOCHES EL PERRO

André Demichelis ⁵⁴
(Buenos Aires - Argentina)

⁵⁴ Escritor,
trabaja con
microrrelatos.
Tiene 7 libritos:
Pulgas, Sidra,
Martes, Suerte,
Rayo, Avión y
Zovni.

Anoche el perro callejero del barrio no ladraba.

“Voy a dormir tranquilo” pensé. Ahí escuché alboroto: “¡RESPETA LA CUARENTENA!” le gritaban a un tipo en pijama, iba por la calle arrastrando una almohada.

“Está sonámbulo” pensé y bajé corriendo. Miré las esquinas que no haya policías. “Ey” le dije “despertate”.

De los balcones: “¡Que vaya a su casa!” le increpaban. Miré al sonámbulo arrastrar la almohada. Y me acerqué.

“¿Me acompañás?” dijo “vamos a pasearla a la plaza”.

“¿A la almohada?” pregunté.

“Sí” susurró “no tengo perro y estoy muy solo”.

Llegamos a la plaza y me sorprendí. Una chica paseaba un changuito de supermercado; una pareja acariciaba un oso de peluche; un tipo paseaba un espejo que lo reflejaba a él mismo, como un hermano gemelo; una señora sostenía en brazos una maceta.

“Tenés que pasear algo” dijo el sonámbulo. Dos policías se nos acercaban. El sonámbulo se asustó y se fue. Y ahí escuché los ladridos, el perro del barrio se me tiró encima.

“¿Es su perro?” preguntaron.

“Sí, volvemos a casa” dije.

Me fui caminando con el perro. Llegué a la puerta de casa y escuché: “¡Ey! ¿Hacemos trueque?”. El sonámbulo miraba el perro: “me haría bien algo de compañía en la cuarentena” y me dio la almohada. El perro movió el rabo y se fueron juntos.

En casa me acosté. Quizás fue que anoche el perro callejero no ladró, el silencio de las calles desiertas, pero nunca dormí tan profundo. Algo me arrulló toda la noche. Era como un ronroneo, venía de la almohada.

LIMPIO PISOS

Angie Hesse ⁵⁵
(Mar de Plata - Argentina)

⁵⁵ Nacida en Mar del Plata, vive en Tandil, residió en en Brasil. Percusionista, escritora, pianista, estudiante, docente, fanzinera.

En un acto que osciló entre la más profunda cobardía y el más elevado de los corajes respiró hondo y saltó.

Del séptimo piso.

Su dignidad quedó en el asfalto.

Los restos los limpió la que siempre limpia.

Personajes: La que limpia

Vereda de edificio sobre avenida transitada, mañana de un día hábil, en tiempos de pandemia y cuarentena obligatoria. La escenografía puede consistir en una puerta de doble hoja, bien ancha ya que es la puerta de un edificio de 10 pisos en un barrio residencial donde habitan personas de acaudalados ingresos. En escena solo la que limpia con guantes de limpieza, un balde lleno de agua en una mano y un lampazo en la otra, con la vestimenta laboral de una empleada del servicio de limpieza. Se encuentra de pie, bien cerca de la puerta como recién salida del edificio.

Cual guerrera al borde de una batalla observa la vereda, la mancha en el suelo (que el espectador no ve), pone cara de resignada, respira hondo, da dos pasos ubicándose en el centro de la escena, deja el balde en el suelo y comienza a limpiar con intensidad y frenetismo. Exclama por lo bajo unos breves quejidos y mientras continúa limpiando exterioriza con reflexiva calma:

Viven solos. Viven solos, chicos que nunca se resolvieron ni las tareas de la escuela. Viven solos, sin hijos, sin marido que los joda. Tienen todo lo que necesitan, no tienen nada que hacer, sin ninguna actividad, sin ninguna, sin ninguna nada: ni la comida se hacen. Solo están dele que dele que dele.

Hace un gesto con el dedo índice dando círculos alrededor de la sien, continúa refregando el piso.

Tendrían que ir al barrio a ver, a ver si le dan ganas de estamparse contra el asfalto.

Mira a lo alto como enfocando la vista en el piso 7, baja la mirada y sigue limpiando.

¡Tendrían que ir a mi casa! A ver si les da el tiempo.

Detiene el habla, detiene el movimiento y reflexionando agrega:

Bueno, asfalto, asfalto allá va a estar difícil.

Se sonríe levemente de su propia astucia y continúa la tarea en silencio, instante después vuelve a hablar con un tono de voz aún más bajo.

La sensación de muerte ya es como normal por acá, pero este olor a sangre no me lo aguanto. No sale con nada ¡pucha che! penetra en la baldosa, en el hormigón, en la punta de la nariz. Como, como moneda en la brea, como mancha de aceite, como persona con persona en el colectivo.

Concluye con nostalgia mientras acompaña con la mirada un ómnibus pasar.

Bueno, cuando subía gente al colectivo digo, claro.

Se disipa esa nostalgia. Un recuerdo reciente la hace sonreír.

Vaciiiiio venía.

Dice ya mirando el suelo dispuesta a seguir limpiando con énfasis, al parecer la mancha es amplia y difícil de sacar. Se detiene, se posa sobre el lampazo, levanta la mirada nuevamente y dice:

Mirá si uno de estos suicidas deja una nota y pone: "le dejo todos mis bienes a la señora que limpia el edificio".

Mientras ensueña hace un movimiento con la mano en gesto de letrero.

¡Sabés lo bien que me vendría! JAJAAA.

Exclama exageradamente. Baja la cabeza y continúa el trabajo, ya está a medio camino. Rápidamente la intensidad de la limpieza se transforma en bronca y enojo y eso se manifiesta en su forma de limpiar y de hablar:

Ahora digo, estos chicos, estos chicos que se tiran ¿no tienen una forma de morir que sea más limpia? No sé, digo ¿no se les ocurre otra?

Limpia unos instantes en silencio pero con la misma actitud, ya muy enojada dice:

¡Qué ganas de joder che! Pero si tienen todo, che..

Escurre el lampazo con fuerza en el balde y ahora acompañándose con los brazos en la gestualidad ya con un tono de voz elevado:

¡Les sobra! Les sobra tiempo, les sobra plata, les sobran pisos, les sobra asfalto, les sobra. ¿Y los malcriaditos qué hacen?

Con la otra mano idea otro letrero:

“Si se va a morir, piense en la que limpia” No, no..

Se corrige, se calma de a poco y continúa limpiando con humildad:

No sé digo, una forma de morir en la que se lleven todos sus restos, que les quede todo adentro. ¡Pero no! ¡Pero no! Necesitan de la que limpia hasta después de la muerte.

Escurre por última vez el lampazo en el balde, lo recoge y se va.

SIETE MOMENTOS DE CUALQUIER MANERA

Beatriz Catani ⁵⁶
(La Plata - Argentina)

⁵⁶ Dramaturga, directora, actriz y docente teatral. Investigadora y Profesora Titular de la Facultad de Bellas Artes (Cine) de la UNLP y de la Maestría en Teatro y Artes Performáticas de la UNA. Ha sido invitada con sus obras al Theater der Welt, Kunsten Festival des Arts, Theaterformen, Festival des Ameriques, Spierlart, Culturgest, Hebbel Theater, Casa de las Américas y Wiener Festwochen, entre otros. Su última producción, Cosas como si nunca, se estrenó en el Teatro Cervantes

1.
(Presentaciones,
Llamémosla Ella.

Ella transcribe: *Los muertos son la imaginación de los vivos*. Y llena un vaso con agua que apoya entre la pantalla y Ella. ¿De qué época es ese texto?, se pregunta. Hay hábitos que la alivian o que la distraen. Y que la impulsan a una conexión con esa parte que nombra (como) su escritura. Sin la cual la vida va o pasa pero no se detiene, no termina de existir. Sabe Ella que en estos días es necesario volver a esa relación.

Llamésmola Yo.

Yo estos días revisa con frecuencia el álbum de fotos de su teléfono móvil. Busca un registro de la oscuridad. Se detiene en el 2 de julio de 2019, en que la tarde queda negra y Yo registra desde la ventana de su casa esa negrura.

Casi al mismo tiempo recibe por Facebook la escena de inicio de *Armonías de Werckmesiter*, de Béla Tarr y vuelve a ver la poetización de un eclipse entre parroquianos borrachos en una taberna, (entre torpes y deslumbrantes movimientos de cuerpos, música y cámara).

(ELLA) - Ella sabe que prefiere mirar el mundo desde la escritura, es su modo de mirar, la retiene el tiempo de adentro, lo cóncavo. Escribe: *La casa*. Escribe y se da cuenta, con extrañeza, que los síntomas han cedido. Va seguido al médico, y una y otra vez le repiten: No hay causas orgánicas, padece un error de funcionamiento. Un sistema desperfecto piensa y escribe: ¿Entonces, ahora, la angustia por dónde corre? Lo lee en voz alta, tacha corre y anota: *fluye, acosa, vierte, pasa, aprieta, empuña, sujeta, sucede*.

(YO) - ¿Cómo puede ser?, piensa Yo ¿Es azar, una realidad, una fuerza no

determinada, -conocida pero carente de nombre- la que pone delante mío los indicios que me impulsan? Más allá de las preguntas Yo ya queda sumergida en el Eclipse.

(ELLA) - *El silencio, la suspensión se parecen a la felicidad*, escribe Ella. Piensa en tachar algunas palabras, no se decide. Y en la vacilación, se distrae.

YO,



2 de julio de 2019, 17.43hs

<https://www.youtube.com/watch?v=l0-OWumDOPs&t=1761s->

Armonías de Werckmeister, Béla Tarr

2.

(Primeros avances,)

(ELLA) - Ella se levanta a buscar agua por tercera vez y ve en un costado de la cocina una cucaracha boca arriba con medio cuerpo aplastado. Abre un poco la ventana y la luz parece dirigirse justamente sobre el cuerpo a medio deshacer.

Ella se detiene a mirarla, y piensa: es así, solo dejar que las cosas pasen. Saca una foto de los últimos momentos de vida del insecto y vuelve a sentarse. Escribe:

Un estado de mínima vitalidad, una resistencia apenas para sostenerse y seguir... y está la esperanza.

Y después Escribe tres veces:

la suspensión de la realidad,

la suspensión de la realidad,

la suspensión de la realidad-

Y tacha una palabra al azar por renglón.

-vitalidad -seguir- de -realidad- la-



(YO) - Lee una y otra vez en voz alta afirmaciones de la antigua astronomía china, -y se le ofrecen como una rotunda explicación-: *El sol se ha borrado del cielo, y una oscuridad invade la mala suerte del mundo.*

Los chinos creían que la vista parcial del sol se debía a que un dragón ce-

lestial desataba su furia arrancándole un pedazo al astro rey. Para asustar a dicha bestia, los chinos procuraban hacer un ruido estruendoso que lo ahuyentara.

¿Se escucha?, ¿se está escuchando ahora?

(ELLA) - Suena el teléfono y no atiende. Ese adentro del adentro la seduce, la capta. Aún no pierde la atención en la cucaracha, la nombra con los que fueron los juguetes de sus hijos niños. (La Orca Moby, la Tortuga Clementina...)

Y por unos momentos recuerda. Por más que sus hijos han nacido en tiempos distados, (con doce años de diferencia), no puede delimitar sus infancias. Ni en los juguetes ni en los nombres. Tiempos que se vuelven una masa en la cabeza. Piensa el cerebro como lugares con información mezclada, una gran carpeta "Hijos niños".

Y entonces vienen solas las preguntas: ¿Cómo es la alegría?, ¿es un apresuramiento o un retardo de las sensaciones, del cuerpo? ¿Qué es?, ¿cómo es?, ¿una velocidad en suspensión?

No está segura Ella, sin embargo sonríe, claro que es sencillo tener la idea de una alegría. Escribe: *la idea de una alegría*.

Y piensa Ella, ¿... y tener la idea de una gran alegría? Escribe: *la idea de una gran alegría, una alegría con otras, una alegría con una y para otras*.

Lo escribe en femenino. Sabe que se refiere al conjunto de personas, como siempre que se las denominó en masculino se abarcaba precisamente al conjunto de personas. Lo hace por una cuestión estética, no ética. Entiende que suena mejor. ¿Ah?

(YO) - Yo se detiene a leer. Ha dejado abandonada su tesis sobre enfermedades psicosomáticas, ya terminará alguna vez el doctorado. El Plan de la Tesis llegó a presentarlo y ahora sus lecturas se centralizan en las concepciones diversas de las antiguas civilizaciones sobre los eclipses.

Yo no está segura, no sabe Yo, cuál de estas ideas la interpelan más:

1) la de los aymaras, que consideran que el eclipse se produce cuando la Pachamama y el Inti Illimani mantienen relaciones sexuales. Este acontecimiento imprescindible para que el mundo siga teniendo existencia, no es en absoluto un mal presagio, sino por el contrario exige un respeto discreto: no hacer ruidos y no mirar de modo directo a las estrellas.

2) la creencia del México prehispánico, (los grandes observadoras del cielo), que enuncia que durante el eclipse aparecen las estrellas demonio,-Tzitzimi-me-, mujeres esqueleto que vuelan y devoran a los hombres en la penumbra cuando la luz del sol es eclipsada por la luna.

Lo inexplicable, el cielo como la enfermedad. Los hombres y sus creencias o los hombres y sus ciencias... No, Yo no está segura. Y salta arriba de la cama con el libro en la mano Yo hasta golpear la cabeza con la luz que cuelga del cielorraso.

(ELLA) - Qué cosa, piensa Ella, cuando la alegría es real cuando existe una gran alegría, no hay lugar para esperar. Una alegría real, es siempre una alegría sin esperanza. Y levanta los huevos que han salido de la cucaracha, -la materia blancuzca que se asoma-, ve que ya no hay movimiento en las antenas del insecto y arroja el cuerpo desarmado junto a los desperdicios.

Ella, deja correr el agua sobre sus manos y después inhala su spray nasal -necesario cada otoño a su alergia- y se dice mirándose al espejo:

El momento de alegría se vive sin notarlo, hasta despreciando esos momentos. Y ahí, en ese instante, la alegría es exacta.

Ella no está segura. Ahora solo recuerda frases y las dice sin escribirlas:

.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

3.

(Conversaciones en voz alta,)

Ahora Ella, Llamémosla Ella, habla con otra mujer, Yo. Llamémosla Yo.

(YO) - Las voces, los aullidos, un mundo vociferando en la oscuridad. Los murmullos del mundo se parecen a la felicidad.

(Ella) El silencio, la suspensión se parecen a la felicidad.

(YO) - La suspensión nunca es definitiva, nunca es suficiente, hay formas de quebrar esa suspensión... formas de adentro y formas de afuera. Hay cifras, entornos, pensamientos, síntomas que vienen a recordarnos, por ejemplo, que no todos están en casa simplemente porque ¿cuál es esa casa?

(ELLA) - El dolor son las cifras, no la realidad. La realidad es la casa.

(YO) - LA CASA NO EXISTE. Hay hábitos que alivian o que distraen. O síntomas. Y esos aparecen y se multiplican.

(ELLA) - O síntomas que desaparecen. ¿Por qué? Pensemos: Es un tiempo que suspende la vida de cada día, la vida de cada día destruye, arruina, devasta. ¿Es una tregua a un sistema que nos come?

4.

(Conversaciones en frases mayúsculas,)

(YO) - NOS COMEMOS A NUESTROS MUERTOS Y GUARDAMOS SU MEMORIA.

(ELLA) - CUÁL ES LA MEMORIA DE LOS MUERTOS, CUÁL ES LA MEMORIA DE LOS MUERTOS SOBRE EL FUTURO.

(YO) - UN CEMENTERIO VIRTUAL, DEJAR LA MEMORIA DISUELTA EN EL ÉTER.

5.

(Sólo preguntas,)

¿Cómo nos pensaron los muertos? ¿Mantenemos en el presente su memoria? ¿Una memoria disuelta es un presente sin memoria?

¿Podemos pensar el futuro? ¿El futuro no muerto?

6.

(Conversaciones con pantallas entre murmullos,)

Ahora Llamémosla Ella, en video llamada con otra mujer, Llamémosla Yo.

(ELLA) - ¿Y si este tiempo es último?, mi tiempo último (dice Ella) ¿qué hacer?, ¿qué debería pensar? Y escribe con letra pequeña: *Lista de cosas que me enferman, anotaciones para el médico:.....*

(YO) - ¿Y si este tiempo es último?, mi tiempo último (dice Yo) ¿en qué debería pensar, qué tendría que estar haciendo? Yo dice en Hoy, de eso de trata, pero no hoy dicho por hoy, 7 de abril de 2020. Hoy como cualquier día.

(ELLA) - Ningún día es cualquier día, dice Ella. Los días tienen memorias, la historia de cada una. Cada abril, dice Ella celebro llorar. Llorar es el punto cero, es separarse del Desierto.

(YO) - Yo le muestra a Ella por la pantalla un diccionario etimológico, busca eclipse y lee: *en griego, ekleipein es separar, formado de ek (εκ) que significa: desde dentro hacia afuera y leipein (λείπειν) que significa dejar, dice Yo.*

(ELLA) - Ella dibuja un círculo con la mano sobre la pantalla y dice: Volvemos al inicio: *Los muertos son la imaginación de los vivos.*

(YO) - Yo no sabe. Y dice: Sabría algo que hoy no sé. Y repite Hoy no sé.

(ELLA) - Le precisa Ella: los muertos están a nuestro alrededor, siempre los muertos están alrededor de los vivos.

Ella mira a Yo en la pantalla, con el pelo -raya al medio- cayéndole en la cara, piensa un instante en su imagen joven y sigue: No hablo de cifras, no hablo siquiera de estos muertos. Dice Ella, Hablo de yo como muerte.

Y cuando Ella lo dice, cuando Ella dice yo, la imagen de su juventud se vuelve una gran foto con muchos rostros en un lugar impreciso y colorido.

Cuando Ella dice yo, piensa que no importa si la idea de una gran alegría con otras se perdió o no existió.

Cuando Ella dice yo, piensa que dejar que las cosas pasen, entretenerse y aceptar lo mínimo es sobrevivir a la realidad como la cucaracha.

Cuando Ella dice yo, está su padre, el abrazo, las justas palabras, y el sueño blanco.

Cuando ella dice yo, recobra el gesto de una sonrisa perdida, -la comisura asimétrica, el diente frontal levemente superpuesto- y se alegra un instante al vislumbrarlo.

Y a continuación y a continuación y a continuación una concurrencia casi infinita de imágenes se sucede...

Y ahí Ella se roza apenas la cara, detiene los dedos por debajo de la boca y piensa El tiempo de mis muertos es infinito, aunque yo, piensa Ella no soy infinita, yo, muerte, piensa Ella, sí.

7

(Epílogo,)

Ella y Yo, ambas, en la distancia, miran por la ventana, la luz del sol, los árboles aún vigorosos... Sin embargo, alerta, incierto: el silencio.

ODIO LA LUZ AZUL AL OIDO

Braian Kobla ⁵⁷
(Buenos Aires - Argentina)

⁵⁷ Dramaturgo y director escénico. Sus obras fueron publicadas por la Editorial La Comuna y el Instituto Nacional del Teatro.

La esposa de unos de mis pacientes me contó una vez que, a la muerte de su madre y de su abuela, se reunió una bandada de pájaros por fuera de la ventana de la morgue. Cuando el tratamiento de su marido estaba finalizando, a éste, le aparecieron unos síntomas aparentemente inocuos, que sin embargo, me parecieron típicos de una enfermedad del corazón. Lo mandé a un especialista que, después de examinarlo, me confirmó por escrito, que no encontraba ningún motivo de alarma. Al volver de la consulta, con el informe médico en su bolsillo, mi paciente sufrió un infarto en la vía pública. Cuando lo llevaban convaliente a la casa, su mujer se encontraba ya angustiada porque poco después de que su marido se fuera del médico, una bandada de pájaros había invadido su casa.

Sincronicidad, como principio de conexiones acausales.
C.G Jung

Nota: La escena carece absolutamente de acción. Aquí, la acción es ritmo. La acumulación dramática, está dada, por la progresión rítmica y afectiva con que sea ejecutada la obra.

DANA - Me despierto. Abro los ojos. Abro los ojos, pero creo que nunca me dormí. Nunca perdí el control. Nunca se instaló un silencio que me permita descansar. No descanso, no descanso nunca. Creo que nunca más voy a volver a descansar. Mi cerebro a medianoche empieza a latir como un corazón. Como si tuviese los órganos invertidos. Funcionalmente invertidos. Mi corazón, yace, como un bofe gelatinoso encastrado en una cavidad rígida y oscura. En cambio, mi cerebro, es un cocainómano. Tiembla, y vibra por las noches con la intensidad de un subwoofer desconado.

MORA - Me saco el uniforme del trabajo. Mi uniforme está compuesto por un pantalón gris, una camisa abotonada hasta el cuello, un prendedor, y una visera roja. Salgo del local, y me prendo un cigarrillo. Toda la ropa que llevo puesta tiene olor a fritura, pelotero y pubertad. Me subo al colectivo, y me llegan seis mensajes de ella. No pienso contestarle. No sé. Ahora no. Saco el

celular de manera involuntaria, como si fuese un acto reflejo, y escribo en mi muro de facebook: salvemos al amazonas. También, comparto la publicación de un gatito que se perdió.

DANA - No entiendo por qué no me contesta los mensajes. No pido demasiado. O sea, nadie contesta los mensajes en tiempo y forma. No es que haya un tiempo y una forma determinada de contestar los mensajes. Pero ese tiempo y esa forma de los demás, me debilita, me aliena y me deprime. Que sé yo. Quizás, estoy exagerando.

MORA - Vuelvo a escribir en mi muro: Lula libre.
Vuelvo a escribir: salvemos a los osos polares.
Vuelvo a escribir: fuerza Chile.

MARTÍN - Me levanto de la cama y me pongo la misma ropa que usé ayer.

MORA - ¡Ya no sé qué más postear para salvar al mundo!

MARTÍN - La misma remera, el mismo pantalón, las mismas zapatillas. Voy a la cocina, me tomo un café y me como dos tostadas. Voy al baño, me lavo la cara, me cepillo los dientes y me miro al espejo. Es una sensación extraña. Yo ya estuve en este lugar. Ya me levanté, me puse la misma remera, el mismo pantalón, las mismas zapatillas. Ya fui a la cocina, me tomé un café, y me comí dos tostadas. Ya fui al baño, me lavé la cara, me cepillé los dientes y me miré en el espejo.

DANA - No voy a trabajar.
No voy a alimentar al gato.
No voy a fumar.
No voy a morir.
No me voy a bañar.

MARTÍN - No entiendo por qué estoy nombrando todas estas cosas. Nombro las cosas, y al nombrarlas las destruyo.

DANA - No voy a leer.
No voy a ir al supermercado.
No voy a comprar lácteos.

MORA - No puedo escuchar, ni leer sus mensajes. No puedo. De verdad, no puedo. Hoy estuve todo el día pensando en ella. Creo que me equivoqué. Tomé una decisión, y no medí las consecuencias. Creo que la amo, pero no puedo escuchar sus mensajes. No soporto su voz. Quisiera abrazarla, y besarla, y decirle que es la persona con la voz más horrible del mundo.

DANA - No voy a progresar.
No voy a producir.
No voy a discutir.
No voy a llorar.

MARTÍN - Hoy voy a empezar a correr. Quiero volver a conectar con mi cuerpo. Voy a empezar con una rutina de acondicionamiento, y después voy a empezar a subir el nivel de exigencia. Quiero experimentar con mi cuerpo. Someterlo a intensidades de alto impacto.

DANA - No voy a vivir.
No me voy a drogar.
No me voy a levantar.
Voy a estar todo el día desnuda en mi departamento, como una aborígen.

MARTÍN - Es algo que vengo planificando hace seis años, más o menos, pero hoy es el día. Es el comienzo de algo. Siento una vibración en todo el cuerpo, como una manifestación de hormigas eufóricas recorriendo mis arterias.

MORA - Bajo del colectivo, y corro como una maratonista hasta mi casa. Cierro la puerta, me saco la ropa y me pongo a llorar. ¿por qué lloro?, ¿para quién lloro? No tengo una justificación sólida que sea proporcional a esta angustia. Es una performance del llanto por el llanto.

MARTÍN - Antes de poner el cronómetro en cero, me fumo un cigarrillo en la ventana de la cocina. Es algo que hago todas las mañanas, pero esta vez es la última. Realmente, es la última. De eso, estoy seguro.

DANA - No voy a hacer nada. Absolutamente nada. Ya lo decidí.

MORA - Creo que mañana viene a cenar mi padre. Digo, la palabra padre, e

inmediatamente me dan ganas de llorar. Lo voy a postergar para la semana que viene.

DANA - No hacer nada, va a ser mi resistencia, mi militancia, mi bandera. Me voy a convertir en la persona más peligrosa del sistema.

MARTÍN - Termino el cigarrillo, y lo apago con determinación sobre una de las tostadas que quedó del desayuno. Las brasas del cigarrillo chisporrotean sobre la mermelada de arándanos.

MORA - Me parece una actitud innecesaria. No voy a seguir con estos pensamientos.

Martín - ¿En qué momento compré una mermelada de blueberries? ¿Blueberries? ¿Es importada? ¿Cuánto pagué por esta mermelada?

MORA - No sé. No sé cómo moverme. Creo que perdí espontaneidad, o algo así.

MARTÍN - ¿Cómo me puedo olvidar de algo que hice hace dos días?

MORA - Estoy parada en medio del living con dos bolsas de supermercado, y con la mirada perdida en una grieta que hay en la pared.

MARTÍN - O sea, recuerdo la cantidad de días transcurridos, pero no tengo registro de haber tenido ese frasco en mis manos.

MORA - La grieta se parece un poco a mí. Tiene mis mismas facciones. Soy una grieta en la pared. Me encanta la grieta que soy.

MARTÍN - No tengo idea de dónde salió esa mermelada de... blueberries.

DANA - Necesito dormir, pero no puedo bajar las persianas. Desde que alquilé este departamento ninguna persiana funciona. Están todas rotas. Podría hacer ejercicio o escuchar música. Creo que no voy a hacer nada. O quizás algo de música. Si, pongo música. Pongo música, mientras pateo algunas macetas que hay en el balcón.

MARTÍN - Es un ritmo regular que puedo mantener sin problemas. Pensé

que mi cuerpo no lo iba a soportar, pero parece que tengo más resistencia de lo que pensaba. Incremento la velocidad, y el pecho se me inflama como una piñata, al intentar capturar un poco más de aire.

DANA - ¿Estoy dormida? ¿Estoy dormida en el balcón? ¿O estoy en la cama? ¿Qué es ésta mierda? ¿A quién le estoy hablando? ¿Ya me dormí?

Tiempo

MARTÍN - Vuelvo a incrementar la velocidad, levanto las rodillas y proyecto la mirada hacia los próximos metros. Todas las cosas vibran en sincronía con mis pulsaciones.

MORA - Proyecto la mirada hacia la grieta. Pero, si la grieta soy yo ¿me proyecto hacia mí misma? No sé. No me importa. Las cosas se mueven tan despacio que parecen quietas. Es un efecto hermoso.

MARTÍN - Es un efecto hipnótico.

MORA - Creo que mi cuerpo podría acostumbrarse a este letargo.

MARTÍN - Mis pulsaciones se aceleran, las imágenes se aceleran. Mis pulsaciones fallan, las imágenes fallan.

MORA - Lentamente, dejo caer las bolsas del supermercado, y un frasco de mermelada estalla como una granada contra el parquet. Es una mermelada carísima. No lo puedo creer. Hay algo que no está bien. Esto es un desastre.

DANA - Soñé que no podía dormir, y que todos mis vecinos me denunciaban por no poder dormir. Yo los ignoraba, pero ellos me amenazaban. Me dejaban notas por debajo de la puerta. Una de ellas, decía: “nos estamos organizando. Somos un ejército. Si esta noche no te dormís, te vamos a ir a buscar, y la vas a pasar mal”.

MORA - Mis piernas están completamente cubiertas de mermelada. Levanto las bolsas, y me doy cuenta que compré todo para la cena con mi padre, pero mentalmente, la tenía cancelada. Ya está. Le voy a decir que venga, y me voy a poner a cocinar. No tengo otra cosa para hacer.

MARTÍN - Luego de un semáforo me pongo a correr a la par de un colectivo. Al conductor no le gusta mi presencia. Me insulta, desafortunadamente, y amenaza con atropellarme en la próxima cuadra. El colectivo acelera, y yo acelero. Es una competencia absurda. Ya no registro mi cuerpo. No siento nada.

Tiempo

DANA - Golpean la puerta, y no contesto. ¿Esto está sucediendo? Parece que del otro lado hay una manifestación de vecinos. Cantan y gritan. Quieren mi cabeza. Arman cánticos para que todo el edificio se los aprenda. Me vibra el celular. Es un mensaje de ella.

MORA - Hola, soy yo. Estoy un poco confundida con toda la situación. O sea, me fui de tu departamento, con más ganas de quedarme, que de irme. Pero me fui. Y ahora rompí un frasco de mermelada carísima. Esto es un desastre. También, le escribí a mi padre. Hoy a la noche viene a cenar. No sé bien por qué lo invité. ¿te querés sumar?

MARTÍN - Creo que es esto lo que buscaba. Llegar hasta el final de cada cosa. Correr a la par de los acontecimientos, para que estos, no me pasen por encima. El colectivo es un acontecimiento, y yo corro a la par, como un perro con la lengua afuera, para estar ahí. Estar ahí cuando las cosas estallan.

MORA - Corto algunas verduras, como una autómatas, mientras observo las formas irregulares que genera la mermelada sobre el parquet. La mermelada fluye lentamente desde los muebles hasta el piso, y se escurre por debajo de la puerta.

MARTÍN - Hoy tengo que ir a cenar con mi hija. No entiendo para qué me invito. Cada dos o tres semanas, llama para insultarme, sistemáticamente.

DANA - Los cánticos e insultos aumentan, y empiezo a notar un movimiento extraño. Mis vecinos se filtran como hormigas por debajo de la puerta. Son muchísimos, y muy chiquitos. Intento pisarlos, pero se multiplican con cada pisada.

MARTÍN - Nuestro vínculo es insostenible. Creo que ella me odia. Pero ya está. Le confirmé, y voy a estar ahí.

DANA - Todos tienen la voz finita, pero muy potente. ¿está sonando un celular?

MORA - No pienso atender. ¡Estoy ocupada!

DANA - ¿Alguien puede atender esa llamada?

MORA - No voy a atender!

DANA - Mis vecinos, destruyen el departamento. Un grupo de ancianos tiran los muebles por el balcón, y un grupo de adolescentes mean y hacen grafitis en el living. Me abruma con su temperamento y determinación. No tengo manera de detenerlos.

MARTÍN - Inhalo, exhalo, y vuelvo a aumentar el ritmo. Creo que perdí la noción del tiempo, pero no me puedo detener. En algún momento debería volver.

MORA - Todavía falta una hora, y media para que llegue mi padre, y ya tengo la cena preparada.

DANA - El encargado del edificio junto con su mujer incitan a actividades vandálicas. Arman una especie de barricada en medio del living, y comienzan a quemar todo.

MORA - Armé la mesa con dos platos, dos copas, dos tenedores, dos cuchillos.

DANA - ¡Todo lo mío arde entre gritos y cánticos vecinales!

MORA - Un centro de mesa de porcelana, una botella de vino, y un agua con bajo contenido de sodio.

MARTÍN - Mis brazos se desploman, y una puntada en el pecho, me parte al medio. Todo se detiene.

Tiempo

DANA - Creo que voy a intentar dormir un poco.

MARTÍN - Caigo de rodillas, y siento que mi corazón estalla como una granada. Saco el celular, busco el número de mi hija y la llamo.

MORA - Me siento a la mesa, y me doy cuenta que no limpié la mermelada del parquet. Ahora, unas hormigas cubren de manera parcial la mancha viscosa. No me molesta, puedo convivir con eso. Creo que un poco me gusta. Si, definitivamente, me gusta. Mi celular no deja de sonar. No pienso atender en todo el día. Atardece, pero tampoco voy a encender las luces. Voy a quedarme quieta hasta que todo quede a oscuras.

Apagón

MANUAL PARA SOBREVIVIR EN UNA JAULA CON LA PUERTA ABIERTA

Cali Dramática ⁵⁸

(colectivo de investigación y creación dramática)
(Cali – Colombia)

⁵⁸ Colectivo de investigación y creación dramática creado en 2017 en la ciudad de Cali, Colombia. Conformado por Mayerly Soto, Paola A. Charria, Lina Ramirez y Steven Buendía Damelines, egresados de la Licenciatura en Arte Dramático de la Universidad del Valle y primera cohorte del Laboratorio Escuela de Escritura Escénica LEEE. Como integrantes y co-fundadoras del colectivo, están interesadas por generar nuevos espacios de indagación en torno a la escritura dramática, parten del juego como base de exploración y realizan proyectos tanto individuales

Hora azul

Cuando en el cielo no veas ni la luz del día, ni la más completa oscuridad: Descálzate. Observa el nuevo paisaje y cierra los ojos.

Trato de imaginar algo que me calme la sed
aprieto los ojos fuertemente y pienso en casa
mis pulmones se expanden se inflan se llenan de un olor familiar
líquido negro que cae
gota a gota
papá me contó que algunos campesinos le echan sangre de res al café para
mantener su color
y la imagen estalla de nuevo en mi cabeza
siento que la boca se me hace agua
vibra
siento calor
bochorno de infancia
logro escuchar el ruido de mi cuadra
los niños corriendo
las motos que pasan
uno dos cinco nueve muchas
los vendedores gritando
mazamorra
tamales
materas
limones
todo fresco

como de
creación
colectiva en
donde vinculan
el lenguaje
escrito con
diferentes
registros
artísticos,
generando
propuestas
literarias y
escénicas bajo
un registro
expandido.

todo barato
todo bien

un árbol gigante y verde
cae en cámara lenta

la salsa brava se combina con música cristiana
el reggaetón se combina con música para planchar
los vallenatos y los vecinos cantando en sus casas

escucho a mamá
mamá cortando
mamá picando
mamá moliendo
el sonido líquido cae en los pocillos
y siento su olor oscuro
olor negro y rojo
olor a sangre y azúcar

el árbol que cae
se detiene en el aire
en pausa

aprieto más fuerte los ojos
veo a papá golpeando una sartén con una cuchara siempre la misma cuchara
siempre la misma sartén
papá intenta seguir el ritmo de una canción que no consigo escuchar
y baila solo repasando sus pasos de juventud que ahora son más lentos
invita a bailar al perro que lo mira moviendo la cola sin entender nada mamá
mueve sus manos pidiendo menos volumen
quizás
el olor oscuro humo sube y crece es domingo
y mamá se rinde ante el ruido y también baila
mientras el perro le ladra a la silueta de alguien que mira por la ventana

abro los ojos

la sed sigue intacta cuando abro los ojos

pero puedo escuchar de nuevo la canción

el árbol gigante y verde continúa rumbo al suelo
su caída hace nacer un enorme silencio.

Ante meridiem

*Antes que tu sombra desaparezca en el Meridiano: dibuja el invierno, prepárate
un café e intenta tragarte la primavera.*

Despertar. Que la primera cosa que haga no sea mirar el celular. Ya me acostumbré a ver la *météo* en la pantalla, quiero ver a qué temperatura estamos hoy... Salgo de la cama. Eso sí que es duro, está tan calentita y afuera tan frío. Camino por el pasillo. Saludo a mi hermana. Llego a la sala. Saludo a M. Hay sol, hace frío, pero hay sol. Hace tiempo un médico me recomendó tomar cinco minutos de solecito, si era posible desnuda, por ambos lados del cuerpo. Yo no había entendido eso hasta que probé vivir sin sol por cinco meses. Voy a la cocina. Abro una bolsa de café y huelo los granos. Uf, qué rico. Lleno la jarra de agua y la pongo en el hervidor. En este país no pones a hervir agua en una olla como en el mío, no, acá tienen una máquina para todo. Mientras el agua hierve pongo los granitos de café en la moledora, los veo deshacerse, me aseguro de que queden bien molidos. Coloco el polvo en el colador traído desde Colombia, otra cosa que no existe en este país; *café de media*, lo llaman en casa. El agua ya hirvió. Tomo la jarra y riego la justa cantidad. Toma tiempo. Normalmente me aburre esperar, pero hoy disfruto hacerlo. Pongo la cara en el vaporcito que sale, siento el olor a café fuerte, café de Honduras –que nadie sepa que no me gusta el colombiano, muy ácido—. Termino de llenar el recipiente. Suficiente café para tres tazas y media.

Tomo un libro, salgo al balcón, me siento y leo. No puedo salir desnuda. Mucho frío, mucho vecino. Pero sí puedo sentir el sol en el rostro, que alegría. Leo, huelo mi café y me distraigo con los patos que pasan, *las poules d'eau* y el pequeño *Cormoran* que hizo nido justo enfrente de nosotros. El otro día M. dijo que vio una cigüeña volar, atrapar un pez y seguir su camino. ¿Yo por qué nunca he visto eso? Hace mes y medio encontraron un muerto en el río, a unas cuantas casas de la nuestra. Y yo que pensé que los muertos solo nadaban en el río Cauca.

Más tarde tomaré tiempo para estirar, hacer el saludo al sol y meditar—lo que pueda, soy muy tiesa y todo me duele—. Si me sentara a hablar de cómo he intentado meditar estos días no podría decir nada. Bueno... nada salvo esto: ¿qué es eso de andar escuchándose a uno mismo? ¿Qué es eso? Enserio. Eso no es así como así que yo llego un día y me voy escuchando a mí misma y luego me pongo a hacer lo que quiero. No. Lo que hago trae consecuencias... consecuencias dolorosas. Eso es lo que veo cuando cierro los ojos: la libertad que todo el tiempo estamos reclamando no es tan hermosa como creemos, a mí a veces me gustaría estar amarrada, para no tener que lidiar con su peso.

El sol se acaba de esconder, ahora sí se siente el frío, pero quiero aguantar un poco más, es lo más cerca que estoy de estar afuera. Sigo leyendo; un trans enamorado de una actriz porno. Qué bonito, me emociona. No quiero que mi libro se termine.

Algunos insectos vienen a visitarme: una araña y una abeja. Ayer vi una mariquita, le tomé una foto. ¿Hasta qué punto me he vuelto dependiente del celu? No me siento mal por eso, pero sí me he sentido cansada... es porque Colombia me hace falta, quiero saber cómo están mis amigos. Sentir como si estuvieran a mi lado, riendo y tomando cerveza en algún andén. Me gusta tanto reír. No lo sabía hasta que llegué acá y dejé de hacerlo.

Casi siempre cuando me despierto es hora de almuerzo pero yo nunca quiero almorzar. No. Yo quiero poder tomarme tranquila mi café, desayunar a la hora que me dé la gana. Si me levanto tan tarde es porque no duermo en las noches. Mis noches acá son las noches colombianas. Yo sé que debería descansar, pero es que entre la una y las seis de la mañana es el único momento del día en que puedo ser completamente yo. Sin fingir NADA. Bendita sea la calma de la madrugada, su silencio. Mientras la casa duerme, me acuesto en el sofá, escucho *Songs from the Bardo*, pienso en cosas de la vida e intento llorar. Digo *intento* porque hace algunos días que tengo el llanto bloqueado. No es nada grave, simplemente no sale. Bueno... a veces sí me parece grave porque me desespero tanto que recurro a otras cosas. Quiero llorar esto, pero no puedo.

Cuando el insomnio me ataca, que llegan las siete de la mañana y yo todavía no me he dormido, me paro a ver el color del cielo; es de un negro intenso

que empieza a convertirse en azul por el amanecer. También me quedo mirando los rayitos de sol que entran por la persiana y se proyectan en la pared de mi cuarto. Me pongo a pensar en las fotos que podría tomar con esa luz, en el tiempo que pierdo por no levantarme en las mañanas, en el deterioro de mi cuerpo por no dejarlo descansar, en el futuro –que nunca en mi vida había visto tan incierto— y en la tranquilidad que siento al pensar que siempre está la muerte como solución.

Ya no aguanto el frío, me voy a entrar. Una nube muy grande escondió el sol, no creo que vuelva a salir por un buen rato. Antes de pararme veo el árbol que está enfrente del balcón. Ayer el vecino le cortó sus ramas. Hace un año, cuando llegué, estaba igual y yo pensaba que era un árbol joven que tenía que agarrar primaveras, pero no, no es joven, solo le cortan sus ramas a mediados de marzo. Siento lástima por él. Que no lo dejen crecer como le da la gana. Quisiera liberarlo, pero no sé cómo se libera un árbol. Me quedo mirándolo atenta por mucho tiempo. No lo había visto pero ahí está: una hoja tímida, de color rojo, está naciendo en la punta de una de sus ramas.

Cenit

*Cuando el sol se encuentre justo sobre tu cabeza:
invéntate un Dios y olvídate de él.*

Una niña monta bicicleta dentro del garaje de su casa. Como es amplio da vueltas y vueltas. Primero hacia la derecha, siguiendo las manecillas del reloj. Luego se baja de ella, da la vuelta y empieza andar hacia la izquierda. Ese lado se le dificulta más. Digo, girar. Se le dificulta más girar hacia la izquierda. Parece un pez dorado que gira y gira dentro de su pecera. La niña pez no se ha percatado de su encierro. Monta su bicicleta como si estuviera dando un paseo por el parque. Cuando se cansa, deja la bicicleta apoyada sobre una de las paredes y sube a su casa. Todas las tardes la niña cumple su rutina de pez. Es feliz, o, al menos, parece feliz. La niña sabe que no es normal montar bicicleta dentro de un garaje, que lo normal es hacerlo afuera, con papá y mamá, con los amiguitos de la cuadra. Pero en esta cuadra no hay amiguitos. Es un barrio de gente mayor, y la gente mayor, al menos en este país, se queda encerrada en sus casas. En sus propias peceras. Adornadas con piedrecitas de colores y algas de plástico. Peces viejos que sólo salen de sus rincones cuando les llueve alimento del cielo. No, del cielo no. De arriba.

Porque los peces de pecera no tienen cielo, tienen arriba. De arriba viene el alimento. De arriba la mano de Dios. De arriba vienen los nuevos y por arriba sacan a los que ya no nadan sino que flotan panza arriba.

La niña pez aún no piensa que un día estará boca arriba, esperando que la mano de Dios la saque de su garaje pecera. La niña pez sólo piensa en girar, no importa que aún no domine los giros por la izquierda. Eso es lo de menos. El encierro es lo de menos.

Un día la niña será una mujer pez. Pasarán veinte años y no olvidará su bicicleta. Aprenderá a girar hacia la izquierda pero ya no tendrá bicicleta. Estará dentro de su casa pecera. Nadará de un rincón a otro. Pero la mano de Dios no llegará. No entrará por arriba. Dios se habrá olvidado de alimentar a sus peces. Dios se aburrirá de nosotros. Ya no oírás más nuestro gluglú. El gluglú de los peces torpes.

Arrebol

*Cuando los rayos del sol pinten las nubes de rojo:
llora y tómate una foto.*

¿Cómo nos puede salir tanta agua de los ojos?

Porque es agua ¿no?, lo que derramamos cuando estamos tristes. Bueno. No sólo tristes. También cuando tenemos rabia. O cuando estamos muy muy felices. Incluso si nos reímos mucho también. Nos sale agua de los ojos. Agua salada.

A mí me gusta sentir cuando las gotitas se resbalan por mis mejillas. Despacio. Como acariciándome.

No me gusta que se me salgan los mocos. Hace que llorar se vea feo. En realidad, es lo único feo de llorar. Porque de resto, creo que llorar es hermoso. Creo que mi rostro es hermoso cuando lloro. Con los ojos rojitos y las pestañas encharcadas.

Me encantaría que me tomaran fotos mientras lloro.

En las fotos siempre nos estamos riendo. Deberíamos tener un álbum de

fotos donde toda la familia esté llorando. Y decir: Mirá. Esta soy yo a los diez años. Estaba llorando porque quería tener novio pero mi mamá dijo que era muy pequeña y debía esperar.

¡Mirá! ¡Mirá! Esta es mi mamá llorando cuando se murió su mejor amiga por un cáncer. Ahhh, éste es el día que se murió Chocolate. Era una tacita de té. Todos lo amábamos. Ese día mi papá fue el que más lloró.

¿Sería lindo, no? Y así todos nos sentiríamos orgullosos de llorar. Y no tendríamos que escondernos. Sería tan lindo como reír. Aparecer llorando con libertad. Y decir: ¡Foto! ¡Foto! A ver. Todos llorando. A la una. A las dos. ¡A las tres!

Noche intempesta

Cuando todos los animales reposen profundamente: siembra.

Haz un orificio, hecha agua, espera.

Yazco tendida en el suelo, soy parte de la tierra. Las raíces de mis manos abrazan el fruto mojado. Respiro y cada exhalación hace mover los árboles, bailan mientras me ahogo.

¿Acaso perdí las lágrimas en la ciudad?

Quiero abrir los ojos pero los párpados se han vuelto dependientes el uno del otro. La niña interna quiere hacer pataleta y se mueve, vomito.

¿Acaso el vómito es inquisidor?

Viene a mí y latiga mi garganta, la destroza, la libera. Las palabras salen a borbotones, allí están en hilera, riéndose, acusándome, descansando.

¿Cuántas veces dije sí al decir no?

La ropa me pesa, la tierra me llama, soy presa de mis vestidos. Entre más cercana la siento, más lejana estoy, más material, más humana, más distante de mis raíces.

¿Qué raíces?

No tengo ancestros. Mi árbol genealógico se ha perdido en el tiempo, no

recuerdo a mi madre, no recuerdo a mi abuela, no recuerdo a mi bisabuela,
no recuerdo a mi tatarabuela.

Soy una semilla sin fruto.

La tierra busca parir.

La revolución empieza en la tierra.

La tierra es una niña en el bosque buscando la misericordia en medio de la
noche. La niña no escucha, duda. La niña está petrificada y en silencio. La
niña huye. La niña se pierde. La niña siembra un dedo para encontrar una
mano. La niña no sabe ser niña. La niña es rasgada. La niña corre desnuda.
La niña sube y baja, está encima y está debajo. La niña llora, ríe, grita. La niña
sin voz, no recuerda. La niña tiene dentro otra niña; la niña escondida en su
cuerpo.

La tierra es una niña en medio del bosque.

Mis raíces fueron mutiladas tantas veces que ya no las recuerdo. Veneno a
extirpar, voz infantil, muslos deformes, llanto tóxico, senos vulgares, oídos
sordos, boca muda, manos hirientes.

Mis piernas no se doblagan:

“Muévete”

“Más rápido”

“Abre las piernas”

“Arriba”

“Abre la boca”

“Por atrás”

“Por delante”

“En cuatro”

“En el sofá”

“En la calle”

“A oscuras”

“Más duro”

“Más lento”

“Gime”
“Grita”
“Llora”
“Gime”
“Grita”
“Llora”
“Eso”
“Rápido”
“Más rápido”
“Eso”

Silencio.

“Bájate”

Estoy acostada en la tierra con mi fruto mojado. Con mis manos como raíces. Con mi boca muda. Con mis ojos secos. Con mi sexo infértil. Con mi espalda venenosa. Soy la niña perdida en el bosque, quisiera estar tres metros bajo tierra. Quisiera recibir el rocío del cielo, quisiera que la lluvia inundara mis ojos, quisiera ser ese río que pierde su caudal y brota en púas que se adhieren a la garganta, sangra mientras calla. Quisiera ser la tierra escondida en lo más profundo del bosque, la niña en el bosque, respirar la tierra, allá, lejos, fuera, tendida en el silencio del cemento.

NOS VEMOS LUNES. MONÁRQUICO MONÓLOGO DE UN VIRUS

Carolina Marschoff⁵⁹
(La Plata - Argentina)

⁵⁹ Bailarina-Actriz.
Investigadora
en CICES-UNLP.
Profesora
de Teatro en
Unidad n 8 Los
Hornos-Bs.As.
Autora del libro
Mamá quiero
ser bailarina (en
prensa)

- Chau chicas, nos vemos el lunes. Cuídense. -

Y la puerta, como dice el bolero, se cerró detrás de mí. O mejor dicho la reja, porque salía de la cárcel.

- ¿Cómo se tramita el encierro? -

- Y... Por ahora lo vamos llevando... - Me cuenta mi amiga María, que vive en España y está al borde del colapso porque el infeliz malparido del profesor de 2º grado de su hijo, le manda todos los días 16 hojas de tareas. 16 hojas de tareas para un mocoso de 8 años es saña, pura saña. Creo yo que a ese profesor lo deben haber encerrado repetidas veces durante su infancia y ahora es un psicópata encubierto, que parece solo un maestrillo estricto pero en cualquier momento te baja tres tipos de un saque...

- Chau chicas, nos vemos el lunes. Cuídense. -

Y ¡zas! Me quedé encerrada yo. Ellas llevan años, la deben tener re clara, o no, pero se las arreglan. Cuando el pasador de la sala donde doy clase se cierra, porque justo en mi horario cae el recuento (tengo una suerte...), un mínimo escalofrío corre por mi espalda. Cuando recién empecé temblaba toda ante ese sonido, que a esta altura controlo y casi ni se nota. O eso creo y es más que suficiente. Cuando escucho de nuevo el pasador me vuelve, como decía mi abuela, "el alma al cuerpo" porque puedo salir de ahí. Yo puedo. Ellas no.

- ¿Cómo se tramita el encierro? -

- Y que querés que te diga boluda, no aguanto más. Salgo de esta ¡Y lo mando

a Ezequiel a la mierda! - Me cuenta por audio de whatsapp otra amiga que se quedó encerrada con el marido y justo este encierro, parafraseando a Adela, la agarró en la peor época de su vida. Yo por suerte vengo bien, pero me da una angustia su "época"... Espero que no se broten y todo termine en tragedia. Si toda separación es un despelote siempre, imagínate viviendo los dos encerrados en un departamento de 56 mts². Menos mal que todavía no tienen hijos.

- Chau chicas, nos vemos el lunes. Cuídense. -

Y otra vez el recuento. - González... Blanco... Ortega Villaba... Figueroa... Merstoff... Rinaghi... y Pérez Ayala, suban. No se pueden quedar al otro taller, no están en la lista - La oficial, rubia, preciosa y muy amable las dirige a sus celdas. Es muy copada y las chicas la quieren, pero nadie lo puede saber. A veces cuando entra le convidamos mate y pobrecita, duda antes de aceptar un amargo. La otra, que es rubia pero las chicas dicen que es "morocha arrepentida", es más mala. Como el profesor del hijo de mi amiga.

- ¿Cómo se tramita el encierro? -

El chino que me atendió hoy en el súper estaba vestido como un técnico de la NASA. Apenas entré y lo vi tuve que aguantarme el estornudo que me vino de golpe, porque si llegaba a estornudar creo que me fumigaba con insecticida *ipso facto*. Ahora que pienso: el desgraciado debe haber tirado alguna porquería de esas por todo el local y me agarró alergia. Encima salí y no pude estornudar más. ¡Me da una bronca cuando el estornudo se te queda ahí, en la punta de la nariz! Literal.

- Chau chicas, nos vemos el lunes. Cuídense. -

Mientras salía, no sé por que, se me dio por pensar en mis alumnitos del taller de arte en un club de barrio pobre-pobre y que no hay nada de lo que yo haga, lleve o diga que pueda aliviar sus situaciones. Ellos también están encerrados, pero afuera. - ¿Porque no viniste más seño? - Me preguntó uno hace meses cuando los volví a ver. Y me sentí una porquería, tratando de inventar la respuesta menos mala ante una situación horrible. ¿Qué les iba a decir? ¿Qué como ni el estado, ni la institución por la cual fui se encargaban de darles lo mínimo indispensable, yo no iba a tranzar haciendo una

beneficencia corrupta? Y menos bajo el nombre oligarca de “Taller de Arte”. Soy una burguesa tilinga de manual. Pero no tranzo. Y lo peor, tan perversos son que ni siquiera se tomaron la delicadeza de avisarles.

- ¿Cómo se tramita el encierro? -

- ¡Teléfono! ¡Atendé Gustavo que debe ser tu vieja! ¡Dijo que me iba a llamar!
- Es clavado. Yo me meto al baño y suena el teléfono, o el timbre, o justo termina el lavarropas y empieza con ese silbido infumable a trepanarte los oídos. Como si la ropa se estuviera ahogando ¡Qué sé yo! Toda la ciudad en cuarentena y no puedo ir al baño sin que me interrumpen...

- Chau chicas, nos vemos el lunes. Cuídense. -

Tiene mala fama el lunes, pero acá el encierro por cuarentena empezó un viernes. Que contradictorio ¿No? Cuando empecé a trabajar en la escuela de la cárcel uno de los días que elegí para ir, fue el lunes. Odio los lunes pero me encanta ir a dar clase a la cárcel.

- ¿Cómo se tramita el encierro? -

Mi prima se hartó y salió a correr en su parque. Hace running y entrena todo el año para correr una maratón. Encima se puso ese relojito que usan para medir cuanto corren, cuantas calorías gastan, en que tiempo hacen todo eso y como si fuera poco te muestra un planito de la ruta que hiciste. Claro, le salió para la mona. Todo un garabato de líneas y curvas superpuestas, que si te agarra un psicólogo o psicóloga te inventa un complejo de la gran siete. Edipo queda hecho un poroto.

- Chau chicas, nos vemos el lunes. Cuídense. -

La cárcel está que no puede más. Goteras, paredes descascaradas, llenas de humedad. Ventanas sin vidrios, baños estallados. El encierro hace estragos hasta en los muros. El encierro, pero más el olvido. El año pasado, con varios tachos con sobras de pintura, pintamos el lugar donde hacemos la clase. Pintamos es una forma de decir. Las chicas hicieron todo el trabajo. Yo fui su conexión con la ferretería del barrio para ir a comprar los materiales que faltaran. Pero a esta altura el olvido hizo que la humedad volviera, dibujando

un mapa siniestro en varias paredes. Aun así los colores originales todavía se notan y hacen que todo sea un poco más alegre. En realidad nos recuerda la alegría del día en que las pintamos.

- ¿Cómo se tramita el encierro? -

“Mamá, me aburro”. Ahí sonaste. Porque las criaturas de hoy, serán las mujeres y los hombres del mañana, pero hoy rompen las pelotas a niveles estratosféricos. Claro, si apenas nacen ya los estamos bombardeando con 358 juguetes “didácticos” para que desarrollen su “inteligencia”. Antes de eso, le ponemos la obra completa de Mozart con auriculares a la panza porque parece que así te nace una Madame Curie o un Einstein y por si fuera poco a los dos años de su nacimiento, nos encontramos entablando una discusión filosófica con el “tesoro” sobre la necesidad de cambiarle el pañal y que no se quede con el culo cagado, porque va a terminar con la piel al rojo vivo. Y ahora que nos agarró la cuarentena pretendemos que no se aburra. Como si aburrirse un poco fuera una de las siete plagas de Egipto.

- Chau chicas, nos vemos el lunes. Cuídense. -

Romi se desvela. Todas las noches se desvela. Yo la veo dos veces por semana nomás y sé que está agotada. Pero su novia me contó que le pasa todas las noches. También me contó que ella le contó que aprendió a ver la luna y las estrellas en la cárcel, que antes nunca les había prestado atención porque las noches encerradas en la casilla donde vivía con su mamá y sus hermanos, eran noches de hambre y el hambre no te deja ver nada. Nada de nada. Encerrada en la cárcel tiene menos hambre y ella dice que eso la deja aprender.

- ¿Cómo se tramita el encierro? -

- ¡¿Vos podés creer?!- Me dice mi compañera de la oficina enardecida cual líder político en discurso de campaña - Me tienen harta. Todo el año jodiendo para que les salve el presentismo, porque se quieren quedar en la casa. Todos los meses contando cuantos feriados tiene cada uno, para quedarse en la casa. Todo el invierno rogando que llueva a cántaros, para quedarse en la casa. Y una vez que se le pide a toda la comunidad que se queden en sus casas, ¿Qué pasa? Los pelotudos salen. Si los echan a la mierda que se

jodan. Y que no vengan llorando después. Ahhhh!!!! ¿Querías quedarte en casa? ¡Ahí tenés!-

- Chau chicas, nos vemos el lunes. Cuídense. -

Hay días que la angustia me llega apenas la oficial a cargo de los ingresos de ese día me anuncia. Son correctas y están obligadas a tratar de “usted”. Muchas de ellas son pibas que tampoco han tenido una vida fácil (no la tienen todavía) y están vigilando y castigando a las otras que la pasaron un poco peor. Como una pelea de pobres contra pobres. Como mis pibes del club, pero de adultos. Si lo sabrá Florencia, que era policía y por un asunto “raro” se está comiendo seis años adentro... Repito tres veces lo mismo delante de cada nueva reja que voy pasando: Apellido y nombre. Número de Documento. Taller que doy. Institución a la que pertenezco. Por suerte la alteración feliz de las chicas, cada vez que llego, me saca esa angustia de mierda de un sacudón.

- ¿Cómo se tramita el encierro? -

- ¿Le puedo hablar de Cristo? - Le pregunta el alumno al profesor, aprovechando la paranoia de la pandemia y lo que hablaron en la última clase pre cuarentena, apenas suben al ascensor. El hombre sospecha que es de alguna iglesia de esas que, pobrecitos, los mandan a quemarle la cabeza a la gente andá a saber con qué real objetivo. ¿Será como una tarjeta de puntos por compra, como las del súper pero en vez de tarjetas ellos suman puntos con conversos? Y ahí nomás le contesta: - Ni en pedo. - Da seguridad la voz del profe, aun cuando parece que te está hablando en broma. Silencio absoluto durante la bajada de los tres pisos más extensos del universo. Al abrirse la puerta, se apiada del chico y le dice - Ni te gastes conmigo, soy el único profesor en el mundo que convirtió a un testigo de Jehová al ateísmo. - El pibe se baja sonriendo con sarcasmo, ese que te presta cada tanto la fe. Lo que no sabe, lo mejor, es que fue verdad.

- Chau chicas, nos vemos el lunes. Cuídense. -

Parecía que estaba bien. La última clase se animó a pasar y todo. Vanesa parecía que estaba bien, pero tenía el alma rota. Sus compañeras de celda la malcriaban todo lo que podían, pero no alcanzó. Hay cosas en la vida que

te rompen para siempre. Cuando la pudieron descolgar, su cuerpo pequeño era igualito al de una nena.

- ¿Cómo se tramita el encierro? -

- Chau chicas, nos vemos el lunes. Cuídense -

LUNA VAMPIRA

⁶⁰ Dramaturgo y director. Autor de *Los hombres vuelven al monte*. Docente en la Escuela Metropolitana de Arte Dramático de la Ciudad de Buenos Aires.

Fabián Díaz ⁶⁰
(Buenos Aires - Argentina)

Entra luz
Por la puerta y la ventana por los ojos entra luz
veo la luna
gris plomizo
entera
completa
hinchada
como una estaca de plata apuntando mi corazón.
Tengo 15
o
16.
El pelo me lo peino con gel me hago un jopo,
mezcla Palito Ortega - Sandro - Luis miguel.
Me perfumo para vos.
Tengo una camisa
Negra
Es brillante como de gaza.
Te voy a besar.
Hoy.
Porque es sábado.
Porque es día de amantes

Porque me cantaste toda la semana desde tu ventana
Y te escuché.

*En tu pelo tengo yo, el cielo
En tus brazos el calor, del sol
En tus ojos tengo luz, de luna
Y en tus lágrimas sabor, del mar...*

Eso cantás.
se me queda grabado como un camino de lava

y sé que es para mí.
Como sé que hoy es sábado y que el pelo brilla
y que la luna entra espectral.
Lo sé.
Como sé que la camisa negra va a ser muy grasa en 5 años,
Pero hoy brilla deslumbrante como la noche .
Y sé que me cantás a mí
como sé que todavía con 15 años o 16
las entradas en la frente todavía no existen.
Y lo sé todo con la certeza de quién descubre
que esta ventana es una frontera
de que esta piel es el límite.

Me vas a besar.
Sé
que
cuando la peste pase
nos vamos a encontrar
dando vueltas
merodeando la pista
del único boliche
de este lugar
que es un pueblo en el medio de la nada.
Espectra Disco,
ese lugar
que en 10 años va a ser una casa gigante de electrodomésticos donde
tal vez
nos vamos a endeudar en 12, 18, 24 cuotas porque vamos a ser estables y
organizados.
En 10 años
cuando vos ya
tal vez no me cantes ni a mí, ni a nadie o tal vez
seas ya
fiel
silenciosa
ordinaria
o te hayas desquiciado para siempre en este mundo vampiro.

Mundo en el que yo,
en 10 años tal vez
no deje que la luna me confunda
y me dedique a los días soleados en algún paisaje ahora desconocido y sea
un hombre cualquiera desencantados de los vampiros
y la noche.

Pero ahora
esa pista de baile
Espectra
es nuestro destino de amantes para el encuentro inevitable de mi camisa
de gaza brillante
y tu vaquero
que ahora todos dicen jean,
pero que es
tu único pantalón
más hermoso
que la vida
toda.

Y si Espectra
como un volcán
nos escupe
y nos deja desamparados en estas callejuelas
daremos vueltas en la calesita de la plaza municipal.
Medio borrachos
Medio aburridos
Medio dormidos a las 4
O 5 de la mañana.
Y va a ser.
antes de que la luna entre
antes de la primera luz del sol que
a los 16 o 17
no queremos ver,
por que es el fin de nuestra noche: El sol es la estaca en el corazón.

Antes de la primera luz del alba
luz asesina de nuestra juventud espesa

vos y yo
como vampiros
merodeando el pueblo
iremos en busca de nuestros labios para besarnos y desde ahí morder
nuestros cuellos.

Sos vos.
La que canta cumbia
Vos.
Que sabés que yo te escucho como si las palabras
así
con tu voz
saliesen
de lo profundo de un antiguo mundo desconocido
para aniquilar con fuego la peste
esta separación
este silencio que come la tierra

Sos vos
O es tu voz
O lo que yo imagino.
Rebotando por los pasillos del barrio
Este barrio que en 15 años no tendrá nada reconocible.
Y donde nadie nos reconocerá.
Porque lo habremos abandonado
Y nunca nunca nunca habremos vuelto.
Cuando salgamos
como vampiros
vamos a ir buscando un paredón oscuro en la noche:
Para besarnos
Para dejar en la boca el humo
el aliento pesado de cerveza.
Esa boca tuya, mi amor, que ahora canta
pero que al besarnos estará tibia del humo del cigarrillo

Y me vas a hacer un chupón.
De vampiro.
Que va a dejar correr un eco

Como quien crea una cumbia épica.
Y vas a perforar la piel
Con los colmillos
Y vas a grabar
En mí
Tu nombre.

Y yo, entonces, voy a temblar de amor por vos
Este sábado a los 15 o 16
me pone salvaje.
Por que sé que en 15 o 20 años
voy a querer que vuelvas a morderme

Cualquier pendeja del barrio canta
Pero vos
Vos
Vos
sos de otro mundo
y hoy cantás
cantás para mí:

*Por tu pelo y por tus brazos,
Por tus ojos y tu boca
Por tus lágrimas y voz, me muero.*

y tu canto desarma este encierro.
Y prendo un pucho y abro la ventana y saboreo
una bocanada de Camel.
Un cigarrillo que 25 años después tal vez ya no existe
Y que tal vez ya no importe
Porque 30 años después
Fumar nos parecerá que hace mal a la salud.
Pero ese humo ahora,
de par en par la ventana abierta,
se mezcla con el gustito dulce
del chicle de menta de tus besos
Y se convierte un vapor de otoño.

Aspiro el humo Camel.
Me lo guardo en los pulmones
como quien sabe
que cuando el mundo
paralizado
despierte de golpe
va necesitar un resquicio de aire para existir.
Porque en ese mundo
alumbrado por la luna
vos
hoy
tenés 15 o 16
y sos inmortal.
Aunque
quién sabe qué nos pasará.

Te escucho cantar
Busco una cerveza.
Te escucho
Voy al kiosco: Los Camel.
Te escucha mi camisa
mi pelo
mis dedos.
Esto
todo
Todo esto
Es una gran cumbia nena.

Abro la ventana
De este edificio
De esta ciudad
Prendo un cigarrillo:

El destino de un vampiro arranca con la ventana abierta
Y ojalá hoy me sueñes.
Y mañana a la tardecita tararees
Y
Así

A la noche
Aúlles
Y yo
Otra vez
Convertido en murciélago
Escuche tu grito de perra, me arroje ciego a la noche

*Y explote de amor:
Por tu pelo y por tus brazos
Por tus ojos y tu boca
Por tus lágrimas y voz
Me muero.*

LOS 3 MR. IDIOTENSEN

Federico Bagnato⁶¹
(Lyon – Francia)

⁶¹ Artista
escénico,
docente,
investigador
y escritor.
Codirector de
la compañía La
Cuchara.

Personajes: Mr. Idiotensen; Biblioteca; Sillón

Escena única

Se ilumina la escena. Vemos el living con una biblioteca, un sillón y dos personajes mimetizados con cada uno. Suena la radio con noticias apocalípticas del Estado. Entra Mr. Idiotensen con un traje de protección antiviral, apaga la radio y mete el traje dentro de una caja.

SILLÓN - *(Cantando)* ¡Qué los cumplas...!

MR. IDIOTENSEN - Gracias, pero ahora no...

SILLÓN - Yo me ocupo *(Desinfecta el traje)*.

BIBLIOTECA - No voy a poder aguantar mucho más así...

SILLÓN - ¿Y, cómo te fue?

Mr. Idiotensen suspira y se desploma en el sillón.

BIBLIOTECA - Es obvio...

SILLÓN - ¿Obvio?

BIBLIOTECA - ¿Lo ves con algo?

MR. IDIOTENSEN - No me dieron nada, el otro día se me venció el carnet. No me acordaba.

BIBLIOTECA - Ya ni cartón quieren gastar. Igual ahora pasás al rojo. Cambiás de categoría...

SILLÓN - ¿Qué, no tenemos nada? (*Mr. Idiotensen niega*). ¡Lindo regalo de cumpleaños, eh! A ver, creo que hay algunas latas y pastillas. Más pastillas. ¿Quieres la lata de garbanzos?

BIBLIOTECA - (*A Mr. Idiotensen*) Te lo dije... (*A Sillón*) ¿No se lo dije? ¿Eh?

Mr. Idiotensen agarra la lata de garbanzos y se sienta a comerlos con una cuchara.

SILLÓN - ¡65! ¡Pa! Feliz cumpleaños ¿¡Quién lo diría!?! ¿Y cuándo te renuevan el carnet?

MR. IDIOTENSEN - No sé cómo es el tema con la nueva categoría. Esto me revuelve el estómago.

BIBLIOTECA - A estos hijos de puta no les importa nada. Hay carnet, hay caja. No hay carnet, no hay caja. Simple. Te quiero ver eh, ahora con 65, ¿de qué te disfrazás? Mirá a lo que llegamos...

MR. IDIOTENSEN - Puaj. Ni sal trae esto... (*Deja caer la lata. Sillón le da de comer en la boca*).

BIBLIOTECA - ¡Comé! Casi no tengo libros... Estoy vacío. Si seguimos así me voy a derrumbar.

SILLÓN - Lo bueno de estar en el piso, es que ya no se puede caer más bajo.

MR. IDIOTENSEN - Esto es decadente. Estar todo el día acá, sin hacer nada. Estoy como... (*Mr. Idiotensen deja de comer*). Me da un poco de miedo todo esto, la verdad.

BIBLIOTECA - ¡Tenés que reaccionar! ¿O vas a dejar que te pasen por arriba así nomás?

SILLÓN - ¿Por qué no te tomás una de esas pastillas para cambiar la cara?

BIBLIOTECA - Si te vas a matar, sonreile a la cámara. Por lo menos vas a hacer feliz al Estado.

MR. IDIOTENSEN - No voy a hacer nada. Ni ánimo de matarme tengo.

SILLÓN - Entonces comé, sino nosotros te vamos a comer por dentro. O peor, vas a desaparecer.

BIBLIOTECA - Es lo que quiere el Estado. Que los viejos como vos dejen de ser un gasto... Además, ¿qué sugerís que coma, más garbanzos? ¿O latas de qué? Mirá... ¿Qué hay, Sillón?

SILLÓN - ¡Qué tipo, eh! A ver. Lentejas, jardinera, porotos. Ravioles, paella, salchichas...

BIBLIOTECA - ¿No te suena raro que las latas sean lisas, que no se detallen los ingredientes? No tenés ni idea de lo que estás comiendo. Debe ser la misma pasta con saborizante diferente. No seas ingenuo. ¿Te pensás que a los más jóvenes no les dan la caja si se les vence el carnet? ¡Dejame de joder! Ya pasaste del otro lado, y te están probando. Quieren ver de qué sos capaz.

SILLÓN - No es así. Alguien tiene que poner control, sino... ¿no viste lo del 2° A?

BIBLIOTECA - Sí... ¡más control! ¡Idiotensen! ¿No te parece suficiente dos años de reclusión?

MR. IDIOTENSEN - *(Confundido)* Bueno, no es seguro afuera... la gente...

BIBLIOTECA - *(Interrumpe)* Está enferma... sí. ¿Todos? ¿Dos años enfermos? ¿Raro, no?

MR. IDIOTENSEN - Esperá, ¿qué pasa con el 2° A? ¿Quién vivía ahí?

SILLÓN - Ikanov, el ruso. Y todavía vive.

MR. IDIOTENSEN - ¿O sea que bajaste al 2°? ¡Con todas las cámaras! Si se llegan a enterar...

SILLÓN - No pasa nada. La semana pasada hubo algo con su caja de comida. No estaba... y eso que es más joven que vos. Y bueno, atrapó al gato de

Esther... Pobre Ikonov...

BIBLIOTECA - Es Ikonov. Y es checo.

MR. IDIOTENSEN - ¿Cuál era Esther?

SILLÓN - ¿Escuchaste? El tipo se comió al gato... Estuvo en la guerra, imagínate. Y yo vi cuando lo estaba enterrando atrás del arenero del patio. Esto es tierra de nadie.

BIBLIOTECA - ¿Cómo hizo para salir del departamento? ¿Ves lo que te digo? Corrés con desventaja.

MR. IDIOTENSEN - ¡Qué horror! Pobre Esther...

BIBLIOTECA - ¿Sabés las que deber haber pasado ese checo? No debe ser la primera vez que lo hace. Y esperá a que se le acaben los gatos... Te va a venir a buscar con el babero puesto.

SILLÓN - Dicen que es como el pollo... digo, el gato. Que tiene sabor a pollo. ¿Querés pollo? Creo que queda una lata. Y pastillas, sí, hay pastillas para todo menos para la edad. ¡Qué curioso! A esta altura...

MR. IDIOTENSEN - No sé si aguante mucho más... Siento como si me fuera vaciando de a poco.

BIBLIOTECA - Es una forma de verlo. ¡Pero ánimo! Acá estamos, somos algo más que contenido.

SILLÓN - *(Buscando entre las latas)* ¿No hay más latas sabor a torta?... ¿Café? Si se te acaban las pastillas podés pedirle prestadas al vecino. Vení, descansá un rato.

BIBLIOTECA - Claro, las chupás un poco y se la devolvés.

MR. IDIOTENSEN - Esos me dejarían morir antes que abrirme la puerta... *(Hacia la cámara)* ¿Será verdad eso de que nos miran y escuchan todo el día?

SILLÓN - Eso suena feo... ¡Es el Estado! Están para cuidarnos. Mirá si nos pasa algo, toco madera. Pero si te desmayás o te da un ACV, qué... Sin las cámaras nadie se enteraría.

MR. IDIOTENSEN - Si nos dejaran hablar con alguien, ellos se enterarían... Si pudiéramos salir...

BIBLIOTECA - ¡Ja! ¿Y pensar... y armar revueltas, marchas, paros, protestas? Delirás.

SILLÓN - Pero esos son los peores focos. Mirá el lado bueno. No van a negar que es por proteger a la patria, nuestros beneficios. Es momentáneo, hasta que todo se estabilice. Se pasa rápido.

BIBLIOTECA - ¿Qué beneficios? ... ¿Un momento de dos años?

SILLÓN - Es así. ¿Qué objeto tiene tenernos acá...?

BIBLIOTECA - ¿A nosotros? Comerle la cabeza a él. ¿No te das cuenta? Quieren que enloquezca.

MR. IDIOTENSEN - No estoy loco. Además da igual, si ustedes no estuvieran acá, estarían adentro.

BIBLIOTECA - Claro. Encerrados dentro. Igual que vos acá. ¿Ves? Todo se repite. *(Busca la cita en un libro de su biblioteca)* "Divide y vencerás". Te quieren quemar la cabeza.

MR. IDIOTENSEN - *(Desesperado)* ¡Ay! ¡Cómo extraño la vida cotidiana!

SILLÓN - ¿Qué cosa? ¿Estar expuesto al robo? ¿A que te atropelle un auto? ¿A los mendigos?

MR. IDIOTENSEN - No sé. Abrazar a alguien, hablarle... Hacer nada, pero por elección...

BIBLIOTECA - *(Tirándole libros)* El cine, el picnic en el parque, la música en la peatonal, la literatura. Ojo, la vida cotidiana puede ser dura. ¿Todavía

pensás qué estamos a salvo encerrados? Vos... Al menos nosotros tomamos la iniciativa. ¡Somos libres! ¿No, sillón? ¡Mirá! ¿Vos qué esperás?

MR. IDIOTENSEN - ¿Qué espero? Espero... no sé. Mataría por un día al aire libre.

BIBLIOTECA - El Estado también te mataría por tu día al aire libre, eh. La opción está... Pero entonces, ellos ganarían. Tenés que demostrar que sos más que eso. Que tu vida vale. Tenés que vivir.

SILLÓN - Vivir, vive... Y no le falta nada. De hecho, hasta podrían sobrarle cosas.

MR. IDIOTENSEN - ¿Sobrarme? ¿Qué cosas? Mirá alrededor... ¡no hay un carajo acá!

BIBLIOTECA - No está listo. Miralo. Es un vegetal. Apenas mantiene sus signos vitales estables... *(A Mr. Idiotensen)* Tenés que entender una cosa... Antes todo era demasiado liberal. "Liberal" es igual a "producción". Y "producción" es el antagónico de "vejez"... Y bueno, con muchas libertades, el control se pierde. También el poder. Y si el Estado se desespera, la gente también... Y vos sabés que cuando la gente está desesperada, las palabras "ética" y "moral" no existen.

SILLÓN - Ah, siempre me las confundo...

BIBLIOTECA - Da igual. Solo importan cuando uno está bien y tiene todo, sino no sirven para nada.

SILLÓN - No lo escuches. Vení, descansá.

MR. IDIOTENSEN - *(Va al sillón)* Estoy agotado. Todo esto es muy confuso. Ustedes...

BIBLIOTECA - Respirar para tres no es moco de pavo. Descansá en paz. Ahorranos un problema a todos.

MR. IDIOTENSEN - No entendí. ¿Por qué no estoy listo? ¿Qué es eso que me

sobra?

SILLÓN - Solo digo... escuché por la radio que...

BIBLIOTECA - ¿La radio? Qué inocente que sos... Tu vida te sobra, Idiotsen, tu vida. Mejor tomate otra pastilla, dale. Acabá con todo esto. Liberale la casa a otro.

SILLÓN - No seas así. Hay que ser pacientes. Somos muchos.

BIBLIOTECA - Sí, somos muchos... Al final sos pura poesía. ¿Te acordás qué es eso, la poesía?

SILLÓN - Miralo al erudito, alterado... Aprendé, Idiotsen... Ah, me quedaría así toda la vida...

BIBLIOTECA - No estás lejos. A como venís...

MR. IDIOTENSEN - ¿Podemos cambiar de tema? ¿Qué hora es? Estoy muerto...

BIBLIOTECA - No, todavía falta para eso... ¿y qué importa la hora? ¿Hay alguna diferencia?

SILLÓN - Siete, siete y cuarto.

MR. IDIOTENSEN - ¿Ya? Ni me acuerdo qué iba a hacer...

SILLÓN - ¿Festejar? Sin festejo no hay cumpleaños. (*Canta el feliz cumpleaños*). Descansar. Sí. Hacer un esfuerzo y seguir adelante. Acordate que el esfuerzo del Estado es el esfuerzo de la gente.

BIBLIOTECA - Sí, por sacarse los ojos y sobrevivir... Ya te lo dije, tenés que mostrar que valés.

SILLÓN - ¡Qué inconsciente que sos! No le podés hablar así. Todos queremos lo mejor para todos. Hay que ser pacientes y confiar. Pero, sobre todo, descansar y hacer las cosas con calma.

MR. IDIOTENSEN - No. Biblioteca tiene razón. Tengo que recuperar mi vida. Hay que salir de acá.

SILLÓN - Yo no voy a ningún lado.

MR. IDIOTENSEN - Claro que no. Ni siquiera terminé de pagarte. Con esto del Ahora 128...

BIBLIOTECA - Y ya estás hecho mierda. Todo el tapizado gastado, mirate. Das lástima.

SILLÓN - Bueno, es mi naturaleza, ¿no? Además, lo que realmente importa es invisible a los ojos.

BIBLIOTECA - ¿Invisibles como nosotros o invisibles como un órgano?

MR. IDIOTENSEN - ¿Cómo, como un órgano?

SILLÓN - Idiotensen, me daría mucha pena, pero si necesitaras vender algo, contá conmigo...

BIBLIOTECA - ¿Hipotecar un sillón? ¡Qué risa! Para salir de acá tenés que hacer algo grande.

MR. IDIOTENSEN - No entiendo. ¿Qué puedo hacer desde acá si no puedo salir?

SILLÓN - Dejá de dar ideas ridículas. Prendamos la radio, a ver cómo va todo. No, mejor hablemos. Aprovechemos que nunca estamos todos así juntos.

BIBLIOTECA - Podés vender tu cuerpo...

SILLÓN - ¿Mi cuerpo? Es lo único que tengo. Y además no tendrías dónde caerte muerto...

BIBLIOTECA - No te hablo a vos...

MR. IDIOTENSEN - ¿Yo? Pff. Nadie quiere el cuerpo de un viejo...

BIBLIOTECA - No, no... Me refiero a... ¿Sabés lo que vale un riñón, por ejemplo?

SILLÓN - Ah, ese cuerpo... No es mala, le quedaría el otro. ¿Funciona bien?

MR. IDIOTENSEN - *(Reflexionando)* ¿Si funciona bien...? ¿Mi riñón? Están dementes...

SILLÓN - "Locos" sería menos hiriente.

BIBLIOTECA - ¡Y quién lo dice! ¿El que habla con los muebles de la casa?

SILLÓN - No me subestimes. Soy mucho más que un mueble.

MR. IDIOTENSEN - No empiecen otra vez con eso, por favor.

BIBLIOTECA - A ver, Sillón, ¿entonces, funciona la cámara o no?

SILLÓN - En teoría sí. Si no, no estaría ahí... además tiene una luz que titila.

BIBLIOTECA - ¿Por qué no pedís las cintas, Idiotensen? ¿Eh?

MR. IDIOTENSEN - Basta... no me está gustando todo esto. Siento el ambiente un poco tenso...

BIBLIOTECA - ...Así todos vemos con quién estás hablando. Porque yo no veo a nadie, ¿y vos, Sillón?

SILLÓN - A mí no me metas en la misma bolsa. Yo estoy acá, tocá. Dale.

MR. IDIOTENSEN - ¡Basta! ¡Por favor! Me está bajando la presión.

BIBLIOTECA - Sabés quién necesita un riñón, ¿no, Idiotensen? Lo sabés.

MR. IDIOTENSEN - *(Sorprendido)* ¿Va en serio lo del riñón?

SILLÓN - ¿Quién necesita?

BIBLIOTECA - Tarde o temprano no le va a quedar otra... la hija de Cornaud.

SILLÓN - ¿El de las cajas de alimento?

BIBLIOTECA - Sí. Cornaud. ¿Quién va a ser? Todos los de los alimentos son "Cornaud".

MR. IDIOTENSEN - ¿Qué, cuántos años tiene la hija? ¿Por qué le darían mi riñón gastado?

BIBLIOTECA - ¿Por qué no? Si tuviera que elegir entre eso o morirse...

SILLÓN - Yo me lo pienso... ¿Qué tiene la sobrina?

BIBLIOTECA - ¡Y yo qué sé! Está hecha mierda desde hace tiempo. Ahora debe andar por los 20...

MR. IDIOTENSEN - ¿20 años?... ¡Es una locura! No... no puedo hacer algo así. No quiero.

BIBLIOTECA - ¿Sabés todo lo que te podrían dar? Desde el vamos, un riñón vale como...

MR. IDIOTENSEN - *(Interrumpiendo)* Dos millones.

SILLÓN - ¿Dos palos? No sabría ni cómo escribir esa cifra.

BIBLIOTECA - Eso es lo que cuesta... Yo no hablo de plata.

MR. IDIOTENSEN - Nadie tiene esa cantidad... Nadie. Además es una locura, es...

SILLÓN - Mucha gente tiene esa guita. Y más también.

BIBLIOTECA - Ese tipo podría conseguir la guita de la noche a la mañana. Pero...

MR. IDIOTENSEN - ¿Qué, en negro? ¿De dónde? Ya no se usa más...

BIBLIOTECA - Exacto. No tiene ningún valor. Lo que quiero decir es que podrías negociar contenido prohibido... qué sé yo, libros, internet, estaciones de radio con música, hasta salidas transitorias, imagínate.

SILLÓN - ¡Dos palos! Si yo fuera vos, me compraría un riñón 10 años más viejo que el tuyo, que es más barato, y me guardaría la diferencia. ¿No?

BIBLIOTECA - A ver. La plata no la cobrás. Son dos palos que te dan en beneficios... Eso si vas por iniciativa propia. Sino, minga.

SILLÓN - Para mí no vale la pena. Aunque podríamos tener un buen set de almohadones nuevos... ¿Pero en serio, te desangrarías por eso? ¿Solo por materia?

BIBLIOTECA - Sabés cómo es esto, Idiotensen. A partir de los 65...

MR. IDIOTENSEN - ¡Ya sé! No puedo creer que me estén pidiendo esto... Siento que ya perdí la cabeza.

SILLÓN - Si, hace tiempo. Y te lo agradecemos. Sino no estaríamos acá...

BIBLIOTECA - Pensalo. No es mal negocio. Se trata del resto de tu vida, que tampoco es tanto. Tenés que negociar. ¿Quién te garantiza que mañana no te vengan a buscar y te saquen en pedazos? ¿Eh? Nadie.

MR. IDIOTENSEN - ¡Ay, qué horror! Me da náuseas...

BIBLIOTECA - A cambio, recibirías una caja de alimentos por día, no por semana. Y con comida de verdad. Salsas, pescado, aceitunas, vino, salamín, chocolate, postres... ¡comida de reyes!

SILLÓN - Pero también podrías morirte. ¿De verdad lo vale para vos?

BIBLIOTECA - Claro que lo vale. No escuches a este tibio. Es el momento. Si necesitan un riñón, se lo das. Y aceptás lo que te ofrecen sin chistar... Y mejor que salga de vos. Porque cuando ellos quieran algo, no te van a preguntar. Te van a tirar la puerta abajo y te van a sacar en bolsas...

MR. IDIOTENSEN - ¿Ellos quiénes, el Estado? Imposible, tengo el derecho a...

BIBLIOTECA - *(Interrumpe)* ¿Derecho? El derecho se gana con la vida y se pierde con la muerte.

MR. IDIOTENSEN - No, pero el Estado me dio esos derechos... No estoy listo para esto

BIBLIOTECA - ¿Para tu libertad?

MR. IDIOTENSEN - No, para...

BIBLIOTECA - ¿Para morir? Mirá a tu alrededor... Ya hace tiempo que estás muerto...

SILLÓN - Idiotensen, el Estado sabe lo que tiene que hacer... Solo hay que confiar.

BIBLIOTECA - ¡Confiar las pelotas! Mirá, con 65 tenés dos opciones: o les das un riñón, u otro órgano, o ellos disponen de vos como se les dé la gana. Elegí ¿O te vas a quedar ahí sentado, esperando?

MR. IDIOTENSEN - ¡Basta! ¡Basta!

BIBLIOTECA - Mirá, mucha gente vive sin un riñón. Y si sale de vos, te van a premiar por buena conducta. Vas a poder disfrutar de los "pequeños placeres de la vida". Dale, aceptá el trato.

MR. IDIOTENSEN - Pero si no es por una emergencia... ¿Qué voy a hacer? ¿Llamar al 911 diciendo "Buen día, me pueden enviar a un cirujano para que me saque... ¡para que me saque el puto riñón! así lo entrego a cambio de beneficios y la custodia completa de mi cuerpo"?

BIBLIOTECA - No hace falta. Hay códigos. R65 es tu riñón. Ellos se ocuparían de todo. Sino el checo...

MR. IDIOTENSEN - ¿El checo? No quiero perder un riñón. Además ¿qué me asegura que hoy se llevan mi riñón y mañana no vuelven a sacarme un pedazo de médula? (*Le da arcadas*).

SILLÓN - ¡Es el Estado! No haría nada para perjudicarte. El bien común primero, siempre. Tenés que confiar. Es más fiable que este demente (*A Biblioteca*), aunque en un punto tenga razón.

BIBLIOTECA - Hay que verlo como una inversión... Hablemos con el checo, dale, a ver qué piensa.

MR. IDIOTENSEN - ¿Qué? ¿Por qué el checo?

SILLÓN - En la guerra asistió al cuerpo médico. Y ahí los primeros auxilios no eran poner curitas a raspaduras de rodilla... El tipo debe haber arrancado tripas como vos tomás café con leche. Es un carnicero.

MR. IDIOTENSEN - ¿Pero vos de qué lado estás? ¡No quiero perder un órgano!

SILLÓN - Mm... Tiene razón, ese tipo es un bruto. Lo mataría... O peor, lo dejaría agonizando.

BIBLIOTECA - Lo cual no cambia nada. ¡Mirá a tu alrededor! Ahora sos carnet rojo, ¡rojo!

MR. IDIOTENSEN - *(Respirando hondo)* A veces pienso... Antes, con la radio, la televisión, internet, en fin, el contacto social, teníamos una prueba obligada de que existíamos. Hasta en la guerra se tenía esa sensación cuando a uno le apuntaban con un rifle. Pero ¿esto?, sentir que la vida no vale nada...

BIBLIOTECA - Al contrario, vale todo. Ese es el punto. Es una cuestión de perspectiva.

SILLÓN - ¿Fuiste a la guerra?

MR. IDIOTENSEN - ...Ahora es difícil saber que uno está ahí. Al margen de lo que fue una democracia, un Estado de derecho. Me cuesta aceptar que lo que uno dice no rebota en nadie, no afecta a nadie más que a uno mismo... Es como si todo cayera al vacío, o como si la voz, en lugar de rebotar en las paredes, las atravesara y se fuera para siempre...

SILLÓN - A nosotros no nos atraviesa. Tu voz interior siempre va a estar acá, con nosotros...

MR. IDIOTENSEN - ¿Con ustedes? Ustedes son la prueba de ese vacío, de esta penuria.

BIBLIOTECA - Somos tu vacío simbólico. La prueba viva de que todo aquello se perdió.

MR. IDIOTENSEN - Una vez alguien me dijo que la energía tiene un único sentido de circulación... Siempre hacia afuera. Nada vuelve. Si cruzo esa puerta... Nada vuelve.

SILLÓN - (*Conmovido y confundido*) Este instante es el único que vale. Es lo único que tenés...

BIBLIOTECA - Lo único que tenés es oro en bruto, un riñón. Mientras puedas elegir, claro. Mañana te podrían sacar el intestino grueso, el estómago, hasta los genitales.

SILLÓN - Pf, para lo que los usa... ¿Y qué, pensás pedirle al carnicero que te lo saque?

BIBLIOTECA - ¿Se lo querés sacar vos?

MR. IDIOTENSEN - ¡No voy a pedirle nada a nadie!

SILLÓN - Digo, ¿Y todo por un par de lujos sin sentido o por “tranquilidad” en el futuro?

BIBLIOTECA - Hoy es un riñón. Mañana vaya a saber uno qué órgano... ¿El corazón? ¿Por qué no? Esto es mucho más que algunos lujos... Es una prueba de “utilidad social”. Y es eso lo que le tenés que demostrar a tu querido Estado. Si le das un riñón ahora quedás hecho, nadie va a venir a reclamarte nada después... Ya te podés quedar tranquilo, disfrutar...

MR. IDIOTENSEN - Esos “lujos sin sentido” son lo que solíamos llamar vida. Había un sentido de progreso humano, de empatía, de Estado de derecho y bienestar... ¿Y qué nos queda ahora, negociar el derecho a la vida a través de la vida misma, a través de un órgano?

BIBLIOTECA - Ojo, es el derecho al “resto” de tu vida... Siempre hubo que ganarse el derecho a todo...

MR. IDIOTENSEN - ¿En qué momento esto se volvió así de despiadado?

BIBLIOTECA - ¡Desde que nació el Estado! Es simple. A ver... o te tomás unas pastillas, nos callás a todos y esperás en una silla con una bata blanca, o me escuchás.

MR. IDIOTENSEN - *(Comienza a desesperarse)* ¡Es que no sé qué hacer!... ¡Es macabro esto!

SILLÓN - Si estás sufriendo, las pastillas lo calman todo. Y nunca te van a faltar. Mirá, si te tomás una ahora quedás planchado. Mañana no te vas a acordar de nada. Todo va a ser como antes.

BIBLIOTECA - ¡Pero qué pastilla ni que ocho cuartos!... Al final soy el único íntegro acá.

MR. IDIOTENSEN - No entiendo. No entiendo. ¿A qué viene todo esto hoy?

BIBLIOTECA - ¡A tu puto cumpleaños! ¡Y lo sabías! Sabías que iba a llegar el momento.

SILLÓN - *(Confundido)* Idiotensen, llevás... ¿Cuánto llevás, dos años en esta situación? Cumpliendo tu deber ciudadano, tu sentido de empatía para la sociedad entera. Para el cuidado del otro. Es el ciclo de la vida. Quizá ahora te toca dar...

BIBLIOTECA - ¿El cuidado de quién? Esto no es vida. Y vos sos parte de una franja en extinción. A los jóvenes los educan, les dan entretenimiento. Les dan un objetivo en la vida y, a cambio, son remunerados. Vos estás acá cumpliendo tu ciclo, sin objetivos. Solo sos un depósito de órganos. Y cuando llegue tu hora, a nadie le va a importar... Decí que allá afuera todavía se conserva cierta ética, aparentemente... Sino ya estarías desparramado por ahí desde hace tiempo. Dalo por sabido.

SILLÓN - No lo escuches. Es un proceso. Todos estamos en la misma...

BIBLIOTECA - No, todos no. Hay muchos saltando en una pata ahí afuera mientras vos estás acá adentro, como un vegetal, hablándonos a nosotros...

¡A nosotros!

MR. IDIOTENSEN - ¡Bueno, no sé! ¡No sé qué hacer!

BIBLIOTECA - Hablá con Cornaud, proponele tu riñón. Mañana mismo. Ellos te van a tomar consideración. Pero no te dejes estar... No esperes a que vengan ellos.

MR. IDIOTENSEN - Bueno, pero ¿puede ser otra cosa? No me pueden sacar el hígado, o el corazón. Si no me muero. (*Silencio absoluto y miradas perdidas de todos*).

BIBLIOTECA - Si lo necesitan, te lo van a sacar. Aunque te mueras.

MR. IDIOTENSEN - (*Abatido*) ¿En qué momento el Estado se volvió tan despiadado?

BIBLIOTECA - En el momento en que hay que seguir produciendo. Mirá, me faltan libros... Demostrá que valés algo. Que tenés algo que ofrecerle al Estado más que un gasto... Andá a ver al checo a que te saque el riñón, lo envolvés bien y lo metés al freezer para que aguante hasta mañana. Cuando llegue Cornaud se lo das con un moño y ¡voilà!

MR. IDIOTENSEN - (*Con arcadas*) ¿Hoy? ¡Pero si ni siquiera puedo salir de acá!... ¿Y si no sale bien? ¿Y si pasa algo grave? ¿Por qué no vamos al hospital, mejor?

BIBLIOTECA - Si vas al hospital te van a vaciar. La lista de órganos es larga. Andá y hablá con el checo. Si te pasa algo, el tipo va a llamar a la ambulancia. O la va a mandar el Estado, que tanto te cuida, ¿no, Sillón? Haceme caso.

MR. IDIOTENSEN - Bueno, está bien. Lo voy a hacer. Pero primero hablo con Cornaud. Y si pasa algo, ustedes me ayudan, ¿no? Estamos todos en esta.

BIBLIOTECA - Perfecto.

SILLÓN - Si... pero te diste cuenta que todo esto lo están viendo las cámaras, ¿no?

MR. IDIOTENSEN - ¿Qué?

SILLÓN - Y escuchando... Pero si, nosotros estamos con vos. Vení, descansá un momento.

Mr. Idiotensen se acerca confundido al sillón y se deja caer. Se empieza a dormir de a poco.

MR. IDIOTENSEN - No me va a pasar nada grave, ¿no?

BIBLIOTECA - No te va a pasar nada. Confiá. Ahora descansá un poco.

SILLÓN - Curioso, ¿no? No solo no recibir en su cumpleaños, sino tener que ser el que da... Duro, eh.

Se atenúan las luces. Pasa la noche. Se hace de día y se abre la escena. Suena el timbre. Mr. Idiotensen despierta.

BIBLIOTECA - ¡Rápido! Ese debe ser Cornaud.

SILLÓN - Te preparé el traje.

MR. IDIOTENSEN - ¡Voy! ¿Y qué, lo saludo y le ofrezco mi riñón? ¿Así nomás?

BIBLIOTECA - Así nomás. Para la semana que viene.

Mr. Idiotensen se pone el traje y va hacia la puerta. Desaparece de la escena. Se lo oye gritar.

BIBLIOTECA - Ah, Idiotensen... ¡Feliz cumpleaños atrasado!...

SILLÓN - Cuando vuelva, podemos hacer la torta y soplar las velas. Siempre tan ingenuo... No va a volver...

SILLÓN - *(Abatido)* ¿Qué hiciste?

Sillón y Biblioteca comienzan a apagarse progresivamente a nivel corporal.

SILLÓN - ¡Quién iba a decirlo! Traicionado por su propio inconsciente... *(Biblioteca y sillón se acomodan. Las luces se apagan de a poco).*

Fin

LLAMAR EN CASO DE DUDAS

Guido Zappacosta ⁶²
(Escobar - Argentina)

⁶² Diplomado en Dramaturgia (UBA). Autor y director de la obra *El amor, un guiso a fuego lento*. Editor de la revista *Timbó*. Autor del libro *Aguas ardientes*.

Carolina en un mono ambiente.
Esperando al teléfono a ser atendida, mira eventualmente por la ventana.
Verborrágica. Finge toser de vez en cuando, dejará de hacerlo paulatinamente.

Hola, sí, buenas noches, muchachito, por fin, quince minutos esperando la maquina esa (*tose.*), llamo por el tema de los síntomas (*tose.*)

¿Es la pizzería o el 107? (*tose.*)

Ah. Bueno. Marqué bien (*tose.*) Afortunados mis dedos. 107, "*llamar en caso de dudas*", dice el diario, yo que ahora me los leo todos, uno por uno, en busca de una señal, una esperanza, un aire alentador que nos encuentre de vuelta en los subtes, en las colas de *Rapipago* (*tose.*) Viste, lo que antes era tediosa rutina hoy lo anhelo con cierta nostalgia sonsa.

¿Cómo que para qué llamo? (*tose.*) Con todo respeto, ¿sos sordo? (*tose.*)

Ah. No. Bueno. Perdón (*tose.*) Si tenés el don de la audición entonces te pido el favor y hacé uso de ese noble recurso: los síntomas, te digo, los síntomas, los tengo todos. (*tose.*) Ya respondí le recién el cuestionario la maquina esa: ¿Tenés fiebre? Sí. / ¿Tenés más de 38? Preguntale la edad a tu vieja / ¿Tos seca, dolor de garganta o dolor de cabeza? Por supuesto.

Ah. Bueno. No me creés, te grafico.

Tengo ahora en mi cocina una cacerola con arrocito al fuego, ¿qué pasará en ocho minutos si no la apago? Rebalsará. Te imaginás la baba blanca esa por toda mi cocina, en el piso y de mis vecinos, chorreando hacia abajo, se esparce, ¿querés ser cómplice de semejante ola contagios? (*tose.*) ¿No que no? (*tose.*) Ah. Re que el arroz contagiaba. Bueno. Perdón. Me exalté. (*tose.*) Te hablo bajito. Si tomé valor, digo, si me atreví a este llamado del horror es para facilitarles la tarea (*tose.*), digamos, hacerles un favor, a

ustedes y por qué no a la Patria, Acá nadie se salva solo, según dicen, por eso les pido vengan urgentemente a buscarme antes de que se ocupen todas esas camitas tan geométricamente dispuestas para la ocasión, por cierto, muchachito, esas imágenes aterran, sí sí sí, precaución, entiendo que lo hacen por precaución ya sabemos lo que está pasando al otro lado del charco justamente por no dar crédito a esa palabra tan vinculada a la ética: precaución, y bueno, nosotros porque supimos leer entre líneas el diario del lunes, viste, yo en verdad estoy muy agradecida, se están disponiendo para lo terrible, hacen bien hacen bien, sí sí sí, *Mejor prevenir que curar*, según dicen, nos vamos a apestar todos, ¡todas, todas! (tose.) ¡Soy mujer, carajo! Me culearon el lenguaje, el forro de mi ex (tose.), además te confieso, vos comprenderás, sigo hablando bajito, por favor no lo andes comentando ahí entre mate con chuker, (tose.) ah, no claro, no se puede, ¿qué toman si no es mate?, (tose.) perdón, perdón, si llamo, (tose.), digo, si me anticipo, es más bien para garantizarme un respirador, ya está, listo, te lo dije, es la verdad, (tose.) dicen que después van a faltar con eso de que nos vamos apestar todos, (tose.) ¡todas! ¡todas!, soy mujer, mujer que teme a morir ahogada y sola, (tose.) idea que no me resulta grata, merezco una muerte digna, que me parta un rayo en Arizona, que me coma un tiburón en Key Beach; muertes con altura.

No se te ocurra cortarme porque lo que les estoy ofreciendo ahora en esta oportunidad es una oferta única que les hago solo por hoy a razón de una mejor organización, *Acá nadie se salva solo*, dicen los spots, no lo hago por mí sino por el prójimo. Ustedes vienen a buscarme (de paso me abrazan), me internan, me miman, me curan... Vos que sos buenito, ¿podrías convivir con la idea de oír tras el teléfono mi muerte sola, triste, aislada, negada de abrazos? ¿No que no? (tose.)

Perdón, ¿cómo me dijiste tu nombre?

Bueno, Braian, ¿cómo te voy a estar tomando el pelo?

Ya te dije, los síntomas, los tengo todos. Si fuera un bingo te grito cartón lleno, en un partido de truco falta envido: fiebre, tos, disneas, mialgia, astenia, ansiedad, alcoholismo, depresión... el tiempo pasa, nadie viene a buscarme y yo muriendo sola en lenta agonía con unas ganas tremendas de abrazar, ¡por favor alguien que me ayude!

¿Fiebre? Sí, claro, ya te dije (tose.)

No podría decirte digamos así más bien con exactitud, Braian, podés creer que mi ex, ¿te dije que era un forro, no? (tose.) Bien. Antes de irse por la puerta que estoy visualizando ahora en este momento me dijo, *"El termómetro era mío"*. Abrió el cajoncito, lo guardó en el bolsillo y salió. *"¡Llévatelo forro! ¡Descubrí la hazaña de metértelo por el ano!"*, le grité cuando seguramente estaba en el ascensor mirándose al espejo su carita de muñeco. Perdón, Braian, es la cuarentena, yo no soy así. Yo solo quiero abrazar. Ya que estamos en confianza te cuento, ¿sabés que la conchuda del 14 C se caga en la cuarentena y todos los días trae un chongo distinto? *¡Acá la calentura me la banco yo solita, con imaginación y didáctica!*, unas ganas de gritarle por el pasillo cuando escucho al virus masculino bajar del ascensor, ¿134 era el número para denunciar? Tengo unas ganas de mandarle a la patrulla a esa *hijadeu*. Encima escucha regetón. No, esperá, no te vayas, Braian, si no te conté que el otro día me la encontré en el chino, por precaución nos hacían pasar de a *"tre, tre, tre"*, decía el chino ayudándose con los dedos. Podés creer que cuando estoy en la góndola de la lavandina la muy forra me pasa por al lado, me roza cual hombre apoyándose el pingo y le digo *"¡Qué hacés, boluda! Alejate urgentemente del sector, ¿o querés contaminarnos a todos con los virus diarios esos con los que te acostás? ¡Un metro de distancia, por favor! ¿No fuiste al colegio?..."* (pausa.) No. En verdad no se lo dije, Braian. Lo pensé, lo pensé. Ojo. Después me arrepiento por no decir porque una va acumulando una especie de ira que mejor cambiemos de tema, ¿vos tenés skype, zoom, hangouts? No me des bolilla. (tose.) Yo en verdad agradezco no ser la del 15 A, toco madera, sabés cuál es su karma: tiene hijos. Pobre. Todo el día un murmullo de fondo, una radio de pasos, gritos, *¿pueden quedarse quietos un segundo, carajo?!* Es el trending topic de la madre. Braian, ¿vos tenés hijos? Me imagino en cuarentena con dos críos de un posible forro, piso 14, en un dos por dos, es igual a un clavado de cabeza por la ventana, muerte con altura, perdón, ¿facetime, wasap, snapchat? Digo, pienso, tal vez, nos interesaba hacer una video llamada, quizás vos ahí del otro lado estabas comiendo algún sanguchito de mortadela y queso y yo acá en dos minutos saco el arroz, pongo una linda mesa y compartimos un grato momento, así como para despejar, dejar de pensar. Creo que entre nosotros hay algo, ¿vos también sentís la energía? ¿No que sí? Por favor, Braian, ¿no te enseñaron que es de mala educación cortar si todavía no me presenté? Carolina, me llamaron mis padres, mi gusto de helado el sambayón, lo más caminar bajo

la lluvia en otoño, la playa en invierno, soy de querer tanto que tengo la sensación de que querer más a las personas de lo que ellas me quieren a mí, mis amigas arman grupos paralelos de wasap donde yo no estoy, siento esa ausencia en la virtualidad del arroz, Braian, el arroz, me colgué, tanto intercambio de amor que está contagiando, ah, re que el arroz contagiaba, ya vuelvo, no cortes, ponemos la camarita y te muestro mi versión autodidacta.

Apoya el teléfono y corre hacia la cocina. Vuelve. No hay nadie del otro lado.

Braian, ¿por qué no le pedís el termómetro a mi ex y se toman juntos la temperatura rectal?

Deja el teléfono. Va a la cocina y vuelve con un plato de arroz. Se dispone a comer. Realiza un nuevo llamado.

Hola, sí, ¿es el 134?

Llamo para denunciar una vecina.

Fin

¡ACABEMOS CON LA CUARENTENA!

Hernán Viaggio ⁶³
(Salta - Argentina)

⁶³ Counselor especializado en facilitación de expresión oral. Escritor, autor de cuentos varios, un monólogo teatral, y tres novelas cortas inéditas: "Los Dosiella", (2000) "los Dosiella en el mar", (2011) y "Los Dosiella, el MaTRINomio", (2020).

Escena 1

Personajes:

Garmendia: Sesentón, bien puesto, irónico y mordaz y displicentemente cariñoso.

Gardelle: (Gardel SE PRONUNCIA) Sesentón, ciego pero con ojos azules vivaces. No parece ciego pues se orienta veloz hacia cualquier interlocutor. Dado a reflexionar en profundidades poco comunes para su amigo.

Ella: Mujer bellísima, cuarenta y seis años, madre de Elis.

La acción transcurre en un departamento viejo y amplio de un ambiente. Desde la platea se ve a izquierda, la puerta de entrada de perfil y un espacio pequeño del palier. Al frente gran pasaplatos detrás del cual se adivina la cocina. A continuación, al fondo, una cama de dos plazas. Del lado izquierdo una mesa de luz con libros. Del lado derecho un modular con cds y un equipo con parlantes que apuntan al frente. Al frente, a modo de living, un sofá viejo y mullido de 3 cuerpos cuyo último espacio lo ocupa una guitarra, una mesa ratona alta, y en ángulo un sofá de 1 cuerpo. A la derecha una puerta semiabierta que delata un baño. Gardelle, parado frente al pasaplatos, se coloca pacientemente cinco dedos metálicos de costurera en cada dedo de la mano izquierda mientras tararea "Cuchillos". Garmendia despatarrado en el sofá de un cuerpo, toma la guitarra e intenta seguirlo pero cantando. Cuando lo mira dice:

GARMENDIA - Irónico ¿Qué pasa, sahib? ¿Tenemos visitas o los vecinos te hicieron otro encargo?

GARDELLE - Mustio. Otro encargo

GARMENDIA - Nostálgico. Me acuerdo cuando tu viejo te enseñaba a cocinar. Era un fenómeno ese tipo.

GARDELLE - Fue de tono normal a un silencio y luego forzosamente natural hasta el desasosiego. Y sí, fue a los once...Sí porque yo entré en cuarentena visual a los diez. Yo no lo veía pero sentía como le temblaban las manos cuando me abrazaba... Así como aprendí a escuchar el llanto ahogado en una almohada, inconsolable, de mi vieja a través de cien puertas. Ese día los dejé de ver... y cuando los secuestraron...los dejé de oír...para siempre... ¿Cuarentenas a mí?, ¿Con Virus a mí?

GARMENDIA - Perdona, no sé por qué mierda me acordé y lo dije

GARDELLE - Recuperado. Porque sos padre, como yo. Ahora vos tampoco podés verlo. Pero lo viste durante cinco años hasta hace diez días. Tenés que recordarlo así y, si es que tu mente de hotentote te lo permite, imaginarlo hoy, mañana y siempre. Confinarlo dentro tuyo Mi viejo me decía "Gardelito, vos que ya viste, vas a tener que proyectar adentro de tus párpados las formas de las cosas y los colores. Árbol de navidad es triángulo, es verde...y así con todo"

GARMENDIA - Molesto. Pues este hotentote no te abandonó nunca. Y nunca es mucho tiempo. Desde que íbamos a la primaria y nos sentábamos juntos. Es cierto que gracias a vos aprendí lo que era un libro, y luego disfrazarnos para emular la aventura de Tarzán. Pero...cuando no pudiste ir más ¿Quién iba a hacer las tareas a tu casa y te las explicaba para que no te costara volver? El hotentote. Y cuando no hubo retorno ¿quién vino cada día a leerte los libros que te gustaban? Esos que antes vos me leías a mí, SandoKán, Monteiro Lobato? El hotentote que se había criado en una casa donde sólo leían el Selecciones del Reader´s Digest, donde le decían "No vayas a verlo. Sufre un castigo de Dios porque sus padres son "zurdos". El hotentote que jugaba al fútbol y lo dejó, que quería tener novia, al que le llegaban los rumores de que éramos putos..."losdós". Mis ambiciones más ínfimas entraron en cuarentena.

GARDELLE - Conmovido da dos pasos para abrazarlo fuerte. Se besan el cuello y se tocan tiernamente el cabello el uno al otro. Después de un momento se separa y dice cariñoso: Hotentote...¿me decís en qué lugar del living estoy? No conté los pasos hasta donde estabas...Me voy a tragar un mueble.

GARMENDIA - Cuatro para atrás, girás, un paso y la cocina está a estribor.

GARDELLE - Divertido. Nos dejaron una nota por debajo de la puerta. Es del depto. del fondo. Se enteró que algún otro vecino nos compra la comida que hago por el olor que les llega. El tipo le dijo que me pidiera pollo a la cacerola para dos para este mediodía, que cuánto era y que me dejaba la plata en el táper.

Ya detrás del pasaplato, manipulando una cuchilla enorme, con el rostro iluminado, y golpeando con los dedos el filo, canta "Gallo rojo, Gallo negro" y luego levanta un pollo. Garmendia se asoma para admirar la velocidad y precisión que tenía para pelar y cortar zanahorias, papas, cebolla, puerros...

GARMENDIA - *(Maravillado)* Casi cincuenta años juntos y aún me parece increíble.

GARDELLE - ¿Por qué "casi cincuenta"? Cincuenta y dos.

GARMENDIA - Sí pero después de lo de tus viejos te fuiste a vivir con un tío y por cuestiones de la época sólo nos quedó el teléfono y hasta ahí. Después mis viejos se estrolaron de ida a Brasil a comprar ollas de teflón y un tv pal-n y ahí nos perdimos un tiempo. El Proceso mató de mil maneras, a tiros y a dólares.

GARDELLE - *(Se saca los dedos y va seguro hasta la voz de Garmendia y comienza a masajearle el cuello)* ¿Te pusiste a pensar que a nosotros nos unió la desgracia y el espanto? Ceguera, secuestro, orfandades forzadas...

GARMENDIA - Sip. Y justo ahora que la calle era un torbellino de mujeres y hombres en lucha para salir de la barbarie. Justo ahora que por fin tenemos un presidente humano que canta y toca la guitarra. Justo ahora nos cae esta rareza que nos manda al hormiguero.

GARDELLE - De alguna manera este confinamiento no nos debería angustiar tanto.

GARMENDIA - Es distinto. Antes éramos vos y yo. "Losdós". Pero ahora está Ella y está Elis. Me angustia pensar que no nos volveremos a juntar

en un abrazo.

GARDELLE - ¿Otra vez la pelota a la calle? “Cara pálida, no tener imaginación”. Una vez, cuando me invitaste a esa reunión de zurdos, a los diecisiete o dieciocho, yo me aburría como loco. ¿Qué hacía un ciego ahí? Los ciegos estamos jodidos en todos los sistemas. No servimos para hacer revoluciones. Eso pensaba cuando, de repente, una voz delicada me recitó un poema al oído “*Ayer vi un hombre mirando el sol que salía. El hombre estaba muy serio porque el hombre no veía. ¡Ay! los ciegos viven sin ver cuando sale el sol...cuándo sale el sol*”. Una tarde me llevó a la orilla del mar. Yo lo vi con mis oídos. Luego me hizo el amor y la vi con mis manos, mis labios y mis dedos. Un día, durante la cuarentena del proceso, me enteré que la habían tirado al mar desde un avión. Entonces recordé el sonido vital del mar, y su voz sobre las olas que caían de mis ojos y supe que estaba en mí, confinada dentro mío, donde estaría segura.

GARMENDIA - (*Estalla*) ¡Putá qué fácil que lo hacés parecer todo vos! ¡Cerrar los ojos e imaginá! Pues eso será así para un ciego porque no tiene otra, pero ¡la mayoría de la humanidad no es ciega!

GARDELLE - (*Sereno*) ¿Será así? No, no es ciega. La mayor parte se caga de hambre en lugares como Uganda que ni siquiera hace falta ver para imaginar. La humanidad no imagina porque está cómoda y la mayoría porque está incómoda y quiere comida de verdad.

GARMENDIA - (*Vuelve en sí*) ¡Qué bien huele ese pollo, efendi!

GARDELLE - (*Va a la cocina*) Mientras lo sazonó vamos a hacer un experimento... ¿te animás?

GARMENDIA - Dale.

GARDELLE - (*Preciso*)... Buscá el tema “Guitarra vas a llorar”. Ponelo y escuchalo con los ojos cerrados. Mientras suena el solo de guitarra se sienta en el sofá de tres cuerpos y enfoca con sus ojos el lugar desde donde llega la respiración de su amado amigo. Escucha un moqueo. ¿Viste el dolor, la impotencia, el amor, sonando en esa guitarra?

GARMENDIA - (*Moqueando*). Sip.

Un golpe en la puerta. Garmendia va y apoya la oreja en la puerta.

Voz del palier: Disculpe aquí le dejo los dos tápers para mí y la señora del... ¡qué importa de cual! ¿Cuánto sería? Así le traigo la plata.

GARDELLE - Quinientos, pan no tengo.

Una vez que los pasos se han ido Garmendia abre y con una bolsa agarra las viandas. Gardelle las llena usando como medida sus manos enguantadas para servir el pollo por partes iguales. Garmendia las vuelve a dejar en el palier. Al rato pasos y dinero bajo la puerta. Los "Gracias se entrecruzan".

GARMENDIA - (*Fastidiado*) Ahora que veo Ella no llamó. Es raro. ¿Estará todo bien? Ella siempre llama...

GARDELLE - Y llamala vos...

GARMENDIA - No. Quedamos que Ella llamaría todos los días a las 12. Que si nosotros la llamábamos y ella no escuchaba, cuando viera el llamado perdido se iba a asustar. Hasta hoy siempre fue así. A las 12.

GARDELLE - (*Irónico*) ¿Y ahora son las...?

GARMENDIA - (*Preciso*) Doce y dieciocho.

GARDELLE - (*Riéndose*) Vení, sentate a comer que se enfría.

Suena el celular.

Garmendia. Salta. Mira la pantalla y exclama: ¡Video llamada! Luego mira a Gardelle y dice:

Lo siento, Homero. Vas a tener que imaginarte. Y estalla en una carcajada. Acerca el celular a su amigo: ¡Hola, Lucía Febrero! Estábamos preocupados, ¿pasó algo?

ELLA - No, todo bien. Dejé a Elis con Cata. Y fui a lo de tu amigo a buscar las libretas y me demoré. ¿Cómo están mis amores? ¡Cómo los extraño! ¡Qué ganas de re cojerlos que tengo! Creo que mañana podré ir. Tengo

todo planeado. Lo único es que no podré llevar a Elis todavía. (*Garmendia y Gardelle. Alternados. Pisándose atropelladamente*) ¿Cómo que vas a venir? Ni en pedo Ella. Yo también extraño tu piel. Se me va a hacer eterno mañana. Si, dejalo a Elis un poco más en casa. ¿Los papeles que te dio estaban bien?

ELLA - Si, un genio el hombre. ¿Y ustedes cómo la llevan? Me imagino que mejor que Elis y yo. Ustedes están acostumbrados.

GARMENDIA - No te creas. Somos padres de Elis, eso cambió todo.

GARDELLE - El día que propusiste tener un hijo con nosotros yo no quise por miedo a que fuera ciego como yo. Desde que nació no lo vi. Y ahora, no lo veo pero porque no está y es distinto.

GARMENDIA - Yo tampoco quería. Cincuenta años, un huérfano adoptando a un ciego también adoptado. Ejerciendo el rol del padre que yo hubiera deseado tener. Cuando me vi padre de nuevo me cagué todo. ¿Otra vez a la cola? ¿Y yo cuándo?

ELLA - (*Emocionada*) Casi se borran los dos. Me sentía tan sola, tan idiota en mi deseo. Anoche le contaba a Cata...No puede creer nuestra historia.

GARMENDIA - Nos cambiaste la vida, Hortensia. "Voy a tener un hijo de ustedes. De hoy en más cogeremos todos los días hasta que dé positivo. Seré madre soltera y no habrá ADN para que ninguno sepa cuál de ustedes es el padre" Seremos un MA- TRINOMIO.

ELLA - Si. Soy una mujer adelantada. Cata se ríe a carcajadas, Y mañana... cumplimos 7 años de ma- trinomiados. Y voy a ir a festejar. Les tiró un beso y cortó.

GARDELLE - (*Confundido*) ¿Qué libretas? ¿Qué papeles? ¿Qué amigo?

GARMENDIA - (*Vuelto en sí*) Ahí. No te conté. ¿Te acordás de Benutti?

GARDELLE - No me suena.

GARMENDIA - Benutti era un uruguayo que conocí en el laburo en 1974.

En plena dictadura de Bordaberry. Era hijo de un maestro comunista, había nacido en el '45 y... ¿viste cómo son los yoruguas?

GARDELLE - Antiperonistas

Garmendia Aparte de eso. Le ponen a los hijos nombres de personajes importantes: Víctor Hugo, Rubén Darío, Washington... Bueno el viejo de Benutti cuando nació el hijo, celebrando la entrada del ejército rojo en Berlín lo bautizó... Stalin.

GARDELLE - *(Riéndose)* ¿Stalin Benutti?

GARMENDIA - Pero lo mejor es esto. Apenas se da el golpe en Uruguay se quiere pirar para Argentina pero se da cuenta de que la libreta de enrolamiento que era de esas escritas a mano lo mandaría en cana apenas llegase a a aduana. Y entonces, con una gilette y un plumín y con esa destreza que solo el cagazo da, alteró el documento:

GARDELLE - ¿Cómo hizo? No parece posible.

GARMENDIA - Puso un E delante de la S y agregó LAO después de LIN, ¡ESTALINLAO!

Se rieron como locos repitiendo el nombre.

GARDELLE - Vuelto en sí. ¿Y Ella a qué fue?

GARMENDIA - Viste que con esta cosa de la cuarentena y de las restricciones de movimientos tenés que tener un papel que justifique dónde vas. Bueno, yo lo llamé y le dí el número de Ella para que haga dos libretas de casamiento. Una donde el marido sos vos y otra donde soy yo. Así que mañana vendrá invocando la provisión de alimentos a un marido; y otro día a otro.

GARDELLE - *(Sorprendido)* Un cocktail maravilloso de ingenio argentino: transgresión por amor, por deseo...

GARMENDIA - *(Interrumpe)* Por coger, ni hablar.

Otro papel pasó por debajo de la puerta, Garmendia lo leyó.

GARMENDIA - Una mujer, por la letra, pregunta si podrías hacer 12 milanesas a la napolitana para pasado mañana, que son para varios vecinos que ya saben cómo cocinás. Que dejes un papel con el precio.

GARDELLE - *(Ansioso)* Toro, pasar celular a Llanero Solitario. Llamar a Annie Okley.

GARMENDIA - Dejé la llamo yo y te paso.

ELLA - *(Asustada)* ¿Pasa algo?

GARMENDIA - No, todo bien. Acá Polifemo quiere hablarte.

GARDELLE - ¡Doña Flor! Quería escucharlos a vos y a Elis pero sin que sepa que soy yo. Solo escucharlo. Y después hacerte un pedido.

Puso el celular en altavoz y escuchó un batifondo de agua chapoteada y una voz cantando "El gigante de ojos azules".

ELLA - Se está bañando. A cada rato pregunta cuándo vuelven papa y pa-pa de su viaje.

GARDELLE - *(Con un nudo en la garganta)* Hacele saber como puedas que nunca nos fuimos. Que nos dibuje. Que nos imite. Que no nos olvide.

ELLA - *(Tratando de calmarlo)* Cata compró una tablet para que pueda jugar, musichear y dibujar por chat. Le voy a decir que le enseñe. Le voy a decir que los imite y lo grabo. Y cuando esté hecho lo llevo junto con sus dibujos. ¿Qué más me ibas a pedir; amor?

GARDELLE - Un kilo de nalga, un paquete de pan rallado, 12 huevos y 1 kg de queso cuartirolo.

ELLA - *(Riéndose)* ¿Van a hacer una fiesta?

GARMENDIA - Raro. Parece que la fiesta está allá. Mucho Cata, Cata, cata...

ELLA - *(Seria)* Es una gran amiga y está sola. Se vino a vivir acá. "Dos cuarentonas en cuarentena"...Adora a Elis.

GARMENDIA - *(Insistente)* HmMMM.

ELLA - *(Seria)* Bueno, les cuento algo pero no quiero que me repregunten nada, ¿de acuerdo?

Garmendia

y Gardelle - *(Burlones, como niños)* Sí se ño ri ta Hor ten sia.

ELLA - Hace dos noches vino a mi cama. Era de madrugada. Me desperté y al rozarla sentí que la piel le ardía. Me asusté. "¿Tenés fiebre, estás bien? No... estoy bien... Quería pedirte algo pero me da miedo..." Me pidió hacer cucharita un rato y si podía rascarle la cabeza, el pelo, acariciarle los hombros. Yo acepté y mientras le acariciaba el pelo y le cantaba al oído la sentí temblar. Me dí cuenta que se estaba tocando despacito pero continuo. No supe qué hacer. De pronto me agarró la mano, la apoyó en un seno y tuvo un orgasmo implosionado pero intenso. Se aflojó y se durmió enseguida. Yo me quedé abrazada y no pude dormir. Pensé que era cosa de esta cuarentena que reduce el mundo a las mínimas expresiones vitales. Que lo de Cata había sido un claro pedido de ternura para poder descargar su voluptuosidad confinada. Temí el después. ¿Qué pasaría mañana? Ustedes saben que desde el primer día intentó saber detalles de nuestra rutina sexual. Yo nunca conté detalles pero insistió e insiste. Temí que mi actitud la entendiera como un permiso para subirse a nuestro barco...

GARDELLE - *(Ansioso. Serio)* ¿Y entonces?

ELLA - A la mañana me despertó el olor del café . Cata se iba a trabajar. Me sacó mi pelo enmarañado de la cara, me dio un beso en la frente. Sonriente me dijo "Gracias" y se fue silbando por el palier. Estaba claro. Me relajé, me fui a la cama, me puse en cuclillas, me aferré con una mano al espaldar, y con la otra le hice honor a mi propia ternura.

GARMENDIA - ¿Entonces...?

ELLA - *(Cortante. Sin repreguntas)* Los amo. Chau.

A las seis de la tarde, Garmendia puso dos mates en la mesa y empezó a cebar mientras José Larralde desgranaba "Cuando la vida me nombra". Se fueron quedando dormidos. Aquí bajan las luces hasta la oscuridad total hasta que suenan golpes en la puerta: La luz vuelve de golpe).

Escena 2

GARDELLE - *(Aturdido)* ¿Quién es?

GARMENDIA - Son las doce de la noche.

Gardelle apoya la oreja en la puerta.

ELLA - ¡Sorpresa!

Garmendia abre la puerta aturdido aún. Gardelle no entiende si es un sueño. Ella antes de entrar saca de una bolsa un guardapolvos blanco. Viene con guantes y un barbijo con dos labios pintados del lado de afuera. Entra como una tromba, deja unas bolsas en el suelo. Ella Decidida. Besa superficialmente a Garmendia. Sigue de largo y pasea su perfume sobre Gardelle, que aún no logró levantarse, mientras toca su entrepierna.

GARMENDIA - *(Falsamente molesto)* ¿Qué hacés acá?

ELLA - *(Burlona. Va a la cocina)* Un kg de nalga, 12 huevos y el queso a la heladera; el panrallado en la alacena.

GARDELLE - *(Aturdido)* ¿Y Elis? ¿Y la cuarentena?

ELLA - *(Desnudándose veloz)* Elis con Cata, y para la cuarentena me voy a bañar, voy a tirar la ropa en el lavarropas, me pondré otra que traje. Ya vengo.

Garmendia empieza a desvestirse, Gardelle escucha caer la ropa y hace lo propio.

GARMENDIA - *(Metiéndose en la cama)* Apurate, Homero, calentemos las sábanas que Ella las odia frías.

Gardelle. Como un chico llega hasta el borde de la cama y se zambulle. Empieza a hacerle cosquillas a Garmendia. Ella sale del baño

GARMENDIA - *(Enloquecido)* ¡Qué hermosa que sos!

GARDELLE - *(Cierra los ojos celestes)* ¡Yo la huelo fantástica!

ELLA - *(Se mete en la cama desde los pies, gateando hasta quedar en el medio)* Mis amados esposos, mis elegidos. Los que amaré para siempre y un día más. *(Pícaro)*. Mis dos en uno divididos en la mejor parte...No sé que piensan cocinar pero ahora estas nalgas se refregarán en ese par de rallados y sacaré ese queso cuarentero de esos cuatro huevos maravillosos

GARMENDIA

Y GARDELLE - *(Asombrados riéndose)* ¡Está re guarra! ¡La sacamos buena!

ELLA - *(Categórica)* ¡Shhhhhh! ¡Acabemos con esta cuarentena!

Apagón final

EL VECINO

Javier Francesc ⁶⁴
(Bluefields – Nicaragua)

⁶⁴ Escritor y director con formación en sociología en la University of Lubjanka. Desarrolla su trabajo principalmente en países de Centroamérica y el Caribe.

Este texto se presenta como un monólogo, pero en verdad no lo es. La propuesta es que sea interpretado por varias personas, cada una con uno o más fragmentos.

VECINO - (Lee) Nacido un 15 de octubre de 1926 en la Comunidad de Madrid, España y bajo el nombre de Andrés Michel Broué, este prestigioso pensador se crió en un ambiente formal en el que los estudios y el conocimiento eran considerados algo esencial, puesto que su padre, era un reconocido cirujano. Tras un historial académico repleto de altibajos, Broué consiguió ingresar en la célebre École Normande Supérieure, reconocida por ser una de las cunas de los mejores especialistas y pensadores de humanidades de Francia. Su estancia en la École Normande fue una de sus etapas más difíciles. Tras sufrir una depresión y varios intentos de suicidio, estuvo en manos de un psiquiatra durante mucho tiempo. Durante este período adquirió una gran pasión por la psicología, lo que le llevó a licenciarse tanto en psicología como en filosofía. Finalmente, este filósofo fue elegido como parte del prestigioso Colegio de Francia, aumentando su participación en la vida política y viajando alrededor de todo el mundo para impartir clases y conferencias. Finalmente, murió en el año 1984 a causa del sida, no sin antes destruir una gran parte de sus manuscritos y prohibir terminantemente la publicación de todos aquellos que hubieran podido “sobrevivir”. Increíble la vida de los intelectuales. Leído así esta nota periodística hace parecer que todo fue como un corto metraje. Imagino incluso la banda de sonido. “Estuvo en las manos de un psiquiatra”. Hombre, qué es eso? Acto seguido enciendo la tele y está pasando el telediario. No hay muchas cosas nuevas. Las noticias se repiten, pero igual miro porque es lo que hay que hacer en estas circunstancias, ahogarse en noticias, y criticar a los periodistas que hacen preguntas cobardes, y a los políticos que mienten. Otra nota en exteriores. Dos enterradores son entrevistados por una reportera que no aparece en la imagen porque se estira hacía tras con miedo del contagio. Son dos hombres en sus treinta años. Llevan mascarillas colgando de sus cuellos, los guantes están sucios de tierra, se puede notar que están muy cerca de una cueva

recién abierta. Hace sol. La reportera pregunta si hay muchos entierros. Me parece una pregunta cuya la respuesta es obvia, porque se ve montículos de tierra al fondo de la imagen. Luego recuerdo que los reportajes del telediario son casi siempre plagados de preguntas obvias. Súbito, lo obvio se estanca. Uno de los enterrados dice, con la voz embargada, que casi no puede dormir, que sueña con la muerte, que solo piensa en el trabajo todo el tiempo. El otro enterrador luego explica que están sobrecargados. Dice que antes eran cuatro para preparar una cueva, pero que ahora lo hacen entre dos para acelerar el trabajo, y aclara que hay filas de cajones esperando un espacio. Dice también que los hornos no paran estos días. La reportera, de quien ahora se puede ver las puntas de los dedos sosteniendo el soporte del micrófono que garantiza la distancia necesaria, lanza luego un comentario obvio pero inevitable: “¿triste, no?” Los dos hombre asienten con la cabeza. Uno de ellos aprovecha para recolocar la mascarilla sobre la boca y nariz, buscando la seguridad que parece comprometida por los guantes sucios de tierra. Pienso eso, y luego me doy cuenta que hago un juicio de esta persona que veo por la pantalla de la computadora, que en estos momentos funciona como la antigua televisión. También juzgo a mi vecino de abajo porque lo escucho gritando violento con sus hijos, o golpeando puertas acompañadas de improperios. Hasta pensé en llamar la poli porque sospecho que en esta casa se está viviendo un cuadro de violencia doméstica protagonizado por el vecino que acostumbra lucir una pulsera con la marca de la Falange. Lo he visto un par de veces en el ascensor. El franquista debe estar golpeando sus hijos pequeñitos, quizá su mujer también. Pero no la oigo. Ni un grito y nada en defensa de estas criaturitas que lloran todos los días. Estará viva? Debe estar, o caso contrario habría mal olor. Eso no se puede esconder. Será que es necesario llamar a la Policía? Todo eso será una fantasía en mi cabeza? Empiezo a delirar? Si llamara la Policía tendría que identificarme y tener, seguramente muchos problemas cuando todo pase. El infierno de los vecinos, ah este infierno de la proximidad. Todo se volvería peor. Eso va a pasar y la vida volverá a ser normal, de una manera u otra. Bien, normal, normal no lo sé. Lo cierto es que siempre que llovió paró. Va a pasar. Escucho este silencio. Nada. Creo que el tipo de abajo me escucha. Se dio cuenta que yo lo estaba oyendo, y paró de súbito. Ya no hay nada. Increíble, pero es un tipo repugnante, repugnante. ¿Y sus hijos? Ahí está, ¿se oye? Lógico que están en casa, si nadie puede salir. ¿Habrán salido? No lo creo, sería demasiado cara dura. Alguien los denunciaría. A ver, no, nada. Quizá, eso... ¿será el lava-vajillas? Lavarropas no es, porque eso hace mucho más ruido, y

vibra, lo sentiría en la pared. Debe ser el lavavajillas, seguro que sí. Bien, pero se puede salir y dejar la máquina funcionando, si es totalmente automática. Salieron, seguro que sí. ¿Qué hago? Mejor no hago nada. Por suerte me compré una mascarilla cuando pensé en pintar la casa. Ahora me resulta muy útil, especialmente porque tiene un tipo de pantalla de plástico que impide que la gente me estornude en los ojos. La gente me mira con sorpresa y envidia cuando voy por la calle hacer mis compras. También tenía guantes, sí, porque me quedó una caja de guantes médicos que compré cuando mi madre estaba enferma. Yo las usaba para lavarla cuando ya no podía ir al baño sola. Una experiencia extraña, tremenda. El cuerpo perdiendo toda su integridad. Que alguien te limpie el culo de adulto, es devastador. Pero uno se acostumbra. Nos acostumbramos a todo, incluso a una curva del tiempo como esta. Quien un día te limpió el culo ahora tiene el culo limpio, como se inicio y fin se encontraran. Mis guantes también son un lujo que mis vecinos no se pueden dar. Los cambio y descarto cuando quiero. Los luzco como si fueran de piel fina. Me falta el alcohol gel, pero dicen que es un bulo que eso sirva para algo. La verdad es que confío más en la lejía, porque el cloro es lo mejor para limpiar todo. El olor ya casi me parece agradable. Siento el olor y eso me deja más tranquilo. Este olor lo he hecho mío, como algo que me hace sentir en casa, seguro. Un campeón de la desinfección diaria, tengo mi propio E.P.I. Yo sigo aquí con mi súper mascarilla espacial, mi caja de guantes, y la lejía. La tele me recuerda que todas las noches hay que aplaudir a los sanitarios, a todo mundo que trabaja en los hospitales. Que gente de valor. No sé si podría estar allí corriendo riesgo. Alguien que trabaja en un hospital lo merece. Pero donde vivo, solo hay ventanas para un patio interno pequeño, y eso me frustra un poco en mi ser ciudadano. Nadie aplaude porque sería algo así medio extraño. No tiene amplitud, no nos daría la sensación de estar ayudando a nadie. Los que vivimos de cara al patio sabemos del aislamiento definitivo. Y los que viven en los primeros pisos, donde casi no llega la luz, aun en los días soleados? Estos si saben que es estar aislados, confinados, separados. El que vive en planta baja, donde está el patio vive un aislamiento que es reforzado por la indiferencia, porque mucha gente le hecha basuras como cigarrillos apagados, papeles y, de vez en cuando, envases vacíos. Nadie de los pisos más altos registra que hay personas allí. Ya estaban aislados antes, como si esta fuera su naturaleza. Vivir en las profundidades opacas. Pensé en poner música con un parlante en la ventada, como un forma de criar esta comunidad de los balcones, pero seria una comunidad del patio interior. Una comunidad

algo más pobre, pero una comunidad al fin. Tuve esa idea viendo en el telediario la historia de una mujer de 75 años que comenzó poniendo música en la corrala donde vive, y con el pasar de los días fue animándose y terminó como una DJ extemporánea para la alegría de los vecinos. No tuve coraje. Aquí todo el mundo se ve de muy cerca, todos pueden, si quieren, mirarte directamente a los ojos. Eso me da vergüenza. Preferiría el anonimato de un balcón lanzado sobre una avenida en un piso alto. Pondría allí mi sonido y haría sonar impune Resistiré por el Duo Dinámico. Lloraría, creo. Eso porque estos días me dio por emocionarme fácilmente. Igual es más fácil llorar solo porque no tienes que explicar a nadie tus lágrimas, ni tienes que exponer tus idioteces. Oigo ahora mismo el falangista gritando. A pesar que estas paredes no son muy gruesas no distingo que dice. Pero grita enojado, valiente. Me gustaría bajar, tocar el timbre y cuando la puerta se abra darle un golpe en los huevos de sorpresa, y cuando el se doble por la fuerza del mi golpe, patearle otra vez con toda fuerza del mundo. Hacerlo sufrir. Sería una venganza de las noticias que leo en los diarios por la internet. No todas las noticias las leo por entero porque los accesos son pagados, y eso sería una fortuna. Algunos diarios permiten accesos a texto completos, pero a pocos. Luego las cookies te llevan a las páginas de suscripción. Eso me deja muy indignado, de verdad me da mucha bronca. Salto de un diario a otro. Leo los titulares y cada tanto pesco una nota que se puede leer. Nunca fui bueno descubriendo formas de burlar eso. Habrá una modo de leer el New York Times online sin pagar? Debe haber, la internet es un mundo de piratería. Bien podría aprovechar este tiempo para aprender como hacer eso. Debe haber en el *Youtube* un tutorial que enseñe como. En estos momentos hay gente aprendiendo a tocar guitarra, a cocinar por internet, estudiando alguna lengua extranjera, o navegando por *Youtube* como se estuviera corriendo atrás de un conejo que lleva un enorme reloj, y al ir atrás del conejo esta persona va saltando de un video a otro y a otro, y a otro hasta percibir que calló en un reino extraño en el cual las reglas no obedecen a ninguna lógica, y ve que está atrapado, sin salida. Corte una cabeza!!! Alguien grita, y el condenado es la propia persona que entró en el *Youtube*. Yo conozco un anciano que en este momento decidió aprender Mandarín. Me imagino que fácil será estudiar Mandarín por un aplicativo de internet. Al otro lado de la tele una profesora o profesor trata de que percibas las sutilezas fonéticas de la lengua, te corrige, estimula, y te da las nuevas tareas de la semana. Termina la clase y vuelves a las noticias, y te sientes como el Mandarín será útil en un mundo que será chino, o no será. Luego te conectas

con todas las teorías de la conspiración que afirman que China habría inventado la enfermedad para seguir adelante con su guerra por la dominación del mundo. Y ves el video muy bien producido por *The Epoch Times*, que te muestra un documental que tiene toda la característica de verdad incontestable. La conspiración te parece plausible. En la pantalla van surgiendo evidencias científicas seriamente presentadas como prueba cabal de que el plan del comunismo chino es consistente. Como comunismo? Me hago una pausa y pienso mirando las imágenes muy bien editadas: comunismo? Tendría que buscar en Google como se puede definir lo que hay en China como comunismo. Habrá alguna página de un partido de izquierdas, quizá con base trotskista, que tenga textos teóricos que discutan esta cuestión. Bien, habría que ver como se explica eso que parece tan difícil de imaginar. Busco entonces en Google digitando en la barra la pregunta: "existe comunismo en China?". El algoritmo me ofrece una infinidad de páginas. Digo "algoritmo" como se fuera una persona de mis relaciones. Inmediatamente percibo que estoy perdiendo tiempo, pero si el tiempo en estos días no tiene casi importancia. Puedo gastar todo tiempo que quiera, total, no voy a salir de aquí en los próximos quince días por lo menos. Será un mes o más. Igual leí en este diario que no voy a mencionar el nombre porque me daría un poco de pudor que sepan que lo leo. Pero lo leo entre muchos otros que acceso por internet, de estos que leo en pedazos. Bien, es este diario leí un nota sobre como administrar la rutina para que se pueda tener algo de orden mental. La nota decía que es necesario hacer ejercicio diariamente. Para eso mi opción seria seguir alguna clase de gimnasia por *Youtube*, pero me da mucha tristeza esta felicidad exuberante de toda persona que se dispone a mover el cuerpo al ritmo de una música fuerte. La insistencia para que seamos felices mientras saltamos, movemos nuestras piernas para la derecha, para la izquierda, haciendo presión con el abdomen, es más cansador que el propio ejercicio. También está la opción del yoga. Para eso creo que hace falta un tipo de carácter muy especial. No lo tengo. No entraré en detalles, ni haré un juicio sobre las personas que le gusta el yoga. Pero no me va. Lo del Oriente, acupuntura, medicina tradicional china, el Budismo, el Zen Budismo, todo eso parece muy importantes, pero no sé, no encajo en eso. Tengo que cocinar la cena. En la comida estaba con pereza y comí lo de ayer. Sobras. Estaba rico porque algunos platos saben mejor dormidos. Lasaña es así, después de una noche en el frigo, se vuelve mas sabrosa. Comí lasaña y ahora no tengo nada. Ni pensar comer un sandwich, eso tengo que evitar a todo costo porque no será sano estando aquí todo el

tiempo. Y pan después de lasaña es redundante. Se hace noche, es casi la hora de los aplausos. El patio sigue silencioso. Yo podría romper la rutina y salir a aplaudir. Y si nadie sale, o sí alguien sale a mirar quien es la persona loca que aplaude solitaria en un espacio que no se puede expandir con este aplauso, un lugar en el cual a generosidad políticamente correcta de agradecer la gente de los hospitales – remarco gente de los hospitales porque mucha gente aplaude a agradeciendo también a la Policía y al Ejército -, nunca llegará a nadie. Imagine si el vecino facho sale a aplaudir la Policía y el Ejército estimulado por mis aplausos del patio interior? Y, quienes se preocupan con, por ejemplo, las putas. Leí una nota en un diario sobre las trabajadoras del sexo, y una decía: “Estamos desesperadas, nadie ha pensado nunca en nosotras, pero nunca habíamos sido tan invisibles como ahora”. Es increíble, no? Invisibles. No pasó tres días leo la columna que Pedro Almodóvar el director de cine publica semanalmente, y el comenta que hay prostitutas que se han ido a pasar la cuarentena con algún cliente por un precio reducido. Me imaginé como sería eso, tipo un matrimonio con una trabajadora del sexo. Almodóvar dice en su texto que leía esto por deformación profesional, ya pensando en la posibilidad de un argumento para un guión. Qué bueno ser director de cine y poder imaginar luego una película. Estaría salvo yo si pudiera escribir una novela ahora mismo, pero no me va eso de escribir, de poner las ideas en un hoja y que hagan sentido para otra persona. Podría copiar a Almodóvar y discutir la relación pragmática del cliente y su puta que pasan la cuarentena juntos porque hay una rebaja del precio de los servicios, y se hacen compañía. Y así el cliente tiene cubiertos sus deseos carnales en la dura cuarentena, pero al mismo tiempo vivirá con la profesional una situación matrimonial las veinticuatro horas, hablando de sus infancias, de familias, desnudos casi todo el día. Eso me acuerda una película que vi con este actor francés bien famoso, el gordo que produce vinos... Gerard Depardieu, con Ornella Muti, no recuerdo el título, pero él estaba completamente desnudo todo el tiempo, y al final el personaje se corta el propio pene con un cuchillo eléctrico. Bien en mi novela ellos sobreviven a la cuarentena y tienen una relación futura sólida. No sabría ahora decir cual sería el final del libro, quizá el inicio de otra pandemia global. Leí en un sitio de informaciones en la web, una manía estos días, porque salto de uno a otro esperando que algo nuevo e importante aparezca. Leo ahí que un pastor protestante del estado de Virginia, Estados Unidos, que había mantenido su iglesia abierta, y realizado cultos porque “Dios es más grande que el virus”, murió por causa de este virus. No sé que sentir, pero

tendría que confesar que me pasa un “lo mereció por creer demasiado”. Había mantenido abierta su iglesia, y parece que dijo que estaba feliz por producir polémica con su decisión. ¿Por qué ninguno de los dirigentes de gobiernos tuvo el mismo destino? Hubo los que se enfermaron, pero... Ah, hubo un joven economista del Fondo Monetario Internacional, un paquistaní, que dijo que todo eso era una exageración, y que había que salvar la economía. Este murió no hace un mes. Me pregunto si el camino es ser optimista y creer en lo mejor de la gente, o apostar por el pesimismo y ver claramente que aparece lo peor que se tiene en la especie humana. Hay gente que cree el virus podría hacer caer el régimen chino, o derribar el capitalismo. Esa gente se equivoca. No creo que eso sucederá. El Estado policial digital chino podrá ser un modelo de éxito para la derecha. Habrá gente que hablará de la superioridad de este sistema y lo querrá copiar con orgullo. No parece un sueño para la extrema derecha? Que gracioso los chinos sirviendo de modelo para los fachos. Después de la pandemia el capitalismo continuará aún con más fuerza. Y los turistas seguirán pisoteando el planeta. El virus no resuelve las cosas. ¿Será que el futuro es un Estado policial digital tipo chino en Europa? Ojalá que esta conmoción del virus no termine así. Entonces el virus habría logrado lo que ni siquiera el terrorismo islámico consiguió del todo. ¿Y el futuro? Los diarios, los sitios web, los programas de tele y radio, todos estarán preguntando como será el futuro después que eso pasé. Yo he tomado una resolución: cuando termine la cuarentena no saldré de casa. Me quedaré adentro indefinidamente. Tendrá que sacarme con la Policía. Aquí estaré, preparado para la otra pandemia, seguro y protegido.

Fin

LIVE

José Ramón Castillo ⁶⁵
(Foz de Iguaçu – Brasil)

⁶⁵ Director de teatro y dramaturgo. Director de las Compañías El Incinerador Teatro y Entre Fronteiras. Actualmente reside en Foz do Iguaçu (Brasil).

*Yesterday I woke up sucking on a lemon
Yesterday I woke up sucking on a lemon
Yesterday I woke up sucking on a lemon
Yesterday I woke up sucking on a lemon
(Radiohead)*

F. - *(Vestida en pijama, hablando para el computador)* Palabra, ni una sola palabra sale de mí. No soy capaz de escribir ni media palabra, solo consigo ver por la ventana de mi casa, de mi cuarto de mi *compu*, allí del otro lado pasan sin detenerse los días, las mismas cosas pasan, los mismos sonidos de la ciudad que hoy están un poco más lejanos, creo que son esos sonidos que siempre me aturden, pero que hoy los oigo más distantes, voces, voces de personas a lo lejos de igual manera van apareciendo y son casi inentendibles, están hablando en español, en portugués y en *portunhol*, esa es la huella de esta Triple Frontera que me viene marcando la vida... de nuevo... *(inicia un LIVE de Instagram)* Opa tudo bem com você aí? Gente, procuro alguma pessoa me acompanhar, meu WhatsApp já ficou chato das mensagens com fotos e vídeos desta “pandemia apocalíptica”, desliguei o meu cel pelo dia de hoje, vou tentar falar com alguém por esta via, Aló. Aló. Aló, Nossa senhora!! Palabra, ni una sola palabra sale de mí. Y yo sigo esperando, sigo esperando que alguien me conteste al final del día, trato de escribir, de hablar y ni una palabra sale de esta cabeza, de este cuerpo, de esta vida que se va consumiendo en este encierro de cuarentena, mi compañera es mi ventana que permite ver el día tras día sin ningún resultado claro, pero, para qué voy a buscar un resultado, si a fin de cuentas cada día es igual. Me gusta más la idea de quedarme acá parada, en la puerta de la casa y aguardar que las cosas trascurren... Aló, aló... eh, no sé si me estás oyendo, no veo bien tu cara, aunque esta imagen está otra vez congelada, bueno, igual sigo porque sé que estás ahí intentando oírme. Pero es que no puedo dejar de pensar en el tiempo, y va de nuevo esta conversación que seguimos sin parar desde hace días a la misma hora, desde que estamos así, las cosas se paralizan despacio, nadie dijo que sería de un día para

otro como en las putas series de televisión, no, todo va prolongándose, las voces del *portunhol* se silencian y las luces poco a poco se van diluyendo en la oscuridad de la noche. Pero lo voy a tomar como aprendizaje, también necesitaba entrar en contacto conmigo misma, eso dicen en la internet, pero es como si el tiempo no transcurriera, como si cada día fuera la continuación del otro exactamente igual. Solo veo esta pantalla, allí hay miles de personas contando sus historias... es un ruido insoportable que me ahoga y casi no me deja respirar. Que? Não, não, vai embora? No se vaya! Aguarde mais um pouquinho, neste momento estou tentando mudar de tema, sim por favor pode, sim pode mesmo? Preciso de falar com vocês Não quero falar com vocês Não sei se quero falar com vocês Mas ainda aguardo, mais um pouco. Você precisa de conversar conmigo? Pero es que yo he ligado para conversar *com você*, le estoy pidiendo que no pierda su tiempo, si es que cree que digo algo especial, no, solo quería hablar con alguien y comentar que el problema se nos vino encima, aunque pensándolo bien no es problema, sino una circunstancia que nos lleva buscar respuestas, sí, respuestas de palabras que no dicen nada o respuestas de imágenes que corren sin parar y que nos dejan en una inmensa cacofonía, palabras que atraviesan las autopistas buscando que algún día alguien las recoja, palabras que no son más que ideas que se fugaron en medio de la noche porque estaban cansadas de ser utilizadas.... palabras que tratan de aferrarse de cualquier tema. Ahora es donde empiezo a divagar en busca de estas respuestas, pues se me han acabado las excusas para buscar a alguien que quiera conversar, sí, ¡creo que ese es el gran problema... conversar! ¿Cómo? Ah sí, claro que se lo voy a contar todo, pero no se incomode por lo que puedo decir, es que a veces siento que mis palabras están aquí atrapadas como una represa y no sé cómo comunicarme, pues hago un *LIVE* siempre, todos los días a la misma hora por esta vía y procuro alguien que preferiblemente fale português, porque assim posso praticar o meu português que é mais um *portunhol* mesmo. Disculpe, pero el problema es ese, cuando no nos comunicamos quedamos atrapados con un mar inmenso de palabras que necesitan salir, como cuando todo esto empezó y avisaron la cuarentena por el virus, todos corrimos en estampida a buscar algo en la farmacia o en el mercado, como aquellos animalitos que salen en la tele, esos de la sabana del Serengueti ¿*lembra*? En África, que al salir nerviosos corren en estampida ñus, gacelas, cebras, elefantes, hienas, leones, chitas y cuanto *bichinho* hay por cerca, corren a toda velocidad generando un caos con tal fuerza que la sabana retumba a medida que ellos van avanzando, como un temporal que aturde,

como una tromba de sonidos, igual que las personas que pensaron que en la cuarentena se acababa el mundo y se llevaron todo el papel higiénico, las pilas, el carbón, los chocolates, el café y las botellas de agua mineral, sin preguntar quién estaba al lado... simplemente se llevaron todo, pero hay un detalle, siempre hay una puta cebra enferma o huérfana que pierde el ritmo y ahí es donde entra la mejor parte, pues la leona hambrienta la va tomar por el cuello y se acaba la historia. Ahora mismo no sé quién es más agradecida, la manada que corre sin ver, o la cebrita que se ha quedado para ser almuerzo de la leona y se acabaron sus problemas, es contradictorio ¿no? pues no sabemos si es mejor olvidarse del mercado, quedarse en casa o matarse con los demás en la calle, porque a ciencia cierta queremos todo ¿qué será mejor ser cebrita, o ser leona?

Vocês ainda não me compreende quando eu falo?
Cara, vocês precisa aprender espanhol, para me compreender, né?
Não me ligue, não me procure, não desligue por favor!!

F. - *(Sigue el LIVE de Instagram, ahora ella come sin parar, habla y la comida sale disparada de su boca)(suena el tema Everything in right place de Radiohead desde el computador)* Estamos tan inmersos en las redes que no podemos ver más allá de esta pequeña pantalla y tratamos de sobrevivir, para no ser como la cebrita de África, miserable, a la expectativa de lo que aparece aquí en internet, corremos violentamente para ver y compartir la información en nuestros *lives*, mensajes o estatus, casi siempre esperamos la leona, pero la leona es más grande de lo que pensamos y nos resulta más fácil entrar en la manada no cree ud?

España, miles de muertos por la fiebre, corremos a ver cómo quedaron,
Italia, miles de muertos, la mayoría viejitos, corremos a ver cómo quedaron,
China, miles de muertos, nosotros diremos que ellos son los culpables y nos gustaría ver cómo quedaron,

Ecuador, miles de muertos tirados en la calle de Guayaquil, disfrutamos ver por nuestras pantallas cómo los llevan en camiones de basura, y por supuesto, que queremos ver cómo quedaron.

Eso es lo que queremos!! ver cómo se los llevan en camiones de basura, porque no soportamos que la realidad pase por encima de cualquier invento, esa es la verdad. Y nosotros renviamos esas imágenes a todos nuestros contactos. Ahora todos somos especialistas en Camus, Artaud, Genet, y cuanto imbécil escribió sobre muertos, guerras o pandemias, pero realmente

somos depredadores de nuestras pantallas, solamente, sí, sin parar de comernos historias sin piedad, lo hacemos, es eso lo que queríamos, pues ahí está, cambiamos para convertirnos en cebritas frente a estos videos. Definitivamente estamos ahogados, abandonados y desahuciados en estos días mirando por la ventana, escuchado al vecino comiendo, durmiendo, entrando, saliendo, buscando, mirando, masturbándonos, *una y otra vez-una y otra vez, -una y otra vez, -una y otra vez, -una y otra vez, -una y otra...*, sin parar, sin comprender que el mundo sigue siendo el mismo, con los mismos hijos de putas que no se quieren, con las mismas ideas de acabar con todo lo que está cerca de nosotros, con los mismos gustos por devorarnos, ya sea por esta puta pantalla de internet, o por teléfono, o en persona, seguimos en lo mismo, nos comemos! por eso somos la leona y la cebrita al mismo tiempo. Decimos que el mundo cambió, mierda y más mierda para inventarnos una excusa "postencierro", porque le garantizo que continuaremos haciendo lo mismo que hace unos meses atrás, será exactamente lo mismo, pero aquí, dentro de la casa, juramos ser distintos mientras disfrutamos de nuestros muertos *não acredita, né?* siempre nos pareció una estupidez la quema del Amazona, la destrucción de los ríos, los gases de la industria, la influencia de los aviones y los carros en la capa de ozono, la matanza de animales en el mar, en la selva, en los mataderos, en las ciudades, porque no podemos ver nada moviéndose y ya queremos matarlo, comerlo, eliminarlo, creo que por eso tenemos mascotas, para dar a ellos lo que no somos capaces de compartir entre nosotros, vemos miles morir en la calle. Hasta hoy, en medio de este encierro, nos dimos cuenta que hay gente muriendo en las calles y nos entra una supuesta compasión... no seamos hipócritas!!, eso somos, depredadores de nosotros mismos, sin escrúpulos. Estamos en la misma onda de hace tres meses, o un año, o diez o treinta años atrás, somos los mismos hijos de puta, volvimos mierda todo lo que nos rodea. Depredadores de imágenes, depredadores de ideas, depredadores de nosotros mismos, depredadores de los sueños del niño que vimos en la esquina, del que tiene hambre del que está enfermo, del que necesita de otro, del que le jodieron la vida y vaga por las calles sin sentido depredadores que no tienen sentido de ser unos malditos depredadores que se comen a sí mismos, depredadores del aire, depredadores de esas imágenes que nos gustan y que disfrutamos....

Não, não vá embora

Eu preciso te contar algo, mas você não acredita neste negocio

Posso te ligar daqui apouco?

O que acontece? está brigando comigo?

Para, para aí, chega, né?
(se corta la transmisión y se detiene el sonido y la música)

F. - *(en ropa deportiva)* Aló, aló, aló, vocês vai querer falar comigo? Oi, opa, rapaz, guri, piá, menino, moleque... contesta aí, nossa, o que cara chato demais... *(sonido de llamada por Skype, entra la llamada)* Opa tudo bem com vocês? não acredito que foi para mercado... sério? Na minha região a gente não consegue sair nem para esquina, pois eles falam que pode entrar um novo virus o virus da rebelião, kkkk imagina, eles são como loucos, mas eles são assim mesmo, maluquinhos... não, a gente não pode sair da casa, nas ruas, lá fora, só escuto o barulho dos camiões que passam pela rodovia... Né, pois vou contar uma história para ti, mas hoje só consigo te ligar por esta via, tá bom? Beleza!!!! Pero sabemos que no es un virus de gripe, es un maldito virus de informaciones que nos quieren vender y nosotros seguimos esperando por los restos de lo que nos inventaron... esa es la realidad y no me contradigas porque voy a cortar de una vez por todas esta llamada, no llames. no me escribas, no me intentes buscar.... espera que yo te llame... espera... espera, espera. Las palabras no logran salir todavía, las palabras ahora caen sobre este teclado del computador y a lo lejos una moto atraviesa la rodovia, mi palabra es este silencio en la calle, pero al mismo tiempo el sonido del viento que es más agradable, mientras, trato de organizar mis ideas como cada fragmento que leo de internet, es el silencio que se confunde con el portunhol de la calle, del corredor, de la vereda, de cada rincón de la casa, pero ¿es acaso lo único que puedo hacer hoy? ¿Tratar de hablar con alguien de la compu? aunque realmente no sé si es mujer u hombre, pero eso ahora no importa. ¿Sabe? a esta hora la vecina ya salió a limpiar el frente de su casa, claro de la puerta hacia adentro y se escucha Cala boca piá que estou tentando lavar as roupas para tomar banho e fazer almoço!! grita para uno de sus hijos, Nossa, ainda não tem escola vocês, eu vou ficar doida nesta cidade!! Mientras suena un sartenejo al fondo, y yo sigo ahí, hablando con mi compu, mirando por la ventana y preguntándome porqué sigo ligando por Skype o Instagram a alguien que me quiera oír. *(alguien responde, no sabemos si es mujer u hombre, sólo una voz)*

aló, aló alo
alguém tá aí? alguém quer se comunicar comigo?
aló aló, aló
se vocês consegue me escutar, quero te comentar que eu também preciso

de conversar,
se quiser eu posso te ministrar uma oficina de origami ou sushi express, só para pessoas serias que se interessem na temática, também posso te dar aulas de natação pelo Twitter e temos cursos completos de karate-do pelo Instagram, mas o que todos querem é aprender fazer é o tutorial do tutorial do Youtube, se vocês quiser eu posso te ensinar e ganhar na tua miserável vida pelo Youtube ou Instagram só não desligue por favor!!!!
aló aló aló
acho que estou atrapalhado nesta porrada da internet,
vocês acredita que o mundo ainda está se movimentando lá fora?
aló aló aló (F. *sonríe*)

F. - El 24 de diciembre de 2019 estuvimos ocupados todo el día haciendo la comida de navidad, me acuerdo que mi vecina carioca entró como una tromba en la casa y me dijo E aí, como é que vocês tá? vamos cozinhar um peru e um porquinho no forno, além de farofa com a receita da minha família, bolo de chocolate, mas antes a gente tem que comer linguiças asadas, e assim temos escusas pra beber-nos as cervejinhas geladas e a cachaça mineira que tenho aqui para esta data... vamos embora... bora, bora, bora que temos festa!!!, Ohhh Maluco Beleza!! Esa canción de Raúl Seixas ella se la sabe de memoria y la canta a diario. Finalmente, la comida fue ganando más gusto. Lo mejor de todo es que el estándar de la fiesta te llama la atención, y ese "estándar" es una buena ocasión para que entre en juego todo el vecindario, ese día supe que mi vecina era carioca, el señor de al lado es de Minas Gerais, el dueño de la casa de Manaus, por eso no le entendía cuando hablaba, los chicos graciosos de la esquina son paraguayos, el viejito que habla sin parar es Gaúcho, sin contar una amiga que trabaja de Uber es argentina, total, aquí nadie es de la ciudad y todos venimos de lejos, tal vez eso ayuda a mantener los lazos de amistad, aunque yo estoy jugando siempre al límite. El caso fue que el fantasma de mis palabras retorna cuando menos lo espero, se desvanece en la pantalla, pero nace en plena fiesta "familiar", vi cómo empezó a desaparecer la imagen de un Papa Noel que estaba colgado en el vano de la ventana de la cocina, bien lindo, en su traje de invierno rojo entrando por la chimenea de una familia perfecta de niños que no pelean y con padres felices, o al menos eso me imagino con los retratos esos que nos venden en cada esquina de Coca-Cola que decora todas las ciudades sin contemplación, el viejo barrigudo entra en las casas de nuestro trópico a cuarenta grados centígrados, pues este verano fue como una caldera enorme,

aunque pienso que eso es lo que más se parece a un infierno. Y como le dije, es en ese instante donde aparecen de nuevo nuestros fantasmas, aquellos que te dicen *Moça, volta para cá!* y ves que Papa Noel se desvanece entre las palabras y los cuentos del grupo que celebra, ese fantasma que me sigue llega ahora convertido en un inmenso barullo que recorre la habitación, las voces llegan de todas parte al mismo tiempo, sientes que tu celular es el único refugio que te protege de las palabras que dispara tu vecina mientras cuenta las historias de sus amoríos con un profesor peruano que conoció en sus vacaciones, tu WhatsApp te atiborra de mensajes sobre felicidad, fin de mundo, abrazos virtuales, memes sin sentido, cachorritos que bailan, gatos en pijama, vestidos de tristeza, videos de niños llorando porque es navidad y no van a poder comer, mientras nosotros reímos, reímos, reímos y reímos sin parar, pues es la única forma de aislarnos, es ese sonido que entra por la cabeza desciende por la garganta, baja hasta el estómago, se extiende como peste por el cuerpo, y tú, sin capacidad de reaccionar pensando que te traicionas a ti misma, a tus ideas, quieres salir corriendo mientras entras en pánico, todos están riendo, pero viendo también sus teléfonos celulares, sin despegarse, sin levantar la cabeza como si existiera más de una persona dentro de ellos. Revisan juegan, ríen, hablan sin parar, hacen un *LIVE*, estoy segura que es una especie de contrato que hicimos para acompañarnos hoy, que este cuerpo está aquí conmigo, pero mis palabras están corriendo en otras cabezas, nos sentamos aquí para no estar solos, para hacer nuestros *lives* sin tener idea de lo que se nos avecina en menos de tres meses. Hoy veo esos días como una pasantía para estos meses que ahora estamos viviendo. Y justo en medio de los olores del chocolate, el asado, el cerdo horneado, la espuma de la cerveza y el fondo de un *sartenejo de Chitãozinho & Xororó*, empiezas a regresar, has estado unos segundos fuera de ti sin saber lo que pasaba, por eso cuando reaccionas te ríes de un chiste que no comprendes, primero porque no estabas aquí, segundo, porque hablaron en portugués tan acelerado que era casi incomprensible. Cada una de las palabras cayeron al suelo y se extendieron por el patio de la casa, para perderse en el jardín detrás de una de las matas de jabuticaba... allí fue donde vi aquellas imágenes publicadas por el *Diario El País* sobre los muertos de Wuhan, pero a medida que abría la información en mi cel y mi vecina se entretenía con otra historia de las playas de Florianópolis, vi fotos, muchas fotos de muertos, aunque hay una que no se la fecha y hoy se me confunde todo, es la de un señor tirado en la calle, pensé que era un señor dormido, como los que duermen en las calles a diario, pudimos ver una foto

que en primer plano tiene una bicicleta con su respectivo conductor que lleva una mascarilla y en la cesta de su bicicleta una bolsa como de pan, al fondo ese señor con el abrigo negro y su mascarilla, allí estirado completamente sobre la calle gris, atrás un telón gris, encima una escenografía de teatro de color rojo con letras amarillas, vehículos aparcados a la izquierda en total normalidad, me imagino que el señor del primer plano está pedaleando como todos los días, como siempre lo habrá hecho, pasa sin percibir al otro que no está dormido sino muerto, según dice en la leyenda de la foto. Aquí es donde certifico que esa es la importancia de nuestra vida, de lo que vale una vida, pues esta historia no para aquí y sigue una segunda foto en el mismo escenario al estilo de fotonovela, pero ahora con dos señores de traje blanco de protección epidemiológica, como del espacio, mirando juntos a la cámara como en una especie de *selfie* que le dará la vuelta al mundo y es donde te preguntas, si hay una inversión de miles de euros o dólares en la lucha contra un virus, si los señores de los trajes blancos pertenecen a un proyecto millonario, si todos los involucrados están en un país millonario, si se invirtió un presupuesto para el fotógrafo que tomó esta "foto", pues alguien le pagó para que llegara hasta esa calle, si se han invertido miles de dólares en hacer la transmisión de datos y de reportajes sobre este señor muerto en la calle, por qué aun así no existe una puta, una sola puta muestra de misericordia por este cuerpo inerte de un anónimo que está allí como un trozo de nada y podría ser retirado con dignidad ¿dónde mierdas aparece la sensibilidad de lo que estamos hablando? ¿dónde está ese resto de humanidad de la que tanto mostramos en la red? ¿Ah? Explícame eso, si es que se puede explicar, porque mientras yo introduzco en mi boca trozos y trozos de comidas deliciosas, veo la imagen de los muertos en China y en lugar de sentir náusea siento que necesito ver más... ese es el mundo que construimos, donde cada palabra se desvanece una y otra vez, así como nuestras cabezas, nuestro ser y nuestras vidas, un sin sentido por lo más importante... es así!!!

sin sentido de la vida,

sin sentido de mirar a través de la ventana y ver siempre lo mismo,

sin sentido de estar atrapada en esta computadora que es mi única referencia con lo que ocurre allá afuera,

sin sentido de palabras que no dicen nada, solo sirven para señalar, para definir, para enjuiciar, para denigrar,

sin sentido de ver la muerte caminar por la calle,

sin sentido de no saber lo queremos aparte de intentar vivir,

sin sentido de revisar, revisar una y otra vez las mismas imágenes, las mismas noticias, las mismas informaciones,
sin sentido de las palabras que intentan trepar, pero yo las aparto para que ya no digan nada,
sin sentido de este encierro que hoy todavía dudo si es necesario, porque de seguro alguien está jugando con nosotros de manera frívola, como en esa foto o en esos videos que llegan de China, Ecuador, España o Italia, sin sentido...

Pero no nos desesperemos porque tenemos una solución a todo esto, pues nuestra compañera Google le da sentido a la vida, para que en este encierro aleje al fantasma de las palabras y adquiera otras dimensiones monumentales, Google me sigue diciendo que el mundo cambió, que ahora estamos ante un nuevo mundo, que la capa de ozono, los glaciares, el Amazonas y los pingüinos se salvaron, todos al mismo tiempo en quince días, pero, ¿de cuál nuevo mundo hablamos? si seguimos y seguiremos siendo la misma mierda, que mira con cara mierda, que habla mierda y si no se piensa como mierda, no dejamos de ser la mierda que siempre hemos sido, porque si tratas de ayudar, siempre aparecerá el hijo de puta de mierda que te trata como una mierda y te dice que les importa una mierda que tú quieras ayudar, que ya tenemos bastante gente de mierda al frente de este nuevo mundo de mierda, que no se te olvide que no puedes cambiar ni una mierda de coma en esta mierda y si te mueres como una mierda será mejor, porque habrá menos mierdas para alimentar con mierda, conductas de mierda, con vacíos de mierda que no puedes cubrir, pero ahí está Google diciéndome cada mañana que hay un lindo mundo de mierda nuevo, esperando por ti!!! Não, não, não!!! Aló, aló, aló vai embora? No se vaya! Aguarde mais um pokin, neste momento estou tentando mudar de tema, sim por favor, pode? Sim, pode mesmo?

Preciso de falar com você

E, aí como que tá você?? kkkkkk

Não sei se quero falar com você

Mas ainda aguarda, so fica mais um pouco nesta porrada...

Sonido de interferencia, luego se escucha fuertemente el video juego de Google del dinosaurio sin parar.

F. - *(Está mojada como saliendo del baño, empieza colocarse y quitarse diferentes*

ropas al azar sin parar, mientras inicia un nuevo LIVE por Instagram) Oi tudo bem com vocês? sim, estava no banheiro, pois tentado limpiar a minha aura, não, só que a agente precisa um pouco de água para estar mais limpo nas ideias, né? Vocês que tal, com muito frio ou calor? cara isto aqui é um inferno de merda, as vezes tenho que sair caminar pela grade e voltar porque fico maluquinha, mas não pare, pode seguir me contando da sua vida, ok? Opa tenho muita gente aqui no meu LIVE!!! de qué estábamos hablando? ah verdad, recordé que el ultimo día antes del encierro, yo estaba en la parada del ómnibus, y, mientras todos hablaban estupideces me quedé asombrada cómo las palabras saltaban de un lado a otro de la calle, de la *rodovia* hacia la acera, de la copa del árbol hasta la entrada principal de la carretera, de arriba hacia abajo, de un lado a otro, cataratas de palabras con y sin ideas, de sonidos que balbuceaban en diferentes idiomas y acentos, de palabras incomprensibles que decían mil cosas al mismo tiempo, todas intentando contarnos que estamos siempre en el mismo punto, en la misma línea de partida, en la misma parada de la carretera o de la internet sin poder hacer nada, sin dejar de ser los mismos, porque aunque hablemos por aquí, seguimos siendo los mismos de siempre con este mundo igual. Sabe, me he leído todo lo que me han enviado de Zizek, de Byung-Chul Han, de Judith Butler, toda la Sopa Wuhan, los documentales sobre las pandemias, los libros de la Unesco que fueron liberados, los blogs de especialista de epidemias ovis y golpes de estado, The Walking Dead, los *LIVE* de todos en Instagram y Facebook, las entrevistas a médicos, políticos, banqueros, astrólogos, los artistas que están vendiendo sus nuevos temas desde Spotify y Netflix, pero lo que sorprende es que cada uno de ellos me demuestra que estamos perdiendo el tiempo al tratar de ganar tiempo desde nuestras casas, porque somos los mismos miserables de siempre esperando para jodernos con o sin palabras, nos importa una mierda la fraternidad que sólo duró la primera semana de esta cuarentena, porque mientras algunos cantaban por las ventanas, los balcones y las puertas de sus residencias, otros pensaban, y eran millones, que es un absurdo escuchar al otro, por eso, mientras los que cantaban o hacían cualquier estupidez no se percataban que todo seguía siendo igual, las fronteras se cerraban, la vigilancia era más violenta, fuimos relegados a recibir órdenes sin protestar, dimos la entrada al fascismo, al nacionalismo, al individualismo, a la miseria, nunca saldremos de esta, pues tenemos nuestro mundo de mentiras sin lugar a dudas, pero solo se nos ocurrió hacer estas *LIVE* para "yo" comunicarme, no para escucharlos a ustedes. Pero no, no *desliguem deste LIVE*, piensen

que nunca nos salvaremos de este apocalipsis epidemiológico, tal vez todo esto sea un sueño... *não, não, não desligue, também não, não se preocupe en enviarme mensajes a esta transmisión* porque sé que estamos igual de atrapados en la epidemia de palabras que atraviesan las pantallas, las calles, el ómnibus, las casa, las mascotas, el vecindario, la señora cansada de pelear con su hijo, el vecino con el *sartenejo*, la escuela cerrada hasta nuevo aviso, el presidente balbuceando idioteces, las niñas corriendo en el patio de la casa, los pájaros que no quieren contarnos nada, el vecino que se cree el dueño del vecindario, el rio que sigue la corriente sin cesar, la ciudad en silencio con árboles agradecidos y el mundo girando. Mientras nosotros aquí *ligando* una y otra vez esperando devolver las palabras a quienes no nos han dado media idea, sentados en estos aparatos para ver si alguien contesta o me ve... *Oi entendeu?? Acho, que estamos dando vueltas en el mismo punto desde que empezamos a hablar, las palabras fluyen, ¿no se da cuenta que las dejamos caer sobre el teclado para que corran en medio de su cacofonía? ya no sé si estamos hablando en español o portugués o tal vez el portunhol. Aló, aló, aló si alguna persona ahí me escucha o me ve, les comento que mañana será un nuevo día de esta cuarentena, ¡¡¡si alguien quiere hablar conmigo aquí estaré con mi LIVE y mis palabras que nunca me dejan descansar... Buenas noches!!! (apaga la luz mientras que del otro lado de la pantalla se ve que hay una conexión de otra mujer en pijama exactamente igual hablando lo siguiente)* Outra F. Eu não sou capaz de escrever meia palavra, só consigo ver pela janela da minha casa, do meu quarto, do meu compu, lá, do outro lado passam os dias mesmos, as coisas iguais, os barulhos da cidade muito longes, quase não consigo ouvir e tenho uma menina que liga seu LIVE no Instagram sempre na mesma hora falando a mesma bosta. Alguém lá pode me escutar, ainda estou atrapalhada na minha casa, oi, alguém pode me escutar??... *(sigue hablando sin parar)*

Sonidos al unísono de llamada de Skype, mensaje de WhatsApp, lives de Instagram, video de Facebook, canciones y conversaciones inaudibles, todo va in crescendo en una gran tormenta polifónica.

Oscuro

RATAS

Lucas Cavallo ⁶⁶
(Madrid – España)

⁶⁶ Licenciado en Ciencias Políticas, Project Manager y experimento de dramaturgo.

El espacio es un salón con una mesa y cuatro sillas. Equipado con todo lo que suele tener un salón de clase media. En un costado, un sofá y, enfrente, la tele. En un lateral se ve la puerta de entrada de la habitación, en el otro, la puerta de salida al edificio. Las persianas están cerradas, se percibe una luz tenue.

Ana, 32 años, en pijama, completamente despeinada, sale tímidamente de la habitación. Se ve que está cansada. Se despereza. Busca el mando de la tele y cuando lo encuentra, lo coge, lo sostiene un rato en la mano y lo tira. Se deja caer en el sofá, mira hacia los costados, está como perdida. Ya no sabe qué más hacer. En ese momento entra Juan, 36, vestido con ropa cómoda. Trae unas bolsas con comida.

JUAN - *(Dejando las bolsas en el suelo)*

ANA - ¿Qué haces con tan poca luz? Anda, enciende alguna, por favor.

ANA - ¿Para qué?

JUAN - ¿Para qué va a ser? Para ver un poco.

ANA - Si quieres ver, sube las persianas.

JUAN - *(Respirando profundamente)* Ana, *(pausa)* ya sabes que no se puede. Lo prohibieron hace poco. Tenemos que hacer todo lo que nos dicen. No hay otra forma de pasar esto.

ANA - No lo prohibieron hace poco. Llevamos seis meses sin ver la luz del día.

JUAN - *(Sentándose junto a ella)* Ya, ya lo sé. Pero es que no quiero darle importancia. Si se la doy, me deprimó más.

ANA - ¿Qué nos dejaron en las bolsas?

JUAN - No sé, no me fijé todavía. Cada vez nos dan menos tiempo para coger las bolsas de la entrada.

ANA - ¿Estaban los vecinos?

JUAN - No, llevo meses sin saber nada de ellos.

ANA - ¿Pudiste ver algo ahí afuera?

JUAN - No, la puerta sigue tapiada.

ANA - ¿Y cómo hacen ellos para entrar y dejarnos las bolsas?

JUAN - No lo sé, no lo pensé, no lo pregunté. *(Pausa)*. Creo que hay cosas que es mejor no preguntarlas, ni saberlas, ni pensarlas.

ANA - *(Decepcionada)* Ya. *(Silencio)*.

JUAN - Ana, tienes que hacer algo, no puede ser que estés siempre triste. Te necesito bien. Te necesito feliz.

ANA - *(Harta)* Juan, de verdad, ¿qué quieres que haga? *(Se pone de pie, él la sigue)* Yo ya no sé qué hacer. Al principio solamente pasaba en China y nos reíamos de esto. Luego se expandió por los países asiáticos, pero todo estaba muy lejos y nosotros nos seguimos riendo. En un momento dado llegó a Italia, y ahí la risa comenzó a disiparse. Luego nos tocó a nosotros y no quisimos ni pensamos ni preguntamos nada y, de repente, se infectó todo el país. Estado de alarma quince días, luego otros quince, luego más de un mes. Salir solo a trabajar, salir solo a comprar y desde hace unos meses no salir en absoluto. Quedarte sin trabajo, no hablar con nadie, no ver a nadie. No tenemos contacto, Juan. Esto es una locura.

JUAN - Tal vez no fue una buena idea deshacernos de los móviles.

ANA - No teníamos otra opción. Todo el mundo enviando memes, audios, videos. Todos los grupos de trabajo, amigos o lo que sea sabían gestionar perfectamente esta crisis menos los que están en el poder. Llegó un momento en el cual era imposible seguir con ese machaque psicológico. No

sé si hicimos bien en seguir las indicaciones del Gobierno, pero la situación ya era inaguantable.

JUAN - Tenemos que hacer algo para estar mejor. No podemos seguir así. No sé, antes nos distraíamos haciendo ejercicios, cocinando, viendo la tele. Piensa en la gente que tuvo que pasar una guerra, el nazismo o tuvo que estar oculto años durante la dictadura franquista.

ANA - Si, lo sé. Yo también recibí esos whatssap. *(Pausa)*. No sé cómo explicarte. Yo soy yo y mis circunstancias. Y me tocó vivir en la era de la comunicación, en la era en la que todo era más fácil y míranos. *(Pausa)*. Confinados, sin poder contactar con nadie. Más incomunicados que nunca. Yo sé que nuestra situación es muchísimo mejor que la que tiene o tuvo otra gente. *(Pausa)*. Cada vez que pienso en esto recuerdo un capítulo de una serie que me gustaba mucho cuando era más joven. Le preguntaban por qué ella creía que sus problemas eran más importantes que los del resto de las personas y ella contestaba: "porque son míos". Así me siento yo.

JUAN - Bueno, pero al menos nos tenemos el uno al otro, ¿no?

ANA - *(Exhausta)* Supongo.

JUAN - No te entiendo, Ana.

ANA - Que ya no sé si eso es bueno o no, Juan.

JUAN - No sé exactamente qué es lo que me quieres decir.

ANA - *(Agarrándose la cabeza, suspira)* Que al principio no pasa nada, trabajas desde casa, vemos series, estamos juntos. Hasta puede parecer romántico. Pero ahora... *(Pausa)* Es siempre lo mismo, Juan, siempre.

JUAN - ¿Vamos a tener esta conversación otra vez?

ANA - Lo siento, Juan, ya sé que llevo varios meses mal, ya te lo expliqué. Yo tendría que estar en otra parte, viviendo mi vida fuera de aquí, sola. Intenté irme, pero ya no se pudo. Y ahora intento que estemos lo mejor que se pueda, pero no sé cómo hacerlo. Esto no me hace bien a mí. Esto no te hace

bien a ti. No puedo esforzarme más. Me canso, Juan.

JUAN - ¿Te cansas de mí?

ANA - Me canso de todo. De las discusiones por todo. De estar irascible.

JUAN - Tú estás irascible.

ANA - Ya, ya lo sé. Pero si no estoy bien yo conmigo misma. No puedo estar bien contigo. No podemos estar bien los dos.

JUAN - ¿Acaso te trato mal? ¿No voy todos los días a por las bolsas? ¿No intento levantarte el ánimo? ¿No..

ANA - *(Interrumpiéndolo)* Claro que sí, haces todo. Y lo haces bien. No es culpa tuya.

JUAN - ¿Entonces es culpa tuya?

ANA - No es culpa de nadie, Juan. *(Suspira)* A veces pienso que todo esto es como un experimento y nosotros somos las ratas de laboratorio.

JUAN - *(Abrazándola)* Ana, creo que estás muy nerviosa y hoy te ha entrado el bajón.

ANA - Puede ser, no sé. Estoy... *(Pausa)* agotada.

JUAN - Ven, siéntate conmigo.

ANA - ¿Qué hacemos con las bolsas?

Juan recoge las bolsas y las deja sobre la mesa. Ve el mando tirado y se lo lleva.

JUAN - ¿Ponemos algo en la tele?

ANA - No sé. La verdad es que no tengo muchas ganas.

JUAN - Vamos, seguro que hay algo bueno.

ANA - No quiero ver la tele, quiero ver ahí afuera.

JUAN - No quiero sonar repetitivo, pero ya sabes que no se puede.

ANA - Lo sé. ¿Qué hora es?

JUAN - Las cinco. ¿Por?

ANA - Porque quiero saber qué dan en la tele.

JUAN - Ya vas cediendo, ¿eh?

ANA - Un poco. Pero la verdad es que no sé si me apetece verla.

JUAN - ¿Por qué? Seguro que echan algo bueno.

ANA - ¿Cómo lo sabes? Si lo único que vemos son series. Yo quiero ver las noticias, no sé, algo de actualidad.

JUAN - Las ponemos si quieres. Lo que haga falta. Yo solo quiero verte con otra cara. Que sonrías un poco. Como antes. ¿Te acuerdas?

ANA - Hace tanto que no sonrío que creo que ya olvidé cómo se hace. *(Pausa)*. Pensándolo bien, no sé, lo de las noticias, digo. Son un coñazo ahora. Siempre cuentan lo mismo.

JUAN - Bueno, supongo que, estando la situación como está, no podrán contar muchas cosas, pero irán variando un poco, ¿no?

ANA - No, Juan, literalmente son siempre las mismas noticias. ¿No te habías dado cuenta?

JUAN - *(Riéndose)* Serán similares, supongo, y tú te imaginas que son las mismas.

ANA - *(Motivada)* ¿Quieres jugar?

JUAN - ¿A qué?

ANA - *(Mirando hacia donde no está la tele):* A que adivino lo que va a aparecer en la tele. Mira, tu pon las noticias y yo te digo antes que el presentador lo que va a decir.

JUAN - *(Riéndose)* Apostaría algo, pero ahora el concepto del dinero es tan relativo.

ANA - Venga. ¿Empezamos?

JUAN - Vale, dime.

ANA - A ver, son las cinco y diez. En el primer canal están dando el tiempo, mañana llueve y el fin de semana hay borrasca.

Juan enciende la televisión.

PRESENTADOR - *(En off)* Malas noticias para todos. Mañana llueve en todo el país, pero eso no es lo peor de todo. El fin de semana llega una borrasca.

ANA - ¿Has visto?

JUAN - Increíble.

ANA - En el próximo canal está Cayetana Guillén Cuervo presentando Versión española.

Juan cambia de canal.

CAYETANA - *(En off)* Bienvenidos a versión española.

ANA - La peli es...(Pensando). Vete de mí.

CAYETANA - *(En off)* Hoy presentamos: Vete de mí.

ANA - *(Orgullosa)* Te lo dije.

JUAN - Anonadado me tienes.

ANA - En el próximo canal hay una señora hablando de las cucarachas que se le metieron en su casa y luego ya no hay conexión a otros canales, se ve todo en gris.

Juan vuelve a cambiar de canal.

SEÑORA - *(En off)* Se me han metido unas cucarachas en casa.

Juan apaga la tele.

ANA - ¿No ves? Siempre la misma historia.

JUAN - Bueno. ¿Vemos una serie?

ANA - *(Pensando)* Espera, espera.

JUAN - ¿Qué pasa?

ANA - Es eso. Es siempre lo mismo. Siempre estamos viendo lo mismo, estamos en bucle.

JUAN - No te entiendo.

ANA - Juan, escúchame. Joder, cómo pudimos ser tan tontos. Es todo mentira.

JUAN - ¿Cómo va a ser todo mentira? No te sigo.

ANA - Juan, la tele, casi no hay canales, solo son programas enlatados. Y todo lo que ponen lo repiten sin parar una y otra vez.

JUAN - Ana, en una catástrofe de esta magnitud entiendo que es normal que pongan a veces los mismos programas. No desvaríes.

ANA - No, Juan, a veces no. Es siempre lo mismo. De lunes a viernes.

JUAN - Creo que exageras.

ANA - Juan, las noticias, acerté el tiempo. *(Hablando para sí en voz alta)* ¿Cómo

no nos dimos cuenta?

JUAN - ¿Cuenta de qué?

ANA - *(Hablando muy rápido, nerviosa)* De que todo es falso. Nos han engañado por todas partes. Piénsalo. Lo fueron haciendo de a poco, al principio nos limitaron las salidas, luego nos confinaron sin salir a la calle, nos hicieron cerrar todas las ventanas, no podemos salir a comprar. Nos traen todo desde fuera. No tenemos contacto con nadie, ni con los vecinos. Los móviles. Hasta los móviles nos los hicieron tirar. Todo es falso. Todo es una patraña.

JUAN - Ana, creo que te estás volviendo loca.

ANA - Las ratas, Juan.

JUAN - *(Mirando hacia todas partes)* ¿Ratas? ¿Dónde?

ANA - Nosotros. Nosotros somos las ratas de laboratorio. *(Inquieta)* Voy a salir.

Ana se va hacia la habitación, Juan la sigue. Ana sale poniéndose el abrigo.

JUAN - ¿Cómo que vas a salir?

ANA - Como lo oyes, voy a salir a la calle. Este encierro no me lo creo más.

JUAN - Ana, te van a meter presa. Nos van a meter presos a los dos o Dios sabe qué. Por favor, no salgas.

ANA - No sé qué puede llegar a saber Dios a estas alturas. *(Mirándolo fijamente)* Si quieres que no salgas al menos déjame abrir las persianas.

JUAN - No, Ana, sabes que no se puede.

ANA - ¿No ves? Es el plan perfecto.

JUAN - ¿El plan perfecto para qué?

ANA - No lo sé y es lo quiero averiguar.

JUAN - Ana, ¿te escuchas cuando hablas? No tiene sentido.

ANA - Juan, nada de esto tiene sentido. Ni lo de la comida, ni la tele, ni las persianas, ni el móvil. Nada. ¿No te has dado cuenta que no tenemos ninguna noticia del mundo exterior? ¿Cuántos son los contagiados y los muertos? Hace seis meses que no nos dan una cifra.

JUAN - Es normal, Ana. Recuerda que han evitado dar ese tipo de información para no desmoralizar al resto de la población. Esto lo hemos hablado más veces.

ANA - No, Juan, esto no lo hemos hablado nunca. Lo que hacíamos era discutir.

JUAN - Eso es lo que hacías tú.

ANA - Me da igual. Mira, me voy a armar de valor y voy a salir a la calle y te voy a demostrar que todo esto es una gran mentira.

JUAN - No lo hagas, por favor.

Ana, de repente, examina a Juan con su mirada. Al principio, se queda quieta y luego se va alejando de él.

ANA - Tú. *(Pausa)*. Todo lo has organizado tú.

JUAN - ¿Cómo?

ANA - La orden de bajar las persianas me la contaste tú. Lo de no poder salir a la calle me lo contaste tú, no lo vi en ninguna parte. Tú te has deshecho de los móviles. La tele en bucle como si fuera la puta película de Speed. La comida, *(pausa)* la comida la bajas a buscar tú. Has hecho todo esto para que no me fuera. Y yo simplemente te obedezco.

JUAN - Estás completamente loca. Si sales, te van a matar.

ANA - Si me quedo aquí, me voy a morir igualmente.

JUAN - *(Intentando acercarse a ella)* No te lo voy a permitir.

ANA - *(Muy seria, mirándolo fijamente)* Juan, quédate donde estás. Me voy. Y pase lo que pase, no voy a volver. Ya no sé quién es la rata en todo esto.

JUAN - Ana.

ANA - Quítate de la puerta, por favor.

JUAN - Ana.

ANA - Juan, quítate.

Juan, desamparado, se mueve hacia un costado. Ana abre la puerta. Se oscurece la sala. Se escuchan unos pasos y una puerta que se abre y se cierra.

LA MUERTE DE PASCUAL EN 6 FRAGMENTOS Y UNA CARTA

Martín Viaggio ⁶⁷
(Escobar - Argentina)

⁶⁷ Abogado.
Participa en
realizaciones
cinematográficas.

1.

Penumbra. Alcanzamos a ver la silueta de una persona acostada en un sillón. Y otra silueta parada junto a un mueble.

El ruido despierta a Pascual (65). Enciende una luz. Ve a un Hombre Joven (35) buscando algo en los cajones del mueble.

PASCUAL - No está allí.

El Hombre Joven sigue buscando.

PASCUAL - Se lo llevó la mamá.

Recién entonces el Hombre Joven deja de buscar.

HOMBRE JOVEN - ¿Cuándo?

PASCUAL - Hace treinta años, en el aniversario de tu primer año de muerto. Antes ni se animó a tocar nada tuyo.

HOMBRE JOVEN - Se lo llevó...

Se miran un momento.

HOMBRE JOVEN - ¿Cómo es posible? Ella debería haber sabido que vendría a buscarlo.

PASCUAL - Sí, lo sabía, por eso se lo llevó. Para cuando regresaras pudiera decirle algo que no pudo cuando vivías.

HOMBRE JOVEN - ¿Lo tiene, seguro?

PASCUAL - Lo tiene.

HOMBRE JOVEN - No me queda más remedio que ir con ella entonces.

PASCUAL - Si además quisieras escuchar lo que tiene para decirte.

HOMBRE JOVEN - Ahh, claro, entiendo. Será para ambas cosas.

Se miran.

HOMBRE JOVEN - Voy a pensarlo. ¿Podrías decirle que voy a pensarlo?

PASCUAL - Se lo diría, pero está muerta también.

HOMBRE JOVEN - Muerta! ¿Pero cómo es posible? ¿Cuándo?

PASCUAL - Neumonía, paro cardiorespiratorio. Hace tres años ya.

HOMBRE JOVEN - Ahh, comprendo.

Otra vez en silencio.

PASCUAL - ¿Querrías un café?

HOMBRE JOVEN - ¿Hay café?

PASCUAL - Hay.

Negro.

2.

La pantalla que cubre todo el escenario se divide al medio. De un lado aparece Pascual tal como sale en la pantalla de su celular, leyendo. Del otro lado, Carmen (55) escucha, como se ve en la pantalla de la video llamada.

PASCUAL - En el siglo 748 de la Era XII varias galaxias se estaban extinguiendo simultáneamente como consecuencia de la Pandemia. Levantando la mirada al cielo se podía ver lejanos pero enormes puntos rojos girando en espiral y emitiendo unos extraños sonidos guturales, parecidos al de las ballenas solitarias cuando tienen melancolía de la manada. Las naves tripuladas por los que querían sobrevivir, partían sin ilusión ni destino prefijado. Se desvanecían en la Máquina de los Viajeros y con suerte aparecerían en otros mundos vaya a saber en que año de sus historias. Algunos arrepentidos lograban regresar, otros no sobrevivían al viaje, muy pocos se sentían a gusto en su nuevo destino y tendrían una vida feliz hasta el fin de sus días. Esa Pandemia, se explicó después de un grande desconcierto, modificó la realidad tal como la conocíamos. Muertos volvieron a la vida, cosas abandonadas aparecieron por doquier, secretos dejaron de serlos, la Plaza de los Perdidos se llenó de gente sin memoria de donde habían estado tantos años. Ya nadie podía dormir por miedo a quedar dormidos para siempre. O por el aterrador color sangre del cielo estrellado, o por el temblor que venía del océano, o por los perros que en la oscuridad de las calles se comían entre sí en feroces luchas, o por los niños que, en trance, empezaron a predecir el futuro con una exactitud inquietante. Una madre supo así que caería de un acantilado. Un padre escuchó de su pequeña hija pronosticarle que moriría desangrado simplemente por cortarse un dedo al abrir una lata de conserva. Muchos escucharon el presagio de que se asfixiarían en una tormenta de arena. Todos, sin excepción, tendrían una muerte amarga.

Pascual deja de leer. Carmen se toma su tiempo para decir algo.

CARMEN - Me da miedo. Tiemblo de angustia. De tanto dolor en el personaje que habla, en el padre que va a morir, por los niños oraculares, por esas naves viajeras que parecen ser hechas por el demonio. Y de vos. Me da tanto miedo que hayas escrito eso que no quiero decir nada más para poder olvidarme rápido de tu mundo tan horrible.

Carmen corta y desaparece de la mitad de su pantalla.

PASCUAL - ¿Carmen?

Negro.

3.

Puerta en medio. Sin contacto ni visual, Pascual de un lado. Una Mujer Joven (35) del otro lado de la puerta.

PASCUAL - Quería decirte algo.

MUJER - ¿Qué?

PASCUAL - Escribí mi testamento.

MUJER - Uff, no hace falta, no va a pasarte nada.

PASCUAL - Por las dudas, está sobre el escritorio. Escrito a mano, dice testamento de Pascual Aldama, porque en estas cosas prefiero ser obvio.

MUJER - Rompelo.

PASCUAL - Por las dudas.

MUJER - Rompelo, es mejor creer que no va a pasar nada.

PASCUAL - ¿Y si pasa?

MUJER - Si pasa ya no va a importarte. Y a mi ni me importa ahora.

PASCUAL - Algo más, sobre el escritorio hay unos cuadernos repletos de mis garabatos, fotos viejas de gente que no conocés, unos sobrecitos de azúcar de algunos bares a los que fui, unos folletos que no sé para que guardé, algunas cartas que no me animé a releer.

Hacen silencio.

PASCUAL - Si pasa, por favor, quémalos.

MUJER - Quizás los guarde como recuerdo tuyo.

PASCUAL - No. A la hoguera, no deberían haber sobrevivido tantos años.

MUJER - Quemarlos vos si son tan dañinos.

PASCUAL - Lo intenté pero no pude. ¿Qué pasaría si sobrevivo? Los necesito para saber que tengo cosas que recordar. Pero si pasa eso, cuento con que vas a quemarlos.

Mujer - Quizás.

PASCUAL - Nada de quizás, quiero tu palabra.

MUJER - ¿Y que pasaría con mis recuerdos?

PASCUAL - De tus recuerdos no sé nada. Eso es parte del problema.

Piensan.

PASCUAL - ¿Prometido?

Negro.

4.

Sol radiante que entra por la ventana. Pascual tecleando en una vieja máquina de escribir.

Por la ventana entran voces apagadas de los vecinos, y un rasgueo lejano de una guitarra improvisando. De pronto empieza a tocar una melodía doliente de cante jondo. Un Hombre recita.

* "A las 5
de la tarde"
García Lorca

HOMBRE - "A las cinco de la tarde.
Eran las cinco en punto de la tarde.
Un niño trajo la blanca sábana
a las cinco de la tarde.
Una espuerta de cal ya prevenida
a las cinco de la tarde.
Lo demás era muerte y sólo muerte
a las cinco de la tarde" *.

Pascual se levanta y va hacia la ventana y le dice en voz alta al vecino de dos balcones para arriba.

PASCUAL - Oiga, ¿en su casa hay toros?

El Hombre deja de tocar y recitar.

HOMBRE - No, ¿por qué?

PASCUAL - ¿Usted es torero?

HOMBRE - No.

PASCUAL - ¿Su padre o abuelo es o fue torero?

HOMBRE - No.

PASCUAL - ¿Relojero?

HOMBRE - No.

PASCUAL - Entonces ¿por qué tanta tauromaquia cuando apenas son las 10 de la mañana?

Un coro de vecinos empieza a reírse.

VOZ VECINO - ¡Cabrón resultó el chulo!

VOZ VECINA - ¡Coño, que sólo quiere entretenernos!

VOZ VECINO 2 - ¡Que le den por culo!

PASCUAL - ¡Divertirnos! ¡Pero si estamos en catástrofe! ¡Tenemos que sufrir! Vayan a rezar, lean un libro de plegarias, rieguen las plantas, hagan algo útil. Entretenerse, qué, a ver, ¿qué les parece divertido? ¡Dígamne!

CORO DE MUCHOS VECINOS - ¡Striptease, striptease, striptease!!!

El guitarrista empieza a tocar "Fever", y los vecinos a hacer palmas y tararear la melodía.

Pascual, lentamente, empieza a bailar y a quitarse la ropa. Los vecinos vitorean.

Negro.

5.

Pascual está acostado en su cama en la penumbra. Se escucha el tic tac de un reloj de péndulo. Un Hombre (40) se levanta de la cama (no nos dimos cuenta que estaba acostado junto a Pascual), y camina hacia la ventana. Mientras camina vemos que junto a la ventana hay una Mujer (35), que recién descubrimos cuando se hace un poco de luz. Ambos miran hacia afuera.

MUJER - ¿Qué se ve?

HOMBRE - Antenas de televisión, bicicletas rotas, macetas con plantas muertas, sillas a las que le falta alguna pata.

MUJER - *(Sonriendo)* Podría haber dicho: niños jugando, amantes besándose, una mujer probándose un vestido nuevo.

HOMBRE - Uno ve lo que ve.

Hacen un momento de silencio.

MUJER - No puedo imaginarme su cara.

El Hombre toma una de las manos de la Mujer y se la lleva al rostro. Ella lo toca suavemente, reconociendo sus facciones.

MUJER - Por más que lo toco no puedo imaginarlo.

EL HOMBRE - Le toma la mano para guiarla.

HOMBRE - *(Llevándole la mano a uno de sus pómulos, donde tiene una pequeña cicatriz)* ¿Siente? Un día estaba debajo de una mesa y al levantarme me

hice eso.

MUJER - ¿Cuándo?

HOMBRE - Hace mucho.

Le lleva la mano a la barbilla.

HOMBRE - Nunca puedo afeitarme bien en esta parte.

Le corre la mano al entrecejo.

HOMBRE - Aquí debería haber un tercer ojo, pero no hay nada.

El reloj empieza a dar las campanadas de medianoche. La luz se apaga sobre la pareja.

Pascual se despierta. El reloj deja de sonar. Entra una brisa que hace sonar un llamador de viento que cuelga desde la ventana.

PASCUAL - Carmen, ¿sos vos?

Negro.

6.

En la oscuridad total la Mujer Joven enciende un fósforo y le da fuego a unas fotos, que comienzan a arder. Luego sigue con papeles que están sobre el escritorio. En la mesa está el Hombre Joven y Pascual, que sirve dos pocillos de café. Beben unos sorbos.

HOMBRE JOVEN - ¿Quién es la mujer de la foto?

PASCUAL - ¿Qué mujer?

HOMBRE JOVEN - No te hagas en tonto, la de la foto que tu hija está quemando.

PASCUAL - Ah, esa.

HOMBRE JOVEN - Lindo escote.

PASCUAL - Inolvidable.

Al apagarse el fuego todo queda a oscuras. Se escucha una tos repetitiva que viene de la cama. La puerta se abre de un empujón. Entran dos hombres con barbijos y ropa para no contagiarse. Van hacia la cama donde está Pascual. Lo miran un momento. Uno de ellos extiende el cobertor y lo cubre totalmente. Se van. Oscuridad. Se escucha la voz lejana de un hombre (el Remero).

** "Tabaqueria",
de F.Pessoa

REMERO - "No soy nada. Nunca seré nada. No puedo querer ser nada. Aparte de esto, tengo en mí todos los sueños del mundo"**.

Entra un viejo bote con un Hombre en la proa, remando parado. Pascual sale de la cama y se sube al bote. El Remero sigue recitando:

REMERO - "Hoy estoy convencido, como si supiera la verdad. Hoy estoy lúcido, como si estuviese a punto de morirme...**".

PASCUAL - Pero que dice! Palabras abominables! No sabe que hay que dejar a la gente en paz!

Pascual se siente mal, se inclina sobre la borda y vomita.

REMERO - No se muera tan rápido, para llegar a la otra costa falta todavía. Aproveche lo que le queda!

PASCUAL - Solamente estoy con nauseas.

REMERO - ¿Metafísica o real? Las nauseas, digo. ¿Le asquea la vida? ¿No encontró El Sentido? No es el primero ni será el último. Aparte que apenas si le queda tiempo, jajaja.

Pascual se indigna.

PASCUAL - Usted reme que lo suyo son los músculos. Y deje el pensamiento para los que saben. ¿No escuchó que recién se comprende TODO en el instante final?

REMERO - Jajaja, no, para nada. Soy sordo y tonto. Además cuando eso ocurre yo ya estoy a mitad de camino regresando con mi bote. Contando mi paga y en búsqueda del próximo pasajero! Jajaja.

Pascual se repone un poco.

PASCUAL - ¿Cree que tengo que preparar algo para decir cuando llegue?

REMERO - Jaja, que idea más ridícula, no estará creyendo que en verdad lo están esperando con un gran recibimiento, que le dirán bienvenido o algo parecido, ni pensará que allí es mejor que aquí, no?

PASCUAL - Eso dicen.

REMERO - No dicen eso, lo imaginan ustedes, porque nadie la sabe. Ni siquiera yo.

Pascual piensa, abrumado por las dudas.

REMERO - ¿Trajo mis monedas?

Pascual busca en sus bolsillos pero no las encuentra.

PASAJERO - ...las tenía...

El Remero se da cuenta que no las tiene. Entonces, un poco ofuscado, comienza a girar el bote, regresando.

REMERO - A no señor! Sin paga nada de nada.

Pascual vuelve a buscar las monedas, es obvio que no quiere regresar.

PASCUAL - Pero... espere, tengo que saber que hay allí!

REMERO - Mis monedas.

PASAJERO - Pero estoy a segundos de conocer el gran misterio y usted quiere volver!

REMERO - Mi dinero!

El bote se oculta en la bruma. Escuchamos la voz de Pascual que se pierde en la brisa.

PASAJERO - ¿Aceptaría un cheque?

Negro.

7.

Se escucha el sonido de la brisa y de los remos del bote que se van perdiendo. Pascual abre la puerta y entra al lugar en penumbras. Se ve la silueta de Carmen recortada por la luz del fuego del hogar.

CARMEN - Aquí estoy.

Pascual se acerca a ella. Se sienta a su lado a disfrutar del calor del fuego.

PASCUAL - Al final nunca supe por qué no viniste.

CARMEN - Te escribí una carta.

PASCUAL - Nunca me llegó.

CARMEN - Nunca la envié.

Hacen una pausa.

CARMEN - ¿Y fuiste feliz?

PASCUAL - De ser feliz no tengo la menor idea.

Negro.

Fin

LA BUFANDA

Moira Mares ⁶⁸
(Buenos Aires - Argentina)

⁶⁸ Actriz
estudiante del
la Universidad
Nacional del
Arte (UNA
Buenos Aires)

María está sentada tejiendo, la mesa repleta de ovillos de lana, el mate y la pava. El televisor está apagado, la radio está prendida en AM.. Se escucha el timbre del portero. No contesta. María da la vuelta al punto, la bufanda le va a venir muy bien este invierno. Si llega a terminarla, si llega al invierno. Se vuelve a escuchar el timbre, María sigue tejiendo. Nuevamente el timbre, bastante más insistente. María se levanta y atiende.)

MARÍA - Diga

Silencio

MARÍA - ¡Hola!

Silencio

MARÍA - Te dije que no la traigas

Silencio

MARÍA - Y dejala en tu casa.

Silencio

MARÍA - Si se quedaba sola y nunca pasó nada.

Silencio

MARÍA - ¿Por qué distinto? Igual acá no se puede quedar.

Silencio

MARÍA - Decile a Raquel.

Silencio

MARÍA - ¿Y para qué es tu hermana?

Silencio

MARÍA - Yo ya te expliqué que para mí es mejor estar sola.

Silencio

MARÍA - No le voy a abrir.

Silencio

MARÍA - Ale.

Silencio

MARÍA - ¡Cuidate mucho por favor hija! Te quiero.

María se sienta y vuelve a tejer. Suena el timbre del portero. María atiende.

MARÍA - Si.

Silencio

MARÍA - Si, la dejó recién mi hija.

Silencio

MARÍA - Claro, mi nieta.

Silencio

MARÍA - Se tuvo que ir a trabajar.

Silencio

MARÍA - Yo ya le había dicho por teléfono que no la traiga.

Silencio

MARÍA - Que se yo Raúl. ¿Querés que te pase el número de mi otra hija, así le decís que la venga a buscar?

Silencio

MARÍA - Y bueno, se quedará ahí. Decile que llame a la tía.

Silencio

MARÍA - ¿A la policía? Y ¿por qué van a llamar a la policía? Seguro que fue Elvira Seguro.

Silencio

MARÍA - Mirá Raúl, ¿hace cuantos años que nos conocemos? ¿Cuándo yo molesté a alguien o me metí en la vida de alguien o me atrasé en pagar las expensas? ¿Cuándo?

Silencio

MARÍA - No. No. No. Dejame hablar, porque yo hago un gran sacrificio para estar al día y Elvira, que debe dos meses, en el verano se fue a Mar del Plata. ¿Vos lo sabías? Seguro que lo sabías. Todos lo saben y no le dicen nada. Le tienen miedo.

Silencio

MARÍA - No. No son cosas distintas. Es lo mismo. Que le pida plata al hijo y que pague las expensas en vez de estar metiéndose en la vida de la gente.

Silencio

MARÍA - Esta bien, vos cortás. Decile a ella que toque el timbre y yo la voy a atender.

Cuelga. Suena el timbre. Atiende.

MARÍA - ¿Quién es?

Silencio

MARÍA - ¿Está Raúl ahí?

Silencio

MARÍA - Decile que dije yo que te abra.

Golpean la puerta, María abre.

FLOR - ¡Hola abuela!

MARÍA - Hola nena, pasa. Que cargada venís. ¿Cuánto te vas a quedar?

FLOR - No sé abu, la llamaron de urgencia, ella se preparó una mochila y me hizo este bolso, no sé ni que metió adentro. Lo único que le pregunté es si metió el cargador

MARÍA - ¿Y qué te dijo?

FLOR - "Obvio y los auriculares también"

MARÍA - Bueno, será por las dudas. Dejalo en el cuarto así no molesta.

Flor lleva el bolso al cuarto y vuelve. María se sienta a tejer.

FLOR - La llevas bien sola abu.

MARÍA - Si, nena. A mi me encanta estar sola.

FLOR - ¿Y qué haces?

Silencio

FLOR - Ya sé que estás tejiendo, digo todo el día. ¿Qué haces?

Silencio

FLOR -Bueno pero en algún momento debes dejar de tejer.

MARÍA - No

FLOR - Yo no podría estar haciendo siempre lo mismo.

MARÍA - ¿No?

FLOR - No, me muero.

MARÍA - ¿Y qué haces?

FLOR - Estoy con el celular, chateo con mis amigas, veo videos, you tubers , me engancho con una serie.

MARÍA - ¿Todo con el celular?

FLOR - No, también en la compu.

MARÍA - Ah, vas cambiando.

FLOR - Claro.

MARÍA - ¿No haces siempre lo mismo?

FLOR - No.

MARÍA - ¡Claro!

FLOR - ¿Me pasas el wi fi?

MARÍA - ¿Qué?

FLOR - El wi fi, la clave para internet, es el código necesitas para entrar,

mamá te lo debe haber dejado anotado en algún lado.

MARÍA - Pero, yo no tengo internet.

FLOR - Mamá me dijo que tenías.

MARÍA - Si tenía. Ella me lo puso con el cable de la tele. Pero un día llamaron para ofrecermelo algo, no me acuerdo bien que era. La cosa que nos pusimos a hablar y le dije que como yo no uso internet, que lo corten. Y lo cortaron.

FLOR - ¿Cómo que lo cortaron?

MARÍA - Pero la tele si anda, solo cortaron internet. Yo no la prendo mucho porque me desconcentro y se me pasa el punto.

FLOR - Yo tampoco miro la tele.

MARÍA - Pero si quieres ver, prendela nomás. Me paso a esta silla y listo. No veo nada y como igual no escucho, ni me molesta.

FLOR - Abu, yo la voy a tener que llamar a mamá. No me puedo quedar acá si no hay wi fi, casi no tengo datos.

MARÍA - Y llamala.

FLOR - No sé que hacer. Con todo lo que está pasando, no sé si la puedo molestar porque no tengo internet.

MARÍA - Y no la llames.

FLOR - Podría tejer.

MARÍA - ¿Sabes tejer?

FLOR - No. Pero vos me podes enseñar.

MARÍA - A mi no me gusta enseñar, sino hubiese sido maestra.

FLOR - Pero solo me explicas una vez, después lo hago yo sola.

MARÍA - No puedo, si me atraso no voy a terminar.

FLOR - ¿Qué tejes?

MARÍA - Una bufanda.

FLOR - Una bufanda es todo derecho, es re fácil. Y de última, podes terminarla mañana.

MARÍA - Pero la tengo que terminar hoy.

FLOR - ¿Por?

MARÍA - Porque mañana la tengo que volver a tejer y necesito que esta noche esté terminada. ¿Sino como hago para destejerla cuando me levanto?

FLOR - ¿Y entonces yo qué hago?

MARÍA - Para empezar callarte un ratito. ¿Siempre hablas tanto vos?

FLOR - Cuando no sé que hacer si.

MARÍA - Y mira el techo.

FLOR - ¡Que divertido! ¿Vos sabes que la lana pica?

MARÍA - Por supuesto.

FLOR - ¿Y qué ya nadie usa nada de lana?

MARÍA - Nadie.

FLOR - ¿Y para que tejes la bufanda?

MARÍA - Yo no la tejo, la destejo. En serio te podes callar, me va a empezar a doler la cabeza.

FLOR - Yo voy a hablar todo lo que quiera, si no te gusta no me escuches.

MARÍA - Es mi casa.

FLOR - Ya lo sé, pero yo no puedo estar en mi casa. Ella está allá por gente como vos, nosotros no nos morimos.

MARÍA - Tu mamá no tendría que estar ahí. Yo le dije que estudie.

FLOR - No me importa si estudió o no. Es mi mami y es la mejor de todas.

MARÍA - Ya lo sé Flor. Ya lo sé.

María teje y Flor se acoda en la mesa con la cabeza sobre los brazos.

MARÍA - Igual no llego a enseñarte hoy. A las siete tengo que arrancar a cocinar, porque a las ocho tengo que comer y antes de las nueve ya estoy en la cama.

FLOR - ¿Cómo te vas a acostar antes de las nueve? Tenés que salir a aplaudir y cantar el Himno.

MARÍA - Esa pavada.

FLOR - No es una pavada. Es por los de la salud.

MARÍA - No tengo nada que aplaudir.

FLOR - A tu hija aplaudimos.

MARÍA - Aplauden a los médicos, a los enfermeros, mi hija limpia pisos, a ella no la aplaude nadie.

FLOR - Yo la aplaudo.

MARÍA - Se embobo con tu papá y no terminó la secundaria, eso paso.

FLOR - A ella la quiere todo el mundo, no es como vos. La semana pasada la

llamo el director y la puso donde están los respiradores.

MARÍA - ¿Qué?

FLOR - En el piso de la terapia.

MARÍA - No me lo dijo. ¿Por qué la pusieron ahí?

FLOR - Porque hace las cosas bien.

MARÍA - Vos no entiendes nada Flor, eso no es un premio. Eso es un castigo.

María se levanta y se va la cocina. Se escuchan sollozos.

FLOR - ¿Estás bien abu?

MARÍA - *(Desde la cocina)* Si, voy a empezar a cocinar, hoy somos dos y me lleva más tiempo.

FLOR - ¿Y yo que hago? ¿Te puedo ayudar con la lana?

MARÍA - *(Desde la cocina)* Si querés. ¿Te animas a separarla por tono?

FLOR - Obvio.

MARÍA - *(Desde la cocina)* Sabes cuales son los tonos, ¿no?

Flor empieza a acomodar.

MARÍA - *(Desde la cocina)* Porque tu mamá todavía no sabe diferenciar el magenta del rosa viejo.

María vuelve de la cocina.

Flor - Terminé.

MARÍA - Puse para hacer unos fideos, ¿te gustan con manteca y crema?

FLOR - Si.

MARÍA - Queso no tengo.

FLOR - No importa, en casa también se acabó.

María, sin mirarlos, mete todos los ovillos en un canasto. Guarda la bufanda terminada y se sienta.

FLOR - ¿Y ahora qué hacemos?

MARÍA - Estoy cocinando.

FLOR - ¿Y ya no tejes?

MARÍA - No Flor, es la hora de cocinar, no puedo estar tejiendo todo el día.

María se levanta, Flor la sigue, entre las dos ponen la mesa y empiezan a comer.

FLOR - Yo a esta hora estaría conectada a Zoom con mis amigas

MARÍA - ¿Es internet?

FLOR - Si, con internet. Es una aplicación nueva, una llamada de muchos juntos y además si tenés una cámara te pueden ver.

MARÍA - ¿Y para eso necesitas internet?

FLOR - Claro.

MARÍA - O sea, que hoy no vas a poder.

FLOR - No, pero no hay drama. Ya le avisé a Sofy y ella lo ponía en el grupo. No pasa nada. Tampoco me van a extrañar.

MARÍA - No te lo van a decir, pero seguro que te van a extrañar.

FLOR - No creo. Están riquísimos abu.

MARÍA - Te voy a contar un secreto. Le pones un chorrito de aceite de oliva, antes de la manteca.

FLOR - Eso es lo que siempre hace mi mamá.

MARÍA - ¿Querés más?

FLOR - No abu, me serviste un montón.

MARÍA - Yo como un solo plato, por eso lo sirvo abundante.

Levantán la mesa. Flor se pone los auriculares y escucha "algo" del celular.

MARÍA - ¿Vos querés dormir conmigo en la cama o te traigo para armarte acá en el sillón?

FLOR - Acá en el sillón, a la noche me quedo hasta tarde. Escuchó música.

MARÍA - A mi no me molesta.

FLOR - Igual abu, mejor acá. Quizá vea la tele.

María va al dormitorio y vuelve con una almohada, una manta y un juego de sábanas. Mientras le prepara el sillón, Flor va a buscar su bolso.

MARÍA - Hasta mañana Flor, que descanses.

FLOR - Hasta mañana abu.

María se va al dormitorio, Flor se queda tirada en el sillón escuchando música. 9 PM, Flor se para, abre la puerta ventana y sale al balcón, se escuchan aplausos y empieza a cantar el Himno Nacional. Sale María, en desabille y pantuflas, se para erguida cual niña de primaria, agarra fuerte la mano de Flor y juntas cantan.

MARÍA Y FLOR - Oh , juremos con Gloria morir, Oh, juremos con gloria morir, Oh juremos con gloria morir.

Telón

DIARIO DE CUARENTENA O LAS COSAS QUE HAGO PARA NO APAGARME

Natasha Zaiat ⁶⁹
(Buenos Aires - Argentina)

⁶⁹ Actriz.
Licenciada en
Actuación de la
UNA. Es docente
y dramaturga.
Se formó en
comedia musical
en la escuela de
Hugo Midón.

Día 1

Un tipo toma una sopa de murciélago en China los últimos días del 2019. Ahora todo el mundo está en pausa. Quisiera poder decir algo que abra una ventana, que diga "sana, sana". "Ya va a pasar". "Colita de rana". Cuando salgamos de este mal sueño: ¿seremos lxs mismxs?

Día 2

Hasta en el aislamiento obligatorio persiste el imperativo exitista de producir. Todo se pone maníaco entre yoga, budines, clases online, vivos de Instagram, ALERTA por TV, comer sano, no engordar. Si sos artista aprovechá y escribite algo. Si sos emprendedor, aprovechá y hacete una página web. Ahora tengo que aprovechar mi tiempo y ser útil, aún, en este paréntesis.

Día 5

Ya bañé todo con lavandina y quizás me arruiné la piel con tanto alcohol en gel.
¿Cómo se lava la verdura? ¿Cuánto alcohol etílico por litro de agua tengo que poner en el rociador? ¿Cuánto vive el virus en el aire? ¿Y sobre las cosas? Sí, mamá. Ya le pasé alcohol a todos los picaportes.

Día 9

Zoom, Videollamada, Skype, Whatsapp, IG, Storys. Me contracturo de tanto celular. Estoy segura de que mi graduación de anteojos aumentó. Este es el apocalipsis que merecemos, después de tanto escaparle al contacto, después de tanta vida empantallada. Así nos desvaneceremos, con la piel frío ausente de la caricia ¿Así será? Como apagar el dispositivo. Turn on. Turn off. Como perder los cambios realizados. Me encomiendo a la marea por un final distinto. Barricada contra el monstruo. Cadena de manos, cordón

protector frente a los cuervos.
Mañana es 24 de marzo.

Día 10

Hoy hice 5 triángulos en cartulina blanca y usé óleos escondidos para decir sobre los pañuelos improvisados. Uno pedía memoria, otro verdad, otro justicia. El cuarto gritaba en un rojo sangre "nunca más". El último: "ni olvido ni perdón". Todos encabezados por un "fueron 30 mil". Los pegue en la baranda del balcón, entre el pañuelo verde y el pañuelo violeta. Bailaron folklore durante toda la jornada el linaje de mujeres de pañuelos. Las abuelas cuentan cuentos de brujas a la hora de la siesta. Las hijas se disfrazan y enseñan a las grandes a arrancar sin miedo la hiedra venenosa.

Día 11 A

Me pasé toda la jornada postrada en la hamaca paraguaya. Cociné, leí, me bañé. La pasé bien. Hay tantas cosas para decir y a la vez nada.

¿Qué día es hoy? ¿Martes? El sol pega en este cuadrado entre las 15:00hs y 16:30hs. Se esconde detrás del edificio enorme. Vuelve a eso de las 17:30. Desde este ángulo se ve la luna menguante. Extienden la cuarentena obligatoria hasta después de Semana Santa.

Día 11 B

Bajó la temperatura. El verano se muere sin gente. El otoño nace confundido. Riego mis plantas. Aprendí sobre siete tipos de herbicidas naturales en un tutorial de Youtube. Para la primavera voy a tener un jardín. Hoy hice cuatro videollamadas. Últimamente nos decimos más las cosas que nos pasan. Compartimos una intimidad inesperada. El amor como trinchera frente a la pandemia. Los días empiezan a pasar más rápido.

Día J

Enfrente de mi casa hay una plazoleta con tres bancos en los que duermen tres hombres.

Hoy a la tarde pasó la policía diciendo: "Quédense en sus casas. No violen la cuarentena."

"¿Y los que no tenemos casa?! ¿Dónde nos metemos?! ¡Claro! Si los que dormimos en la calle no le importamos a nadie. Si nos morimos no

interesamos”, le grita uno de los tres al patrullero de la muerte.
Hace rato vengo buscando palabras para esta escena. Pero no todo es poesía.
El hambre es hambre.
Que algunos tengamos una casa de refugio y otros no, es solo suerte e injusticia.

Día K

Desde mi ventana veo lo que podría ser un cuadro. En el edificio de enfrente los vecinos se asoman a los balcones y se hacen amigos a la hora del té. La del primero habla con la del 2do y 3ero. Los del 4to no se asomaron aún. Los del 5to a y b se pasan cosas. Charlan de cosas sin importancia, de la vecina que llegó del exterior.
Todo el universo podría resumirse en este deseo espontáneo de hacerse amigos.

Día L

“Millones de trabajos presenciales son obsoletos y reemplazables”, me llega en una cadena de Whatsapp. El próximo mundo es a través de una pantalla. Me quiero morir.

¿Cómo reemplazarán una mirada? ¿Con quién se fumarán el pucho en el recreo? ¿Cómo se bailará tango, entonces? ¿Cómo hará una maestra para abrazar a su alumna cuando ésta se ponga a llorar porque no le sale la multiplicación? ¿Desaparecerán los amantes de oficina? ¿Cómo se festejará un aumento? ¿A quién le van a decir “Buenos días”?

¿Quién iba a decir que el apocalipsis iba a ser esto de no poder darnos un abrazo?

Día M.N.Ñ.

Salí a comprar verduras, crema de enjuague, vinagre, arroz, vino y polenta. En la calle todo es estrés y paranoia. No quiero que nadie me roce. No quiero que me hablen cerca. Me doy cuenta que para los otros, yo también soy una amenaza. Las colas duran media hora. Un metro de distancia. Gente con barbijos. No quedan más zanahorias.

Volví a mi casa y me bañé en lavandina. Ahora prefiero no salir. El autodisciplinamiento es un ejercicio fabuloso del poder y del miedo.

A las 21 aplauden por el personal de salud. A las 21:30 cacerolean defendiendo al dueño multimillonario de Techint. No lo piensan así, claro. Pero el odio a

La Política es más grande que el amor a las políticas. ¿Señora, sabe cuál es el origen de golpear la cacerola?

Día 20.20.

Extraño tomar cerveza con mis amigas. El encuentro nunca nos salió tan caro. Nosotras ya sabíamos que eso de la libertad era un invento. Venimos escapando de la muerte desde que nacimos. Como todo el mundo. Pero nosotras, porque nacimos mujer.

Día 25

Quiero dar un beso, un abrazo, compartir un mate, ir a una plaza, andar en bicicleta, etc, etc, etc. Se puede hacer masa de tarta con polenta. Si ponés una papa en la minipimmer hacés queso vegano. El esmalte de uñas es muy bueno para pintar latas. El sol cae a las 18:45.

Día O

Me aburrí todo el día. Las videollamadas son cada vez menos. Ya nadie hace yoga.

¿A todo nos acostumbramos? Mi papá está mal porque parece que este año no va a haber fútbol. Yo le dije que lo entiendo. Que el teatro también va a tardar en volver.

¿Quién resistirá cuando el arte ataque?

Día R4Z

Adoptaré al optimismo como una decisión política. Aunque los árboles se empiecen a pelar porque se asoma el otoño que prepara todo para recibir al invierno con guirnaldas y abrigos. Tengo ganas de llorar.

Día RR

Hola, Rocío. Avisame cuando te llegue el Rappi. Fijate que adentro te separé unos caramelos de propóleo para el abuelo. Son buenos para las defensas, ahora que baja la temperatura. Decile que se cuide mucho, que no se ande con canchereadas.

Hoy el vecino hizo asado y los vi sentándose en la mesa de su patio aterrazado. Son tan lindas las cosas lindas que ni nos damos cuenta. Y hablando de cosas lindas, aprovechá el calor estos días, que desde el martes baja la temperatura. Ya veo que cuando nos volvamos a encontrar vamos a estar desabrigadas porque, sin darnos cuenta, vamos a haber saltado del verano

al invierno, pero nada de eso va a importarnos demasiado porque vamos a abrazarnos y el frío va a desaparecer entre brazos. Bueno, ojalá te guste el pan de masa madre que te mandé. Brindo por el tesoro de querernos.

Día V

Lunes otra vez. Hice tres haikus. Poemas cortos de cinco, sete, cinco sílabas. Me siento una snob aburrida, lo que pasa es que ya me cansé de tanta realidad.

1

El mundo arde
Del silencio nacerá
Su antídoto

2

La bicicleta
Avanza en el río
Insospechada

3

Haremos tiempo
En primavera
Como si nada

Día 19

Mate amargo de las 10. Mate amargo de las 16. Mate amargo de las 19. Elogio a la inutilidad y el desafío de bancarse hacer nada. Ahora vamos con una sopa, los días caen más temprano. Curva va, curva crece, curva estable, ¿cuándo será el pico? El único crecimiento exponencial deseado es el de los goles en un partido de cualquier cosa. Después, todo lo bueno crece de a poco. Todo está en estado de excepción excepto los tres hombres que duermen en la plaza. En ellos se abre un jardín de gente siempre invisible ¿Cuánto tiempo más llevará?

Día W

Nos encerramos, nos lavamos las manos, compramos lavandina, mezclamos agua y alcohol, lavamos con agua hirviendo la ropa, usamos barbijos, armamos barbijos, compramos miserablemente barbijos de más, caminamos con bidones en la cabeza, con trapos en la boca, con guantes de látex, con pantallas protectoras. Evitamos el contacto con otros, nos alejamos, no compartimos mates, ni abrazos, ni besos, ni secretos. Nos la

pasamos huyendo del contagio y, aun así y todo, siempre puede estar la NASA advirtiéndonos que de un segundo para el otro, un asteroide puede impactar contra la tierra y acabar con todo. Somos un suspiro.

Día X

¿Cómo quedaran nuestros cuerpos? El otro día levantaron la cuarentena en el epicentro del natalicio del bicho ¿Cómo quedarán nuestras cabezas? Entro a Youtube esperando encontrar personas llorando en un abrazo, la emoción del fin de una temporada confinada. Navego en la red buscando una expresión latina de reencuentro. Quizás pidiendo algo de data, un spoiler, un espacio al cual transportarme cuando quiera una foto del futuro. ¿Cómo será la resaca de esta noche surrealista? De mientras, el mundo en pausa pugna por continuar. Hoy es el día de la lucha por la brecha salarial. Con mis amigas hicimos un video actuando y lo subimos a la nube, esperando que después de la pandemia las mujeres podamos cobrar lo mismo que los hombres. El mundo es injusto aun encerrado. Ojalá aprendamos a cuidarnos más. Un cuidado que se extienda más allá de un tutorial de cómo lavarnos las manos. Un cuidado con un amor que venga en forma de igualdad y de derechos. De mientras, seguimos muriendo en manos de varones que nos asesinan por “amarnos demasiado” ¿Y de esta curva quién se ocupa?

Día Y

Se corta. Ahí volvió. Te me quedaste trabada. Ay no te escucho. Corta y te llamo de vuelta. Quizás es la computadora que es vieja. Debe estar funcionando mal el WIFI. Pero mirá que yo tengo todas las rayitas. No sé, me parece que tengo un virus.

Día 30

Ya va un mes. Me acordé de nuestro mantra: “Con los pies en la tierra y la mente clara, lanzo mi flecha al cielo”. La flecha cruza las nubes. Me gusta verla viajar. Somos los que aguardamos el reencuentro, guardados como regalos de cumpleaños para una primavera ansiosa y tan preciada como los paquetes que se esconden abajo del árbol de navidad. Conocernos fue tanta suerte. Conocernos fue ese sol de invierno que me da ganas de decir: “¡Menos mal!” “Qué alivio que estés, ahí, del otro lado de mi pantalla”.

Día Z

“Deseo, impulso, amor, sol, amigxs, creación, cofradía, poesía, papas fritas,

plazas llenas, juego, empatía, mate, cuidado, jardines, lluvias de verano, revolución, revelación, rebelión, comunidad, escucha, mar, fiesta, magia.” Todo eso pedí en año nuevo. Buscamos la energía de ir a más, escribí. Lo tiré al fuego.

¿Qué se hace con todo eso? Solo espero que cuando salgamos de esta, porque tarde o temprano ocurrirá, no haya dudas de lo importante. Aunque ahora mismo, ni yo misma sepa qué es lo importante. Cuando todo pase, volveremos a festejar con los nuestros.

Día A

Un día más en el mundo. Los días, las horas, los segundos, se marean, se entrecruzan, envejecen. Qué curioso invento es el tiempo. Tan poco exacto, tan poco objetivo. Como cuando jugamos en la plaza, nos subimos al tobogán y a la hamaca y a la trepadora, y el tiempo pasa como un meteorito, a pesar de que hagamos fuerza para que no avance. O como cuando caminamos en una calle oscura, y los segundos se derriten, se espesan y tenemos que correr para que la aguja se mueva más y más rápido. Un problema que dura una eternidad. Una charla que parece un respiro. El momento exacto en donde el tiempo se detiene en la completa incertidumbre y este futuro... ¿Quién sabe? Quiero repatriar nuestra vida tal como la conocemos y acercarme al pasado que vendrá.

Día B

El Presidente de la Nación es profesor de facultad. Nos presenta filminas, analiza gráficos, nos explica esta porción de vida detenida. Siento que floto por fuera de la realidad. Siento toda la realidad vertiéndose sobre mí. Me aburre tanta realidad y no quiero ni pensar en la muerte o en el infierno que pueden ser algunos hospitales desabastecidos y rebalsados de cuerpos infectados. Esta experiencia comunitaria y mundial estará en un montón de lugares. En libros de historia, en novelas, en películas, en documentales, en obras de teatro, en poemas ¿Se puede decir algo nuevo? ¿Para qué? Una vez leí “siempre se escribe el mismo poema”. ¿Qué más tengo para decir que retorcerme de incredulidad cuando cuidar la vida se aleja exponencialmente de compartir un mate?

Día 40

Nuestro héroe criptonita, viaja a 10 mil años luz, es varón, claro está, se alimenta con azúcar y flores, es un polisón de la vía láctea. Sabe hacer

cinco malabares y cuatro trucos de magia. Viaja entre las órbitas sobre su patineta de pan. Es un cuento mágico para contarle a lxs hijxs del mundo, mientras nosotrxs confinadxs extrañamos todo lo que no pudo ser. El nuevo trabajo que nunca empecé, la temporada de teatro que recién empezaba, el encuentro en la plaza, el cumpleaños de nuestra amiga, la gente nueva, nuevos caminos en bici para llegar al trabajo, la sube sin carga, un encuentro inesperado, la alergia por caminar por una calle llena de plátano, un paseo en bondi hasta el río. Todo el verano me propuse ir en bici hasta el río. Tantas cosas lindas que no hacemos porque lo urgente siempre tapa a lo importante.

Día 41

¿Qué hago con las cosas que se rompen? ¿Dónde arreglo la puerta que no cierra, la persiana que se traba, la olla de teflón? Ya no sé cómo salvar a mis plantas de los hongos, ni del viento, ni del frío. Lo probé todo, pero necesito de alguien que sepa más. Al final el mundo todo cabe en las canciones de mi infancia, que dejaban una puerta abierta para que se pueda entrar, que no se arreglaban solas, que necesitaban a lxs demás.

Día 23.Y-Q

Que el tiempo nos pase rápido. No sé si mantenerme en pausa, si seguir deseando, si dormir, quejarme, llorar, resignarme. Aguas a mi boca. Sol a mi piel. Abrigo al invierno. Juegos al aburrimiento. Gotas a las nubes. Luces a los autos. Paisajes a mi ventana. El mundo afuera casi ni se mueve. Me subo a mi barquito de papel. Navego por las aguas de la lluvia en el asfalto. Los peces están tan lejos. Las mareas me faltan como la red del pescador. Me faltan como una canción antes de dormir. Como un farol prendido en una calle oscura. Una sombra en verano. Bufanda en invierno.

Día F5

Me puse el polar que no usaba desde el año pasado. Me encontré un caramelo de ácido en mi bolsillo. Quería dártelo como regalo por promocionar francés, pero ahora se me hace un poco difícil. Quizás te lo mande adentro de esta carta en un coche estelar. Tengo un helipuerto en mi sombrero. Desde aquí despegan las palabras que te regalo. Viajan a su tiempo atravesando esta lluvia. Ya que no puedo caminar hasta tu casa, me inventé un transportador biomecánico virtual 2.0. 2.0. Es una nave, no sabés. Vuela, va a los pedos.

Podés estar en cualquier lugar con un solo click, y ver a mucha gente en el mismo momento que te están viendo. Casi hologramas. Eso sí, todavía no me bajé la versión olfativa, y ya sabés, este tipo de artefactos no incluyen nunca al sentido del tacto. Pero escuchame, ya le instalé el antivirus, así que lo podés abrir ahora. No hay riesgos. Si te copa, mandame mail. El arroba es control alt Q. El caramelo queda para después. Queda como premio del invierno. Capaz que te lo cambio por uno de miel. Te va a venir mejor.

Día ALT-CONTRL-Q

La vecina del 6to del edificio gris de enfrente tira por su balcón la pelusa del escobillón. La mugre viaja por el aire, baila según dicte el viento, se vuela hacia la izquierda. Pasa frente a las narices del vecino del 7mo del edificio gris de enfrente. El, sin embargo, hace burbujas de jabón con su hija. Las regala también al viento. Nos regala a todo el barrio, burbujas de detergente en el viento. Suben, bajan, se explotan en el aire. Viajan también hacia la izquierda según dicta el viento. La última que queda con vida, allá por el atardecer, es interceptada por una bandada de pájaros que escapan del gran aguilón posado sobre el poste de luz de la avenida. Son sombras negras a contraluz del cielo. El día muere y yo quisiera ser un pájaro. Volar por el techo de mi casa. Salir por la ventana piando: *Me voy a la primavera como las golondrinas.*

Día SUPR

Las obras que saldrán de esta temporada las llamaré: "Las cosas que hacemos para no apagarnos mientras nos tenemos lejos" o "Los escapes para buscar un contacto imposible". Qué cansador que es el trabajo diario de evitar que mi casa se convierta en una jaula ¿Cómo hacer para que este tiempo no sea solo desear que pase el tiempo?

Día XOXO

Tendré que adaptarme a lo inadaptable. Teatro virtual, clases de baile por zoom, canto con *delay*. Nunca se me dio bien con la tecnología. Tarde años en aprender a bajarme películas, meses en hacerme un *homebanking*, recién ahora descubro la maravilla de mercado pago, y pago mis cuentas me salva de la exposición en el Rapipago.

Me voy a adaptar para no quedarme por fuera. Pero quiero dejar algo en claro. Hay cosas que sencillamente son irremplazables. Hay cosas que no veremos por un tiempo para preservarlas en lo sagrado. No puedo hacer como si nada, como si todo pudiera seguir del otro lado de la pantalla,

simplemente cambiando el formato. No me voy a acostumbrar a eso ¿Cómo cambio el formato de la presencia, el formato del contacto, qué herramienta reemplaza a la carcajada al unísono, a la caricia del cuerpo apretujado en un baile, a la mirada viva y los ojos brillosos, al pulso común? No se puede, simplemente, no se puede. Y eso es también lo hermoso de la vida.

Día TKM

Voy a hacer un ritual a la amistad. Una ceremonia a mis amistades. Un ritual sagrado, una oda de agradecimiento a la suerte, la casualidad, la energía que nos excede, el destino que no existe, la creencia que no tengo y quisiera tener. Un homenaje a lo mejor del amor. Una carta cursi a esta configuración única de moléculas del espacio sideral que es este lazo que ataja el corazón cuando todo cae y el arco está libre. Y ahora, obvia y repetidamente confinada, en este aburrimiento sistemático, no hay nada que tenga tanta luz como la costumbre pasada de encontrarnos en cualquier esquina a dejar pasar el tiempo. Viajar juntxs en tren. Chocar los cinco. Mirarnos con complicidad y en secreto. Compartir un mate en una ronda de más de diez. Chupar la misma bombilla. Encontrarnos en la puerta del teatro. Repetirnos como un conjuro: “No nos soltemos”.

Día X100

Hoy vi una película en donde la única protagonista vivía en medio del campo. Las imágenes se sucedían en verde, mucha hoja, mucho árbol, mucho cielo, mucho ruido de los pies pisando hojas secas. Pajaritos, búhos, perros y ese canto de bicho feo. Es tan lindo el mundo, pienso. Tan lindo que ni nos damos cuenta. Ahora solo lo veo por video. Como si todo hubiera desaparecido. Siento que al salir voy a tener los ojos más vivos, la boca más abierta, las manos más dispuestas a la tierra, las piernas más rápidas para todo el rebrote. Proliferarán las flores, los tallos, los cantos y los bailes en cada esquina. Algún día. Algo lejano. Que el tiempo ponga 5ta en esta ruta. No puedo esperar. Chofer, chofer, apure ese motor ¿Cuánto falta para llegar?

Día XVII

Hay una terraza justo en diagonal a mi balcón. Una terraza enorme y esquinada. Sobre ella una pareja de bailarines hacen un show una vez por semana. Nos regalan a los vecinos y vecinas unos números de tango. Ponen una luz violeta, un parlante enorme, un proyector más grande aún que dibuja sobre un paredón fotos de los dos. Walter y Carolina. Al final

de cada número todos los vecinos aplauden, avivan, gritan bravo. Hay un edificio altísimo enfrente del escenario improvisado. Por sus balcones se ve una gran tribuna con fondo de luces de comedor. Después de todo, todo ese gran espectáculo es una pulsión vital.

Día H

Nunca el verano se hizo desear tanto. Tanto, tanto, como lo que te quise. O creí que te quise el tiempo que duró lo que sea que duró. Te extrañé tanto, tanto. Tanto que supe espiralarme en tus detalles hasta construir una cartografía de tu holograma, con tus pantalones de pesca de agua dulce y tus cortinas de cretona azul. Te extrañé tanto, tanto. Pero te extravié. Nunca fue un triunfo dejar de querer, pero debo admitir que me invadió una calma inusitada. Me hubiera gustado cuidarme de no esperar. De no esperar tanto. De no esperar a que respondas a mi deseo, a que sepan abrirse tus palmas, a que te incomode ese chaleco. Ya no te extraño. Será que exprimí hasta la sequía el torrente de mis ramas deseando que todo sea distinto. Ya no te extraño, y en mi casa eterna, con los pies alejados de todo ese ruido, ya no te espero.

Día 0

El mundo después:

Una flor, la cola en el pago fácil, microcentro, un suspiro, lxs amigxs, la comida, una escuela, las hojas amarillas, el amor, el trabajo, un olvido, el veranito de San Juan, catástrofe económica mundial, la tristeza, una reposera, el cine, una buena noticia, una maestra, la tarea, un asado, el teatro, una fiesta, un recital, los aviones, la plaza, unas gotas de lluvia, el olor a brea quemándose por el sol, las luces de los autos, un cuento, Clarín contra el Cristina, una Quilmes bien helada, la vereda, una montaña, los continentes, un pajarito, un beso, las capitales, Trump, Bolsonaro, Piñera, una pileta, el Vaticano, Europa, el mar, una gaviota, una ballena, Puerto Madryn, la salud pública, el Estado, una librería, la familia, un cumpleaños, la clase de baile, unos ojos, los barcos viajan de país en país, la luna, qué bien Alberto, qué mal Alberto, el 110, el 2020, la crisis, el hacinamiento, un peaje, el invierno, un perrito, el tránsito insoportable, Mirtha Legrand, Tinelli, subte B combinación línea H estación Corrientes-Pueyrredón 19hs.

Hasta eso será parte del reencuentro.

RESULTADO PANDÉMICO #1

Randy Rojas ⁷⁰
(Santa Cruz de la Sierra – Bolivia)

⁷⁰ Actor independiente, técnico superior de la Escuela Nacional de Teatro (Bolivia) Estudiante de arte (UAGRM)

Personaje 1

Personaje 2

Día 5 de cuarentena, 12:50pm

En el centro de la ciudad, plaza principal.

La enorme bandada de palomas toma sol tranquila en el piso, en los bancos en los frondosos árboles, en la esbelta catedral. Algunas sentadas otras recostadas, unas con los ojos abiertos y erguidas, otras, esconden el cuello con los ojos totalmente alertas.

En el atrio de la catedral. Para sí misma

PERSONAJE 1- No notas algo raro, algo raro como que no hay muchos humanos como de costumbre. Estaba seguro de que hoy es el día en que este lugar se llenaba de humanos y sus crías, y provocan ese derroche sublime de alimento... como no podemos imaginar que las cosas pueden cambiar tan rápido, un día tenemos la comida por los suelos y mira, hoy apenas conseguimos, y nosotras tanto que odiábamos que nos espanten, que susto que nos daban, pareciera que nos imitan y lo peor es que se ríen... no estoy preocupado, yo sé que esto se va a terminar, seguramente esto pasara en algunos días, lo doy por hecho, yo jamás me equivoco... Habrá pasado algo, pero no creo que sea tan malo, cualquier rato las cosas vuelven a lo normal, yo lo digo... ya sé que las noches se ponen en un silencio sepulcral, solo el aullido de los perros alborotados rompe con esa tensión... yo pienso que tampoco podrían desaparecer todos, así de la nada, ¿o sí? No, no, claro que no nos pasara nada, son solos unos días, ya vas a ver que la comida vendrá a nosotros (*Silencio*) sé que dije que no deberíamos preocuparnos, pero hay que racionar un poco la comida, digo, para que alcance hasta que pase la situación, y todas podamos comer... claro que me preocupa no tener que comer, además ya te dije que esto es momentáneo, no hay que alterar a los demás, mira, somos autosuficiente, no pasa nada unos días sin comer, vamos a calmarnos... ¿Y si morimos como los humanos?... sabes que te he dicho cientos de veces lo molesto que es, que me interrumpas mientras trato

de descansar y peor con este estrés que me da... ¡sí! Que es una situación medio grave, ya no hay tantos humanos, y nosotros dependemos de ellos, crecimos y nos adaptamos a sus necesidades... sabes que no somos tan inteligentes como para reproducirnos a tal magnitud por nuestra cuenta... ¡Qué mentí! Somos unos parásitos, si no nos alimentan nos morimos, no sabemos más que cagar y correr como pelotudo batiendo nuestras alas... "Somos unos pelotudos", nadie nos respeta, sabes es más hasta nadie nos extrañaría si nos fuéramos (*Silencio*) no estoy alucinando, tal vez sea un poco de hambre, y vos me pones de mal humor... tengo que dejar de pensar tanto, no tengo que temer, tengo que mantener la calma y dar ánimos... en estos días han pasados algunos humanos, si supiera contar, tal vez lo hubiera hecho. Mientras pasan, algunos los siguen en pequeñas bandadas, entre vuelos y caminatas, mendigando por comida sin éxito alguno, los más tímidos se quedan esperando desde las altas ramas de los árboles al acecho, a ver si sacan alimentos de algún lado, muchos de los humanos solo pasan, otros llevan unos aparatos con el cual miran a través de ellos un rato y luego se van, solo unos cuantos traen comida, demasiado poco, no alcanza, entre el revuelo, el desespero y el hambre muchas se quedan sin comer, como pueden ser tan insaciables... claro que trato de poner orden, pero les gana el instinto, entonces a las hambrientas solo les queda recostarse en el piso cálido a esperar, a seguir esperando.

Día 23, 6:06pm

El viento sopla muy fuerte entre las frondosas ramas de los grandes árboles de la plaza central, hojas caen totalmente secas. En el atrio, junto a una pequeña inscripción de aspecto fúnebre, todavía la luz del día ilumina, se puede apreciar como el atardecer se va tiñendo de un rosa chicle. Habla con ella misma.

Personaje 2 - Ya son demasiados días que estamos en la misma situación, dijiste que esto iba a durar unos cuantos días, y mira lo que nos pasó... ya debimos de habernos largado de aquí.

PERSONAJE 1- ¿Y a dónde vamos?

PERSONAJE 2 - No lo sé, podemos explorar más allá de estos árboles, más allá de estos edificios que se comen el cielo

PERSONAJE 1 - ¿Todavía seguís soñando en explorar?

PERSONAJE 2 - ¿Tiene eso algo de malo?

PERSONAJE 1 - Sí, ¿no ves que nos está pasando?

PERSONAJE 2 - ¿Qué estamos como boludos esperando por comida?

PERSONAJE 1 - ¿Qué?

PERSONAJE 2 - ¿Qué de qué?

PERSONAJE 1 - Insufrible, todos estos días lo mismo y lo mismo.

PERSONAJE 2 - ¿Qué?

PERSONAJE 1 - Basta, me cansaste, me empute de hablar con vos

PERSONAJE 2 - ¿Y qué vas a hacer? Vas a hacerme desaparecer, creo que ya es tarde para eso, ah y te digo, igual a todos nos emputa hablar con vos, pero yo tampoco no puedo convencerte de nada. Y al parecer, lo que decís es lo único que se hace, es lo único que pasa, no pasara nada más...

PERSONAJE 1 - Basta, cállate, ya me emputaste.

PERSONAJE 2 - Claro ya no sabe qué decir y me mandas a callar... sabes que mejor deberías estar consiguiendo comida.

PERSONAJE 1 - ¿Qué dijiste?

PERSONAJE 2 - No dije nada, de verdad.

PERSONAJE 1 - ¿Dónde mierda vamos a ir por comida?

PERSONAJE 2 - No dije nada.

PERSONAJE 1 - Somos unas malditas e inútiles aves de ciudad

PERSONAJE 2 - De verdad, basta.

PERSONAJE 1 - No tenemos ni el más mínimo instinto de ir a buscar comida sin morirnos en el intento, eso querías, ¿no? Que nos matemos todos por ir en busca de comida a quién sabe dónde.

PERSONAJE 2 - Basta, no me gusta que me grites, yo no tengo la culpa de haber nacido y crecido en esta fea ciudad gris... ya son demasiados días sin humanos, deberíamos estar felices pero ya somos pocas, y estamos con mucho miedo, todavía podemos pensar en algo para...

PERSONAJE 1 - No puedo, estoy muy cansado y bajoneado, ayer... pasó uno humano envuelto en trapos de diferentes colores, cubriendo todo su rostro, apenas pudimos distinguir que era uno por la forma en que caminaba. Sacó un poco de alimento y lo roció. Nosotras atentas y al acecho nos lanzamos sin más, como si el instinto se apoderara de nuestra razón, Las más valientes volaron a toda velocidad, algunas caían en plena carrera por los empujones que recibían, las que caían, tiradas en el piso daban su último respiro de esperanza, vi como los brillos de sus ojos se desvanecían, se me destrozó el corazón.

PERSONAJE 2 - Y al atardecer, volvieron a aparecer los hombre de blanco, otra vez se llevaban una a una los cuerpos inertes esparcidos en el suelo, sin el más mínimo remordimiento, sin piedad vi, como las colocaban en las bolsas...

PERSONAJE 1 - Para eso si vienen muchos de ellos envueltos en trajes blancos, pero para darnos comida ninguno

PERSONAJE 2 - ¿Dónde estarán los humanos que conocemos?

PERSONAJE 1 - Y no nos quedó siquiera a una migaja de pan... pensé ya pronto pasara otro de los buenos con más comida, tengo que verme fuerte, tengo que tener la certeza que lo hará...

PERSONAJE 2 - Y ahora seguimos sin hacer nada, y tampoco nadie más ha pasado...

PERSONAJE 1 - ¿Y qué más podemos hacer?... ¿Explorar?... Nos estamos muriendo, cada vez somos menos, y con menos fuera, creo que ya no

podemos confiar en que ellos vendrán, y creo que...

PERSONAJE 2 - ¿Qué?

PERSONAJE 1 - Nos hemos quedado solos.

PERSONAJES 2 - No podemos ir en busca de comida ¿verdad? Eso es lo que de verdad ibas a decir, ¿no?

PERSONAJE 1 - Puede ser...

PERSONAJE 2 - Porque nos haces esto, claro que alguno de los buenos vendrá, te lo aseguro tenes que volver a confiar, no puedes desmoronarte así delante de todos.

PERSONAJE 1 - Estamos solos, nos abandonaron, no les preocupamos ellos se fueron, ahora solo quedan los hombres de blanco, esos que parecen alegrarse por nuestra extinción, a ciertas horas corren de aquí allá, mirando de lado, con esas sirenas espantosas que no nos dejan descansar... tal vez esto se acabó.

Una sirena comienza sonar suavemente, lentamente se va incrementando.

PERSONAJE 2 - Sabemos que volverán cualquier rato, no dejare que te rindas...

PERSONAJE 1 - ¿Rendir? No nos ves.

PERSONAJE 2 - No puedo, se lo debemos a las demás.

PERSONAJE 1 - Cuáles demás...

PERSONAJE 2 - Estás cansado, y yo también estoy cansado

Se queda quietecito, junto a la inscripción de aspecto fúnebre. Atardece, la plaza principal se ilumina con sus características luces naranjas que tiñen con su color todo el atrio de la catedral. El sonido de las sirenas se distorsiona a la de una marcha militar de hombres que va al compás imperceptible de un palpitar de corazón. A la lejanía se puede divisar o intuir una serie hombres

organizados, vestidos de trajes blancos de bioseguridad, llevan consigo linternas, palas, bolsas negras, recogedores de basura, fumigadores, etc. El sonido de las botas chocando el suelo se intensifica, las vibraciones del suelo hacen temblar los pequeños granos de arenas y las pequeñas plumas perdidas, el latido del corazón se acelera.

El personaje 1 habla consigo mismo mientras espera ser señalado con la luz blanca

PERSONAJE 1 - ¿Será que al fin vienen por mí?

PERSONAJE 2 - ¿Por vos?

PERSONAJE 1 - Si, por mi.

PERSONAJE 2 - Pero que pregunta más estúpida se te ocurre hacer.

PERSONAJE 1 - ¿Cómo?

PERSONAJE 2 - Que estás haciendo una pregunta estúpida. ¿Te dije que me cansa esa tu superioridad? Detesto estar aquí con vos, hubiera preferido estar en cualquier otro lado...

PERSONAJE 1 - ¿Qué decís?

PERSONAJE 2 - ¡Qué decís! Siempre haciéndote al desentendido, al muy sabio, al que se las sabe todas... sabes que me emputa que te haces a la mosquita muerta, el inocente, un pobre animalito indefenso...

PERSONAJE 1 - Pero es que soy un...

PERSONAJE 2 - Pe pe pe, nada de pero, nada de nada, me canse, estoy hartito, no puedo más, me canse, me canse, me rindo, ahí está, es lo que querías. No puedo más, estoy de la mierda de cansado y la puta sirena que me pone loco, esta noche ya fuimos... *(Silencio)*

PERSONAJE 1 - No puedes decir eso delante de todos...

PERSONAJE 2 - De verdad, tenemos que hablar, despierta y escúchame...

estoy seguro que todavía hay una chance, podemos solucionarlo, solo un poquito más, aprovechemos el ápice de esperanza y fe que nos queda... *(Silencio)* no te quedes ahí inerte, ayúdame a pensar en algo, esto no se puede terminar de esta manera, tenemos tantas cosas que hacer, no sabes cuánto deseo tengo de un último vuelo, el viento rozando con nuestras plumas... recordas, toda la bandada junta, el succulento sabor del maíz, nuestros buches llenos, el cantalear todo el día. Las largas tardes calurosas, nuestras patitas sintiendo el calor del piso, tan acogedor... *(Personaje 1 cierra los ojos)* dale, abrí esos ojos, sabes que es mentira que odio estar con vos, no dejes de respirar, que tu corazoncito no deje de latir, me hace sentir un poco de frío, un frío que se lleva el hambre, que se mezcla con paz, el viento friesito, hace contacto con la piel dentro del plumaje, mi cuerpo, va entumeciendo poco a poco... me aturdo... *(Una luz de linterna apunta directamente a él)* veo la luna más grande que de costumbre, esta noche tiene un brillo majestuoso *(Silencio)*.

La paloma da una última exhalación al mismo tiempo que un hombre de blanco la toma entre sus manos, la observa detenidamente por un instante, le mueve la cabecita aprieta el pequeño pecho del animalito esperando una reacción. Directo a la bolsa.

COMPATIBILIDARK

Sabrina Haimovich y Santiago Bongiorno ⁷¹
(Buenos Aires y El Bolsón - Argentina)

⁷¹ Sabrina -
Escritora, actriz,
psicóloga y
comunicadora.
Autora del libro
La c'n Roll y de la
obra Te mando
un beso, el
último beso.
Escribe en
@sabrina.mente

Santiago - Músico
y Profesor de
música. Dos
discos editados.

25 de marzo de 2020, 23:30 hs. 5 días después de que se declarara la cuarentena obligatoria en la Argentina, Santiago y Sabrina chatean por Instagram desde sus departamentos, luego de haberse conocido en un viaje. Santiago, alias Onda Repiola en Instagram, está acostado en el sillón. Sabrina, alias Más Amor Por Favor, escribe abrazada a un oso de peluche de la infancia, acostada desde la cama. Santiago toma su celular y tiene un mensaje. Es una reacción a una historia de Instagram en la que había publicado una foto de su gato jugando con las cuerdas de su bajo. Más Amor Por Favor le había enviado el emoji de un corazón verde.

MÁS AMOR POR FAVOR - Holaa.

ONDA REPIOLA - *(Stalkea a Más Amor Por Favor, reconoce a Sabrina y responde contento)* Ei, hola. Qué bueno que me agregaste.

MÁS AMOR POR FAVOR - Siii.

ONDA REPIOLA - ¿Cómo estás?

MÁS AMOR POR FAVOR - ¿Bien y vos?

ONDA REPIOLA - ¡Bien! Alta salida pegamos antes de la cuarentena.

MÁS AMOR POR FAVOR - Sí, total. Fue lindo conocerte (y todo lo que pasó). *(Sabrina le envía el emoji del fuego).*

ONDA REPIOLA - Ganas de encuarentenarme con vos jaja.

MÁS AMOR POR FAVOR - Jaja, bueno igual sólo nos vimos una vez.

ONDA REPIOLA - ¿Cómo estás llevando estos días?

MÁS AMOR POR FAVOR - *(Mira un póster de Cristina Fernández que tiene colgado en la pared):* Con mucha incertidumbre pero confiada. *(Escribe, borra, vuelve a escribir)* Estuve leyendo sobre astrología y parece que estamos en un momento de cambio. Te tiro una: leí que los astrólogos sabían que algo iba a pasar en el 2020.

ONDA REPIOLA - ¿Posta? Cómo es eso?

MÁS AMOR POR FAVOR - Leí que hay una conjunción entre Saturno y Capricornio (es cuando dos planetas se alinean). Esto se da cada treinta y cinco años. Dicen que viene todo de ahí... ¿Es demasiado técnico lo que digo?

ONDA REPIOLA - Noooo, me interesa. Vos de qué signo eras?

MÁS AMOR POR FAVOR - Creo que no te dije, Capricornio.

ONDA REPIOLA - Justo.

MÁS AMOR POR FAVOR - Jaja. Sí. También leí que iba a ser un gran año para Capri. Yo lo creo y así va a ser. Jaja, me pongo medio boluda con la astrología, perdón.

ONDA REPIOLA - Jaja, todo bien.

MÁS AMOR POR FAVOR - ¿Y vos de qué signo sos?

ONDA REPIOLA - Aries.

MÁS AMOR POR FAVOR - ¿Posta? Me sorprende.

ONDA REPIOLA - ¿Por?

MÁS AMOR POR FAVOR - No te imaginaba tan peleador. Tuve otra sensación cuando nos vimos. Me pareciste tranqui.

ONDA REPIOLA - Por lo que quiero peleo bocha, pero con mis amigos y la gente que amo, concilio a pleno. Y... se llevan bien Capricornio y Aries?

MÁS AMOR POR FAVOR - Yo creo que sí (*Sabrina le vuelve a enviar el emoji del corazón verde*) pero busquemos.

ONDA REPIOLA - Dale (*Santiago escribe en el buscador de su celular: "Se llevan bien Aries y Capricornio", lee el primer resultado y escribe en el chat*) Mirá lo que aparece en Google... Te copio: "Compatibilidad de Aries con Capricornio: Se trata de dos signos muy diferentes en carácter y forma de ser, condimento que da sabor a la unión".

MÁS AMOR POR FAVOR - Bueno, no está mal... igual yo sentí que éramos más parecidos, qué raro.

ONDA REPIOLA - Yo también, pero no sé. Mirá como sigue: "El dinero es uno de los puntos más complejos entre estos dos signos. Mientras Capricornio se siente bien manejando una estabilidad financiera, Aries no mira y es un saco roto donde gastar y gastar. Capricornio es un señor bancario ordenado y conservador, con una caja de ahorro abultada en Suiza. Aries es un desquiciado que corre hacia sus más variados y lujosos deseos; y si no tiene fondos en su cuenta bancaria se las ingenia para conseguir algún pin bancario y tarjeta de coordenadas ajena (prestada o no)".

MÁS AMOR POR FAVOR - ¡Aiii qué miedo!

ONDA REPIOLA - (*Muy relajado*) Igual tranqui, no me siento muy identificado la verdad, todo lo contrario. Te lo mostré porque me pareció gracioso.

MÁS AMOR POR FAVOR - (*Con distancia*) Bueno, mejor.

ONDA REPIOLA - (*Sigue relajado y haciéndose el gracioso*) En verdad se pone peor jaja mirá: "Incompatibilidad a nivel sentimental. Aries es lanzado, ardiente y sincero en sus demostraciones. Pero el vínculo puede caer en la desidia si el rígido Capricornio no se abre y aprende a decir Te quiero. Capricornio debe dejar de mostrarse como el dueño de un boliche cheto de Palermo que pone un patovica en la puerta y no deja entrar a nadie a su aburrida vida donde solo se escucha Chayanne. Con esa actitud, nunca podrá encontrarse con el enamorado e improvisado Aries, que va a llegar sin reservar ningún VIP. Es más, probablemente llame a un grupo de rugbiers para que lo golpeen en la vereda sin siquiera darle la oportunidad de mostrar

sus credenciales.”

MÁS AMOR POR FAVOR - *(Mientras lee, se va poniendo triste)* ¡Que horror, Santi! ¿De dónde sacaste esto? Nada que veer.

ONDA REPIOLA - *(Irónico)* Bueno, no sé. Los astros dicen que te gusta Chayanne. ¿Es verdad?

MÁS AMOR POR FAVOR - *(Angustiada)* ¡Si!... ¿pero qué tiene que ver? Lo escuchaba de chica con mi mamá.

ONDA REPIOLA - *(Sigue burlándola)* ¿Y tenés antecedentes penales?

MÁS AMOR POR FAVOR - Basta. Es obvio que no. Además, la astrología es metafórica. Me estás haciendo sentir mal.

ONDA REPIOLA - *(Calmando la situación)* Tranqui, Sabri, yo no creo mucho en esto. *(Vuelve a molestarla)* Pero me hizo asustar un poco... No quiero que nadie me golpee en la entrada de un boliche *(Nota que se pasó con los chistes)* jaja.

MÁS AMOR POR FAVOR - Bastaaaaa *(Sabrina envía el emoji de un llanto)*.

ONDA REPIOLA - ¡Era un chiste! No te pongas mal. Te juro que era un juego para conocerte.

MÁS AMOR POR FAVOR - *(Triste)* No se... Hay algo que no me cierra. Podemos buscar algo más profesional? Una amiga una vez me pasó una página donde se hacen compatibilidades. Se llama “Coincidencias de amor”, es de Mua Astral.

ONDA REPIOLA - ¿Mua Astral?

MÁS AMOR POR FAVOR - Sí, parece que es una astróloga conocida.

ONDA REPIOLA - Bueno, buscá, dale.

MÁS AMOR POR FAVOR - Pasame tu fecha, hora y lugar de nacimiento.

ONDA REPIOLA - 18/04/85, Olavarria, 0:30 hs. (*Canchereando*). ¿El tuyo?

MÁS AMOR POR FAVOR - ¿Mi año? Yo nací en el 84.

ONDA REPIOLA - Ah, tenemos la misma edad.

MÁS AMOR POR FAVOR - Sí, casi.

ONDA REPIOLA - ¿Y mes?

MÁS AMOR POR FAVOR - Enero.

ONDA REPIOLA - Enero me encanta, es el mes de las vacaciones, el sol, la montaña... muy nuestro encuentro, jaja.

MÁS AMOR POR FAVOR - Ja, si.

ONDA REPIOLA - ¿Y qué música escuchas?

MÁS AMOR POR FAVOR - Pará que me distraes.

ONDA REPIOLA - Bueno, quería conocerte.

MÁS AMOR POR FAVOR - Sí, nos estamos conociendo. (*Mira los resultados de Coincidencias de Amor*) Te juro que me caíste bien pero nos salió 5% de compatibilidad. Estamos al horno.

ONDA REPIOLA - No, ¿qué decís? Si tenemos re onda. Es increíble lo bien que la pasamos.

MÁS AMOR POR FAVOR - Pero sale mal, mala onda, mala piel y todo pelea. Yo también quería que veamos Netflix después de la cuarentena. Pero según esta página básicamente nos vamos a terminar matando y me vas a engañar con mi hermana. Y yo no quiero eso, ya lo viví, perdón. ¿Vos leíste Edipo?

ONDA REPIOLA - Si.

MÁS AMOR POR FAVOR - Bueno, los augurios no fallan (*Desesperanzada*).

Deja el celular, mira al techo).

ONDA REPIOLA - Che, pero ¿posta estás mal?

MÁS AMOR POR FAVOR - No entiendo, ¿vos tomas merca los jueves? No me di cuenta cuando te vi pero esta carta lo dice bien clarito, sos alto manipulador.

ONDA REPIOLA - ¿Qué?? ¿Tu hermana?? ¿Merca?? ¿Manipulador??

MÁS AMOR POR FAVOR - *(Suspira y escribe)* La cosa es así. Vos tenés Júpiter en Capricornio. No es que yo sea muy experta en esto pero por lo poco que pude ir aprendiendo Júpiter es el planeta de joderle la vida a la otra persona y yo soy Capricornio. Te soy sincera, no me gusta. *(Escribe "Yo conocí personas..." y lo borra)* Después, tenés Marte en Aries. Eso es que no te bancás un segundo quieto, típico de los que consumen. Y... Venus en Sagitario! Ya está, cuando puedas me vas a engañar y si podés con mi hermana. Esto está muy mal.

ONDA REPIOLA - A ver... dejame entender que estoy medio mareado... no conozco a tu hermana, los jueves juego a la play y no tomo. Además ¿inquieta yo? Soy la persona más pajera que conozco y no conozco más pajeros que yo porque me da paja. Algo mal hay en eso.

MÁS AMOR POR FAVOR - Analiza la captura vos entonces, no sé *(Envía una captura de pantalla con los resultados de la página Coincidencias de amor).*

ONDA REPIOLA - 6 de Agosto del 1988; ¿15 hs? ¿De dónde sacaste esa data? Ese no soy yo.

MÁS AMOR POR FAVOR - ¿A ver?

ONDA REPIOLA - Y yo no me llamo Lucio, me llamo Santiago.

MÁS AMOR POR FAVOR - Tenés razón, el celu flasheó. Cualquiera. *(Cambia los datos en la página y le envía una nueva captura de pantalla con los verdaderos resultados):* Acá tenés la coincidencia posta.

ONDA REPIOLA - Ahhhh nada que ver! Me había puesto re tenso.... Esto es otra cosa... Ahora si soy yo. ¿Lucio Raimondi decía? Como flashean los celus boluda... ¿Por qué habrá puesto Lucio? *(Escribe Lucio Raimondi en el buscador de Instagram, lo stalkea bastante, se pone muy celoso)*

MÁS AMOR POR FAVOR - Yo le presto mi celular a muchas personas. Queda seteado.

ONDA REPIOLA - Si, yo también “prestaba” mi celular a personas de confianza, que cuando ya no están no importan. Se ve que Lucio es una persona re de confianza. Aparece en páginas de compatibilidad... Es una de dos: o buscaste coincidencia con él porque te gusta o porque vos también raqueteás la fafafa.... Creo que es por la única razón que tendría a una persona en página de coincidencias

MÁS AMOR POR FAVOR - ¿Qué? No sé qué es fafafa, pero se ve que vos sí.

ONDA REPIOLA - Yo escucho Los Redondos.

MÁS AMOR POR FAVOR - Jaja espero que no tomes realmente.

ONDA REPIOLA - *(Se golpea la rodilla derecha que le tiembla por la ansiedad):* ¿Lucio tomaba? Más Amor Por Favor. ¿De qué hablás?

ONDA REPIOLA - Pregunto, porque por ahí estás proyectando en mí cosas de otro. ¿Te seguís viendo con él? (Bah, seguías antes de la cuarentena? jaja) *(Se ríe en voz alta liberando tensión).*

MÁS AMOR POR FAVOR - No sé Santiago, salió esa data, no sé quién es Lucio.

ONDA REPIOLA - O tal vez no lo querés recordar porque era alto tóxico.

MÁS AMOR POR FAVOR - Vos estás poniéndote tóxico.

ONDA REPIOLA - Me interesas, y quiero saber quién sos, si estás con alguien... no me parece tóxico eso. ¿Yo fui una aventura de verano?

MÁS AMOR POR FAVOR - Y si, básicamente fuimos una aventura, ¿no? Pero no tiene nada de malo, te escribí porque sentí que pasó algo más. ¿Estás bien? Siento que lo de Lucio te molestó.

ONDA REPIOLA - Es que parece que hay alguien que tampoco cuenta sus cosas.

MÁS AMOR POR FAVOR - ¿Cómo "tampoco"? ¿Lo de la milonga es verdad? (Recuerda algunas frases que alguna vez escuchó y sigue escribiendo) ¿Andás en las blancas? ¿Frizás la merluza?

ONDA REPIOLA - ¿Qué?

MÁS AMOR POR FAVOR - *(Quiere demostrar que es del palo aunque no lo es)* Decí la verdad. Vos te hacés el blanqueado, corrés con randanga, frizás la papelusa...

ONDA REPIOLA - *(Se sienta, tensionado)* ¿Qué?

MÁS AMOR POR FAVOR - *(Intenta ser más explícita)* Fumás cocaína????

ONDA REPIOLA - ¿Qué? Nada que ver

MÁS AMOR POR FAVOR - *(Enojada y angustiada)* ¡No sé! Vos decís esas cosas *(Le envía el emoji del llanto)*.

ONDA REPIOLA - *(Respira hondo calmándose, se acomoda las rastas y escribe)* Bueno, frenemos con esto. Además esa carta está equivocada. *(Mira la captura de Coincidencias que Sabrina le había mandado)*: Boluda, estaba viendo... 89 POR CIENTO DE COINCIDENCIA.

MÁS AMOR POR FAVOR - *(Muy desmotivada)* Sí, que se yo. ¿Qué es ese 11%?

ONDA REPIOLA - Pará, capricornio.... Típico que te cuesta salir del enojo (chiste) Acordate que todo lo anterior que leímos no tiene que ver con nosotros... esto RE tiene que ver con nosotros.

MÁS AMOR POR FAVOR - *(Silencio)*

ONDA REPIOLA - ¿Te copio?

MÁS AMOR POR FAVOR - *(Sigue desmotivada)* Bueno.

ONDA REPIOLA - "El sol de Aries en la tercer casa de Capricornio: La excelente comunicación que ambos tienen hacen sentir que su relación es telepática. Este tipo de uniones resulta intelectual y profesionalmente estimulante. Independientes, libres, cuidadores de pines de claves bancarias y tarjetas de coordenadas"

MÁS AMOR POR FAVOR - Jaja, qué la pasa a los astrólogos con las claves bancarias?

ONDA REPIOLA - Nahh, eso lo agregué yo.

MÁS AMOR POR FAVOR - Jaja, qué boludo *(Muy seria. Deja pasar unos segundos porque no le dio gracia)* A ver, ¿y qué más? Por ahí empieza bien pero se va todo al carajo antes de que termine la pandemia.

ONDA REPIOLA - *(Sin leer el mensaje que le llegó)* Sa, ¿no te parece increíble?? Es re nosotros, bah, casi ni nos conocemos, pero es re lo que sentí cuando te vi.

MÁS AMOR POR FAVOR - Para mí estás idealizando. Mirá, acá lo dice, estoy leyendo todo en detalle. "La relación puede tener tintes idealizados pero en el fondo tienen diferencias en las formas de pensar y carácter muy fuerte los dos".

ONDA REPIOLA - Bueno... es un detalle, ¿o sos violenta vos? Jaja *(incómodo)*.

MÁS AMOR POR FAVOR - ¿Yo? No... Pero acá dice lo del carácter y en verdad no te conozco. Por mi parte, no me caben las discusiones. Yo soy muy tranquila y pacífica.

ONDA REPIOLA - Pelear vamos a pelear. Ay, parecemos una pareja ya *(Le envía el emoji de un guiño de ojo)* Sólo hay que establecer límites, perímetros cercados, contratos prenupciales, modos, nada más...

MÁS AMOR POR FAVOR - Noo, yo no quiero pelear. No me gusta una pareja así. ¿Podemos discutirlo? Jaja *(Le envía un emoji riendo y otro emoji llorando)*.

ONDA REPIOLA - Nadie quiere peleas Sabri...

MÁS AMOR POR FAVOR - Pero vos me estás diciendo que nos vamos a pelear.

ONDA REPIOLA - A ver, le gente se pelea, pero con diálogo todo se puede solucionar.

MÁS AMOR POR FAVOR - Y si yo no quiero pelear ¿qué hacemos? ¿Nos peleamos? Siempre te salís con la tuya, Aries.

ONDA REPIOLA - Sabri... sabrinita... tranquilizate...

MÁS AMOR POR FAVOR - No me digas sabrinita, no me gusta *(Emoji de llanto)*. Así me dice mi tía que me maltrata en las reuniones familiares *(Llora un poco)*.

ONDA REPIOLA - Bueno, pero ya no sé cómo decirte. ¿Todo te hace llorar?

MÁS AMOR POR FAVOR - Y encima ¿te quejás de que lloro? Ves ya estamos peleando, Coincidencias tenía razón.

ONDA REPIOLA - Pero no...

MÁS AMOR POR FAVOR - *(Llora y se queja mientras escribe)* Y si, ¿no ves? Yo no quiero pelear y vos insistís en que sí. ¿Ahora qué sigue? ¿Te tengo que insultar? Yo no sirvo para eso *(llora más afectada)*.

ONDA REPIOLA - *(Preocupado, se para, camina unos pasos, respira y escribe)* No, Sabri. Te juro que no quiero pelear.

MÁS AMOR POR FAVOR - Pero no es lo que dijiste antes. Entonces ¿qué sos... *(Pone cara rara al escribir)* un cagón?

ONDA REPIOLA - *(Emoji con las manos para arriba)*

MÁS AMOR POR FAVOR - *(Sigue sintiéndose torpe al escribir)* ¿Falso enfrentador de la realidad?

ONDA REPIOLA - ¿Qué?

MÁS AMOR POR FAVOR - Que sos un lucifer de quinta.

ONDA REPIOLA - No entiendo a dónde querés ir.

MÁS AMOR POR FAVOR - *(Enojada, triste y torpe al escribir)* No, ahora no quiero ir a ningún lugar con vos. Andate a la defecada, preservativo Tulipán *(se va entusiasmado y deja de llorar)*. Sos un hijo de un proxeneta. Ay, ya siento que te estoy odiando *(Se ríe sintiéndose extraña)*.

ONDA REPIOLA - Jaja pará, Sabri. Es un chiste esto, ¿no?

MÁS AMOR POR FAVOR - *(Se enoja porque sus insultos no tienen efecto y sigue intentando)* ¿Un chiste? ¿Cómo un chiste? Un chiste sería *(piensa)* que no fueras un masturbador patógeno; *(se ríe, vuelve a reírse, piensa)* así de copado como te mostrás, seguro te martillás los dedos cada vez que intentás colgar un cuadro. *(Se ríe más. Está muy entusiasmada, ya casi no necesita pensar)* No te lo dije, pero tenés el silbato flojo. *(Súper empoderada)* Y ¿sabés qué? *(Dice en voz alta "Sabes qué?" Y se para, Va a escribir de parada pero decide mandar lo que sigue como un audio)*. O sea, ¿cómo es que por un par de páginas astroanales flasheás que vamos a tener algo? Mínimo una orgía con tu mejor amigo para considerar más continuidad... Pero ¿vos ya flasheás casamiento? ¿Qué sos católico conservador? ¿Hijo de primos? ¿Qué te pasa?

ONDA REPIOLA - *(Emoji que levanta las manos)*

MÁS AMOR POR FAVOR - *(Le envía un audio)* Encima me respondés con un emoji. Tengo razón lo diarreico que sos. No das el rostro de tan hijo de ariano que sos.

ONDA REPIOLA - *(Deja en visto el audio)*

MÁS AMOR POR FAVOR - *(Eufórica, lo bloquea y deja el celular. Camina por su departamento de un lado a otro. Se siente extasiada y rara; la situación se le*

fue de las manos, pero está llamativamente contenta. Vuelve a agarrar el celular, busca a su psicóloga en WhatsApp y le manda un audio: "No lo estaba buscando, pero lo logré. Pude insultar a alguien. El jueves te cuento y me das el alta?" Envía el audio y se tira en la cama a mirar el techo sonriente y feliz)

Fin

HOLA, SOLEDAD

Susannah Rodríguez Drissi ⁷²
(Los Angeles – USA)

⁷² Poeta,
escritora,
traductora y
académica
cubana
galardonada.
Doctora en
Literatura
Comparada
de UCLA,
donde enseña
en Writing
Programs.
Publicó en
revistas tales
como *In
Season—Stories
of Discovery,
Loss, Home, and
Places in Between,
The Los Angeles
Review of Books,
Saw Palm, Literal
Magazine, Diario
de Cuba (Madrid),
SX Salon, Raising
Mothers, Acentos
Review y Cuba
Counterpoints.*
Su obra teatral,
*Houses Without
Walls*, ganadora
de múltiples
premios, se
estrenó el 3 de
junio, 2018 en
el Stephanie
Feury Theatre
Studio, durante el
Hollywood Fringe

Personajes

Soledad - Madre de tres, casada con Jorge. Entre 45-50 años.

Alma - Soltera, entre 45-50 años. Amiga de Soledad, pareja de Rubén a larga distancia.

Jorge - Entre 45-50 años. Marido de Soledad y padre de sus hijos.

Lugar Los Ángeles, 2020

Nota de la dramaturga

Hola, Soledad es una historia de privación de libertad y de palabra. Por su resonancia con los tiempos que vivimos, de confinamientos y nasobucos, esta obra se estrenará en agosto, 2020, desde un espacio virtual (Zoom). Por consiguiente, el espectador NO accederá al escenario de modo directo, sino mediatizado por un instrumento que es tanto de acceso como de vigilancia, y tanto de aproximación como de distanciamiento. Esta obra fue escrita el 14 de abril, 2020.

Instrumental de “Hola, Soledad” de Palito Ortega, interpretada por Rolando La Serie. El escenario vacío, excepto por un armario al centro y a la izquierda del público. Soledad está sentada dentro del armario semi-abierto, hay una pequeña ventana cubierta con una cortina a su izquierda. El escenario está casi completamente a oscuras. Soledad, en ropa interior y con un tapa bocas, tiene la computadora en las piernas, y una copa con vino en la mano. Hay una botella de vino a medio tomar en el piso, fuera del armario. En la pantalla, Alma fuma. La única luz será la luz de la pantalla de la computadora.

VOZ DE ROLANDO LA SERIE - Hola, Soledad.

Esta noche te esperaba
Aunque no te diga nada

Es tan grande mi tristeza
Ya conoces mi dolor . . .

FX: Video silente de Soledad bailando con su imagen en un espejo. Una voz desde la pantalla de la computadora interrumpe la canción y el baile. Una pantalla enorme proyecta dos cuadrados: a la derecha del público, la cara de Alma; a la izquierda, el video de Soledad, que baila. El público las observa a través de la pantalla.

ALMA - *(Alzando la voz desde la pantalla de la computadora)* Soledad, ¿estás ahí?

El video de Soledad bailando es remplazado por la cara de Soledad.

SOLEDAD - ¿Y dónde más iba a estar, hija, por tu vida?

ALMA - Desconectada.

SOLEDAD - *(Se levanta un poco el tapa bocas y toma un sorbo de vino)* No, no, estoy conectada. Si no fuese porque insisto en seguir conectada . . . es que ya no soporto estar aquí. Ésta pérdida ha sido . . . ¿cómo explicarte? . . . muy . . . de pronto, ¿me entiendes? De sopetón. Un fuerte golpe sin aviso.

ALMA - *(Encendiendo un cigarro)* ¿Y los niños?

FX: Video de Soledad con la espalda contra una puerta cerrada. Se oyen golpes fuertes contra la puerta, y gritos de niños que piden que mamá les habrá "de una vez".

SOLEDAD - Sí, bueno. Los niños, imagínate . . . Jorge . . . también aquí, sí. Claro, tú eso no lo entiendes porque tu estás sola . . .

FX: Imágenes de calles, canchas, y playas desiertas, parques vacíos.

SOLEDAD - Qué maravilla, la soledad, el espacio, la distancia. Una gran distancia entre tu prójimo y tú . . . quién pudiera! Seis pies de distancia, mi madre . . . ojalá fueran veinte, o cuarenta millas, no pies . . . o por lo menos una pared, con una pequeña ventana, lo suficientemente grande

para un saludo matutino y unas buenas noches. Nada más. Con un huequito bastaría . . .

ALMA - Eso dices tú, pero . . .

SOLEDAD - ¿Pero qué, Alma? No hay pero. No puede haber pero.

ALMA - Yo no soporto la idea de un día idéntico al día anterior. De que todo se quede igual, que no cambie. Que esta silla en la que ahora me siento siga siendo la misma silla día tras días. Que no pase de silla a sillón, o de sillón a butaca, o banco, o sofá . . . y luego ese abismo, ese silencio, esa soledad acojonante . . . ¿me entiendes?

SOLEDAD - Pero es que todo ha cambiado. Esa es la cosa. Todo. Bueno, todo menos las mañanas, claro. Lo mismo de siempre. Que el buenos días, que el hacer la cama, que el desayuno. Tirria le tengo ya a lavarme los dientes. Y las noches ...

ALMA - Sí, las noches también. A ver, ¿qué extrañas más, el caminar en la playa en una puesta de sol, o una cena entre amigos?

SOLEDAD - Ay, Alma, qué puesta de sol ni puesta de sol . . . Extraño la casa vacía, Alma ...

FX: Soledad, completamente sola, acostada en forma de equis sobre una cama matrimonial, batiendo brazos y piernas.

SOLEDAD - ...el silencio, un cuarto para mí sola. Me apetece el egoísmo, el no compartir ni mi tiempo, ni mi espacio, ni mi cuerpo. ¿Me entiendes? Extraño el largarme por unas cuantas horas y no pensar en esta casa, porque otro espacio, que es mío, para mí sola, me espera.

ALMA - ¿Y tú te bañas? ¿O te vistes?

SOLEDAD - *(Se ríe)* ¿Para qué?

ALMA - ¿Es que tú y Jorge ya no . . . ?

SOLEDAD - ¿Tu crees que con todo esto que tenemos encima hay tiempo de . . . ? Además, Jorge está de cabeza en la pitopausia.

FX: Video silente de Jorge sentado al borde de una cama cortándose las uñas de los pies.

ALMA - ¡Qué horror! Muy fuerte, mi amiga. Muy fuerte. ¿Y tú?

SOLEDAD - Pues yo, Alma, he entrado en los cuarentas. Y los cuarentas en cuarentena se anulan el uno a la otra. Y yo . . . yo me quedo con nada. Nada de pelo, nada de encanto, nada de gracia . . .

ALMA - Pues, yo y Rubén estamos dándole al perico como conejos . . .

SOLEDAD - Como no tienen nada que hacer, claro . . . ¿y qué usan? ¿Zoom, Skype, Facetime, texto?

FX: Video silente de Alma en pose de "La Gran Odalisca". Se acomoda.

ALMA - *(Se ríe)* Unos videítos cortos hechos en casa que compartimos por teléfono. Son como . . . sorpresitas durante el día.

SOLEDAD - ¿Y no te da miedo que te vean? ¿Qué te espíen? Además, ¿quién tiene tiempo para eso ahora, hija?

ALMA - Coño, Soledad, ¿quién me va a ver, o a espiar? Además, lo más que tenemos ahora es tiempo, mi amiga. ¿No crees?

SOLEDAD - ¿Qué tiempo ni tiempo, Alma? Yo sigo tratando de entender lo que ha pasado, pero no lo logro, la verdad. No logro entender ese salto enorme. Porque no puedes negar que ha sido enorme. De pronto, nos encontramos en una mazmorra.

ALMA - ¿De qué salto estás hablando, Soledad? ¿Qué mazmorra?

FX: Detrás de Soledad, en la gran pantalla, vemos un video silente de Soledad parada al borde de un trampolín—lista para saltar.

SOLEDA - Ese salto que damos sin darnos cuenta, Alma. Del día en que nacemos, un salto hasta la adolescencia, otro salto al matrimonio, y uno aún más grande a los hijos . . . y ahora esto. Este gran salto que yo nunca pensé dar. Nunca me imaginé pasar por algo así.

FX: Más imágenes pasan como flash por la pantalla: un funeral, un accidente de carro, Soledad besándose con alguien, su propia muerte.

SOLEDA - Tantas cosas me han pasado por la mente a través de los años— la futura muerte de mis padres, posibles accidentes de carros, infidelidades, divorcios, la inevitabilidad de mi propia muerte, leucemia, cancer de mama . . . pero no esto. Yo no estaba preparada para esto. Porque el verdadero salto está aquí, dentro de la casa. Dentro de este armario. Es que yo buscaba los cambios afuera . . . y están aquí dentro de esta casa. Esta casa que cada día conozco mejor y que por tal, me queda más chiquita. Un salto atrás. A mí me pertenece este espacio. Me lo han devuelto a mí. La cocina es mía, los platos, las cucharas, los tenedores, el aseo de la casa, las tareas de los niños. Todo vuelve a ser mío. Vuelvo a ser la responsable. De todo. Y mis planes, ¿qué? Mis conversaciones a medio madurar, mis proyectos, ¿qué? Se esfumaron.

ALMA - *(Sigue fumando, como una chimenea)* Y si te fueras a escapar, ¿a dónde irías?

SFX: Imagen de una playa en la Riviera Maya.

SOLEDA - México. Todo el que se escapa se larga para México.

ALMA - ¿Y si cierran las fronteras?

SOLEDA - ¿Todas?

ALMA - Sí, todas.

SOLEDA - No sé.

ALMA - Mira, ¿por qué no caminas a la ventana y me dices lo que puedes ver? Te vas a sentir mucho mejor, ya verás.

SOLEDAD - ¿Tú crees?

ALMA - Claro que sí, trata, tu vas a ver como sí funciona.

Soledad pone la copa de vino en el piso del armario y sale con la computadora en las manos. Pone la computadora en el piso, y camina hasta la ventana. Abre la cortina y se inclina hacia el cristal para ver lo que está pasando afuera. En la gran pantalla queda la cara de Alma, esperando que Soledad regrese.

FX: Videos "prestados" de Twitter, Facebook, o Instagram. Gente en los balcones en algún país del mundo.

SOLEDAD - *(Batiendo los brazos en el aire)* ¡Eh! ¡Eh!

ALMA - *(Desde las dos pantallas)* ¡Soledad! ¿Con quién hablas? ¡Soledad!

SOLEDAD - Espérame un segundo, Alma. Si vieras cuánta gente ha salido al balcón, Alma. Es algo . . .

ALMA - Sin antecedente.

SOLEDAD - Sin antecedente, sí.

FX: imagen de muchos ojos que miran fijamente.

ALMA - Algo maravilloso.

SOLEDAD - No.

ALMA - ¿Te inspira?

FX: Video silente de Soledad en el piso, entrando en pose fetal. Respira profundo.

SOLEDAD - *(Se abraza)* Me aterroriza.

ALMA - ¡Regresa, Soledad!

SOLEDAD - Sí, ya voy. *(Todavía fijando la mirada más allá de la ventana y el*

balcón.) Es como si me hubieran robado el tiempo. No, no es como si fuera—me han robado el tiempo.

ALMA - ¡Soledad, regresa!

Soledad camina hasta la computadora, la levanta del piso, y entra con ella al armario. Se vuelve a sentar con ella en las piernas. Regresa a la copa de vino. Su cara vuelve a aparecer en la mitad de la gran pantalla.

SOLEDAD - (*Levantándose el tapa bocas de nuevo y llevándose la copa de vino a los labios*) Ya estoy aquí.

ALMA - Menos mal, por Dios.

SOLEDAD - ¿Y la ventana?

ALMA - Otro día será.

SOLEDAD - (*Moviéndose dentro y fuera de la pantalla*) Te veo, y te pierdo, y te veo. Es como si todos nos hubiéramos encontrado con el futuro demasiado rápido. De pronto todo se me cae encima. Mira las uñas, y las canas, (*pone la copa de vino en el piso del armario, y se pasa la computadora por el cuerpo*) y este cuerpecito, por Dios . . . si es que me doy asco.

FX: Video silente de un acróbata sobre una cuerda floja, seguido por un clip de la separación de las aguas en The Ten Commandments (1956).

SOLEDAD - Esto todo requería un cierto balance, una separación de las aguas—una línea límite. Tú allí, y yo aquí.

ALMA - ¿Yo?

SOLEDAD - No, no tú—otros. Separación, distancia, límites, fronteras.

FX: Tarjeta que dice "Se prohíbe la entrada".

ALMA - ¡Pero eso es precisamente lo que tenemos!

SOLEDAD - Lo tendrás tú. Yo lo que tengo es otra cosa. Una casa sin paredes, ni puertas. Sólo ventanas . . . Me siento expuesta, Alma, desnuda. Vigilada.

ALMA - (*En lo suyo*) Quizás lo que tengo que ser es paciente, inmutable, no dejarme llevar.

SOLEDAD - Eso es—no te dejes llevar.

ALMA - (*Apuntando a su propia boca*) Pero hija, quítate el tapa bocas, que ahora no lo necesitas, ¿no?

SOLEDAD - Ah, ¿no? Eso crees tú. Ahora, cuando más hay que decir es cuando menos podemos decir. Nos tapan la boca. ¡Qué horror, Alma! Nos encierran y nos tapan la boca. Y nos escuchan, nos infiltran, nos niegan el paso.

ALMA - Pero quítatelo. Ahora estás dentro de tu casa, no fuera de ella.

SOLEDAD - ¡Qué disparate! Cómo si dentro de mi casa no hubiese contaminación, no hubiesen reglas. Además, esto también es mordaza, ¿me entiendes? No sólo un tapa bocas.

ALMA - ¿Mordaza?

SOLEDAD - Sí, mordaza . . . para no morder a Jorge.

ALMA - Hay, Soledad, ¡qué cosas dices, por Dios!

FX: Video de Soledad dándose vuelta para toparse con la cara de Jorge.

Soledad - Me sigue por todas partes.

ALMA - Pero eso es bueno, ¿no?

SOLEDAD - Ay, Alma, por Dios . . . Te juro que yo no respiro bien desde que empezó todo esto.

FX: Video silente de Soledad agarrándose el cuello—señal universal que significa, “¡Me ahogo!”

ALMA - La soledad no es todo aquello que parece. Oye, yo no tengo a nadie que me dé los buenos días.

SOLEDAD - Ni yo deseo de darle los buenos días a nadie. Quiero que me dejen salir de este closet, de este cuarto, de esta casa. De esta mazmorra. Porque las mazmorras, Alma, tienen las circunstancias de ser oscuras. ¿Lo ves? Estamos a oscuras. ¿A quién acudimos? ¿A quién le hablamos de este tormento?

ALMA - *(De pronto, siente miedo)* A oscuras, sí . . . y con esta soledad que me mata.

SOLEDAD - Sí, a oscuras. Pero lo peor no es la soledad, Alma. Lo peor es que nunca ya estaremos solos.

Se hace un gran silencio. La gran pantalla oscurece. Soledad cierra la computadora y la coloca al lado de la copa de vino. Sale del armario y camina lentamente hasta la ventana.

SOLEDAD - *(Batiendo los brazos en el aire)* ¡Eh! ¡Eh!

El escenario queda a oscuras. "Hola, Soledad", interpretada por Rolando La Serie, se vuelve a escuchar. Cortina muy lenta.

LOS CONFINES

Valeria Moore ⁷³
(Buenos Aires - Argentina)

⁷³ Psicanalista.
Estudió
dramaturgia con
Mauricio Kartun
y Ariel Barchilón.
Integra el grupo
Dramaturgos de
Verano.

Escena 1

Departamento en Buenos Aires. Abril 2020. Living comedor con la cocina integrada. Hay un sillón cama, una mesa baja, un sillón viejo de un cuerpo, una mesa con cuatro sillas, un aparador con varios cajones. En una esquina, una bolsa de arena cuelga del techo. En la pared del fondo, una ventana que da a la calle. A la izquierda está una puerta que da a la habitación; a la derecha, la puerta de entrada. Ana (38) está tomando mate sentada a la mesa del living y mirando la tele. Un periodista está hablando del coronavirus. Marcos (27, vestido con ropa deportiva) camina por el ambiente. Día nublado.

MARCOS - *(Grabando en el celular)* Día 7, hace una semana que no salgo. Ana no me deja.

ANA - No les creo nada. No saben un carajo.

MARCOS - *(Sigue grabando)* Es muy raro todo. Me siento en un episodio de Black Mirror.

ANA - Bah, capaz que saben y se hacen los boludos...

MARCOS - *(Sigue grabando)* Hoy no llamé. No sé qué hacer... ¿Lo llamo? No quiero parecer desesperado..., mejor espero... ¿Le mando un WhatsApp?... ¡Ay, Diosss! *(suspira)*

ANA - ¡Claro! ¡Es eso! Ellos saben... pero no dicen lo que saben.

MARCOS - ¿De qué hablás, Ana?

ANA - ¡Shhh! Dejame oír.

MARCOS - *(Sigue grabando)* Yo ya no sé qué carajo hacer, si esta mierda de grabar sirve para algo *(corta la grabación)*. Estás obsesionada con la tele...,

cortala un poco. Te va a mambear mal.

ANA - No les creo nada.

MARCOS - ¿Y para qué mierda ves la tele todo el día, entonces?

ANA - Estoy pescando algo... Tengo que pensar... Hay una lógica en todo esto. Necesito más información.

MARCOS - Pero recién dijiste que no les creías nada.

Ana lo mira y vuelve a mirar la pantalla. Marcos hace un gesto exasperado. Camina por el ambiente. Chequea su celular.

ANA - ¿Podés poner agua a hervir, por favor?

MARCOS - ¿Vas a preparar la cena ahora? ¡Es tempranísimo!

ANA - Hay que aspirar vapor caliente por cinco minutos.

MARCOS - Uh..., vos te enganchás en todas. Decís que no creés pero hacés caso a todas las boludeces que circulan. ¿Quién te entiende?

ANA - Poné poquita agua.

Marcos pone agua a hervir.

MARCOS - *(Suspirando)* Qué sé yo... La realidad es que nadie sabe nada...

Marcos agarra una colchoneta de atrás del sillón y se pone hacer series de abdominales. Después hace ejercicio con pesas. Chequea el celular y lo tira sobre el sillón. Marcos se pone guantes de box y pega puñetazos a la bolsa de arena. Ana apaga la tele, va hacia la olla y pone la cara sobre el vapor. Cierra los ojos. Marcos termina y se seca la cara. Vuelve a chequear el celular.

MARCOS - Ana.

ANA - Bancá un toque.

MARCOS - Es una pregunta, no sé... Vos capaz que me tirás una punta.

ANA - ¡Esperá, te dije!

MARCOS - ¿Pero no podés aspirar y escucharme?

ANA - ¡Ahora no!

MARCOS - OK.

Silencio. Marcos vuelve a chequear el celular. Después de un ratito, Ana, lentamente, se aparta del vapor, abre los ojos y agarra un repasador para secarse la cara.

ANA - ¿Qué me querías preguntar?

MARCOS - (*Dubitativo*): Ay..., no..., no sé cómo... Quizás te suena medio boludo, nunca hablamos de estas cosas. No tenemos tanta confianza... Es raro... Mejor dejá, no..., no es nada.

ANA - Como quieras.

MARCOS - Lo que pasa es que no tengo con quién hablar y me está quemando el coco. Vos quizás tenés más experiencia, otra mirada..., no sé... A lo mejor me estoy haciendo una película que no es.

Ana va a prender la tele.

MARCOS - ¡No, no! Pará, no la prendas. Escuchame un ratito.

ANA - Apurate.

MARCOS - Bueno, a ver, cómo te lo digo... Yo estaba... Estoy saliendo con este chabón. Empezamos hace poco y..., bueno..., me gusta mucho, pero mucho en serio. Y nada, cuando nos veíamos estaba todo divino..., pero ahora... No sé, está más frío, como..., como que no me da bola. No entiendo. Parecía que iba todo re bien y ahora medio que me corta el mambo. Sé que es porque no nos estamos viendo, que si estuviéramos juntos todo estaría

igual que antes... Pero no sé cómo manejarlo.

ANA - ¿Sos puto?

MARCOS - ¡¡¡Ana!!!

ANA - No me importa, solo que no sabía.

MARCOS - ¡Pero no lo digas así! Suena... ofensivo, como un insulto.

ANA - Bueno. ¿Y entonces?

MARCOS - ¡Que no me gusta, que es una falta de respeto!

ANA - ¿Y qué me querías preguntar?

MARCOS - ¡Eso! Qué hago con Gabi, se llama Gabriel. Mirá, te muestro una foto.

Marcos saca el celular y le muestra a Ana, quien mira sin interés.

MARCOS - ¿No es un bombón? Quizás por eso estoy celoso, porque es muy bonito.

ANA - Mmm...

MARCOS - La última vez que nos vimos me dijo que tiene un vecino que le tira onda. ¡Qué virus de mierda! Quedé re mal colocado, acá, con vos, y Gabi con el vecino... ¡Soy un pelotudo! Tendría que haberle propuesto hacer la cuarentena juntos. ¿Qué hago, Ana? ¡Me carcome el cerebro!

ANA - Hagas lo que hagas, de acá no te movés.

Escena 2

Mismo lugar. 9 de la mañana. La tele prendida. Marcos solo en la esquina más alejada del living y hablando en voz baja.

MARCOS - *(Grabando)* Día 17. Las cosas no están bien. Yo no estoy bien,

no aguanto más... Hoy salgo como sea... Ana tampoco está bien, dice cosas raras. Me doy cuenta que no la conozco. Se va a re friquear cuando le diga que salgo. No sé qué le pasa, está obsesionada mal con este virus. Voy a ir, así, de sorpresa, no voy a decirle nada. Veremos con qué me encuentro. Capaz que me equivoco de nuevo..., pero no me importa. Algo tengo que hacer.

Entra Ana. Va a la cocina y pone agua a hervir. Marcos se sienta a la mesa. Se agarra la cabeza con las manos.

ANA - ¿Hacés las tostadas?

MARCOS - Casi no queda pan, Ana, ni yerba. Hoy voy a salir a comprar.

ANA - No hace falta. Pedimos al chino.

MARCOS - Pero la última vez nos mandó una yerba horrible. Mejor voy yo y elijo la que nos gusta.

ANA - Marcos, no se puede salir, lo dijo el Presidente. Punto.

MARCOS - Pero a comprar se puede...

ANA - No.

MARCOS - Ana, voy con los guantes de goma, los lentes oscuros, voy con el barbijo que me hiciste, te prometo que me mantengo a dos metros de todo el mundo.

ANA - ¡Basta, Marcos! ¡Terminala!

Ana se sienta a la mesa y ceba el mate. Marcos se sienta a su lado, resignado.

ANA - ¿A vos te parece normal lo que está pasando?

MARCOS - Obvio que no, es rarísimo todo.

ANA - No, no es raro si se hace la lectura apropiada.

MARCOS - No entiendo...

ANA - Se trata de mantener la capacidad de análisis crítico.

MARCOS - A mí me supera...

ANA - A ver, sabemos que no tuviste mi entrenamiento, pero la evidencia está ahí, delante de las narices de quien quiera ver.

MARCOS - No me rompas con tu mambo, Ana, ya bastante tengo con lo mío.

ANA - *(Lo agarra del mentón y lo enfrenta cara a cara, sacada):* Escuchame bien, Marcos, esto no es una joda. Aunque no entiendas qué carajo está pasando, sólo una cosa tenés que entender: es muy serio. Todos tus problemitas, al lado de esto, no existen. Es un asunto de vida o muerte. Planetaria.

MARCOS - *(Deshaciéndose de ella):* OK, OK. Tranquila.

ANA - Yo te voy a explicar para que entiendas, ¿entendés? Para que sepas. Es importante que vos sepas, ¿entendés?

MARCOS - Sí, sí.

ANA - Escuchá atentamente. No lo voy a repetir y es muy importante. Esperá.

Ana abre la puerta de entrada y mira hacia ambos lados, después se asoma a la ventana y mira hacia ambos lados. La cierra con cuidado.

MARCOS - ¡Si estamos solos!

ANA - Eso nunca se sabe, es parte del problema.

MARCOS - Ah.

ANA - Apagá eso.

MARCOS - ¿La tele?

Ana - ¡Obvio! Me quema la cabeza... Todo el día desinformando. ¿No te das cuenta? Los que informan, desinforman, los que curan, enferman, los que te protegen, te matan. ¡Orwell fue un visionario!

MARCOS - *(Apagando la tele)* ¿Quién?

ANA - El Neohabla.

MARCOS - ¿Qué?

ANA - Gran Hermano, hermano. Ese es el modelo.

MARCOS - ¡Ah, sí, sí! Gran Hermano. La vieja se volvía loca con eso, le encantaba.

ANA - Ella entendería perfectamente. Ella sabía...

MARCOS - ¿Sabés de lo que me acordé el otro día? De cuando me enseñó a jugar al truco... Creo que algo me acuerdo. ¿No querés jugar?

ANA - *(Sonriendo con ironía)* El gran truco, de eso se trata. Puro blef. Engañar, distraer la atención, mostrarte espejitos de colores... Y cuando menos lo esperás... ¡zas! ¡Te atraviesan de lado a lado con el pincharratas! La vieja sabía. Por eso la mataron.

MARCOS - ¿Qué decís? ¡Mamá murió de cáncer! Vos estabas.

ANA - Eso dijeron los médicos. Ella me estaba enseñando los códigos. ¡Hijos de puta!

MARCOS - ¿En serio creés que a mamá la mataron?

ANA - Lo sé. Ahora lo sé. Me lo confirmaron hace poco.

MARCOS - ¡Es terrible lo que decís! Yo no lo puedo creer, para mí es un delirio tuyo.

ANA - Sí, es más fácil eso.

MARCOS - ¿Pero quienes? ¿Por qué?

ANA - Eso no es importante ahora. Frente al presente y al futuro, el pasado es humo.

MARCOS - ¡Ana, basta de hablar en enigmas! No me podés decir que a la vieja la mataron pero que no es importante. ¿Qué te pasa? ¡Decime qué sabés! Y si es un delirio tuyo... ¡Terminala! ¡Loco me volvés!

ANA - Acercate.

Marcos se acerca con la silla. Ana le habla al oído, bajito. Escuchamos fragmentos de lo que dice:

ANA - ... conspiración... China y Estados Un... atención... apropian de...

Finalmente, se separa y lo mira.

ANA - ¿Entendés ahora?

MARCOS - Ufff... Todo lo que decís..., no sé... ¿Y mamá qué tiene que ver con eso?

ANA - Ella era bióloga.

MARCOS - Sí, pero trabajaba en COTO.

ANA - Marcos, si te quedás con las apariencias, nunca vas a entender nada.

MARCOS - Para mí estás re pirada. Todo esto es un megadelirio.

ANA - Eso creí yo también, en su momento. Ya no más.

MARCOS - *(Se levanta)* Vos hacé la tuya, yo hago la mía. Y te aviso que voy a salir, te guste o no.

ANA - Si salís, acá no volvés a entrar.

MARCOS - ¡No podés! ¡No seas turra! ¡No tenés derecho a controlar mi vida!

ANA - *(Encogiéndose de hombros y yendo a la habitación)* No voy a discutir con vos.

MARCOS - *(Gritándole)* ¡Qué loca de mierda! ¡Pirada del orto! ¡Justo vos me tenías que tocar!

Marcos va a la bolsa de arena y descarga su bronca pegándole puñetazos, sin los guantes. Se detiene, se desploma en el sillón, piensa unos momentos y después se levanta de un salto, va hacia un cajón y revuelve buscando algo, lo cierra y abre otro, cada tanto mira la puerta de la habitación. Finalmente, saca una tarjeta, agarra el celular y prende la tele. Se va al extremo más alejado de la puerta de la habitación y marca un número. Espera y luego deja un mensaje en voz baja.

MARCOS - Hola, doctor, soy Marcos Luchetti, hermano de Ana Luchetti. No sé si se acuerda de mí. La acompañé hace un año a su consultorio. Bueno, la cuestión es que me parece que no está bien, dice cosas raras, no sé, cosas que decía antes, pero después paró, y ahora empezó de nuevo... Ahora tiene otras ideas, o sea, se agregaron ideas. No sé... Quizás es normal en su caso, quizás soy yo el que me pongo nervioso, no sé. Quizás es por el encierro. Disculpe que lo moleste en un momento así pero no..., no sé qué hacer. Bueno, gracias.

Corta y suspira. Se apoya en la mesa.

MARCOS - Tengo que bajar un cambio.

Escena 3

Mismo día, es la tarde. Ana está parada en una silla sacando todo lo que hay en la alacena de la cocina. Antes de apoyarlo en la mesada lo revisa con cuidado. Cuando termina de vaciarla, se pone en puntas de pie para revisar bien a fondo la alacena vacía. Entra Marcos secándose la cabeza con una toalla. Ana guarda rápidamente las cosas.

MARCOS - ¿Haciendo orden? No es mala idea. Hay un chiste que circula: "Pobre Mari Kondo, se debe querer cortar las bolas ahora"... o algo así.

ANA - *(Baja de la silla)* Dejá de decir boludeces y preparate, pasamos a la contraofensiva.

MARCOS - No cuentes conmigo.

Suena el celular de Marcos, quien lo saca de su bolsillo y va a atender cuando Ana se lo arrebató.

MARCOS - ¡Pará! ¿Qué hacés? ¡Dame eso!

Ana se acerca a la ventana abierta.

ANA - Ahora que sabés, ya sos parte. Te pueden interceptar por esto.

MARCOS - Ana, Anita, por favor, por favor..., hago lo que quieras pero no lo tires.

ANA - *(Mirando la pantalla)* ¿Quién es Gabiamor?

MARCOS - Gabi, el chico del que te hablé. Estamos saliendo.

ANA - ¿Salís con un chico?

MARCOS - ¡Te lo conté! ¡No me escuchás! Te importa un carajo lo que me pasa.

ANA - *(Se masajea la frente con gesto de cansancio y suspira)* Puede ser...Es muy difícil esto... Estar alerta todo el tiempo..., me agota.

El celular deja de sonar. Mientras hablaban, Marcos se fue acercando imperceptiblemente a Ana. Suena el celular de nuevo. Ana se sobresalta y mira la pantalla. Marcos se abalanza sobre Ana y manotea el celular que cae al piso. Ambos se zambullen al piso por el celular y forcejean por quedárselo. Marcos logra dominar a Ana con una toma de judo y atiende.

MARCOS - Hola, doctor.

ANA - *(Forcejeando)* ¡Traidor hijo de puta! ¡Con él no! ¡No con él! ¡Él fue, él mató a mamá!

MARCOS - Necesito que venga cuanto antes. Está fuera de control.

ANA - ¡No, no!

DR. GAMBINO - ...

ANA - *(Forcejeando)* ¡Soltame!

MARCOS - Ah... OK.

DR. GAMBINO - ...

MARCOS - Sí, sí, creo que puedo... OK, mañana a las 8.

Marcos corta la comunicación. Ana trata de liberarse pero no puede.

MARCOS - Ana, calmate, es por tu bien. Estás totalmente sacada, fuera de la realidad.

ANA - *(Gritando desesperada y forcejeando)* ¡Tarado! ¡No entendés nada! ¡Todo lo que te dije es verdad! Gambino es parte de esto. Si viene, me va a matar y a vos también. ¡Tenemos que irnos ya! ¡Tenemos que unirnos a la Resistencia!

MARCOS - Perdón, Ana, no me dejás opción.

Marcos le da una trompada y la deja knock out.

Escena 4

Living del departamento, es de noche y están las luces prendidas. La tele está prendida con un recital de Imagine Dragons. En la mesa una tabla de madera con restos de una picadita y un cuchillo tramontina. Ana está sentada, atada de pies y manos a la silla; tiene los ojos cerrados —uno de ellos, morado— y la cabeza inclinada hacia un costado; un hilo de sangre coagulada le sale de la nariz. Marcos está hablando por celular mientras camina por el living. Tiene una copa de vino en la mano. Parece estar de buen humor.

MARCOS - *(Riendo)* ¡Claro! Es tal cual. ¡Qué genial!

INTERLOCUTOR - ...

MARCOS - Ehhh... Me gusta eso..., es muy tentador.

Interlocutor - ...

MARCOS - En un ratito estoy ahí, te prometo. Después de tantos días, no me para nadie.

INTERLOCUTOR - ...

MARCOS - ¡Totalmente! Chau.

Marcos corta la comunicación, hace unos pasos de baile y ríe.

MARCOS - ¡Al fin! ¡Un poco de normalidad! ¡Salir, salir!

Termina la copa y está yendo a la habitación cuando suena el portero eléctrico. Marcos se sorprende, apaga la música y se asoma por la ventana.

MARCOS - ¡Mierda! *(Atendiendo el portero)* Hola.

INTERLOCUTOR - ...

MARCOS - Pensé que venía mañana, doctor.

INTERLOCUTOR - ...

MARCOS - No se preocupe, está todo bien.

INTERLOCUTOR - ...

MARCOS - Prefiero que no suba. Yo bajo y me lo da.

INTERLOCUTOR - ...

MARCOS - OK, OK, ahí voy. Deme un minuto... Eeehhh, me tengo que vestir.

MARCOS - *(Colgando el portero)* ¡La reputísima...!

Va hacia Ana, le toma el pulso, le abre los párpados, le levanta la cabeza que vuelve a caer pesada. La mira dubitativo. Vuelve a sonar el portero.

MARCOS - ¡La concha de tu hermana!

MARCOS - *(Atiende el portero)* Hola.

INTERLOCUTOR - ...

MARCOS - Acabo de salir de la ducha, ¡ya voy!

Va hacia Ana, la desata y la arrastra hacia el sillón donde la acuesta. Le limpia la sangre. Después sale por la puerta de calle. Ana empieza a despertarse de a poco, se agarra la cabeza, se sienta y mira a su alrededor. Detrás de la puerta se escucha la puerta del ascensor y la voz de Marcos que se acerca. Ana con esfuerzo se levanta, agarra el cuchillo de la mesa, se desploma de nuevo en el sillón y cierra los ojos cuando se abre la puerta de entrada. Marcos deja pasar al Dr. Gambino, un hombre de 65 años, que porta un maletín.

MARCOS - ¿Entiende lo que le digo, Doctor? Fue muy rápido todo, no lo pude evitar... pobre ¡Se dio un golpazo!... Ud. la puede sedar igual ¿no?

DR. GAMBINO - Tiene razón de temer a su hermana.

MARCOS - ¿Qué dice? Yo no le tengo miedo, me preocupa, es otra cosa.

DR. GAMBINO - Pobrecita, es muy parecida a su madre.

MARCOS - No sabía que Ud. conoció a mi madre.

DR. GAMBINO - Un poco.

MARCOS - ¿Ella era paciente suya?

DR. GAMBINO - En los últimos tiempos, cuando el delirio se hizo muy fuerte.

MARCOS - ¿Qué delirio? Mamá estuvo perfectamente lúcida hasta último momento.

DR. GAMBINO - Mmmm..., lo protegió mucho a Ud. Una pena que todo termine así.

MARCOS - Usted está mintiendo.

DR. GAMBINO - No se preocupe, es cosa del pasado, puede ser que no recuerde bien.

MARCOS - Lo que dijo es muy serio, no entiendo qué pasa.

DR. GAMBINO - Está muy tenso. Le voy a dar un ansiolítico.

ANA - *(Incorporándose de golpe)* ¡No tomes nada, Marcos!

El Dr. Gambino y Marcos se dan vuelta a mirarla con aprehensión. El Dr. Gambino saca una jeringa del maletín.

MARCOS - ¿Qué hace?

DR. GAMBINO - Agárrela fuerte.

ANA - *(Se para y se tambalea)* ¡No, no!

DR. GAMBINO - *(Avanzando)* Apúrese.

Marcos no sabe qué hacer, y en ese momento suena el teléfono de línea. Todos se quedan inmóviles. El Dr. Gambino avanza hacia Ana, quien retrocede.

MARCOS - ¡No se mueva! *(atiende el teléfono)* ¿Hola? *(le pasa el teléfono a Ana)* Es para vos, una tal Beatriz.

ANA - *(Agarra el teléfono)* ¡Tenías razón en todo! Vení rápido, me están por desaparecer. El Dr...
El Dr. Gambino le arrebató el teléfono y lo tira al piso.

DR. GAMBINO - ¡Basta de delirios! Marcos, ayudame a controlar a tu hermana. No tengo toda la noche.

MARCOS - *(Mirando a Ana)* ¿Beatriz?... ¿No era la...?

ANA - No digas nada delante de él.

DR. GAMBINO - Marcos, vamos. ¿Qué pasa? ¡Esto es una locura!

MARCOS - *(A Ana)* Pensé que estaba...

ANA - *(Gritando)* ¡Nada, nada de nada!

El Dr. Gambino avanza hacia Ana con la jeringa en alto. Marcos lo intercepta, la jeringa lo pincha y cae al suelo. Ana y Marcos se abalanzan contra el Dr. Gambino y lo inmovilizan. Ana apoya la punta del cuchillo en la yugular del Dr. Gambino.

ANA - ¿Qué le inyectó? ¡¡¡¿Qué le inyectó?!!!

DR. GAMBINO - La cepa más letal del virus.

BALCONES

Zurdo Molina ⁷⁴
(Río Gallegos – Argentina)

⁷⁴ Estudió guión en el ISER. Ganó el Premio ETER y el AFSCA en radio y tv. Fue tres veces nominado al MF. Es su primera incursión teatral.

En la oscuridad se escucha una estruendosa risotada. Se enciende la luz del escenario. En medio de la cuarentena del 2020 ante la pandemia del coronavirus dos mujeres conversan de balcón a balcón en un barrio cualquiera. Lo “balcones” se ven dibujados con tiza sobre el piso. Jazmín es joven, aunque su carrera como bailarina clásica va en declive. Rosalía de 82 años, toma mate sentada en una reposera

JAZMÍN - *(Grita)* ¡Ja! ¡Nunca bese a una mujer! Me hizo reír. Necesito reír.

ROSALÍA - ¿Vos?

JAZMÍN - Viajar en avión.

ROSALÍA - No te vayas a creer que es gran cosa.

JAZMÍN - *(Se ríe Jazmín ante el consuelo de Rosa.)* ¡Mentira!

ROSALÍA - *(Sonríe)* Si, recuerdo cuando viajé por primera vez. Tenía 10 años y no podía creer como tanto hierro era capaz de... La noche anterior no comí para ayudar a levantar vuelo.

Rosalía se ríe, tal vez enternecida al recordar la inocencia de la niña que fue hace 70 años.

JAZMÍN - ¿A dónde fue?

ROSALÍA - A Mendoza.

JAZMÍN - ¿A los 10 años?

ROSALÍA - En esa época no se le preguntaba a los niños si les gustaba playa o montaña. Se iba a donde se iba. ¡Y a disfrutar con una sonrisa de oreja a oreja!

JAZMÍN - Si queda un solo viaje... si este virus podrido nos lleva a todos....

ROSALÍA - ¿De viaje?

JAZMÍN - No, nos lleva a... *(Señala hacia arriba con la mirada)*

ROSALÍA - *(Se persigna)* ¡Que la boca se le te haga un lado nena!

JAZMÍN - Por decir algo...

ROSALÍA - Podrías decir "clorofila" si es para decir algo. ¡O chinchulines a la provenzal!

JAZMÍN - *(Ríe)* ¡Que rico! Si queda un solo destino por conocer... ¿cuál elige?

Suena el celular.

ROSALÍA - *(Sorprendida)* ¿Esperas a alguien?

De repente "Jazmín" sale de su personaje. Se encienden las luces. Los dos balcones dibujados en el centro del escenario con tiza sobre el piso y que antes se veían en penumbras ahora quedan al descubierto ante tanta luz. Alrededor de ellos hay una vieja y espaciosa cocina con una moderna isla de madera. Parece la cocina de un viejo caserón. "Jazmín" se quita unas polainas, se pone un jean arriba de la calza de bailarina, se pone un saquito sobre la malla blanca. "Rosalía" sale de su personaje. Se quita la peluca de rulos. Al erguirse nos damos cuenta de que es un hombre. "Jazmín" atiende el teléfono.

ELLA - *(Al celular)* Hola... hol... si, ella habla. *(Pausa)* No, gracias. *(Corta, deja el celular sobre la mesada).* Del Banco, ¿podés creer? ¡Del Banco te llaman! ¡En medio de una pandemia... del Banco te llaman! ¡Dios y María santísima!

ÉL - *(Resignado)* ¿Te gustó?

ELLA - ¡No! ¡Malísimo! ¡¿La vieja tiene 82 años, se le viene un virus de película y están hablando de viajar a una isla a tomarse una piña colada?! No, hay que cambiar los personajes, o los diálogos, o las motivaciones.

ÉL - (*Se quita peluca y vestimentas*) ¿De qué se habla cuando el mundo se está por...?

ELLA - (*Interrumpe*) ¡No lo digas! ¡Si nos vamos a morir que al menos no sea de cursilería!

ÉL - (*Ríe*) ¡Dale! ¿De qué hablamos nosotros?

Ella - ¿De que no vamos a llegar a fin de mes, otra vez... éste mes?

ÉL - (*Se ríe*) No seas trágica. Pertenece a una clase media estúpida que sabe que jamás va a faltarle un plato de comida, pero que ama sodomizarse pensando que sí.

ELLA - Plato de comida no, es verdad. ¿De qué habla la gente si el mundo se acaba?

ÉL - Es que jamás se acabó el mundo, no podemos saberlo.

ELLA - La comunicación animal existe, eso lo sabemos, está comprobado.

ÉL - (*Desorientado*) ¿Eh?

ELLA - ¿De qué hablaban los dinosaurios cuando les pasó lo que les pasó?

ÉL - (*Carcajada*) ¡No sabían que iban a desaparecer! Tal vez lo intuían, pero no tenían conciencia de lo que significaba. Da miedo la muerte porque uno es consciente de que está vivo.

ELLA - ¿Y si son dos niños?

ÉL - ¿Una obra de teatro protagonizada por dos niños? ¿Sabes el bolonqui de producción que es eso? Me lo imagino a Godrich del otro lado del teléfono: (imita otra voz, quejoso) "No! Que tengo que contratar *coach*, pagar viáticos a padres y madres, traer tutor, que solo cuatro horas de ensayo por convenio colectivo...".

ELLA - Entendí, listo, entendí.

ÉL - Además... ¿qué hacen dos pibitos en un balcón en medio de una pandemia?

ELLA - Si nosotros tuviéramos un hijo ahora estaría jugando en el balcón.

ÉL - Pobre pibe, dos padres autores de teatro. Derechito al *bullying*.

ELLA - ¡¿Porque “pobre”?!

ÉL - ¿Te gustó ser hija de tus padres?

ELLA - No me molesta.

ÉL - ¿Ahora o cuando eras chica?

ELLA - Nunca, pero si hubiera podido elegir es verdad que no hubiera elegido a Marta y Salvador. Con todo cariño, pero también con toda seguridad.

ÉL - ¿Qué hubieras elegido?

ELLA - (*Piensa*) Eh... A ver... Dame un segundo...

ÉL - (*La carga*) Tic – tac , tic – tac

ELLA - (*Se ríe*) ¡Pará! ¡Es elegir padres no jugar al ludo!

ÉL - ¿Dijiste “ludo”? (*Contiene la risa*)

ELLA - ¡Vos recién dijiste “bolonqui” y te la dejé pasar!

ÉL - Yo de ninguna manera hubiera elegido a mis padres. Para nada. Totalmente seguro.

ELLA - ¿A quién hubieras elegido?

ÉL - Dos personas que amen lo que hacen.

ELLA - (*Suelta una sonora carcajada*) ¡Ja! ¡Cierren el concurso de clichés

señoras y señores, que aquí tenemos un ganador! ¡Aplausos carajo!

ÉL - *(Sonríe, levanta los brazos como viéndose campeón, en andas)* Es verdad, sonó un tanto... Mucho tanto, en realidad. Quería referirme a que las personas, no, las personas no, los padres que aman sus trabajos se me hace, solo se me hace, que reina más la alegría en esas casas... ¿o no? De ninguna manera un Einstein... ¡No! ¡Que horror! Ser hijo de ese peso, esa exigencia, esa noción constante de la trascendencia... ¡Vade retro sataná!

ELLA - ¿Te hubiera gustado ser hijo de padres como nosotros?

ÉL - Bueno, no tenemos hijos aun, no sé cómo seremos como padres... *(piensa)* ...sí.

ELLA - ¿Dos desconocidos?

ÉL - No somos dos desconocidos...

ELLA - Los personajes.

ÉL - ¿No se conocen de nada, nada, nada?

ELLA - De nada. Me recuerda a esas películas norteamericanas, generalmente ambientadas en New York, nunca estuve, pero se me hace que, en el barrio de Brooklyn, esos edificios viejos con la escalera de incendio por afuera, claro. Que un personaje tiene una ventana donde incluso puede salir de cuerpo entero para tomar su café por la mañana y esa ventana da a un edificio que también tiene otra ventana de otra persona que también sale a tomar su café. Y no son vecinos, no suelen encontrarse en la calle porque ambos edificios se encuentran en calles diferentes.

Él toma una tiza y dibuja el "plano" de los balcones en el suelo. Vemos que se refiere a dos departamentos cuyos balcones se enfrentan en el pulmón de manzana, es decir que la entrada de cada edificio se encuentra en calles paralelas.

ÉL - Entiendo. ¿Y de qué hablan dos extraños que en realidad son vecinos pero que nunca lo supieron producto de la enajenación con la que se vive en las grandes urbes?

Apagón.

Tras unos segundos se encienden los reflectores que alumbran los balcones dibujados en el piso. No son los mismos balcones de Jazmín y Rosalía. Ahora hay un tercer balcón, un poco más alejado, no tan enfrentado como los dos anteriores. Gael tiene una gorra de béisbol y una camisa celeste que hace juego con su jean y lo asemeja al estereotipo del yuppie que pueden faltar a su oficina cuando se les antoje. Parece que solo mira el cielo, tiene una taza de café en sus manos. De pronto Ruth entra en su balcón, no están frente a frente, más bien en diagonal. A Ruth la arroja una enorme frazada. Pareciera ser invierno. Tiene el pelo suelto y también bebe una taza de café.

GAEL - Hola.

RUTH - *(Lo saluda con la mano)* Bienvenido.

GAEL - *(Sonríe, nervioso)* ¿Al encierro? Ya me voy acostumbrando.

RUTH - No, al barrio. ¿Llegaste...? ¿Cuándo?

GAEL - Ah, no, no. Llevo unos meses por acá. De casualidad la cuarentena no me agarró en pleno divorcio... Por suerte ya me había mudado hace seis meses. ¡Epa! *(Sonríe)* ¿Acaso el encierro me está empujando a contarle a una desconocida el 100% de mi actual intimidad?

RUTH - ¡¿Seis meses?! ¡Guau! Uno de los motivos por los que alquilé este departamento fue por estos hermosos balcones estilo Brooklyn. No lo debería haberlo hecho, parece que casi ni lo uso. ¡Seis meses!

GAEL - No, soy yo... Paradójicamente, fue la cuarentena la que me obligó a salir. Al balcón.

RUTH - ¿Abogado?

GAEL - ¿Tanto se nota? Y eso que me puse mi camisa informal...

RUTH - Lo siento... bah, perdón, no es que "lo siento"... es una profesión honorable... *(se enreda)* bueno, no sé si "honorable" era el término que quería

usar, mejor digamos que es una profesión como cualquier otra. En fin, que por todos lados dice “hola, soy abogado”.

GAEL - Efectivamente.

RUTH - ¿Cantidad de horas de trabajo al día?

GAEL - ¿El celular cuenta?

RUTH - Más que las otras.

GAEL - Eternas entonces. A veces más de 24 horas al día.

RUTH - Quisiera abrazar a tu ex. Si serías tan amable de pasarme tu teléfono.

GAEL - (*Grita, gesticula, frena todo*) No, no, no... stop, stop...

Se encienden luces. Él sale de su personaje. Mientras se cambia la camisa para volver a su remera común y corriente con el nombre de una ciudad de los Estados Unidos, esas remeras baratas que sin embargo conservan cierto gusto, se rasga fervientemente la cabeza.

ÉL - No, ¿qué podrían arreglar estos dos papanatas en medio del caos del confinamiento obligatorio haciéndose los profundos mediante frases ingeniosas de sobrecitos de azúcar? No, no tenemos el tiempo ni el espacio para construir, sobre todo, el conflicto de una historia así. Pero fundamentalmente, si llega el fin del mundo que no nos encuentre escribiendo una historia de amor súper trillada de niña clase media acomodada, exitosa en su trabajo pero no en el amor, se topa con joven profesional de buen corazón, brillante pero inmaduro. Nah, no sirve. ¿Y si fueran familiares los personajes?

ELLA - ¿Que te dijo Godrich ayer?

ÉL - Que le duele todo, que tiene problemas de próstata, colon irritable, que nadie se ofreció para hacerle las compras, que es población de riesgo, que es probable que el coronavirus lo mate y que si no lo mata lo hará la recesión que predice que llegará después, que el teatro está muerto, que el

año perdido, que no le va a dejar un peso a sus hijos.

ELLA - Yo me refería a qué te dijo en cuanto al pago.

ÉL - ¿Eh?

ELLA - *(Como una ametralladora)* El pago, la tarasca, la viva, el cash, la money, la rúcula si es que nos pagan en dólares como nunca pasó ni jamás en la vida pasará. La guita.

ÉL - ¿Ah, no! ¡No hay pago! Es para ayudar lo que nos pidió.

ELLA - ¿Ayudar a quién?

ÉL - ¿Eh?

ELLA - Godrich nos encargó escribir una pieza breve sobre el confinamiento para ayudar decis... ¿a quién?

ÉL - ¿Cómo que a quién?

ELLA - Si, ¿ayudar a quién?

ÉL - No sé... qué sé yo...

ELLA - ¿No preguntaste?

ÉL - ¡No! ¿Estás loca? ¿Cómo en el medio de este quilombo del corona voy a especular si nos conviene o no? ¿Cómo voy a preguntar? ¿Qué voy a preguntar?

ELLA - Yo preguntaría de curiosa. Pero es verdad, a veces da culpa hacer ciertas cosas en estas circunstancias.

ÉL - Totalmente. ¿No te da culpa ahora con esto que pasa ir al super y comprar vino?

ELLA - *(Se ríe)* ¡Si! Siento que tengo que comprar tres leches por cada botella

de vino. Que me miran tipo “¿vino te llevas en medio de una pandemia flaca? ¿En serio? ¡¿Vino?!”.

ÉL - Yo me convencí de que con esa compra estoy ayudando al que hace el vino a sobrevivir a este duro momento. Soy un altruista de la industria vitivinícola. Si Mendoza y San Juan mañana sobreviven a la pandemia... sepan que yo puse mi granito de arena.

ELLA - ¿A quién ayudamos escribiendo un texto teatral?

ÉL - ¡Que se yo! A la gente que le gusta leer teatro y no puede salir... a la gente que no le gusta leer teatro, pero que no puede salir... a la gente que... ¡no sé, al mundo! ¡A nosotros!

ELLA - Bien. Tenemos que tener cuidado entonces.

ÉL - ¿Cuidado?

ELLA - Sí.

ÉL - Perdón, no tiene nada que ver pero ¿no te pasa que relacionas palabras sueltas con canciones?

ELLA - *(Totalmente desconcertada)* ¿Eh?

ÉL - Amí a veces me pasa que me dicen una palabra suelta en una conversación y la relaciono con una canción.

ELLA - ¿Qué palabra fue la que te recordó esta genialidad que me estás transmitiendo ahora?

ÉL - “Cuidado”.

ELLA - Pero la palabra “cuidado” suelta la dijiste vos.

ÉL - No.

ELLA - Si, yo dije “tenemos que tener cuidado”. Y vos repreguntaste

“¿cuidado?”.

ÉL - Es verdad. ¡Que capacidad de reconstrucción!

ELLA - ¿Y qué tema vino a tu memoria?

ÉL - Antes te pido perdón.

ELLA - *(Se ríe)* A ver.

ÉI - *(Canta y baila estilo cumbia)* ¡Cuidado, cuidado, cuidado con la bomba Chita!

ELLA - *(Estalla de risa)* Gracias por las disculpas adelantadas.

Ella va hacia la cocina, pone a calentar la pava. Él baila en silencio.

ÉL - ¿Marido y mujer?

ELLA - *(Le grita desde lejos)* ¿Relación super libre? ¿Se alquilan departamentos contiguos? Mmmm... ¡que rebuscado!

ÉL - No, son dos balcones del mismo departamento.

El vuelve corriendo de la cocina. Lo toma de los hombros y lo sacude.

ELLA - Buenaaaa Grosman! Buenaaaa! Si solo pudiera decir una cosa sobre qué es lo que vos aportas a esta sociedad autoral, diría eso: sos muy ocurrente, no, muy talentoso para las ideas. Para los disparadores. Muy buena, me gusta.

ÉL - ¿Pero por qué no hablan desde el mismo balcón?

ELLA - ¿Un juego tal vez?

Apagón.

Tras unos segundos se encienden los reflectores hacia los dos balcones

enfrentados dibujados en el piso. Los personajes son ellos mismos. Cada uno sentado cómodamente en una reposera.

ELLA - ¿Poder, talento o saber insólito?

ÉL - Puedo decir inventos según países.

ELLA - *(Sin entender)* ¿Perdón?

ÉL - Nombrá un país.

ELLA - España

ÉL - Epidural y Metegol

ELLA - ¡Ja! ¿En serio? *(Ríe, piensa)* ¿Canadá?

ÉL - Bolsa de residuos y cocina eléctrica

ELLA - ¡Que divertido!

ÉL - Hasta ahora fácil.

ELLA - No entiendo, ¿cómo alguien puede saber esas cosas? ¿Y cómo puede ser que después de 5 años de casados y dos de novios yo no sepa de ese super poder que tenés?!

ÉL - Mi tío me regaló un libro llamado "Inventos de la Historia". Tenía diez años y me obsesione, no sé porque, con aprenderlo de memoria. Iba a todos lados con el libro, que era bastante pesado. Por ejemplo, iba a un cumpleaños de un compañerito del colegio y llevaba el libro. Por ahí no lo usaba en medio del cumpleaños, pero lo llevaba.

ELLA - ¡Guau! ¡Que disciplina!

ÉL - Tal vez de las pocas cosas para las que tuve férrea disciplina...

ELLA - Pero no entiendo cómo es que jamás me lo mencionaste... ¿Brasil?

ÉL - Walkman y Aerosol evanescente.

ELLA - ¿Aero qué?

ÉL - El que usan en los partidos de futbol.

ELLA - Ah... ¿Tu país favorito?

ÉL - Israel. Krav Magá, el único arte marcial cuya técnica se basa en no dar un solo paso hacia atrás, y los tomates cherrys que son riquísimos.

ELLA - ¿Qué tiene de arte?

ÉL - ¿El Krav Magá? Ni idea.

ELLA - ¡Lo del aerosol es de ahora! ¡Eso no se había inventado a tus diez años!

ÉL - Es verdad.

ELLA - ¡Quiere decir que lo seguís actualizando!

Se encienden luces.

Él se va a hacia la alacena, saca unas galletitas. Ella se queda en la reposera.

ELLA - ¿Es en serio?

ÉL - ¿El súper poder? Nah, mira si después de siete años juntos no vas a saber una cosa que aparentemente es importante para mí.

ELLA - ¿Y de dónde lo sacaste?

ÉL - No sé, una revista, de Internet seguro.

ELLA - ¿Solo sabés Canadá, Brasil e Israel?

EL - ¡No, sé unos cien más o menos!

ELLA - Y nunca me lo comentaste...

ÉL - Los detalles. El tipo debería deschavarse porqué nunca le comentó a su esposa de ese estúpido súper poder mediante un aparente olvido. Y allí comenzar a enterrarse y su esposa, intentando sacarlo de ahí porque se da cuenta que es su propio hundimiento, termina hundiéndose también. Termina provocando lo que quería evitar. Se hunden porque cada vez surgen secretos más oscuros. Lo oculto, dos balcones de una misma casa representando la lejanía en la cercanía, incluso dos celulares también, que cada uno esté en su otro mundo/balcón con su celular, mirando boludeces, aquello de que te acercan a los que están lejos y te alejan de quienes están cerca.

ELLA - ¿Cuántos secretos tendremos nosotros?

ÉL - ¿Importantes?

ELLA - Todos lo son. Si no, no es secreto. Lo intrascendente no puede llamarse secreto. Don Braulio no le cuenta a nadie que ama el olor a mandarina. ¡¿A quién le importa?!

EL - ¿A Don Braulio?

ELLA - Me gusta la de la joven bailarina y la señora de 82. La señora vive sola, solo un sobrino la visita de vez en cuando. No tuvo hijos. Nunca se casó. Ahora necesita un abrazo, tal vez el último. La pandemia le ha quitado todo aquello que le enmascaraba la falta de afecto: la panadería, la visita diaria a la farmacia, el ida y vuelta de charlas comunes y triviales con Rodolfo el encargado... La joven bailarina que dejó su ciudad natal para cumplir los sueños de ella y sus padres, ve que los esfuerzos de su humilde familia tal vez fueron vanos, que no triunfará como primera bailarina, que será una más, no le alcanza, lo sufre, hubiera preferido no cargar con ese peso. La señora va muriendo de a poco sin el último abrazo; la bailarina decide dar el mayor salto de su carrera. De balcón a balcón, serán unos 10 metros, tal vez con un perfecto *grand jeté* pueda lograrlo. Corre el riesgo de romperse un tobillo. No le importa. Tal vez sea su mejor coartada. Tal vez sea su mejor salto.

Apagón

PARTE III

BIOS LEITORAS/LEITORES – LECTORES/LECTORAS



Adela Bravo Sauras**[Directora artística del grupo]**

Arquiteta pela Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Madrid e pela Technische Universität Berlin. Formada em Ciências Teatrais pelo Institut für Angewandte Theaterwissenschaft da Universidad de Giessen, Alemanha. Pesquisadora teatral e doutoranda pela Universität der Künste em Berlim. Diretora artística do grupo NoFourthWall

Alexandre Vargas**[Diretor, ator e gestor cultural] Porto Alegre – Brasil**

Artista de teatro, empreendedor cultural, pesquisador e curador de artes cênicas. Há 30 anos desenvolve atividades relacionadas às artes cênicas, especialmente no teatro, como criador, intérprete, diretor e gestor cultural. Criador e diretor artístico do Festival Internacional de Teatro de Rua de Porto Alegre, colaborador em comissões de seleção e curadorias independentes para outros festivais no Brasil. Idealizador e coordenador da 1a. Bienal de Dramaturgia Qorpo Santo. Diretor do Centro de Pesquisa Teatral do Ator (CPTA). Diretor do INTERCENA – Programa de Internacionalização das Artes Cênicas do Estado do Rio Grande do Sul.

Ana Carneiro**[Professora e atriz] Uberlândia – Brasil**

Graduada em História e Doutora em Teatro. Atriz fundadora do grupo Tá na Rua (RJ/BR). Professora aposentada da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pesquisa sobre espaço cênico, estudos do ator, teatro comunitário latino-americano. Diretora.

Ana Harcha Cortés**[Artista e pesquisadora cênica] Santiago - Chile**

Desenvolve seu trabalho dentro e fora do Chile, hibridando paulatinamente a relação entre criação e pesquisa. Atualmente trabalha com artistas de circo e performers. Atua no Departamento de Teatro da Facultad de Artes, de la Universidad de Chile. Integra o Núcleo de Investigación y Creación Arte, Política y Comunidad, junto a ativistas y artistas de diversas disciplinas. Colabora com ARTEA, de la Universidad de Castilla-La Mancha. Publicou o livro *Prácticas de teatralidad en Chile* (2017)

Ana Maria Bulhões-Carvalho**[Professora] Rio de Janeiro - Brasil**

Professora Associada do Departamento Teoria do Teatro e PPPGAC. Realizou Doutorado em Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro (FRJ) e Pós-doutorado na PUC-RJ. Coordena a Disciplina Literatura para Licenciatura a distância, Pedagogia/Consórcio UNIRIO/ CEDERJ. Pesquisa sobre teatro contemporâneo, e formas do biográfico.

André Carreira**[Professor e diretor] Florianópolis – Brasil**

Formado em Artes Visuais pela Universidade de Brasília (UnB) se doutorou em teatro pela Universidad de Buenos Aires. Dirigiu diferentes companhias e grupos no Brasil e na Argentina com trabalhos no espaço urbano e também em salas teatrais. É autor de vários livros sobre procedimentos de atuação e teatro na cidade. Coordena desde 2007 o Laboratório de Atuação ÁQHIS. Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Ângela Mourão**[Atriz e Diretora] Belo Horizonte – Brasil**

Participante fundadora do Grupo Teatro Andante, companhia com trabalho artístico ininterrupto desde 1990. Atua em todos os espetáculos do grupo. Diretora esporádica, assina obras do próprio grupo e outros coletivos. Graduada em Psicologia e Mestre em Letras, estudou o texto no teatro contemporâneo.

Antonia Pereira Bezerra**[Atriz, dramaturga e professora] Salvador – Brasil**

Graduada em Licenciatura em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); Mestre (DEA) em Litterature Française pela Université de Toulouse II, Le Mirail; Doutora em Lettres Modernes pela Université de Toulouse II, Le Mirail e Pós-Doutora em Dramaturgia pela Université du Québec à Montréal UQAM; Pesquisadora Visitante pela Maison Sciences de l'Homme, Paris. Coordenou o Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (UFBA) por duas gestões consecutivas; foi Secretária da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós Graduação em Artes Cênicas. Coordenou a Área de Artes na CAPES. Atualmente é professora Titular da Universidade Federal da Bahia, integra os Grupos de Pesquisa DRAMATIS e GIPE-CIT

Chico Pelúcio**[Ator, diretor e gestor cultural] Belo Horizonte – Brasil**

Integrante do Grupo Galpão desde 1983, criador e coordenador geral do Centro Cultural Galpão Cine Horto desde 1998. Presidente da Fundação Clovis Salgado/Palácio das Artes em 2005/2006. Autor em parceria com Romulo Avelar do livro *Do Grupo Galpão ao Galpão Cine Horto, uma experiência de Gestão Cultural*. Formado em Administração e especialização em cinema pela PUC MG. Coordenador Geral do Festival Internacional de Teatro de Rua de Belo Horizonte de 1990 e 1992. Pelo Grupo Galpão concebeu junto ao Teatro Francisco Nunes e assinou a Coordenação Geral do Primeiro Festival Internacional “Palco e Rua” - FIT BH. Produziu e dirigiu dois curtas metragens, *Flor minha Flor* e *Pequena História de Viagem*, além um longa metragem documentário, *História do Teatro de Belo Horizonte dos primórdios até 1980*.

Clara Angélica Contreras Camacho**[Diretora, docente e pesquisadora] Bogotá - Colômbia**

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Magister em Educação pela Universidade Pedagógica Nacional, Bogotá. Mestra em Artes Cênicas pela Universidade Distrital, Faculdade de Artes-ASAB, Bogotá. Docente pesquisadora da Universidade El Bosque, coordena a área de pesquisa no curso de Arte Dramática. Docente de voz na Universidade Distrital, Faculdade de Artes-ASAB. Diretora e atriz do grupo Vendimia Teatro. Suas pesquisas se desenvolvem na relação arte-educação superior, currículo e arte, arte e pesquisa, encenação e formação, encenação e experiência. Pertence ao grupo de pesquisa “estúdios de la voz y la palabra” da Universidade Distrital e ao grupo de pesquisa “Expresión, artes y creación”, da Universidade El Bosque.

Daniele Avila Small**[Crítica e curadora de teatro] Rio de Janeiro – Brasil**

Daniele Avila Small é crítica, pesquisadora e curadora de teatro. Doutora em Artes Cênicas pela UNIRIO, é idealizadora e editora da revista Questão de Crítica.

Danielly Oliveira**[Atriz e arte-educadora] Campinas – Brasil**

Cia de Teatro Acidental. Formada em Artes Cênicas pela UNICAMP. Integra a equipe Estudio Cênico desde 2012, promovendo experiências artísticopedagógicas para crianças, adolescentes e adultos. Artista por vocação, professora apaixonada e estudante incansável, atualmente complementa sua formação no Instituto de Psicologia da USP.

Diana Delgado-Ureña**[Curadora] Madri- Espanha**

Formada em Comunicação pela Universidad Complutense (Madri), Mestrado em Práctica Escénica y Cultura Visual pela Universidad Castilla-La Mancha. Doutoranda em Filosofia na Universidade de Zaragoza. Pesquisa sobre a cena contemporânea e as relações entre performance e política. Desenvolve processos de colaboração com artistas. Co-autora do *Projeto Libro Agotado* com Gabriela Halac. Migue Martínez e Vicente Arlandis (2019). Foi curadora de ciclos artísticos em espaços como Galeria Cruce, Teatro Pradillo e Centro Cultural Conde Duque.

Diego de Medeiros Pereira**[Professor e Ator] Florianópolis - Brasil**

Doutor em Teatro. Docente do Departamento de Artes Cênicas da UDESC, Programa de Pós-Graduação em Teatro e do Mestrado Profissional em Artes. Pesquisa relações entre teatro e diferentes infâncias, Drama e formação de professores/as. Ator, dançarino e diretor de teatro.

Drica Santos**[Professora, atriz e palhaça] Florianópolis – Brasil**

Doutora e Mestre em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Licenciada em Educação Artística / Artes Cênicas (UDESC). Seu trabalho e pesquisa possuem os seguintes eixos: negritudes na cena, contação de histórias, palhaçaria, representatividade negra e de(s) colonização. Docente na UDESC e trabalha como a Companhia do Nariz Inquieto -Teatro e Palhaçaria.

Eberto García Abreu**[Teatrólogo. Crítico, investigador, docente] La Habana - Cuba**

Teatrólogo. Doutor em Ciências sobre Arte, especialidade em Arte Teatral.

Licenciado em Teatrologia e Dramaturgia pela Universidad de las Artes, ISA, de La Habana, onde é Professor Titular e Chefe do Departamento de Teatrologia e Dramaturgia da Facultad de Arte Teatral. Pesquisador Auxiliar da Academia de Ciencias. Assessor teatral de Teatro Viento de Agua, Argos Teatro, Teatro El Portazo e Trébol Teatro. Coordenou o Encuentro de Investigación Teatral Cruce de Criterios e os Foros de Creadores do FIT de Cádiz. Membro da AICT. Dirige Traspasos Escénicos. Núcleo de Prácticas Creativas.

Emmanuel Nogueira

[Jornalista, dramaturgo, roteirista] Fortaleza – Brasil

Mestre em Artes pela Universidade Federal do Ceará. Grupo: Companhia de Teatro LivreMente. É autor de textos para o cinema e teatro tais como: *As Mães de Chico Xavier* e *Homens com cheiro de flor* (cinema); *Dentro da Noite Escura*, *De Braços Cruzados*, *Os Cactos* e *Esperando Comadre Daiana* (teatro).

Federico Irazábal

[Crítico, professor e gestor teatral] Buenos Aires - Argentina

Revista Funámbulos. É diretor do Festival Internacional de Buenos Aires. Autor do livro *Teatro Anaurático* e diretor da revista Funámbulos. Professor na Universidad de Buenos Aires e na Pepperdine University (EUA)

Fernando Yamamoto

[Diretor] Natal - Brasil

Um dos fundadores dos Clowns de Shakespeare (RN). Atua como diretor, professor, pesquisador, gestor, tradutor e dramaturgo. Sua pesquisa transita por universos como o teatro popular, a comicidade, a rua e o teatro latino-americano

Gabriela Halac

[Editora] Córdoba – Argentina

Artista e editora, especializada no cruzamento de disciplinas e campos de ação artística. Seus projetos foram expostos em museus, espaços de memória e centros de pesquisa de Argentina e México. Autora de livros de poesia e dispositivos editoriais de produção. Desde 2003 dirige o espaço de produção artística independente DocumentA/Escénicas em Córdoba, Argentina.

Gabriela Lírio**[Professora e Pesquisadora das artes da cena] Rio de Janeiro – Brasil**

Professora Associada do curso de Direção Teatral e do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena, da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Diretora Adjunta da Pós-graduação da ECO/UFRJ.

Guillermo Cacace**[Diretor, docente e pesquisador] Buenos Aires - Argentina**

Apacheta/UNA/EMA. Pesquisa a atuação a partir de seus processos criativos, de sua atividade como formador e como tema de sua tese de doutorado. Na sua obra se distinguem três momentos claros que vão do estudo do trágico (adaptações de A Orestíada, As bacantes), logo o grotesco (Stéfano, Mateo) para chegar finalmente a um período no qual oscila entre dramaturgias clássicas (Tchekov) e contemporâneas (Loza, o croata Martinić...). Estes autores são a desculpa para experimentar com o que ele chama “uma poética do cóncavo”.

Gustavo Geirola**[Professor e pesquisador] Los Angeles – EUA**

Professor no Whittier College, Los Angeles, California. Pesquisador e diretor teatral. Publicou seis volumes sobre a direção teatral na América Latina e numerosos livros e artigos sobre a praxis teatral (ensaio, improvisação, encenação). Dita anualmente o *workshop Latina American Performance Experience*.

Héctor Briones**[Professor de Teatro, Diretor e Ator] Fortaleza - Brasil**

Professor do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará (ICA-UFC) no Curso de Teatro-Licenciatura; no Mestrado em Artes e no PROFARTES (coord.). Investiga a arte da encenação com ênfase na espacialidade cênica, no contexto do teatro latino-americano e coordena o Laboratório de Poéticas Cênicas e Audiovisuais (LPCA).

José Tonezzi**[Ator, diretor e professor] João Pessoa - Brasil**

Formado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), esteve à frente do Laboratório do Ator de Campinas. cursou doutorado na Universidade

Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), com estudos na Université Paris 3. Professor do curso de graduação em Artes Cênicas, do Mestrado Profissional em Artes e do Programa de Pós-Graduação em Computação, Comunicação e Artes da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Julia Elena Sagaceta

[Professora e pesquisadora] Buenos Aires - Argentina

Doutora em Historia e Teoria das Artes pela Universidad de Buenos Aires. Coordenadora do Mestrado em Teatro e Artes Performáticas (UNA) e da Revista www.territorioteatral.org.ar do Departamento de Artes Dramáticas da Universidad Nacional de las Artes (UNA). Professora e pesquisadora na UNA.

Kristin Conklin

[Escritora] Nova York – EUA

Desenvolve atividades relacionadas com a comunidade criativa da Judson Church em Nova York.

Leonel Carneiro

[Professor] Rio Branco – Brasil

Professor do curso de Teatro (Licenciatura e Bacharelado) e do Mestrado em Artes Cênicas da Universidade Federal do Acre (UFAC), foi coordenador do curso de graduação e coordena o PPGAC-UFAC. Tem experiência como ator, encenador, produtor, cenógrafo e iluminador.

Luís Reis

[Professor e dramaturgo] Recife – Brasil

Professor e pesquisador da UFPE, trabalhando no Curso de Teatro/Licenciatura. Tem várias peças encenadas, tais como: *Thy name*; *A morte do artista popular*; *A filha do teatro*; *Puro lixo: o espetáculo mais vibrante da cidade*; *O triunfo do realismo*.

Marco Antonio Rodrigues

[Encenador e pedagogo teatral] São Paulo – Brasil

Encenador teatral, foi fundador e diretor artístico do Folias, coletivo teatral de São Paulo, Brasil. Professor encenador da Escola Superior de Artes Célia Helena É encenador também de “O Teatrão”, coletivo teatral português sediado em Coimbra. Entre seus últimos trabalhos a encenação de “Erendira”

no Teatro popular do SESI, “Richard’s” dramaturgia de Jorge Loureiro para o Ricardo III de Shakespeare e “Ala de Criados”, de Mauricio Kartun, as duas ultimas em Portugal. Premio Shell, Mambembe, APCA, Molière, Prêmio Villanueva, da crítica cubana.

Maria Amélia Gimmler Netto

[Atriz, diretora, autora e professora] Porto Alegre - Brasil

Docente do Curso de Teatro-Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Doutoranda em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) com Estágio Doutoral no Centro de Ciencias Humanas y Sociales de Madrid. Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Licenciada em Educação Artística, Habilitação em Artes Cênicas pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Maria Brígida de Miranda

[Professora/Atriz/Diretora/Preparadora de atores e atrizes]

Florianópolis - Brasil

Professora Associada - Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Doctor of Philosophy (La Trobe University - Austrália, 2004), Master of Arts in Theatre Practice (University of Exeter - Inglaterra, 1995), Licenciatura em Educação Artística (Universidade de Brasília, 1993). Editora da Revista URDIMENTO (PPGT/UDESC). Coordenadora do GT - Mulheres da Cena, ABRACE.

Maria Marques

[Professora] Uberlândia – Brasil

Docente da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Graduada em Letras pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Doutorado em Estudos Literários pela Universidade Estadual Julio de Mesquita (UNESP), com foco em Análise do Discurso. Especialização em Leitura e Produção de texto. Atua em análise de espetáculos e literatura.

María Victoria Guerra Ballester

[Teatróloga, professora de teatro de rua e gestora cultural] La Habana - Cuba

Docente da Universidad de las Artes, ISA Licenciada em Arte Teatral pela ISA (2014). Formou parte do coletivo de teatro de rua Gigantería, primeiro grupo independente de teatro em Cuba. É parte da equipe organizadora da “Jornada Internacional de Teatro Callejero” Matanzas, Cuba; do Laboratorio

Internacional “Traspos Escénicos” e da Red Cubana de Teatro Callejero. Pesquisa a arte e o teatro de rua independente e autogestionado em Cuba. Publicou em revistas de teatro e como associada ao Grupo de Trabajo e investigación “Anticapitalismos y Sociabilidades Emergentes” do Conselho Latino Americano de Ciências Sociais, CLACSO.

Mario Fernando Bolognesi

[Professor Universitário] Salvador - Brasil

Professor Visitante do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia (UFBA); Pesquisador do circo e dos palhaços brasileiros.

Martín Joab

[Diretor e autor] Buenos Aires – Argentina

Formado em atuação, direção teatral, cinema e dramaturgia. Escreveu e dirigiu espetáculos abordando propostas teatrais como musicais, circo, clown e montagens em espaços não convencionais. Participou com em programas culturais e festivais em Portugal, Espanha, Brasil e Argentina. Recebeu diversos prêmios: “Premio Nacional 2018 -Menção especial” (Secretaría de Cultura de la Nación), Nominado ao “Premio ACE” (Asociación de Críticos de espectáculos), “Premio Teatros del Mundo” (Universidad de Buenos Aires), “Premio Condor de Plata” da Asociación de Cronistas Cinematográficos de la Argentina, Premios “Atina” (Asociación de Teatristas Independientes para Niños y Adolescentes), Premio “Pregonero” (Fundación el Libro), entre outros.

Michelle Cabral

[Atriz, diretora, autora e professora] São Luís - Brasil

Diretora teatral, atriz e dramaturga na Cia. Miramundo Produções Culturais. Artista-docente do Curso de Licenciatura em Teatro do Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professora no Mestrado em Artes Cênicas da UFMA. Doutora em Comunicação Social/PUC/RS. Mestre em História Comparada/UFRJ e Bacharel em Artes Cênicas-Direção Teatral/UNIRIO. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Encenação e Corporeidades CENACORPO/UFMA.

Miguel Rubio Zapata**[Diretor e docente] Lima - Peru**

Diretor do Grupo Cultural Yuyachkani desde 1971, no qual postula um teatro de criação e pesquisa a partir do material que os atores produzem. Sua experiência tem como base a pesquisa da cultura peruana e sua aplicação nas expressões artísticas contemporâneas. Publicou *Notas sobre teatro*, *El cuerpo ausente* performance política e *Raíces y semillas, maestros y caminos del teatro en América Latina*. Em 2019, recebeu o Premio Nacional de Cultura pelo Ministerio de Cultura del Perú.

Nel Diago**[Profesor] Valencia - Espanha**

Docente da Universitat de València. Crítico Teatral, Miembro de la Academia de Artes Escénicas de España. Autor de diversas publicações.

Nerina Dip**[Diretora, professora e pesquisadora] Tucumán – Argentina**

Docente da Universidad Nacional de Tucumán. Doutora em Teatro pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Exerce a docência universitária desde 1994. No âmbito do teatro independente trabalha no espaço teatral LA COLORIDA e dirige o grupo Die Pinken Clauden, no qual explora poeticamente as sombras e objetos, com perspectiva de gênero.

Olívia Camboim Romano**[Atriz, diretora, maquiadora e professora] Aracaju – Brasil**

Professora na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Mestre em Teatro e Licenciada em Artes Cênicas pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Integrante da Red Internacional de Escuelas de Espectadores. Autora do livro *Uma arena no museu: reflexões sobre a primeira montagem de Brecht em SC*.

Óscar Cornago**[Teórico] Madri – Espanha**

Pesquisador do Conselho Superior de Investigaciones Científicas (CSIC). Autor de inúmeras publicações sobre teoria das artes cênicas, dita cursos e conferências pela América Latina e Europa, e organiza encontros y seminários em colaboração com artistas e plataformas de criação sobre

a ideia de teatralidade e comunidade, economia das práticas artísticas, arquivo e memória, ou relação entre artes e entornos públicos. Seu último livro coletivo é *Tiempos de habitar. Prácticas artísticas y mundos posibles*. Atualmente trabalha com Juan Navarro no projeto *Se alquila*. Archivo vivo del actor.

Paulo Vieira

[Ator, dramaturgo, diretor e professor] João Pessoa – Brasil

Participa da Cia Galharufas de Teatro. É Professor Titular aposentado da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Dramaturgo e diretor de teatro, ator em Filmes longa-metragem da Tizuka Yamazaki (*1817, A Revolução Esquecida*), Tavinho Teixeira (*Sol Alegria*), Marcelo Lordelo (*Paterno*), Vencedor do Prêmio Bolsa Funarte 2008 com o Texto *Anita*.

Pepe Bablé

[Diretor de teatro] Cádiz – Espanha

Diretor do teatro La Tía Norica e Albanta Teatro. Diretor do Festival Iberoamericano de Teatro de Cádiz, até 2019. Membro da Asociación de Directores de Escena de España, da Academia Española de las Artes Escénicas e da Asociación de Artes Escénicas de Andalucía. Recebeu diversos prêmios; entre eles: O premio “Tarasca”, da Asociación de Directores de Escena de España; o prêmio “Dionisio”, do Festival Internacional de Teatro de Los Ángeles (EUA); O prêmio “Mi vida en el Teatro” do International Theatre Institute. Unesco Centro Mexicano de Teatro (México) e o III Prêmio “Lorca” de Honor, da Asociación de Artes Escénicas de Andalucía.

Pita Belli

[Atriz e diretora] Curitiba - Brasil

Cia teatral Autônoma. Formada em atuação e direção teatral pela Pontifícia Universidade Católica (PUC Paraná). Especialista em Ensino da Arte pela Universidade Regional de Blumenau (FURB) e Mestre em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Pesquisa em improvisação teatral. Professora do Curso de Teatro e diretora do Grupo Teatral Phoenix e coordenadora do FITUB de 2001 a 2016 (FURB - Blumenau).

Ricardo Kosovski

[Professor e ator] Rio de Janeiro - Brasil

Doutor em Comunicação e Cultura pela ECO/Universidade Federal do Rio de

Janeiro (UFRJ), Professor Associado da Escola de Teatro e da Pós Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Pós-doutorado realizado na Universidade Estadual de Campinas em 2017/2018. É ator, pesquisador, performer e diretor teatral. Vencedor do Prêmio Shell de melhor ator 2020 por “Maracanã”. Vencedor do Prêmio Shell Inovação 2018 e Prêmio Questão de Crítica 2018 por “Tripas”

Roger Mirza

[Professor e pesquisador] Montevideu – Uruguai

Doutor em Teoria e História das Artes pela Universidad de Buenos Aires. Atualmente é Professor Titular de Metodologia da Pesquisa Literária do Departamento de Teoría y Metodología Literarias e Coordenador da Maestría Opción Teoría e Historia del Teatro da Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad de la República (UDELAR). Ditado conferências, cursos e seminários em universidades do Uruguai, Argentina, Brasil, Espanha e França. É autor de vários livros. Em 2000 recebeu a comenda de Cavaleiro das Artes e das Letras pelo Ministério de Cultura da França.

Rosyane Trotta

[Professora e dramaturga] Rio de Janeiro - Brasil

Atua, tanto na pesquisa acadêmica quanto na prática artística, junto a processos e coletivos que conjugam criação cênica e criação dramática e se situam na periferia geográfica, social e cultural do teatro. É professora no Departamento de Direção Teatral e na Pós-Graduação em Ensino de Artes Cênicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Stephan Baumgartel

[Professor] Florianópolis - Brasil

Professor de Dramaturgia, História e Estética das Artes da Cena do Departamento de Artes Cênicas e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Vanéssia Gomes

[Atriz e professora] Fortaleza – Brasil

Trabalha teatro e cinema. Artista do Grupo Teatro de Caretas. Mestre em Artes pelo Instituto Federal do Ceará. Especialização em Gestão e Políticas Culturais no Observatório Itaú Cultural pela Universidade de Girona (Espanha). Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Ceará). Curso de

Arte Dramática – Universidade Federal do Ceará).

Vicente Arlandis

[Coreógrafo] Valencia - Espanha

Performer, pesquisador e docente no campo das Artes Cênicas. Entre 2001 e 2015 com Sandra Gómez no projeto Losquequedan. Colaborou com artistas como Hipólito Patón, Miguel Ángel Martínez, Lisbeth Gruweth, Macarena Recuerda, Jan Fabre, Norberto Llopis, Amalia Fernández, Saioa Olmo, Rafael Tormo i Cuenca entre outros. Ditou cursos no Máster de Práctica Escénica y Cultura Visual de la Universidad Castilla La Mancha, Facultad de BBAA de Bilbao, Teruel e Valencia. Na atualidade forma parte do Taller Placer, coletivo dedicado à produção cultural em torno da filosofia, o trabalho, a literatura, a política e as artes vivas.

Vivian Martínez Tabares

[Crítica e pesquisadora teatral, editora e professora] La Habana - Cuba

Licenciada em Artes Cênicas (Teatrologia), e Doutora em Ciências sobre Arte pelo Instituto Superior de Arte, La Habana, Cuba. Desde 2000 dirige a revista *Conjunto* e a Dirección de Teatro da Casa de las Américas, onde é curadora da Temporada de Teatro Latinoamericano y Caribeño Mayo Teatral. Professora Titular do Instituto Superior de Arte e Investigadora Auxiliar por la Academia de Ciencias de Cuba, foi docente da Escuela Internacional de Cine y Televisión de San Antonio de los Baños e do Instituto Dragão do Mar de Cine e Industria Audiovisual em Fortaleza, Brasil. É autora de livros de crítica e ensayos. Recebeu o Premio Mario Rodríguez Alemán, da UNEAC, em crítica e ensayo; Medalha 35 años do CELCIT, 2010, recebeu a Distinción por la Cultura Cubana, do Ministerio de Cultura de la República de Cuba, a Medalha “Abel Santamaría”, do Consejo de Estado de la República de Cuba, e a Distinción “23 de Agosto”, da Federación de Mujeres Cubanas.

Walter Lima Torres

[Professor Universitário de Estudos Teatrais] Curitiba - Brasil

Professor na Universidade Federal do Paraná – UFPR. Autor de Ensaio de Cultura Teatral e organizador de: *À sombra do Vampiro: 25 anos de teatro de grupo em Curitiba* e *Teatro em francês: quando o meio não é a mensagem*.

CENAS DO CONFINAMENTO
ESCENAS DEL CONFINAMIENTO

BRASIL | ESPANHA

2020